



Jerónimo Molina Cano

# LA POLEMOLOGIA O LA GUERRA. El pensamiento polemológico de Gaston Bouthoul

Tese de doutoramento em Filosofia, orientada por Alexandre Franco de Sá e apresentada no  
Departamento de Filosofia, Comunicação, secção de Filosofia,  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Faculdade de Letras

La polemología o la guerra  
El pensamiento polemológico de Gaston Bouthoul

Jerónimo Molina Cano

Ficha técnica:

Título: La polemología o la guerra.

Subtítulo: El pensamiento polemológico de Gaston Bouthoul.

Nome do autor: Jerónimo Molina Cano.

Nome do orientador: Alexandre Franco de Sá.

Área científica: Filosofia.

Ano de apresentação: 2016.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



HIERONYMI PATRI DILECTISSIMO. IN MEMORIAM



C'est un sujet extraordinairement vain, divers, et ondoyant que l'homme

Montaigne, *Essais*, I, 1



## ÍNDICE

Dedicatoria.....	III
Exordio.....	V
Índice .....	VII
Resumo (português) .....	XI
Summary (english).....	XIII
Sintesi (italiano) .....	XV
Résumé (français) .....	XVII
Zusammenfassung (Deutsch) .....	XIX
Resumen (español) .....	XXI
Introducción: Guerra o polemología, <i>tertium non datur</i> .....	1
<b>Capítulo 1. Gaston Marcel Bouthoul, un “dhimmy” ciudadano de la República...</b>	<b>13</b>
1. Una vida con Betty .....	25
2. La Sorbona, <i>alma mater</i> .....	31
3. Doctorado en Derecho .....	35
3.1. Política social .....	35
3.2. Sobre la oligantropía.....	38
4. Doctorado en Letras.....	42
4.1. Abenjaldún, precursor de la sociología dinámica .....	43
4.2. Interpsicología <i>in nuce</i> .....	51
4.3. La mentalidad como hecho social primario .....	59
4.4. La función inventiva .....	60
5. La estación del realismo político.....	67
5.1. Los neomaquiavelistas italianos .....	73
5.2. La “inevitable política” .....	76
6. Un sociólogo desubicado.....	80
6.1. “La otra Escuela de Burdeos” .....	88
6.2. El Instituto Internacional de Sociología .....	94
6.3. La Escuela Superior de Estudios Sociales .....	107



<b>Capítulo 2. Sociología colonial.....</b>	<b>111</b>
1. Gaston Bouthoul, <i>colonial</i> .....	123
2. África, la Europa del sur.....	126
2.1. <i>Revue d'Afrique</i> (1928-1939): la creación de una “nueva tradición”.....	132
2.2. Panregión Euráfrica.....	140
2.3. Las economías coloniales.....	142
3. El fenómeno-colonización.....	149
3.1. Un acontecimiento sociológico de primer orden.....	152
3.2. La descolonización.....	155
3.3. Autocolonización.....	157
<b>Capítulo 3. Demografía.....</b>	<b>161</b>
1. Pululación y amontonamiento: un alegato demográfico contra la cantidad.....	166
2. Un crítico neomaltusiano del malthusianismo.....	179
2.1. Malthus, ¿prescriptor moral o enemigo del género humano?.....	183
2.2. “Aunque no soy partidario de la tesis populacionista...”.....	188
2.3. Gaston Bouthoul, o el <i>anti-Sauvy</i> .....	194
3. La mutación demográfica.....	198
3.1. La insurrección silenciosa del descenso de la natalidad.....	204
3.2. Estado de superpoblación y población dirigida.....	208
3.3. La guerra, ¿expresión de las crisis de superpoblación?.....	217
<b>Capítulo 4. La invención de una ciencia social.....</b>	<b>219</b>
1. Vislumbres de una sociología de las guerras.....	224
1.1. Formalización del estudio sistemático de la guerra y su función social.....	225
1.2. La primera contribución de Bouthoul a una sociología del conflicto.....	227
1.3. Bouthoul y su argumentación antieconomicista.....	232
2. ¿Adiós a la guerra? ( <i>La guerre s'en va?</i> ).....	236
2.1. El ilusionismo liberal.....	238
2.2. La prevalencia estadística de la guerra.....	250
a) <i>La cuantificación de la mortalidad de la guerra:</i> <i>de E. Perce a J. D. Singer y M. Small</i> .....	252
b) <i>La guerra, fenómeno continuo</i> .....	260
2.3. Polemología <i>in nuce</i> : la investigación sobre los efectos demográficos de las guerras.....	265
3. El momento fundador de la polemología.....	268
3.1. <i>Si vis pacem, gnosce bellum</i> .....	271
3.2. El neologismo <i>polémologie</i> .....	280
3.3. El Instituto Francés de Polemología (IFP).....	287
a) <i>Dos mentores: Lucien Poirier y Louise Weiss</i> .....	290
b) <i>Un equipo de alta competencia</i> .....	295
c) <i>Disolución, refundación, dormición</i> .....	302
4. Una sociología marginada, pero no marginal.....	305

<b>Capítulo 5. La polemología, capítulo central de la sociología dinámica.....</b>	<b>313</b>
1. Estática, dinámica, cinemática.....	319
2. El fenómeno-guerra en el metabolismo social.....	330
3. La ilusión clausewitziana.....	339
3.1. La guerra, fenómeno jupiterino .....	340
3.2. Guerra no intencional y guerra-accidente.....	348
3.3. El problema de la guerra preventiva.....	351
4. Periodicidad de las guerras.....	354
5. Función de las guerras.....	362
5.1. <i>Overjuvenation</i> y guerra-exutorio .....	368
5.2. El sector cuaternario.....	370
<b>Capítulo 6. <i>Excerpta bibliographica</i>.....</b>	<b>375</b>
1. Bibliografía de Gaston Bouthoul.....	377
1.1. Libros (A).....	377
1.2. Contribuciones en obras colectivas (B).....	389
1.3. Artículos (C) .....	395
1.4. Prólogos y prefacios (D) .....	413
1.5. Reseñas y noticias bibliográficas (E) .....	414
1.6. Traducciones (F) .....	429
1.7. Varia (G).....	430
2. Bibliografía sobre Gaston Bouthoul .....	433
2.1. Libros (H) .....	433
2.2. Artículos (I).....	435
2.3. Voces de diccionarios y otras noticias biográficas (J) .....	444
2.4. Tesis doctorales, tesis de máster, tesinas universitarias (K) .....	446
<b>Bibliografía general citada.....</b>	<b>447</b>
<b>Colofón.....</b>	<b>486</b>



## Resumo

Gaston Bouthoul (Monastir, Tunes 1896-Paris 1980), economista, sociólogo colonial y polemólogo, é um dos autores importantes da escola sociológica francesa. Herdeiro da tradição durkheimiana, forma-se no contexto do Institut International de Sociologie, fundado por René Worms e no qual ele próprio desempenhará funções importantes, quer na *Revue Internationale de Sociologie*, quer nos ofícios do instituto, antes e depois da Segunda Guerra Mundial. No entanto, a sua vasta formação e vocação científica, à prova de decepções, não lhe permitem obter um lugar na universidade francesa, nem na Sorbonne nem em Bordéus, na qual é dado como sucesor de Gaston Richard na cátedra de sociologia ocupada, no seu tempo, por Émile Durkheim. O *cursus honorum* de Bouthoul, “sociólogo sem lugar”, descreve a trajetória atípica do erudito a expensas próprias (Privatgelehrter), vinculado a instituições para-académicas (Haute École d’Études Sociales, École Coloniale), características da vida intelectual francesa, e promotor das suas próprias empresas intelectuais (*Revue d’Afrique* [1928-1939]). A inteligência de Bouthoul, favorecida por uma imaginação sociológica e uma sensibilidade fora de série para o detalhe, é a de um realista político. Optimista por temperamento, mostra-se confiante na contribuição da ciência para a solução dos problemas de uma humanidade que, apesar de tudo, estuda a partir do ponto de vista dos ciclos e das constantes políticas, particularmente as que têm a ver com a demografia e a guerra. A obra de Bouthoul, escritor dotado de uma grande capacidade de conceptualização, antecipa com grande naturalidade uma “sociologia do tempo”, uma “sociologia das mentalidades” ou uma “demografia política”. Desde princípio dos anos trinta, partindo de umas poucas intuições relativas aos efeitos demográficos das guerras e à recorrência destas como “fenómeno periodomorfo”, Bouthoul desenvolve uma sociologia da guerra ou polemologia, neologismo com o que pretende diferenciar a nova disciplina da ciência militar, própria dos estados-maiores dos exércitos. Uma inclinação natural conduz, pois, este demógrafo neomatusiano e crítico do gigantismo social à elaboração de uma doutrina da guerra. A polemologia consiste no estudo objectivo do fenómeno-guerra, entendendo por este “a luta armada e sangrenta entre grupos organizados”. A polemologia, expressão de um “pacifismo funcional” e não meramente declamatório, religioso ou mítico, concentra-se

fundamentalmente nas causas demo-económicas (excedente de rapazes jovens, *Overjuvenation*) e psicológicas (complexos belígenos) das guerras como aspiração a remediá-las. Se a guerra, como actividade destrutiva enquadrada no denominado “sector quaternário”, tem como função a correcção dos desequilíbrios demo-económicos e psicológicos, a polemologia deve ser a ilustração do modo em que essa função se satisfaz do modo menos doloroso possível (desarmamento demográfico). Esta missão irradia a obra de Gaston Bouthoul desde 1945, ano da fundação do Institut Français de Polémologie (IFP). A partir do IFP, reactivado em 1965, Bouthoul lança duas revistas - *Guerres et Paix* [1965-1970] y *Études Polémologiques* [1970-1981] – e consegue estabelecer uma importante rede de alianças internacionais com outros institutos homólogos. O IFP é também o forte de um escritor relegado para segundo plano pelos meios académicos, o qual, no entanto, exhibe uma obra sociológica que é impossível menosprezar: *L'invention* (1931), *La population dans le monde* (1935), *Traité de sociologie*, 2 t. (1946-1954), *Les guerres. Éléments de polémologie* (1951), *Sauver la guerre* (1963), *Avoir la paix* (1967), *L'infanticide différé* (1970), *Lettre ouverte aux pacifistes* (1972), *Le défi de la guerre (1740-1974)* y *Guerres et civilisations* (1979).

## Summary

Gaston Bouthoul (Monastir, Tunisia 1896 – Paris 1980), economist, colonial sociologist and polemologist is one of the most important authors of the French Sociological School. He was the heir to the non-Durkheimian tradition and educated at the Institut International de Sociologie founded by René Worms in which he carried out important roles, either at the *Revue Internationale de Sociologie* or on the Institute's board, both before and after the Second World War. His vast knowledge and scientific vocation are not enough to allow him access into French universities such as the Sorbonne or Bordeaux, where he is seen as the successor of Gaston Richard at the chair of sociology, that was once taken by Emile Durkheim. Bouthoul's *cursus honorum* describes the unusual trajectory of the independent scholar (*Privatgelehrter*) linked with non-academic institutions (Haute École d'Études Sociales, École Coloniale), a feature in French intellectual life and an entrepreneur of his own intellectual endeavours (*Revue d'Afrique* [1928-1939]). Bouthoul's intelligence, aided by both a sociologic imagination and a great sensibility for detail, belongs to a realistic politician. He has an optimistic temperament and shows his belief that Science can contribute to solving the problems of humankind. Nevertheless, he studies from the point of view of political cycles and constants, particularly those related to demography and war. Bouthoul's work anticipates with a great naturalness a "Sociology of time", a "Sociology of mentalities" or a "political Demography". From the beginning of the thirties, departing from a few intuitions related to demographic effects in wars and their recurrence as a periodic phenomenon, Bouthoul develops a sociology of war or polemology neologism with which he pretends to differentiate the new discipline from the military science related to the army. A natural current leads to this neomalthusian demographer and a social colonialism critic to the development of a war doctrine. Polemology consists of the study of the war phenomenon, understood as "the armed and bloody fight between organized groups". Polemology is the expression of a "functional pacifism" as opposed to merely a declamatory, religious or mythical one, concentrated mainly in demographic or economic causes (excess of young males, overjuvenation) and psychological reasons (war-promoting complexes) of the wars with the aim to avoid them. If war, as a destructive activity included in the quaternary sector, is meant to correct the



demographic and economic instabilities, polemology must be the illustration of the way in which that function is satisfied in the least painful way (demographic disarmament). This is the mission of Gaston Bouthoul's work from 1945, date of creation of the Institut Français de Polémologie (IFP). Since the IFP was revived in 1965, Bouthoul publishes two journals: *Guerres et Paix* [1965-1970] and *Études Polémologiques* [1970-1981] and he establishes an important network of international alliances with other peer institutions. The IFP is also the fortress of a writer relegated by the academic media who, nonetheless, shows a magnificent sociologic work which is impossible to ignore: *L'invention* (1931), *La population dans le monde* (1935), *Traité de sociologie*, 2 t. (1946-1954), *Les guerres. Éléments de polémologie* (1951), *Sauver la guerre* (1963), *Avoir la paix* (1967), *L'infanticide différé* (1970), *Lettre ouverte aux pacifistes* (1972), *Le défi de la guerre (1740-1974)* y *Guerres et civilisations* (1979).

## Sintesi

Gaston Bouthoul (Monastir, Túnez 1896-Parigi 1980), economista, sociologo e studioso di questioni coloniali, polemologo, è un degli autori più importanti della scuola sociologica francese. Di formazione non durkheimiana (se non addirittura anti), si forma presso l'Institut International de Sociologie, fondato da René Worms, all'interno assume incariche e svolge funzioni sia nell'ambito della *Revue Internationale de Sociologie*, sia nella struttura amministrativa dell'Istituto, prima e dopo la Seconda Guerra Mondiale. Nonostante la sua vasta formazione e la sua forte vocazione scientifica non riesce a trovare una collocazione accademica in Francia, né alla Sorbona né a Bordeaux, dove si presenta come successore di Gaston Richard alla cattedra di sociologia occupata in passato da Émile Durkheim. Il *cursus honorum* di Bouthoul si riassume in quello di un libero docente (*Privatgelehrter*) presso istituzioni para-accademiche (Haute École d'Études Sociales, École Coloniale), tipiche della vita culturale francese e di editore di riviste in proprio (*Revue d'Afrique* [1928-1939]). L'approccio intellettuale di Bouthoul, favorito da una immaginazione sociologica e un gusto per il dettaglio fuori dal comune rinvia al realismo politico. Ottimista per temperamento, crede nel contributo della scienza alla soluzione dei problemi di un'umanità che, senza dubbio, egli studia dal punto di vista dei cicli e delle costanti politiche, in particolare quelle demografiche e belliche. Bouthoul mostra di possedere anche la tempra del pensatore metapolitico. La sua opera – che riflette una grande creatività concettuale – anticipa, senza alcuno sforzo particolare, una “sociologia dei processi temporali”, una “sociologia delle mentalità” e una “demografia politica”. All'inizio degli anni Trenta, partendo da una base puramente intuitiva sugli effetti demografici delle guerre e sulla sua ricorrenza come fenomeno dotato di regolarità (periodomorfo), Bouthoul sviluppa una sociologia della guerra o polemologia, neologismo con il quale egli si impone di differenziare la nuova disciplina dalla scienza militare, che si insegna nelle scuole di stato maggiore delle forze armate. Seguendo un'inclinazione naturale – naturale per un demografo, neo-mathusiano e critico del gigantismo sociale della sua tempra – Bouthoul inizia a lavorare all'elaborazione di una dottrina della guerra. La polemologia consiste nello studio oggettivo del fenomeno-guerra, intendendo con essa “la lotta armata tra gruppi organizzati”. La polemologia, espressione del “pacifismo

funzionale” non puramente declamatorio, religioso o mitico si concentra principalmente sullo studio delle cause demo-economiche (concernenti la condizione di eccedenza della popolazione in età giovanile, *Overjuvenation*) e psicologiche (complesso belligeno) della guerra con l’aspirazione di porvi rimedio. Se la guerra, come attività distruttiva, inquadrata concettualmente come settore “quaternario”, ha come funzione la correzione degli squilibri demo-economici e psicologici, la polemologia deve essere la chiave disciplinare per comprendere come assolvere nella maniera meno dolorosa un possibile disarmo demografico. Tale missione contraddistingue l’opera di Gaston Bouthoul dal 1945, anno della fondazione dell’ Institut Français de Polémologie (IFP). Sotto gli auspici dell’ Istituto, rivitalizzato nel 1965, Bouthoul lancia due riviste *Guerres et Paix* [1965-1970] y *Études Polémologiques* [1970-1981] attraverso le quali si propone di stabilire una importante rete di alleanze internazionali con istituti omologhi. In effetti, l’IFP rappresenta un notevole veicolo per favorire la diffusione dell’opera di uno scrittore, solitamente ignorato dalle pubblicazioni accademiche. Parliamo di un’opera sociologica impossibile da riassumere, se non per rapidi cenni. *L’invention* (1931), *La population dans le monde* (1935), *Traité de sociologie*, 2 t. (1946-1954), *Les guerres. Éléments de polémologie* (1951), *Sauver la guerre* (1963), *Avoir la paix* (1967), *L’infanticide différé* (1970), *Lettre ouverte aux pacifistes* (1972), *Le défi de la guerre (1740-1974)* y *Guerres et civilisations* (1979).

## Résumé

Gaston Bouthoul (Monastir, Tunisie 1896-Paris 1980), économiste, sociologue de la colonisation et fondateur de la polémologie est un des auteurs les plus importants de l'école sociologique française. Héritier de la tradition non durkheimienne, il se forma au sein de l'Institut International de Sociologie, fondé par René Worms d'où il occupa, avant et après la Seconde Guerre Mondiale, plusieurs postes importants, que ce soit au comité de rédaction de la *Revue Internationale de Sociologie*, ou au bureau de l'Institut. Cependant malgré sa grande culture et sa formation scientifique incontestées, il ne put obtenir un poste universitaire, que ce soit à la Sorbonne ou à Bordeaux, où il postula pourtant pour succéder à Gaston Richard à la chaire de sociologie occupée jadis par Émile Durkheim. Le *cursus honorum* de Bouthoul, "sociologue en marge", décrit la carrière atypique de l'érudite autodidacte ou dilettante (*Privatgelehrter*) attaché à des institutions académiques parallèles (Haute École d'Études Sociales, École Coloniale), très caractéristique de la vie intellectuelle française, et organisateur de ses propres entreprises littéraires (*Revue d'Afrique* [1928-1939]). L'intelligence de Bouthoul, sa finesse favorisée par une intuition sociologique et une sensibilité hors pair dans l'attention au détail, est celle d'un réaliste politique. Optimiste par tempérament, il s'est toujours montré confiant dans la contribution de la science à trouver les solutions aux problèmes de l'avenir de l'humanité qui, étudié pourtant d'un point de vue cyclique et dans ses constantes politiques, apparaît plutôt sombre, plus particulièrement en ce qui concerne la question démographique et celle de la guerre. Bouthoul a en tout cas la trempe d'un grand penseur métapolitique. L'œuvre de Bouthoul, écrivain doué et habile au maniement des concepts, préfigure tout naturellement une "sociologie du temps", une "sociologie des mentalités" ou une "démographie politique". Des le début des années trente, partant de quelques intuitions anodines relatives aux effets démographiques des guerres ou à la récurrence de celles-ci comme phénomène périodique et cyclique, Bouthoul développe une sociologie de la guerre ou "polémologie", un néologisme de son invention par lequel il prétend différencier sa nouvelle discipline de la science militaire, propre aux états-majors des armées. Un penchant naturel le conduit alors d'un néomalthusianisme démographique et critique du sociologisme dominant à l'élaboration d'une doctrine propre de la guerre. La

polémologie réside en effet dans l'étude objective du phénomène-guerre, entendu comme "la lutte armée et sanglante entre groupes organisés". La polémologie, expression d'un "pacifisme fonctionnel" et pas simplement déclamatoire, religieux ou mythique, se concentre fondamentalement sur les causes démo-économiques (l'excédent des jeunes gens, *Overjuvenation*) et psychologiques (complexes belligères) des guerres avec l'aspiration d'y remédier. Si la guerre, comme activité destructrice encadrée par le dit "secteur quaternaire", a pour fonction la correction des déséquilibres démo-économiques et psychologiques, la polémologie doit être l'illustration de la manière dont elle accomplit sa fonction (le désarmement démographique) le moins douloureusement possible. Cette mission irrigue toute l'œuvre de Gaston Bouthoul depuis 1945, année de la fondation de l'Institut Français de Polémologie (IFP). Depuis l'IFP, réactivé en 1965, Bouthoul lança deux revues: *Guerres et Paix* [1965-1970] et *Études Polémologiques* [1970-1981] et il parvint à tisser un important réseau d'alliances internationales avec d'autres instituts similaires. L'IFP est aussi la place forte d'un écrivain refoulé par les milieux académiques mais qui, malgré tout, développa une œuvre sociologique qu'il est impossible d'ignorer : *L'invention* (1931), *La population dans le monde* (1935), *Traité de sociologie*, 2 t. (1946-1954), *Les guerres. Éléments de polémologie* (1951), *Sauver la guerre* (1963), *Avoir la paix* (1967), *L'infanticide différé* (1970), *Lettre ouverte aux pacifistes* (1972), *Le défi de la guerre (1740-1974)* y *Guerres et civilisations* (1979).

## Zusammenfassung

Gaston Bouthoul (Monastir, Tunesien 1896-Paris 1980), Ökonom, Kolonialsoziologe und Polemologe, ist ein wichtiger Autor der französischen Schule der Soziologie. In der Umgebung des von René Worms gegründeten Internationalen Instituts für Soziologie entwickelte sich Bouthoul zum Erben der nicht-durkheimischen Tradition. Dort erfüllte Bouthoul vor und nach dem Zweiten Weltkrieg wichtige Funktionen, sowohl in der *Revue Internationale de Sociologie* als auch im Institutsbüro selbst, wo er eine wichtige Rolle spielte. Doch trotz seiner umfassenden Ausbildung und seinem unerschütterlichen Glauben an seine wissenschaftliche Berufung gelang es ihm nicht, einen Platz in einer französischen Universität zu bekommen, weder an der Sorbonne noch an der Universität von Burdeau, wo er sich als Nachfolger um den von Gaston Richard, früher von Emile Durkheim selbst, inne gehaltenen Lehrstuhl für Soziologie bewarb. Das *cursus honorum* von Bouthoul als „unangepasster Soziologe“ beschreibt die ungewöhnliche Karriere von Gelehrten, die auf eigene Kosten tätig sind (*Privatgelehrte*). So schloss sich Bouthoul para-akademischen Institutionen, wie dem für das intellektuelle französische Milieu dieser Zeit typische Haute Ecole d'Études Sociales oder dem École Coloniale, an und er engagierte sich in eigenen literarischen Initiativen, wie im Fall vom *Revue d'Afrique* [1928-1939]. Die Intelligenz von Bouthoul, befördert durch soziologische Vorstellungskraft und durch eine außergewöhnliche Sensibilität für Details, ist die eines politischen Realisten. Vom Temperament her optimistisch, zeigt sich Bouthoul im Bezug auf den Beitrag der Wissenschaft zur Problemlösung der Menschheit zuversichtlich. Diese Menschheit analysiert er aus dem Blickpunkt der Zyklen und der politischen Konstanten, insbesondere diejenigen, die mit der Demographie und dem Krieg zu tun haben. Er hat sodann das Gemüt eines metapolitischen Denkers. Das Werk von Bouthoul, einem begabten Autor mit einer großen Fähigkeit zur Begriffsbildung, antizipiert mit großer Natürlichkeit sowohl eine „Soziologie der Zeit“ und eine „Soziologie der Mentalitäten“ als auch eine „politische Demographie“. Ausgehend von einigen wenigen Intuitionen über die demographischen Auswirkungen des Krieges und dessen zyklische Regelmäßigkeit, entwickelte Bouthoul seit Anfang der dreißiger Jahre eine Kriegssoziologie oder *Polemologie*. Mit diesem Neologismus versuchte er genauer, dieses



neue Fachgebiet von der Militärwissenschaft des Heeres zu unterscheiden. Alle diese Aspekte führten daher diesen neomalthusianischen Demographen und Kritiker des Sozialkolonialismus zur Erarbeitung einer Kriegslehre. Die Polemologie befasst sich mit einer objektiven Erforschung des Krieges als Phänomen, mit dem „ein bewaffneter und blutiger Kampf zwischen organisierten Gruppen“ gemeint ist. Die Polemologie zeigt sich als ein „funktionaler Pazifismus“, der nicht deklamatorisch, religiös oder mythisch ist, und sie konzentriert sich grundsätzlich auf die demo-ökonomischen (den Überschuss von jungen Männern, *Overjuvenation*) und psychologischen (kriegserzeugende Komplexe) Ursachen der Kriege, mit dem Ziel sie zu beheben. Wenn die Funktion des Krieges als destruktive Aktivität, die dem sogenannten „vierten Wirtschaftssektor“ zugeordnet ist, darin besteht, die demographischen und psychologischen Gleichgewichtstörungen zu korrigieren, dann sollte die Polemologie die Art der Veranschaulichung sein, durch die diese Funktion in der möglichst harmlosesten Weise erfüllt wird (demografische Abrüstung). Diese Mission strahlt das Werk von Gaston Bouthoul seit dem Jahr 1945 aus, dass auch das Gründungsjahr des Institut Français de Polémologie (IFP) ist. Hier wurden von Bouthoul seit der Wiederbelebung des Institutes im Jahr 1965 zwei Zeitschriften, *Guerres et Paix* [1965-1970] und *Études Polémologiques* [1970-1981] herausgegeben und unter seiner Führung ein wichtiges internationales Kooperationsnetz mit anderen ähnlichen Instituten etabliert. Das IFP steht auch für die Kraft eines vom akademischen Milieu ausgeschlossenen Schriftstellers, der dennoch ein unverzichtbares soziologisches Werk erschuf: *L'invention* (1931), *La population dans le monde* (1935), *Traité de sociologie*, 2 t. (1946-1954), *Les guerres. Éléments de polémologie* (1951), *Sauver la guerre* (1963), *Avoir la paix* (1967), *L'infanticide différé* (1970), *Lettre ouverte aux pacifistes* (1972), *Le défi de la guerre (1740-1974)* y *Guerres et civilisations* (1979).

## Resumen

Gaston Bouthoul (Monastir, Túnez 1896-París 1980), economista, sociólogo colonial y polemólogo es uno de los autores importantes de la escuela sociológica francesa. Heredero de la tradición no durkheimiana, se forma en el entorno del Institut International de Sociologie, fundado por René Worms y en el que él mismo ha de desempeñar funciones destacadas, bien en la *Revue Internationale de Sociologie*, bien en el buró del instituto, antes y después de la Segunda Guerra Mundial. Su vasta formación y su vocación científica a prueba de decepciones no le permiten sin embargo obtener un puesto en la universidad francesa, ni en la Sorbona ni en Burdeos, en donde se postula como sucesor de Gaston Richard en la cátedra de sociología ocupada en su día por Émile Durkheim. El *cursus honorum* de Bouthoul, “sociólogo desubicado”, describe la trayectoria atípica del erudito a sus propias expensas (*Privatgelehrter*) vinculado a instituciones paraacadémicas (Haute École d’Études Sociales, École Coloniale), características de la vida intelectual francesa, y promotor de sus propias empresas literarias (*Revue d’Afrique* [1928-1939]). La inteligencia de Bouthoul, favorecida por una imaginación sociológica y una sensibilidad fuera de serie para el detalle, es la de un realista político. Optimista por temperamento, se muestra confiado en la contribución de la ciencia a la solución de los problemas de una humanidad que, sin embargo, estudia desde el punto de vista de los ciclos y las constantes políticas, particularmente las que tienen que ver con la demografía y la guerra. Tiene pues el temple de un pensador metapolítico. La obra de Bouthoul, escritor dotado con una gran capacidad para el concepto, anticipa con una gran naturalidad una “sociología del tiempo”, una “sociología de las mentalidades” o una “demografía política”. Desde principios de los años treinta, partiendo de unas pocas intuiciones relativas a los efectos demográficos de las guerras y a la recurrencia de estas como fenómeno periodomorfo, Bouthoul desarrolla una sociología de la guerra o polemología, neologismo con el que pretende diferenciar la nueva disciplina de la ciencia militar, propia de los estados mayores de los ejércitos. Una pendiente natural conduce pues a este demógrafo neomaltusiano y crítico del colosalismo social a la elaboración de una doctrina de la guerra. La polemología consiste en el estudio objetivo del fenómeno-guerra, entendiendo por este “la lucha armada y sangrienta entre grupos organizados”. La

polemología, expresión de un “pacifismo funcional” y no meramente declamatorio, religioso o mítico, se concentra fundamentalmente en las causas demoeconómicas (excedente de varones jóvenes, *overjuvenation*) y psicológicas (complejos belígenos) de las guerras con la aspiración de remediarlas. Si la guerra, como actividad destructiva encuadrada en el denominado “sector cuaternario”, tiene como función la corrección de los desequilibrios demoeconómicos y psicológicos, la polemología debe ser la ilustración del modo en que esa función se satisfaga del modo menos doloroso posible (desarme demográfico). Esta misión irradia la obra de Gaston Bouthoul desde 1945, año de fundación del Institut Français de Polémologie (IFP). Desde el IFP, reactivado en 1965, lanza Bouthoul dos revistas: *Guerres et Paix* [1965-1970] y *Études Polémologiques* [1970-1981] y logra establecer una importante red de alianzas internacionales con otros institutos homólogos. El IFP es también el fuerte de un escritor relegado por los medios académicos que, sin embargo, exhibe una obra sociológica imposible de soslayar: *L'invention* (1931), *La population dans le monde* (1935), *Traité de sociologie*, 2 t. (1946-1954), *Les guerres. Éléments de polémologie* (1951), *Sauver la guerre* (1963), *Avoir la paix* (1967), *L'infanticide différé* (1970), *Lettre ouverte aux pacifistes* (1972), *Le défi de la guerre (1740-1974)* y *Guerres et civilisations* (1979).

**Introducción: Guerra o polemología, *tertium non datur***



**G**aston Bouthoul, tunecino de nación, francés por vocación y destino, es un sociólogo poco conocido, vagamente recordado en el mejor de los casos. Nacido a finales del siglo XIX en la periferia política y cultural del Mediterráneo, toda su vida está cosida a dos paisajes, intelectual uno, sensitivo el otro: París, ciudad catedral del espíritu hasta 1940 y Antibes, su *locus amoenus* cerca de la frontera italiana y enfrente de su Monastir natal, situada a algo más de mil kilómetros en línea recta de su casa, la *Maison des Remparts*. Bouthoul, economista, sociólogo colonial y polemólogo muere el 15 de diciembre de 1981 y le dan sepultura en el Père Lachaise, a unos metros del Muro de los Federados, paredón famoso de la Comuna. Solo cinco personas están presentes en su entierro. El general René Carrère, la secretaria del Instituto de Francés de Polemología (IFP), Hélène Faup, y tres familiares muy allegados: su hermana menor, Judith-Juliette, su sobrino, Charles Sarfati y el hijo de este, Georges-Elia. Unas semanas antes, el *Magazine Littéraire* publica un monográfico sobre la guerra en el que se menciona a Gaston Bouthoul como un sociólogo ya fallecido... Este yerro anecdótico de los redactores eleva de pronto a categoría biográfica el olvido de un escritor octogenario cuya trayectoria vital y cuya obra —miles de páginas publicadas en una treintena de libros, pero desparramadas también en numerosas revistas y periódicos— se identifican absolutamente con una ciencia social de nuevo cuño, la polemología, una sociología especial de las guerras... que muy pocos conocen.

Este trabajo, presentado en la facultad de letras de la universidad de Coímbra para la colación del título de doctor, reivindica su pensamiento, aspiración que no tendría sentido sin una exposición sistemática y coherente de su aporte a las ciencias sociales: a la sociología en sentido estricto, a la ciencia política y, por supuesto, a la demografía y a la polemología o sociología de las guerras. A ello me he dedicado a conciencia durante esta etapa de mi carrera investigadora que ahora, felizmente, concluye. Durante todo este tiempo he observado la máxima de generales que aconseja “ser capaz, sin cansarse nunca,



de meditar sin término y con determinación sobre un mismo objeto”. Dictada para la conducción de la guerra, vale *a fortiori* para mi negocio. Mis expectativas originales se han visto colmadas, pues he descubierto a un sociólogo secreto, ignorado por todos y cuya obra total ni puede ni debe quedar velada por una parte de la misma, la polemología. De hecho, como intento mostrar a lo largo de estas páginas, la polemología de Bouthoul no se entiende adecuadamente al margen de sus trabajos sobre la demografía y la sociología colonial, expresiones concretas de su dedicación metódica y existencial a la sociología dinámica, término y concepto hoy en desuso.

La ilación que trasmina su obra, autorreferencial y a trechos repetitiva –detalle que tiene su explicación en la necesidad de reiterar un mensaje cuando este no es escuchado–, no me parece accidental. Tampoco, dadas las circunstancias, lo que Bouthoul, con no poca ironía, bautiza Test de los Oídos Sordos, instrumento fantástico para medir la unanimidad del desprecio hacia las evidencias indiscutibles. En todo caso, la arquitectura y la articulación internas de su obra responden a un descubrimiento inicial, muy temprano, a una suerte de iluminación de la que Bouthoul, incansablemente, da cuenta y razón: hay una causalidad demográfica en el origen de todas las guerras; no es la única, desde luego, pero sí la determinante.

La tesis que ahora defiendo es la primera que se ocupa de Bouthoul, pero cabe esperar que en los próximos años le dediquen también sus afanes los investigadores de otras universidades. Me parece extraordinario que se pueda defender en esta Casa de estudios una tesis doctoral sobre un pensador que solo recientemente y no sin reparos empieza a recibir alguna atención en su patria, transcurridos más de treinta años desde su muerte. Bouthoul solía decir que “el tiempo y la historia filtran lo esencial”, epigrama en el que sin duda encuentra consuelo. Pues cuando se tiene conciencia de la propia valía no es del todo fácil soportar el fracaso académico, más bien favorecido por las circunstancias, por la estupidez congénita de según qué instituciones o por la nesciencia o indiferencia del personal, que dictado por un designio malvado. Por eso, este acto académico también constituye para mí, inexorablemente identificado, discrepancias aparte, con mi objeto de estudio, un homenaje a su memoria y a lo que Bouthoul representa, como hombre de letras y libros: el arquetipo europeo, profundamente europeo diría yo, del sabio

desinteresado y sin compromisos perturbadores, no venal y desprendido, tocado por la vocación de estudio, esa otra “loca de la casa”.

\*

Gaston Bouthoul, formado como jurista, economista y sociólogo en las universidades de la Sorbona, Lyon y Burdeos, conoce de primera mano el crepúsculo de la “época heroica de la sociología”, la de Émile Durkheim, Gabriel Tarde y René Worms. Desempeña incluso un papel destacado en la disputa entre la sociología sociologista o durkheimiana y la psicociología tardeana, un conflicto de pareceres, a la sazón inagotable, en el que Bouthoul terea con el esquema intelectualmente reconciliador de una interpsicología. En ese contexto, se adentra en el estudio de la actividad inventiva, de la “invención”, contrapunto de la “imitación” de Tarde, y en el de la mentalidad, a su juicio el “hecho social por excelencia”. Una sociedad, dice muchas veces, no es otra cosa que un grupo de hombres que tiene la misma mentalidad.

Reclutado por Worms y por Gaston Richard para el Instituto Internacional de Sociología, perderá la vía real de la promoción académica: los concursos de agregación universitaria. Estudia demografía y se interesa por el fenómeno-colonización, inspirado por René Maunier. Recala en la Escuela Colonial y en la Escuela Superior de Estudios Sociales. Funda una revista: *Revue d'Afrique*, su primera revista, que no sobrevive a la Segunda Guerra Mundial pero que se publica durante once años. Ejerce de abogado en el foro de París. Busca también un príncipe, a principios de los años treinta y nunca más después, para encauzar su afán de reformas políticas y durante algún tiempo es secretario del primate de la derecha Paul Reynaud. No sé si con mucha convicción o con poca, pero se adhiere también a la francmasonería, tal vez coincidiendo con sus politiquerías, de las que apenas se sabe algo.

La conciencia de la transición demográfica, sobre la que escribe al mismo tiempo que Adolphe Landry, aunque a él no le reporta nada, ni nombre ni nada, le impresiona vivamente. Este “rebelde discreto”, un espíritu libertario de modales aristocráticos detesta la pululación sin gloria de las naciones superpobladas y teme las consecuencias de una demografía desbordada: detrás de Venus viene Marte, repite con Henri Bergson, maltusiano como Bouthoul. Lo tiene todo en contra para hacer carrera, también aquí, junto a los demógrafos patentados. Después de Landry viene Alfred Sauvy, gran factótum

de la demografía francesa. El neomaltusianismo es anatema y Bouthoul, un *anti-Saavy*, como barrunta Raymond Aron en 1971, se queda solo. No encuentra interlocutores; entre los coloniales, tal vez, pero no entre los demógrafos ni entre los sociólogos, lo que resulta mucho más grave.

La Segunda Guerra Mundial es una conmoción para él. El Armisticio le empuja a la clandestinidad. Abandona París con su mujer, Betty, una rusa blanca transterrada ya una vez por los bolcheviques después de la Revolución de Octubre. Se refugian en los Alpes marítimos y allí frecuentan el ambiente de la Resistencia, tal vez pasiva, pero resistencia también finalmente. En Antibes concibe un libro, *Cent millions de morts*, desarrollo de sus dos grandes intuiciones de la década anterior: la causalidad demográfica de las guerras y su carácter periodomorfo y ondulante. Al mismo tiempo toma cuerpo otra intuición, en el fondo corolario de las dos anteriores: la guerra es un fenómeno no intencional. El hombre cree moverla, pero es ella la que le mueve y le arrastra a él. Entonces: ¿Clausewitz? El filósofo de la guerra y general prusiano cree, como buen oficial, que la guerra es un acto dependiente de la voluntad. Se hace o no según convenga, al menos hasta cierto punto, pues es cierto que el propio Clausewitz siembra la duda en la reescritura de *Vom Kriege*. Bouthoul recalca que esa forma de mirar la guerra es fantástica, una ilusión, “la ilusión de Clausewitz”.

La polemología (*polémologie*) es el neologismo con el que Bouthoul bautiza la nueva rama de la sociología llamada a estudiar objetivamente, sin compromisos políticos ni prejuicios morales o religiosos, el fenómeno-guerra. No encuentra alternativa al desastre atómico que se vislumbra en 1945: o la polemología o la guerra, no hay alternativa. Por ello moviliza todas sus energías y funda el Instituto Francés de Polemología. Sigue escribiendo para desmitificar y, en cierto modo, despolitizar la guerra y la paz, al contrario que los sociólogos del *Peace Research*. Estos, a juicio de Bouthoul, son mayormente ideólogos y charlatanes. Pero tienen éxito. La UNESCO les lleva en volandas y les financia. La gente, por otro lado, hastiada de la guerra, no quiere que le anticipen hecatombes ni genocidios, sino que busca lenitivos. Parece que la polemología nunca será popular. El talento de Bouthoul admira, pero su fría actitud científica causa disgusto.

Diez años de polemología y Bouthoul se muestra cansado. Lo deja caer en uno de sus libros. La polemología no arraiga en la academia francesa, pues todo conspira contra ella:

izquierdismo de cátedra, antimilitarismo difuso, impaciencia del pacifismo, etc. Entretanto ha publicado *Huit mille traités de paix* y una monumental sociología de las guerras: *Les guerres. Éléments de polémologie*. En vano. Es la travesía del desierto. Por fin, en 1965, sopla el viento y cae el maná del Ministerio de Defensa. El general Lucien Poirier, intelectual de los cuartos de banderas, y Louise Weiss, activista desaforada y eficaz publicista, impulsan el proyecto científico de la polemología, a la que desde luego no ha beneficiado el retraimiento de su inventor.

Aparecen los primeros números de *Guerres et Paix*, revista trimestral sucedida por *Études Polémologiques*, y crece exponencialmente la red de contactos internacionales del IFP. Sin embargo, después de veinte años y aun de treinta, la polemología sigue siendo una ciencia *in fieri*, un proyecto sin coronar. El desarrollo sistemático de *Les guerres*, reeditado en 1970 como *Traité de polémologie*, le parece todavía a su autor, íntimamente, una preparación, un tanteo, la fijación preliminar de un método de trabajo. En realidad no se registra en sus páginas un avance cualitativo con respecto a los fogonazos de su famoso artículo de 1939 “Acerca de las funciones presumidas y la periodicidad de las guerras”. Cuantitativo sí. Desde su atalaya se vislumbran la conflictología, incluso una sociología de los fenómenos destructivos, pero no tendrá quien las continúe o desarrolle porque Bouthoul no tiene discípulos.

El IFP pierde de nuevo el compás en los años setenta. La polemología, una sociología en absoluto marginal, es marginada. La impronta de su fundador sobre ella es enorme y eso seguramente la compromete. Una polemología sin Bouthoul parece inconcebible. Aún así, en 1976 y 1980 aparecen dos libros llamados a renovar la atmósfera del IFP. Escritos a tres y aun a cuatro manos, se superponen en ellos dos concepciones de la polemología imposibles de soldar: la de Bouthoul y la de sus colaboradores, oficiales del ejército.

Bouthoul, un hombre pensativo y, a su manera, animoso como don Quijote, no se equivoca sobre su posición existencial: “[soy] un insignificante sociólogo que va por libre”, un *négligeable sociologue non alignée*. Lo apunta en *Lettre ouverte aux pacifistes*, acta tremenda de acusación contra la ideología pacifista. Leer eso me ha causado una honda impresión, pero sé, en realidad, que quien es capaz de tal autodiagnóstico está muy arriba en la escala del Espíritu Objetivo.

La presente tesis se organiza en seis capítulos. El primero, titulado “Gaston Marcel Bouthoul, un *dhimmy* ciudadano de la República”, ensaya una biografía intelectual del autor hasta 1939. Los capítulos segundo y tercero se dedican a la sociología colonial de Bouthoul y a su pensamiento demográfico. El cuarto a “La invención de una ciencia social”. En él se decanta metódica y creo que circunstanciadamente la aparición de la polemología. El quinto, “La polemología, capítulo central de la sociología dinámica”, presenta los conceptos fundamentales del pensamiento polemológico de Bouthoul en el contexto de la sociología dinámica. Sin este señalamiento, la polemología queda como suspendida en el vacío, vuelta sobre sí misma, como si se tratara de una ciencia autista. Me explico ahora, retrospectivamente, la insatisfacción que siento hacia mis trabajos sobre Bouthoul publicados hasta la fecha: me pasa en ellos lo que a la mayoría de críticos coetáneos suyos, que no huelo siquiera la necesaria articulación de la polemología con la sociología dinámica, trabajosamente advertida durante la elaboración de esta tesis. Finalmente, el capítulo sexto colecciona la bibliografía de Gaston Bouthoul (sección primera) y la bibliografía sobre Gaston Bouthoul (sección segunda). Está compilada, sin duda, toda su producción importante, pero estimo que debe faltar todavía el registro de entre un cinco y un diez por ciento de su obra menor (fundamentalmente publicaciones en periódicos y revistas de los años veinte y treinta). La base de este trabajo, que considero parte fundamental de la tesis, se encuentra en un ensayo bibliográfico anterior, publicado por mí en el número 13 de la revista *Empresas Políticas*, en el año 2009.

\*

La bibliografía básica de Gaston Bouthoul es relativamente accesible. Más dificultades presenta la consulta de sus revistas (*Revue d’Afrique*, *Guerres et Paix* y *Études Polémologiques*), colecciones que, algún número suelto aparte, no se encuentran ni en Portugal ni en España. En Francia está en poquísimas bibliotecas públicas, pues sus suscriptores eran fundamentalmente particulares que destinan la colección a sus bibliotecas personales. Con el tiempo he logrado hacerme con la serie completa de los dos últimos títulos, que siempre he tenido a la vista, y con los números iniciales de la primera, verdaderamente raros. El resto de su obra, publicada en revistas y periódicos, también he podido consultarla de primera mano después de una búsqueda que en algún caso se prolonga meses, incluso años. Toda queda consignada, como queda dicho, en el capítulo sexto.

Mención aparte merecen los documentos personales (inscripciones en los registros públicos, expedientes universitarios, correspondencia). A algunos de esos papeles he tenido acceso –excluidos los medio perdidos del Instituto Francés de Polemología– gracias a las copias o a las informaciones giradas, casi siempre a título gratuito, por los archivistas o documentalistas de numerosas instituciones públicas y privadas. En particular estas: Archivos Nacionales de París; Archivos Departamentales de la Gironda; Archivos del Rectorado de la Academia de Burdeos; Archivos Departamentales del Ródano; Archivos de la Universidad de Lyon 2; Archivos de la Universidad de Ginebra; Archivos Estatales del Cantón de Ginebra; Archivos Nacionales de Túnez; Sociedad de Historia de los Judíos de Túnez de París; Ateneo de Madrid; Fundación Max Aub y Biblioteca Houghton de la Universidad de Harvard. Aunque nunca he pretendido escribir una biografía, sin el concurso de esas instituciones estas páginas habrían sido más secas y distintas. Vitor.

\*

En una epístola maravillosa con rasgos extraordinarios de ingenuidad, Maquiavelo le cuenta a Francesco Vettori que ha nacido para conversar con los ingenios políticos de la Antigüedad. *Venuta la sera, mi ritorno a casa [...], mi spoglio quella veste cotidiana, piena de fango et di loto, et mi metto panni reali et curiali; et rivestito condecientemente entro nelle antique corti degli antiqui huomini...* Con suma modestia, durante los casi diez años transcurridos desde que me determiné a escribir la tesis que ahora presento, he mantenido también una conversación inagotable con muchos de los autores que desfilan por su texto, pero sobre todo por sus notas. Encuentro que escribirlas y coleccionarlas es un arte sumamente difícil. Para mí son, además, un homenaje a todos los libros que me han acompañado este tiempo: en mi nada recoleta y muy transitada biblioteca –como corresponde al padre de dos niñas de ocho y seis años que han crecido y se han esponjado al mismo tiempo que estas páginas–, pero también fuera de ella, como compañeros peripatéticos, lo mismo en claustros universitarios que en autobuses o trenes o en algunos hoteles de pernocta. Otros llevan por doquiera su novela consigo, yo he llevado mi tesis.

\*

No engaño a nadie: tengo minerva de pobre, pero no tanto como para no contar un puñado de buenos amigos a los que admiro. Tratar con ellos y con sus libros no me ha



hecho menos arisco, pero sí más inteligente. Dalmacio Negro. Alain de Benoist. Piet Tommissen (†). Juan Carlos Valderrama. No hace falta escribir el nombre de todos.

\*

La relación de los colegas que en mayor o menor medida, acaso sin saberlo, me han estimulado con su favor y su diálogo sería demasiado larga. No puedo dejar de consignar aquí siquiera a unos cuantos, la mayoría colegas universitarios: Néstor Montezanti, Alessandro Campi, Francesca Novacco, Jean-Paul Callède, Michel Lhomme, Guillaume Montagnon, Jean-Marc Ramos, Danièle Lochak, Jean-Paul Jouary, el padre Salvador Forniellas, Jesús Adolfo Guillamón, Ismael Molina, Ginés Valera, Maricruz Gómez, Andrew McPhillips, Julio Iglesias de Ussel, Mario Migliore, Jesús Burillo, Alfonso García Marqués, Jorge Giraldo, Iván Garzón Vallejo, Yuri Vasilenko, Marc Crapez y Antony Dabila.

\*

Enorme, impagable es mi deuda con Georges-Elia Sarfati, sobrino nieto de Gaston Bouthoul, cuyo generoso testimonio ha colmado inesperadamente la última etapa de este trabajo, y con Hervé Savon, mano derecha de Gaston Bouthoul en el IFP. También con el coronel Diego Jiménez, exdirector del CESIM (Ejército de Chile) y con Alexandre Franco de Sá, orientador de esta tesis. *Grato animo.*

\*

Hace casi veinte años, mientras esperaba el dictamen sobre mi tesis complutense, dedicada a Julien Freund, mi maestro, D. Negro, acompañándome, junto a mi padre, en la antepuerta del decanato de la facultad de derecho de Madrid, me hacía esta observación: “En sus agradecimientos ha olvidado usted, como casi todos los doctorandos, al autor”. Enmiendo ahora aquel descuido, porque escribir sobre Gaston Bouthoul, pero sobre todo leerle, me ha hecho *comprender*.

\*

Tan cercanos como los libros de Bouthoul, remansados en mis plúteos con mucha paciencia, he tenido siempre a mis buenos amigos Carlo Gambescia y Günter Maschke, a quienes tanto debo en distintos órdenes de la vida. Siempre les he consultado y ellos siempre me han solventado la papeleta. “Pregunta el que puede”, decía Álvaro d’Ors, pero

solo pueden responder “los que saben”, aquellos que, como *Dottor Sorokin* y *Maschkiavelli*, tienen *auctoritas*. No puedo contar los libros que me han regalado, mucho menos los autores que me han aconsejado frecuentar. Juro que a todos he visitado, sin depreciar a ninguno, y que a todos les di recuerdos de mis mentores. Ambos han leído, varias veces incluso, este texto, devolviéndomelo enmendado. En Roma, en Fráncfort del Meno, en Medellín de Colombia, en Oporto, en Uberlândia o en Cartagena, de los dos he recibido observaciones preciosas que aquí y allá me he complacido en dejar encastradas como monedas de oro.

\*

A Yolanda, *dulce silencioso pensamiento*, misteriosamente, inefablemente, deben muchísimo estas páginas.

\*

Gaston Bouthoul era un ser de una sensibilidad artística extraordinaria. En su obra no es rara la evocación de la “literatura de la caña que piensa” (Rabelais, Stendhal, Hugo, Flaubert, Tolstói, Zola, Rolland, Montherlant, Remarque, Dorgelès, Barbusse, Martin du Gard, Audiberti, Prévert, Jünger, etc.), tanto por su gusto estético como por su convencimiento de la trascendencia sociológica de las grandes novelas y del genio poético. En menor medida se encuentran también en sus páginas referencias a otras bellas artes. Muy llamativas resultan las menciones de tres singulares lienzos. En ellos cree Bouthoul ver plasmadas diversas facetas de un concepto trascendental de la guerra. *Greta la loca* (1562), de Pieter Brueghel el Viejo, es la guerra como explosión arrebatadora y supremo accidente; por donde pasa, la loca Greta, con la mirada perdida y la mandíbula desencajada, deja un rastro de destrucción. *La mujer hidrópica* (1663), de Gerrit Dou, le evoca la desbordante demografía de una humanidad hinchada que contempla su edema con los brazos caídos, sin voluntad de ponerle remedio. Es el pródromo de una guerra-exutorio. *Luis XIV atraviesa el Rin* (1672), de Adam Frans van der Meulen, retrata al Rey Sol dirigiendo la invasión de Holanda con un ejército de 120 000 hombres. Es la guerra ceremoniosa y ritual en la que cada “combate se concibe como una suntuosa parada no exenta de peligro”. He elegido este último, perteneciente a la gran serie del pintor flamenco sobre las campañas de Luis XIV, pero cualquiera de los tres podría haber iluminado la cubierta de esta tesis.

\*

En este texto, acaso imprudentemente pero con mucho esfuerzo, he querido esconder palabras y giros que hermoseen el maltratado lenguaje científico, partidario yo, si se sabe, si se puede y si conviene, del *escribir como se habla*. Si algún lector los encuentra y los agradece, que Dios se lo pague.

\*

La universidad, decía el prudente Rodrigo Fernández-Carvajal, es nada menos que un “modo de vida”. Enamorado de esa forma de vivir, me complace y me honra la posibilidad, siquiera, de ser admitido en este claustro con más de siete siglos de historia, acompañando, como el último de los doctores, a tanto insigne maestro conimbricense. Entre ellos a mi compatriota y *magister ex lectione* Álvaro d’Ors, romanista investido *doctor honoris causa* en esta misma Sala dos Capelos en el año 1983.

## Capítulo 1

### Gaston Marcel Bouthoul, un *dhimmy* ciudadano de la República

1. Una vida con Betty
2. La Sorbona, *alma mater*
3. Doctorado en derecho. 3.1. Política social. 3.2. Sobre la oligantropía
4. Doctorado en letras. 4.1. Abenjaldún, precursor de la sociología dinámica. 4.2. Interspicología *in nuce*. 4.3. La mentalidad como hecho social primario. 4.4. La función inventiva
5. La estación del realismo político. 5.1. Los neomaquiavelistas italianos. 5.2. La “inevitable política”
6. Un sociólogo desubicado. 6.1. “La otra Escuela de Burdeos”. 6.2. El Instituto Internacional de Sociología. 6.3. La Escuela Superior de Estudios Sociales



Gaston Marcel Bouthoul nace en la ciudad tingitana de Monastir<sup>1</sup>, pequeño puerto del Sáhara al sur del golfo de Hammamet, el 8 de mayo de 1896. Nace por tanto súbdito tunecino y con el estatuto personal de los judíos de aquel país en el décimo quinto año del protectorado francés<sup>2</sup>. Es el mayor de los cinco hermanos habidos en su familia, un hogar con posibles y culto.

Su padre, Moïse Boutboul, pertenece a la burguesía tunecina. Propietario de explotaciones agrícolas, vive del comercio de los cítricos. De cultura judeo-árabe, tiene nacionalidad tunecina<sup>3</sup>. Como su madre y esposa de este, Clémence Secmama, de la misma posición social. Clémence es hija de una distinguida familia con arraigo en Túnez y Monastir desde mediados del siglo XIX y dedicada durante años a la importación de automóviles Peugeot. Moïse pertenece al grupo predominante en la minoría judía tunecina, los *touansa* (*twânsa*), de dialecto judeoárabe<sup>4</sup>, separados socialmente y políticamente de los judíos livorneses o *grana* (*grâna*)<sup>5</sup>, linaje de Clémence, gentes muy acomodadas, mayormente profesionales liberales procedentes de Livorno, en la Toscana, que se exilian en Túnez al producirse la unificación italiana en 1861, aunque ya desde dos siglos antes llegan al norte del África, de

---

<sup>1</sup> En 1903 nace también en Monastir Habib Burgiba, padre del Túnez independiente y amigo de Bouthoul en los años diez del siglo pasado.

<sup>2</sup> Los judíos tunecinos se concentran históricamente en unas pocas ciudades de la fachada costera del país: Bizerta, Monastir, Susa, Sfax y, por descontado, Túnez.

<sup>3</sup> Debo esta y otras informaciones sobre los padres de Bouthoul a Georges-Elia Sarfati, sobrino nieto de Gaston Bouthoul, a quien además de lazos familiares le unían estima intelectual y amistad. Comunicación al autor (13 de enero de 2016).

<sup>4</sup> El porcentaje de judíos de Túnez oscila entre los 25 000 censados al establecerse el protectorado (1881), sobre una población estimada de 1 200 000 habitantes, y los 50000 del final del protectorado (1956), sobre una población de unos 3 700 000 habitantes. V. J. Taieb, “Évolution et comportement démographiques des juifs de Tunisie sous le protectorat français (1881-1956)”, en *Population*, vol. XXXVII, n° 4/5, julio-octubre 1982, pp. 952-958.

<sup>5</sup> Los livorneses constituyen el máximo elemento occidentalizador de los judíos tunecinos. V. GB, *L'amélioration des conditions familiales et sociales en Tunisie*, Imp. Coueslant, Cahors 1931, p. 13. V. también Gabriella Puntoni, *La comunità ebraica di Livorno e la città. Gioco di specchi attraverso quattro secoli di storia*, Edizioni Salomone Belforte & C., Livorno 2006, *passim*.

distintas procedencias, a través de la misma región italiana. Clémence era una mujer muy cultivada y de salud frágil. Los padres de Bouthoul, residentes en Monastir, se trasladan más tarde a Susa, distante a unos 20 kilómetros. Allí viven al menos desde 1923. Nunca salen de Túnez. Moïse muere mediados los años treinta y Clémence la década anterior.

Los judíos tunecinos (como los cristianos) viven bajo el islam sometidos a un régimen de discriminación civil y política denominado *dhimma* (“protección”), cuyo objetivo primordial es mantenerles en un estado tal de privación de derechos que les haga ver las ventajas de convertirse. Por esta razón muchos de ellos son partidarios de la intervención francesa, ocasión para liberarse del dogal de la dominación. Mas una vez sometido a tutela francesa el bey de Túnez en 1881<sup>6</sup> no se produce la extensión de la ciudadanía francesa a los judíos, que siguen viviendo como *dhimmys* (“protegidos”)<sup>7</sup>. Se frustra pues la esperanza de la mayoría de ellos de recibir los beneficios de un nuevo “decreto Crémieux”, expediente utilizado en 1870 para naturalizar franceses a todos los judíos argelinos<sup>8</sup> y que responde a las ideas asimilacionistas del “sentimentalismo igualitario de la Francia republicana, deseosa de equiparar a todos los que obedecen su ley”<sup>9</sup>. Ni una sola naturalización se produce hasta 1910. La adquisición por los judíos de la ciudadanía francesa no contempla excepciones en atención a su religión, de modo que la naturalización y sus efectos civiles inmediatos (derecho patrimonial y de familia) constituye para los más ortodoxos una verdadera apostasía<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> El bey es feudatario del Imperio turco, al menos en teoría. La intervención francesa pretexta desórdenes y pillaje en las estribaciones tunecinas del Atlas. El cuerpo de intervención impone al bey el tratado del Bardo (12 de mayo de 1881) y con él la ocupación francesa hasta que la administración tunecina esté en condiciones de garantizar el orden en el norte y en el litoral del país. El protectorado efectivo se establece más tarde, intrumentalizado por el convenio de la Marsa (8 de junio de 1883). V. P. Montagnon, *La France coloniale. La gloire de l'Empire: du temps des Croisades à la Seconde guerre mondiale*, Pygmalion, París 1988, pp. 189-196.

<sup>7</sup> V. Ahmed Sakka, *La souveraineté dans le droit public musulman sunnite*, Jouve & Cie, París 1917, pp. 7-9.

<sup>8</sup> V. Claude Hagège, “Communautés juives de Tunisie à la veille du Protectorat français”, en *Le Mouvement sociale*, n° 110, enero-marzo 1980, p. 37.

<sup>9</sup> V. É.-L. Guernier, *L'Afrique champ de l'expansion de l'Europe*, Armand Colin, París 1933, p. 170.

<sup>10</sup> La naturalización de los indígenas musulmanes a partir de los años treinta será distinta. Para evitar el escollo religioso establece obligaciones facultativas en los aspectos fundamentales de la vida del creyente. V. GB, “Le ‘malaise’ algérien”, en *Revue de Paris*, vol. XLII, n° 13, 1 de julio 1935, pp. 131-133. Los nacionalistas tunecinos del partido Neo-Destour se oponen a los musulmanes naturalizados, declarándolos apóstatas y negándoles supultura en el camposanto. V. GB, “Les problèmes tunisiens”, en *Revue de Paris*, vol. XLI, n° 23, 1 de diciembre 1934, p. 644.

Un decreto de 3 de octubre de 1910<sup>11</sup> relaja las condiciones de acceso a la ciudadanía francesa para quienes sirvan en el ejército de la República o, en caso de inaptitud para el servicio militar, se encuentren en posesión de distintos diplomas universitarios<sup>12</sup>. A partir de 1923 la llamada Ley Marinaud<sup>13</sup> introduce nuevas facilidades para el acceso al estatuto de la ciudadanía francesa<sup>14</sup>, con el objetivo de contrarrestar la creciente influencia italiana en el protectorado, región de mayoría europea procedente de Italia pero, paradójicas de la demografía y la política internacional, administrado por Francia.

Aunque no hay un relato autobiográfico del propio Bouthoul sobre su vida bajo el protectorado, su experiencia no debe ser muy distinta a lo que el médico socialista Élie Cohen-Hadria cuenta en sus memorias<sup>15</sup>, salvando, claro es, las diferencias de estrato social y la adhesión de este último a la causa independentista. Nacido tunecino en 1898, Cohen-Hadria es hijo de una madre judía argelina de ciudadanía francesa. Se naturaliza francés en 1921. Huérfano de padre y sin recursos económicos estudia medicina en Lyon. De la misma generación, pero de familia que goza de una mejor posición económica, Bouthoul es, al igual que su coterráneo, francés por educación y vocación. Sus padres, hablantes del judeoárabe conocen además el francés y su madre también el italiano. Como muchos judíos de su misma posición son adictos a la causa política y cultural francesa. Ello explica los castizos nombres franceses –Gaston y Marcel– que Moïse y Clémence imponen a su hijo primogénito<sup>16</sup> y al resto de su descendencia<sup>17</sup>, expresión del anhelo de

---

<sup>11</sup> El Decreto de 3 de octubre de 1910 sobre la Naturalización de los Súbditos Tunecinos (*JORF* de 8 de octubre de 1910, pp. 8 312-8 322) reforma el anteriormente vigente de 28 de febrero de 1899. El artículo 2 concede la ciudadanía francesa a los tunecinos mayores de 21 años enrolados en el ejército francés o que, en caso de inaptitud, puedan acreditar servicios excepcionales a Francia o algún diploma superior.

<sup>12</sup> Las naturalizaciones son raras, no obstante las nuevas condiciones: no llegan a 300 para un periodo de más de 10 años (1911-1923). V. C. Hagège y B. Zarca, “Les juifs et la France en Tunisie. Les bénéfiques d’une relation triangulaire”, en *Le Mouvement sociale*, n° 197, octubre-diciembre 2001, p. 17.

<sup>13</sup> Ley de 20 de diciembre de 1923 sobre la Adquisición de la Nacionalidad Francesa en la Regencia de Túnez (*JORF* de 21 de diciembre de 1923, pp. 11 846-11 847).

<sup>14</sup> En apenas 5 años, entre 1924 y 1929 se naturalizan franceses casi 5000 judíos. V. C. Hagège y B. Zarca, “Les juifs et la France en Tunisie. Les bénéfiques d’une relation triangulaire”, en *Le Mouvement sociale*, n° 197, octubre-diciembre 2001, p. 17.

<sup>15</sup> V. É. Cohen-Hadria, “Les milieux juifs de Tunisie avant 1914 vus para un témoin”, en *Le Mouvement Social*, n° 60, julio-septiembre 1967, pp. 89-107. También É. Cohen-Hadria, *Du protectorat français a l’indépendance tunisienne, souvenirs d’un témoin socialiste*, Centre de la Méditerranée Moderne et Contemporaine, Niza 1976.

<sup>16</sup> En otras familias de actitud más templada hacia la comunidad en la que desean integrarse, manteniendo las raíces judías, el primer nombre suele ser francés y el segundo judío. V. C. Hagège y B. Zarca, “Les juifs



afrancesamiento (*francisation*) de su prole o, en la terminología sociológica del propio Bouthoul, de “autocolonización espontánea”<sup>18</sup>.

En su breve voz biográfica para el *Dictionnaire de stratégie*, René Carrère subraya: “El padre de Bouthoul, cuando este era niño, le enseña como regla de vida aprender siempre y sin descanso, para adquirir cultura y ser creativo y servicial”<sup>19</sup>. El imperativo de integración en la cultura francesa empuja también a los jóvenes de su generación a aprender, además del francés, otros idiomas europeos, instrumento muy útil para superar las limitaciones jurídicas de los *dhimmi* del islam. Bouthoul, que conoce el francés y el dialecto árabe que hablan sus padres<sup>20</sup>, asimila tempranamente la lengua italiana<sup>21</sup>, a la sazón su lengua materna, aprendizaje sin duda favorecido por la importancia de los residentes italianos, o de origen italiano<sup>22</sup>, establecidos en Túnez. Este anhelo de una alta cultura<sup>23</sup>, ciertamente

---

et la France en Tunisie. Les bénéfiques d’une relation triangulaire”, en *Le Mouvement sociale*, n° 197, octubre-diciembre 2001, p. 22.

<sup>17</sup> Jacques, Edouard, Inès y Judith-Juliette, abuela esta última de G.-E. Sarfati. El nombre impuesto a la descendencia es revelador de un ideal y manifestación de un proceso de transformación más que mental espiritual. Lo subraya Renaud Camus en “La civilisation des prénoms”. V. R. Camus, *Le Grand Remplacement*, Chez l’Auteur, Plieux 2015, p. 276.

<sup>18</sup> Cfr. G. Bouthoul (GB), *La surpopulation. L’inflation démographique*, Payot, París 1964, p. 74. GB, *Sociologie de la politique*, P. U. F., París 1967, pp. 46. GB, “Les doctrines politiques después 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques*, Payot, París 1966, pp. 262-263.

<sup>19</sup> V. R. Carrère, “Bouthoul, Gaston, 1896-1980”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, P. U. F., París 2007, p. 68.

<sup>20</sup> En la comunicación al decano de la Facultad de Letras de Burdeos de la inscripción de los temas respectivos de sus tesis doctorales (principal y complementaria) Bouthoul hace observar: “Conozco el árabe pues he nacido en Túnez”. Carta del 7 de noviembre de 1928, conservada en los Archivos Departamentales de la Gironda: (ADG) 5399 W 28.

<sup>21</sup> Bouthoul adquiere a lo largo de su vida un conocimiento aceptable del español y del inglés, no del alemán.

<sup>22</sup> La emigración italiana y la influencia del gobierno de Italia sobre el bey de Túnez precipitaron en su día la instauración del protectorado francés. Bouthoul sigue con atención la confluencia de las políticas coloniales de Francia e Italia en el norte de África, pacificada con la “nueva repartición” operada en la zona y que supone el reconocimiento francés de las aspiraciones de Italia sobre Tripolitania. Bouthoul es invitado a disertar sobre los aspectos económicos del equilibrio francoitaliano en el norte del África por el Comité d’Entente Économique France-Italie, cuya primera conferencia se reúne en París los días 4 y 5 de diciembre de 1933. V. *Les Cahiers de l’Union Européenne*, n° 6, octubre-diciembre 1933, p. 271. Sobre la vida de la comunidad italiana de Túnez v. Marinette Pendola, *Gli italiani in Tunisia (storia di una comunità XIX-XX secolo)*, Editoriale Umbra, Foligno 2007.

<sup>23</sup> “La potencia atractiva y asimiladora de la nación francesa se debe al carácter humanista de su cultura. Esta se dirige al hombre, a su buen sentido, sin ambigüedades, ni restricciones, sin el pretencioso esoterismo de otras culturas”. Bouthoul justifica su *chauvine* opinión señalando el elevado número de “escritores franceses” de origen extranjero: de Marco Polo a D’Annunzio, pasando por Federico el Grande de Prusia y Heine. V. GB, *Traité de sociologie*, t. I: *Sociologie statique*, Payot, París 1949, t. I, p. 235. El genio de la lengua no tiene pues sustrato racial: “En las colonias francesas ‘recientes’ ya hay excelentes

generalizado, convierte a la antigua región de *Ifriqiyā*, denominación romana de origen púnico que abarca Túnez y la zona limítrofe de Constantina, en el este de Argelia, en la *Île d'Occident* de África (*Djezirat-el-Maghreb*)<sup>24</sup>. Túnez-Cartago, dice Bouthoul, “es el cerebro de África”: se difunden desde allí las modas y se marcan las tendencias políticas e intelectuales<sup>25</sup>. Bouthoul añorará toda su vida su infancia y adolescencia tunecinas; así, mientras vivan sus padres, acudirá todos los años a su país de origen.

En apenas una generación se transforma la atmósfera cultural de las elites de la región, de modo que en los años veinte y treinta se desarrolla una intensa vida intelectual estimulada por diversas dependencias universitarias y librerías en las ciudades más importantes y una destacada cohorte de historiadores, juristas y escritores en lengua francesa poseedores de una cultura enciclopédica<sup>26</sup>. “La burguesía tunecina ha demostrado la posibilidad de un desarrollo armonioso en el ‘clima’ francés”<sup>27</sup>. Prueba adicional de ese florecimiento cultural, similar al de numerosas ciudades provincianas europeas en el intersiglo, es la existencia de un teatro en las localidades más importantes. En algunas ciudades como Túnez hay incluso más. En uno de ellos, italiano, canta Enrico Caruso en los principios de su carrera. A finales de 1938, el entonces *réporter international* Bertrand de Jouvenel, enviado a Túnez por el diario vespertino *Paris-Soir* para cubrir la crisis diplomática franco-italiana, agravada por la reivindicación de Mussolini del protectorado tunecino, compara la

---

poetas y escritores indígenas de lengua francesa [... :] el malgache Rebearivelo y el dahomeyano Paul Hazoumé”. V. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 261.

<sup>24</sup> Una magnífica relación de las singularidades –geográfica, racial, histórica y política– de esa región aislada por el desierto y el mar en É.-F. Gautier, *Le passé de l'Afrique du nord. Les siècles obscurs*, Payot, París 1952, pp. 7-28.

<sup>25</sup> V. GB, “L'évolution actuelle de l'Afrique du Nord. *L'intelligentia tunisienne*”, en *Les Nouvelles littéraires*, 8.XII.1934, p. 3.

<sup>26</sup> Bouthoul, partidario de una Francia laica y republicana, mantiene viva su identidad judía. Siempre está cerca de las causas cívicas y políticas de los círculos de judíos franceses. Así, por ejemplo, en el periódico *L'Univers Israélite*, subtítulo *Journal des Principes Conservateurs du Judaïsme*, en su edición del 7 de mayo de 1937, pp. 549-550, se da noticia de una conferencia del abogado Gaston Bouthoul sobre “Le judaïsme nord-africain”, pronunciada ante la Union de Femmes Juives pour la Palestine. En el resumen de la misma se recoge la opinión del orador sobre el efecto racionalizador de la presencia francesa en Túnez y Argelia, influencia que aparta a los judíos norteafricanos de una vida casi medieval. Por otro lado, Bouthoul observaba las fiestas judías, que solía celebrar todos los años con la familia de su hermana Judith-Juliette. Particularmente el Yom Kipur y la Pascua. Bouthoul se consideraba agnóstico. Con todo, simpatizó con el judaísmo liberal, cuyo centro histórico en Francia, la sinagoga de la calle Copérnico, solía frecuentar. Testimonio de G.-E. Sarfati. Comunicación al autor (13 de enero de 2016).

<sup>27</sup> V. GB, “L'évolution actuelle de l'Afrique du Nord. *L'intelligentia tunisienne*”, en *Les Nouvelles littéraires*, 8.XII.1934, p. 3.

ciudad con una capital de provincia del mediodía de Francia: “La calle principal de Túnez, con sus cines y sus cafés, tiene un parecido sorprendente con la Tolosa francesa”<sup>28</sup>.

La mocedad de Bouthoul, persona reservada y en extremo reacia a las confidencias personales, es un misterio. Hervé Savon, su estrecho colaborador en el Instituto Francés de Polemología (*Institut Français de Polémologie*) durante varios años y sin duda el más importante de los redactores de la revista *Guerre et paix* (1966-1970), señala que “una gran reserva acompaña su amabilidad y su cordialidad. Era muy celoso de su intimidad [...]. A mi me honraba con su confianza, pues con frecuencia he sido su portavoz en encuentros en los que se presentaban y defendías sus tesis [...]. Sin embargo, nunca me habló ni de su infancia ni de sus padres”<sup>29</sup>.

Es posible que Bouthoul cursara el bachillerato en el liceo Carnot y los estudios previos en el colegio Sadiki<sup>30</sup> si, como señala Heinz Maus en una de las primeras noticias biográficas sobre el polemólogo francés, si no la primera, publicada en un diccionario de sociología, estudia en la ciudad de Túnez<sup>31</sup>. En el expediente del estudiante Gaston Bouthoul de los Archivos Nacionales de París se registra la colación de un bachillerato en letras (*baccalauréat ès lettres*) con las rúbricas “latín, lenguas y filosofía” (*latin, langues, philosophie*)<sup>32</sup>. Maus, que yerra en su voz al indicar el natalicio de Bouthoul, apunta también su presencia como colegial en Rabat sin ofrecer más detalles del curioso dato, a mi parecer espurio. Llama en el mismo lugar la atención una chocante relación de personalidades científicas y políticas con ascendiente sobre Bouthoul: “E. Durkheim, L. Lévy-Bruhl, G. Ferrero, Pareto, C. Gini, Cheik el Mourali, Cheik A. Taalbi, Aftalion y Ogburn entre

---

<sup>28</sup> V. B. de Jouvenel, *La dernière année. Choses vues de Munich à la guerre*, La Diffusion du Livre, Bruselas y París 1947, p. 63.

<sup>29</sup> Comunicación postal al autor de H. Savon, profesor emérito de la universidad libre de Bruselas (22 de febrero de 2010).

<sup>30</sup> El liceo Carnot es la salida próxima y natural, facilitada con becas y reservas de plazas, para los mejores estudiantes del colegio Sadiki. El colegio Sadiki de Túnez es una institución educativa fundamental en la modernización del Protectorado. Fundado en 1875, es inicialmente un centro exclusivo para alumnos musulmanes. Bajo la administración colonial es transformado, singularmente en 1906 y 1910: concebido como un puntal de la asimilación cultural, termina suscitand una corriente (*les nouveaux intellectuels*) concienciada políticamente y muy crítica con el orden establecido. V. N. Sraïeb, “Le collège Sadiki de Tunis et les nouvelles élites”, en *Revue du Monde Musulmen et de la Méditerranée*, n° 72, 1994, p. 45.

<sup>31</sup> V. H. Maus, “Bouthoul, Gaston”, en Wilhelm Bernsdorf y Horst Knospe (Ed.), *Internationales Soziologen Lexikon*, Ferdinand Enke, Stuttgart 1956, p. 62.

<sup>32</sup> Expediente del estudiante Gaston Bouthoul en los Archivos Nacionales de París: (AN) AJ/16/1818.

otros”. Es cierto que la mayoría de los autores citados por Maus ha sido, cuando menos, lectura de Bouthoul. Aún así, no puede decirse que William Fielding Ogburn interesara alguna vez, seriamente, a Bouthoul, independientemente de la relación por necesidad superficial y a distancia que pudieran tener en el marco del Instituto Internacional de Sociología (Institut International de Sociologie)<sup>33</sup>. En su exhaustiva disertación doctoral sobre la invención, Bouthoul apenas le dedica unas líneas para refutar su tesis del determinismo lógico de los inventos técnicos, aduciendo el ejemplo de la imprenta, cuyos elementos básicos son conocidos desde la antigüedad, pero su invención solo tiene lugar en el siglo XV<sup>34</sup>. En cuanto a Taalbi y el Mourali, no se encuentra en la obra publicada de Bouthoul la menor referencia a ellos<sup>35</sup>. El autor de la voz biográfica del *Internationales Soziologen Lexikon* incluye también en la bibliografía representativa de Bouthoul un libro de título sugestivo pero del que no he encontrado más referencias que la suya: *Les scéptiques de l'Islam*, datado según Maus en 1959.

No hay pues otras noticias de Bouthoul –nacido en realidad Boutboul, variante relativamente frecuente de un apellido árabe (como Abitbol, Abitboul o Botbol)<sup>36</sup>– antes de su llegada a París a primeros de mayo de 1916, fecha de sus cuatro primeras inscripciones en la facultad de derecho de la Sorbona<sup>37</sup>. Al menos hasta finales de 1918

<sup>33</sup> W. F. Ogburn (1886-1959) es elegido miembro del Instituto en la sesión administrativa de su X congreso, celebrado en Ginebra del 13 al 15 de octubre de 1930. V. [G.-L. Duprat,] “Le Xè Congrès de l'Institut International de Sociologie”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 7.

<sup>34</sup> GB, *L'invention*, Marcel Giard, París 1930, pp. 262-263. V. W. F. Ogburn, catedrático de sociología en la universidad de Chicago, sostiene la tesis de la superioridad de la cultura material sobre la no material en *Social Change with respect to Culture and Original Nature*, B. W. Huebsch, Nueva York 1923, espec. 268 ss.

<sup>35</sup> El *cheik* o jeque Abdelaziz Tâalbi o Thaalbi (1874-1944) es uno de los padres del movimiento nacionalista tunecino. Fundador en 1921 del llamado Destour (constitución) o partido destouriano (Parti Libre Constitutionnel Tunisien) y autor de dos obras importantes: *L'esprit libéral du Coran* (1905), en el que propone una racionalización del Corán, y *La Tunisie martyre* (1922), próximo a los Jóvenes Tunecinos (Mouvement des Jeunes Tunisiens). Tâalbi, no obstante partidario de la impronta francesa y de los principios de la Revolución, se exilia en 1923 y regresa a Túnez en 1937, cuando la posición de su partido ha sido sustituida por el llamado Néo-Destour de Habib Burguiba. Sobre la deriva violenta de este nuevo partido, enemigo a juicio de Bouthoul de la obra francesa en el norte del África: GB, “Problèmes nord-africaines”, en *Revue de Paris*, vol. XLVI, n° 3, 1 de febrero de 1939, pp. 600-601. V. también B. Lugan, *Histoire de l'Afrique du Nord*, pp. 395-398 y 449-454.

<sup>36</sup> Los *Boutboul* son en realidad bereberes convertidos al judaísmo antes de la arabización del Magreb.

<sup>37</sup> Sobre la biografía de G. Bouthoul pueden consultarse las informaciones, no siempre coincidentes en el detalle y en algún caso erróneas o equívocas, recogidas por H. Maus, “Bouthoul, Gaston”, en Wilhelm Bernsdorf y Horst Knospe (Ed.), *Internationales Soziologen Lexikon*; H. Savon, “Gaston Bouthoul (1896-1980)”, en *Universalía 1981. Les événements, les hommes, les problèmes en 1980*, Encyclopaedia Universalis, París 1981, pp. 537-538; R. Carrère, “Bouthoul, Gaston, 1896-1980”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.),

Bouthoul firma con la ortografía original de su apellido. Del mismo modo, el nombre registrado en las inscripciones de primero y segundo del bachillerato en derecho (1916-1917)<sup>38</sup>, en el recibí del diploma de bachiller (5 de mayo de 1918) y en la matrícula del examen de licenciatura (1918) es Boutboul<sup>39</sup>. Teniendo en cuenta la legislación francesa sobre las naturalizaciones, lo más probable es que Bouthoul incorporara la ciudadanía francesa y rectificara su apellido entre 9 de julio de 1918, fecha de la colación de la licenciatura en derecho, y 8 de febrero de 1922, fecha de su intervención en una sesión de la Sociedad de Sociología de París (Société de Sociologie de Paris), primera de las contribuciones científicas del sociólogo que he podido documentar<sup>40</sup>.

No es fácil, por otro lado, despejar la incógnita del traslado de Bouthoul a la metrópoli, o tal vez, como sugieren Carrère<sup>41</sup> y Maus<sup>42</sup>, a Suiza, adonde llegaría, enviado por su padre, para continuar y ampliar sus estudios. De ser cierto este extremo, puede que la vida de estudiante en Suiza tuviera la virtud de ahorrarle la conscripción o algún tipo de servidumbre militar durante la Primer Guerra Mundial... En realidad, en contra de lo que parece sugerir Carrère, como súbdito judío “protegido” del protectorado no podía estar Bouthoul sometido a conscripción ni movilización militar<sup>43</sup>. Tampoco, con más razón, a

---

*Dictionnaire de Stratégie*, J. Molina, “Gaston Bouthoul. En conmemoración de un pionero de la polemología”, en *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n° 119, julio-septiembre 2007, pp. 117-128; J. Molina, “Gaston Bouthoul, economista, demógrafo y polemólogo. Notas para una biografía intelectual”, en *Empresas Políticas*, n° 10/11, 1<sup>er</sup>/2<sup>o</sup> semestre 2008, pp. 269-273; J. Molina, “Bouthoul, Gaston”, en N. Young (Ed.), *The International Encyclopedia of Peace*, Nueva York, Oxford University Press, 2010, t. I, pp. 200-201 y G. Montagnon, “Trente ans d’oubli”, en *Études polémologiques*, n° 53, 2012, pp. 9-14. Otras noticias de interés en la correspondencia de G. Montagnon y el filósofo y poeta Georges-Elia Sarfati. V. G. Montagnon, *Genèse de la polémologie*. Memoria DEA inédita dirigida por David Cumin. Universidad Jean Moulin-Lyon 3, 2010, pp. 74-78. Con posterioridad ha aparecido J. Molina, “Gaston Bouthoul e il fenomeno guerra”, en *Rivista di Politica*, n° 3, 2013, pp. 41-50.

<sup>38</sup> (AN) AJ/16/1818.

<sup>39</sup> (AN) AJ/16/1818. En este documento, con información académica completa sobre Bouthoul entre mayo de 1916 y julio de 1924, se aprecia que en el apellido que encabeza el expediente han sido rectificadas las consonantes “tb”, sustituidas por “th”. V. también el expediente del estudiante Gaston Bouthoul (1918) de los Archivos Departamentales del Ródano: (ADR) 514 W 34.

<sup>40</sup> GB, “L’Arabie et le problème arabe”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril de 1922, pp. 177-178.

<sup>41</sup> R. Carrère, “Bouthoul, Gaston, 1896-1980”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, p. 68.

<sup>42</sup> H. Maus, “Bouthoul, Gaston”, en Wilhelm Bernsdorf y Horst Knospe (Ed.), *Internationales Soziologen Lexikon*, p. 62.

<sup>43</sup> Sin embargo, una disposición del bey establece, mediada ya la guerra, la conscripción obligatoria de los musulmanes. Según las estimaciones de Albert Sarraut, ministro de las colonias con varios gobiernos a

la interdicción de toda actividad escolar que por orden del Ministerio de Defensa de 16 de abril de 1914 afecta a todos los reclutas durante la prestación del servicio militar, ampliado hasta los tres años por la Ley de 7 de agosto de 1913.

Terry Nichols Clark, en un libro pionero sobre la institucionalización de la sociología en las universidades francesas, afirma también que Bouthoul pasa por la universidad de Ginebra, precisando incluso que sigue los cursos de Guillaume-Léonce Duprat, titular allí de una cátedra de sociología entre 1922 y 1939<sup>44</sup>. De unas “Notes sur les cours de sociologie de M. G. L. Duprat à l’Université de Genève”, publicadas por Bouthoul en la *Revue Internationale de Sociologie*<sup>45</sup> y que consisten en una amplia reseña de las lecciones profesadas por Duprat en sus cursos universitarios, dadas en policopia, según su costumbre, a los estudiantes, Clark presume —a lo que se ve sin haberlas podido manejar o leer directamente en su momento— que Bouthoul da en ellas detalles de su hipotética experiencia discente ginebrina<sup>46</sup>.

---

principios de los años veinte, Túnez aporta un contingente de 60.000 soldados. V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, Payot, París 1923, p. 41.

<sup>44</sup> Guillaume-Léonce Duprat (1872-1956) es un sociólogo enciclopedista que además de filosofía estudia medicina. Discípulo de Alfred Espinas y Émile Durkheim, fracasa sin embargo en el concurso universitario de la agregación (*agrégation*). Se aproxima entonces a Gabriel Tarde y René Worms y, tal vez, hace a Durkheim responsable de su fracaso académico. Durante más de veinte años enseña filosofía en diversos liceos de Francia. En la *Revue Internationale de Sociologie* escribe centenares de notas y reseñas hasta que después de la guerra, en 1922, es llamado a la universidad de Ginebra para suceder a Louis Wuarin en la cátedra de sociología, economía social y estudios de los sistemas políticos, instituida en 1886 (cátedra de sociología y economía Social desde 1914). En la ciudad suiza funda en 1926 la Sociedad de Sociología de Ginebra (Société de Sociologie de Genève) siguiendo el modelo de la sociedad parisina de sociología de Worms. Su activismo le permite organizar en Ginebra el X Congreso del Instituto Internacional de Sociología (12-15 de octubre de 1930), dedicado a “Les causes profondes des guerres et les conditions d’une paix durable”. Dirige el Instituto Internacional de Sociología desde 1930 hasta 1939. Sus contribuciones más notables a su disciplina son una amplia morfología de los hechos sociales y la incoación de una psicología de la que espera poder deducir los fundamentos racionales de la moral y la política. V. André Sapalay, “Un sociologue langonnais: le professeur Guillaume Duprat (1872-1956)”, en *Les Cahiers du Bazadais*, vol. 39, n° 125, 1999, pp. 29-62; Massimo Borlandi, “Duprat Guillaume-Léonce, 1872-1956”, en M. Borlandi, Raymond Boudon, Mohamed Cherkaoui y Bernard Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, P. U. F., París 2005, p. 194; Cécile Rol, “Guillaume-Léonce Duprat (1872-1956), l’Institut International de Sociologie et l’Allemagne dans l’entre-deux-guerres”, en *Lendemains. Études comparées sur la France*, vol. 36, n° 141, 2011, pp. 18-42. Otras noticias de interés relativas a los trabajos de Duprat sobre la psicología en Jean-Paul Callède, *Sociologie des jeux, des sports et de l’éducation physique. L’apport des classiques français (1890-1930)*, Maison des Sciences de l’Homme d’Aquitaine, Pressac 2010, pp. 108 ss. y 280 ss.

<sup>45</sup> Vol. 35, n° 3-4, marzo-abril 1927. Dos años antes se ocupa también de los cursos de Duprat en una breve nota, publicada sin título en la sección “Chronique” de la *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 451-454.

<sup>46</sup> Según Clark, Bouthoul “comparte el eclecticismo de Duprat, pues estudia con él en Ginebra”. V. T. N. Clark, *Prophets and Patrons: The French University and the Emergence of the Social Sciences*, Cambridge, Mass.,

Los distintos dosieres del expediente universitario de Bouthoul aclaran definitivamente esta cuestión: Bouthoul se matricula en la Sorbona el 4 de mayo de 1916; por las razones que después se señalan pasa exámenes en la universidad de Lyon en julio de 1918; coincidiendo con el final de la guerra regresa a París en noviembre de 1918, en donde continúa estudios de filosofía y se doctora en derecho por la Sorbona en 1924; finalmente, en 1931, obtiene un doctorado en letras por la universidad de Burdeos<sup>47</sup>.

Los estudios en tres universidades francesas (París, Lyon, Burdeos) y su prolongada presencia en la metrópoli, incluso durante los veranos (Hendaya, Marsella)<sup>48</sup> son circunstancias en las que, sin duda, se pone de manifiesto la bonanza de los negocios de Moïse Boutboul y el cuando menos desahogado tren de vida de su hijo Gaston<sup>49</sup>. Mas la prosperidad económica, para decirlo todo, es la nota característica de la burguesía tunecina, generalizada entre sus miembros después de la Primera Guerra Mundial hasta que la grave crisis del año 1930 acaba con el crecimiento, desvaneciéndose este como un espejismo<sup>50</sup>. La pequeña burguesía tunecina de principios del siglo pasado, en caso de poder permitirse estudios universitarios para su descendencia, envía a los hijos a la

---

Harvard University Press, 1973, p. 226. Pero el nombre de Bouthoul no reza ni en los Archivos de la Universidad de Ginebra (registros de diplomas; listas de estudiantes por semestre y por facultad), ni en los Archivos Estatales del Cantón de Ginebra (fondos del organismo de control de habitantes; censos y anuarios de direcciones; fondos del Departamento de Instrucción Pública). Comunicaciones dirigidas al autor por los Archivos de la Universidad de Ginebra (22 de mayo de 2012) y los Archivos Estatales del Cantón de Ginebra (31 de mayo de 2012).

<sup>47</sup> (AN) AJ/16/1818; (ADR) 514 W 34; (ADG) 5399 W 28.

<sup>48</sup> Bouthoul pasa periodos prolongados fuera de su domicilio, por ejemplo en Marsella, número 16 de la calle Nicolas, dirección postal utilizada para las comunicaciones durante sus ausencias de París en Marsella. Desde mediados de los años veinte Bouthoul y su mujer veranean en un chalet (“Villa Gene Kafiya”) situado en Hendaya. Veraneo también vinculado al restablecimiento de su salud. Bouthoul era un hombre de salud quebradiza, intervenido quirúrgicamente por una dolencia renal con apenas treinta años. En Hendaya precisamente convalece de su enfermedad. Testimonio de G.-E. Sarfati. Comunicación al autor (13 de enero de 2016).

<sup>49</sup> También, para decirlo todo, la voluntad de arraigo en Francia del joven Bouthoul, pues antes de la guerra es raro el estudiante extranjero que aspira a obtener una licenciatura y no digamos un doctorado de Estado (*doctorat d'État*). Muchos se conforman con un diploma que les resulte útil en sus países de origen o con los llamados doctorados de universidad (*doctorat d'Université*). Estos exigen solo una tesis y no dos, como el doctorado de Estado, y son meramente académicos, no confiriendo derechos ni facultando para el acceso a puestos o empleos oficiales. V. A. Croiset, “La Faculté des lettres”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, Armand Colin, París 1918, p. 46.

<sup>50</sup> Bouthoul discurre con mucho acierto sobre la situación económica del protectorado, particularmente sobre las causas y los efectos de la crisis económica, en diversos estudios de la segunda mitad de la década de 1930. Especialmente GB, “Le redressement tunisien”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. XLIII, n° 496, 10 de marzo 1936, pp. 504-514. A la crisis económica se añadirán también otros problemas relacionados con la acelerada transformación de la mentalidad de los pueblos de la Francia ultramarina. GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d'Afrique*, n° 13, 1935, pp. 18-21.

universidad de Aix-en-Provence, a cuyo distrito pertenece el protectorado de Túnez, o a la de Lyon. Aunque las facultades de medicina suelen exigir la presencia de los estudiantes en los cursos, las facultades jurídicas y literarias, en cambio, permiten el absentismo de los alumnos, de modo que una familia con un buen pasar relativo podía soportar el coste de dos o tres viajes anuales para la realización de los exámenes o la formalización de la matrícula.

Mas no es esta, como ya se ha adelantado, la elección de Bouthoul, quien arriba a París en mayo de 1916 para iniciar sus estudios en la facultad de derecho de la Sorbona.

## 1. Una vida con Betty

Bouthoul contrae matrimonio el 1 de diciembre de 1923 con Véra Betty Helfenbein, abogada, escritora, pintora y amiga de literatos e intelectuales, en cuyos círculos le introduce inmediatamente<sup>51</sup>. Vive con ella en el número 14 de la calle de la Sorbona<sup>52</sup>. En la inscripción civil del acta de matrimonio se recoge el origen y filiación de V. B. Helfenbein, nacida en Odessa (Rusia) el 11 de mayo de 1903, hija de Moïse Helfenbein, hombre de negocios, y de Fenia Herschkovitch, judíos rusos emigrados (a causa de la Revolución) y residentes en París<sup>53</sup>. El matrimonio Bouthoul se traslada en 1934 al 15 de

---

<sup>51</sup> Bouthoul es un escritor dotado con una gran sensibilidad estética, la cual, dejando a un lado algunas páginas sobre Jacques Prévert o Jacques Audiberti, raramente aflora en su obra. Hay en ella, no obstante, observaciones dispersas y alguna toma de posición reveladora de su actitud hacia las vanguardias artísticas de la Escuela de París. Lamentable le parece que la universidad de París, “que se encuentra en el centro de creación estética más vivo del mundo”, no haya patrocinado investigaciones sociológicas sobre esta materia. Pregunta a continuación, con ironía, qué razones encuentra la Sorbona, en donde se estudian los oficios de África central y Oceanía, “para desdeñar el estudio de un hecho social de una magnitud infinitamente mayor y que se desarrolla en su misma puerta”. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 338. Bouthoul considera “lanzadores de novedades artísticas” a quienes, desdeñados al principio por su esnobismo, se debe la introducción de tantas novedades en la sensibilidad actual. GB, “L’invention de valeurs esthétiques”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 5-6, mayo-junio 1932, pp. 502-503.

<sup>52</sup> Bouthoul ocupa durante unos meses (abril-julio 1916) un apartamento en el 11 de la calle de Vaugiard. Después se traslada al 4 de la calle Crébillon, muy próximo a la anterior, en donde fija su domicilio al menos hasta mayo de 1918. Al menos entre 1926 y 1933, ocupa un inmueble en el 23 de la calle Fontaine.

<sup>53</sup> Copia integral del acta de matrimonio civil de de Gaston Bouthoul, expedida el 5 de mayo de 2013 por la alcaldía del distrito V de París.



la calle de Lauriston y, antes de la guerra, al número 40 de la misma calle<sup>54</sup>, un inmueble próximo al edificio que será sede de los colaboradores franceses de la Gestapo, la denominada *Carlingue* (93 rue Lauriston). Al parecer, su apartamento es confiscado por la policía política y su biblioteca saqueada. Palabras de Julien Freund: “Esta rue Lauriston permanece dolorosamente grabada en la memoria de los resistentes. ¿Cómo ha podido G. Bouthoul vivir en esa calle cargada de recuerdos tan terribles? Mi impresión es que con su presencia deseaba conjurar la suerte de una humanidad a veces detestable”<sup>55</sup>. Ahí regresan después de la guerra, convirtiendo una casa repleta de libros hasta el techo en un discreto referente mundano del París del distrito XVI. Sede del Instituto Francés de Polemología y de sus sucesivas revistas y centro de tertulias amenas, el apartamento de los Bouthoul, con ventanas a la paulonia (*Paulownia tormentosa*) que Jünger<sup>56</sup> saluda en sus diarios de la ocupación y en su correspondencia con Banine<sup>57</sup>, es también punto de encuentro de pintores, poetas y cantantes.

Su mujer, de refinada sensibilidad artística, es el más firme apoyo del sociólogo en los momentos de desesperanza que jalonan su singular travesía del desierto y la más entusiasta animadora de las revistas por él fundadas en los años sesenta. Antes, en el *Interbellum*, colabora ocasionalmente en la *Revue Internationale de Sociologie*, sin duda por la mediación de su marido, con notas de temática literaria que firma “B. Bouthoul”. Con

---

<sup>54</sup> En el número 19 y último de *Revue d’Afrique* (enero-febrero 1939), que Bouthoul dirige desde su domicilio particular, reza 40 rue Lauriston como sede de la redacción.

<sup>55</sup> Julien Freund, “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, p. 25.

<sup>56</sup> En el homenaje tributado al escritor alemán por *La Table Ronde* escribe Bouthoul: “La paulonia que contemplo desde mi ventana se ha convertido, más que nuestras respectivas concepciones de la guerra, bien divergentes, en una suerte de lazo místico entre Ernst Jünger y yo”. GB, “Un humaniste goethéen”, en *La Table Ronde* (“Hommage à Ernst Jünger”), invierno 1976, p. 12. V. también E. Jünger, *Radiaciones. Diarios de la Segunda Guerra Mundial II*, Tusquets, Barcelona 1992, p. 220: “La hermosa paulonia de su jardín se halla inmersa todavía en su adormecimiento invernal [París, 24 de marzo de 1944]”. Finalmente, Banine, *Ernst Jünger aux faces multiples*, L’Age d’Homme, Lausana 1989, p. 76: “Querida señora Banine, salude de mi parte a la paulonia de su jardín: es uno de mis tres árboles favoritos de la gran ciudad de París y aparece a veces en mi diarios de París”; v. también, en el mismo lugar, pp. 79-81, 83, 88, 130-131 y 213.

<sup>57</sup> Banine (1905-1992) es el pseudónimo de la escritora caucásica Umm-El-Banine Assadoulaeff, nacida en Azerbaiyán antes de la anexión soviética. Hija de una familia de ricos petroleros musulmanes de Baku, en 1924 se exilia en París para huir de los rigores de la revolución bolchevique y de un matrimonio impuesto. No tiene una obra extensa, pero sí de interés: varios libros de semblanzas y correspondencia con Ernst Jünger y tres volúmenes con sus memorias: *Jours caucasiens* (1945), Gris Banal, Montpellier 1985; *Jours parisiens*, Gris Banal, Montpellier 1990. El emocionante relato de su conversión al catolicismo se encuentra en *J’ai choisi l’opium*, Stock, París 1959. Banine es, además de amiga, vecina del matrimonio Bouthoul, pues habita en el mismo número de la calle de Lauriston.

mucha más frecuencia aparece su nombre de soltera (“B. Helfenbein” o “B. H.”) en diversas reseñas y artículos publicados también en la *Revue d’Afrique*<sup>58</sup>, serie de aparición irregular fundada y dirigida por su marido y en la que oficia de “crítica de arte”<sup>59</sup>. Después de la guerra es un puntal de las actividades del Instituto Francés de Polemología y compañera inseparable de Bouthoul en las reuniones científicas de su especialidad<sup>60</sup>.

Julien Freund recuerda de ella “su encanto y su chispa”, su interés por “los personajes extraños de la historia convertidos en leyenda, como el califa Hakim Hassan-Sabbah, llamado el *Rey de la Montaña*, o el emperador Federico II Hohenstaufen”<sup>61</sup>. Betty, como se la conoce en los ambientes de la bohemia y del esoterismo parisino<sup>62</sup>, en los que también franquea la incursión de su marido, es autora de *Le gran maître des Assassins*<sup>63</sup>, dedicado a la secta de los *Hashishins*, y *Le calife Hakim, dieu de l’an mille*<sup>64</sup>. Retratista de talento y pintora de artistas y poetas<sup>65</sup>, tiene ocasión de exponer algunos de sus penetrantes retratos en

---

<sup>58</sup> V. B. Helfenbein, reseña de Georges Hardy, *L’Art Nègre* (1927), *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, pp. 44-51; “Quelques vues sur la femme musulmane”, en *Revue de l’Afrique*, n° 2, noviembre-diciembre 1928, pp. 17-29; reseña de Paul Morand, *Paris-Tombouctou* (1928), en *Revue d’Afrique*, n° 3, enero-febrero 1929, pp. 56-60; reseña de Emile Dermenghem, *Nouveaux contes fasis* (1928), en *Revue d’Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929, pp. 50-52; reseña de León Lehuraux, *Sur les pistes du désert* (1928), en *Revue d’Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929, pp. 59-61; “La Bibliothèque Karaouyine de Fez”, en *Revue d’Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, pp. 56-58; reseña de L. Millot, *Recueil des délibérations del Djémaa du Mzab*, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1933; reseña de Baron d’Erlanger, *La musique arabe*, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1932. Otras reseñas en *Revue d’Afrique*, n° 10, 1933; n° 12, 1935. En el número 13 de 1935 publica el artículo, que no he podido consultar, “L’art au Cameroun. La Mission Labouret”.

<sup>59</sup> Así lo indica la noticia sobre la revista publicada en *Annuaire Général des Lettres*, 1931, p. 405.

<sup>60</sup> En los congresos polemológicos organizados por el Centro de Sociología de la Guerra de la universidad libre de Bruselas y celebrados en 1969 y 1972, Betty Bouthoul aparece en las relaciones de participantes. Centre de Sociologie de la Guerre, *La paix para la recherche scientifique*, Éditions de l’Institut de Sociologie, Bruselas 1969, p. 317; Centre de Sociologie de la Guerre, *Le nationalisme, facteur belligène*, Éditions de l’Institut de Sociologie, Bruselas 1971, p. 380.

<sup>61</sup> V. J. Freund, “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, p. 25.

<sup>62</sup> Lógicamente, las amistades del matrimonio con los artistas de París no pueden resultar ajenas a la situación del apartamento que durante los años veinte ocupa la pareja en el ya mencionado 23 de la calle Fontaine. Así, como recuerda una placa en el 42 de la misma calle, en este último número establece André Breton “el centro del movimiento surrealista de 1922 a 1966”.

<sup>63</sup> Armand Colin, París 1936. Nueva edición bajo otro título: *Le vieux de la montagne*, Gallimard, París 1958.

<sup>64</sup> Éditions du Sagittaire, París 1950.

<sup>65</sup> En la colección del Museo Picasso de Antibes se encuentran cuatro de sus obras: “Portrait de l’écrivain Boris Vian”, “Portrait de l’écrivain Jacques Audiberti”, “Portrait du peintre Marc Chagall” y “Portrait du poète André Verdet”. V. Danièle Giraudy, *Antibes 1928-1988. Catalogue raisonné des collections d’art moderne du musée Picasso*. [Les collections d’art moderne n°7], Éditions Musée Picasso, Antibes 1988, p. 46. Puede consultarse también *Joconde. Portail des collections des musées de France*

mayo de 1955. Un crítico de la época escribe que en sus inquietantes dibujos de Chagall, Picasso y otros cuarenta personajes célebres se desvela el secreto de Betty Bouthoul, “sin discusión posible [...] una mujer peligrosa”<sup>66</sup>.

Betty es amiga del escritor Ernst Jünger, a quien el verano de 1950 retrata y hospeda en su casa de Antibes<sup>67</sup>, en el departamento de los Alpes marítimos. Según Banine, Betty remueve Roma con Santiago hasta conseguirle un permiso para veranear en el sur de Francia, adonde ese año viaja por primera vez después de la guerra<sup>68</sup>. Invitado nuevamente por el matrimonio Bouthoul, Jünger regresa a Antibes en 1951<sup>69</sup>, pasando antes por París. Betty es también como de la familia para el poeta Jacques Prévert, quien le dedicará algunos *collages* famosos y el poema “Portraits de Betty. Portrait de Betty”, fechado en 1955. La lista de sus afinidades electivas sería muy larga. Lo cierto es que después de la Segunda Guerra Mundial Betty convierte su casa de veraneo de Antibes en un refugio para artistas alemanes y de los países del Este a la espera de obtener un visado para permanecer en Francia o viajar a otros países<sup>70</sup>.

Los ingresos del matrimonio durante los años veinte proceden del ejercicio de la abogacía en los tribunales de París, desempeño que *maître* Bouthoul nunca abandona. Bouthoul

---

([http://www.culture.gouv.fr/public/mistral/joconde\\_fr](http://www.culture.gouv.fr/public/mistral/joconde_fr)). “Antibes era la inspiración de Betty. Tenía instalado su estudio en el primer piso de la casa, una pequeña habitación circular que por la noche iluminaba plenamente la luz del faro”. Testimonio de G.-E. Sarfati. Comunicación al autor (13 de enero de 2016).

<sup>66</sup> V. D. F., “Instants de Paris”, *Journal de Genève*, 6.V.1955, p. 8.

<sup>67</sup> Una casa de cuatro alturas y una habitación por piso, en la calle de la Barbacane, a la sombra protectora del Château Grimaldi (sede del Museo Picasso), frente al faro del cabo de Antibes y sobre las murallas de la ciudad vieja. La descripción de la *Maison des Remparts* en Banine, *Ernst Jünger aux faces multiples*, pp. 104 y 116. Según la descripción de Jünger: “La casa tiene una base estrecha y forma como de torre. Los pisos, que tienen apenas una estrecha escalera y una habitación, llegan hasta una azotea desde la cual, por las noches, se ven la luces de Cannes y Niza como un tenue ribete de carbones ardiendo que enciende la costa”. V. E. Jünger, “Ein Vormittag in Antibes (1960)”, en *Sämtliche Werke*, Klett-Cotta, Stuttgart 1982, t. VI [*Reisetagebücher*], p. 389. V. también GB, “Un humaniste goethéen”, en *La Table Ronde*, invierno 1976, p. 13. Los Bouthoul adquieren esa casa poco después de la guerra por diversas razones. Una de ellas afectiva, pues a él, enamorado del Mediterráneo, la costa de la antigua Antipolis le recuerda su África natal y el horizonte de las costas de Túnez.

<sup>68</sup> “Betty [...] telefoneaba y telegrafiaba. Una dedicación tan obstinada no podía dejar de darnos las mejores esperanzas [...] Pobre Betty Bouthoul: incansable cazadora de visados”. Banine, *Ernst Jünger aux faces multiples*, pp. 102-103.

<sup>69</sup> También después, en numerosas ocasiones, con otros pretextos y otras amistades. V. E. Jünger, *Pasados los setenta II. Diarios (1971-1980)*, Barcelona, Tusquets 2006, p. 41.

<sup>70</sup> A todas esas visas y pasaportes alude justamente el poema de Prévert: “passeports pour / les étrangers”. V. J. Prévert, *La pluie et le beau temps*, Gallimard, París 1975, p. 85.

tiene a su cargo, desde finales de los años cuarenta, los asuntos del Consulado General de México en París<sup>71</sup>. Representa junto a su mujer a clientes destacados como Henri Langlois, fundador de la Cinémathèque française<sup>72</sup>, el poeta Jacques Prévert o los hijos naturales del pintor Pablo Picasso<sup>73</sup> en procesos civiles muy sonados<sup>74</sup>. En cualquier caso el matrimonio vive desahogadamente, gracias también a las rentas de los progenitores de los cónyuges.

De una familia acomodada y bien casado con la hija de un próspero comerciante, Bouthoul opta sin embargo por una carrera académica, a la verdad muy difícil entonces en Francia para quien no pertenece al planeta “normaliano” (*normalien*). Sus afinidades

---

<sup>71</sup> Así lo señala el diplomático de origen español naturalizado mexicano José María Rodríguez de Mendoza (1893-1967) en una carta a Max Aub (1903-1972), español de origen pero también nacionalizado mexicano. Rodríguez de Mendoza le comunica al escritor hispano-mexicano, reputado comunista por las autoridades francesas, que ha puesto el asunto de la denegación de su visado para viajar a Francia en manos de Bouthoul. En la carta, con membrete de la Embajada de México en París y fechada el 16 de diciembre de 1956, se recoge también una breve semblanza intelectual y profesional de Bouthoul: “se encarga de los asuntos del Consulado Gral. de México [y] está condecorado con el Águila Azteca”. Fundación Max Aub: (AMA) caja 36-4/23 *recto*.

<sup>72</sup> Betty, abogada permanente de Henri Langlois (1914-1977) en los años 50, le representa en el proceso civil contra la Fédération Internationale des Archives du Film (FIAF), obteniendo el secuestro judicial de los archivos y contabilidad de su secretaria. La FIAF, fundada por Langlois y otros colaboradores cinéfilos en 1938, reprocha a Langlois su negligencia en la custodia del material filmico cedido por otras cinematecas, calcinado en el incendio de la sede de la Cinemateca Francesa del 10 de julio de 1959. Langlois reacciona en enero de 1960 constituyendo una sociedad (ficticia) según la Ley de 1901 y usurpando el nombre de la FIAF, cuyos estatutos nunca fueron depositados. En 1965 Langlois accede a disolver la falsa FIAF, aunque diversas maniobras dilatorias retrasan la entrega de sus archivos y fondos a la verdadera FIAF. V. Pierre Barbin, *La Cinémathèque française 1936-1986. Inventaire et légendes*, Librairie Vuibert, París 2005, pp. 74-81. El General Carrère, sin embargo, atribuye erróneamente la dirección del proceso a Gaston Bouthoul. Cfr. R. Carrère, “Bouthoul, Gaston, 1896-1980”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, p. 68. En cualquier caso, la relación entre Langlois y Bouthoul es tan estrecha como para participar ambos en 1947 en la fundación de la Union Mondiale du Documentaire, otra prueba de la variedad de intereses y registros culturales del sociólogo.

<sup>73</sup> Gaston Bouthoul, representante de los intereses de tres hijos naturales de Pablo Picasso: Claude y Paloma, habidos en la relación con Françoise Gilot, y Maya, habida en una relación anterior con Marie-Thérèse Walter, insta el reconocimiento de paternidad ante el tribunal de Grasse (ciudad cercana a Antibes) en 1970. La reclamación es rechazada, pero tres semanas después de la muerte de Picasso (8 abril 1973), aprovechando las reformas legislativas de enero de 1972, las cuales permiten el reconocimiento del derecho a la herencia de los hijos “ilegítimos” o “adulterinos”, se inicia una nueva acción, ciertamente no exenta de dificultades, pues ciertas limitaciones en cuanto a la edad de los hijos reclamantes y los términos de caducidad de la acción civil impuestos por el decreto de reforma parecen excluir una resolución favorable. La excesiva prudencia de Bouthoul no conviene ya a los demandantes y le sustituyen por Georges Izard, con anterioridad abogado de Picasso en la querrela de este contra Calmann-Lévy por la publicación de *Vivre avec Picasso* (1965), de Françoise Gilot. V. Gerald McKnight, *Bitter Legacy. Picasso's disputed millions*, Londres & Nueva York, Bantam Press, 1987, capítulos 5 y 7.

<sup>74</sup> La biografía de Louise Weiss le presenta como “abogado sociólogo muy conocido en París” por “los grandes éxitos de sus alegatos ante los tribunales”. V. C. Bertin, *Louise Weiss*, Albin Michel, París 1999, p. 443.

intelectuales, alejadas de la sociología durkheimiana, hegemónica en las universidades y grandes escuelas francesas, dificultan aún más su integración en los ambientes académicos. Hay en Bouthoul, desde sus primeros trabajos, como una tacha de diletantismo que, lejos de borrarse, se agranda con el tiempo y que él mismo, interesado por los asuntos más dispares, desea cultivar privadamente. Prueba de ello es su afiliación al Club des Savanturiers, estrambótica sociedad secreta fundada por el artista Boris Vian y el literato Raymond Queneau en el bar de la Reliure de París el 26 de diciembre de 1951. En la casa de Bouthoul el club se transforma en la Société d'Hiperthétique el 22 de octubre de 1953. Al año siguiente, presidido por Queneau y con François Le Lionnais, Vian y Bouthoul como vicepresidentes, esta se transforma a su vez en el Cercle du Futur...<sup>75</sup>

La línea que separa el enciclopedismo del diletantismo no es siempre una frontera clara, lo que sin duda perjudica a las minervas más curiosas. El prejuicio científico contra todo aquello que prima facie se presenta como *amateurisme*, generalizado en la academia francesa, aunque no solo en ella, determina en buena medida el fracaso de la aventura intelectual de la polemología, ciencia identificada durante varias décadas con su creador y reducida al estrechismo sociológico de una presunta y exclusiva causalidad demográfica de las guerras, en rigor nunca considerada única por Bouthoul, quien generalmente se refiere a un complejo de causas demoeconómicas y psicológicas. No es menos cierto que la consciente ubicación del autor en la periferia de las ciencias sociales institucionalizadas puede tener también que ver con su inconformismo, marca del carácter de Bouthoul, cuya voluntad es reacia a plegarse a los convencionalismos, formalidades y servidumbres de la vida académica. Tal vez es esa la razón última de su renuncia, en dos ocasiones, a los concursos para la agregación universitaria en los que, según Hervé Savon, es recibido<sup>76</sup>. Hay como una incompatibilidad entre el temperamento hidalgo del polemólogo y la seca rutina de la vida académica, pues señala también Savon que “la corrección de los

---

<sup>75</sup> V. Marc Lapprand, *V comme Vian*, Les Presses de l'Université Laval, Québec 2006, p. 159. Sobre Queneau hay un buen retrato literario en B. Vian, *Manuel de Saint-Germain-des-Prés*, Le Livre de Poche, París 2002, pp. 196-198.

<sup>76</sup> Comunicación escrita al autor de H. Savon (22 de febrero de 2010). No he podido documentar esta información. Sí me consta, en cambio, el interés de Bouthoul por el concurso de agregación a las facultades de derecho de 1932, sección de ciencias económicas. Más detalles *infra* § 6.1.

exámenes al terminar el curso era para él un suplicio, lo que le hace renunciar muy pronto a la enseñanza”.

## 2. La Sorbona, *alma mater*

Durante los años veinte Gaston Bouthoul se forma en los terrenos de encrucijada de la sociología francesa, pues vive a caballo entre la estadística social, un enciclopedismo próximo a la filosofía de las ciencias sociales y el durkheimismo, los tres grupos estructurales de la sociología científica a principios del siglo XX según la distinción de T. N. Clark<sup>77</sup>, superada no obstante por trabajos posteriores, particularmente el de Laurent Mucchielli, que abarca el periodo decisivo de 1870 a 1914<sup>78</sup>. Una seña de identidad de la sociología Bouthoul es, en todo caso, su “[inevitable] faceta enciclopédica”<sup>79</sup>, de la que son expresión prototípica los dos primeros tomos de su tratado de sociología, abigarrado paisaje en el que no hay certeza de las fronteras entre las distintas disciplinas científicas que, desde el último tercio del siglo XIX, concurren en la formalización de la sociología científica.

Pitirim A. Sorokin, cuya intimidad con la intrahistoria de la sociología se pone de manifiesto es su gran suma sociológica, inmediatamente anterior a la Segunda Guerra Mundial, un exhaustivo tratado sobre las teorías sociológicas de su tiempo, no podría decir de esos dos tomos del *Traité* que son un “jardín cuidadosamente rastrillado”, sino

---

<sup>77</sup> V. T. N. Clark, *Prophets and Patrons*, pp. 2-3.

<sup>78</sup> V. L. Mucchielli, *La découverte du social. Naissance de la sociologie en France (1870-1914)*, París, Éditions de la Découverte, 1998, espec. II parte. El libro de Mucchielli estudia no tanto las distintas disciplinas concurrentes en la institucionalización de la sociología científica y académica, sino sus lábiles fronteras de esta última con la biología, la criminología, la psicología (con la que se entabla “un diálogo esencial”), la lingüística, la geografía, la historia, la etnología y la economía política.

<sup>79</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 97. El enciclopedismo sociológico es complemento de la Sociología sintética o general, a la que según Bouthoul no se puede renunciar, pues se trata del “tronco común con el que [las sociologías particulares] deben estar en contacto permanente para evitar una dispersión definitiva”. GB, “La sociologie et l’ethnologie”, en M. Mourre (Ed.), *Dictionnaire des idées contemporaines*, Éditions Universitaires, París 1966, p. 81.

“un bosque semisalvaje”<sup>80</sup>. Comparados con otros tratados sociológicos de la posguerra – los de la “sociología descriptiva”<sup>81</sup> o analítica, por ejemplo–, los de Bouthoul tienen una punta de anacronismo que netamente los diferencia: por estructura, por la bibliografía citada, incluso por el lenguaje<sup>82</sup>. Sorokin había vaticinado en 1938 que “dentro de unas décadas los manuales de sociología sería tan distintos [a los de ahora] como los tratados de biología anteriores a Lamarck y Darwin a los tratados de biología actuales”<sup>83</sup>. Desde luego, no se equivoca; si acaso, en la velocidad de la transformación, pues lo que él estima décadas serán apenas unos años.

Los años veinte y treinta son para Bouthoul una etapa marcada por la tensión entre los restos de las escuelas y clústeres sociológicos dominantes de la preguerra<sup>84</sup>, fundamental en su formación intelectual y, acaso más, en su proyecto académico personal, que entonces pasa por la elaboración de las dos disertaciones preceptivas del doctorado en derecho<sup>85</sup>, por la colación de un segundo doctorado en letras y por los intentos, a la sazón fallidos, de hacer carrera, en París o Burdeos, más o menos convencido de ello.

Bouthoul no consigue, no sabe o no desea conservar la posición universitaria que anhela, volcando entonces todo su esfuerzo en el Instituto Internacional de Sociología, fundado y dirigido por René Worms, y en instituciones académicas de segundo orden como la École des Hautes Études Sociales o EHES (Escuela Superior de Estudios Sociales). Sin perjuicio de su colaboración con otras instituciones paraacadémicas de investigación y docencia como la École Nationale de la France d’Outre-Mer o ENFOM (Escuela Nacional de la

---

<sup>80</sup> V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, Payot, París 1938, p. 458.

<sup>81</sup> Este es el panorama de la sociología de posguerra según Bouthoul: auge de la sociología descriptiva, estancamiento, incluso regresión de la sociología especulativa y, por último, regresión de la “sociología objetiva tal y como la conciben Durkheim, Simiand y Granet, incluso en Francia, su patria electiva”. GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, Gallimard, París 1957, p. 185.

<sup>82</sup> Hay un claro paralelismo, en cuanto a su trasfondo enciclopédico, entre el *Traité de sociologie* de Bouthoul y los de F. Ayala, *Tratado de sociología*, Losada, Buenos Aires 1947, 3 t. y L. Recaséns, *Tratado general de sociología*, Porrúa, México 1956. Cfr. *infra* nota 297. En cualquier caso, buena parte del texto del primer tomo del *Traité* de Bouthoul proviene de los años treinta. V. *infra* cap. 5, nota 8.

<sup>83</sup> V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 547.

<sup>84</sup> Notoriamente los grupos de Worms y Durkheim, mucho más heteróclito y accidental el del primero. Otras grandes personalidades de ese periodo como Tarde o le Bon, sin discípulos ni revistas ni instituciones que sustenten y desarrollen su obra, simplemente terminan eclipsadas.

<sup>85</sup> Este sistema de doble disertación se mantiene en la universidad francesa hasta los años sesenta. A principios del siglo XX son todavía muy numerosas las tesis secundarias redactadas en latín.

Francia de Ultramar), su figura está fuertemente vinculada al Instituto Internacional de Sociología, hechura de Worms.

Este es el trasfondo biográfico en el que Bouthoul se forja su concepto enciclopédico de la sociología, sin duda arcaizante, y perfila la compostura de esta con la psicología, incoa una sociología de las mentalidades y anticipa una sociología del tiempo, escribe sobre demografía y economía colonial, medita sobre las funciones y periodicidad de las guerras y comienza, en suma, su esforzado *cursus honorum* en las aulas de la universidad de París.

La primera vez que el nombre de Gaston Bouthoul es mencionado en la *Revue Internationale de Sociologie* el redactor precisa que este joven sociólogo es “licenciado en letras y derecho” (*licencié ès lettres et en droit*)<sup>86</sup>. Bouthoul, en efecto, se licencia en letras por la Sorbona (fórmula *ancien régime*) en julio de 1917<sup>87</sup>; en julio del año siguiente también en derecho por la universidad de Lyon con la calificación “A. B.” (*assez bien*)<sup>88</sup>, que puede considerarse una buena puntuación, si bien no sobresaliente. Aunque había comenzado estudios en la Sorbona en mayo de 1916, dos años después, en mayo de 1918, traslada su expediente a Lyon “por las circunstancias actuales”, es decir, a causa de la guerra y el cierre de la Sorbona. Unos días antes del armisticio Bouthoul solicita de nuevo el traslado a París para continuar sus estudios y doctorarse allí en derecho.

En la Sorbona tiene como profesores<sup>89</sup> a Charles Rist, Jean Lescure, Albert Aftalion, André Lalande<sup>90</sup> y Fernand Faure<sup>91</sup>, primer titular de una cátedra francesa de estadística

<sup>86</sup> *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, nº 3-4, marzo-abril de 1922, p. 171.

<sup>87</sup> En el expediente de su doctorado por Burdeos se menciona la fecha de expedición de su diploma de licenciado en letras en un certificado de colación del doctorado en letras de 7 de marzo de 1931: “A la vista del diploma de licenciado en letras expedido el 11 de julio de 1917”. (ADG) 5399 W 28.

<sup>88</sup> Para las noticias de la vida universitaria de Bouthoul *v.* los expedientes ya citados de los archivos departamentales con sede en Lyon y Burdeos y los nacionales de París: (ADR) 514 W 34, (ADG) 5399 W 28 y (AN) AJ/16/1818.

<sup>89</sup> El cuadro docente completo de las Facultades de letras y derecho en A. Croiset, “La Faculté des lettres”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, pp. 42-43, y F. Larnaude, “La Faculté de droit”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, p. 90.

<sup>90</sup> André Lalande (1876-1963), doctor *ès lettres* por la Sorbona en 1899, catedrático de Filosofía de la Sorbona y numerario de la Academia de Ciencias Morales y Políticas desde 1922. Las dos facetas más representativas de su pensamiento son la crítica al evolucionismo, al que opone la tesis de la disolución homegeneizadora y la elaboración de un vocabulario sistemático unificado para la filosofía (1902-1923). *V.* A. Lalande, *La dissolution opposée à l'évolution dans les sciences physiques et morales*, Félix Alcan, París, 1899; *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, París, P. U. F., 2010. José Ferrater Mora, “Lalande, André (1867-1963)”, en *Diccionario de filosofía*, Círculo de Lectores, Barcelona 1991, t. 3, p. 1903.



en los curso de doctorado de la facultad de derecho de París. A sus respectivos magisterios se refiere muy afectuosamente en notas marginales de su obra. Según su propio testimonio, Bouthoul profesa como asistente de todos ellos con la excepción de Lalande.

“Permítaseme evocar [...] con afecto y agradecimiento el recuerdo de mis maestros Charles Rist, Jean Lescure y Albert Aftalion. He sido alumno y asistente de los tres en la facultad de derecho de París”, escribe en *L’infanticide différé*<sup>92</sup>. Bouthoul, que sigue los cursos de economía política y estadística de los profesores citados, no es alumno de Aftalion<sup>93</sup> cuando estudia la licenciatura en derecho, tampoco durante los cursos de doctorado, pues el economista llega a la Sorbona a finales de 1923.

De Aftalion, Lescure y Faure aprende la metodología estadística que utiliza después en sus investigaciones sobre demografía. De los dos primeros, además, recibe la sugestión del carácter cíclico de las crisis económicas, idea directora que aplica al estudio de los movimientos de la población y, finalmente, del fenómeno-guerra. Aftalion precisamente introduce nuevos útiles técnicos en sus trabajos, particularmente estadísticos,

<sup>91</sup> Fernand Faure (1853-1929). Licenciado en derecho por la universidad de Burdeos. Encargado de cátedra de economía política en las universidades de Douai (1877-1880) y Burdeos (1880-1885). Diputado por la Gironda entre 1885-1889. En 1892 llega a la Sorbona como catedrático de estadística de la facultad de derecho, impartiendo su docencia en los cursos de doctorado. Es autor de un compendio de estadística: *Éléments de statistique*, París, Sirey, 1906. Dirige desde 1901 la *Revue Politique et Parlementaire* y en 1924 es elegido senador por la Gironda. V. Edouard Julia, “Fernand Faure”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. CXLI, n° 420, pp. I-II; H. Truchy, “Fernand Faure”, en *Bulletin de l’Institut International de Statistique*, vol. XXIV, n° 1, 1930, pp. 360-361; Jean Jolly (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, P. U. F., París 1960, p. 1 661. Adolphe Robert y Gaston Cougny (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français*, Bouloton, París 1890, t. 2, p. 612.

<sup>92</sup> GB, *L’infanticide différé*, Hachette, París, 1970, pp. 184-185, nota 1. La misma indicación para F. Faure, “mi maestro [...] de quien he sido asistente en la facultad de derecho de París”. GB, *Traité de sociologie*, t. II : *Sociologie dynamique*, Payot, París, 1954, p. 42. Sobre A. Lalande: GB, “*Une sociologie de la paix*, par Robert Bosc”, en *Guerres et Paix*, n° 1, 1966/1, p. 59; GB, *Sociologie de la politique*, París, P. U. F., 1967, P. 16 ; GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 30.

<sup>93</sup> Albert Aftalion (1874-1956), de origen búlgaro, estudia derecho en la Sorbona y se doctora con una tesis sobre *L’oeuvre économique de Sismonde de Sismondi*, Pédone, París 1899. Catedrático de economía política e historia de las doctrinas económicas en la universidad de Lille entre 1906 y 1923. Catedrático de estadística en París de 1923 a 1934, y de economía política hasta su expulsión de la carrera en 1940 por la legislación antijudía. Aftalion anticipa la econometría al recurrir a la estadística y las matemáticas en sus investigaciones sobre las crisis económicas periódicas. En su tratado económico más importante desarrolla la noción de crisis económica periódica originada por causas endógenas. V. A. Aftalion, *Les crises périodiques de surproduction*, Marcel Rivière, París 1913, 2 t. V. *Cahiers Lilois d’Économie et de Sociologie*, n° 39, 2003, monográficamente dedicado a Aftalion. Incluye una biografía intelectual y diversos trabajos sobre su investigación sobre Sismondi, la aplicación de la estadística a la Economía política, la naturaleza endógena del ciclo económico y su teoría de los tipos de cambio.

contribuyendo así a emancipar la economía política de la tutela de las ciencias jurídicas, característica de la generación de Charles Gide<sup>94</sup>.

### 3. Doctorado en derecho

Bouthoul se doctora en derecho por la Sorbona, con una doble mención en ciencias jurídicas y en ciencias políticas y económicas<sup>95</sup>. El 19 de julio de 1924 presenta al efecto una disertación sobre *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*<sup>96</sup>. Dos años antes, el 14 de junio de 1922, defiende la preceptiva tesis secundaria: *Étude sociologique des variations de la natalité dans les faits et la doctrine*<sup>97</sup>.

#### 3.1. Política social

El estudio sobre el ocio de Gaston Bouthoul es un trabajo de planteamiento sencillo que abunda en la orientación de la Economía Social francesa cultivada por economistas como Charles Gide y Charles Rist, próxima desde un punto de vista metodológico a la Nueva Escuela Histórica Alemana de Gustav Schmoller y su vasto círculo de economistas e historiadores del Verein für Socialpolitik<sup>98</sup>. El tribunal que la aprueba lo preside Jean

---

<sup>94</sup> V. V. Karady, “Les universités de la Troisième République”, en J. Verger (Ed.), *Histoire des Universités en France*, Privat, Tolosa de Francia, 1986, p. 345. Esta “emancipación” por la vía de la “economía social”, explorada por Charles Gide y su continuador Charles Rist, confluye con la “estrategia de sustitución de la economía política por la sociología”, deriva característica de la sociología francesa, de Comte a Bourdieu pasando por Durkheim. V. Ph. Steiner, “La tradition française de critique sociologique de l'économie politique”, en *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n° 18, 2008/1, p. 65.

<sup>95</sup> Desde la reforma del doctorado en derecho de 1895, este es doble, estableciéndose una mención en ciencias jurídicas y otra en ciencias políticas y económicas. V. F. Larnaude, “La Faculté de droit”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, pp. 83-84. Por otro lado, el decreto que regula el nuevo doctorado en derecho establece las condiciones para la obtención de la doble mención: pasar los exámenes orales correspondientes a las dos menciones y presentar dos tesis doctorales, cada una de ellas relativa a la temática de su mención. V. artículo 7 del decreto de 30 de abril de 1895 sobre el diploma del doctorado en derecho (*JORF* de 2 de mayo de 1895, pp. 2 528-2 529).

<sup>96</sup> Marcel Giard, París 1924.

<sup>97</sup> Marcel Giard, París 1922.

<sup>98</sup> V. Joseph A. Schumpeter, *Historia del análisis económico*, Ariel, Barcelona 1995, pp. 877-902. Cfr. Franz Böse, *Geschichte des Vereins für Socialpolitik, 1872-1932*, Duncker und Humblot, Berlín 1939.

Lescure y actúan como sufragantes o vocales William Oualid<sup>99</sup>, recién llegado este último a París desde la facultad de derecho de Estrasburgo, y René Maunier<sup>100</sup>, entonces encargado de curso en la facultad de derecho de Burdeos. La calificación es no obstante mediocre: un suficiente (*passable*). Años después evoca Bouthoul los enormes apuros que pasa para que la tesis sea admitida, pues “es considerada poco seria”. “Se acepta al *homo sapiens*, al *homo faber*, al *miles gloriosus* y al *homo furiosus*, ¡pero no al *homo ludens!*”<sup>101</sup>.

Bouthoul diserta sobre la evolución histórica de la jornada laboral y los días feriados, distribución del tiempo de trabajo vinculada generalmente a las manifestaciones religiosas, al menos hasta la primera mitad del siglo XIX, a su juicio el periodo más miserable de la

---

<sup>99</sup> Israël William Oualid (1880-1942) se licencia en Derecho por la Escuela de Derecho de Argel, dependencia de la facultad de derecho de Aix-en-Provence, en 1904. A continuación pasa a la metrópoli para obtener el doctorado con una tesis de economía política (*Le libéralisme économique en Angleterre*, s. n., París 1906) y otra de derecho colonial (*Le nantissement immobilier en droit indigène algérien*, s. n., París 1907). Fracasa en su primer concurso para la agregación en economía política. A cambio se incorpora al equipo técnico del Ministerio de Trabajo. En 1912 es nombrado *chargé de conférences* en la facultad de derecho de París. Colabora con asiduidad en la *Revue d'Économie Politique*, fundada y dirigida por Charles Gide. Inmediatamente después de la guerra consigue el tercer puesto en la agregación de economía política. Entre 1920 y 1924 ocupa la cátedra de economía política de la universidad de Estrasburgo. Durante algún tiempo es redactor de *L'Europe Nouvelle*, la revista impulsada por Louise Weiss. Regresa a la universidad de París y enseña diversas asignaturas hasta que en 1930 consigue cátedra en la Sorbona. Tiene una intensa actividad política centrada en la inmigración judía. Después del armisticio es transferido a la universidad de Montpellier, en donde desempeña las funciones docentes hasta su expulsión de la universidad por aplicación de la legislación de Vichy. V. Valérie Assan, “Israël William Oualid, juriste, économiste, professeur des universités”, en *Archives Juives*, vol. 46, n° 1, 2013, pp. 130-143.

<sup>100</sup> El colonialista René Maunier (1887-1951) obtiene el grado de doctor en ciencias jurídicas, económicas y políticas con sendas tesis sobre *La localisation des industries urbaines*, Giard et Brière, París 1909, y *Droit et économie politique*, Giard et Brière, París 1910. Miembro de la Sociedad de Sociología de París, en cuyos trabajos colabora activamente, particularmente como redactor de la *Revue Internationale de Sociologie*, durante los años 10, antes de apartarse del círculo de René Worms y aproximarse al de Émile Durkheim y *L'Année sociologique* gracias al magisterio de Marcel Mauss recibido en la Escuela de Etnografía de París. En 1926 ocupa la cátedra de legislación colonial en la facultad de derecho de París, pero antes ha sido encargado de cátedra en la universidad de Lille (1910), residente varios años en El Cairo (1911-1918) y Argel (1923-1925), en donde enseña derecho y sociología, y encargado de curso en la universidad de Burdeos (1919-1922). Su obra más importante es *Sociologie coloniale*, Domat-Montchrestien, París 1932, 1936, 1942, 3 t. V. Santi Nava, “René Maunier, sociologue de la colonisation”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 47, n° 3-4, marzo-abril 1939, pp. 177-184; Jean-Robert Henry, “Maunier, René (1887-1951)”, en François Poullion (Éd.), *Dictionnaire des orientalistes de langue française*, Karthala, París 2008, pp. 665-666; Alain Mahé, “Un disciple méconnue de Marcel Mauss: René Maunier”, en *Revue Européenne des Sciences Sociales*, vol. XXXIV, n° 105, 1996, pp. 237-264. Además J.-P. Callède, *Sociologie des jeux, des sports et de l'éducation physique*, pp. 236 ss., 318 ss. y espec. 349-350; también de este último: “La problématique du ‘contact’ et l'enjeu du corps en situation coloniale selon René Maunier”, en *Hommes et migrations*, n° 1289, enero-febrero 2011, pp. 10-18. V. *infra* cap. 2, § 1, espec. nota 78, sobre su seminario de etnología jurídica de la Sorbona y la colección por él dirigida “Études de Sociologie et d'Ethnologie Juridiques”.

<sup>101</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, Albin Michel, París 1972, p. 116.

historia para la existencia de las clases trabajadoras<sup>102</sup>. Se acentúa desde entonces la escisión entre el descanso fisiológico (*repos*) del hombre que trabaja y el ocio (*loisir*), aunque solo este es propiamente humano<sup>103</sup>. Es cierto que la preocupación por el ocio no es una novedad: las fiestas religiosas más antiguas no solo estrechan los vínculos sociales y expresan, con símbolos, lo inefable, sino que también constituyen “una suerte de legislación social precursora, la necesidad reconocida de ocio impuesta a todos”<sup>104</sup>. El retroceso de la religión desencadenado por el racionalismo de la Edad Moderna contribuye al aislamiento del trabajo de la sociabilidad, a su extracción de la vida social, pues en eso consiste la “profesionalización” de la labor, condición de la ulterior proletarización de la vida humana<sup>105</sup>. La situación resulta particularmente grave a lo largo del siglo XIX, pues los escasos ocios obreros, apartados de la vida nacional, no sirven al perfeccionamiento de la persona sometida a jornadas de trabajo extenuantes.

Bouthoul expone la situación del obrero en Grecia y Roma, en las edades media y moderna, así como la evolución de la reducción de la jornada de trabajo desde el límite de doce horas fijado en 1848 a las ocho horas establecidas por la ley francesa del 23 de abril de 1919. A continuación estudia las consecuencias de la reducción de la jornada, pues según algunos de sus detractores el aumento del tiempo libre tiene un efecto negativo sobre el incremento del consumo de alcohol. A juicio de Bouthoul, las correlaciones estadísticas demuestran lo contrario: una menor incidencia del alcoholismo<sup>106</sup>. Dignas de mención son también las orientaciones sobre la política social de las ciudades jardín, los huertos obreros y las universidades obreras o populares para la instrucción de los trabajadores que se encuentran en la tesis. En estas instituciones y en la percepción de un salario suficiente ve Bouthoul las condiciones para que la jornada máxima legal de ocho horas pueda dar los frutos que se esperan de ella<sup>107</sup>.

---

<sup>102</sup> GB, *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, pp. 101-102.

<sup>103</sup> GB, *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, p. 11.

<sup>104</sup> GB, *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, p. 14.

<sup>105</sup> En el mismo sentido v. J. Pieper, *El ocio y la vida intelectual*, Rialp, Madrid 1979, pp. 52-56. Cfr. E. Jünger, *El trabajador. Dominio y figura*, Tusquets, Barcelona 1990, *passim*.

<sup>106</sup> GB, *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, pp. 129 y ss.

<sup>107</sup> GB, *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, p. 147.

### 3.2. Sobre la oligantropía

La tesis secundaria, *Étude sociologique des variations de la natalité dans les faits et la doctrine*, es juzgada por un tribunal presidido por Louis Germain-Martin<sup>108</sup> y asistido por Fernand Faure y Camille Perreau<sup>109</sup> que la califica también con un *passable*. Consiste en una revisión parcial de la literatura sobre el “hecho social” de la disminución de la natalidad (oligantropía) a lo largo del siglo XIX. No se trata, desde luego, de una investigación original, sino deudora de unas pocas monografías demográficas, clásicas a la sazón o, cuando menos, representativas de un estado de opinión en Francia. No obstante, en sus páginas puede verse *in statu nascendi* su doctrina sobre la funcionalidad demográfica de las guerras. Es por ello, ciertamente, un trabajo de más relieve que la tesis principal, al menos en la perspectiva de la ulterior evolución intelectual de su autor<sup>110</sup>. Las alusiones a la correlación entre las líneas de fuerza de la política internacional y la presión demográfica, a las razones (de fisiología social) del exutorio bélico o a la causalidad demográfica de los grandes acontecimientos históricos, anticipan, también semánticamente, sus teorías polemológicas<sup>111</sup>.

La época de entreguerras conoce el florecimiento de los estudios demográficos en Europa y en los Estados Unidos. De una forma u otra, todos se suman bien a la corriente populacionista que advierte contra los peligros del decrecimiento, particularmente de la baja natalidad (*dénatalité*), bien a la neomaltusiana, denunciando los peligros de un

---

<sup>108</sup> Louis Germain-Martin (1872-1948) era catedrático de economía política e historia de las doctrinas económicas en la facultad de derecho de la universidad de Dijon.

<sup>109</sup> En la mención de los dos sufragantes del tribunal tan solo se indica “M. Perreau, professeur”. Aunque no se indica el patronímico debe tratarse de Camille Perreau (1866-1952), profesor de economía política en la facultad de derecho de Aix-en-Provence, diputado por la circunscripción Bouches-du-Rhône entre 1898 y 1902 y desde entonces profesor de economía política en la facultad de derecho de París. V. Jean Jolly (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, pp. 2 652-2 653. C. Perreau obtiene el grado de doctor en derecho en la universidad de Dijon con las preceptivas tesis sobre derecho romano (*Étude de la règle “A persona heredis incipere non potest obligatio”*) y derecho francés (*Des dispositions à titre gratuit dans leurs rapports avec la filiation naturelle*) en 1889. En 1890 obtiene una agregación para la facultad de derecho. Su obra más importante es *Cours d'Économie Politique*, F. Pichon et Durand-Auzias, París 1914-1916, 2 t., reeditada en varias ocasiones hasta 1935-1936.

<sup>110</sup> En todo caso, los dos libros pasan desapercibidos para otros especialistas, hecho que no es extraordinario en este tipo de publicaciones de escritores noveles. No encuentro más reseñas o menciones en las bibliografías de las revistas científicas o especializadas que he podido consultar que la breve noticia sobre *La durée du travail et l'utilisation des loisirs* publicada en la *Revue du Travail*, vol. X, n° 6, diciembre 1924, p. 1149.

<sup>111</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, pp. 17, 34 y 46.

crecimiento desordenado. La demociología fija en los años treinta el concepto de transición o revolución demográfica, a cuya sombra se desarrollan las más variadas investigaciones sobre el ciclo y las curvas de la población, también, por supuesto, sobre el retroceso de la natalidad, generalizado desde principios del siglo XIX, primero en Francia y después en otros países y detectado cincuenta años antes<sup>112</sup>.

El estudio sobre las variaciones de la natalidad de Bouthoul presenta algunos de los criterios relativos y no racionalmente necesarios que determinan los movimientos de población. Su punto de partida está en la actitud preventiva o desconfiada del sociólogo frente a la creencia, más o menos generalizada, en el carácter instintivo y natural o espontáneo de las fluctuaciones demográficas, epistemología realista que inspira también, por cierto, su método polemológico y su concepción general de la sociología.

Las creencias o inercias intelectuales en materia de población vigentes en otras épocas históricas se ven alteradas, poco a poco desde el siglo XIX, por la tendencia de la natalidad y particularmente de la procreación a convertirse en un acto voluntario y reflexivo<sup>113</sup>. Destaca Bouthoul la transformación de la mentalidad tradicional en este punto: cuando lo normal es la procreación, la reflexión condiciona la abstinencia sexual; en cambio, modernamente, cuando la conducta normal empieza a ser la *no* procreación, lo que entonces requiere una evaluación consciente y reflexiva es el mismo acto genésico<sup>114</sup>. Por eso puede sonar a paradoja que la inhibición procreadora, consecuencia de la racionalización, se convierte en el acto “habitual” e “irreflexivo”.

Distingue Bouthoul los factores concurrentes y concausas de las mutaciones históricas<sup>115</sup>. Factores históricos (imperialismo, exutorios bélico y migratorio), sociales (tono o vitalidad de la sociedad, moralidad, organización familiar, regulación de la herencia) y económicos (estructura de la propiedad, renta de la tierra, salarios, crisis capitalistas, “capilaridad social”) son presentados esquemáticamente para dilucidar su influencia sobre la retracción de la natalidad. Lo más destacado de esta breve y ecléctica tesis, particularmente dependiente de los estudios teóricos y estadísticos sobre la población de Gustave

---

<sup>112</sup> V. *infra* cap. 3, § 3.

<sup>113</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 7.

<sup>114</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 22.

<sup>115</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 46.

Cauderlier<sup>116</sup>, Émile Levasseur<sup>117</sup>, Jacques Bertillon<sup>118</sup> y Arsène Dumont<sup>119</sup>, es la incoación de algunos de los presupuestos de su sociología dinámica: por un lado, el escepticismo, reforzado después por la impronta de Vilfredo Pareto, ante todo fenómeno social reputado voluntario y reflexivo, pues precisamente, argumenta Bouthoul, si algo enseña la psicología es que “la naturaleza no es pródiga en hechos conscientes”<sup>120</sup>; por otro lado, la existencia de una tendencia en el organismo social cuya finalidad es la autodestrucción. Hay en la fisiología social, según Bouthoul, como “una necesidad de eliminación periódica

---

<sup>116</sup> Gustave Cauderlier es un ingeniero y estadístico belga autor de varios estudios sobre las leyes de la población en Bélgica (1900) y Francia (1902). Cauderlier reformula críticamente las leyes de la población de Robert Malthus y precisa que la adaptación de la población a los medios de subsistencia es operada por la inmigración y por la disminución voluntaria de los matrimonios y fecundidad femenina. V. Adolphe Coste, “Les lois de la population d’après M. Gustave Cauderlier (rectification de la loi de Malthus)”, en *Journal de la Société Statistique de Paris*, vol. 42, 1901, pp. 9-22, comunicación a la Sociedad de Estadística de París en la sesión del 21 de noviembre de 1900.

<sup>117</sup> El economista liberal y normaliano Émile Levasseur (1828-1911) ocupa hasta su muerte la cátedra de geografía, historia económica y estadística creada para él en el Colegio de Francia en 1871. Estudioso de las perturbaciones monetarias causadas por la fiebre del oro y las clases obreras, es autor del importante tratado, en tres tomos: *La population en France*, Rousseau, París 1889, 1891, 1892. El tomo primero de esta obra, que hace época en la demografía francesa hasta los desarrollos científicos de Adolphe Landry y Alfred Sauvy, viene precedido por una “Introduction sur la statistique”: se recalca en ella que toda generalización estadística, no obstante su utilidad, es una abstracción. V. Jean Brunhes, “Émile Levasseur”, en *The Geographical Journal*, vol. 38, n° 4, octubre 1911, pp. 437-439.

<sup>118</sup> Jacques Bertillon (1851-1922), demógrafo natalista, estudia el despoblamiento de Francia y su más severa consecuencia: el *finis Galliae*. En 1896 funda la Alianza Nacional para el Crecimiento de la Población Francesa (*Alliance Nationale pour l’Acroissement de la Population Française*) con el objetivo de concienciar a la opinión pública sobre los males de la despoblación y aconsejar el modo de remediarlos. V. J. Bertillon, “Le problème de la dépopulation: Le Programme de l’Alliance Nationale pour l’Acroissement de la Population Française”, en *Revue Politique et Parlementaire*, 4° año, t. XII, abril-junio 1897, pp. 532-574. Bertillon, basándose en las investigaciones de É. Levasseur sobre la evolución demográfica de Francia, denuncia la decadencia demográfica de Francia y sus consecuencias militares, económicas y culturales. Es la baja natalidad la que explica, a su juicio, el despoblamiento, pero la razón última de la baja tasa de nacimientos se encuentra en una forma silenciosa y dulce de malthusianismo: las consideraciones económicas egoístas de las familias. “Es la muerte por cloroformo”: J. Bertillon, “Le problème de la dépopulation”, en *Revue Politique et Parlementaire*, 4° año, t. XII, abril-junio 1897, p. 537. En cualquier caso *v. infra* cap. 3, § 2.2.

<sup>119</sup> Arsène Dumont (1849-1902) es uno de los demógrafos franceses más importantes del siglo XIX. Natalista y demócrata *engagé*, sostiene que la causa fundamental de la disminución de la natalidad es la infecundidad voluntaria ligada al fenómeno que denomina “capilaridad social” (*capillarité sociale*). Esta consiste en una tendencia al ascenso social que induce a las familias a tener menos hijos, condición del mantenimiento de un nivel de vida más elevado y de una educación superior para los vástagos. Bouthoul conoce los trabajos de Dumont, particularmente *Dépopulation et civilisation. Étude démographique*, Lecrosnier et Babé, París 1890. V. André Béjin, “Arsène Dumont et la capillarité sociale”, en *Population*, vol. XLIV, n° 6, noviembre-diciembre 1898, pp. 1009-1028; A. Béjin, “Dumont Arsène, 1849-1902”, en M. Bolandi, R. Boudon, M. Cherkaoui y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, pp. 191-192.

<sup>120</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 8.

y masiva de individuos”<sup>121</sup>, pues aquello que en un primer momento determina la grandeza de una sociedad (aumento de la población), más adelante provoca su destrucción<sup>122</sup>. Se encuentra pues ahí, antes que el nombre, el jugo elemental de su demografía política y su polemología.

En esta opinión se encuentran ya requintadas sus tesis sobre los reequilibrios espontáneos que operan en las sociedades y sobre la causalidad demográfica de las guerras, desarrollada esta última por Bouthoul a partir de 1939, aunque la adelanta hacia 1930 en una comunicación leída en el X Congreso del Instituto Internacional de Sociología celebrado en Ginebra. En el congreso científico ginebrino establece, siguiendo pedisecuamente a Levasseur, lo cual no pasará inadvertido a sus acervos críticos de la revista *Population*, la existencia de un ritmo en los movimientos de población, señalando que tal vez una paciente investigación podrá demostrar científicamente la relación de causalidad “entre la perturbación demográfica y el nacimiento de los conflictos”<sup>123</sup>. Formulada de esa manera no se trata, desde luego, de una tesis original. De hecho, es una opinión pseudocientífica, en parte ideológica, en parte racionalizada, que flota desvaída en la atmósfera de la Europa de la posguerra, pero que ha tenido su importancia buena parte del siglo XIX como consecuencia de la gigantomaquia en torno a las ideas maltusianas. Sería injusto ahora no mencionar que Bouthoul es consciente de las debilidades de su tesis. Nadie podrá negar que la dimensión contradictoria de su doctrina constituye su preocupación científica número uno.

---

<sup>121</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 34.

<sup>122</sup> Hay en esta obra de juventud una adhesión, curiosa por lo extemporáneo de la misma, al organicismo del que Worms es el último campeón. Afirma Bouthoul que “la idea de organismo social se afirma en los espíritus a medida que los problemas sociales captan la atención [de los científicos sociales]”. Doctrina que subyace, sin duda, a la elaboración, desde finales de los años cuarenta, de una original biología social. GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 46. GB, *Biologie sociale*, P. U. F., París 1957.

<sup>123</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, XVI, 1932, p. 129. *V. infra* cap. 4, § 1.2.



#### 4. Doctorado en letras

En Francia, un doctorado de estado *ès lettres* presupone resultados originales; se conseguirán o no, pero ciertamente eso es lo que se espera de la disertación del candidato. No es casualidad que los doctorados en letras (y en ciencias) hayan sido tradicionalmente más raros que los doctorados en derecho (y medicina)<sup>124</sup>. El valor que se le atribuye en la academia francesa es muy superior al reconocido a los expedidos por otras facultades o por las universidades de otros países. Por esta razón, un doctorado con buena calificación es todavía en los años veinte una exigencia fundamental para todo aspirante a la docencia en esas facultades, en las que no existe entonces concurso de agregación como en las de derecho, medicina y (escuelas de) farmacia. El rigor de esos doctorados hace superfluos, según Durkheim, cualquier otro trámite probatorio<sup>125</sup>.

Patrocinado por Gaston Richard, Bouthoul colaciona en 1931 un doctorado en letras, sección de filosofía, por la universidad de Burdeos. Pasa la prueba con una tesis principal sobre *L'invention* y una secundaria sobre Abenjaldún: *Ibn-Kbaldoun, sa philosophie sociale*<sup>126</sup>. El tribunal que juzga las dos tesis, presidido por Richard y en el que actúan como vocales los profesores André Darbon<sup>127</sup>, Henri Daudin<sup>128</sup>, Michel Feghali<sup>129</sup>, Robert Fawtier<sup>130</sup> y

---

<sup>124</sup> V. J. B. Piobetta, *Les institutions universitaires*, P. U. F., París 1951, p. 32.

<sup>125</sup> V. É. Durkheim, "Organisation générale de l'Université de Paris", en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, p. 26.

<sup>126</sup> Librairie Orientaliste Paul Geuthner, París 1930.

<sup>127</sup> A. Darbon (1874-1943), doctor en letras por la Sorbona con *L'explication mécanique et le nominalisme*, Impr. de Y. Cadoret, Burdeos 1910, y profesor de lógica en la facultad de letras de Burdeos. Decano de la facultad a finales de los años treinta. Sobre la situación de la sociología en la universidad de Burdeos en la época del doctorado de Bouthoul v. J.-P. Callède, "L'enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946). Du déclin de la discipline à sa dislocation provisoire?", en *Anamnese*, nº 7, 2012, pp. 95-97.

<sup>128</sup> H. Daudin (1881-1947), normaliano, profesor de filosofía en la Facultad de Letras de Burdeos, doctor en letras por la Sorbona con una tesis sobre *Les classes zoologiques et l'idée de série animale en France à l'époque de Lamarck et de Cuvier (1790-1830)*, Félix Alcan, París 1926.

<sup>129</sup> Monseñor M. T. Feghali (1877-1945), arabista, autor en 1919 de la tesis doctoral *Le parler de Kfar'Abîda (Liban-Syrie)*, E. Leroux, París 1919.

<sup>130</sup> R. Fawtier (1885-1966), medievalista, profesor ciencias auxiliares de la historia en la facultad de letras de Burdeos. Su obra más importante es *Les capétiens et la France*, París, P. U. F., 1942.

André Joussain<sup>131</sup>, le confiere a ambas la pobre mención de “honorable”. No obstante el rigor del tribunal al establecer una calificación tan baja, es necesario llamar nuevamente la atención sobre la dificultad para obtener este grado en la universidad francesa hasta mediados del siglo pasado. No es pues raro, por ejemplo, que Marcel Mauss, uno de los más cercanos y brillantes colaboradores de Durkheim, no llegara a terminar su tesis. Es cierto que, en su caso, a los obstáculos de naturaleza administrativa se añaden otros relativos a su temperamento y al foco de sus intereses<sup>132</sup>.

El acto de defensa, inicialmente previsto para el 28 de febrero de 1931, tiene lugar el 7 de marzo, atendiendo a las razones de Richard, ausente de Burdeos por razones familiares, y Bouthoul, convaleciente de un peligroso acceso de gripe<sup>133</sup>.

#### 4.1. Abenjaldún, precursor de la sociología dinámica

Bouthoul comunica reglamentariamente el tema de su tesis secundaria en julio de 1926 y anuncia su próximo depósito en noviembre de 1928<sup>134</sup>. Finalmente, el manuscrito llega a la facultad en julio del año siguiente, pero la tramitación de los permisos necesarios para su defensa (*imprimatur*), previo informe de admisión de un especialista, retrasarán aún más la impresión hasta finales de 1930. Henri Daudin, con la advertencia de graves observaciones<sup>135</sup> cuya formulación detallada se reserva, emite un informe favorable

---

<sup>131</sup> A. Joussain (1880-1969), doctor en letras, profesor de filosofía en el instituto de Périgueux y poeta. Se doctora en 1920 con dos tesis sobre *L'esthétique de Victor Hugo*, Boivin, París 1920, y *Exposé critique de la philosophie de Berkeley*, Boivin, París 1920. Entre sus obras más conocidas se cuentan *La psychologie des masses*, Flammarion, París 1937, 1958<sup>2</sup>; *La sociologie*, Flammarion, París 1945, 1959<sup>2</sup>; y *Les classes sociales*, P. U. F., París 1949, 1968<sup>2</sup>. V. J.-P. Callède, “L'enseignement de la sociologie à la Faculté des Lettres de Bordeaux (1930-1946)”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, pp. 93-95.

<sup>132</sup> V. Nick J. Allen, “Mauss Marcel, 1872-1950”, en M. Borlani, R. Boudon, M. Cherkaoui y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, p. 441. V. N. T. Clark, *Prophets and patrons*, pp. 210-211. Clark señala que tampoco el durkheimiano François Simiand obtiene el doctorado. El dato es erróneo, pues Simiand se doctora en derecho en 1904 con una tesis sobre los salarios en la minería del carbón. V. Ph. Steiner, “Simiand François, 1873-1935”, en M. Borlani, R. Boudon, M. Cherkaoui y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, p. 637.

<sup>133</sup> Carta de G. Richard al decano de la facultad de letras de Burdeos fechada en Caudéran el 24.I.1931. (ADR) 5399 W 28.

<sup>134</sup> Cartas de G. Bouthoul al decano de la facultad de letras de Burdeos fechadas en París el 28.VIII.1926 y el 7.XI.1928. (ADG) 5399 W 28.

<sup>135</sup> Daudin emite su informe sobre “Les idées sociologiques d'Ibn Khaldoun” (título provisional de la tesis) en Burdeos el 2.II.1930. (ADG) 5399 W 28. Expresa sus reservas sobre el uso de la traducción francesa, sobre todo teniendo en cuenta que el doctorando conoce el árabe, pero las objeciones

teniendo en cuenta la autorización para la tesis principal emitida ya meses atrás por Richard y el deseo expresado por Bouthoul de ser admitido a la defensa en el año académico 1929-1930.

La defensa de la tesis, impresa en noviembre de 1930, se demora aún más y en el ínterin conoce otro título provisional: *Les théories sociales et économiques d'Ibn Khaldoun*. Las erratas de la portada y la página del imprimátur, en rigor puramente formales, le obligan no obstante a retirar los ejemplares para consignar en ellos los cambios necesarios<sup>136</sup>.

Dejando a un lado el común origen geográfico, destacado por Richard<sup>137</sup>, y la relativa ventaja que ofrece un asunto casi virgen, sobre el que apenas hay especialistas, la motivación de Bouthoul para escribir una tesis sobre su coterráneo Abenjaldún, aventurero político de gran estilo y erudito nacido en Túnez en 1332 y muerto en El Cairo en 1406, tiene que ver con la viva preocupación del doctorando por las causas del dinamismo histórico y los procesos de transformación social, espasmódicos o cíclicos (migraciones), bien de naturaleza demográfica o económica (guerras), bien de naturaleza espiritual (mutación de las mentalidades, decadencia psicológica), transformación esta última mucho más profunda. No resulta difícil advertir, en este sentido, que Bouthoul descubre en su lejano compatriota del siglo XIV un anticipador de la sociología dinámica y un motivo permanente de meditación, pues este “[renovador de] la tradición de la

---

sustanciales se refieren a los acontecimientos políticos más importantes de la época, que Bouthoul no relaciona con la formación del pensamiento de Abenjaldún. A juicio de Daudin, Bouthoul tampoco estudia la obra del resto de historiadores magrebíes. Por otro lado, estima que el verdadero objetivo del doctorando ha sido extrapolar ciertas opiniones de Abenjaldún para presentarlas como anticipaciones de ciertos problemas actuales de las ciencias sociales. Estas reservas son tal vez causa de la demora del informe. De hecho, consultado Richard, mentor a todos los efectos de Bouthoul, sobre otros posibles informantes, este propone a un profesor de historia de la Edad Media o a algún especialista marroquí o argelino. V. carta de G. Richard al decano de la facultad de letras de Burdeos fechada en Caudéran el 7.VIII.1929. El decano piensa entonces en monseñor Feghali. En octubre todavía no está claro a quién debe Bouthoul enviar el manuscrito de la tesis: “Con respecto a la tesis complementaria, todavía no sé a quién ha decidido someterla el señor decano”. Carta de G. Bouthoul al secretario de la facultad de letras de Burdeos fechada en París el 18.X.1929. (ADG) 5399 W 28. Al día siguiente se le comunica que “el manuscrito de su tesis complementaria ha sido sometido a la evaluación de monseñor Feghali, *maître de conférences*”. Oficio del secretario de la facultad de letras de Burdeos dirigido a G. Bouthoul fechado en Burdeos el 19.X.1929.

<sup>136</sup> Las erratas afectan, en ambas tesis, al nombre del rector de Burdeos, F. Dumas y no, como aparece impreso, F. Dumez. Más detalles en el oficio dirigido por el secretario de la facultad a G. Bouthoul fechado en Burdeos el 10.XII.1930. (ADR) 5399 W 28.

<sup>137</sup> “El señor Bouthoul ha elegido este tema por ser él tunecino de nacimiento, si no de estirpe, pero también, en cierto modo, por ser compatriota de Abenjaldún”. Carta de G. Richard al decano de la facultad de letras de Burdeos fechada en Caudéran el 7.VIII.1929. (ADR) 5399 W 28.

reflexión sociológica interrumpida desde San Agustín [...] [describe] un fenómeno [político] cíclico que considera independiente de la voluntad humana”<sup>138</sup>.

Los “fenómenos recurrentes” captan mayormente la atención de Bouthoul, aspecto que no pasa por alto el hispanista Jean-Henri Probst-Biraben en una recesión crítica de la tesis publicada en la *Revue Internationale de Sociologie*. Probst-Biraben, discrepante de Bouthoul con respecto a la negación de la influencia sobre los pueblos de la herencia psicológica atribuida por este a Abenjaldún, alude a ese interés precisamente cuando subraya los asuntos que “[ocupan nuevamente al señor Bouthoul], [aquellos] planteados esquemáticamente en su tesis y a los que ahora vuelve con otra perspectiva, rica en sugerencias sociológicas y filosóficas”<sup>139</sup>.

Personalidad eminente del Magreb, a la altura de Aníbal y San Agustín<sup>140</sup>, Abenjaldún, un autor casi desconocido en Europa hasta 1810<sup>141</sup>, con la excepción de Turquía y tal vez, en otras épocas, España, despierta gran interés a principios del siglo XX. Hacia el año 1900 está ya traducida la mayor parte de su obra, particularmente en Francia, en donde durante casi un siglo se leen las traducciones del barón William MacGuckin de Slane (1801-1878)<sup>142</sup>. Sucede con la fama del escritor musulmán a principios del siglo pasado algo muy parecido a lo sucedido con la de Kautilya, político indio del siglo IV antes de Cristo, autor del tratado político más antiguo de los conocidos: *Arthashastra*<sup>143</sup>. Al repentino

<sup>138</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, P. U. F., 1958, París pp. 20-21.

<sup>139</sup> V. J.-H. Probst (sic), “En lisant la thèse de M. G. Bouthoul sur l’auteur arabe des Prolégomènes”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 9-10, septiembre-octubre 1931, p. 531. J.-H. Probst-Biraben (1875-1957), doctor en letras por Burdeos, autor de diversos trabajos sobre autores medievales españoles, catalanes en particular (Raimundo Lulio y Francisco Eximenis), masón, discípulo de René Guénon y especialista en el esoterismo islámico, frecuenta el Instituto Internacional de Sociología, al menos hasta su nombramiento como profesor en la madrasa de Constantina (Argelia). V. Irène Mainguy, “Probst-Biraben (1875-1957), franc-maçon haut en couleurs, martiniste, théosophe et soufi”, en *Renaissance traditionnelle. Revue d’Études Maçonniques et Symboliques*, vol. XXXVIII, n° 151-152, julio-octubre 2007, pp. 260-285.

<sup>140</sup> V. É.-F. Gautier, *Le passé de l’Afrique du nord*, p. 80.

<sup>141</sup> V. la relación de las ediciones europeas de Abenjaldún en Ibn Khaldûn, *Le voyage d’Occident et d’Orient. Autobiographie*, traducida del árabe y presentada por Abdesselam Cheddadi, Actes Sud, Arles 2006, pp. 276-278.

<sup>142</sup> *Les Prolégomènes d’Ibn Khaldoun traduits en français et commentés par M. de Slane*, Imprimerie Impériale, París, 1863, 1865, 1868, 3 t. Sobre las deficiencias y sesgos de esta edición: Olivier Carré, “À propos de la sociologie politique d’Ibn Khaldoun”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XIV, n° 1, enero 1973, p. 116.

<sup>143</sup> V. R. P. Kangle, *The Kautilya Arthashastra. Part II*, una traducción inglesa con notas y explicaciones críticas, Motilal Banarsidass Publishers, Dehli 2003. El tomo I contiene un estudio de R. P. Kangle sobre el autor y la obra. El tomo III recoge el texto sánscrito. Otro clásico del realismo político indio es

interés provocado por el descubrimiento en la India de los manuscritos y la aparición de las primeras traducciones en Occidente le sucede una importante bibliografía, caracterizada en ambos casos por las comparaciones con los autores epónimos del realismo político<sup>144</sup>: Tucídides, el historiador de las guerras del Peloponeso y Maquiavelo, diplomático segundón al servicio de Florencia<sup>145</sup>.

Al mismo tiempo, proliferan los estudios sobre la condición científica precursora o anticipadora de estos escritores: para la economía política, para la ciencia política, para la sociología o para la crítica histórica. A pesar de que Rafael Altamira advirtiera entonces que “el afán de buscar a todo precedentes hace que se exagere el valor de estos, convirtiéndolos, por muy remotos que sean o correspondientes a modos de civilización muy apartados del actual, en un anticipo de la idea moderna, no solo en sus líneas generales, sino en el propio sentido con que hoy se la ve y traduce”<sup>146</sup>.

Ludwig Gumplowicz<sup>147</sup> en Austria, Stefano Colosio<sup>148</sup> en Italia, Altamira en España y René Maunier<sup>149</sup> en Francia son algunos de los escritores que llaman la atención sobre Abenjaldún antes de la Primera Guerra Mundial. Los estudios de estos autores constituyen una primera aproximación al pensamiento del tunecino, impulso científico

---

Kâmandaki, estudiado también a principios del siglo pasado. V. Kâmandaki, *I primi principi della politica secondo Kâmandaki*, traducción, introducción y notas de Carlo Fomici, Istituto Romano Editoriale, Roma 1925.

<sup>144</sup> De especial interés Luis R. Oro Tapia, *El concepto de realismo político*, RIL Editores & CAIP, Santiago de Chile 2013 y Alessandro Campi y Stefano de Luca (Ed.), *Il realismo politico. Figure, concetti, prospettive di ricerca*, Rubbettino, Soveria Mannelli 2014.

<sup>145</sup> Un ejemplo: Herbert H. Gowen, “The Indian Machiavelli or Political Theory in India Two Thousand Years Ago”, en *Political Science Quarterly*, vol. 44, n° 2, junio 1929.

<sup>146</sup> V. R. Altamira, “Notas sobre la doctrina histórica de Abenjaldún”, en Eduardo Saavedra (Ed.), *Estudios de erudición oriental. Homenaje a D. Francisco Codera en su jubilación del profesorado*, Mariano Escar Tipógrafo, Zaragoza 1904, p. 359.

<sup>147</sup> V. L. Gumplowicz, “Un sociologiste arabe au XIVE siècle”, en *Aperçus sociologiques*, G. Masson & A. Storck, París y Lyon 1900, pp. 201-226. Publicado antes en alemán: “Ibn Chaldun, ein arabischer Soziologe des 14. Jahrhunderts”, en L. Gumplowicz, *Soziologische Essays*, Universitätsverlag Wagner, Innsbruck 1899. Gumplowicz dedica también a Abenjaldún unos pasajes de su *Geschichte der Staatstheorien*, Universitätsverlag Wagner, Innsbruck 1905, pp. 124-126. Para el sociólogo nacido en Cracovia Abenjaldún es uno de los grandes realistas políticos y no una especie de Dante excéntrico, según le cataloga buena parte de la escolástica europea.

<sup>148</sup> V. S. Colosio, “Contribution à l'étude d'Ibn Khaldoun”, en *Revue du Monde Musulman*, vol. XXVI, 1914, pp. 318-338.

<sup>149</sup> V. R. Maunier, “Les idées économiques d'un philosophe arabe au XIVE siècle: Ibn Khaldoun”, en *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, n° 6, 1913, pp. 409-419; “Les idées sociologiques d'un philosophe arabe au XIVE siècle”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 23, n° 3-4, marzo-abril 1915, pp. 148-154.

coronado a finales de la década siguiente con la publicación de varias monografías importantes, sobre todo desde un punto de vista filológico, pues la aparición de nuevos manuscritos permite la depuración de las ediciones del barón de Slane<sup>150</sup>.

En apenas tres años aparecen cuatro libros sobre Abenjaldún, un spengleriano anterior a Spengler (*a pre-spenglerian Spengler*) según T. Hussein, autor de la primera monografía académica —una disertación doctoral— sobre el historiógrafo tunecino<sup>151</sup>: los firman N. Schmidt<sup>152</sup>, G. Bouthoul, Erwin Rosenthal<sup>153</sup> y Kamil Ayad<sup>154</sup>. No obstante las limitaciones filológicas de Bouthoul<sup>155</sup>, dependiente de la traducción de Slane, *Ibn-Khaldoun, sa philosophie sociale* constituye aún hoy una diáfana introducción al pensamiento del diplomático y político norteafricano, considerado bajo la óptica del realismo político. A pesar de la sencillez de la exposición o tal vez por ella, no hay muchos estudios de su clase en lengua romance que se le puedan comparar. Así se explica que más de treinta años después de su publicación en Francia todavía se compusiera y editara una traducción española en la universidad central de Venezuela<sup>156</sup>.

---

<sup>150</sup> Cfr. Nathaniel Schmidt, “The Manuscripts of Ibn Khaldun”, en *Journal of the American Oriental Society*, vol. 46, 1926, pp. 171-176. Utiliza todavía la traducción del barón de Slane el geógrafo Yves Lacoste, lo que supone una vigencia de casi siglo y medio desde la impresión original. V. Y. Lacoste, *Ibn Khaldoun. Naissance de l'histoire, passé du tiers-monde*, París, F. Maspero 1966, *passim*.

<sup>151</sup> V. T. Hussein [o Husayn], *Étude analytique et critique de la philosophie sociale d'Ibn Khaldoun*, Pedone, París 1917. *Apud* William Thomson, reseña del libro *Ibn Khalûns Gendaken über den Staat*, de Erwin Rosenthal, en *Speculum*, vol. 8, n° 1, enero 1932, p. 110.

<sup>152</sup> V. N. Schmidt, *Ibn Khaldun, Historian, Sociologist and Philosopher*, Columbia University Press, Nueva York 1930.

<sup>153</sup> V. E. Rosenthal, *Ibn Khaldûns Gedanken über den Staat. Ein Beitrag zur Geschichte der mittelalterlichen Staatslehre*, Beiheft 25 der *Historischen Zeitschrift*, Múnich y Berlín, Verlag von R. Oldenbourg, 1932.

<sup>154</sup> V. K. Ayad, *Die Gesichts- und Gesellschaftslehre Ibn Haldûns*, 2tes. Heft der *Forschungen zur Gesichts- und Gesellschaftslehre*, Cotta, Stuttgart y Berlín 1930.

<sup>155</sup> Bouthoul no oculta su despreocupación por los aspectos filológicos que interesarían a un arabista: aunque conoce la lengua árabe, “he elaborado este estudio desde el punto de vista de la sociología y de la filosofía de la historia, no en una perspectiva lingüística”. Carta de G. Bouthoul al decano de la facultad de letras de Burdeos fechada en París el 7.XI.1928. (ADR) 5399 W 28. Aunque finalmente hay que registrar la presencia de un arabista en el jurado, no hay duda de que la intención de Bouthoul al recalcar los aspectos sociológicos de su investigación es precisamente evitar los reparos filológicos, por otro lado oportunos, que puedan dificultar la obtención del doctorado.

<sup>156</sup> GB, *Ibn Jaldún, su filosofía social*, Universidad Central de Venezuela, Caracas 1962. Existen también tres traducciones árabes de 1955, 1969 y 1984. Las reseñas bibliográficas consultadas son favorables, incluso encomiásticas, salvando la mención de los errores tipográficos de la edición y la crítica negativa que merece a un orientalista la no utilización del manuscrito de la mezquita Kairuán de Fez, que según refiere Bouthoul en su bibliografía pudo “examinar gracias a las atenciones del capitán Truchet, Comisario del gobierno en Fez”. GB, *Ibn Khaldoun, sa philosophie sociale*, p. 92. Cfr. N. Schmidt, “The Manuscripts of Ibn

En el informe emitido por el presidente del jurado de tesis, Richard, sobre el acto de defensa constan las objeciones del tribunal a la tesis complementaria. La tesis sobre Abenjaldún le parece a Richard susceptible de dos lecturas: una que no problematiza la autenticidad de la obra atribuida al historiador tunecino y presume la fidelidad al original de la traducción del barón de Slane, y otra, de naturaleza filológica e historiográfica, que cuestiona, ya desde el título atribuido, la obra fundamental de Abenjaldún, *Prolegómenos a la historia universal*, en particular la traducción de los términos árabes vertidos al francés como “soberanía”, “civilización” o “nobleza” entre otros<sup>157</sup>. Es esta última lectura la preferida por el tribunal, sobre todo por monseñor Feghali y Fawtier<sup>158</sup>.

Aunque el título de la disertación de Bouthoul parece aludir a los fundamentos filosóficos de la doctrina social de Abenjaldún, a mi juicio la obra excede largamente ese objeto. El autor se ocupa del método historiográfico, de la sociología general y la economía, de la psicología social y política, de la filosofía de la historia y de la moral de Abenjaldún. Pero en el libro de Bouthoul destacan sobre todo sus apuntes sobre el “realismo político” del tunecino, contextualizado en un periodo de cambio caracterizado por la crisis política y el

---

Kahldoun”, *Journal of the American Oriental Society*, vol. XLVI, pp. 173-174. V. las siguientes reseñas: *Books Abroad*, vol. 5, n° 4, octubre 1931, p. 421 (Jeanne d’Ucel). *Social Forces*, vol. X, n° 1, octubre 1931 (pp. 134-143), p. 138 (L. L. y J. S. Bernard). *The American Journal of Sociology*, vol. 37, n° 3, noviembre 1931, p. 482 (M. Sprengling). *Mercure de France*, año 43°, t. CCXXXVII, n° 818, 1932 (pp. 454-456), p. 455 (P. Masson-Oursel). Este último recrimina a Bouthoul que su libro es la disertación de un filósofo jurista, incapaz de acreditar conocimientos de orientalista: “está claro que el autor ha *examinado* superficialmente el manuscrito de los *Prolegómenos* en la biblioteca de la mezquita Kairuán; nada prueba en su trabajo una aproximación filológica a dicho manuscrito”. Indudablemente Bouthoul ha tenido a la vista el manuscrito de Fez, aunque su tesis no parece haberse beneficiado con ello. Richard argumenta en descargo del doctorando las dificultades materiales habidas en Fez para la consulta de la copia de Abenjaldún de la mezquita Kairuán. V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, h. 5. (ADR) 5399 W 28. Cfr. B. Helfenbein, “La Bibliothèque Karaouiyine de Fez”, en *Revue d’Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, p. 56: “Gracias a la amabilidad del capitán Truchet, el erudito comisario del gobierno en Fez, obtuve informaciones de particular interés”. Más adelante, pp. 57-58: “Hay que mencionar en particular [...] los preciosos manuscritos de Abenjaldún, revisados especialmente por él para esta biblioteca; el gran historiador se encontraba entonces en El Cairo, desde donde envía la obra a Fez. El manuscrito de los *Prolegómenos* tiene una caligrafía magrebí, mientras que la *Historia* la tiene oriental y conserva unas magníficas cubiertas. Al principio del libro, fechado en El Cairo, se encuentra el acto de donación, del puño y letra de Abenjaldún”.

<sup>157</sup> V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, hh. 6-7. (ADR) 5399 W 28.

<sup>158</sup> V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, hh. 6-7. (ADR) 5399 W 28.

estancamiento filosófico del islam, lo que a veces se denomina el fin del “Renacimiento musulmán”<sup>159</sup>.

Bouthoul pone de manifiesto que Abenjaldún no es un cultivador adelantado de la *Kulturgeschichte*, como tantas veces se ha dicho después, sino más bien un estudioso que entiende, como buena parte de los historiadores musulmanes, que la historia es ante todo historia política<sup>160</sup>: historia de la generación y decadencia de los imperios y las dinastías, en suma, historia del poder. No en vano, Abenjaldún, “político con la fortuna adversa” (*homme d'État malchanceux*)<sup>161</sup> como tantos otros realistas políticos<sup>162</sup> que han transitado por la vía dolorosa y conocido el fracaso, el exilio o la cárcel, aparece desde principios del siglo pasado como uno de los teóricos por excelencia de la decadencia y sus causas históricas<sup>163</sup>. Sus opiniones al respecto constituyen también, en cierto modo, una cratología de altos vuelos y no solo el relato de una vasta cratomaquia que tiene como teatro el norte del África después de la caída del Imperio romano de occidente y la conquista musulmana<sup>163</sup>.

Abenjaldún, maquiaveliano adelantado a Maquiavelo (*machiaveliste avant la lettre*)<sup>164</sup>, rechaza la idea de un Estado ideal: para él no hay en la historia gobiernos óptimos, sino autoridades capaces o incapaces de mantener el orden temporal. El bien público, sin

---

<sup>159</sup> Daudin, crítico con la opinión de Bouthoul sobre la nula repercusión en Abenjaldún de la filosofía política griega –“afirmado, pero no probado”–, reconoce sin embargo el interés del estudio para “la historia de los conceptos de la ciencia política”. V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, h. 8. (ADR) 5399 W 28. En otro contexto achaca Bouthoul la decadencia musulmana a la fosilización del principio de autoridad intelectual. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 49.

<sup>160</sup> F. Pons Bohigues, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos árabe-españoles. Obra premiada por la Biblioteca Nacional en el concurso público de 1893 e impresa a expensas del Estado*, Establecimiento tipográfico San Francisco de Sales, Madrid 1898, p. 376. En este tratado abundan las referencias a Abenjaldún. V. en particular la extensa voz en la que recoge su biografía y sus obras más significativas copiadas y editadas hasta finales del siglo XIX: F. Pons Bohigues, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos árabe-españoles*, pp. 350-362 (“Aben Jaldún”).

<sup>161</sup> GB, *Ibn Khaldoun, sa philosophie sociale*, p. 78. Incluso, como Maquiavelo, “doblemente desafortunado”, pues fracasa en su carrera al tiempo que sufre en carne propia las consecuencias del agotamiento de la potencia política mahometana (*mulk*). GB, *Ibn Khaldoun, sa philosophie sociale*, p. 82.

<sup>162</sup> V. A. Toynbee, *Estudio de la historia. Compendio*, Alianza Editorial, Madrid 1975, t. I, p. 263; P. A. Sorokin, *Filosofías sociales de nuestra época de crisis. El hombre frente a la crisis* (1935), Aguilar, Madrid 1960, pp. 28-29 y 356. V. especialmente: J. Freund, *La décadence. Histoire sociologique et philosophique d'une catégorie de l'expérience humaine*, Sirey, París 1984, pp. 80-84.

<sup>163</sup> Esclarecedor sobre este periodo: É.-F. Gautier, *Le passé de l'Afrique du nord*.

<sup>164</sup> GB, *Ibn Khaldoun, sa philosophie sociale*, p. 81.



embargo, le parece secundario, ya que el factor político determinante es, a su juicio, el deseo de perpetuarse en el poder<sup>165</sup>. Sea por su condición cristiana, por sinceros escrúpulos moralistas o por hipocresía, Maquiavelo nunca llegará tan lejos por el camino de la autonomía de lo político.

Bouthoul se detiene también en lo que se puede denominar “elemento constitutivo de lo político”, dato natural (*donnée*)<sup>166</sup>, regularidad (*regolarità*)<sup>167</sup> o patrón (*pattern*)<sup>168</sup> que explica la politicidad de los grupos humanos: *‘aḩabiya*, fuerza o principio de cohesión, principio vital o, en la traducción de Slane adoptada por él mismo, “espíritu de cuerpo”<sup>169</sup>. El capítulo dedicado a este asunto constituye, a mi juicio, un apartado esencial de la disertación doctoral y también se publica exento en la revista del Instituto Internacional de Sociología<sup>170</sup>.

Después de la incursión en el pensamiento histórico-político de Abenjaldún Bouthoul abandona durante más de veinte años la historiografía de las ideas políticas. A ella volverá sin embargo, mediada ya la década de los cincuenta, para ofrecer una requintada visión del pensamiento político en el siglo XX<sup>171</sup>. Con todo, en 1934, cuando Bouthoul está volcado en el estudio de la economía y la sociología coloniales, el editor orientalista Geuthner le encarga un extenso prólogo a la edición fotomecánica de la traducción de *Les prolégomènes* del barón de Slane. No se encuentra en estas páginas una contribución cualitativamente distinta a la exposición de las ideas del moro tingitano Abenjaldún, salvo la fijación con más nitidez de aquellos elementos que hacen de este un pensador político realista. Sí hay,

<sup>165</sup> GB, *Ibn Khaldoun, sa philosophie sociale*, p. 54.

<sup>166</sup> V. J. Freund, *L'essence du politique*, Sirey, París 1986, pp. 9-79.

<sup>167</sup> V. G. Miglio, “Le categorie del *politico*”, en *Le regolarità della politica. Scritti scelti, raccolti e pubblicati dagli allievi*, Giuffrè Editore, Milán 1988, t. 2, pp. 591-601.

<sup>168</sup> V. C. Gambescia, *Metapolitica. L'alto sguardo sul potere*, Il Foglio, Piombino 2009, pp. 28-29.

<sup>169</sup> Gumplowicz, discreto admirador de Abenjaldún, utiliza en este punto la expresión equivalente “sentimiento sinérgico”. V. L. Gumplowicz, *La lutte des races. Recherches sociologiques* (1882), Guillaumin et Cie, París 1893, p. 236 y otros lugares.

<sup>170</sup> GB, “L'esprit de corps selon Ibn-Khaldoun”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 3-4, marzo-abril 1932, pp. 217-221. V. también GB, “Vie d'Ibn Khaldoun”, en *Revue d'Afrique*, n° 5, septiembre-octubre 1929, pp. 7-18, texto del capítulo I de GB, *Ibn Khaldoun, sa philosophie sociale*, pp. 1-13. En la sección “Revue des revues” de la *Revue Internationale de Sociologie* aparece un comentario sin firma, tal vez redactado por Bouthoul, sobre el contenido de ese número (5) de la *Revue d'Afrique. Revue Internationale de Sociologie*, vol. 38, n° 1-2, enero-febrero 1930, pp. 90-91.

<sup>171</sup> V. GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'Antiquité*, pp. 333-427, y *L'art de la politique*, Seghers, París 1962, pp. 11-45.

en cambio, alguna rectificación relativa a la influencia de la filosofía griega sobre las opiniones del tunecino, negada en la tesis y afirmada ahora enérgicamente<sup>172</sup>.

#### 4.2. Interpsicología *in nuce*

El estudio acerca de la invención, sobre cuya formulación y desarrollo ejerce una apreciable influencia Richard<sup>173</sup>, arranca inmediatamente después del doctorado en derecho. En efecto, ya en 1925 Bouthoul somete a un tribunal de la universidad de París una breve memoria sobre la invención, con la que obtiene un *diplôme d'études supérieures de philosophie*. Así lo hace saber a la autoridad universitaria: “Poseo [...] un diploma de estudios superiores de filosofía de esta misma facultad [de la Sorbona] obtenido en 1924. Mi memoria trataba el mismo asunto: el estudio de los factores de la invención”<sup>174</sup>. Este diploma, abierto a franceses y extranjeros, es antesala de lo que en las facultades de letras equivale a la agregación<sup>175</sup>.

Curiosamente, las lecturas sobre las que Bouthoul escribe, incansable, más de un centenar de reseñas para la *Revue Internationale de Sociologie* desde 1922 a 1925, nada tienen que ver con esa temática, ni siquiera, para decirlo todo, con la sociología en sentido estricto, sino con la economía política y los problemas coloniales. La razón última de lo que a todas

---

<sup>172</sup> “Abenjaldún no ha conocido las dos grandes obras de la Antigüedad que podrían haberle inspirado: la *Política* de Aristóteles estaba perdida en esa época, como la de Platón; por otro lado, tampoco conoce a Tucídides, con quien se le compara a menudo”. V. GB, *Ibn-Khaldoun, sa philosophie sociale*, p. 16. En el prólogo de 1934 a *Les prolégomènes* señala, sin embargo, que junto a los escritores orientales, particularmente persas, “la segunda fuente, tal vez la más importante para [para Abenjaldún], se encuentra en los trabajos de los filósofos griegos”. V. GB, “Ibn Khaldoun”, en Ibn-Haldún, *Les prolégomènes*, P. Geuthner, París 1934, t. I, p. XXIX. Durante la defensa de la tesis, Darbon había expresado al doctorando sus reservas acerca de la afirmación “sin prueba suficiente de que Abenjaldún desconocía por completo la filosofía política de los griegos. Según Darbon, es verosímil que tuviera al menos un conocimiento indirecto”. V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, h. 8. (ADR) 5399 W 28.

<sup>173</sup> Richard sale valedor de Bouthoul ante del decano de la facultad de letras, a quien escribe que “la tesis propuesta por el señor Gaston Bouthoul interesa a la vez a la psicología, a la ciencia social y a las relaciones entre ambas”. A lo que añade a renglón seguido: “Mis conversaciones con el señor Bouthoul y los artículos que de él he leído me autorizan a esperar que le dará al asunto un tratamiento adecuado”. Carta de G. Richard al decano de la facultad de letras de Burdeos fechada en Caudéran el 24 de julio de 1926. (ADG) 5399 W 28

<sup>174</sup> Carta de G. Bouthoul al decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en París el 7 de noviembre de 1928. (ADG) 5399 W 28. La prueba, en la que también diserta sobre un texto filosófico, pudo muy bien, como dice Bouthoul, celebrarse en 1924, pero el diploma, del que hay copia en el expediente de los archivos departamentales girondinos, es expedido el 16 de junio de 1925.

<sup>175</sup> V. A. Croiset, “La Faculté des lettres”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, p. 46.

luces parece un meditado desvío del *cursus honorum* de Bouthoul –pues un abogado bien establecido en París, doctor en derecho y especializado en economía política y política social no parece el candidato idóneo a un doctorado en letras por Burdeos–, tal vez está relacionada con la estrategia adoptada por Richard para anticiparse a su jubilación de la cátedra. Bouthoul, uno de los prometedores sociólogos jóvenes del último reemplazo del Instituto Internacional de Sociología, pudo ser el candidato de Richard a sucederle en el desempeño académico de Burdeos o, al menos, uno de sus posibles sucesores<sup>176</sup>. Esta, desde luego, es la hipótesis que me parece más plausible, merecedora de una consideración aparte<sup>177</sup>. En cualquier caso, Bouthoul aspira en esa época a una agregación universitaria, bien en las facultades jurídicas, bien en las de letras.

La disertación sobre la invención es el primero de los trabajos de Bouthoul que, a juzgar por los comentaristas que lo reseñan, alcanza cierta notoriedad académica, aunque no tanto por sí mismo o su factura, acaso más literaria o filosófica que sociológica<sup>178</sup>, sino como expresión de un momento intelectual de la sociología francesa<sup>179</sup>. Lo expresa paladinamente Gaston Richard en su informe sobre el acto de defensa de la tesis: “Informe de su primera tesis [...], constato la aptitud de su autor para dilucidar un problema que plantea el estado de la sociología contemporánea y que origina la discusión entre sus escuelas [...]. El problema es el de la existencia de una conciencia social o colectiva y sus relaciones con la conciencia personal de cada miembro de la sociedad”<sup>180</sup>.

Se da la circunstancia, por otro lado, de que la presidencia del jurado constituye para el profesor Richard “[el] último acto de [su] vida universitaria”, de modo que esas páginas

---

<sup>176</sup> El desempeño interino de la cátedra de sociología por Max Bonnafous, en sustitución del “titular” Théodore Ruysen, hasta 1937 e inmediatamente después, durante el curso académico 1937-1938, por Raymond Aron, sugiere que, en cierto modo, después de Richard, Burdeos deja de ser el santuario universitario de los no durkheimianos. V. J.-P. Callède, “L’enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946)”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, pp. 95 ss. R. Aron, *Mémoires. 50 ans de réflexion politique*, Julliard, París 1983, p. 152.

<sup>177</sup> V. *infra* § 6.1.

<sup>178</sup> A juicio de Robert K. Merton las “afortunadas generalizaciones” de *L’invention* tienen más valor literario que científico. V. R. K. Merton, “Recent French Sociology”, en *Social Forces*, vol. 12, mayo 1934, p. 544.

<sup>179</sup> La temática es en todo caso recurrente desde principios de siglo en escritores como Tarde. V. G. Tarde, “L’invention, moteur de l’évolution sociale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 7, julio 1902. Este artículo recoge la intervención de Tarde en una sesión de la Sociedad de Sociología de París el 11 de junio de 1902.

<sup>180</sup> V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, h. 9. (ADR) 5399 W 28.

contienen también, de alguna manera, la reafirmación, en una jornada de relieve institucional y simbólico, de su posición personal en la disputa con Durkheim, de trasfondo académico pero también personal, pues se trata del “acontecimiento que marca su vida intelectual”<sup>181</sup>. Con más detalle, pero suscribiendo lo esencial del informe emitido como presidente del jurado, se ha de pronunciar unos meses después en un comentario de seis páginas que le dedica a la obra<sup>182</sup>.

La crítica espiritualista del sociologismo de Durkheim, tomando partido por la psicología social o, más exactamente, por la interpsicología, constituye pues uno de los aspectos centrales de la investigación doctoral de Bouthoul sobre *L'invention*. Por eso, este denso libro de casi seiscientas páginas ocupa *idealmente* una posición clave en el damero de la polémica entre Durkheim y Tarde o, puesto con palabras más exactas, entre el sociologismo y el psicologismo, entre el materialismo y el espiritualismo en sociología. Pero este aspecto decisivo ha pasado casi desapercibido a la crítica sociológica posterior, para la que no existe este importante estudio, a mi juicio uno de los libros importantes de Bouthoul, de trecho en trecho digresivo, mas pleno de erudición e intuiciones<sup>183</sup>.

Secundariamente, se tratan en él otros asuntos de interés en los que se trasluce una etapa decisiva en la institucionalización de la sociología en Francia. Así pues, Bouthoul se ocupa en *L'invention* de la valencia del método introspectivo en las ciencias sociales<sup>184</sup>. En no pocos pasajes anticipa el concepto de la guerra como alucinación colectiva que sacude los tabúes del grupo, subrayando su doble efecto psicológico y demográfico<sup>185</sup>. Síntoma de la curiosidad científica de Bouthoul es la aplicación de la física de partículas al estudio del “investigador” como arquetipo<sup>186</sup>, etcétera. Por último, la obra tiene también su valor como clave o criterio interno de la sociología dinámica de Bouthoul, incoada y

---

<sup>181</sup> M. Borlandi, “Richard Gaston, 1860-1945”, en M. Borlandi, R. Boudon, M. y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, p. 604.

<sup>182</sup> G. Richard, “L'invention”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. 259-265.

<sup>183</sup> Tampoco existe para la crítica sociológica su prolongación y conclusión lógica: la sociología de las mentalidades, denominación que según Bouthoul se corresponde con la interpsicología. GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 396-457, material sistematizado, reescrito y publicado por primera vez como una obra independiente en 1952: GB, *Les mentalités*, P. U. F., París 1961.

<sup>184</sup> GB, *L'invention*, pp. 116-132.

<sup>185</sup> GB, *L'invention*, pp. 394-396, 408-409, 460-461 y 463.

<sup>186</sup> GB, *L'invention*, 507-509.

desarrollada por el autor desde los años treinta con no poco sistema, en intimidad con la historia y, sobre todo, con una imaginación sociológica capaz de anticipar algunos de los temas que captan la atención de las ciencias sociales en la segunda posguerra; un ejemplo: la sociología del tiempo, de sabor bergsoniano. A ella se refiere expresamente (*sociologie du temps*) con gran naturalidad en 1951. Tal vez es el primer sociólogo que adopta la terminología y le da, como contenido específico, el estudio de los ritmos propios de cada estructura social, la distinción entre fenómenos periódicos y periodomorfos, la percepción espontánea o mediatizada del tiempo y su aceleración y ralentización<sup>187</sup>.

Al margen del estudio particular de la invención, diseccionada morosamente por Bouthoul como “función mental”, pero sobre todo como “actividad” singular (*fait d'activité*<sup>188</sup>) –de ahí el dinamismo, en último análisis inabarcable en imprevisible en sus consecuencias, que aquella imprime a la vida social–, *L'invention* constituye un documento de excepción, valioso sin duda en el contexto del enconado conflicto (*battle of schools*<sup>189</sup>) entre dos de las grandes escuelas sociológicas francesas del primer tercio del siglo XX: el grupo de Émile Durkheim, muy pronto reconocido como Escuela Francesa de Sociología (*École Française de Sociologie*), y el de René Worms, partidario de una sociología enciclopédica, síntesis de las ciencias sociales<sup>190</sup>. Escuelas radicalmente antagónicas al parecer de R. K. Merton: diferentes en método, en concepto y en intereses científicos.

---

<sup>187</sup> GB, *Biologie sociale*, pp. 31-54. La “sociología implícita” del tiempo en autores como Henri Hubert o Émile Durkheim interesa solo tardíamente a los historiadores de la sociología. Mi impresión es que a Henri Bergson, portador también de una “sociología implícita” del tiempo, se le ingora soberanamente. V. H. Hubert, “Étude de la représentation du temps dans la religion et la magie”, en *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études, section des Sciences Religieuses*, 1905; É. Durkheim, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Félix Alcan, Paris 1912. Cfr. F.-A. Isambert, “Henri Hubert et la sociologie du temps”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 20-21, enero-marzo 1979 y C. Gadéa y M. Lallement, “Une révolution inachevée. Durkheimisme et sociologie du temps”, en *Temporalités*, n° 1, primer semestre 2004. V. H. Bergson, *L'évolution créatrice* (1907), París, P. U. F., 1991, p. 46: dice ahí que “la *durée* real es la que muerde en las cosas y deja en ellas la marca de sus dientes”. Ha llamado mi atención sobre la original sociología del tiempo de Bouthoul el profesor Jean-Marc Ramos, uno de los animadores de la revista especializada *Temporalités* (<https://temporalites.revues.org/>), a quien agradezco sus preciosas indicaciones.

<sup>188</sup> GB, *L'invention*, p. 25.

<sup>189</sup> R. K. Merton, “Recent French Sociology”, en *Social Forces*, vol. 12, mayo 1934, p. 541.

<sup>190</sup> La sociología, cuyo objeto fundamental es el estudio comparativo de las sociedades, ha de tener, según Bouthoul, una “dimensión enciclopédica inevitable”. Con todo, al margen de sus aspectos propiamente descriptivos, “la sociología debe ser a la vez una introducción y una conclusión común al conjunto de las ciencias sociales”. Estos son justamente los lineamientos del concepto bouthouleano de sociología en los que se aprecia la influencia de las doctrinas sociológicas de R. Worms –la sociología es una filosofía de las ciencias sociales– y R. Maunier –la sociología progresa gracias a un perpetuo trabajo de comparación–. GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 95-98.

Bouthoul, adicto al enciclopedismo sociológico de Worms y crítico de Durkheim, contrae no obstante una enorme deuda con el sociólogo de Épinal. La noción durkheimiana de “conciencia social” informa la doctrina de las mentalidades de Bouthoul, complementado el magisterio tardiano; pero mayormente influye sobre ciertos aspectos interpsicológicos de su teoría “no intencional” de la guerra. La construcción del concepto sociológico de guerra (el fenómeno-guerra, *le phénomène-guerre*) tiene indudablemente su raíz en la doctrina cientista de Durkheim. No es casual que la “corriente polemógena” fundada por Bouthoul tenga un aire de familia con la “corriente suicidógena” en la que se hipostasian, según Mucchielli, la conciencia o las representaciones colectivas de la sociología durkheimiana<sup>191</sup>.

Bouthoul aborda en *L'invention* el controvertido asunto del fuero científico de la psicología y la sociología y de su posición en el *globus intellectualis* de las ciencias humanas, disputa que alcanza el apogeo... casi treinta años antes, en el V congreso del Instituto Internacional de Sociología (París, julio de 1903)<sup>192</sup>. Mas los rescoldos de aquella gran hoguera de principios de siglo<sup>193</sup>, a la vista queda en su libro, siguen ardiendo debajo de la ceniza. Bouthoul, que acaso no ha medido el verdadero alcance de su investigación, asegura que la querrela de psicólogos y sociólogos está definitivamente superada. Así que unos y otros tienen que entenderse<sup>194</sup>. “La intransigencia de Durkheim sobre el divorcio entre psicología individual y sociología, se explica mayormente por su reacción contra las ideas de Tarde”<sup>195</sup>. Esta disputa le recuerda, subraya con ironía en otro lugar, la fantástica controversia del viejo derecho corporativo francés entre cocineros y asadores (*le fameux*

<sup>191</sup> V. L. Mucchielli, *La découverte du social. Naissance de la sociologie en France (1870-1914)*, pp. 193-195.

<sup>192</sup> V. *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. X, 1904. Recoge las comunicaciones del V congreso del Instituto, dedicado a “Les rapports de la sociologie et de la psychologie”.

<sup>193</sup> V. algunas de las piezas fundamentales de la disputa Durkheim-Tarde: É. Durkheim, *Las reglas del método sociológico*, Morata, Madrid 1986, pp. 17-30 (“Prólogo a la segunda edición”), pero sobre todo É. Durkheim, “Répresentations individuelles et représentations collectives”, en *Revue de Métaphysique et de Morale*, n° 6, mayo 1898, espec. p. 293, en donde se recoge el *Schlüsselsatz*. G. Tarde, *Les lois sociales. Esquisse d'une sociologie*, Félix Alcan, París 1898, espec. pp. 142 y 149 y G. Tarde, “La psychologie inter-mentale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 9, n° 1, enero 1901. Un balance conciliador puede verse en un libro del factótum Celestine Bouglé, quien se expresa así: “¿Que la sociología niega la psicología? Vaya una fórmula simplista”. V. C. Bouglé, *Bilan de la sociologie française contemporaine*, Félix Alcan, París 1935, p. 3.

<sup>194</sup> GB, *L'invention*, p. 21. Conclusión de Bouthoul: “La querrela entre el psicologismo y el sociologismo ha ocupado demasiado espacio durante el último medio siglo”. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 191; además, en el mismo lugar, pp. 367, 370 y 381.

<sup>195</sup> GB, *L'invention*, p. 532.

*procès des cuisiniers contre les rôtisseurs*)<sup>196</sup>. Pero ha sido un asunto serio y honorable lo que se ha discutido, palanca del avance científico: la existencia misma de la sociología<sup>197</sup>, cuestionada por la filosofía de las ciencias sociales –proyecto de Worms– y por la psicología social –la psicología intersocial o intermental de Tarde– e identificada por Durkheim con su propio proyecto científico, académico y disciplinario.

Bouthoul ha dejado constancia en el primer tomo del *Traité de sociologie* de su preocupación por la controversia sobre la psicología social, “territorio disputado” (*territoire contesté*)<sup>198</sup>, pues en ella se estancan los saberes sociológicos hasta que, a su parecer, Célestin Bouglé y René Maunier rompen la inercia mediados ya los años veinte<sup>199</sup>. Bouthoul ha detallado la disputa subrayando en ella la negativa influencia de Comte; al hacerlo ha revelado la coherencia de su posición intelectual y las razones que le llevan a elaborar una interpsicología, cuya clave se encuentra en la doctrina de Maunier sobre los hechos sociales, un puente entre durkheimismo y tardismo: el hecho social es un hecho general y ejemplar, repetido y sancionado<sup>200</sup>. He ahí el hecho social puro<sup>201</sup>.

Bouthoul considera que cada hecho humano es inextricablemente individual y social. No existe pues solución de continuidad entre lo individual y lo que se repite<sup>202</sup>. El hecho social es individual en cuanto es pensado o realizado por los individuos; social en cuanto

---

<sup>196</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 191. Esta pintoresca querrela tiene que ver con el derecho a preparar en exclusiva ciertos platos. Zanjado ya adentrado el siglo XVII, comienza a principios del XVI, bajo el reinado de Luis XII. Un resumen de la misma en C. Renouard, “Des anciens règlements et privilèges de fabrication en France”, en *Revue des Économistes*, nº 6, 1843, espec. pp. 35-36.

<sup>197</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 79, 84, 100 y 360.

<sup>198</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 359.

<sup>199</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 370.

<sup>200</sup> V. R. Maunier, *Introduction à la sociologie*, Félix Alcan, París 1938, pp. 14-23. Bouglé, por su parte, advierte que la sociología no precisa de ninguna fantasmagoría para contruirse: “La búsqueda de una sociedad en sí resulta quimérica”. V. C. Bouglé, *Qu'est-ce que la sociologie?*, Félix Alcan, París 1907, p. 8. No obstante, en su arqueo posterior de la sociología francesa, considera útil la noción durkheimiana de conciencia colectiva por tratarse de un “como si”. De modo que la “sociología implica una psicología nueva cuyo centro sería la observación de la conciencia colectiva”. V. C. Bouglé, *Bilan de la sociologie française contemporaine*, pp. 11 y 7.

<sup>201</sup> GB, *Les mentalités*, p. 16.

<sup>202</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 83, 85 y 370.

se repite y se vuelve susceptible de enumeración<sup>203</sup>, encuadrable por tanto en una serie estadística. Es cierto que todo lo que no es puramente fisiológico, de un modo u otro, socialmente elaborado. “El dato real e inmediato [del que dispone el sociólogo] es el hombre dotado de una mentalidad determinada”, pero ello no quiere decir que la psicología deba absorber a la sociología<sup>204</sup>. Por razones y caminos distintos, Tarde y Durkheim han rebasado el marco de la sociología. Tarde elabora una metafísica social de base psicológica que “hipostasía el fenómeno de la imitación” y Durkheim, al expulsar la psicología de su planteamiento, se obliga a aceptar el “misticismo sociolátrico” de la conciencia social<sup>205</sup>. Para Bouthoul, la sociología es, antes que otra cosa, una interpsicología que pivota sobre los “fenómenos de paso”, particularmente las relaciones entre las instituciones y las mentalidades, entre las estructuras materiales y mentales de las sociedades<sup>206</sup>. Su vocación última consiste en el estudio de la vida mental del hombre en sociedad<sup>207</sup>. Pues la “conciencia personal modelada por la sociedad, es decir, por el intercambio psicológico y material de un gran número de hombres en contacto, es [...] la más profunda de las realidades sociales”<sup>208</sup>.

Julien Freund, en los años ochenta del siglo pasado, no cree en la cancelación de la disputa que, según Bouthoul, suponía una reviviscencia de la querrela escolásticas sobre los universales. Ahora la disputa, señala Freund, “adopta nuevas fórmulas, bien la conciencia de clase, bien el individualismo metodológico”, pues el fondo del debate es la

---

<sup>203</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 370. Por otro lado, de esto mismo depende la utilidad, siempre limitada, de los métodos estadísticos o cuantitativos. Su empleo no tiene otra justificación en sociología y generalmente ofrece resultados decepcionantes por su “banalidad”. GB, *Les mentalités*, p. 24.

<sup>204</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 394. En cierto modo, Bouthoul demuestra en este punto más perspicacia que Tarde: para el primero, la sociedad es un grupo de hombres con la misma mentalidad y para el segundo, un grupo de gente que se imita. GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 396-397. Aun así, la teoría de la imitación tardiana le parece a Bouthoul de una brillantez fuera de serie. GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon, *Panorama des idées contemporaines*, p. 183. Su gran influencia sobre Julien Freund, reconocida y vindicada por él mismo, sobre René Girard, hasta cierto punto escamoteada por el autor de *La violence et le sacré*, o sobre el propio Bouthoul es la mejor ilustración de esa grandeza.

<sup>205</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 363 y 367.

<sup>206</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 97.

<sup>207</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 379. Estos son, más detalladamente, sus asuntos fundamentales, los modos de la interacción psicológica: la fijación de los diversos modos de acción mental de unos hombres sobre otros; la determinación de las actitudes mentales del hombre frente a sus semejantes, según el tipo de sociedad a la que pertenecen; el estudio de la interacción entre individuos de mentalidad análoga o diferente. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 449.

<sup>208</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 378.



relación entre el individuo y la sociedad, lo cual seguirá siendo objeto de controversia “mientras haya sociólogos”<sup>209</sup>.

Por abandono de los contendientes probablemente<sup>210</sup>, el debate se había cerrado en falso en los años treinta<sup>211</sup>. Ha sido, proclama Sorokin, “una polémica inane”, “sin fruto ni fundamento”<sup>212</sup>. No podrá volver a darse en los mismos términos, concluye Bouthoul<sup>213</sup>. Lo mismo sucede con el célebre *Methodenstreit* de los economistas alemanes, una lamentable pérdida de tiempo a juicio de uno de ellos, Walter Eucken. “En la nefasta disputa entre Menger y Schmoller, ninguno de los dos tenía razón, y la verdad tampoco está en el término medio. No corresponden a la realidad económica, ni el dualismo de Menger, cuyo peligro percibió Schmoller, ni el empirismo de Schmoller, cuyo fracaso previó Menger”<sup>214</sup>. Eucken concluye que “es necesaria una nueva orientación”. Esta referencia al *Methodenstreit* no es arbitraria, pues Essertier, que se conoce el paño, alinea los bandos sociologista y psicologista con el método inductivo y el deductivo respectivamente<sup>215</sup>.

---

<sup>209</sup> V. J. Freund, *D'Auguste Comte à Max Weber*, Economica, París 1992, p. 122. Sorokin, de la misma opinión, destaca que en la polémica pervive el pasado filosófico.

<sup>210</sup> Dice Mucchielli que apenas una decena de autores se ocupan de este asunto en los años veinte y treinta. Es cierto, por otro lado, que se trata de los más importantes especialistas de su tiempo. V. L. Mucchielli, “Sociologie et psychologie en France, l'appel à un territoire commun: vers une psychologie collective (1890-1940)”, en *Revue de Synthèse*, n° 3-4, 1994, p. 465.

<sup>211</sup> Levanta acta de la situación la magnífica bibliografía comentada de D. Essertier, *Psychologie et sociologie. Essai de bibliographie critique*, Félix Alcan, París 1927. Del mismo año es un ensayo reeditado todavía en los años sesenta y que sigue siendo una de las mejores tematizaciones del problema: v. C. Blondel, *Introduction à la psychologie collective*, Armand Colin, París 1964. A su juicio, para Tarde y Durkheim todo hecho social es un fenómeno mental, la diferencia es que el primero lo hace depender de la conciencia individual y el segundo de la conciencia colectiva. V. C. Blondel, *Introduction à la psychologie collective*, p. 71.

<sup>212</sup> V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 324. En su “Conclusión general sobre las escuelas del sociologismo y del psicologismo” reconoce su derecho a existir, pero rechaza su “pretensión de monopolizar el estudio científico de los fenómenos sociales y de considerar los procesos históricos como una ecuación de solo una incógnita”. V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 547.

<sup>213</sup> “Los tiempos han cambiado y una querrela de este tipo difícilmente se activará”. Psicología y sociología podrán seguir ignorándose, pero en lo sucesivo, argumenta Bouthoul, no podrán dejar de tener en cuenta sus logros respectivos. G. B., *L'invention*, p. 21.

<sup>214</sup> V. W. Eucken, *Cuestiones fundamentales de la Economía Política*, Revista de Occidente, Madrid 1947, p. 344, nota 11.

<sup>215</sup> V. D. Essertier, *Psychologie et sociologie. Essai de bibliographie critique*, p. 99.

### 4.3. La mentalidad como hecho social primario

El estudio de las mentalidades y sus variaciones es una síntesis de toda la sociología<sup>216</sup>. También, como queda apuntado, el *modus Bouthoul* de sacar a la sociología de su atolladero. Hay que reconocer que en ese contexto resulta operativa y práctica su definición más acabada de mentalidad: “un conjunto de ideas y de disposiciones intelectuales integradas en el mismo individuo, ligadas entre sí por relaciones lógicas y de creencias”<sup>217</sup>.

*L'invention* constituye la primera etapa del proyecto bouthouleano para salvar la falla que separa a la sociología de la psicología social: con préstamos de Durkheim y Tarde elabora una interpsicología para explicar “el paso de lo social a lo individual y de lo individual a lo social”, según la síntesis posterior del autor<sup>218</sup>. La mentalidad (*mentalité*) es para él la categoría explicativa de ese proceso o *passage* y el hecho social por excelencia (*fait social*) o dato inmediato de la sociología es el hombre dotado de una mentalidad<sup>219</sup>. La mentalidad, según él la entiende, libera a la sociología de la romántica servidumbre que impone la inefable “conciencia colectiva”. En este punto, es la invención, de otro modo que la imitación de Tarde, un decisivo elemento regulador de la mentalidad.

El punto de partida de su sociología de las mentalidades se encuentra en la distinción entre las mentalidades primitiva y civilizada, de naturaleza según unos (Lucien Lévy-Bruhl) y solo de grado para otros (James Frazer), entre los que se cuenta el propio Bouthoul<sup>220</sup>. Mas adelante, para subrayar la “identidad de las funciones mentales en todas las sociedades”, siquiera su “analogía sustancial”, escribe: “creer en la existencia de una mentalidad primitiva, cuyas operaciones mentales difieran genéricamente de las de otras mentalidades, solo sirve para complicar inútilmente los problemas de suyo complejos de la sociología”<sup>221</sup>. El sustrato mental de toda sociedad o civilización es pues el mismo.

---

<sup>216</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 110.

<sup>217</sup> GB, *Les mentalités*, p. 31.

<sup>218</sup> GB, *Éléments de psychologie sociale*, École Universelle par Correspondance (EHES), París 1941, p. 14. También GB, *Traité de sociologie*, t. p. 83.

<sup>219</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 394. A conclusiones similares llega Sorokin en su vasta obra sobre la dinámica social y cultural. Si se abstrae la “mentalidad”, la “pura conducta” es un movimiento reactivo sin significación sociocultural. Todo fenómeno social es para el sociólogo ruso-americano “fenómeno de mentalidad”. V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, I. E. P., Madrid 1962, t. II, p. 740.

<sup>220</sup> GB, *L'invention*, pp. 364-372 y 520-521, nota. Más detalles en GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 416-447.

<sup>221</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 443.

La mentalidad, hecho social por excelencia según Bouthoul, está hecha de representaciones, lo que permite también contemplarla como una “alucinación colectiva”<sup>222</sup>. La mentalidad, por otro lado, es el elemento de orden psicológico, *rectius* psicosocial, de una sociedad, de la cual constituye una “síntesis dinámica y viva”<sup>223</sup>. A pesar de su variabilidad histórica, hay unos rasgos funcionales genéricos omnipresentes. Bouthoul los llama “cuadros constantes o permanentes”<sup>224</sup>, entendiendo por tales un repertorio básico de conocimientos relativo a la cosmología, a la moral y a la técnica. A su lado operan unas “tendencias dinámicas” instintivas, una especie de “motores principales de la vida social” que se manifiestan siempre improntados por la vida social<sup>225</sup>. Finalmente, una mentalidad presupone también un cierto número de “categorías de la vida social” – “ideas generales y categoría del entendimiento” según otra terminología empleada anteriormente–, “verdaderos residuos irreductibles” de nuestro pensamiento y acción entre las que destacan las nociones de espacio y tiempo o los principios de identidad y causalidad<sup>226</sup>, la dicotomía entre lo sagrado y lo profano, que atraviesa toda la vida social, los valores, la jerarquía y la relación amigo-enemigo<sup>227</sup>.

#### 4.4. La función inventiva

El estudio sobre la invención o, con más propiedad, innovación (*innovation*), según la atinada observación del jurado André Darbon<sup>228</sup>, o función inventiva, se encuentra en la encrucijada de la psicología social, allí donde convergen los estatutos científicos de la sociología y la psicología y se registran los “conflictos entre una concepción de la

---

<sup>222</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 108, 111 y 331.

<sup>223</sup> GB, *Les mentalités*, p. 11.

<sup>224</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 399 ss. GB, *Les mentalités*, pp. 36-53.

<sup>225</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 401-402.

<sup>226</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 405-406.

<sup>227</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 406-416. En estas páginas no se refiere todavía Bouthoul al binomio amigo-enemigo, incorporación tardía a *Les mentalités* (pp. 50-53). No se puede obviar aquí la referencia a Carl Schmitt, autor a quien Bouthoul nunca cita expresamente, pero de quien, sin duda, debe tener buenas información facilitada por Julien Freund.

<sup>228</sup> V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, h. 11 (ADR) 5399 W 28.

sociología tal vez prematura y las tradiciones de la psicología y de la ética”<sup>229</sup>. Esto es lo que más importa en una obra en la que el autor deposita tantas expectativas de carrera, muy pronto frustradas.

“¿Cómo se establece una mentalidad? ¿Cómo se transforma? ¿Bajo la influencia de que factores?”, se pregunta Bouthoul. Su respuesta en el arranque de la tesis doctoral es inequívoca: todo depende de la invención<sup>230</sup>. Bouthoul discurre sobre el fenómeno-mentalidad, pero escribe sobre la invención, cuyo fondo misterioso dificulta su aprehensión lógica y racional, pues se trata de un “instinto creador” (*instinct créateur*) de complejidad no muy distinta a las emanaciones vitales (*élan originel, élan vital*) de la metafísica de Henri Bergson<sup>231</sup>. Hay pues en la invención una frontera de ininteligibilidad (*inintelligibilité*)<sup>232</sup>. Con todo, Bouthoul intenta proceder según las reglas de la objetividad científica (*rectius* positivismo) partiendo de una presunción que, en último análisis, resulta ser metafísica<sup>233</sup>: la invención, viene a decir, es una fuerza de la naturaleza cuyo dinamismo se expresa en la “[modificación de] lo dado”<sup>234</sup>. Es cierto que las innovaciones, según Tarde, se extienden, generalizan y reproducen por imitación, pero, como este mismo reconoce, en “el origen de cualquier imitación hay una o más invenciones”<sup>235</sup>.

Distingue Bouthoul dos categorías de invenciones, las de naturaleza técnica, basadas en juicios de realidad sometidos a verificación, y las de naturaleza moral, fundamentadas en

---

<sup>229</sup> V. “Rapport de M. le professeur Richard sur la soutenance de thèse de M. Bouthoul. Caudéran, le 10 mars 1931”, h. 2. (ADR) 5399 W 28.

<sup>230</sup> GB, *L'invention*, p. 10.

<sup>231</sup> H. Bergson, *L'évolution créatrice*, pp. 88-98.

<sup>232</sup> GB, *L'invention*, p. 305.

<sup>233</sup> Un comentarista anónimo de su obra reconoce que “el autor [...] suele estar cerca del problema metafísico. No lo descarta de entrada, pero se esfuerza por mantenerse en el terreno puramente científico y positivo”. “Livres nouveaux”, en [*Supplément de la*] *Revue de Métaphysique et de Morale*, año 40º, octubre-diciembre 1933, suplemento nº 4, p. 1. La belicosidad de la relación entre la sociología y la metafísica, característica destacada del debate sobre la naturaleza de las ciencias humanas desde el último tercio del siglo XIX, se desactiva mediado el siglo XX, pero en modo alguno se disuelve como problema. Sobre estas cuestiones sigue siendo útil no obstante su esquematismo la visión de conjunto de J. Freund, *Les théories des sciences humaines*, París, P. U. F., 1973. Particular interés tiene J. Freund, “Bref essai sur les sciences sociales”, en *Revue de l'Enseignement Philosophique*, nº 6, 1960, pp. 50-65.

<sup>234</sup> GB, *L'invention*, p. 25.

<sup>235</sup> GB, *L'invention*, p. 88.

juicios de valor y objeto de fe<sup>236</sup>. Son dos las formas de adhesión psicológica a las novedades: la certidumbre y la evidencia, de naturaleza objetiva, y la creencia y la fe, de naturaleza subjetiva<sup>237</sup>. El dinamismo de cada innovación se refleja en la magnitud de su doble efecto disolvente y novador a un tiempo del *statu quo*<sup>238</sup>. Este proceso tiene lógicamente mayor repercusión en el caso de la invención de valores que en el de los hallazgos técnicos, pues por su propia naturaleza aquella repercute sobre el estado de equilibrio característico de una mentalidad, de modo que el trastrocamiento o mutación de un elemento configurador de la mentalidad, incluso en las sociedades primitivas, tiende a producir cambios en todo el conjunto<sup>239</sup>. Con independencia de lo cual resalta Bouthoul que las verdaderas transformaciones de la mentalidad social son las que afectan al sentido común, “residuo” de la misma<sup>240</sup>. Bouthoul adopta la terminología de Vilfredo Pareto para referirse a los estratos más profundos de las creencias sociales, donde están radicadas también las creencias religiosas si es que acaso, podría añadirse, no se trata de la misma cosa. La verdadera “variación de la mentalidad” no se encuentra en la fluctuación de la opinión pública, sino “en la modificación de nuestras estructuras mentales”, particularmente en aquello que supone el “desplazamiento de las fronteras entre lo sagrado y lo profano”<sup>241</sup>.

La función inventiva es única, independientemente del método que encauce su energía y Bouthoul se esfuerza por someter sus dos grandes categorías a un común patrón lógico. Sea como fuere, si hay algo que permite distinguir en la invención dos grandes sectores, uno axiológico y otro técnico, eso es la separación transcendental entre lo sagrado y lo profano. Mientras que la invención técnica opera sobre los objetos profanos, la axiológica

---

<sup>236</sup> GB, *L'invention*, p. 43.

<sup>237</sup> GB, *L'invention*, p. 301.

<sup>238</sup> GB, *L'invention*, pp. 426 ss.

<sup>239</sup> GB, *L'invention*, p. 517. Esta es también, en cierto modo, una de las consecuencias indirectas de la “ley de reintegración”, noción psicológica que Bouthoul adopta para estudiar el funcionamiento de la memoria. GB, *L'invention*, p. 165. Por otro lado, en cada valor repercute como un eco la aspiración a “equilibrar” todos los paradigmas sociales, lo que Bouthoul denomina una “integración total” (*intégration totale*). GB, *L'invention*, p. 435.

<sup>240</sup> GB, *L'invention*, p. 308. El sentido común (*sens commun*), añade más adelante (p. 554), constituye “el repertorio de conceptos ya sistematizados representativos de las grandes líneas de la mentalidad de un grupo”.

<sup>241</sup> GB, *Las mentalidades*, p. 96.

lo hace sobre los objetos que la sociedad considera sagrados<sup>242</sup>. Del mismo modo, posee la creatividad técnica un aspecto lúdico, en el sentido que Huizinga le dará a esta expresión unos pocos años después, del que carece la de naturaleza moral, “cosa seria y de una gravedad extrema”<sup>243</sup>, un no-juego en suma<sup>244</sup>. La polaridad entre las dos especies de la invención tiene otras manifestaciones: al menos en términos relativos, la invención de valores, cuyos objetivos adolecen generalmente de cierta imprecisión, se presenta impregnada de afectividad, a diferencia del descubrimiento técnico<sup>245</sup>.

Richard sugiere en una reseña de *L'invention* la conveniencia de incorporar una tercera categoría de innovaciones, atendiendo a su naturaleza singular: la creación de valores estéticos (*l'ordre des valeurs esthétiques*). Considera Richard que esta incorporación habría ayudado al autor a corroborar sus inducciones sobre el elemento agente, en última instancia, de la invención: el individuo. “En realidad, Bouthoul ha presentado la importancia de los valores estéticos y no los ha ignorado por completo, pues señala el origen mágico de las artes plásticas y las analogías del éxtasis y la poesía”<sup>246</sup>, además, cabría añadir, de los pasajes que dedica al examen de las formas de inspiración<sup>247</sup>. No es extraño que poco después de la publicación de esta opinión, en mayo de 1932, sin duda por la sugerencia del maestro, dictara Bouthoul una conferencia en la Sociedad de Sociología de París, precisamente sobre la invención de valores estéticos. Recalca en ella la gratuidad e imprevisibilidad de la génesis de los arquetipos artísticos y el aspecto individual de toda creación, recordando no obstante la conjunción en el proceso inventivo de diversos elementos, como por ejemplo el estado de las técnicas artísticas, subrayando su carácter de meros “factores de probabilidad”<sup>248</sup>.

---

<sup>242</sup> GB, *L'invention*, p. 67.

<sup>243</sup> GB, *L'invention*, p. 380-381.

<sup>244</sup> Sobre el juego como creador de cultura: J. Huizinga, *Homo ludens* (1938), Alianza Editorial, Madrid 2001, p. 68.

<sup>245</sup> GB, *L'invention*, pp. 67 y 70. Otras apreciaciones en GB, *Las mentalidades*, pp. 97-101. El campo de la innovación axiológica le parece en ese libro “extremadamente restringido”, de modo que la invención de valores es casi siempre una “acentuación” o una “permutación”.

<sup>246</sup> G. Richard, “L'invention”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, nº 5-6, mayo-junio 1931, p. 263. La misma sugerencia en la reseña de S. C. Gilfillan del *American Journal of Sociology*, t. 37, nº 4, 1931, p. 672.

<sup>247</sup> GB, *L'invention*, pp. 451 ss.

<sup>248</sup> GB, “L'invention de valeurs esthétiques”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, nº 5-6, mayo-junio 1932, pp. 507-508.

“No hay invención sin inventor”<sup>249</sup>, tesis que Bouthoul reitera en su trabajo doctoral, es el epigrama que mejor resume su postulación intelectual. Este va dirigido, por descontado, contra el materialismo histórico marxista, filosofía que presume una correlación indemostrable entre los valores y la situación social, pero sobre todo, contra la hipótesis que ve en la creación de valores el producto de la conciencia social. El marxismo es tal vez, dejando a un lado la doctrina durkheimiana de la “conciencia social”, una de las formalizaciones más precisas del correlacionismo automático entre productividad del pensamiento y estado social<sup>250</sup>. Con todo, Marx ha dejado en una zona de sombra el “paso” de uno a otro<sup>251</sup>. Bouthoul considera inadmisibles tesis que aprueben la intervención directa del medio social sobre el individuo (cenestesia) sin la mediación, para él decisiva, de la personalidad consciente, factor último e irreductible de la actividad inventiva<sup>252</sup>. Por la misma razón desaprueba la justificación de las invenciones por una presunta necesidad social (*besoin social*), emanación de las condiciones de existencia social que finalmente, de un modo u otro, se expresarían forzosamente en un individuo<sup>253</sup>. Manteniendo lo esencial de su pensamiento al respecto, Bouthoul destaca no obstante la importancia del “momento histórico” y así llegará a apreciar de Arnold J. Toynbee su reelaboración de la noción de necesidad, transformada en el *challenge* o desafío que fundamenta su filosofía de la historia<sup>254</sup>.

En la conclusión de *L'invention*, de donde Bouthoul extrae sus páginas más significativas para publicarlas también aparte<sup>255</sup> –la crítica al concepto de una conciencia social–, se muestran sus verdaderas intenciones: la refutación del sociologismo de Durkheim y del

---

<sup>249</sup> GB, *L'invention*, p. 113: “No hay pensamiento sin sujeto pensante ni invención sin inventor”.

<sup>250</sup> GB, *L'invention*, p. 384.

<sup>251</sup> Marx no explica “los problemas de la ‘comunicación’ o, si se prefiere, del ‘paso’ entre los dos dominios: ¿de qué modo las variaciones de la estructura material de las sociedades y de la técnica influyen sobre las conductas políticas y suscitan la invención de valores morales e instituciones jurídicas?”. GB, “Art, science et sociologie politiques”, en *L'art de la politique*, p. 30.

<sup>252</sup> GB, *L'invention*, pp. 120-121.

<sup>253</sup> GB, *L'invention*, p. 424.

<sup>254</sup> Sobre el “momento histórico”: GB, *L'invention*, p. 415. Cfr. GB, *Las mentalidades*, p. 98 y A. J. Toynbee, *Estudio de la historia. Compendio*, t. I.

<sup>255</sup> GB, “Critique de la conception d'une conscience sociale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, nº 5-6, mayo-junio 1931.

“gusto romántico”, común a muchos sociólogos, por “las fuerzas oscuras e irresistibles”<sup>256</sup>.

No hay, en suma, a juicio de Bouthoul, una separación entre la psicología individual y la social como la presupuesta por el autor de *Las reglas del método sociológico*. Una y otra no son compartimentos estancos o funciones separadas, sino “dos aspectos del mismo fenómeno”<sup>257</sup>. En materia de invención es el individuo quien propone y el medio social, siempre después, *ex post*, quien acepta o rechaza las creaciones del inventor agente<sup>258</sup>. El estudio de una invención no puede proceder separadamente del de su difusión y transmisión<sup>259</sup>, aspectos sociales que es preciso reconocer. No obstante el atractivo de una explicación por la conciencia social o la ideación colectiva, “particularmente tentadora”, Bouthoul estima que nada aporta a la dilucidación de la conducta de los hombres: “se trata de una hipótesis que complica inútilmente el problema de la invención introduciendo junto al individuo un nuevo sujeto cuya existencia como ser dotado de personalidad únicamente se presupone”<sup>260</sup>. La noción durkheimiana ha vigorizado la sociología y la filosofía social pero “no parece que las investigaciones hayan podido confirmarla” y demostrar la “irreducibilidad de ciertos tiempos de invención al pensamiento individual”<sup>261</sup>. Por otro lado, si quienes postulan la existencia de una conciencia social la reducen en sus funciones y reacciones a lo individual, con razón se puede preguntar qué aporta aquella entonces a la sociología<sup>262</sup>. *Entia non sunt multiplicanda*, la regla que aconseja “evitar toda noción que complique inútilmente el problema de las reacciones sociales y de

---

<sup>256</sup> GB, *L'invention*, p. 535. Su concepción de la guerra como “fenómeno no intencional” (guerra-accidente), desarrollada años después, tiene bastante del romanticismo sociológico que él mismo cuestiona en los principios de su carrera. *V. infra* cap. 5, § 1.2. En cualquier caso, también la irrupción de la invención tiene en Bouthoul, no obstante sus inclinaciones positivistas, un ingrediente misterioso e inefable, como el clinamen o el energético *quanta* psíquico al que se refiere en otros lugares. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 36 y 295. *V. infra* cap. 3, § 1.

<sup>257</sup> GB, *L'invention*, p. 339.

<sup>258</sup> GB, *L'invention*, p. 322.

<sup>259</sup> GB, *L'invention*, p. 344.

<sup>260</sup> GB, *L'invention*, p. 530.

<sup>261</sup> GB, *L'invention*, pp. 544 y 547.

<sup>262</sup> GB, *L'invention*, p. 549.



la creación de las instituciones”, es postulada por Bouthoul como un elemento metódico e interpretativo central en sociología<sup>263</sup>.

Frente al anonimato de las presuntas creaciones de la conciencia social (Durkheim) y a la continuidad u homogeneidad del pensamiento (Bergson)<sup>264</sup>, Bouthoul recuerda, con Oswald Spengler, “el hábito deplorable de negar en la historia toda solución de continuidad”, entre las que se cuenta la irrupción de las creaciones individuales<sup>265</sup>.

La mayor parte de *L'invention*, casi dos tercios, se dedica al estudio de los elementos psicológicos y sociales que, influyentes o determinantes, no causan la invención, sino que provocan la agitación del “espíritu inquisitivo” (*esprit interrogatif*)<sup>266</sup> y con él la “aceleración de las corrientes de ideas, la vigilancia de nuestra atención y el estímulo de las contradicciones internas”<sup>267</sup>. Se señalan entre los primeros los factores afectivos y la memoria, vindicando Bouthoul el método introspectivo (*instrospection*), cuya utilidad encarece G. L. Duprat en sus cursos de sociología o H. Bergson en su último libro importante<sup>268</sup>. Entre los segundos destacan, como factores de permanencia social, la enseñanza, cuyo objeto último es la promoción de la “invención conformista”, no contradictoria de los principios básicos de una sociedad<sup>269</sup>; la imitación: desde el psitacismo a la inversa, pasando por el contagio mental<sup>270</sup>; y la coacción en su distintas

<sup>263</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 142-143.

<sup>264</sup> “El pensamiento del hombre, incluso el del hombre primitivo, cuando apenas constituye un presentimiento y ni siquiera es percibido con claridad, no deja de ser una realidad fragmentada y que tiende a serlo cada vez más en la medida que acrecienta su precisión y vigor”. GB, *L'invention*, p. 505. En realidad, esta crítica al bergsonismo parece estar respondida ya en la sutil forma de operar las leyes de dicotomía y del doble frenesí. V. H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, Flammarion, París 2012, pp. 366-367, en relación con 189-190. El *élan vital* presupone la imprevisibilidad de las formas novedosas que la vida genera pegando saltos discontinuos e inopinados. V. H. Bergson, *L'évolution créatrice*, p. 45.

<sup>265</sup> GB, *L'invention*, p. 524.

<sup>266</sup> Noción ciertamente próxima al “instinto [o residuo] de las combinaciones” (*instinct des combinaisons*) de Vilfredo Pareto, sobre todo a su variante más elemental, la que impulsa al hombre a “asociar cosas y operaciones, sin plan preestablecido y sin saber exactamente lo que pretender, como una persona que recorre un bosque por el mero placer de pasear”. Es una de las mayores fuerzas civilizadoras. V. V. Pareto, *Traité de sociologie générale. Édition française par Pierre Boven revue par l'autuer. Réimpression de l'édition 1917-1919*, Otto Zeller, Osnabrück 1965, t. I, §§ 896 y 899, pp. 472-473.

<sup>267</sup> GB, *L'invention*, p. 233.

<sup>268</sup> GB, *L'invention*, p. 131. V. H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, p. 345.

<sup>269</sup> GB, *L'invention*, p. 344.

<sup>270</sup> GB, *L'invention*, p. 440.

variantes, por ejemplo la guerra<sup>271</sup>, la colonización<sup>272</sup> o el decisionismo de un régimen tiránico decidido a cambiar la sociedad por decreto<sup>273</sup>.

## 5. La estación del realismo político

Abenjaldún es para Bouthoul la escala dorada que le conduce a la adhesión al realismo político. Autor releído constantemente y citado con frecuencia, Bouthoul ha de llamar la atención sobre su pesimismo y su concepción parasitaria de todo gobierno, típica del despotismo oriental<sup>274</sup>; sobre el fenómeno cíclico de la decadencia, particularmente en política<sup>275</sup>, cuya raíz es en última instancia psicológica<sup>276</sup>; o sobre la explotación política de la religión, constante en toda mutación del poder. Según Bouthoul, particularmente “en las civilizaciones religiosas de oriente, como sabe ver Abenjaldún, toda agitación política de cierta importancia utiliza el pretexto del restablecimiento de la pureza de la fe”<sup>277</sup>. La utilización pública de la religión (o de la ciencia, la moral y el derecho, incluso del arte) no altera en realidad la naturaleza política del conflicto, determinado este en última instancia, como diría Carl Schmitt, por la designación del enemigo<sup>278</sup>. Opiniones en absoluto demagógicas que clasifican a Abenjaldún, pero también a su intérprete, autoidentificado con él, en las filas del realismo político. En Bouthoul, por su dominio de la lengua italiana, hay además como una predisposición a la recepción de la obra de los llamados neomaquiavelistas italianos: Robert Michels, Gaetano Mosca y Vilfredo Pareto, cuyas obras reseña, comenta o lee en los años veinte.

---

<sup>271</sup> GB, *L'invention*, pp. 394, 408, etc.

<sup>272</sup> GB, *L'invention*, p. 395.

<sup>273</sup> GB, *L'invention*, p. 410.

<sup>274</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 14.

<sup>275</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 22.

<sup>276</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 14.

<sup>277</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 333.

<sup>278</sup> V. C. Schmitt, *El concepto de lo político*, Alianza Editorial, Madrid 1991, pp. 56-58.

Bouthoul mira con recelo la política, “enemiga de la sociología”<sup>279</sup> y a veces su mayor “obstáculo”<sup>280</sup>. La política somete, domestica y pone a su servicio a los historiadores, pero a los sociólogos los convierte en “proveedores de argumentos”<sup>281</sup>, tanto en los regímenes totalitarios como en los democráticos o liberales. En ambos casos, las diferencias en el tipo de explotación legitimadora son más bien de grado que de naturaleza. Bouthoul decanta por ello una vía no politizada de acceso a la política: la presenta sistematizada, según su estilo enciclopédico y detallista, en *Sociologie de la politique*, una breve suma publicada en 1965. De la misma actitud científica se alimentan sus primeras incursiones en el estudio de la periodicidad de las guerras, hecho bruto y constatable del que la inteligencia sociológica extrae sucesivas hipótesis, cada vez más complejas según los distintos grados de explicación: desde su motivación psicológica aparente y presunta intencionalidad hasta la elaboración de las hipótesis sobre sus funciones y periodicidad<sup>282</sup> y desde aquí, consecuentemente, hacia el desarrollo de la polemología, sociología especial basada en el “método de la objetividad decreciente” (*objectivité décroissante*)<sup>283</sup>. No hay, por lo demás, grandes diferencias de fondo entre este método de la “objetividad decreciente” y el llamado por Julien Freund “método demostrativo”, incluso “maquiavelianismo” (*machiavélianisme*), del cual se reconoce también deudor Raymond Aron, siempre fiel a Max Weber<sup>284</sup>.

El optimismo científico de Bouthoul emparenta indirectamente con las corrientes tecnocráticas, pues llega a decir que los problemas sociales no los resuelven ni las

---

<sup>279</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 258.

<sup>280</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 40 y 103.

<sup>281</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 211.

<sup>282</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939. No es difícil descubrir en ese famoso texto, considerado por el propio autor como una “guía provisional”, la anticipación, hasta cierto punto intuitiva, del método fijado por Bouthoul en *Les guerres. Éléments de polémologie*, París, Payot 1951, pp. 18-25. Citaré en lo sucesivo por esta edición, reproducida en 1970 y 1991 con los añadidos de un “Avant-propos” (pp. 3-4) y una décima parte (“Problématique, développements et recherches de la Polémologie”, pp. 532-539) que no alteran la paginación de la obra. Las citas relativas a la edición de 1970 rezan como *Traité de polémologie*.

<sup>283</sup> GB, *Les guerres*, p. 18.

<sup>284</sup> V. especialmente la primera parte (“Conceptos y variables”) de R. Aron, *Démocratie et totalitarisme*, Gallimard, París 1992. Sobre maquiavelismo y maquiavelianismo v. J. Freund, *L'essence du politique*, pp. 9-13. J. Molina, “Julien Freund, del realismo político al maquiavelianismo”, en *Anales de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Católica de La Plata*, 2004.

doctrinas políticas, *rectius* ideologías, ni las ciencias humanas, sino las invenciones técnicas<sup>285</sup>. Esta ingenuidad positivista u otras parecidas en las que incurre, hoy tal vez censurables, pero explicables<sup>286</sup> en el miembro de una generación que “hace sus estudios al terminar la primera guerra y escribe sus primeros libros en los años que precedieron a la segunda; [y que] después de 1945 se pregunta cómo evitar la tercera”<sup>287</sup>, no contradice su filiación intelectual realista<sup>288</sup>, constante de un pensamiento que no conoce rectificaciones desde su encuentro en los años veinte con los neomaquiavelistas italianos y tal vez antes con Abenjaldún. Si acaso, su razonable confianza en el *logos* tiene como trasfondo un sano escepticismo político<sup>289</sup>. Resulta imposible por ello encuadrarle en el plano polémico de las ideologías, demasiado simple para catalogar un ingenio que por gustos, hábitos y trato sería más bien la resultante de dos pasiones de combinatoria desconcertante: la del conservador y la del anarca. También, probablemente, la del esteta<sup>290</sup>.

Filántropo preocupado por el destino de la humanidad, desarrolla un pacifismo funcional no siempre bien entendido<sup>291</sup>. De modo que si se dice de Bouthoul que fue un “socialista que destaba la guerra” (*a socialist who loathed war*), lo de menos es su actitud u opinión pacifista, lo llamativo es el desenfoque en la representación ideológica de un intelectual

---

<sup>285</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 263.

<sup>286</sup> Ingenuidad por otro lado inevitable en un doctrinario de la función social de la inventiva humana.

<sup>287</sup> R. Aron, “De la condición histórica del sociólogo”, en *Estudios sociológicos*, Espasa-Calpe, Madrid 1989, p. 404.

<sup>288</sup> No son raros los ejemplos de realistas políticos que son positivistas declarados: Giuseppe Ferrari, Guglielmo Ferrero, James Burnham, etc. Bouthoul no desentona en esta compañía.

<sup>289</sup> Su actitud soportaría perfectamente que se incluyera su nombre en la categoría del “razionalismo político”, elaborada metódicamente por Gonzalo Fernández de la Mora, desde 1981, en los editoriales de su revista *Razón Española*. V. A. Maestro (Ed.), *Razonalismo. Homenaje a Fernández de la Mora*, Fundación Balmes, Madrid 1995, pp. 95 ss. En todo caso es de interés para lo que aquí señalo C. Goñi Apesteguía, *Teoría de la razón política. El pensamiento político de Gonzalo Fernández de la Mora*, C. E. P. C., Madrid 2013; P. C. González Cuevas, *La razón conservadora. Gonzalo Fernández de la Mora, una biografía político-intelectual*, Biblioteca Nueva Madrid 2015.

<sup>290</sup> Su sensibilidad estética, por otro lado, resulta inseparable de su creatividad científica, de la que el neologismo “polemología” es solo una expresión afortunada. Con absoluta naturalidad, Bouthoul lo mismo se saca del magín una “sociología del tiempo” que salva el abismo, tanto tiempo infranqueable, entre la sociología y la psicología social, y sienta las bases de una “sociología de las mentalidades”.

<sup>291</sup> No lo entiende, por ejemplo, Giorgio Facchi, siendo no obstante uno de sus lectores más agudos. V. G. Facchi, *Polemologia come scienza*, Loescher, Torino 1971, pp. 46, 62, etc.

inclasificable<sup>292</sup>, próximo más bien a lo que Carlo Gambescia llama liberalismo triste o melancólico, por contraste con el neoliberalismo o liberalismo *ridens*<sup>293</sup>, antes que a cualquier forma de socialismo<sup>294</sup>. En mi opinión, lo más parecido en Bouthoul a una toma de posición política concreta<sup>295</sup> es su africanismo del *Interbellum* vinculado a un nacionalismo cultural y antiuniversalista, doctrina más bien transversal desde un punto de vista ideológico. Como el realismo político, que también lo es *a fortiori*.

Apenas si existen opúsculos, mucho menos tratados, sobre la cosa en sí del realismo político, don misterioso, conciencia de la política que parece refractaria a todo intento de sistematización a través de los géneros científicos convencionales. El realismo político es la imaginación del desastre, por eso el realista político es, ante todo, alguien que “sabe ver” la verdad efectiva de las cosas y vive observante de los hechos (*a guardia dei fatti*)<sup>296</sup>. Se trata de un pensamiento avizor, generalmente expresado inconscientemente en alguno de los géneros sapienciales, científicamente menores: aforismos, epigramas, sentencias, máximas, empresas, etc. Bouthoul tiene, sin embargo, unas pocas páginas introductorias a una rica antología histórica del arte de la política, desde Ramsés II a Charles de Gaulle, que permiten establecer su posición frente a una de las cuestiones más huidizas de la ciencia política: la trascendentalidad o permanencia de lo político<sup>297</sup>. La introducción a la

<sup>292</sup> Opinión, creo que infundada, de Hall Gardner y Oleg Kobtzeff, editores de un libro reciente que, no obstante, reivindica con acierto la polemología bouthouleana. ¿Acaso han pretendido mostrar que Bouthoul tiene los papeles en regla y que es un académico inofensivo y frecuentable sin reparos? V. H. Gardner y O. Kobtzeff, “General Introduction: Polemology”, en H. Gardner y O. Kobtzeff (Ed.), *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, Ashgate, Farnham y Burlington (VT) 2012, p. 3.

<sup>293</sup> V. C. Gambescia, *Liberalismo triste. Un recorrido de Burke a Berlin*, Ediciones Encuentro, Madrid 2015.

<sup>294</sup> Interrogado sobre este extremo, sin duda secundario, pero de interés en la provincia política de los convencionalismo, G.-E. Sarfati, al menos en los años setenta, lo encuentra ajeno tanto al socialismo representado F. Mitterrand, por su pasado vichysta y su papel en la guerra de Argelia, como del “liberalismo económico salvaje”. Comunicación de G.-E. Sarfati al autor (22 de enero de 2016). Bouthoul, ¿centro izquierda? ¿social-liberal? Puede ser. Pero no deja de ser esta una *elección situacional*, como la adhesión a la masonería, en contraste con la *posición existencial* de quien debajo del accidente percibe la dureza de las constantes metapolíticas, particularmente aquellas que tienen que ver con la demografía y la guerra.

<sup>295</sup> Poco se sabe de sus servicios al político Paul Reynaud, varias veces ministro y primer ministro. De esta colaboración, al parecer estrecha, solo hay constancia de momento en la tradición oral de la familia Sarfati-Bouthoul. Comunicación de G.-E. Sarfati al autor (22 de enero de 2016).

<sup>296</sup> V. C. Gambescia, *Liberalismo triste. Un recorrido de Burke a Berlin*, p. 44.

<sup>297</sup> Permanencia y primado de lo político son en realidad categorías muy distintas, lo que generalmente suele pasarse por alto. La primera pertenece al orden metafísico, la segunda al histórico. Suelen aparecer

compilación *L'art de la politique*<sup>298</sup> y ciertos pasajes de la citada *Sociologie politique* y “Les doctrines politiques depuis 1914” nos descubren un autor consciente, como Miglio y tantos otros, de las “regularidades” del fenómeno político.

Bouthoul fundamenta su “sociología política”<sup>299</sup> en la existencia constatable de una serie de “funciones políticas esenciales” (*fonctions politiques essentielles*): la rivalidad entre estados, la fijeza de la geopolítica y, por descontado, el ritmo o frecuencia de la variación demográfica<sup>300</sup>. De hecho, los movimientos de población constituyen para Bouthoul una de las regularidades esenciales de la política, pues le permiten explicar el fenómeno-guerra o magnos fenómenos históricos como la desaparición de las civilizaciones<sup>301</sup>. Así pues, la aparición en Europa del partido único y su posterior generalización o la desideologización de las masas en occidente le parecen al autor una respuesta al problema político de una estructura demográfica colosal<sup>302</sup>. También la circulación de las elites constituye un

---

contiguamente en los distintos autores que las realzan, pero generalmente sin acotar. Así en Freund y Aron. V. J. Freund, *L'essence du politique*, pp. 18-20, y R. Aron, *Démocratie et totalitarisme*, pp. 32-36.

<sup>298</sup> Aunque tiene su explicación, se puede considerar a primera vista una paradoja la dedicatoria de ese texto a una activista política, ideóloga del movimiento feminista y proclive al utopismo como Louise Weiss. V. *infra* cap. 4, § 3.2.

<sup>299</sup> Resulta significativo que Bouthoul y Aron se esfuercen por dar un sentido no estadístico, no sociográfico, no empirista y no meramente politológico a la “sociología política”, terminología común a los dos escritores. Llama la atención que en este punto puedan aparecer ligados dos sociólogos de actitud tan divergente ante el estatuto científico de la sociología general. Un abismo separa, por muchos motivos, *La sociologie allemande contemporaine*, Félix Alcan, París 1935, de R. Aron, del *Traité de sociologie*, t. I, de G. Bouthoul, cuya primera redacción debe ser contemporánea del libro de Aron. El mismo que aleja y hace tan distintos otros libros suyos elaborados en la posguerra: *Histoire de la sociologie*, de Bouthoul, y *Les étapes de la pensée sociologique* (1967), Gallimard, París 2016. Bouthoul es un escritor de sumas y síntesis sociológicas; Aron, más bien, en punto a la historia de las ideas sociológicas, un escritor de “galerías de retratos intelectuales”, según sus propias palabras, antes de la guerra y después de ella. Sin embargo, unidos idealmente por el análisis de la guerra, resulta sorprendente su mutuo desinterés. Bouthoul se limita a recoger algunos fragmentos de Aron, provenientes de *Polémiques*, Gallimard, París 1955 y de *La sociologie allemande contemporaine* en sus antologías *L'art de la politique*, pp. 491-495 y “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, pp. 212-215. Aron, por su parte, únicamente se ocupa de Bouthoul, para cuestionar su doctrina polemológica, en un párrafo de *Paix et guerre entre les nations*, Calmann-Lévy, París 2004, pp. 236-242. Las actas de una sesión de la Academia de Ciencias Morales y Políticas de Francia recogen un intercambio de opiniones entre ambos que debió resultar especialmente decepcionante y superficial para Bouthoul. GB, “La guerre phénomène sociale”, en *Revue des Travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques et comptes rendus de ses séances*, año CXVIII, nº 4, 1965.

<sup>300</sup> GB, *Sociologie politique*, p. 5 y GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 346.

<sup>301</sup> La contemplación de la guerra, verdadera constante metapolítica, es para Bouthoul una escuela suprema de realismo. Con razón ha podido decir Pier Paolo Portinaro que “la investigación sobre las causas de las guerras es el banco de pruebas para todo pensamiento que aspira a distinguir en política realidad y apariencia”. V. P. P. Portinaro, *El realismo político*, Editori Laterza, Roma-Bari 1999, p. 32.

<sup>302</sup> GB, *Sociologie politique*, pp. 81-82.

movimiento dependiente, entre otros factores, de la “perplejidad demográfica de la clase dirigente”<sup>303</sup>.

El realismo trasmina la sociología política de Bouthoul: saber no dogmático y no emocional, ajeno a todo a priori presuntamente optimista (o pesimista) y al subjetivismo de las motivaciones atribuidas a los actores, producto según él de una “psicología dramática”<sup>304</sup>. Más allá de la motivación accidental de los antagonismos políticos se registran las mismas funciones básicas y las mismas constantes en cualquier agregado o comunidad política<sup>305</sup>. La metapolítica da razón de unas y otras, bien en su dinamismo (funciones), bien en su permanencia (constantes). El pensamiento realista busca lo que dura y no pasa en la infinita variedad de acontecimientos<sup>306</sup>, lo cual, por otro lado, pone de manifiesto la persistencia de la natura humana. Sobre este último aspecto no hay un juicio inequívoco de Bouthoul, aunque acepta la persistencia histórica de ciertos rasgos de la especie humana, cuando no su invariabilidad: “si algo demuestra la experiencia es que los hombres intervienen más eficazmente sobre las cosas que sobre su propia naturaleza”<sup>307</sup>.

La sociología política, según la entiende Bouthoul: un señalamiento de regularidades, ha de ser la última jornada de la ciencia política. Su punto de partida es el estudio de los testimonios de los hombres políticos y sus consejeros, de todos aquellos, en suma, que han “vivido y dirigido los acontecimientos o discurrido sobre ellos”<sup>308</sup>. *L’art de la politique*, según el autor, constituye una aproximación a la autointerpretación de la función y papel desempeñados por los estadistas, antiguos y modernos<sup>309</sup>, es decir, “el relato personal de

---

<sup>303</sup> GB, *Cent millions de morts*, cap. IX. Una exposición detallada de la correlación entre el factor demográfico y la estructuración jerárquica élite - clase dirigente - masa en GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 337-372.

<sup>304</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l’antiquité*, pp. 344-345 y 348.

<sup>305</sup> GB, *Sociologie politique*, p. 22.

<sup>306</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l’antiquité*, p. 344.

<sup>307</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 219.

<sup>308</sup> GB, *L’art de la politique*, p. 43.

<sup>309</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 5.

los prácticos y virtuosos del arte político”<sup>310</sup>. “La experiencia psicológica secular”<sup>311</sup> condensada en las opiniones de los políticos, “momentos anímicos aislados que brillan a través de los siglos”<sup>312</sup>, es lo que finalmente le da al realismo político su gracia singular.

### 5.1. Los neomaquiavelistas italianos

Entre 1922 y 1928 aparecen numerosas reseñas de las obras de Robert Michels y Gaetano Mosca en la *Revue Internationale de Sociologie* y *Mercure de France*. Nueve de ellas vienen firmadas por Gaston Bouthoul, autor de una treintena de noticias y recensiones solo sobre libros de economistas, demógrafos y juristas italianos<sup>313</sup>, curiosamente ninguna sobre Pareto, autor sobre el que ha discurrido o discurrirá con finura, particularmente cuando manifiesta sus reparos a su teoría sobre los residuos y las derivaciones, pues a Bouthoul le parece que el sardónico estilo paretiano y su desprecio de las derivaciones tiende más bien a embrollar los problema de la sociología moral que a resolverlos<sup>314</sup>. En cualquier caso, a Pareto, patrón de una “sociología realista”, es decir, “escéptica y sarcástica”, le ha dedicado Bouthoul unos pasajes en su contribución a la *Histoire des doctrines politiques* de Mosca<sup>315</sup>. Homenaje más bien discreto a una de las fuentes esenciales de su inteligencia del dinamismo social. Ni de Mosca, por obvias razones<sup>316</sup>, ni de Michels hace mención en ese largo apéndice.

El equilibrio social paretiano es la resultante de un movimiento ondulatorio<sup>317</sup>, doctrina que anticipa estudios como los dedicados por Bouthoul a los fenómenos periodomorfos. Expresión del ritmo de los hechos sociales es la interacción entre los distintos factores del equilibrio social, proceso que también se refleja en la inexorable circulación de las elites.

---

<sup>310</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 43.

<sup>311</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 43.

<sup>312</sup> V. V. Marcu, *Maquiavelo, la escuela del poder*, Espasa-Calpe, Madrid 1967, p. 41.

<sup>313</sup> V. *infra* cap. 6, § 1.5.

<sup>314</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 402-404.

<sup>315</sup> Sus comentarios sobre la circulación de las elites se recogen en una sección dedicada a los “precursores y doctrinarios del fascismo”. GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, pp. 320-321.

<sup>316</sup> Es el propio Mosca quien expone su “teoría de la clase dirigente política” en el último capítulo de la primera parte del libro. V. G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, pp. 243-253.

<sup>317</sup> V. V. Pareto, *Traité de sociologie générale*, t. II, §§ 2 330-2 332, espec. pp. 1 542-1 550.



Según Bouthoul, Pareto ha descrito, en algunos casos muy prolijamente, la “dependencia mutua” de los fenómenos, tanto individuales como colectivos, tanto residuos como derivaciones, pero le falta a su sociología “la noción de correspondencia entre las estructuras sociales y las estructuras mentales”<sup>318</sup>. Unas y otras, argumenta Bouthoul, experimentan la “necesidad lógica” (*besoin logique*) de sostenerse mutuamente y contener o cancelar todo aquello que altere su equilibrio<sup>319</sup>. La contribución conceptual de Pareto al esclarecimiento de ese problema (acciones lógicas y acciones no-lógicas)<sup>320</sup> le parece su gran descubrimiento sociológico, pues ha desvelado que “la motivación aparente de nuestros actos a menudo resulta falaz”<sup>321</sup>.

Bouthoul subraya en 1924 que desearía tener que reseñar con más frecuencia los libros claros y documentados, de una “elegante simplicidad”, de Michels<sup>322</sup>. Por la familiaridad con que escribe del profesor de la universidad de Turín y el aire elegíaco de su introducción a la edición francesa de *Le boycottage international*, fechada unos pocos meses después del fallecimiento del autor, cabe suponer que mantuvieron en algún momento un trato cercano, acaso amistoso. Las páginas de Bouthoul, en efecto, evocan una “atractiva inteligencia con la que las relaciones personales resultaban infinitamente agradables”<sup>323</sup>; quien las escribe, títulos intelectuales aparte, ha tenido que frecuentar al autor, “muy ligado a Gabriel Tarde y René Worms y asiduo colaborador de la *Revue Internationale de Sociologie*”<sup>324</sup>.

Bouthoul cataloga a Michels primeramente como economista: sus preocupaciones capitales son de orden económico, aunque del mismo modo contempla su interés por lo sociológico y lo psicológico. Desde un punto de vista teórico le considera adicto a la

---

<sup>318</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 404.

<sup>319</sup> Bouthoul entiende el equilibrio como una “forma de relación”, sin connotación positiva o negativa alguna. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 76. Por lo demás, la noción de equilibrio es una clave epistemológica de la sociología dinámica bouthouleana. GB, *Traité de sociologie*, t. II, espec. pp. 73-102.

<sup>320</sup> V. V. Pareto, *Traité de sociologie générale*, t. I, §§ 149-153, pp. 66-68.

<sup>321</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 268. GB, *L'invention*, pp. 279-280.

<sup>322</sup> GB, reseña de R. Michels, *Fattori e problema dell'espansione commerciale* (1924), en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, p. 413.

<sup>323</sup> GB, “La vie et l'oeuvre de Robert Michels”, en R. Michels, *Le boycottage international*, Payot, París 1936, p. 5.

<sup>324</sup> GB, “La vie et l'oeuvre de Robert Michels”, en R. Michels, *Le boycottage international*, p. 9.

“escuela psicológica nacida en Austria y continuada en Francia principalmente por A. Aftalion”<sup>325</sup>. Socialdemócrata en su juventud, deviene crítico de la burocratización de la maquinaria política influido por Max Weber. Sin embargo, mucho más afín a Pareto y Mosca, cuya deuda con ellos, por otro lado reconoce<sup>326</sup>, estima que “lo esencial en la historia no está en la dialéctica entre la tensión heroica y la rutina administrativa [...] sino en las fuerzas nuevas que periódicamente vienen a reemplazar a las clases dirigentes agotadas y a mantener, emulándolas, el genio creador y las facultades de renovación de la sociedad”<sup>327</sup>.

Mosca es otro de los neomaquiavelistas que modela su percepción de la realidad política. En 1924 comenta sus *Elementi di scienza politica*, libro que presenta como un tratado de “las perturbaciones sociales en todas sus formas”<sup>328</sup>; en 1936, como traductor, es responsable de la edición de *Histoire des doctrines politiques depuis l'Antiquité a nos jours*. También cercano a Mosca en el plano personal, “muchas veces le [escuchó] repetir que después de una serie de experiencias catastróficas y de crueldades inútiles, los hombres volverán al régimen de la libertad política [...], el menos absurdo de los regímenes”<sup>329</sup>.

Admirador de su método y de la profundidad de la crítica de aquel “viejo amable y sutil”<sup>330</sup>, accede a elaborar una continuación del libro a partir de la divisoria de la Primera Guerra Mundial, término en el que por diversas razones queda finalmente fijada la obra de Mosca. La reclamación del editor, Gustave Payot, se explica por la destrucción de los ejemplares restantes de la edición de 1936 durante la ocupación alemana. Después de pensarlo mucho, Bouthoul accede<sup>331</sup> y redacta una segunda parte en la que se recogen los grandes cambios registrados en la mentalidad y las estructuras sociales del mundo y, a

---

<sup>325</sup> GB, “La vie et l'oeuvre de Robert Michels”, en R. Michels, *Le boycottage international*, pp. 8-9.

<sup>326</sup> V. R. Michels, *Studi sulla democrazia e sull'autorità* (1933), prefacio de C. Gambescia y J. Molina, Il Foglio, Piombino 2015, espec. cap. I (“La oligarchia organica costituzionale”).

<sup>327</sup> GB, “La vie et l'oeuvre de Robert Michels”, en R. Michels, *Le boycottage international*, p. 12.

<sup>328</sup> GB, reseña de G. Mosca, *Elementi di scienza politica* (1923), en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, nº 3-4, marzo-abril 1924, p. 191.

<sup>329</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 257.

<sup>330</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 257.

<sup>331</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 258. La nueva edición no mantiene el prólogo que Bouthoul le pone a la de 1936.

partir de ellos, una visión muy personal de las ideas políticas: imperialismo, nacionalismo, socialismo, fascismo y totalitarismo, doctrinas políticas orientales y feminismo. Al mismo tiempo se ocupa de unos cuantos escritores franceses, presentes por lo demás en el imaginario político y filosófico de alguien formado durante la última etapa de la III República: Charles Maurras y Alain entre otros<sup>332</sup>.

Las reseñas o glosas, no son ciertamente de textos amplios, pero salta a la vista el interés de Bouthoul por unos autores a quienes en la década siguiente verterá al francés. Su intimidad con la lengua italiana desborda, por lo demás, las compañías neomaquiavelianas. Lo ponen de manifiesto sus versiones francesas de sendas obras de Amerigo Namiás y Lionello Cioli sobre sociología política e historia de las doctrinas económicas<sup>333</sup>.

## 5.2. La “inevitable política”

Todas las teorías políticas, según Aron, son limitadas y parciales, circunstancia que las hace compatibles desde el punto de vista de una verdad superior a todas ellas y, en cierto modo, trascendente<sup>334</sup>. “Verdad” de la que cada teoría concreta no es sino un reflejo o, mejor expresado, un “fragmento”. Bouthoul, igualmente preocupado por la política esencial, apunta que las regularidades de lo político, más allá de la infinita variación histórica de los sucesos, se corresponden con un repertorio de ideas políticas relativamente simple y estable. Estas, verdaderos cuerpos simples e irreducibles, constituyen nuestra vida mental. Tal vez nadie ha resaltado como Bouthoul la “extrema pobreza intelectual de la vida política”<sup>335</sup>. Pues “lo que caracteriza los acontecimientos políticos es su correspondencia con un número extremadamente limitado de combinaciones de ideas, de equilibrios de fuerzas y de iniciativas. Basta para convencerse de ello leer a Tucídides, Platón o Tito Livio. Todos los temas y los esquemas de las

---

<sup>332</sup> Contrariamente, Raymond Aron considera a Maurras y Alain como los prototipos del ideólogo francés: “ni tienen el gusto de pensar sistemáticamente su política, ni el gusto de ver las cosas como son”. R. Aron, *Introduction a la philosophie politique*, Le Livre de Poche, París 1997, p. 18.

<sup>333</sup> A. Namiás, *Principes de sociologie et de politique*, Marcel Giard, París 1928; L. Cioli, *Histoire économique depuis l'Antiquité á nos jours*, Payot, París 1938.

<sup>334</sup> R. Aron, “De la vérité historique des philosophies politiques”, en *Études politiques*, Gallimard, París 1972, p. 51.

<sup>335</sup> GB, *Las mentalidades*, p. 99.

situaciones políticas, incluso los más actuales –entre los cuales la guerra es por excelencia, lo mismo hoy que en los tiempos prehistóricos, el momento culminante–, se encuentran ya expuestos en sus obras”<sup>336</sup>. La persistencia en el tiempo de unas pocas ideas políticas básicas permitiría hablar de una infraestructura psicológica o mental cuyos efectos operan constantemente sobre el pensamiento y la acción políticos. En el sentido de Pareto, puede trasladarse a la estructura del pensamiento bouthoulenao la correlación entre la fijeza de un *residuo político*, del tipo de los relativos a la sociabilidad, y la elasticidad de las *derivaciones políticas*, ya se trate de ideologías, doctrinas y teorías políticas o de máximas, arcanos y secretos políticos<sup>337</sup>.

Al mismo tiempo, la simplicidad, generalidad o vaguedad de las doctrinas políticas, incluso su “indigencia conceptual”<sup>338</sup>, tal vez sea el reflejo de un sector de la realidad que, como la política, se caracteriza por confinar con todos los demás<sup>339</sup>. La misma dificultad para delimitar un campo propio de lo político ha conducido a Carl Schmitt hacia finales de los años veinte del siglo pasado a establecer un “criterio” (*Begriff*) de lo político: la distinción entre amigo y enemigo. ¿Acaso no dice Julien Freund que el criterio schmittiano constituye una “banalidad superior” del pensamiento político<sup>340</sup>?

Pero la política, algo que al mismo tiempo queda a mano de todos<sup>341</sup>, constituye también, según Bouthoul, el grado más bajo de la actividad intelectual<sup>342</sup>. Es en este sentido en el que escritores como José Ortega y Gasset la consideran una “actividad espiritual secundaria” que “vacía al hombre de intimidad y soledad” y tiende a oscurecer y

---

<sup>336</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 185.

<sup>337</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 267. Uno de los reguladores esenciales de las derivaciones políticas –y no solo de estas, evidentemente– es la articulación de lo sagrado y lo profano. El desplazamiento de la frontera entre uno y otro afecta profundamente el equilibrio de las ideas políticas. Un ejemplo aducido por Bouthoul: el retroceso empíricamente constatable del monarquismo, cuya raíz es religiosa a su juicio, resulta inseparable de la contracción de lo sagrado y su expulsión de la esfera pública operado en los últimos dos siglos. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 240.

<sup>338</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 16.

<sup>339</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 24.

<sup>340</sup> J. Freund, *L'essence du politique*, p. 442.

<sup>341</sup> Comoquiera que la política afecta en todas sus manifestaciones a la vida humana colectiva, aquella inspira en los individuos un cierto sentimiento de omnisciencia: todo el mundo cree saber qué rumbo debe tomar la república. GB, *L'art de la politique*, p. 25.

<sup>342</sup> GB, *Las mentalidades*, p. 99.

confundir todo<sup>343</sup>. Quien la conoce desde dentro ve también en ella un “fondo insondable de puerilidad”, una rutina que arrastra al político y le vuelve idiota<sup>344</sup> o mentiroso y falsario. La simplicidad *a nativitate* del pensamiento político explica el auge de las “ideologías”, manifestaciones contemporáneas de una concepción vitanda de la política<sup>345</sup> y asimismo la generalización en la opinión pública, según Bouthoul, del pensamiento estadístico<sup>346</sup>. Bouthoul aspira a una política del *logos*, pero un proyecto intelectual de esa naturaleza choca con el arcaísmo de la política, actividad “inspirada en ideologías del pasado”, en “ideas políticas del tiempo de Tucídides”<sup>347</sup> que desplazan al especialista. El racionalismo y el positivismo políticos, característicos de la tecnocracia, son desarmados por la demagogia, pues “cualquiera que sepa dónde tiene la mano derecha puede aspirar a una brillante carrera si es capaz de recitar unos cuantos eslóganes”<sup>348</sup>. En la política, “dominio del *homo loquax*”, encontrarán siempre su coartada el fanático y el maníaco de una idea. ¿No son “las teorías políticas el dominio favorito del charlatanismo”<sup>349</sup>?

También es sencillo, piensa Bouthoul, el arte de gobernar. En el párrafo sesenta del *Tao* se dice que “regir un gran estado es como cocinar unos pececillos”<sup>350</sup>... si el que los guisa se llama, para no incomodar a nadie, de Gaulle o Franco, Churchill o Salazar<sup>351</sup>. Bien puede decirse aquí, parafraseando a Clausewitz, que la política, dirigida siempre hacia unos pocos objetos, es algo muy simple, si bien no está al alcance de cualquiera, pues entraña

<sup>343</sup> V. J. Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*, en *Obras completas*, Taurus, Madrid 2004, t. 4, p. 365. Del mismo, *El espectador*, en *Obras completas*, Taurus, Madrid 2004, t. 2, p. 159. Independientemente de lo cual, Ortega y Gasset reconoce que la política es ineludible, “la piel” de todo lo demás. V. J. Ortega y Gasset, *Historia como sistema y Del Imperio romano*, en *Obras completas*, Taurus, Madrid 2006, t. 6, pp. 125-127.

<sup>344</sup> F. Giroud, *La comédie du pouvoir*, Fayard, París 1977, pp. 29 y 117.

<sup>345</sup> G. Fernández de la Mora, *El crepúsculo de las ideologías*, Espasa-Calpe, Madrid 1986, *passim*.

<sup>346</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 267.

<sup>347</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 11. GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 232.

<sup>348</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 20.

<sup>349</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 205. El “verbalismo” es revelador de las creencias y aspiraciones de una época, particularmente en política. GB, *Las mentalidades*, p. 71.

<sup>350</sup> Lao-tzeu, *La voie et sa vertu. Tato-tê-king*, París, Éditions du Seuil, 1979, p. 139.

<sup>351</sup> V. C. de Gaulle, *La discorde chez l'ennemi*, Le Livre de Poche, París 1973; F. Franco, *Textos de doctrina política*, Publicaciones Españolas, Madrid 1951; W. S. Churchill, *Europa Unida. Dieciocho discursos y una carta*, Ediciones Encuentro, Madrid 2016; A. de Oliveira Salazar, *Como se levanta um estado*, Atomic Books, Lisboa 2007. De los cuatro, Franco es el único que no es escritor. Sobre su dimensión de estadista, para que no haya equívoco, me remito a la opinión de de Gaulle: v. J. Molina, “Franco y de Gaulle”, en *Razón Española*, n° 132, julio-agosto 2005.

muchas dificultades<sup>352</sup>. El camino es fácil de encontrar, pero para transitarlo se precisa de una fortaleza y una penetración poco comunes<sup>353</sup>. De poco sirve el adiestramiento, dice Henri Bergson<sup>354</sup>. Finalmente, las posibilidades de elección son siempre muy pocas. La acción política está determinada por un “margen mínimo de decisión” (*extrême étroitesse du choix*<sup>355</sup>). También Aron caracteriza la actividad política por la imposibilidad de elegir libre e indeterminadamente los medios de la propia acción. De ahí el mito de una “solución científica” para los problemas políticos. Pero la política no es una técnica: su historicidad “conlleva fluctuaciones y opciones, mas no soluciones”<sup>356</sup>. Se trata de decidir donde no llegan los dosieres de todos los arcópagos del mundo<sup>357</sup>, modificando el equilibrio y cambiando un problema por otro<sup>358</sup>. En materia política, por desgracia, viene a decir Bouthoul, no cuenta ni rige la opinión de los especialistas<sup>359</sup>.

Con todo, el arte de la política es la procura del bien común<sup>360</sup> mediante un régimen inexorablemente oligárquico<sup>361</sup>, pues nadie gobierna solo<sup>362</sup>. La forma trascendental de gobierno es siempre una oligarquía<sup>363</sup>. Del mismo modo, toda doctrina política contiene una teoría de la jerarquía y las reglas maestras para su reclutamiento y la transferencia de

---

<sup>352</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, ed. de Wolfgang von Seidlitz, t. I, Mundus Verlag, 1991, p. 107. Esto es lo que dice Clausewitz: “Das Wissen im Krieg ist sehr einfach, aber nicht zugleich sehr leicht”.

<sup>353</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 140.

<sup>354</sup> “El arte de gobernar un gran pueblo es el único para el que no existe ni técnica preparatoria ni educación eficaz”. V. H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, p. 346.

<sup>355</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 25.

<sup>356</sup> GB, *La sociologie politique*, p. 108. V. B. de Jouvenel, *De la politique pure*, Calmann-Lévy, París 1977, pp. 284 y ss.

<sup>357</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 25.

<sup>358</sup> GB, *Cent millions de morts*, pp. 162-163.

<sup>359</sup> GB, “L’Afrique et les États-Unis d’Europe”, en *Revue d’Afrique*, nº 6, 1930, p. 55.

<sup>360</sup> GB, *L'art de la politique*, pp. 11 y 31.

<sup>361</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 49.

<sup>362</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 12.

<sup>363</sup> V. G. Fernández de la Mora, “La oligarquía, forma trascendental de gobierno”, en *Anales de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas*, nº 53, 1976; asimismo: D. Negro Pavón, *La ley de hierro de la oligarquía*, Ediciones Encuentro, Madrid 2015. Naturalmente, v. también R. Michels, *La sociología del partido político nella democrazia moderna*, Il Mulino, Bolonia 1966 y M. Ostrogorski, *La démocratie et les partis politiques*, Fayard, París 1993.

poderes<sup>364</sup>. Responderá de sus actos el político, el cual, independientemente de sus méritos o virtudes, aspira por instinto a conseguir el poder. En efecto, “el poder no se merece, se conquista”<sup>365</sup>. Pero para conseguirlo transita el político por una vía dolorosa. Por eso abundan en política los “ilustres desengañados”<sup>366</sup>.

Produce irritación la “inevitable e indispensable política” cuando se contempla su impotencia para ejecutar reformas: la mediocridad y la rutina la asfixian. ¿Cómo no deplorar semejante “derroche de inteligencia y esfuerzos”<sup>367</sup> si “gobernar ha de ser prever y no vivir al día”<sup>368</sup>? Sin embargo, por mucho que de ella se reniegue, la política es lo inevitable. “Se quiera o no, la incesante actividad política está por todos lados”<sup>369</sup>.

## 6. Un sociólogo desubicado

Gaston Bouthoul, aunque lo intenta, no desarrolla una carrera universitaria convencional. Su circunstancia académica es la de un sociólogo mal posicionado con respecto a las instituciones que confieren en Francia el prestigio científico y el reconocimiento de los pares. Candidato por vocación y méritos propios a suceder en sus puestos, no necesariamente institucionalizados, a sociólogos como G. Richard, G.-L. Duprat o R. Maunier, se dan en su carrera coyunturas que en los estudios sobre el desarrollo de la sociología en Francia<sup>370</sup> explican el fracaso individual o colectivo de ciertas estrategias de

---

<sup>364</sup> GB, *Biologie sociale*, pp. 123-124. De ahí la importancia política de la natalidad en general y la natalidad de las clases superiores en particular.

<sup>365</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 20.

<sup>366</sup> GB, *L'art de la politique*, pp. 22-23.

<sup>367</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 19.

<sup>368</sup> GB, “Production coloniale et économie nationale”, en *Revue d'Afrique*, n° 8, 1931, p. 37.

<sup>369</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 19.

<sup>370</sup> Durante un tiempo fue referencia en este campo T. N. Clark, *Prophets and patrons*, todavía útil a condición que se observe que algunas de las categorías que en este libro se emplean “no son otra cosa que rasgos idealizados de la universidad americana”. V. P. Bourdieu, *Homo academicus*, Éditions du Minuit, París 1984, p. 295. A partir de los años setenta se formaliza en Francia el estudio de la institucionalización de la sociología, particularmente con cuatro números monográficos de la *Revue Française de Sociologie* publicados en 1976 (vol. XVII, n° 2), 1977 (vol XX, n° 1), 1981 (vol. XXII, n° 3) y 1985 (vol. XXVI, n° 2).

normalización científica, en particular de institucionalización universitaria o “disciplinarización” (*disciplinarisation*), neologismo acuñado hace uno años por Laurent Mucchielli<sup>371</sup>. Todos los obstáculos que se oponen al éxito académico de un sociólogo-jurista que descuella en la última promoción del Instituto Internacional de Sociología anterior a la Segunda Guerra Mundial y aparece vinculado a instituciones excéntricas con respecto al núcleo central ocupado por la sociología durkheimiana, pueden detallarse en el caso de Bouthoul. No es pues difícil señalar las causas de su fracaso académico, antes y después de la contienda mundial. Estas, siendo distintas en los años treinta y en los cincuenta, tienen una raíz común: su desubicación permanente. Bouthoul, no solo por temperamento, sino también por su formación y vocación científicas, está llamado a una carrera apartada de los concursos universitarios, la vía real de la academia francesa. Parece un extranjero, de viaje, siempre fuera de lugar. Por ello seguramente percibe los detalles que a los demás se les escapan. En el fondo, su tragedia es existencial antes que académica.

La transformación de las universidades bajo la naciente III República es parte de la reacción del país frente a la conmoción tremenda causada por la guerra perdida contra Prusia. Así pues, la reforma de la inteligencia constituye un episodio regeneracionista dentro de la llamada “crisis alemana de la ciencia francesa”<sup>372</sup>. Frente a las universidades literarias del siglo XIX, supervivientes de la reorganización napoleónica de las entonces y hasta después de la Gran Guerra llamadas “Academias”, las nuevas universidades acentúan la separación entre los estudios literarios y retóricos y los estudios científicos. Reflejo de ello desde los últimos años del siglo XIX será la pugna entre la nueva Sorbona,

---

Referencia inexcusable es L. Mucchielli, *La découverte du social*, obra que se cierra en 1914. De carácter general, pues se trata de manuales de divulgación universitaria, pero muy bien ideados, son los dos breves tomos de C.-H. Cuin y F. Gresle, *Histoire de la sociologie: 1. Avant 1918 y 2. Depuis 1918*, La Découverte, París 2002.

<sup>371</sup> V. L. Mucchielli, *La découverte du social*, p. 9. Dados sus límites cambiantes, dice Mucchielli que no es posible escribir la historia de una disciplina científica, sino más bien la historia de su “disciplinarización”. En un sentido muy próximo solía decir Bouthoul que la sociología es *a nativitate* la única ciencia cuyo objeto se ve sometido a una transformación perpetua. GB, *Histoire de la sociologie*, p. 5.

<sup>372</sup> Sobre la moda francesa de la ciencia alemana v. V. Karady, “Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens”, *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979, p. 71. También T. N. Clark, *Prophets and patrons*, p. 44. El mito de la ciencia alemana impone entre los universitarios bibliografías y referencias en alemán, tornándose su ausencia como un síntoma de provincialismo intelectual. Referencia insoslayable es C. Digeon, *La crise allemande de la pensée française 1870-1914*, P. U. F., París 1992.



a la que darán un tono contestatario los durkheimianos, y la vieja Sorbona diletante. Pierre Bourdieu, de pasada y siempre pro domo sua, ha sintetizado ese choque con acierto: la *nouvelle Sorbonne* representa la ciencia, el trabajo en equipo, la apertura intelectual y la izquierda; la otra, en cambio, es la imagen de la creación y la inspiración individuales, de la tradición nacional y de la derecha<sup>373</sup>. No menos determinante resulta, en este punto, la distancia, por muchos conceptos insalvable, entre los universitarios de carrera normalizada y los intelectuales libres, fuera de lugar. Las diferencias entre sus estatutos respectivos se acentúan, si cabe, durante los años veinte.

El intelectual libre, ensayista a sus propias expensas, como el *Privatgelehrter* alemán o el *libero ricercatore* italiano, aparece casi siempre excluido de los puestos universitarios importantes, generalmente por su deficiente integración en los clústeres hegemónicos, en las redes o “capillas” científicas<sup>374</sup>. Su carrera, muy condicionada socialmente, depende entonces de las instituciones paraacadémicas en las que pueda recibir el encargo de unas lecciones periódicas. Este es el caso de Bouthoul, asistente sin posibilidades académicas en la facultad de derecho, probablemente gratuito, y conferenciante en la Escuela Superior de Estudios Sociales.

El esquema convencional de la carrera académica se complica progresivamente durante los años treinta, pues a los arquetipos del profesor universitario y del intelectual libre se añade, en perjuicio de este último, uno nuevo: el de investigador. “Investigación” (*recherche*) e “investigador” (*chercheur*) son términos que se generalizan en la década anterior y desplazan otras expresiones clásicas de la condición científica como “erudito” (*érudit*) o, en un sentido amplio, “académico” o “especialista” en ciertas materias restringidas (*savant*)<sup>375</sup>. El investigador no es profesor, pues no pertenece a los cuadros docentes universitarios<sup>376</sup>, sino que es acogido en alguna escuela especializada o instituto

---

<sup>373</sup> V. P. Bourdieu, *Homo academicus*, p. 155.

<sup>374</sup> Cfr. T. N. Clark, *Prophets and patrons*, *passim*. L. Mucchielli, *La découverte du social*, *passim*. Sobre “el efecto capilla” (*l'effet de chapelle*): V. Karady, “Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979, p. 77.

<sup>375</sup> V. O. Dumoulin, “Les sciences humaines et la préhistoire du CNRS”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, 1985, p. 355.

<sup>376</sup> La universidad del siglo XIX es una institución superviviente a su propio pasado. Se limita entonces, con muy pocas excepciones, a la expedición de títulos que habilitan para el desempeño profesional y, especialmente en Francia, a la formación de los cuadros de maestros y agregados de instituto. Le falta, a juicio de Durkheim, un potente taller de trabajo científico: todo en ella es oratoria y ausencia de método y

de investigación. Así pues, concurre directamente con el intelectual libre por unos pocos puestos universitarios o parauniversitarios desde los que espera una futura titularización.

Bouthoul, intelectualmente aislado, no pertenece a ninguna claqué universitaria, bien por virtud, bien por carácter. Es capaz, sin embargo, de mantener durante algún tiempo, al menos hasta la *drôle de guerre*, una posición siquiera excéntrica en el claustro de la facultad de derecho de París. Por otro lado, Bouthoul no es un erudito en el sentido decimonónico, tampoco en el posmoderno<sup>377</sup>, muchos menos un dilentante o un *amateur*, sino un investigador (*chercheur*) como otros jóvenes aproximadamente coetáneos suyos, recibidos y patrocinados por el Instituto de Etnología de M. Mauss, el Centro de Documentación Social de C. Bouglé o algunas otras instancias de la nueva sociología científica. Es el caso de R. Aron, G. Friedmann, J. Stoetzel, G. Gurvitch o C. Lévi-Strauss, todos ellos jóvenes que amplían estudios, generalmente pensionados, en Alemania, Rusia, Estados Unidos, Checoslovaquia y Brasil respectivamente<sup>378</sup>. Esta nueva especie de investigadores, adversaria del durkheimismo o ajena al mismo, prefigura, ya antes de la guerra, el modelo de sociología legitimada en Francia a partir de 1945<sup>379</sup>. Ninguna de estas personalidades responde tampoco, con todo, al perfil del sociólogo bien ubicado académicamente. Prueba de ello es la trayectoria de Aron: epónimo del *cursus honorum sociologicum* divergente de la carrera prototípica, al menos hasta mediados de la

---

rigor. V. É. Durkheim, “Organisation générale de l’Université de Paris”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, p. 16. El catalizador de la profunda transformación de las universidades europeas desde finales del siglo XIX es, sin duda, la plena incorporación a la mayoría de ellas de la vocación investigadora. La dispersión, típicamente francesa, de los institutos y escuelas superiores, las *hautes écoles*, es consecuencia de la rigidez del modelo centralista universitario (napoleónico). V. J. Heilbron, “Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, 1985, p. 223. La creación en 1868, bajo el ministerio de Instrucción pública de Victor Duruy, de la Escuela Práctica de Estudios Superiores (EPHE) es el primer intento de romper el aislamiento entre la docencia y la investigación impuesto por el estrecho marco de las universidades, entonces denominadas “Academias” (*Académies*). Le seguirán otros ensayos innovadores: las Uniones de la Paz Social, ideadas por F. Le Play en 1871; la Escuela Libre de Ciencias Políticas, fundada por É. Boutmy en 1871; o el Colegio Libre de Ciencias Sociales, creación de Dick May en 1895. V. C.-H. Cuin y F. Gresle, *Histoire de la sociologie. 1. Avant 1918*, pp. 34-35, 38-39 y 74.

<sup>377</sup> Este nuevo academicismo en el que el “aparato crítico sirve para disimular la falta de pensamiento” es una “forma erudita de ser infantil”. V. A. de Benoist, *Dernière année. Notes pour conclure le siècle*, L’Age d’Homme, Lausana 2001, p. 62.

<sup>378</sup> Gurvitch obtiene la cátedra de sociología de la Sorbona en 1950; una segunda cátedra de sociología es confiada a Aron en 1954. El mismo año Stoetzel ocupa, también en la universidad de París, una cátedra de psicología social. V. T. N. Clark, *Prophets and patrons*, pp. 201 y 230-232. También las voces correspondientes –y la bibliografía apuntada en ellas– recogidas en M. Borlandi, R. Boudon, M. Cherkaoui y Bernard Valde (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, pp. 32, 283-284, 671-672, 310-311.

<sup>379</sup> Cfr. C.-H. Cuin y F. Gresle, *Histoire de la sociologie. 2. Depuis 1918*, pp. 51 ss.

década de los cincuenta, cuando es recibido en la Sorbona. O la de Friedmann, director del Centro de Estudios Sociológicos fundado en 1946 por Gurvitch<sup>380</sup>. Pero el caso de Bouthoul se aparta radicalmente de los citados, todos ellos sociólogos ampliamente reconocidos en la segunda mitad del siglo XX. Es pues necesario identificar otros elementos explicativos de una desubicación que, bien mirado, extravía sus investigaciones de los años treinta y, en cierto modo, señala con el estigma del ensayismo su polemología, la parte más importante de su obra a partir de 1939.

La carrera sociológica de Bouthoul y, antes que la suya, la de buena parte de los leplaysianos y colaboradores de R. Worms en el Instituto Internacional de Sociología, se resiente indirectamente por el conflicto entre las facultades de derecho y letras a propósito de la inclusión o no de las ciencias sociales en sus respectivos diplomas. G. Weiz, en un estudio sobre la cátedra de historia de la economía social de la Sorbona, ha sugerido que la cuestión central en la institucionalización de la sociología francesa no es otra, en último análisis, que “la concurrencia entre las facultades de letras y las de derecho”<sup>381</sup>. Hay en efecto un intenso debate sobre la posición de la sociología en la universidad francesa que enfrenta a juristas, sociólogos-juristas y sociólogos *stricto sensu*.

La inclusión de la sociología en los diplomas universitarios indisponen muchas voluntades desde 1887, fecha de la incorporación a la facultad de letras de Burdeos de unas lecciones sobre ciencia social y pedagogía, encargadas a É. Durkheim, y aun antes. Disciplinas como la geografía o, más tarde, la economía política, habían conseguido encajar en los diplomas de filosofía y derecho ya que, después de todo, no alteran los equilibrios entre las cátedras tradicionales. En el caso de la economía política y el derecho público, que ampliarán extraordinariamente su campo en las facultades jurídicas desde principios del siglo XX, les resultan muy favorables el nuevo espíritu burgués y democrático de la III República y la exigencia de una cualificación especial para los nuevos burócratas del estado

---

<sup>380</sup> V. J.-C. Marcel, “Le déploiement de la recherche au Centre d’Études Sociologiques (1945-1960)”, en *La Revue pour l’Histoire du CNRS*, n° 13, 2005, publicado el 22 de enero de 2007, consultado el 28 de abril de 2014. URL : <http://histoire-cnrs.revues.org/1656>.

<sup>381</sup> V. G. Weisz, “L’idéologie républicaine et les sciences sociales. Les durkheimiens et la chaire d’histoire d’économie sociale à la Sorbonne”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979, p. 112.

administrativo<sup>382</sup>. Esto último resulta manifiesto en la exposición de motivos del decreto del Ministerio de Instrucción Pública, Bellas Artes y Cultos de 30 de abril de 1895, por el que se reforman los estudios jurídicos universitarios<sup>383</sup>. Se introduce pues la cameralística, las *Staatswissenschaften* de la academia alemana, en un diploma fundamentalmente orientado al ejercicio profesional, precisamente por ello basado en el derecho privado (civil, mercantil) y en el romano<sup>384</sup>. La muy importante reforma del mencionado decreto de abril de 1895 instituye un nuevo doctorado jurídico con mención en ciencias políticas y económicas. Desde el año anterior ofrece Alfred Espinas, asimismo en la facultad de derecho de la Sorbona, unas lecciones sobre la historia de la economía social. Comienza entonces la declinación social y política de los civilistas, muy disminuidos en sus posiciones después de la Primera Guerra Mundial<sup>385</sup>.

Los juristas, con excepciones señeras como Léon Duguit, se oponen a la institucionalización universitaria de las ciencias sociales, siquiera cautelarmente, hasta que estas alcancen un mínimo de coherencia entre las diversas formalizaciones científicas. Así reacciona el claustro jurídico de la universidad bordelesa ante la incorporación de Durkheim a la facultad de letras. Es precisamente Duguit quien en 1889 recalca que la sociología debe incluirse en el diploma de derecho. A ello aspira también Ferdinand Faure, quien reclama para sí una cátedra de sociología en la facultad de derecho de

---

<sup>382</sup> Las transformaciones de la licenciatura en derecho en Francia marcha en paralelo con las mutaciones del Estado francés. Se detallan aquellas con alguna alusión a estas en J. Gatti-Montain, *Le système d'enseignement du droit en France*, P. U. F., París 1987. El derecho del Estado moderno será hechura de los legistas de las facultades de derecho. Como reza el viejo adagio: *jura in scholis deglutiuntur in palatiis digeruntur*. Muy interesante en este punto C. Schmitt, "Die Formung des französischen Geistes durch den Legisten (1942)", en C. Schmitt, *Staat, Großraum, Nomos. Arbeiten aus den Jahren 1916-1969*, edición, prólogo y notas de G. Maschke, Duncker und Humblot, Berlín 1995, pp. 184-217.

<sup>383</sup> Decreto de 30 de abril de 1895 sobre los Estudios y los Grados en las Facultades de Derecho (*JORF* de 2 de mayo de 1895, pp. 2 521-2 529), espec. pp. 2 521-2 523.

<sup>384</sup> F. Larnaude, decano de la facultad de derecho de la Sorbona, afirma que las "antiguas Facultades de Derecho [...] nunca han sido escuelas profesionales". Lo hace, sin duda, para justificar la profunda y reciente transformación de las facultades jurídicas, vinculada a las ciencias camerales. Larnaude señala incluso que a partir de 1895 las Facultades de Derecho tendrían que haber cambiado de denominación: "Ahora deberían llamarse Facultades de Derecho y Ciencias Políticas y Económicas". V. F. Larnaude, "La faculté de droit", en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, pp. 75 y ss.

<sup>385</sup> V. A.-J. Arnaud, *Les juristes face à la société du 19e siècle à nos jours*, P. U. F., París, 1975, pp. 105 ss. *Apud* R. Vanneville, "Le droit administratif comme savoir de gouvernement? René Worms et le Conseil d'État devant l'Académie des Sciences Morales et Politiques au début du 20e siècle", en *Revue Française de Science Politique*, vol. LIII, n° 2, 2003, p. 219.

París<sup>386</sup>. Maurice Hauriou, sin embargo, respondiendo a Faure y también, indirectamente, al decano de derecho de Burdeos (Duguit), denuncia la ambición de los sociólogos, a quienes acusa de hacer metafísica. Hauriou, jurista de una acentuada visión sociológica, protagoniza un intercambio de notas con Worms a propósito de estas cuestiones.

Considera Hauriou, el doctrinario de la institución, que la pretensión de los sociólogos de atribuirse la inspiración de un cambio de rumbo en los estudios jurídicos constituye una ligereza, más aún viniendo de una disciplina tan joven<sup>387</sup>. Hauriou vaticina que la sociología será recibida en las facultades de derecho cuando consolide científicamente su objeto y los sociólogos “abandonen sus exageraciones”<sup>388</sup>. Unos meses después le responde un “doctor en derecho”, con toda seguridad Worms, recalcando que el derecho es, a su juicio, una parte de la sociología<sup>389</sup>. Pero Hauriou es cortante en las recomendaciones a su interlocutor: “Antes de enseñar oficialmente, obtenga resultados [en su investigación]”<sup>390</sup>. A continuación niega Worms que los grandes sociólogos crean en la superioridad de la sociología con respecto al derecho, pero recuerda a su interlocutor que, frente al derecho como arte, la sociología es la ciencia de los hechos sociales en su conjunto<sup>391</sup>.

Las discrepancias entre juristas y sociólogos-juristas acerca del estatuto de la sociología en la universidad, en apariencia irreductibles, tal vez ayuden a entender el relativo éxito de la incorporación de la sociología en las facultades de letras, en donde las resistencias, siendo importantes, no son tan enconadas. Así, el “espíritu de la nueva Sorbona” facilitará la estrategia de los sociólogos *stricto sensu*. Los juristas, por su parte, aceptarán de mejor

<sup>386</sup> V. G. Weisz, “L’idéologie républicaine et les sciences sociales. Les durkheimiens et la chaire d’histoire d’économie social à la Sorbonne”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979, pp. 85-90.

<sup>387</sup> V. M. Hauriou, *Les facultés de droit et la sociologie*, E. Thorin et fils, París, 1893, p. 3. Se trata de una tirada aparte del artículo del mismo título publicado en *Revue Générale de Droit*, julio-agosto 1893.

<sup>388</sup> V. M. Hauriou, *Les facultés de droit et la sociologie*, p. 4.

<sup>389</sup> V. [R. Worms], “La sociologie et les facultés de droit”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 2, n° 1, enero 1894, p. 67.

<sup>390</sup> V. M. Hauriou, “Réponse à un ‘docteur en droit’ sur la sociologie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 5, mayo 1894, p. 393.

<sup>391</sup> V. R. Worms, “Observations critiques”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 5, mayo 1894, p. 395. Worms detalla más su opinión en “La sociologie et le droit”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 1, enero 1895, pp. 35-53. No hay choque, a su juicio, entre la ciencia jurídica y la Sociología, pues aquella estudia los fenómenos sociales bajo su aspecto jurídico y esta tomando en consideración todos sus aspectos (p. 42).

grado el desarrollo en sus facultades de las *Staatswissenschaften* (conglomerado constituido por la ciencia política y la economía política). Puede entonces decirse que las posibilidades académicas de los sociólogos-juristas, cuyo epónimo es Worms, se disipan, pues no tendrán entrada ni en las facultades de letras ni en las de derecho. La solución óptima para Worms pasa entonces por la fundación de una facultad de ciencias sociales, instituyéndola en cada una de las dieciséis universidades francesas<sup>392</sup>.

Bouthoul, como Worms, es un universitario “archidiplomado” (*surdiplômé*)<sup>393</sup>; también, como el gran patrón de la internacionalización de la sociología francesa, doctor en ciencias económicas y políticas. Determinado por su red de relaciones –miembros del Instituto Internacional de Sociología, economistas políticos, colonialistas– y, en no menor medida, por el fracaso en el intersiglo de la estrategia académica de Worms, Bouthoul concreta sus aspiraciones a una agregación de economía política en sede jurídica<sup>394</sup>. Sin posibilidad efectiva de hacer carrera, Bouthoul intenta maximizar su capital sociológico en el seno del Instituto Internacional de Sociología, pero ocupará en él una posición destacada en el peor momento: cuando el proyecto de Worms se desmorona a la muerte de este. Se compromete también con la Escuela Superior de Estudios Sociales, pero la fundación de Dick May ya es en los años treinta una institución sin auténtico relieve académico. Hay no obstante un momento decisivo en el que las cosas pudieron ser de otra manera, para Bouthoul y, tal vez, para la “disciplinarización” de la sociología francesa. Es lo que parece desprenderse de las maniobras de G. Richard para buscarle a su cátedra de la universidad de Burdeos un sucesor adecuado.

---

<sup>392</sup> V. R. Worms, “Une faculté de sciences sociales”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 11, noviembre 1895, p. 943. Worms señala la conveniencia de empezar por París, refundando al efecto el Colegio de Francia, tanto por razones de economía y de personal disponible, como por razones urbanísticas, pues el edificio del Colegio está en el centro del barrio universitario, “entre la facultad de derecho, la facultad de ciencias y la facultad de letras” (p. 950).

<sup>393</sup> V. R. Vanneuville, “Le droit administratif comme savoir de gouvernement? René Worms et le Conseil d’État devant l’Académie des Sciences Morales et Politiques au début du 20e siècle”, en *Revue Française de Science Politique*, vol. LIII, n° 2, 2003, p. 226.

<sup>394</sup> Bouthoul no tiene una obra económica sistemática, sino diversos ensayos breves y artículos de periódico unificados por una visión de la economía próxima a los presupuestos psicológicos de la escuela marginalista y al liberalismo que admite la planificación y la intervención anticíclica. Sin embargo, la cuarta parte del segundo tomo de su *Traité de sociologie* contiene un escueto brevariario económico. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 274-317.

### 6.1. “La otra Escuela de Burdeos”

En el pequeño currículum vitae que figura en la portada de *Éléments de psychologie sociale*, un texto en policopia publicado por Bouthoul en 1941, puede leerse que el autor es profesor asistente en la facultad de derecho de París (*assistant à la faculté de droit de Paris*). El “asistente” (*assistant, chargé de travaux*) ocupa uno de los últimos puestos en el escalafón universitario: es la figura docente que dirige los exámenes y los trabajos prácticos<sup>395</sup>. Auxiliar subordinado a los profesores titulares (catedráticos), adjuntos y agregados. No es fácil, en el estado de mi investigación<sup>396</sup>, precisar la materia impartida por Bouthoul en la facultad de derecho, pero lo más seguro es que se ocupara de algunas clases de economía política, legislación industrial o historia de las Ideas, disciplinas en las que se desempeñan como catedráticos sus mentores Lescure, Rist, hasta su jubilación en 1934, y Aftalion, sucesor en la cátedra de Rist. Eventualmente, legislación y economía coloniales. Lo más lógico también, por otro lado, es que atendiera alumnos en el seminario (*salle de travail*) de estadística y economía política de la facultad, estación de todos los profesores de estadística, economía política y hacienda pública<sup>397</sup>. La referencia más antigua a su condición de profesor en la facultad de derecho es de octubre de 1927. Como tal le presenta el breve *cursus honorum* adjunto a su membresía del Instituto Internacional de Sociología: “Bouthoul (Gaston), profesor de derecho, abogado ante el tribunal de apelación de París, colaborador de la *Revue Internationale de Sociologie*, tesorero del Instituto”<sup>398</sup>.

Los encargos docentes relacionados con la economía, sector del conocimiento muy bien representado en el diploma de derecho —economía política, historia de las doctrinas económicas, economía social comparada, ciencia financiera, legislación financiera francesa, legislación y economía industriales, legislación y economía rurales, legislación y economía coloniales, estadística y otras enseñanzas y disciplinas complementarias—, se

---

<sup>395</sup> V. J. B. Piobetta, *Les institutions universitaires*, p. 31.

<sup>396</sup> Me ha resultado imposible consultar al respecto las actas del consejo de la facultad de derecho de la Sorbona, transferidas a los Archivos Nacionales (subserie AJ<sup>16</sup>).

<sup>397</sup> F. Larnaude, “La faculté de droit”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, p. 88.

<sup>398</sup> V. “Liste de membres de l’Institut par ordre alphabétique au 5 octobre 1927”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928, p. 15.

corresponden con el interés de Bouthoul por los concursos de agregación en el campo de las ciencias económicas<sup>399</sup>, al menos por la convocatoria discernida en el año 1932.

Por decreto del Ministerio de Educación Nacional de 25 de marzo de 1932 se convocan 4 plazas de profesor agregado, sección de ciencias económicas<sup>400</sup>. Una orden ministerial de 25 de julio de 1929<sup>401</sup> establece cuatro secciones en las agregaciones de las facultades de derecho: derecho privado y criminal; historia del derecho; derecho público y ciencias económicas. Las condiciones para la inscripción son muy estrictas: un doctorado en derecho, con una u otra mención, y tres diplomas de estudios superiores, entre ellos uno correspondiente a la agregación solicitada. Con una excepción: según el artículo 7 del reglamento que regula el concurso de agregación, la exigencia de los tres diplomas de estudios superiores decae cuando se trata de un candidato que posee un doctorado con la doble mención. Bouthoul se encuentra en esa situación, la más favorable.

Desconozco el resultado del concurso, pero consta el interés de Bouthoul en el proceso selectivo. La apertura del concurso, inicialmente prevista para el 7 de octubre, se retrasa al día 14 del mismo mes<sup>402</sup>. Hasta entonces, los candidatos han dispuesto de tres meses para presentar su currículum. Bouthoul se afana en su preparación durante el verano. En una carta fechada en París a finales de julio de 1932 y dirigida a G. Radet, decano de la facultad de letras bordelesa, Bouthoul acusa recibo del certificado de su doctorado, solicitado previamente. Desea también contrastar la veracidad de su información acerca de la inclusión de oficio de todos aquellos universitarios doctorados con la mención “honorable” en una lista de doctores aptos para enseñar en las facultades de letras<sup>403</sup>. Bouthoul reclama, si fuera el caso, la correspondiente certificación para incluirla en el

---

<sup>399</sup> Él mismo lo señala de pasada en una intervención ante la Academia de Ciencias Morales y Políticas de París. GB, “La guerre phénomène social”, en *Revue des Travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques et Comptes Rendus de ses Séances*, CXVIII, 1965, p. 69.

<sup>400</sup> *JORF* de 26 de marzo de 1932, p. 3 167.

<sup>401</sup> *JORF* de 31 de julio de 1929, pp. 8 700-8 701.

<sup>402</sup> La agregación en ciencias económicas comprende una composición escrita y varios ejercicios orales. Por orden ministerial de 26 de noviembre de 1932 (*JORF* de 28 de noviembre de 1932, p. 12 370), se comunican los contenidos del ejercicio escrito (“Los precios”) y de la primera y segunda lecciones orales, respectivamente: “Turgot, Ricardo, Sismondi, Proudhon y Böhm-Bawerck” y “Economía y legislación coloniales”.

<sup>403</sup> Carta de GB al decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en París el 28 de julio de 1932. (ADG) 5399 W 28.



currículum vitae que, con vistas a las pruebas de agregación convocadas, ha de depositar en la universidad de París. La respuesta del decano decepciona sus expectativas, pues este, decidido “a taparle las salidas”, le comunica que ningún doctor es inscrito de oficio en lista alguna, advirtiéndole incluso de que una mención “simplemente honorable”, como es su caso precisamente, puede resultar contraindicada en las oposiciones en cuestión<sup>404</sup>.

Bouthoul no consigue la agregación en la convocatoria de 1932. Tampoco, si es que llega a presentarse, en las de 1934, 1936 y 1938, anunciadas siempre en marzo del año corriente y dotadas, respectivamente, con dos plazas<sup>405</sup> –ampliada con una más posteriormente–, tres<sup>406</sup> y cinco<sup>407</sup>. En otro caso, dados los usos de la época, su eventual condición académica rezaría seguramente en la portada de sus libros<sup>408</sup> o, a partir de los años setenta, en las solapas de estos<sup>409</sup>.

La obra de Bouthoul hacia finales de los años treinta comprende cinco libros desiguales: los cuatro que recogen sus tesis doctorales y el que dedica en 1935 a *La population dans le monde*. Es también el autor de decenas de artículos y notas, de los que no menos de cincuenta se ocupan de diversos aspectos de la economía y la política coloniales. Su obra,

<sup>404</sup> Carta del decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en Ascaín el 4 de agosto de 1932. (ADG) 5399 W 28.

<sup>405</sup> Orden del Ministerio de Educación nacional de 21 de marzo de 1934 (*JORF* de 22 de marzo de 1934, p. 2 920). Orden del Ministerio de Educación nacional de 4 de diciembre de 1934 (*JORF* de 5 de diciembre de 1934, pp. 11 917-11 918). La segunda orden añade dos nuevas plazas: una para la Francia metropolitana y otra para la Escuela Superior de Derecho de Hanoi, supeditada esta última a la habilitación del crédito por la administración colonial.

<sup>406</sup> Orden del Ministerio de Educación nacional de 17 de marzo de 1936, publicada en el *JORF* de 19 de marzo de 1936, p. 3 073. A las tres agregaciones para universidades metropolitanas se añade otra, de la misma especialidad, para la Escuela Superior de Derecho de Hanoi.

<sup>407</sup> Orden del Ministerio de Educación nacional de 10 de marzo de 1938. Orden del Ministerio de Educación nacional de 17 de agosto de 1938 (*JORF* de 18 de agosto de 1938, p. 9 818). Se dotan adicionalmente dos plazas: una para la escuela superior de derecho de Hanoi y otra para la universidad de Sao Paulo. Los concursos de la agregación para las facultades de derecho se reforman por la orden ministerial de 15 de marzo de 1938, a la que no he tenido acceso. En la colección del *JORF* de Gallica de la Biblioteca Nacional de Francia falta la serie completa correspondiente al mes de marzo.

<sup>408</sup> En el *Traité de sociologie*, t. I, o en los volúmenes publicados por Bouthoul en la colección “Que sais-je?” se presenta al autor como “Ancien professeur à l'École des Hautes Études Sociales. Membre de l'Institut International de Sociologie” o “Professeur à l'École des Hautes Études Sociales. Vice-président de l'Institut International de Sociologie”. Un investigador independiente necesitado del reconocimiento institucional de su posición científica no oculta una agregación universitaria (*agrégé des facultés*).

<sup>409</sup> En la solapa posterior de *L'infanticide différé* se da noticia de lo siguiente: “Études à Paris (Sorbonne - Faculté de Droit). Exassistant professeur à la Faculté de Droit de Paris. Professeur à l'École des Hautes Études Sociales. Fondateur (en 1945) de l'Institut français de Polémologie”.

tal vez, no acompaña en ese momento el sólido *cursus honorum* universitario de un aspirante a la agregación en Ciencias Económicas. Aunque, como se verá más adelante, sus publicaciones de temática colonial no son poca cosa, Bouthoul no ha podido elaborar en ese momento –tampoco después– una sociología o una economía política coloniales de carácter sistemático, introductorias siquiera, suficientes para franquearle el paso al claustro parisino. En realidad, el contexto institucional en el que se mueve Bouthoul desde finales de los años veinte, sus diplomas universitarios y la posición de sus mentores, le hacen acreedor a un puesto muy distinto, fuera de París, tal vez en una universidad de provincias. La universidad de Burdeos, entre las primeras de las dieciséis universidades francesas, pudo ser ese destino.

La presencia de Bouthoul en el *alma mater* girondina llama la atención. Como en el caso de Marcel Mauss, que acompaña a su tío, É. Durkheim, a Burdeos, debe haber también, *servata distantia*, una poderosa razón práctica que explique que un doctor en derecho y abogado afincado en París se someta a la disciplina académica de una universidad relativamente lejana y que además no es la suya. Creo que la explicación, probablemente utilitaria y sencilla, carece de misterio: el doctorando es la mano derecha de Richard en el Instituto Internacional de Sociología, probablemente uno de los jóvenes más valiosos de un círculo intelectual con serios problemas de reclutamiento científico desde principios de los años veinte. Richard, sucesor de Durkheim en la universidad de Burdeos desde 1902, nombra a Bouthoul tesorero del Instituto Internacional de Sociología en la sesión administrativa del IX Congreso Internacional de Sociología, celebrado en París en 1927. Esto da idea de la sintonía personal e intelectual entre Bouthoul y Richard, en quien el primero encontrará todo tipo de facilidades académicas.

El verano de 1926 Bouthoul comunica al decano de la facultad su deseo de presentar una tesis sobre los factores sociales de invención, la cual “estará lista para el próximo año escolar”<sup>410</sup>. Previo informe favorable de Richard, que considera el proyecto de su pupilo de “interés para la psicología, la ciencia social y sus relaciones”<sup>411</sup>, el decanato acepta “en

---

<sup>410</sup> Carta de GB al decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en Hendaya el 19 de julio de 1926. (ADG) 5399 W 28.

<sup>411</sup> Carta de G. Richard al decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en Cauderan el 24 de julio de 1926. (ADG) 5399 W 28.

principio” y de manera provisional las tesis principal y secundaria propuestas<sup>412</sup>. La aceptación se hace firme en noviembre de 1928 y Bouthoul deposita la tesis principal en marzo del año siguiente –entre julio y noviembre hará lo propio con la tesis secundaria–. El acto de la defensa, por diversas razones ya señaladas más arriba, se pospone hasta el 7 de marzo de 1931. Son años de incertidumbre en torno a la cátedra de Richard, cuyo jubileo universitario va a poner de manifiesto el agotamiento de la “otra escuela bordelesa de sociología”, terminología que adopto de J.-P. Callède<sup>413</sup>.

Richard, durkheimiano disidente<sup>414</sup>, deja su puesto en septiembre de 1930, al cumplir los setenta años. Es lógico que intentara allanar el acceso a su cátedra de alguno de sus colaboradores más cercanos. Una de sus bazas pudo ser Bouthoul, quien al comenzar el curso 1929-30 tiene concluidas sus tesis para el doctorado bordelés. J.-P. Callède ha estudiado con mucho detalle los avatares de la cátedra de Richard, ocupada intermitentemente por Max Bonnafous, situación que “fragiliza” la sociología en la universidad girondina. Además de Bonnafous pasan por ella Théodore Ruysen, Georges Gurvitch, Raymond Aron, Roland Dalbiez, Jean Belin Milleron e, incluso, ya en 1946, Jean Stoetzel<sup>415</sup>. El reconocimiento expreso del desfundamiento de la orientación sociológica bordelesa, al cabo de los cuarenta años transcurridos entre la ruptura “oficial” de Richard con Durkheim y la llegada de Stoetzel, es precisamente la conferencia dictada por este último en la Sociedad de Filosofía de Burdeos el 24 de marzo de 1946: *El espíritu de la Sociología contemporánea*<sup>416</sup>. Burdeos, último y único bastión universitario de los no-

---

<sup>412</sup> Cfr. carta de GB al decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en Hendaya el 28 de julio de 1926. (ADG) 5399 W 28.

<sup>413</sup> V. J.-P. Callède, “L’autre école bordelaise de sociologie (1880-1939): essai d’explicitation des mécanismes et des facteurs de l’oubli”, en P. Bret y G. Pajonk (Ed.), *Savants et inventeurs entre la gloire et l’oubli*, C. T. H. S., París, 2014, espec. p. 107. También J.-P. Callède, *Sociologie des jeux, des sports et de l’éducation physique. L’apport des classiques français (1890-1930)*, Pessac, M. S. H. A., 2010, pp. 150-151.

<sup>414</sup> V. W. S. F. Pickering, “Gaston Richard: collaborateur et adversaire”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, nº 1, 1979, pp. 163-182.

<sup>415</sup> Todos los detalles en J.-P. Callède, “L’enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946). Du déclin de la discipline à sa dislocation provisoire?”, en *Anamnesis*, nº 7, 2012, pp. 85-110.

<sup>416</sup> Esta conferencia, verdadera divisoria de aguas de la sociología francesa, constituye un alegato contra las pretensiones filosóficas de la escuela de Durkheim, con respecto al cual se ha producido, según Stoetzel, una “divergencia absoluta en los puntos de vista”. V. J. Stoetzel, “L’esprit de la sociologie contemporaine”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXII, nº 3, 1991, p. 444. Pero las palabras de Stoetzel tienen también, acaso sin quererlo conscientemente, aunque cuesta creerlo, el efecto de un velo que oculta las realizaciones de la “otra escuela de Burdeos”. Curiosamente, el “aprecio de los estudios de campo” y el “rechazo de la teoría”, elementos característicos de la sociología stoetzeleana, acerca a los no-

durkheimianos, “clásicos expulsados de la tradición clásica francesa”<sup>417</sup>, deja de ser desde 1930 el referente de una sociología hoy silenciada u olvidada.

No entra en los planes del decano de la facultad de letras asegurar la continuidad del proyecto académico de Richard, en otro tiempo “poderoso ‘virrey’ de Durkheim”<sup>418</sup>. La carta de André Jousain interesándose por la dotación de la “cátedra de sociología [...] vacante por jubilación del señor Gaston Richard” y postulando su candidatura “en el caso de que su información fuese exacta y todavía no se hubiera designado un titular”<sup>419</sup> recibe una escueta respuesta: “la cátedra de sociología de la facultad de letras de Burdeos no está vacante actualmente”<sup>420</sup>. Es cierto que la cátedra había sido adjudicada, por permuta, a Th. Ruysen, pero este se encontraba en excedencia en Bruselas<sup>421</sup>, sustituyéndole Bonnafous, asimismo requerido por otras obligaciones.

Bouthoul, lo mismo que Jousain, “digno representante de la otra escuela bordelesa”<sup>422</sup> y actor relevante en el movimiento de la sociología no-durkheimiana del *Interbellum* –

---

durkheimianos a Stoetzel más de lo que este, sin duda, aceptaría reconocer. J.-P. Callède ha discurrido con mucho acierto sobre la contraposición entre el durkheimismo y el círculo bordelés de Richard, estableciendo entre ambos una clara línea de ruptura... en la que el segundo parece prefigurar una parte de la nueva sociología francesa de la posguerra, que no solo se explica por la recepción del empirismo norteamericano. Si en el durkheimismo priman el *concepto* y el *modelo*, en la “otra escuela bordelesa” se postula el *archivo* y el *relato*. Mucho tiene que ver con esto último la preocupación por temas inéditos en la sociología francesa: el juego, el deporte y otras formas secundarias de sociabilidad –el fenómenos de las colas, estudiado por R. Maunier– que reciben un tratamiento basado en observaciones concretas. *Cfr.* L. Blondiaux, “Comment rompre avec Durkheim? Jean Stoetzel et la sociologie française de l’après-guerre (1945-1958)”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXII, n° 3, 1991, pp. 417-419 y J.-P. Callède, *Sociologie des jeux, des sports et de l’éducation physique. L’apport des classiques français (1890-1930)*, p. 151 y J.-P. Callède, “L’autre école bordelaise de sociologie (1880-1939): essai d’explication des mécanismes et des facteurs de l’oubli”, en P. Bret y G. Pajonk (Ed.), *Savants et inventeurs entre la gloire et l’oubli*, p. 107.

<sup>417</sup> *V.* J.-P. Callède, “L’autre école bordelaise de sociologie (1880-1939): essai d’explication des mécanismes et des facteurs de l’oubli”, en P. Bret y G. Pajonk (Ed.), *Savants et inventeurs entre la gloire et l’oubli*, p. 107.

<sup>418</sup> *V.* W. S. F. Pickering, “Gaston Richard: collaborateur et adversaire”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979, p. 166.

<sup>419</sup> Carta de A. Jousain al decano de la facultad de letras de Burdeos, fechada en Périgueux el 9 de diciembre de 1930. (ADG) 5399 W 28.

<sup>420</sup> Carta del decano de la facultad de letras de Burdeos a A. Jousain. Fechada en Burdeos el 13 de diciembre de 1930. (ADG) 5399 W 28.

<sup>421</sup> *V.* J.-P. Callède, “L’enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946). Du déclin de la discipline à sa dislocation provisoire?”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, p. 95.

<sup>422</sup> *V.* J.-P. Callède, “L’enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946). Du déclin de la discipline à sa dislocation provisoire?”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, p. 92. Tiene este autor otras apreciaciones de mucho interés para calibrar indirectamente la posición de Bouthoul en un grupo cuyo nexo de unión es el Instituto Internacional de Sociología y que, desde Burdeos y Ginebra, lideran G.

aunque, contrariamente a Joussain<sup>423</sup>, no profesa nunca de antidurkheimiano—, no tiene ninguna posibilidad real de suceder a Richard al frente de lo que en 1930 queda todavía de la “otra escuela bordelesa”. Enemigo de Dios y de los enemigos de Dios, se encara Bouthoul con el peor de los destinos para un intelectual francés: la exclusión de los claustros universitarios.

## 6.2. El Instituto Internacional de Sociología

Celestine Bouglé, en una nota orientadora para los estudiantes que desean iniciar una carrera sociológica en París, señala que no existe un instituto de sociología en el que desarrollar estudios especializados y estrictamente sociológicos. Sin embargo, las posibilidades de abordar la sociología en sus múltiples facetas, en conexión con la geografía, la etnografía, la economía, incluso el derecho y, por supuesto, la filosofía, son enormes. Por eso afirma que a la sociología le falta un núcleo: “No hay centro, pero sí una enorme circunferencia”<sup>424</sup>. Del Instituto Internacional de Sociología se me ocurre que podría decirse lo contrario: es un centro sin circunferencia ni radio de acción. Por eso, cuando el centro se desplaza, de grado como en 1930 (traslado del Instituto a Ginebra), o a la fuerza como en 1949 (laminación del Instituto por la acción extrusiva de la Asociación Internacional de Sociología), la obra se esfuma y su huella se borra<sup>425</sup>.

El Instituto Internacional de Sociología es la obra personal de René Worms, a quien se debe en parte el extraordinario impulso que recibe la sociología francesa en la década de 1890. En apenas dos años Worms funda la *Revue Internationale de Sociologie* (1893), el

---

Richard y G.-L. Duprat: v. J.-P. Callède, *La sociologie française et la pratique sportive (1875-2005)*, M. S. H. A., Pessac 2007, pp. 172 y 195; *Sociologie des jeux, des sports et de l'éducation physique. L'apport des classiques français (1890-1930)*, pp. 300, 335 y 354-355.

<sup>423</sup> V. J.-P. Callède, “L'enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946). Du déclin de la discipline à sa dislocation provisoire?”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, pp. 93-95.

<sup>424</sup> C. Bouglé, “Comment étudier la sociologie a Paris?”, en *Annales de l'Université de Paris*, n° 2, 1927, p. 313.

<sup>425</sup> La historia del Instituto Internacional de Sociología no ha sido abordada sistemáticamente. Su revista, los *Annales*, particularmente los tomos XV (1928) y XVI (1932), y la bibliografía secundaria apenas han permitido hasta la fecha una reconstrucción fragmentaria de su azarosa existencia: antes de la Primera Guerra Mundial, durante el *Interbellum* y después de la Segunda Guerra Mundial. Además de la bibliografía citada en esta sección v. M. Borlandi, “Institut International de Sociologie”, en M. Borlandi, R. Boudon, M. Cherkaoui y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, pp. 359-360; *cf.*, en este mismo diccionario, J. Platt, “Association Internationale de Sociologie”, pp. 39-40.

Instituto (1893), la colección *Bibliothèque Sociologique Internationale* (1893)<sup>426</sup>, los *Annales de l'Institut International de Sociologie* (1894) y la *Société de Sociologie de Paris* (1895).

Worms pone también en marcha, a partir de 1894, los congresos internacionales del Instituto, celebrados con regularidad hasta la Primera Guerra Mundial. Los cinco primeros congresos se celebran en París. El I, de carácter misceláneo, tiene lugar en 1894. El II, en 1895, se ocupa de las definiciones de la sociología, del matriarcado y de las leyes de la evolución de las formas políticas. En el III, de 1897, celebrado del 21 al 24 de julio, se discute sobre la importancia sociológica de la economía colonial o las leyes de la evolución política, pero ocupa un lugar principal, no previsto, la polémica sobre la doctrina organicista. En 1900 se celebra el IV congreso, en el que se le dedica una atención especial al materialismo histórico, asunto presente ya en los dos anteriores. El V congreso de 1903 es también una reunión destacada, pues se enfrentan en él dos concepciones de la sociología: la estrictamente sociológica y la psicologista. El VI congreso, centrado en las luchas sociales, se celebra en Londres en 1906. El VII se traslada a Berna en 1909: la solidaridad social en el tiempo y en el espacio es el objeto central de sus trabajos. Del progreso social se ocupa el VIII congreso, celebrado en Roma en 1912. La reunión de Viena (IX congreso), prevista para 1915, se suspende por la guerra. La serie se reanuda en París con el IX congreso de 1927, dedicado a la autoridad y la jerarquía y previsto inicialmente para el año 1925. En 1930 y 1933 se celebran en Ginebra los congresos X y XI, dedicados respectivamente al estudio de las causas de las guerras y las condiciones de una paz duradera y a la previsión sociológica. La sede del XII congreso de 1935, dedicado a las formas elementales de la vida social, pasa a Bruselas. Y a París la del XIII, celebrado en 1937<sup>427</sup>, convocatoria centrada en los equilibrios sociales<sup>428</sup>.

---

<sup>426</sup> Cincuenta y ocho volúmenes publicados bajo la dirección de Worms (1895-1926) y editados por Macel Giard: de Worms, Lilienfeld, Novicow, Giddings, Tarde, Posada, Gumplowicz, Maunier, Duprat, Michels, Loria, Ward, Kovalewski, etc.

<sup>427</sup> En 1939 la guerra impide la celebración del XIV congreso, previsto en Bucarest y dedicado a la ciudad.

<sup>428</sup> Información adicional sobre los primeros diez congresos del Instituto, su temática, participantes y actividades –en el contexto de la internacionalización de la sociología–, así como sobre sus miembros y asociados en U. Schuerkens, “Les congrès de l’IIS de 1894 à 1930 et l’internationalisation de la sociologie”, en *International Review of Sociology*, vol. 6 (nueva serie), n° 1, 1996, pp. 7-24. Se trata de un artículo muy útil, nada problemático y cuya fuente exclusiva es la información publicada en los *Annales de l’Institut International de Sociologie*. Sobre lo asuntos tratados en los congresos II al VII v. también F. P. Cerase y A. Varotti, “L’Institut International de Sociologie 1893-1926: fatti e tendenze. (I) Del 1893 al 1926”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. V, n° 2, 1969, p. 169. Noticias de los congresos de 1933, 1935

Más que el inspirador intelectual del Instituto Internacional de Sociología, una institución por definición ecléctica, más próxima a una organización profesional o “reguladora”<sup>429</sup> de la sociología que a un foro científico orientado por un plan para la sociología, Worms es hasta su muerte el factótum administrativo<sup>430</sup>, secretario general perpetuo hiperactivo que en los congresos “se encarga de todos y de todo, elabora los órdenes del día, vigila la marcha de las discusiones, supervisa las memorias”<sup>431</sup>.

Las realizaciones wormsianas de los años 1890, década maravillosa de la sociología francesa, contrastan, sin embargo, con el declive de su aliento sobre esta, irreversible cuando las promociones siguientes a la suya acusan los devastadores efectos de la Gran Guerra. Una suerte parecida correrá la escuela de Durkheim. Sin embargo, a diferencia de lo sucedido con el durkheimismo, las limitaciones del proyecto de Worms se ponen ya de manifiesto antes de terminar la década finisecular<sup>432</sup>, precisamente en el III congreso del Instituto Internacional de Sociología. En efecto, la posición organicista defendida por Jacques Novicow, Paul de Lilienfeld y el propio Worms en las sesiones científicas de 1897, resulta derrotada por las críticas de G. Tarde, Ludwig Stein o Raffaele Garofalo<sup>433</sup>.

---

y 1937 en C. Rol, “Guillaume-Léonce Duprat (1872-1956). L’Institut International de Sociologie et l’Allemagne dans l’entre-deux-guerres”, en *Lendemains. Études comparées sur la France*, vol. 36, n° 141, pp. 18-42. Sobre el de 1939 solo conozco dos estudios relativos a ciertos aspectos particulares del mismo: el de A. Savoye, “La consécration de la sociologie empirique: le congrès de l’Institut International de Sociologie, Bucarest, 1939”, en *Les Études Sociales*, n° 121, 1993, pp. 13-23, y el de P. Schöttler, “Marc Bloch et le XIVe congrès international de sociologie, Bucarest, août 1939”, en *Genèses*, n° 20, 1995, pp. 143-154.

<sup>429</sup> V. F. P. Cerase y A. Varotti, “L’Institut International de Sociologie 1893-1926: fatti e tendenze. (I) Del 1893 al 1926”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. V, n° 2, 1969, p. 162.

<sup>430</sup> V. R. L. Geiger, “René Worms, l’organicisme et l’organisation de la sociologie”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXII, n° 3, 1981, p. 353.

<sup>431</sup> Así le ve É. Crahay, “L’organicisme social au Congrès de l’Institut International de Sociologie”, en *Revue Néo-Scholastique*, vol. IV, n° 16, 1897, p. 416.

<sup>432</sup> La verdadera magnitud de la obra institucional y científica de Worms durante los años 1890 resulta imposible de captar si no se tiene en cuenta la dispersión de la ciencia de la sociedad durante la década anterior. V. R. L. Geiger, “René Worms, l’organicisme et l’organisation de la sociologie”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXII, n° 3, 1981, p. 346.

<sup>433</sup> V. *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. IV, 1898, pp. 169-339. Las intervenciones de Novicow y Lilienfeld provocan, inopinadamente, según reconoce Worms en la presentación del volumen, todo tipo de reacciones (p. 27). Tarde se expresa con total libertad al respecto: el organicismo, “asunto agotado desde hace mucho tiempo”, además de superfluo resulta peligroso (pp. 237-238). También Stein, que se refiere al organicismo como un “malentendido lógico tan antiguo como la filosofía” (p. 289). Para el criminólogo Garofalo, es preciso abandonar la hipótesis organicista, pues “la asimilación de la sociedad y el organismo resulta estéril para el progreso de la sociología” (p. 310). El fourierista Charles Limousin tacha el organicismo de “misticismo” (p. 312). Aún así, Novicow cancela el debate con una vindicación del organicismo inasequible a toda crítica: “la sociología será organicista o no será” (p. 339).

Un año antes, siempre a destiempo, Worms publica su *Organisme et société*, sorprendente adhesión del gran organizador de la sociología francesa a una corriente de pensamiento que a finales del siglo XIX está en sus horas más bajas<sup>434</sup>, agotada la capacidad sugestiva del organicismo, doctrina incoada en 1866, partiendo críticamente de la inspiración darwiniana, por Ernst Haeckel<sup>435</sup>, y formalizada y divulgada en los años 1870 por Herbert Spencer<sup>436</sup>, Albert Schäffle<sup>437</sup> o Alfred Espinas<sup>438</sup>.

Este detalle: la contundente oposición a las ideas organicistas de Worms expresada en su propio congreso, junto al carácter ecléctico de su Instituto, incompatible con una visión unificada de la sociología –tan distinto en esto a la rigidez de la doctrina científica del bando durkheimiano– o la falta de incardinación de Worms y sus colaboradores en la vida universitaria, explican el fracaso científico de su empresa intelectual.

La misma naturaleza “internacionalista” del proyecto, bien por imitación de otras corrientes transnacionales de la época, bien por considerar demasiado rígido el modelo universitario, constituye un lastre para sus aspiraciones, una “mala inversión”, en cierto modo, de su “capital intelectual”<sup>439</sup>. Siguiendo con esta terminología utilitaria, tampoco fue mejor la inversión del “capital político”, pues la presencia de hombres de estado o diplomáticos en el buró del Instituto o en la relación de sus miembros y asociados no cambia el signo excéntrico de la organización. A pesar del esfuerzo de Worms para conseguir el público reconocimiento de la utilidad del Instituto, este será siempre honorario y formal. La presencia en sus órganos directivos de un presidente en ejercicio y

---

<sup>434</sup> V. R. L. Geiger, “René Worms, l’organicisme et l’organisation de la sociologie”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXII, n° 3, 1981, p. 358. Para una revisión crítica del organicismo, ponderada como todas las suyas v. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, pp. 150 ss.

<sup>435</sup> V. E. Haeckel, *Generelle Morphologie der Organismen*, G. Reimer, Berlín 1866, 2 t.

<sup>436</sup> V. H. Spencer, *Principes de sociologie*, Germer Ballière et Cie, París 1878-1887, 4 t.

<sup>437</sup> V. A. Schäffle, *Bau und Leben des sozialen Körpers, encyclopädischer Entwurf einer realen Anatomie, Physiologie und Psychologie des menschlichen Gesellschaft*, H. Laupp, Tubinga, 1875-1878, 4 t.

<sup>438</sup> V. A. Espinas, *Des sociétés animales*, G. Ballière, París 1878 (2ª ed. aumentada con una introducción sobre la historia de la sociología). La edición original es de 1877 y todavía conocerá sendas ediciones en 1923 y 1935 en las prensas de Félix Alcan.

<sup>439</sup> Tesis desarrollada por S. Mosbah-Natanson, “Internationalisme et tradition national: le cas de la constitution de la sociologie française autour de 1900”, en *Revue d’Histoire des Sciences Humaines*, n° 18, 2008/1, pp. 35-62.



tres expresidentes (Wilson, Masaryk, Machado y Poincaré<sup>440</sup>) durante el año 1921 únicamente sirve para resaltar la ineficacia y limitaciones del Instituto después de la Primera Guerra Mundial, etapa de una profunda crisis que parece liquidar la organización cuando sobreviene la muerte de Worms en 1926. Hasta ese momento, la provisionalidad e incertidumbre han sido enormes. Incluso Duprat, el gran colaborador de Worms, abandona la administración cotidiana del Instituto y la redacción de la revista, pues acepta en 1922 el llamamiento de la universidad de Ginebra para enseñar allí sociología<sup>441</sup>.

Unos meses antes de colacionar el grado de doctor en derecho, en la sesión del 8 de febrero del delicado año 1922, Bouthoul ingresa en la Sociedad de Sociología de París, asociación científica autónoma, vinculada no obstante al Instituto Internacional de Sociología por la fuerte personalidad de Worms. Ingresa en aquel círculo de *amateurs* de la sociología junto a otros asociados, casi todos juristas y, con al excepción de M. Cornejo, mayormente irrelevantes o ilustres desconocidos para la historia de la sociología<sup>442</sup>. Desde entonces se hace Bouthoul, como antes lo fue Duprat, colaborador incansable en la elaboración de reseñas: un verdadero *workhorse reviewer*<sup>443</sup>. En el número correspondiente al mes de su incorporación publica ya trece reseñas, que sumarán cuarenta y seis al terminar el año. Veintisiete en 1923. Veintinueve en 1924. Veintitrés en 1925. A lo largo

---

<sup>440</sup> Una relación completa de los miembros del buró del Instituto Internacional de Sociología hasta 1928 en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928, pp. 8-13.

<sup>441</sup> Sobre las consecuencias de las muertes de Espinas (1922) y Worms, así como del traslado de Duprat a Ginebra, para la “otra escuela bordelesa” v. J.-P. Callède, “L'autre école bordelaise de sociologie (1890-1939): essai d'explication des mécanismes et des facteurs de l'oubli”, en P. Bret y G. Pajonk (Ed.), *Savants et inveteurs entre la gloire et l'oubli*, p. 106.

<sup>442</sup> *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril de 1922, p. 171. En la misma sesión ingresan en la sociedad parisina el arabista Louis Massignon (1883-1962), estudioso del misticismo musulmán; Mariano H. Cornejo (1866-1942), diplomático y padre de la sociología peruana; Louis Dantès-Bellegarde (1877-1966), diplomático haitiano muy crítico con la ocupación norteamericana de su país; René Fatou (1896-1978), letrado del Consejo de Estado francés; Joseph Bezar-Falgas (1896-1978), jurista; Raoul Brugeilles, doctor en derecho; Benjamin Weinstein, doctor en Derecho; Kadmi Cohen (1892-1944), abogado judío de origen polaco nacionalizado francés; y Serge Weill-Goudchaux, abogado judío, destacado activista del sionismo francés y fundador de la Liga Internacional contra los Progroms y la Liga Internacional contra el Antisemitismo, sucesora de la anterior. V. J. Waardenburg, “Louis Massignon (1883-1962) as a Student of Islam”, en *Die Welt des Islams*, vol. 45, n° 3, 2005, pp. 312-342; L. L. Bernard, “La sociología sistemática de Mariano H. Cornejo”, en *Revista Mexicana de Sociología*, vol. 4, n° 2, mayo-agosto 1942, pp. 7-34; L. Dantès-Bellegarde, *Au service d'Haiti. Appréciations sur un haitien et son œuvre*, Imprimerie Theodore, Puerto Príncipe 1962.

<sup>443</sup> La expresión, aplicada a Duprat, la tomo de C. Rol, “Guillaume-Léonce Duprat (1872-1956), l'Institut International de Sociologie et l'Allemagne dans l'entre-deux-guerres”, en *Lendemains. Études comparées sur la France*, vol. 36, n° 141, 2011, p. 23.

de 1926, *annus horribilis* del Instituto, escribe once, contrayéndose desde entonces el número de sus entregas. Con todo, sus colaboraciones en la sección bibliográfica de la *Revue Internationale de Sociologie* suman ciento setenta y cinco hasta 1935<sup>444</sup>.

Los últimos años del secretariado de Worms publica Bouthoul, en dos partes y antes de su defensa, la primera de sus tesis doctorales en derecho<sup>445</sup>, una nota sobre el sociólogo norteamericano Thorstein Veblen<sup>446</sup>, su intervención en una sesión de la Sociedad de Sociología de París<sup>447</sup> y una nota sobre los trabajos de cátedra y la actividad extrauniversitaria de Duprat<sup>448</sup>, de quien recibe sus textos inéditos y correspondencia<sup>449</sup>. No hay más noticias en la revista sobre la actividad administrativa o científica de Bouthoul, exceptuado su resumen de los trabajos del Congreso de la Población de Ginebra, celebrado en septiembre de 1927 y en el que, según parece, está presente<sup>450</sup>.

A partir de 1925, declarada la enfermedad de Worms, Gaston Richard se hace cargo del Instituto Internacional de Sociología. Se mantienen como tesorero y censor Léonce

---

<sup>444</sup> La colección de la *Revue Internationale de Sociologie* que podido consultar en la biblioteca del Ateneo de Madrid se interrumpe en el número de mayo-junio de 1936. Es posible que, además de las registradas *infra* cap. 6, § 1.5 para el año 1937 (dos reseñas) haya algunas más hasta el cese de la edición de la revista en el verano de 1939.

<sup>445</sup> GB, “Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et dans la doctrine”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril de 1922 y n° 5-6, mayo-junio de 1922.

<sup>446</sup> GB, “Les théories économiques et sociales de M. Thorstein Veblen”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 9-10, septiembre-octubre de 1925.

<sup>447</sup> GB, “L’Arabie et le problème arabe”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril de 1922.

<sup>448</sup> GB, “Chronique [Notre collaborateur M. Gaston Bouthoul nous a remis la note que voici]”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto de 1925. Más adelante publica otras dos glosas sobre sus cursos universitarios: “Notes sur les cours de sociologie de M. G. L. Duprat à l’Université de Genève”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 3-4, marzo-abril de 1927, y “Le cours de M. G. L. Duprat sur la physiologie des moeurs”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 38, n° 5-6, mayo-junio de 1930. *V.* también la breve reseña que le dedica a un artículo de Duprat publicado en 1924 en la *Revue Mensuelle* de Ginebra: “G.-L. Duprat, *L’avenir des classes moyennes*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 9-10, septiembre-octubre de 1924.

<sup>449</sup> El ofrecimiento de la sede de la Sociedad de Sociología de Ginebra para la celebración del X congreso del Instituto Internacional de Sociología tiene como cauce la correspondencia de Duprat con Bouthoul, quien unos días antes de la celebración del congreso de París recibe la propuesta con el ruego de su sometimiento a los congresitas. *V.* [texto sin firma, seguramente de G. Richard o G. Bouthoul.] “Le congrès de Paris”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928, p. 45.

<sup>450</sup> GB, “Le congrès international de la population”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 1-2, enero-febrero de 1928.

Manouvrier<sup>451</sup> y Charles Gide, ocupando Richard interinamente la secretaría general<sup>452</sup>. Muerto Worms, causa también baja en el buró, por razones de edad, Manouvrier. Richard encarga entonces a Bouthoul, “colaborador de una entrega sin límites”<sup>453</sup> a la causa del Instituto<sup>454</sup>, las funciones de tesorero, las cuales serán confirmadas, para diez años según los estatutos, en el congreso de 1927.

Como queda patente en el tomo XV de los *Annales*, el congreso de París de 1927 es el intento de reactivar el Instituto, que muchos consideraban extinguido de hecho al morir su fundador. En la presentación de la publicación se declara el “objetivo inmediato” del mismo: “afirmar la existencia del Instituto Internacional de Sociología, cuestionada por una fatal interrupción de la serie de sus asambleas periódicas [desde 1912]”<sup>455</sup>. Este IX congreso, albergado por la Sorbona los días 3, 4 y 5 de octubre de 1927 y dedicado a la autoridad y la jerarquía, recoge las comunicaciones preparadas y remitidas la secretaría general en 1925, fecha inicialmente prevista para su celebración.

---

<sup>451</sup> L. P. Manouvrier (1850-1927), antropólogo y criminalista, vicepresidente del Instituto Internacional de Sociología en 1910, fue nombrado tesorero en 1913. Sobre su contribución a la crimonología v. P. Robert, P. Lascoumes y M. Kaluszinsky, “Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892”, en *Déviance et société*, vol. 10, nº 3, 1986, pp. 223-246.

<sup>452</sup> El buró del Instituto Internacional de Sociología, hasta la reforma estatutaria, lo constituyen el presidente, cuatro vicepresidentes y un secretario general. Los nuevos estatutos de 1909 contemplan un presidente, tres vicepresidentes, un secretario general, un censor y un tesorero. Pueden consultarse en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928, pp. 1-6.

<sup>453</sup> V. J.-P. Callède, “L'enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946)”, en *Anamnese*, nº 7, 2012, p. 87.

<sup>454</sup> También a la de la Sociedad de Sociología de París, de cuya administración se ocupa cuando la sede del Instituto Internacional de Sociología pasa a Ginebra. Esta sociedad, probablemente inactiva después de la Segunda Guerra Mundial se disuelve en 1952, legando sus fondos (30000 francos) al Instituto Internacional de Sociología. V. GB, “Compte rendu présenté aux membres de l'Institut International de Sociologie pour la séance administrative du XVème congrès de sociologie par le Trésorier”, en *Actes du XV<sup>e</sup> Congrès International de Sociologie, Istanbul (11-17 septembre 1952)*, Imprimerie des Facultés, Estambul 1952, t. I, p. 49.

<sup>455</sup> V. [Texto sin firma,] “Le congrès de Paris”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928, pp. 42-43. Hasta ese momento la actividad del Instituto había quedado reducida a la edición de la *Revue Internationale de Sociologie*, aunque jurídicamente se trata de una publicación autónoma. El congreso renueva o confirma, según los casos, los cargos del buró, acuerda la reanudación de la serie de los *Annales* y determina la sede y el tema central del futuro congreso. Para renovar la institución se acuerda también nombrar miembros del Instituto a quienes hasta octubre de 1927 rezan como asociados o han pasado a formar parte del buró. En uno de estos casos, si no en los dos, se encuentra Bouthoul, que aparece en la relación de miembros del Instituto.

El X congreso del Instituto<sup>456</sup>, celebrado en Ginebra del 13 al 15 de octubre de 1930 es la ocasión para refundar la institución, pues según la memoria leída por Richard, las condiciones que aconsejaban una organización basada en la adhesión personal de intelectuales<sup>457</sup>, no exclusivamente sociólogos, ni siquiera profesores de universidad en su mayoría, han cambiado radicalmente. El secretario general ve pues necesario adaptar el Instituto y su funcionamiento a una nueva misión: hacer de nexo de unión de las sociedades e institutos de sociología que han aparecido en muchos países<sup>458</sup>. Lo anticipa también G.-L. Duprat, elegido secretario general en sustitución de Richard, quien pasa a ocupar la presidencia, en la sesión administrativa del 15 de octubre: “el Instituto [...] está llamado a transformarse en una federación de las sociedades de sociología de todo el mundo”<sup>459</sup>. Este será el gran empeño de Duprat: la creación de una Federación Internacional de Sociedades e Institutos de Sociología (FISIS) con sede en Ginebra, adonde se traslada también el secretariado del Instituto. En la renovación del buró Bouthoul es confirmado al frente de la tesorería por diez años<sup>460</sup>.

Uno de los problemas a los que ha de hacer frente Bouthoul durante su gestión es el del encarecimiento del coste de la edición, problema generalizado en Francia desde finales de los años veinte como consecuencia de la reforma monetaria del ministerio (de finanzas) del gobierno Poincaré: la agresiva devaluación del franco decretada el 25 de junio de

---

<sup>456</sup> Las sesiones de trabajo se dedican al estudio de las causas de las guerras. Inmediatamente después de la Gran Guerra Worms comienza a preparar el programa para el XIV congreso (previsto para 1915 y suspendido por la fuerza mayor del conflicto), proponiendo como tema central el estudio de las causas de la última guerra. Por razones de índole política e intimado por R. Poincaré Worms abandona tan controvertido asunto, adoptando otro lema y otro tema para el congreso de 1925, asimismo retrasado, como ya se ha señalado, hasta 1927. En 1927 se adopta como eje central del congreso de 1930 “Des causes profondes des guerres et des conditions d’un état de paix durable”. Aunque se considera que ya no obran las razones que recién terminada la guerra impedían ese estudio, se accede a la ampliación de su horizonte (causas generales de las guerras) para evitar cualquier escoramiento político del Instituto. El tomo de los *Annales* que recoge las comunicaciones bajo el título “Sociologie de la guerre et de la paix” constituye un hito del proceso de constitución del estudio (científico) sociológico de las guerras.

<sup>457</sup> Según Duprat, Worms había concebido el instituto como una suerte de academia internacional de notables de la sociología. V. G.-L. Duprat, “The International Institute of Sociology”, en *American Sociological Review*, vol. 1, n° 3, junio 1936, p. 449.

<sup>458</sup> V. G. Richard, “Rapport”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, pp. 18-19.

<sup>459</sup> V. G.-L. Duprat, “Préface”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 6.

<sup>460</sup> Émile Lasbax (1888-¿?) es elegido censor. En esa época Lasbax, discípulo de Richard y sucesor de este en 1934 al frente de la *Revue Internationale de Sociologie*, enseña filosofía en la facultad de letras de Clermont-Ferrand. V. J.-P. Callède, “L’enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946)”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, p. 90.

1928<sup>461</sup>. Mientras que la *Revue Internationale de Sociologie* consigue sobrevivir sin subvenciones de organismos estatales —que sí obtiene, por ejemplo, *L'Année Sociologique*<sup>462</sup>—, el Instituto Internacional de Sociología no puede seguir sufragando la edición de los *Annales*. Los trabajos del X congreso se publican en el volumen décimo quinto gracias en parte a la contribución de Richard: una suscripción de mil francos para sufragar la edición. Cesa entonces la serie, sustituida por los *Archives de Sociologie*, editados en Ginebra por Duprat para la FISIS durante tres años. En ese tiempo se publican numerosas comunicaciones de los congresos de 1933 y 1935, pues el editor parisino, Marcel Giard, declina seguir con los *Annales* si la contribución del Instituto no aumenta<sup>463</sup>. En la correspondencia de Bouthoul con Duprat, de la se conservan tres cartas en el Fondo Duprat de los Archivos Departamentales de la Gironda<sup>464</sup>, se trata precisamente de este asunto. La liquidación judicial frustra las esperanzadoras negociaciones con el editor Rugarli (Éditions Excelsior), emprendidas por Duprat a finales de 1933. Bouthoul, al corriente del fracaso económico que para Giard han supuesto los *Annales*, no ve posible seguir trabajando con él, pues “ello sería extremadamente oneroso para [las] finanzas [del Instituto Internacional de Sociología], sobre todo si se tienen en cuenta sus tarifas de edición”<sup>465</sup>. Propone entonces, en el caso de que no encuentren un editor que desee hacerse cargo de la edición<sup>466</sup>, buscar un impresor que tire los *Annales* a expensas del Instituto y llegar después con Giard a un acuerdo para su distribución. “Esta solución, concluye Bouthoul, tendría la ventaja de no interrumpir la continuidad de la colección”.

---

<sup>461</sup> El franco pierde el 80% de su valor. La devaluación afecta, naturalmente, a todos los sectores económicos. Sobre su incidencia en el campo de la edición científica hay observaciones de interés en O. Dumoulin, “Les sciences humaines et la préhistoire du CNRS”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, nº 2, 1985, p. 360.

<sup>462</sup> V. O. Dumoulin, “Les sciences humaines et la préhistoire du CNRS”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, nº 2, 1985, p. 355.

<sup>463</sup> La misma situación afecta a la *Revue Internationale de Sociologie*, editada por V. Giard & E. Brière hasta 1935. Después de esa fecha se hace cargo Pichon, Durand & Auzias. V. G.-L. Duprat, “The International Institute of Sociology”, en *American Sociological Review*, vol. 1, nº 3, junio 1936, p. 452.

<sup>464</sup> Fonds Duprat (ADN): cota 4 J 738. Tres cartas dirigidas por Bouthoul a Duprat fechadas en París el 27.I.1934, el 5.III.1934 y 7.IV.1934. Las tres escritas en papel con membrete de la Sociedad de Sociología de París, lo que hace pensar que Bouthoul representa mucho más que la tesorería del Instituto Internacional de Sociología, siendo su enlace orgánico con la sección francesa del mismo.

<sup>465</sup> Carta de GB a G.-L. Duprat, fechada en París el 7 de mayo de 1934. ADN, Fonds Duprat A J 738.

<sup>466</sup> En una nota manuscrita añadida, GB acepta la invitación previa de Duprat para que envíe críticas bibliográficas para publicar en los *Archives de Sociologie*: “Me ocuparé encantado de las obras de demografía, estadística y economía pura”.

Hacia 1936 el Instituto Internacional de Sociología “no es en realidad sino el núcleo central o el órgano permanente de la Federación”<sup>467</sup> impulsada por Duprat, quien pretende contar para ella con la protección de la Sociedad de Naciones, aspiración que tal vez la enfrenta con el Instituto Internacional de Cooperación Intelectual (IICI), también animado por el organismo ginebrino. En la nota publicada en el órgano de expresión del IICI se detallan los cambios promovidos en la organización del Instituto Internacional de Sociología, que incluyen la transformación de la sede ginebrina de este último en un “centro de cooperación intelectual”<sup>468</sup>. Este conflicto de intereses, ya de suyo complicado por las oscilantes relaciones de las “sociologías nacionales” francesa y alemana después de la guerra<sup>469</sup>, añadirá nuevas dificultades a un proceso de refundación que finalmente se abandona con la salida de Duprat de la secretaría general en el XIII congreso, celebrado en París el 1 al 6 de septiembre de 1937. En la sesión plenaria se procede a la renovación del buró. Esta afecta, al menos, al presidente, Pitirim A. Sorokin, sustituido por René Maunier. No puedo precisar si Bouthoul renueva o cesa como tesorero<sup>470</sup>.

La politización del Instituto Internacional de Sociología, iniciada en 1927, deteriora las relaciones entre los sociólogos europeos. Así, a pesar de los esfuerzos de Duprat por integrar a los sociólogos alemanes, estos no asisten por escrúpulos políticos ni al congreso de 1935 ni al de 1937, celebrados en capitales enemigas. En 1939 la situación se invierte: una masiva asistencia de sociólogos alemanes, mayormente bienquistas por el régimen nacionalsocialista, debe ocupar el vacío que en el congreso de Bucarest dejarán los sociólogos de las naciones rivales de Alemania<sup>471</sup>. El congreso, previsto para los días 29 de

---

<sup>467</sup> V. G.-L. Duprat, “The International Institute of Sociology”, en *American Sociological Review*, vol. 1, n° 3, junio 1936, p. 450. El Instituto se constituye pues, a través de sus publicaciones y congresos, en el “intermediador” de los miembros de la federación.

<sup>468</sup> V. (texto sin firma), “Le Xe congrès de l’Institut International de Sociologie”, en *Bulletin de Coopération Intellectuelle*, n° 2, 1931, p. 86. Muchos más detalles de la organización interna de la FISIS y de su actividad federadora internacional en G.-L. Duprat, “The International Institute of Sociology”, en *American Journal of Sociology*, vol. 1, n° 3, junio 1936, *passim*.

<sup>469</sup> Las tensas relaciones entre el IIS y la Sociedad Alemana de Sociología (*Deutsche Gesellschaft für Soziologie*) son estudiadas por C. Rol, “Guillaume-Léonce Duprat (1872-1956). L’Institut International de Sociologie et la l’Allemagne dans l’entre-deux-guerres”, en *Lendemains. Études comparées sur la France*, vol. 36, n° 141, espec. pp. 25 ss.

<sup>470</sup> Cfr. J.-P. Callède, “L’enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946)”, en *Anamnese*, n° 7, 2012, pp. 91-92.

<sup>471</sup> V. P. Schöttler, “Marc Bloch et le XIVe congrès international de sociologie, Bucarest, août 1939”, en *Genèses*, n° 20, 1995, pp. 144-145.

agosto al 2 de septiembre, es suspendido unos días antes; pospuesto a la primavera de 1940 nunca se celebrará<sup>472</sup>.

Las circunstancias que impiden la celebración del congreso de Bucarest y la orientación o compromisos políticos de los sociólogos más distinguidos del Instituto dan pie a la leyenda de “una internacional de derechas”, utilizada interesadamente después de la Segunda Guerra Mundial para anular la institución. En realidad, los compromisos políticos de Gini, Freyer o Maunier, por citar tal vez los tres ejemplos más señalados dentro del Instituto, constituyen una excusa, más bien tosca, para arrebatar a la fundación de René Worms sus privilegios de primogenitura en beneficio de la rival Asociación Internacional de Sociología<sup>473</sup>. Está también en juego en esa operación el desplazamiento del paradigma sociológico representado por el Instituto Internacional de Sociología: una sociología de amplio espectro científico y humanista, abierta a otros saberes (filosofía, economía, ciencia política, derecho<sup>474</sup>), en los antípodas del empirismo sociológico, artículo norteamericano de importación patrocinado por la UNESCO.

---

<sup>472</sup> La publicación de las comunicaciones correrá a cargo de Dimitrie Gusti, presidente del Instituto de Ciencias Sociales de Rumanía, sección rumana del Instituto Internacional de Sociología y la FISIS. De los nueve volúmenes previstos únicamente se publican cinco, siendo obra muy rara. Únicamente he podido consultar el volumen I (serie B). El prefacio de D. Gusti destaca que el gran objetivo del congreso es la propuesta del método de la “*monografía sociológica*, que no debe confundirse con lo que comúnmente se denomina la *monografía social*”. La lacónica indicación de la causa del aplazamiento “en razón de las circunstancias internacionales” es la única indicación de orden extracientífico. V. D. Gusti, “Avant-propos”, *Travaux du XIV<sup>e</sup> congrès international de sociologie. (Communications. Série B. Le village. 1er volume)*, Institut de Sciences Sociales de Roumanie, Bucarest 1939, pp. VII-VIII.

<sup>473</sup> La verdadera politización del IIS se produce en el XXIII congreso, celebrado en 1972 en Caracas —en realidad en Guaira, a cuarenta kilómetros de la capital, para evitar los disturbios estudiantiles—. Chocan en él una “sociología del orden” y una “sociología de la subversión”. La “sociología marxistoide francesa”, expulsada de la Asociación Internacional de Sociología, se fija entonces en el IIS, cuya “vieja imagen [conservadora]” será puesta *ad acta* en el siguiente congreso, el XXV (Argel 1974). V. H. A. Steger, “Informe sobre el 23 congreso del Institut International de Sociologie (IIS) en Caracas, Venezuela del 20 al 25 de noviembre de 1972”, en *Revista Mexicana de Sociología*, vol. XXXV, n° 4, octubre-diciembre 1973, pp. 867-868.

<sup>474</sup> V. F. Casata, “Un’internazionale di destra: l’Institut International de Sociologie (1950-1970)”, en *Studi Storici. Rivista Trimestrale dell’Istituto Gramsci*, año 46°, n° 2, abril junio 2005, p. 435. No obstante el tiempo transcurrido desde la discusión sobre la incorporación de la sociología a las facultades jurídicas, el asunto no ha perdido todavía su interés a principios de la década de los setenta. Lejos de eso, la vinculación o afiliación jurídica del Instituto Internacional de Sociología a través de sus miembros juristas y sociólogos-juristas es un dato que no se puede pasar por alto. Se pone claramente de manifiesto en el congreso XXI (Madrid 1967). La sociología española, desarrollada por juristas de formación en el Instituto de Estudios Políticos, deja su poso en el Instituto Internacional de Sociología de los años 50 y 60, cuyos congresos cuentan con la presencia de juristas políticos como Carlos Ruiz del Castillo, Francisco Javier Conde o Manuel Fraga, o juslaboralistas como Efrén Borrajo. En esa pléyade de juristas sociólogos descuella Enrique Gómez Arboleya. Por otro lado, Severino Aznar, catedrático de sociología en Madrid y presidente

Concentrado en su obra polemológica y sin dotes maniobreras, Bouthoul se resigna a ser abogado. No creo que influyan demasiado en su suerte o posición los recelos o la enemiga hacia él de los historiadores de la Escuela de los Anales hasta los años sesenta<sup>475</sup>. Desclasado universitario, este es el quid, su actividad académica durante la posguerra se circunscribe forzosamente al decadente Instituto Internacional de Sociología<sup>476</sup>, en hibernación política durante los años cuarenta, cuya existencia laminan los intereses extracientíficos y las acusaciones de ser una “internacional de derechas”.

Renacido en la posguerra gracias a la red mundial de contactos del estadístico italiano Corrado Gini, impulsor del XIV congreso, celebrado en Roma en 1950, el viejo instituto fundado por Worms sufre los ataques de la Asociación Internacional de Sociología<sup>477</sup> hasta los años sesenta, coincidiendo justamente con la presidencia de Gini (1950-1963), designado enemigo por los sociólogos que, independientemente de sus méritos científicos, tienen la ocurrencia de “refundar la sociología desde unas bases democráticas”<sup>478</sup>. Con pesar y también con razón puede decir el sociólogo español

---

honorífico del Instituto Internacional de Sociología, tiene en este, como Freyer o Sorokin, una autoridad y un peso específicos. V. J. Iglesias de Ussel, “Estudio introductorio”, en S. Aznar, *La institución de la familia vista por un demógrafo*, C. I. S./B. O. E., Madrid 2008; también J. Iglesias de Ussel (Ed.), *Homenaje a Enrique Gómez Arboleya 1910-1959*, Ayuntamiento de Granada/Universidad de Granada, Granada 1988.

<sup>475</sup> Se les ocurre esta explicación para su relativo fracaso a Hall Gardner y Oleg Kobtzeff, “General Introduction: Polemology”, en H. Gardner y O. Kobtzeff (Ed.), *Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, p. 3. Ni lo justifican ni yo encuentro la conexión o, más bien la falta de la misma, entre Bouthoul y la *École des Annales*. Sí existe una vinculación entre esta última y los estudios cuantitativos de Louis Henry, fundador de la “demografía histórica” y uno de los más importantes colaboradores del *Institut National d'Études Démographiques*. Aunque no se ocupa de los trabajos de Bouthoul, el enfoque y los métodos de L. Henry, como los de sus colegas del INED Jean Bourgeois y Paul Vincent, son polarmente contrarios a la fundamentación demográfica de la polemología. No sé si es a esto a lo que se refieren los profesores de la *American University of Paris* Gardner y Kobtzeff. V. P.-A. Rosental, “La nouveauté d'un genre Ancien: Louis Henry et la fondation de la démographie historique”, en *Population*, vol. 58, 2003/1.

<sup>476</sup> También a las conferencias y clases en la Escuela Superior de Estudios sociales (EHES), institución que sobrevive a la Segunda Guerra Mundial aunque no puedo precisar en qué condiciones ni hasta cuándo. V. *infra* § 6.3.

<sup>477</sup> Estos debían manifestarse en muchos frentes, también en el editorial. En el prefacio de las actas del XVIII congreso del Instituto Internacional de Sociología (Nuremberga, 10-13 de septiembre de 1958), publicadas tres años después, declaran los editores la causa del aplazamiento de la edición: las maniobras “de las fuerzas adversarias”. V. *Akten des XVIII. Internationalen Soziologenkongresses (Nürnberg, 10. bis 17. [sic] September 1958)*, Verlag Anton Hain KG, Meisenheim am Glan 1961, p. VII. En cualquier caso, la Asociación Internacional de Sociología, “sin duda intencionalmente”, había fijado la fecha de su primer congreso (Zúrich 1950) en coincidencia con la del Instituto (Roma 1950). V. P. Périer, “Actes du XIVe congrès international de sociologie (Rome, août-septembre 1950)”, en *Les Études Sociales*, n° 22, septiembre 1953, p. 1.

<sup>478</sup> Sobre el conflicto entre el Instituto y la Asociación, desarrollado en la etapa giniana, v. F. Casata, “Un'internazionale di destra: l'Institut International de Sociologie (1950-1970)”, en *Studi Storici. Rivista*



Antonio Perpiñá, afín a un concepto sociológico heteróclito, pero de alto bordo, que “una nueva sociología, impregnada de empirismo y tecnicismo, que incluso ignora con orgulloso desprecio toda la aportación anterior, ha dejado arrinconada en el olvido desde 1960 la vieja sociología de solera europea”<sup>479</sup>.

Bouthoul, ligado a Gini por una antigua amistad, fruto de la perfecta sintonía intelectual<sup>480</sup>, será nombrado vicepresidente, puesto en el que permanece hasta el congreso de Córdoba de Argentina (vigésimo de la serie), celebrado en 1963. Elegido también tesorero<sup>481</sup>, ostenta el cargo hasta que le sustituye François Perroux, nombrado en el XIX congreso (México 1960). Apartado finalmente de la heterogénea asociación por la dinámica inexorable de la renovación generacional<sup>482</sup>, desde 1965 concentra toda su energía en su instituto dedicado a las investigaciones polemológicas. Nunca obtiene de aquella, a pesar de su “entrega sin límites”, el justo reconocimiento a los casi cuarenta años consumidos en su administración y procura<sup>483</sup>. El mismo trato de agosto cero le da la sociología académica, en cuyos anales raramente se consignan sus méritos.

---

*Trimestrale dell'Istituto Gramsci*, año 46, n° 2, abril-junio 2005, pp. 407-435. *V. supra*, cap. 1, § 6.2. Sobre el problema de fondo entre la vieja sociología, representada por el Instituto, y la nueva, abanderada por la Asociación, hay consideraciones de interés relativas a España, pero extrapolables al resto de Europa, en J. C. Valderrama Abenza, “Un clásico ignorado de la Sociología en España: Antonio Perpiñá Rodríguez (1910-1984)”, en A. Perpiñá Rodríguez, *La época de lo social y otros escritos sobre Política y Seguridad social*, Isabor, Murcia 2016, pp. 7-33.

<sup>479</sup> *Apud.* J. C. Valderrama, “Un clásico ignorado de la Sociología en España: Antonio Perpiñá Rodríguez (1910-1984)”, en A. Perpiñá Rodríguez, *La época de lo social y otros escritos sobre Política y Seguridad social*, p. 9.

<sup>480</sup> GB, “Economistas y sociólogos”, en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009, p. 153.

<sup>481</sup> Del informe leído en la sesión administrativa del XV congreso, celebrado en Estambul del 11 al 17 de septiembre de 1952, se colige que Bouthoul sustituye a Achille Ouy, dimisionario en 1950 por su precario estado de salud. *V.* GB, “Compte rendu présenté aux membres de l'Institut International de Sociologie pour la séance administrative du Xvème congrès de sociologie par le Trésorier”, en *Actes du Xve Congrès International de Sociologie, Istanbul (11-17 septembre 1952)*, t. I, p. 47.

<sup>482</sup> Los congresos de 1967 (Madrid) y 1969 (Roma) marcan una crisis profunda, pues se pone en evidencia el peso que, dentro del instituto y frente al pujante empirismo norteamericano, tiene la concepción sociológica de los países del sur de Europa, vinculada generalmente con juristas y filósofos.

<sup>483</sup> El Instituto Internacional de Sociología, no obstante la preponderancia de la Asociación Internacional de Sociología, patrocinada por la UNESCO, subsiste todavía al cabo de muchas vicisitudes. Además de los *Annales*, edita la *International Review of Sociology*, sucesora de la antigua *Revue Internationale de Sociologie*. Su secretariado pasa de París a Ginebra en los años treinta y después, en 1950, de la ciudad suiza a Roma. Actualmente su sede está en The Swedish Collegium for Advanced Study, en la ciudad sueca de Uppsala. En 1993 celebra en París su XXXI congreso, coincidiendo con el I centenario de la fundación, bajo el lema: “Cien años de sociología: retrospectiva y prospectiva”. *V.* V. Castellano, “Notre 100e anniversaire: un peu d'histoire, beaucoup de problèmes”, en *International Review of Sociology*, vol. 3, n° 1, 1992, pp. 3-33; también de interés W. V. d'Antonio, “Sociology and the IIS: searching for identity through a century of growth, ambivalence and changing opportunities”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, 4 (nueva

### 6.3 La Escuela Superior de Estudios Sociales

Existe en Francia una jerarquía académica paralela a la universitaria. En el primer tercio del siglo XX la integran numerosas instituciones que merecen una consideración dispar: públicas como el Collège de France, el Institut de France y las distintas escuelas de erudición de la Sorbona (École Nationale des Chartes, École des Langues Orientales), la École Pratique des Hautes Études; privadas como la École Libre des Sciences Politiques, fundada en 1872 por Émile Boutmy, la École socialiste, fundada en 1900, el Collège de Sciences Sociales, fundado en 1895 por Dick May, pseudónimo de Jeanne Weill, o el Collège de Sociologie, fundado en 1937 por Georges Bataille, Roger Caillois y Jules Monnerot entre otros<sup>484</sup>.

Una escisión de la fundación de Dick May, la nueva École des Hautes Études Sociales (EHES), a su vez también creación de la May en 1900<sup>485</sup>, cuenta entre sus profesores a Georges Sorel, Léon Bourgeois, Tarde, Durkheim, Worms y otros hombres de letras, intelectuales o científicos destacados. No obstante su naturaleza: escuela privada que no expide títulos y que ofrece conferencias aisladas o agrupadas sobre materias sociales, políticas y económicas<sup>486</sup>, la EHES consigue asentar su prestigio en la década de 1910<sup>487</sup> como “centro de legitimación intelectual si no de reconocimiento universitario”<sup>488</sup>. Después de la Gran Guerra se eclipsa su importancia y ni siquiera es tenida en cuenta en los numerosos proyectos que durante los años veinte y treinta se ponen en marcha para

---

serie), 1994, pp. 3-17. Esta última publicación contiene los *Proceedings of the XXIst Congress: one hundred years of sociology: Retrospect and prospect*.

<sup>484</sup> Bouthoul, lector atento de G. Bataille y R. Caillois en la posguerra, ni tuvo contacto con ellos ni aportó por el Collège de Sociologie, no obstante el repertorio de preocupaciones compartidas con sus miembros, según se desprende de la documentadísima obra de Denis Hollier, *Le Collège de Sociologie 1937-1939*, Gallimard, París 1995. Tal vez conoció a Caillois en la Escuela Superior de Estudios Sociales, en la que este imparte una conferencia sobre la guerra en abril de 1947. GB, *Les guerres*, p. 449, nota 1.

<sup>485</sup> La EHES se sostiene con las cuotas de sus alumnos y el apoyo financiero de una sociedad de amigos de la institución. También con una pequeña ayuda estatal. V. G. Weisz, “L’idéologie républicaine et les sciences sociales. Les durkheimiens et la chaire d’histoire d’économie sociale à la Sorbonne”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, enero-marzo de 1979, p. 101.

<sup>486</sup> V. F. Larnaude, “La faculté de droit”, en É. Durkheim (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, p. 96.

<sup>487</sup> El balance de su primera década de actividad en D. May (Ed.), *L’École des Hautes Études Sociales (1900-1910)*, Félix Alcan, París, 1911.

<sup>488</sup> V. C. Prochasson, “Sur l’environnement intellectuel de Georges Sorel: l’École des Hautes Études Sociales (1899-1911)”, en *Cahiers Georges Sorel*, n° 3, 1985, p. 31.

impulsar en Francia las ciencias sociales<sup>489</sup>. En un memorándum sobre la situación de las ciencias sociales en Francia, elaborado en 1929 por Marcel Mauss para la constitución de un Instituto de Investigación en Ciencias Sociales de la Sorbona, ni siquiera se menciona ya su nombre en la amplia relación de las instituciones y sociedades eruditas de París<sup>490</sup>.

Al cuadro de profesores y conferenciantes de esta institución en declive se incorpora Bouthoul en 1935, tal vez antes. Por los anuncios del *Journal des Débats Politiques et Littéraires* se puede suponer que Bouthoul imparte en la EHES un seminario aproximadamente decenal entre febrero y abril de 1935<sup>491</sup>. Se trata de un curso titulado *Éléments de psychologie sociale* orientado a la formación a distancia, cuya edición policopiada con acotaciones manuscritas y correcciones de Bouthoul he podido consultar<sup>492</sup>.

No es fácil reconstruir la historia de esta institución, cuya impronta sobre la Sociología francesa no ha sido todavía justamente valorada. Aquí y allá saltan algunas noticias de sus cursos y docentes. Un ejemplo: en el prefacio de su *Introduction à la sociologie*, fechado en 1929 y que conserva todavía la edición posterior de 1938, señala R. Maunier que en esas páginas está “la quitaesencia de las lecciones de introducción a la sociología que profesé, durante cuatro años, en la École des Hautes Études Sociales de París”. Se refiere probablemente al periodo 1925-1928. Unos años antes conferencia también en ella, por recomendación de G. Sorel, Édouard Berth, discípulo del doctrinario del *grève-généralisme*<sup>493</sup>.

Aquí y allá hay curiosas noticias de la participación de Gaston Bouthoul en otras instituciones paraacadémicas. En ellas explica cursos y lee conferencias. Una muestra arbitraria: en el Instituto Superior de Urbanismo Aplicado de Bruselas (Institut Supérieur

<sup>489</sup> V. B. Mazon, “La Fondation Rockefeller et les sciences sociales en France (1925-1940)”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, abril-junio 1985, pp. 311-342. De la misma investigadora: *Aux origines de l'École des HESS. Le rôle du mécénat américain (1920-1960)*, Éditions du Cerf, París, 1988.

<sup>490</sup> V. M. Mauss, “Les sciences sociales à Paris vues par Marcel Mauss”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, 1985, espec. pp. 349-350.

<sup>491</sup> El anuncio aparece en el *Journal des Débats Politiques et Littéraires* los días 27 de febrero, 3, 6 y 20 de marzo y 3 y 10 de abril de 1935. Por el mismo periódico se sabe que en abril de 1937 Bouthoul sigue impartiendo ese seminario.

<sup>492</sup> En la cubierta reza: “Enseignement para Correspondance de l'École des Hautes Études Sociales organisé par l'École Universelle para Correspondance de Paris”. GB cita una edición anterior, fechada en 1937, en *Traité de sociologie*, t. I, p. 518: *Cours de psychologie sociale*, París 1937. No he podido dar con ella.

<sup>493</sup> V. A. de Benoist, *Édouard Berth ou le socialisme heroïque. Sorel, Maurras, Lénine*, Pardès, Grez-sur-Loing 2013, p. 46.

d'Urbanisme Appliqué), una fundación del arquitecto y urbanista algo sociólogo Gaston Bardet, profesa Bouthoul en 1947 un curso de psicología social<sup>494</sup>. En Ginebra acude al *Institut Universitaire des Hautes Études Internationales* (IUHEI) y a la *Société de Sociologie*, en donde dicta diversas conferencias: “La guerre comme phénomène sociologique et son étude scientifique” (1949), “Comte et nous” (1949), “La science de la guerre (polémologie) devant le droit international” (1952) y “Mentalités” (1954) entre otras<sup>495</sup>. Debe de haber más ejemplos similares en esos años de durísimo aislamiento intelectual en Francia, del que lentamente le van sacando sus primeras publicaciones después de la guerra, particularmente los artículos de la *Revue de Défense Nationale*<sup>496</sup>. Al margen de sus libros publicados entre 1945 y 1950, la acogida que le dispensa la principal revista del ejército francés, desde el año siguiente de la reanudación de la serie<sup>497</sup>, le permite finalmente darse a conocer ante un público muy sensible a sus cuidados. Sin embargo, su sintonía o, cuando menos, su lógica proximidad al estamento castrense le supone pagar el peaje de la exclusión automática de un buen número de círculos intelectuales<sup>498</sup>.

---

<sup>494</sup> GB, *Introduction a la psychologie social (2ème partie)*. Institut Supérieur d'Urbanisme Appliqué, Bruselas 1947, p. 8. Se trata de un cuaderno mecanoscrito de diez páginas procedente de un curso, sin duda más amplio, impartido por Bouthoul. La copia que he podido consultar procede de la universidad de Gante. Gaston Bardet, ferviente católico y muy crítico con la contaminación esotérica del catolicismo los últimos años de su vida, es el organizador del curso superior de urbanismo en el que introduce disciplinas sociales y humanísticas. Prueba de su vocación sociológica es la ponencia que sobre la estructura y escala de las barriadas urbanas presenta en el XIV Congreso Internacional de Sociología, organizado en Roma por el Instituto Internacional de Sociología, una de cuyas vicepresidencias ocupa entonces, como queda dicho, Bouthoul. V. Jean-Pierre Frey, “[Jean-]Gaston Bardet. L'espace social d'une pensée urbanistique”, en *Les Études Sociales*, nº 130, julio-diciembre 1999, pp. 57-85.

<sup>495</sup> Noticias sobre las mismas en *Journal de Genève*, ediciones del 10 de marzo de 1949 (p. 3), 21 de febrero de 1952, p. 6 y 30 de enero de 1954, p. 7.

<sup>496</sup> Los dos primeros artículos de Bouthoul publicados después de la guerra que he podido localizar aparecen en *Revue de Défense Nationale*, en los números de octubre de 1946 (“Guerres et populations”) y septiembre de 1947 (“Qu'est-ce que la guerre”).

<sup>497</sup> Fundada en mayo de 1939 como *Revue des Questions de Défense Nationale* y suspendida en junio del año siguiente, la *Revue de la Défense Nationale* continúa a partir de julio de 1945.

<sup>498</sup> No me puedo ocupar ahora del desprecio de la clerecía laica, la *intelligentsia*, por la inteligencia militar, pero veo necesario siquiera dejar apuntado un fenómeno tan sobresaliente del siglo pasado. La radical neutralización política de los ejércitos (*la grande muette*) podría explicar, de un tiempo a esta parte, el cese de la animosidad de tantos intelectuales contra los cuartos de banderas.



## Capítulo 2

### Sociología colonial

1. Gaston Bouthoul, *colonial*
2. África, la Europa del sur. 2.1. *Revue d'Afrique* (1928-1939): la creación de una “nueva tradición”. 2.2. Panregión Euráfrica. 2.3. Las economías coloniales
3. El fenómeno-colonización. 3.1. Un acontecimiento sociológico de primer orden. 3.2. La descolonización. 3.3. Autocolonización



La política colonial, la idea de una “Francia potencia planetaria” (*France puissance planétaire*), “Francia total” cuya bandera se hincó en los cinco continentes florece en los años veinte<sup>1</sup>. Parece una constante histórica: después de las grandes crisis políticas, epocales como en el caso de las derrotas los Imperios I y II, una que abre y otra que epiloga, durante la Comuna, el ciclo revolucionario, ve Francia en la expansión colonial su gran revulsivo patriótico. Una Francia debelada parece contar siempre, después de la caída, con el “impulso vigorizante de la colonización”<sup>2</sup>. A esa reacción responden la audaz intervención en Argelia de 1830<sup>3</sup> y la no menos resuelta acción colonial de Jules Ferry –“el tonquinés” según el despectivo apodo que le reserva la opinión de la III República–, política rechazada por quienes, como Clemenceau, miran al hipnótico “horizonte azul de los Vosgos” y a la Alsacia-Lorena irredentas. Pues Francia no entiende que se acoja a “veinte domésticas”, las colonias, y se abandone a las “dos hijas” del Este. Sin embargo, Ferry es el estadista a quien Francia, más que a ningún otro, debe sus posesiones de ultramar<sup>4</sup>.

Del viejo imperio del Antiguo Régimen, vendida la Luisiana en 1803 y derrotado ya Napoleón, apenas quedan en 1815 unos islotes bajo soberanía francesa, tan solo los

---

<sup>1</sup> Sigue siendo obra de referencia sobre la Francia de ultramar, no obstante el tiempo transcurrido, R. Girardet, *L'idée coloniale en France de 1871 à 1962* (1972), Hachette, París 1995.

<sup>2</sup> V. G. Hardy, “Les temps nouveaux. De 1879 à nos jours”, en G. Hardy *et al.*, *Les colonies et la vie française pendant huit siècles*, Firmin-Didot et Cie, París 1931, p. 193.

<sup>3</sup> Sobre el desembarco francés en Sidi-Ferruch y la toma de Argel v. la sintética y aproblemática exposición de P. Montagnon, *La France coloniale. La gloire de l'empire*, pp. 97-110. Los dos tomos de la obra de Montagnon, historiador militar y *saint-cyrien*, constituyen un completo tratado diplomático y militar del colonialismo francés, más que político, económico, social o cultural. El autor, no obstante su *parti-pris*, mantiene la objetividad y la fidelidad al dato. Una visión desmitificadora en B. Lugan, *Histoire de l'Afrique du Nord. Des origines à nos jours*, Éditions du Rocher, Mónaco 2016, pp. 353-355.

<sup>4</sup> V. G. Hanotaux, “L'oeuvre coloniale de la Troisième République”, en *Revue de Paris*, XXXV, n° 15, 1 de agosto 1928, p. 486. Sobre Ferry *le tonkinois* v. también P. Montagnon, *La France coloniale. La gloire de l'empire*, pp. 153 ss. La tensión entre la “frontera Este” y el “sueño de una inmensa Francia africana, desde el Mediterráneo hasta el Océano” recorre toda la historia de la III República. V. por ej. É. Teillard, *L'expansion européenne en Afrique*, [sin pie de imprenta] 1897, pp. 48 y 67.



restituidos por el Congreso de Viena: Martinica y Guadalupe, Guayana, San Luis del Senegal, las factorías de la India, Saint-Pierre y Miquelon y la Reunión. El imperio nuevo será pues la “creación” de una generación aventurera con ínfulas de gloria política, de grandeza (*grandeur*): los *broussards*<sup>5</sup>, *blédards*<sup>6</sup> y otros exploradores que hacen patria adentrándose en el continente africano y estableciéndose en los territorios indochinos, y asimismo factura de una minoría selecta que desea para la nación, nuevamente, una política mundial<sup>7</sup>. Sobre esos pilares, casi de espaldas a la sociedad francesa<sup>8</sup> y en el término de cincuenta años, se edifica la Francia ultramarina.

Después del Tratado de Versalles ha de quedar Francia en posesión del segundo imperio del mundo en extensión y población: doce millones de kilómetros cuadrados y más de setenta millones de habitantes. Establecimientos del Norte de África (Argelia y protectorados de Marruecos y Túnez). África Occidental Francesa o A. O. F., gobernación general con ocho colonias subordinadas (Senegal, Mauritania, Sudán francés, Alto Volta, Guinea, Costa de Marfil, Dahomey, territorio de Zinder,) y un país bajo mandato internacional (Togo). África Ecuatorial Francesa o A. E. F., gobernación general con cuatro colonias (Gabón, Congo, Bangui, Chad) y un país bajo mandato internacional (Camerún). Madagascar. Indochina, gobernación general con diversas colonias y protectorados (Cochinchina, Camboya, Annam, Laos, Tonquín y Kouang-Tchéou-Wan). Además de las islas y dependencias del viejo imperio ya mencionadas, diversos “Gobiernos autónomos”: Somalia francesa, Nueva Caledonia y dependencias francesas de Oceanía. Un vasto imperio de “un valor indiscutiblemente menor que el antiguo”<sup>9</sup>, mas fuente de prestigio político y, al mismo tiempo, fantástica reserva de energías espirituales y materiales. La opinión pública francesa necesitará tiempo para descubrir las riquezas de

---

<sup>5</sup> Sobre este arquetipo de la colonización francesa del siglo XIX v. M. Delafosse, *Broussard or Les états d'âme d'un colonial, suivis de ses propos et opinions*, L'Harmattan, París 2012.

<sup>6</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale. Introduction à l'étude du contact des races*, Domat-Montchrestien, París 1932, pp. 24-25.

<sup>7</sup> V. R. Maunier, *Des comptoirs aux empires. Histoire universelle des colonies*, Sirey, París 1942, pp. 142-143.

<sup>8</sup> Escribe el pacifista Louis Mézières, apenas inaugurada la III República, que “los franceses son los únicos caballeros errantes de Europa. Van a romper sus lanzas en las aventuras de Crimea, de Argelia y Siria, de China, la Cochinchina y México, pero regresan molidos y con la bolsa vacía”. Mézières parece que habla aquí del hidalgo don Quijote... V. L. Mézières, *De la Polémomanie ou Folie de la guerre dans l'Europe actuelle*, Librairie Franklin & Henri Bellaire Éditeur, París 1872, p. 173.

<sup>9</sup> V. L. Aspe-Fleurimont, “La colonisation française”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 10, nº 8-9, agosto septiembre, 1902, p. 595.

ultramar, pero también de un cataclismo que la conmueva y ahorme su sensibilidad, predisponiendo a la nación a aceptar el injerto de la “fuerza negra” (*force noire*)<sup>10</sup>. De algún modo, las tropas indígenas que combaten en la Primera Guerra Mundial se convertirán, sin pretenderlo, en las portadoras de una nueva idea colonial.

Precisamente la Gran Guerra, acicate y revelador de las potencialidades humanas y materiales del imperio, da paso a una propaganda colonialista sin precedentes, pues nunca como hasta ese momento es consciente la opinión pública francesa de la extraordinaria contribución del imperio a la *grandeur* de la *République*, sobre todo a partir de 1916. El balance numérico de las tropas coloniales que intervienen en la contienda europea resulta expresivo: unos 275 000 combatientes sin contar los provenientes del norte de África<sup>11</sup>. Los miembros del llamado “Partido colonial”<sup>12</sup> y una parte importante de los mandos del ejército, “apologistas de la fuerza negra”, conocen desde antes de 1914 el potencial militar de los “recursos humanos del imperio”, “fuente inagotable de reclutamiento”<sup>13</sup>. Es la paradoja francesa: metrópoli cuyas colonias de poblamiento no solo no se pueblan, sino que constituyen una reserva demográfica para Francia, “el único país europeo de

---

<sup>10</sup> Motivo ciertamente para la meditación melancólica, en los tiradores senegaleses y los gumías marroquíes encuentra la imaginación de algún general (Charles Mangin), una respuesta a la crisis de la potencia política francesa posterior a Waterloo. V. É. Zemmour, *Mélancolie française*, Le Livre de Poche, París 2011, pp. 123-125.

<sup>11</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, pp. 40-42. No obstante, la contribución de las posesiones africanas (407 000 movilizados y 35 000 muertos) es ciertamente limitada si se compara con la de la metrópoli: 7 800 000 franceses movilizados, de los cuales murieron 1 300 000. V. É. Deroo y A. Champeaux, “Panorama des troupes coloniales françaises dans les deux guerres mondiales”, en *Revue Historique des Armées*, n° 271, 2013, pp. 72-88.

<sup>12</sup> Sobre el llamado “Partido colonial”, un partido “diferente al resto” (*pas comme les autres*), transversal por su implantación en ambientes muy heterogéneos y la amalgama de intereses políticos, económicos, culturales e incluso morales v. M. Lagana, *Le parti colonial français. Éléments d'histoire, passim*. El autor estudia las instituciones configuradoras del mismo (Comité del África Francesa, Comité del Asia Francesa, etc.; Unión Colonial Francesa; Grupo Colonial de la Cámara de Diputados); la trayectoria de algunos de sus miembros conspicuos, provenientes de la política, las finanzas, pero también de la prensa, la academia y el arte; y sus actividades de divulgación, propaganda y educación: *La Quinzaine coloniale* y otras publicaciones periódicas, la Escuela colonial y las Exposiciones coloniales. Una aproximación al partido colonial como “corriente de opinión” en: H. Brunschvicg, “Le parti colonial française”, en *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. XLVI, n° 162, enero-marzo de 1959, pp. 48-93. V. también la obra de referencia para esta temática: C.-R. Ageron, *France coloniale ou parti colonial?*, P. U. F., París 1978.

<sup>13</sup> V. M. Lagana, *Le parti colonial. Éléments d'histoire*, Presses de l'Université du Québec, Sillery 1990, p. 33. No pasa por alto la “demopolítica” colonial francesa la escuela geopolítica alemana, resentida por el “expolio” de Versalles: “la gran política colonial [de Francia]”, país demográficamente débil, “es función de [su] pobreza en hombres”. V. A. Dix, *Was geht uns Africa an?*, Georg Stilke, Berlín 1931, p. 11, *apud* M. Korinman, *Quand l'Allemagne pensait le monde. Grandeur et décadence d'une géopolitique*, Fayard, París 1990, p. 204.

inmigración”<sup>14</sup>. Se entiende así que en el imaginario demográfico y político francés haya tenido su importancia el objetivo de los “Cien millones de franceses”, incorporados idealmente al censo del Hexágono los habitantes de una Argelia plenamente naturalizada francesa y destinada a ser la América de Francia<sup>15</sup>.

Da el imperio una profundidad insospechada a la defensa de la metrópoli<sup>16</sup>. Es natural que de Gaulle, en su famosa alocución del 18 de mayo de 1940, proclame que “Francia no está sola. Tiene detrás un vasto imperio”<sup>17</sup>. Consciente de la importancia de las colonias para la refacción del ejército y la soberanía franceses, jugará una de las primeras bazas de la Francia Libre en la decisiva batalla de África<sup>18</sup>. Con todo, Jacques Maritain aún puede escribir a finales de 1940 que “los franceses apenas tienen el sentido del imperio, palabra que ni siquiera forma parte de su vocabulario”<sup>19</sup>.

La grandeza y la servidumbre del imperio son reconocidas y divulgadas en los años de entreguerras. Desde un punto de vista económico, pero también moral y civilizatorio. Las colonias son, por ello, una verdadera escuela moral para Francia<sup>20</sup>, su tabla de salvación

<sup>14</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, Payot, París 1943, p. 226. El caso francés contrasta, sigue diciendo Sauvy, con el prototipo del país de inmigración, generalmente un país nuevo de población joven.

<sup>15</sup> V. É. Zemmour, *Mélancolie française*, pp. 122 y 127. En la p. 129 concluye Zemmour: “Argelia no fue nunca factoría, tampoco colonia, sino un destino que se desdibuja con la independencia. La Francia de los cien millones de franceses desaparece y con ella el sueño de que Francia cuente [políticamente] en el siglo XX”. Según el viejo adagio político, la demografía es el destino.

<sup>16</sup> Dimensión descubierta ya por la familia real portuguesa al trasladarse a Brasil en tiempos de la invasión francesa.

<sup>17</sup> “Car la France n’est pas seule! Elle n’est pas seule! Elle n’est pas seule! Elle a un vaste Empire derrière elle”. V. C. de Gaulle, *Mémoires de guerre. L’Appel 1940-1942*, Le Livre de Poche, París 1961, p. 331 [“Appel aux Français”]. En el “Manifiesto de Brazzaville (27.X.1940)” afirma de Gaulle que “no acepta el Imperio la horrible servidumbre [del enemigo]”. V. C. de Gaulle, *Mémoires de guerre. L’Appel 1940-1942*, p. 349.

<sup>18</sup> V. C. de Gaulle, *Mémoires de guerre. L’Appel 1940-1942*, pp. 113-152.

<sup>19</sup> A lo que añade a renglón seguido esto otro: “[Los franceses] conocen su terruño y su patria, pero saben muy poco del Imperio. La instrucción que sobre él han recibido resulta deplorable. El francés medio no tiene la menor idea de sus inmensos recursos ni de su potencia”. V. J. Maritain, *À travers le désastre*, Éditions de la Maison Française, Nueva York 1941, p. 106. Se podría haber escrito hoy. V. si no R. Camus, *Le Grand Remplacement*, pp. 40-42. *L’Empire*, desde siempre, ha sido más imperial que colonial, más un hecho político (conquista) que sociológico (poblamiento).

<sup>20</sup> V. O. Homberg, “L’école des colonies IV. L’esprit colonial dans la métropole”, en *Revue des Deux Mondes*, año 98º, 15 de noviembre 1928, pp. 430-431. Las tres partes anteriores del ensayo en números de agosto, septiembre y octubre del mismo año.

(*Afrique, salut de France*)<sup>21</sup>, una oportunidad para perdurar (*la chance de notre durée*)<sup>22</sup>. Un político, Albert Sarraut, es el epónimo de los colonialistas franceses de esa época, referente mayor de la “política colonial republicana”<sup>23</sup>. Para la generación anterior tiene una significación equivalente Eugène Étienne, primate del singular partido colonial y fundador del Comité del África Francesa<sup>24</sup>.

El proyecto de ley del 12 de abril de 1921 para el desarrollo económico (*mise en valeur*) de ultramar<sup>25</sup> es obra Sarraut, ministro de las colonias con varios gobiernos a principios de los años veinte y treinta. Aprobado finalmente pero sin la incorporación de los medios financieros que precisa su desarrollo, el vasto plan es abandonado poco después. La suma fantástica requerida por la reconstrucción de las regiones de la Francia metropolitana devastadas por la guerra resulta incompatible con el endeudamiento, no menos importante, que exige la inversión en las infraestructuras coloniales. La doctrina Sarraut se recoge en dos obras notables, acreedoras en su día de gran reconocimiento y difusión: *La mise en valeur des colonies françaises*, de 1922, convertido en “libro clásico” en apenas una década<sup>26</sup>, y *Grandeur et servitude coloniales*<sup>27</sup>, de 1931, verdadera biblia del *colonial* francés.

Las lecciones de la Primera Guerra Mundial y la situación internacional exigen, a juicio de este político bordelés, que el desarrollo económico de las colonias pase de la iniciativa individual, espasmódica e irregular, a la planificación general y técnica de impulso estatal<sup>28</sup>. Las colonias han aportado a Francia contingentes militares, capitales, a través de la

---

<sup>21</sup> V. R. Delavignette, *Soudan, Paris, Tombouctou*, Grasset, París 1935, p. 242. Delavignette pide a la nueva generación que se sirva de Sudán para “rehacer la ciudad”: “¡África, salvación de Europa! Sí, si os conduce a la reforma de Francia” y a un “Nuevo Occidente” (v. también pp. 10 y 243)

<sup>22</sup> V. M. Martin du Gard, *Pour l'empire*, Flammarion, París 1937, p. 15.

<sup>23</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 72.

<sup>24</sup> V. E. Étienne, *Les compagnies de colonisation*, Augustin Challamel Éditeur, París, 1897. Este libro compila diversas columnas suyas en el diario *Le Temps*, uno de los más influyentes de su época, relativas a la “utilización económica” del dominio colonial. Preconiza el “proyecto Étienne” la concesión estatal de monopolios a las compañías coloniales, asumiendo éstas, a cambio, la carga de construir las infraestructuras necesarias para la explotación económica de ultramar. No obstante la coincidencia en lo fundamental, los dos líderes del partido colonial entre 1880 y 1940 son muy distintos por su origen y medio social: Étienne, nacido en Orán, es de familia colonial militar y Sarraut, bordelés, de familia burguesa. V. M. Lagana, *Le parti colonial. Éléments d'histoire*, pp. 51-62.

<sup>25</sup> Recogido en A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, pp. 579-596.

<sup>26</sup> Cfr. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 45.

<sup>27</sup> L'Harmattan, París, 2012.

<sup>28</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 25.

suscripción de los empréstitos de guerra, y materias primas. En contrapartida, Francia les debe un vasto plan de obras públicas e infraestructuras (*outillages publics*) que dinamicen sus riquezas. Fundamentalmente obras hidráulicas, puertos marítimos y fluviales, carreteras y ferrocarriles. El mayor error de la colonización ha sido la improvisación. Cuestionada la relativa inoperancia francesa por el celo de otras potencias coloniales, Francia tiene que inaugurar una gran obra movilizadora. Pues “actuar en las colonias es asegurar la salvación de Francia y la de las colonias. Organicemos sin tardar los instrumentos y medios de la producción colonial”<sup>29</sup>. No es pues casual que hacia 1928 se naturalice en Francia la idea de una “economía dirigida”<sup>30</sup>.

El balance económico metrópoli-colonias demuestra que ultramar “paga”, que no es un lastre<sup>31</sup>. Rechaza por ello la vieja idea del “Pacto colonial”, el *Old colonial system* de los británicos, según el cual las colonias están hechas para la explotación económica metropolitana<sup>32</sup>. Sarraut postula una verdadera “política colonial”, de la cual es solo una parte su ambicioso programa económico. A este hay que añadir mejoras de todo orden: morales, intelectuales, políticas y sociales. Cuidados médicos. Instrucción, formación de una elite indígena, política de asociación, en suma, frente al método de la asimilación<sup>33</sup>. Corolario de ello es la descentralización, sistema que abole precisamente el estatuto jurídico asimilacionista y que no quiere decir, puntualiza Sarraut, “secesión”<sup>34</sup>. El estadio de la conquista y la explotación económica ceden la vez, en su doctrina, a un desarrollo económico y moral<sup>35</sup> que no está basado en la fuerza, sino en la autoridad de un corazón

<sup>29</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 277.

<sup>30</sup> V. B. de Jouvenel, *L'économie dirigée. Le programme de la nouvelle génération*, Librairie Valois, París 1928.

<sup>31</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 51. Muy distinto piensa L. Mézières, antes incluso de la refundación imperial de la III República: “Argelia es un fardo”. V. L. Mézières, *De la Polémomanie ou Folie de la guerre dans l'Europe actuelle*, p. 248. El ejemplo de Mézières, hasta cierto punto arbitrario, revela no obstante un estado de la conciencia francesa. Raymond Aron escribe en 1945 que “África [del Norte y subsidiariamente el África Occidental] ha[n] sido, desde finales de 1942, la cuna del renacimiento francés”. En 1957, sin embargo, se muestra partidario de la independencia de Argelia: un heroico abandonismo es más sensato y político que la integración, pródromo de un desastre económico para la metrópoli. Cfr. R. Aron, *Chroniques de guerre. La France Libre 1940-1945*, Gallimard, París 1990, p. 971 y R. Aron, *La tragédie algérienne*, Plon, París 1957, *passim*.

<sup>32</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 83.

<sup>33</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 117.

<sup>34</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, pp. 104 y 115.

<sup>35</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 111.

humanitario que “el indígena conoce”<sup>36</sup>. Lo que diferencia el trato francés al indígena del de otras potencias coloniales es, concluye Sarraut, la aplicación de “la doctrina de los derechos del hombre interpretada por San Vicente de Paúl”<sup>37</sup>.

En *Grandeur et servitude coloniales*, cuya publicación coincide con la Exposición Colonial de 1931, agotando muy rápidamente más de diez ediciones, Sarraut justifica la colonización como una “obra de solidaridad humana”<sup>38</sup>. El derecho de conquista o la expoliación económica de las primeras etapas de la colonización, siendo esta un hecho histórico inexorable determinado por la pujanza de ciertos pueblos, ya no se justifica. El derecho del más fuerte de otras épocas caduca frente al “derecho del fuerte a ayudar al débil”, máxima expresión de la obligación civilizadora<sup>39</sup>. Las colonias no son solo mercados, sino la creación de una nueva humanidad basada en la explotación de las riquezas y el cultivo físico y moral de las diversas razas. En su terminología: “Las colonias [...] son entes vivos, *creaciones de humanidad*”<sup>40</sup>.

El *Interbellum*, anticipación del movimiento descolonizador de la segunda posguerra, conoce la difusión del comunismo en las algunas dependencias ultramarinas, la explotación árabe del nacionalismo y, en general, la tendencia a la sedición agresiva en los dominios del imperio. Pero ha sido Europa, paradójicamente, la introductora “en los pueblos subyugados del sentimiento de su identidad y unidad”<sup>41</sup>, también de la “frontera”<sup>42</sup>, un concepto nuevo en la vida africana. Así sucede con el agravamiento del

---

<sup>36</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 122.

<sup>37</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 123.

<sup>38</sup> V. A. Sarraut, *Grandeur et servitude coloniales*, p. 69.

<sup>39</sup> V. A. Sarraut, *Grandeur et servitude coloniales*, pp. 73-74.

<sup>40</sup> V. A. Sarraut, *Grandeur et servitude coloniales*, p. 75.

<sup>41</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 85. “[Francia] ha dado a los argelinos la idea de lo argelino, a los tunecinos la idea de lo tunecino, a los marroquíes la de lo marroquí; estos no tenían antes más sentido de pertenencia que el ser de Cabilia [Argelia] o Chauía [Marruecos]” (p. 75). Un amplio tratamiento del asunto en el pequeño clásico de G. Hardy, *Vue générale de l'histoire d'Afrique*, Armand Colin, París 1942, cap. VI (“La formation des nationalités africaines”), pp. 160-192. “Francia une las tribus nómadas y funda Argelia, poniéndole nombre, lo mismo que Julio César hace con las Galias”. V. É. Zemmour, *Mélancolie française*, p. 121.

<sup>42</sup> V. É.-L. Guernier, *L'Afrique champ d'expansion de l'Europe*, Armand Colin, París 1933, pp. 87-88. “La frontera, por abstracta que fuera, ha dado al indígena, incluso al colono, la idea de posesión privativa y colectiva, primera etapa de la idea de nación”.

islamismo<sup>43</sup>. O con lo que Maunier llama fundadamente “panmelanismo”: en muy pocas décadas, precisa este último, se ha pasado de la “negrofilia”, incluso de la “negrolatría”, “inventos de los blancos”, a la “negrocracia”, el “despertar negro” de los años veinte<sup>44</sup>, anticipador del *Black Power* de los años cincuenta y sesenta.

En este contexto, mucho más desfavorable para la causa colonial que la década anterior, Sarraut sintetiza la obra colonial de Francia: paz y seguridad; control de las fuerzas de la naturaleza; desarrollo de las riquezas agrícolas; liberación protectora del trabajador y obras de asistencia social y previsión; protección jurídica de personas y bienes; educación<sup>45</sup>.

La gran revelación colonial, la irrupción en la metrópoli de ese mundo que a muchos parecía “una cosa remota, lejana, a pleno sol”<sup>46</sup>, fue la exposición colonial de Marsella de 1922, a la que seguirán otras de carácter regional auspiciadas por las fuerzas económicas y morales que aglutina el partido colonial. Las exposiciones coloniales, desde las primeras celebradas en Hanói (1902) y Marsella (1906)<sup>47</sup>, constituyen uno de los elementos centrales de la propaganda y la pedagogía colonialista en Francia. Con ánimo de convertirlas en acontecimientos nacionales se constituye un Comité Nacional de la Semana Colonial que en 1927, 1928 y 1929 celebra en París sendas semanas coloniales francesas, en coordinación con otras regionales<sup>48</sup>. El comité organizador desea popularizar la idea colonial a través de una “Fiesta nacional de la Francia total de las cinco partes del mundo”, ofreciendo “a toda Francia, no solo a una minoría, la noción exacta de los deberes y de las responsabilidades de la segunda potencia colonial del mundo”<sup>49</sup>.

---

<sup>43</sup> Lo cual convierte al continente africano en el teatro de la lucha entre el islamismo y la civilización cristiana. V. É. Teillard, *L'expansion européenne en Afrique*, pp. 17-20. “El islamismo, subraya Teillard, comandante colonial, constituye un peligro para las [creencias] de Europa, particularmente de todo aquello en lo que reside su superioridad moral”.

<sup>44</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, t. I, pp. 77-78 y 82.

<sup>45</sup> V. A. Sarraut, *Grandeur et servitude coloniales*, pp. 81-96.

<sup>46</sup> V. A. Sarraut, *La mise en valeur des colonies françaises*, p. 15.

<sup>47</sup> Tienen también gran valor anticipatorio las secciones o pabellones coloniales incorporados en las exposiciones universales de 1889 y 1900.

<sup>48</sup> Información detallada de las actividades de la Semana Colonial Francesa (10-17 de junio de 1928) en *La Semaine Coloniale Française du 10 au 17 juin 1931. Rapport du Comité National*, Imprimerie E.-A. Lapiere, París 1928.

<sup>49</sup> V. *La Semaine Coloniale Française du 10 au 17 juin 1931. Rapport du Comité National*, pp. 38 y 2.

Resultando un éxito, sobre todo la de 1928, la propaganda y los estudios coloniales conocerán su clímax muy poco después, en 1930, año de la conmemoración del centenario de la conquista de Argelia, y en 1931, año de la celebración de la Exposición Colonial Internacional, extraordinaria movilización intelectual, económica y artística preparada durante años<sup>50</sup>.

La exposición, dirigida por el general Hubert Lyautey, se inaugura en Vincennes el 6 de mayo y se clausura el 15 de noviembre<sup>51</sup>. Pretende ser una suma de la obra colonial francesa desde el siglo XIX y la manifestación, en un vasto eje urbano de más de un kilómetro, del “sentido colonial” de Francia. Más de ocho millones de visitantes confirman su carácter popular. Según la publicidad de la época, el complejo de Vincennes, “una ciudad dentro de otra”, ornado con copias exactas de monumentos como el templo camboyano de Angkor Vat o la mezquita de Dejenné, del entonces Sudán francés, y otras arquitecturas conmemorativas efímeras, permite dar “la vuelta al mundo en un día”.

Pero la exposición colonial de 1931 no solo es un fenómeno de masas<sup>52</sup>. Perdura del fasto acontecimiento un “Museo de las Colonias”, cuya denominación ha variado mucho desde los años del apogeo de la idea colonial. Reflejo de una ideología cambiante y adaptativa que ya entonces empieza a batirse en retirada, expresión del declive del imperio y de la conciencia política ultramarina, el museo de la Puerta Dorada ha cambiado su nombre varias veces: en 1935 es rebautizado “Museo de la Francia de Ultramar”<sup>53</sup>. Se llama ahora, en sintonía con las ideas hegemónicas, “Museo Nacional de la Historia de la Inmigración”. Auspicia también la exposición una “Sección retrospectiva” para vincular el pasado y el presente coloniales, presentando las “Nuevas-Francias” (*Nouvelles-Frances*)

---

<sup>50</sup> V. P. Montagnon, *La France coloniale. La gloire de l'empire*, pp. 451-460. Montagnon resalta también un acontecimiento solo en apariencia secundario: la celebración en Cartago del Congreso Eucarístico Internacional de 1930, “la cruz levantada públicamente en tierra del islam”.

<sup>51</sup> Para un estudio detallado de las razones de la exposición y su gestación desde 1920, así como de sus efectos sobre el imaginario político francés, al parecer muy limitados, v. C.-R. Ageron, “L'Exposition Coloniale de 1931. Mythe républicain ou mythe impérial?”, en P. Nora (Ed.) *Les lieux de mémoire. La République*, Gallimard, París 1984, pp. 493-515. También M. Lagana, *Le parti colonial français. Éléments d'histoire*, pp. 147-158. El estudio más completo es el de C. Hodier y M. Pierre, *L'exposition coloniale de 1931*, André Versaille Éditeur, Waterloo 2011.

<sup>52</sup> V. una evocación dolorida de esa hora cenital del imperio en J. Soustelle, *Lettre ouverte aux victimes de la décolonisation*, Albin Michel, París 1973, pp. 7-10.

<sup>53</sup> En 1961 cambia de orientación como “Museo de las Artes Africanas y de Oceanía”. Después, en 1990, “Museo Nacional de las Artes de África y Oceanía”.



alumbradas por la metrópoli. Para prolongar la obra de dicha sección se publica un gran compendio de la historia colonial francesa: *Les colonies et la vie française pendant huit siècles*, presentada por Léon Bérard<sup>54</sup> y con contribuciones sobre las diversas etapas de la presencia francesa en el mundo, desde las Cruzadas hasta el siglo XX. Se fija así un persistente subgénero académico-patriótico de la historiografía colonial que descubre en las primeras expediciones francesas a Tierra Santa en el siglo XI los pródromos del imperio<sup>55</sup>. Todo ello coherente con la doctrina de la misión civilizadora de Francia. En circunstancias muy distintas se repetirá el mismo esquema hasta la generalización en medios académicos después de la Segunda Guerra Mundial de una bibliografía que o bien lo contradice abiertamente, o bien lo aparta o ignora sin más<sup>56</sup>. Por último, se vincula también con la popular exposición de 1931 un ambicioso congreso colonial internacional, celebrado en París del 5 al 10 de octubre de 1931 a instancias de la sociedad de indigenistas<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> V. Jean Jolly (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, pp. 543-545.

<sup>55</sup> Cfr. P. Roussier, “Un projet de chronologie coloniale”, en *Revue d'Histoire des Colonies*, t. XX, n° 88, 1932, pp. 276-277. La Comisión Internacional de Historia Colonial, encargada en 1931 de los trabajos para la elaboración de una historia universal de la colonización, “después de examinar con detalle si conviene incorporar en la historia colonial la historia de la expansión de Europa en la Edad media”, determina considerar colonias solo los establecimientos efectivos en nombre de un Estado a partir de 1500.

<sup>56</sup> V. *Français d'Outre-Mer. Des Croisades à Lyautey*, Plon, París 1942, antología de la literatura política y epistolar que abarca desde la “Acción de gracias” de Foucher de Chartres, cronista de la primera cruzada, “por el establecimiento de los francos en Tierra Santa” hasta una selección de la correspondencia del mariscal Lyautey con su hermana y el publicista Paul Desjardins. Con estas páginas acogidas en la colección “Les Cahiers de l'Unité Française” advierten sus curadores (Jacques y René Wittmann) que no desean “disimular la abdicación de los franceses” “en horas de humillación y derrota”, sino “recordar a los franceses de hoy” “el espectáculo de los poderosos especímenes de humanidad conquistadora y organizadora que fueron los franceses de ultramar de todos los tiempos”: v. *Français d'Outre-Mer*, p. XIII y también P. Montagnon, *La France coloniale. La gloire de l'empire*, cuyo primer tomo, publicado en 1988, se subtitula significativamente: “Du temps des Croisades à la Seconde guerre mondiale”. Cfr. P. Blanchard, S. Lemaire y N. Bancel (Ed.), *Culture coloniale en France: de la Révolution Française à nos jours*, C. N. R. S., París 2008, edición en volumen único de tres obras anteriores abarcadoras de la historia cultural de la idea colonial francesa a partir, fundamentalmente, de 1871.

<sup>57</sup> De alto bordo es también un congreso internacional de historia colonial, el primero, convocado igualmente en el marco de la exposición de 1931. V. un resumen de sus trabajos en Société d'Histoire des Colonies Françaises, “Le premier Congrès International d'Histoire Coloniale (21-25 septembre 1931)”, en *Revue d'Histoire des Colonies Françaises*, t. XIX, n° 83, septiembre-octubre 1931, pp. 457-516. La exposición es el marco óptimo para la celebración de otras reuniones internacionales dedicadas a la economía y las infraestructuras coloniales: Consejo del Instituto Internacional de las Lenguas y Civilizaciones Africanas (mayo 1931); Congreso de Infraestructura Económica Colonial y Comunicaciones (20-25 de julio 1931); Congreso Internacional e Intercolonial de Transportes (octubre 1931); diversas jornadas nacionales, metropolitanas y coloniales sobre combustibles y lubricantes; etc.

## 1. Gaston Bouthoul, *colonial*

En el Congreso Internacional e Intercolonial de la Sociedad Indígena, también bajo la tutela e inspiración de Lyautey, “el gran jerife [autor del] Corán colonizador [de Francia]”<sup>58</sup>, está representada la plana mayor de los colonialistas académicos del Hexágono. Tienen un papel relevante en sus jornadas, además, diversos misioneros franceses y algunos colonialistas representativos de las otras potencias coloniales europeas, excepto Alemania –despojada de su imperio en 1918– y España: Gran Bretaña, Holanda, Portugal, Bélgica e Italia. El comité organizador, presidido por Albert Sarraut, incluye a representantes de las diversas potencias coloniales participantes en la Exposición colonial, incluido el comisario en la misma de los Estados Unidos<sup>59</sup>.

El mariscal Lyautey expone diáfananamente los motivos del congreso. A su juicio, “desmerecería del carácter generoso de la colonización europea” una exposición colonial que no se ocupara del estudio de las sociedades indígenas en sí mismas o que únicamente las considerara en función de intereses europeos o como apéndice en estudios de naturaleza económica<sup>60</sup>. El congreso, vindicación de la obra colonial francesa frente a la “intoxicación” ideológica<sup>61</sup>, tiene como objeto el examen del esfuerzo de las potencias colonizadoras para elevar los niveles de vida material, intelectual y moral de las poblaciones indígenas. Por tal razón el congreso se organiza en siete secciones con los siguientes contenidos: campesinado, artesanado y salariado indígenas; mejora de las condiciones familiares y sociales; acción colonial, mentalidades indígenas y profundización en su conocimiento; protección de la vida local. Todo ello distribuido en sesiones matutinas y vespertinas, nueve en total.

---

<sup>58</sup> Así se le figura el mariscal Hubert Lyautey, autor de *Du rôle colonial de l'armée* (Armand Collin, París 1900), a un castizo escritor español deslumbrado por la Exposición Colonial de Estrasburgo de 1924: E. Giménez Caballero, “Francia y sus colonias en Estrasburgo”, en *El Sol*, 1 de agosto de 1924, p. 1.

<sup>59</sup> En la relación de las autoridades académicas sobresalen Henri Gourdon y Georges Hardy, secretario este último del congreso, identificados ambos con la Escuela Colonial.

<sup>60</sup> *V. Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, Imp. Coueslant, Cahors 1931, t. II, p. 5.

<sup>61</sup> En su mensaje de apertura advierte Sarraut contra “una propaganda de destrucción y revuelta facturada en los laboratorios eurasiáticos que cultivan las toxinas para envenenar la vitalidad y el genio de Occidente”, propaganda que ha hecho presa en los territorios coloniales para “excitar la desafección y la sedición de las razas protegidas”. *V. “Séance d’ouverture”*, en *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, t. II, p. 13.

Los trabajos del congreso se publican en dos tomos. El primero recoge las comunicaciones presentadas en las diversas sesiones y el segundo el acta de las mismas, incluyendo los debates de los congresistas en torno a las diversas comunicaciones. Aquel recoge una comunicación de Gaston Bouthoul sobre la mejora de las condiciones sociales en Túnez<sup>62</sup>. El volumen de las actas (t. II) da además noticia de la intervención de Bouthoul en la sesión matutina del 9 de octubre, celebrada en la Escuela colonial<sup>63</sup>. Bouthoul, compartiendo el uso de la palabra con Hardy, el escritor dahomeyano Paul Hazoumé y varios padres misioneros con experiencia en las colonias<sup>64</sup>, tiene registradas en esas páginas varias intervenciones relativas a la lengua vehicular de la enseñanza<sup>65</sup>.

La concurrencia de Bouthoul en una reunión científica de estas características, en el contexto de una gran exposición imperial –“¿Testamento o punto de partida?” se pregunta Lyautey<sup>66</sup>–, le significa también a él como un *colonial*<sup>67</sup>. Es esta la faceta más desconocida de su compleja personalidad científica. Raramente después de 1939 vuelve a ocuparse de esos asuntos. Una sola vez en toda su obra publicada desde entonces menciona un detalle biográfico que le vincula, estrechamente por lo demás, con la elaboración de una sociología colonial de altos vuelos. Pero es muy fácil pasarlo por alto

<sup>62</sup> V. GB, *L'amélioration des conditions familiales et sociales en Tunisie*, Imp. Coueslant, Cahors, 1931, separata del t. I de *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*.

<sup>63</sup> V. *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, t. II, pp. 128-130.

<sup>64</sup> René Maunier, el sociólogo colonial más relevante de su generación, tenía también prevista una intervención en la misma sesión. Las actas informan escuetamente de su ausencia: “Nuestro primer ponente, el Sr. Maunier, no se encuentra aquí”. V. *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, t. II, p. 117. Llama la atención, en cualquier caso, que no aparezca en la relación de autoridades académicas del comité organizador.

<sup>65</sup> V. *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, t. II, pp. 123-126 y 131-132.

<sup>66</sup> V. *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, t. II, p. 15. Que se pueda formular esta pregunta en la apoteosis colonial francesa indica hasta qué punto han cambiado las circunstancias espirituales con respecto a los festejos británicos del verano de 1897. En 1931 le falta también a Francia su R. Kipling o su J. Conrad. “No hay un Kipling que nos convoque a las grandes empresas que le corresponden a un pueblo vencedor [de la Primera Guerra Mundial]”, concluye de Jouvenel, quien también recuerda que “ni un solo autor de renombre acepta participar en la travesía del Sáhara [en automóvil] organizada por Citroën”. V. B. de Jouvenel, *Après la défaite*, Plon, París 1941, p. 58. Un colonial arquetípico, con la perspectiva histórica que abre la segunda posguerra, apostilla que 1931 es el “cenit precursor del crepúsculo [colonial]”. V. R. Delavignette, *Cristianismo y colonialismo*, Casal y Valled, Andorra 1962, p. 16.

<sup>67</sup> Sutileza de la lengua francesa: el “colono” (*colón*) se caracteriza por su predisposición al arraigo en la colonia; el “colonial” (*colonial*) por la conciencia de su misión civilizadora. Cfr. R. Delavignette, *Cristianismo y colonialismo*, p. 27.

en un tratado sociológico, enciclopédico y abigarrado, de más de cuatrocientas páginas<sup>68</sup>. Aquí y allá en su obra polemológica, también en el contexto de su sociología de las mentalidades, aparecen sin embargo referencias bibliográficas, reflexiones e incluso conceptos incoadores de una doctrina o una sociología coloniales que, de no tener en cuenta su intensa actividad en dicho campo, desarrollada en el *Interbellum*, podrían parecer extemporáneas a cualquier lector de ojo sistematizador.

Durante los años veinte y treinta Gaston Bouthoul se hace un nombre de escritor colonial, sucedáneo tal vez de una carrera sociológica convencional de la que, por diversos motivos, parece excluido. Más difícil si cabe es el acceso a uno de los pocos puestos de profesor de principios y legislación coloniales, materia que en 1932 únicamente se explica en la licenciatura en derecho de las universidades de París, Poitiers, Toulouse, Estrasburgo y Argel<sup>69</sup>. Próximo al partido colonial; comentarista habitual de asuntos coloniales en diversas publicaciones, incluso en programas radiodifundidos<sup>70</sup>; frecuentador de la Escuela Colonial y colaborador de sus más distinguidos representantes; cultivador de la sociología y la economía coloniales; promotor incluso de una publicación periódica africanista que, durante más de una década, hace época: *Revue d'Afrique*. Con todo, no se encontrarán referencias contemporáneas a esa rica trayectoria truncada de Bouthoul que gravita sobre lo que por su cuenta llama “fenómeno-colonial”<sup>71</sup>, categoría que expresa su vocación sociológica teórica.

Las disciplinas coloniales pierden su crédito, si es que alguna vez llegaron a tenerlo plenamente, a partir de 1945. Mas no parece esta razón oportunista y sobrevenida: apartarse de una ciencia particular desprestigiada por el movimiento de las ideas (ideología

---

<sup>68</sup> V. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 228.

<sup>69</sup> V. J. Tramond, “France: exposé générale”, en A. Martinau, P. Roussier y J. Tramond (Ed.), *Bibliographie d'histoire coloniale (1900-1930)*, Société de l'Histoire des Colonies Françaises, París 1932, p. 250.

<sup>70</sup> El diario *L'Ouest-Éclair. Journal Républicain du matin* recoge, al menos en cinco ocasiones, la noticia de sus parlamentos radiofónicos en estaciones de Radio París sobre diversos aspectos demográficos y económicos del imperio y la metrópoli: “L'évolution économique et sociale du Maroc” (emisión del 10 de agosto de 1937); “L'évolution économique et sociale de la Tunisie” (emisión del 20 de octubre de 1937); “L'évolution économique du Cameoron” (emisión del 24 de mayo de 1938); “La population européenne depuis un siècle” (emisión del 16 de octubre de 1938); y “Les prêts au mariage à l'étranger” (emisión del 16 de febrero de 1939). La noticia aparece inserta en el periódico en las ediciones correspondientes al día de la emisión.

<sup>71</sup> El desconocimiento sobre esta faceta no puede extrañar en el caso de un sociólogo cuya fundamental contribución científica, la polemología, tampoco ha sido valorada y estudiada como merece.

anticolonialista), lo que mueve a Bouthoul a abandonar ese camino para consagrarse al estudio del “fenómeno-guerra”, uno de los más impopulares de la enciclopedia científica, sino, como tantas veces apunta él mismo, la profunda impresión que le causa la Segunda Guerra Mundial, reorientadora implacable de su trayectoria.

## 2. África, la Europa del sur

El africanismo francés, como en las demás metrópolis, con la excepción tal vez de España<sup>72</sup>, constituye un sector diferenciado del movimiento colonial, tanto en sus aspectos políticos y económicos, como culturales o académicos. En él desempeña Gaston Bouthoul un papel de cierta relevancia, bien como incoador, bien como continuador de los proyectos científicos de sus mentores (Maunier, Hardy, Gourdon, Delavignette), al comenzar la década de los años treinta. Sus colaboraciones, frecuentes y dispersas en varias publicaciones, algunas de ellas de notable difusión entre públicos especializados, incluso generalistas, contienen algo más que el germen de una obra. Es su *leit Motiv* la creación entre África y Europa, particularmente entre África y Francia, de una mentalidad-puente, propiciada, como desea Lyautey, “el gran africano”<sup>73</sup>, por una serie de “acercamientos” sucesivos, fundamentalmente de índole moral: los *rapprochements*, “manía incorregible” del mariscal, primer residente general de Marruecos.

La mayoría de los textos coloniales de Bouthoul son económicos, pero los hay también sociológicos y demográficos. Su minerva, al servicio del África francesa, pondera ventajosamente las virtudes coloniales de su patria frente al estilo del inglés, tipo humano

---

<sup>72</sup> Desde 1898 la política ultramarina de España se limita a África –protectorado del Rif, posesiones de Sidi-Ifni y Sáhara (África Occidental Española) y Fernando Póo y Guinea continental española (África Ecuatorial Española)–. El africanismo y el colonialismo vuelven a ser después del Desastre, como *servata distantia* antes de 1492, conceptos sinónimos. V. J. M<sup>a</sup> Cordero Torres, *El africanismo en la cultura hispánica contemporánea*, Cultura Hispánica, Madrid 1949, p. 19.

<sup>73</sup> Admira Bouthoul el genio colonial de Lyautey, acreditado en la Cochinchina, Madagascar y, sobre todo, en Marruecos, sultanato que incorpora audazmente a la órbita francesa y en la que lo mantiene por su labor en la Residencia general. La expresión que cito (“le Grand Africain”) la recoge Bouthoul al encarecer la “filosofía” colonial del mariscal en “Le ‘malaise’ algérien”, en *Revue de Paris*, vol. XLII, n<sup>o</sup> 13, 1 de julio 1935, p. 134.

cuya altivez considera incompatible con la amistad del indígena<sup>74</sup>. Mas la peculiar “manera de dar” del francés corona una articulación económica exclusiva de África con el continente europeo, vinculación no exenta de consecuencias políticas, pues se resuelve en la fórmula de una “Doctrina de Monroe” para África. Durante varios años aparecen sus estudios en los *Annales de Droit et Sciences Sociales* de la Sorbona (dos artículos publicados en 1936); en *Revue de Paris* (cinco artículos entre 1934 y 1938); en *Revue Politique et Parlementaire* (tres artículos entre 1936 y 1938); y *Nouvelles Littéraires* (dieciséis colaboraciones durante el periodo 1933 y 1936). Sin despreciar otro artículo suyo publicado en la revista *Vu* (1934), legendaria publicación escorada a la izquierda y de gran influencia sobre el fotoperiodismo contemporáneo<sup>75</sup>. Forman todos ellos un interesante cuerpo doctrinal alentado, lo más seguro, por sus contactos con viveros selectos del pensamiento colonial.

Bouthoul frecuenta durante esa misma época de producción literaria africanista el seminario de etnología jurídica de la Sorbona (*salle de travail d'ethnologie juridique*) y la École Coloniale. En su ánimo debe pesar más el aspecto sociológico, psicológico y, por tanto, científico de la colonización, que las facetas propagandísticas o meramente divulgativas de la causa colonial. Estas últimas, en su caso, le habrían asociado a otras instancias y comprometido con el colonialismo político.

El seminario de etnología jurídica, fundado por René Maunier y dirigido por él mismo durante más de una década, tiene su sede en la facultad de derecho de París, en la “escalera Cujas”<sup>76</sup>. Su contribución más destacada, dejando a un lado el esfuerzo configurador de una sociología colonial que Maunier aplica a sus actividades<sup>77</sup>, es la publicación de una importante colección, los *Études de sociologie et d'ethnologie juridiques*<sup>78</sup>, que

---

<sup>74</sup> El *gentlement*, arquetipo de la “dominación colonial [británica]” —términos que Maunier equipara con “imperialismo”—, es el “hombre imperial”, el hombre autoritario y “enérgico” educado para mandar. V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, t. I, pp. 51 ss.

<sup>75</sup> Todas las referencias pueden consultarse *infra*, cap. 6, § 1.3.

<sup>76</sup> La ubicación concreta de este activo seminario, depositario de una importante biblioteca especializada, en R. Maunier, *Sociologie coloniale. Introduction à l'étude du contact des races*, p. 196.

<sup>77</sup> V. especialmente R. Maunier, *Sociologie coloniale. Introduction à l'étude du contact des races*, tratado pionero que, sin embargo, tiene factura de obra clásica. Como una buena parte de la obra de Maunier, también este libro procede de cursos universitarios, cuyo esquematismo resulta más bien limitador.

<sup>78</sup> Merece la pena reproducir la serie completa de la colección entre 1931 y 1940, reconstruida a partir de los ficheros de diversas bibliotecas y catálogos bibliográficos particulares. La colección está ya concebida en 1929 o 1930 y el último volumen que he registrado se publica en 1942. No puedo asegurar que entre el t. 33 y el que presumo t. 34 no haya aparecido ninguno más. Se señalan a continuación los sucesivos

recoge tesis doctorales, monografías especializadas y textos de conferencias y cursos magistrales impartidos en el mismo seminario por distinguidos sociólogos, juristas o

---

volúmenes según la ordenación editorial, pues en algún caso la publicación es cronológicamente anterior o posterior al ordinal de la serie: (t. 1) Pierre Delteil, *Le Fokon'olona (commune malgache) et les Conventions de Fokon'olona*, prefacio de G. Julien, gobernador honorario de las colonias, Éditions Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1931; (t. 2) Georges Paul Borrel, *Le code des 305 articles de Madagascar*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1931; (t. 3) R. Maunier et A. Giffard, *Sociologie et droit romain. Conférences 1929-1930*, Faculté de droit de Paris, Salle de travail d'Ethnologie juridique, Domat-Montchrestien, París 1930; (t. 4) H. Lévy-Bruhl, J. Escarra, G. Julien y R. Maunier, *Conférences 1931*, Faculté de droit de Paris, Salle de travail d'Ethnologie juridique, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1931; (t. 5) R. Petit, *La monarchie annamite*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1931; (t. 6) R. Lingat, *L'esclavage privé dans le vieux droit siamois*, con una traducción de las antiguas leyes siamesas sobre la esclavitud, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1931; (t. 7) Hu Yang Mung, *Étude philosophique et juridique de la conception de "Ming" et de "Fen" dans le droit chinois*, prefacio de Jean Escarra, Editions Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1932; (t. 8) Paul Frotier de la Messelière, *Du mariage en droit malgache*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1932; (t. 9) J. Viscardi, *Le chien de Montargis. Étude de folklore juridique*, prefacio de René Maunier, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1932; (t. 10) R. Maunier, *Loi française et coutume indigène en Algérie*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1932; (t. 11) A. A. Dim Delobsom, *L'empire du Mogho-Naba. Coutumes des Mossi de la Haute-Volta*, prefacio de Robert Randau, Editions Domat-Montchrestien, F. Loviton et Cie, París 1932; (t. 12) G. Le Bras, R. Randau et P. Saintyves, *Le Folklore juridique. Conférences 1932*, Faculté de droit de Paris, Salle de travail d'Ethnologie juridique, F. Loviton, París 1932; (t. 13) Cornelis van Vollenhoven, *La découverte du droit indonésien*, noticia sobre el autor de René Maunier, traducido del holandés por N. Pernot, Domat-Montchrestien, París 1933; (t. 14) Pierre Launois, *L'État malgache et ses transformations avant le régime français*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1932; (t. 15) Wang Tse-sin, *Le divorce en Chine*, F. Loviton, París 1932; (t. 16) Lê Van Hó, *La mère de famille annamite*, F. Loviton, París 1932; (t. 17) Dang Trinh Ky, *L'engagement des personnes en droit annamite*, prefacio de René Maunier, F. Loviton, París 1933; (t. 18) Le Van Dinh, *Le culte des morts en droit annamite. Essai historique et critique sur le Huong-Hoa*, F. Loviton et Cie, París 1933; (t. 19) Nguyen Huy Lai, *Les régimes matrimoniaux en droit annamite*, F. Loviton et Cie, París 1934; (t. 20) Pierre Vallery, *La pénétration militaire au Maroc. Contribution à l'étude sociologique du contact des peuples*, prefacio del mariscal Lyautey, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1934; (t. 21) R. Maunier y M. Griaule, *Conférences 1934*, Faculté de droit de Paris, Salle de travail d'Ethnologie juridique, F. Loviton, 1935, contenido: I. *La civilisation française en Afrique du Nord*, por René Maunier y II. *L'esclavage en Abyssinie*, por Marcel Griaule; (t. 22) Maurice Bertaut, *Le droit coutumier des Boulous: monographie d'une tribu du Sud-Cameroun*, F. Loviton, París, 1935; (t. 23) D. Gusti y F. Emygdio da Silva, *Conférences 1935*, Faculté de droit de Paris, Salle de travail d'Ethnologie juridique, F. Loviton, París 1935, contenido: I. *La monographie sociologique en Roumanie*; II. *L'action monographique en Roumanie*, por Demètre Gusti y III. *L'essor colonial portugais, l'action séculaire; le dernier demi-siècle*, por Fernando Emygdio da Silva; (t. 24) Robert Bouillie, *Les coutumes familiales au Kanem*, F. Loviton, París 1937; (t. 25) Robert Lingat y Denise Paulme, *Conférences 1936*, Faculté de droit de Paris, Salle de travail d'Ethnologie juridique, F. Loviton, París 1937, contenido: I. *L'influence indoue dans l'ancien droit siamois*, por Robert Lingat y II. *La communauté taïssible chez les Dogon (Soudan français)*, por Denise Paulme; (t. 26) Francis-G. Lepage, *Le contrat de vente en droit annamite*, F. Loviton, París 1937; (t. 27) Paul Moreu, *Les indigènes d'A. O. F.: leur condition politique et économique*, F. Loviton, París 1938; (t. 28) Jean G. Peristiany, *La vie et le droit coutumier des Kipsigis du Kenya*, F. Loviton, París 1939; (t. 29) Yves Régner, *Les petits fils de Touameur, les Chaamba sous le régime français, leur transformation*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1939; (t. 30) Guy Baumer, *Les centres indigènes extracoutumiers au Congo Belge*, Domat-Montchrestien/F. Loviton et Cie, París 1939.; (t. 31) Guy Fenard, *Les indigènes fonctionnaires à Madagascar. Étude historique de législation et de politique coloniales*, F. Loviton, París 1939; (t. 32) Denise Paulme, *Organisation sociale des Dogon (Soudan français)*, croquis y dibujos de Roger Falck y Gilbert Engerrand, F. Loviton, París 1940; (t. 33) Jacques Sourdillat, *Les chefferies au Congo belge: contribution à l'étude de la législation et de la sociologie coloniales*, F. Loviton, París 1940; (t. 34?) Raymond Grivaz, *Aspects sociaux et économiques du sentiment religieux en pays annamite*, Domat-Montchrestien, París 1942.

antropólogos de la época<sup>79</sup>. Bouthoul reseña elogiosamente cinco de los volúmenes de esos *Études* en la *Revue Internationale de Sociologie*, encomiando la labor del “activo director de esta importante colección”<sup>80</sup>. Es cierto que salvo el comentario al tomo 10 de la serie, el resto son noticias circunstanciales que, no obstante, evidencian el interés de Bouthoul, en este caso nada accidental, por dar a conocer tales publicaciones. Piensa Bouthoul que “la obra de René Maunier constituye la mejor prueba de la importancia que la sociología colonial está llamada a cobrar entre las ciencias sociológicas”<sup>81</sup>. Lo que la caracteriza es el empleo de una metodología ya encarecida por Durkheim: el estudio de la dimensión o repercusión jurídica de los hechos sociales, en este caso del hecho social (universal) del contacto entre civilizaciones. En rigor, esta es solo una de las facetas (*de jure*) del fenómeno colonial: la legislación, que presenta también otro aspecto (*de facto*) no menos importante: el poblamiento. Pues la colonia es siempre “emigración con legislación. Un país *poblado y regido*”<sup>82</sup>. Tesis asentada por Maunier en su obra *Sociologie coloniale*, convertida en clásica, “un hito”, según Bouthoul, de la historia de la sociología<sup>83</sup>. Acrece el valor del libro el manejo de una “vasta documentación vivificada por su experiencia personal”<sup>84</sup>.

La Escuela Colonial, el “vivero de los ‘reyes de la sabana’ (*rois de la brousse*)”<sup>85</sup>, es una institución clave en la formación del espíritu de los administradores y funcionarios franceses de ultramar. La comparación con la Sorbona, en la que Charles Seignobos proclama en sus clases la condición infantil del indígena, revela la singularidad de la escuela en la que Maurice Delafosse enseña, en cambio, que los indígenas son hombres y

---

<sup>79</sup> El rumano D. Gusti, especializado en la monografía sociológica; el jurista y colonialista portugués F. Emiygdio da Silva; Marcel Griaule y Denise Paulme[-Schaeffner], estudiosos del pueblo Dogón; y otros.

<sup>80</sup> V. GB, reseña de H. Lévy-Bruhl, J. Escarra, G. Julien y R. Maunier, *Conférences 1931*, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 3-4, marzo-abril, 1933, p. 214.

<sup>81</sup> V. GB, reseña de R. Maunier, *Lois françaises et coutumes indigènes en Algérie*, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 5-6, mayo-junio, 1934, p. 314.

<sup>82</sup> V. R. Maunier, *Des comptoirs aux empires*, p. 10.

<sup>83</sup> V. GB, reseña de R. Maunier, *Sociologie coloniale*, en *Revue d'Afrique*, n° 12, agosto-septiembre, 1934, p. 28. Reproducción del mismo texto publicado con anterioridad en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 7-8, julio-agosto, 1933, p. 469-471.

<sup>84</sup> V. GB, reseña de R. Maunier, *Sociologie coloniale*, en *Revue d'Afrique*, n° 12, agosto-septiembre, 1934, p. 29.

<sup>85</sup> V. H. Deschamps, “Delavignette ou le contact humain”, en *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. LIV, n° 194-197, 1967, p. 6.



han fundado imperios<sup>86</sup>. Establecida en 1888 como refundación de la “misión camboyana” de 1885 e inspirada en el Indian Civil Service británico<sup>87</sup>, pasa a denominarse en 1934 Escuela Nacional de la Francia de Ultramar (École Nationale de la France d’Outre-Mer)<sup>88</sup>. Semilla de una “universidad colonial” que no prospera, la Escuela Colonial es clausurada en 1959, deslegitimada en cierto modo por la pujanza ideológica de la descolonización<sup>89</sup>.

Después de la Primera Guerra Mundial, dirigida por Maurice Delafosse, atraviesa un periodo de decadencia: disminuye el número de candidatos de los puestos ofrecidos en la medida en que pierde atractivo la carrera colonial. Todo cambia con la llegada a la dirección de Geoges Hardy en 1926. Preocupado por penetrar la mentalidad indígena, reforma el plan de estudios de la casa, encorsetado por una visión juricista de la función administrativa colonial. Amplía el espacio reservado a las ciencias humanas y acaba con el predominio de las materias jurídicas<sup>90</sup>. La escuela, personificada en Hardy, está presente en la vida intelectual de París, ante la que comparece con una publicación oficiosa: *Outre-*

<sup>86</sup> V. R. Delavignette, *Cristianismo y colonialismo*, p. 36.

<sup>87</sup> Otros referentes son el *Gymnasium* “Guillermo III” de Java, para la formación de los funcionarios coloniales alemanes, y la escuela politécnica de Leiden y la universidad de Delft, con sendas secciones para la instrucción de los coloniales holandes. V. X. Treney, “L’École Coloniale”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. XVII, n° 51, septiembre 1898, p. 577. Treney trata con detalle el origen de la escuela, orientada los primeros años a la “aclimatación” cultural de unos pocos jóvenes camboyanos, las consecuencias de la posterior declaración de *École d’État* y la apertura de una sección para quienes aspiran no a los puestos administrativos, sino al desempeño de actividades comerciales o agrícolas en las colonias. “La Colò”, como se la conocía entre sus alumnos y profesores, constituye una provincia de estudio casi virgen. V. A. Enders, “L’École Nationale d’Outre-Mer et la formation des administrateurs coloniaux”, en *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, vol. XL, n° 2, abril-junio 1993, pp. 272-288 y P. Bonnefont, “De l’École Coloniale à l’École Nationale de la France d’Outre-Mer”, en *Enquête sur l’Histoire*, n° 8, otoño 1993, p. 45. V. la obra pionera y, hasta donde sé, única en la materia de W. B. Cohen, *Rulers of Empire: the French Colonial Service in Africa*, Hoover Institution Press/Stanford University, Stanford 1971. Trad. francesa: *Empereurs sans sceptre: histoire des administrateurs de la France d’Outre-Mer*, Berger-Levrault, París 1973. Se trata de una historia del cuerpo de administradores coloniales franceses basado en el estudio de mil expedientes personales procedente de los Archivos Nacionales de Francia y Senegal. Buena parte del libro se ocupa de la evolución de la Escuela Colonial.

<sup>88</sup> Una evocación de la escuela, sus directores y alumnos, su programa de estudios y conferencias en M. Martin du Gard, *Pour l’empire*, pp. 41-56.

<sup>89</sup> Se ofrece una aquilatada visión global de las dos grandes fases del proceso descolonizador (de 1783 a 1945 y a partir de 1945) en J. M<sup>a</sup> Cordero Torres, *La descolonización. Un criterio hispánico*, I. E. P., Madrid 1967, espec. pp. 7-143. A pesar del carácter limitativo del subtítulo, el “criterio” del jusinternacionalista español vale para todas las potencias coloniales europeas.

<sup>90</sup> V. A. Enders, “L’École nationale d’Outre-Mer et la formation des administrateurs coloniaux”, en *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, vol. XL, n° 2, abril-junio 1993, p. 274.

*Mer*<sup>91</sup>. En 1932, por tanto todavía gobernada de Hardy, cesante el año siguiente, dan clases en la *Colo* Charles Régismanset, Henri Gourdon, Jean-Louis Deloncle, Alexandre J. A. Lanier, Paul Privat-Deschanel, J. Tramond, Antoine Cabaton, Albert Duchêne, Philippe Émile Jullien, Louis M. P. Barrioulet, Victor Serres y otros<sup>92</sup>. Enseñarán también en ella en algún momento posterior el poeta senegalés Léopold S. Sengor (encargado de la cátedra de lenguas y civilizaciones negro-africanas de 1944 a 1958), el sinólogo Henri Maspéro (encargado del curso de historia indígena de China e Indochina de 1939 a 1944) y el historiador de África Henri Brunschvicg (catedrático titular de colonización y problemas de África en fechas no precisadas).

Henri Gourdon sucede a Hardy en la dirección en 1933. Gourdon, a su vez, deja paso a Robert Delavignette<sup>93</sup> en 1937<sup>94</sup>, quien dirige la institución hasta 1946. Con ambos colabora Bouthoul antes de la guerra en un proyecto para el estudio sistemático de los (miles de) informes remitidos a la metrópoli por los administradores coloniales. Buscan en ellos las pautas sobre la evolución de las costumbres y las mentalidades indígenas. Dichos informes, precisa Bouthoul, “evacuados desde los inicios de la administración francesa en esos países, constituyen una documentación preciosa sobre la penetración de las ideas occidentales y los fenómenos de imitación, de adaptación y de resistencia que las mismas suscitan”. Tiene también su importancia la literatura de los escritores indígenas, expresión

---

<sup>91</sup> Bouthoul, poco después de encontrarse con Hardy en el Congreso Internacional e Intercolonial de París publica en esta revista un estudio sobre la islamización del Próximo Oriente y el África mediterránea. V. GB, “Problèmes posés par l’islamisation du Proche-Orient et de l’Afrique méditerranée”, en *Outre-Mer*, vol. IV, 1932. Estas páginas, al menos en parte, parecen traer causa de la polémica sobre el uso del francés en las guarderías y colegios suscitada, entre otros por Hardy, en el mencionado congreso. Cfr. *Congrès International et Intercolonial de la Société Indigène*, t. II, pp. 123-126.

<sup>92</sup> Tomo estos nombres de J. Tramond, “France: exposé générale”, en A. Martinau, P. Roussier y J. Tramond (Ed.), *Bibliographie d’histoire coloniale (1900-1930)*, p. 251, en donde se registra con fidelidad, si bien *grosso modo*, las disciplinas que todos ellos imparten en la Escuela Colonial. Una relación completa del profesorado de la escuela desde 1898, con indicación de sus asignaturas, en el sito de los Archivos Nacionales de Ultramar (*Archives Nationales d’Outre-Mer*): [<http://anom.archivesnationales.culture.gouv.fr/ark:/61561/hj998pkoi>].

<sup>93</sup> V. J.-C. Froelich “Delavignette et le service africain”, en *Revue Française d’Histoire d’Outre-Mer*, vol. LIV, nº 194-197, 1967, volumen ofrecido en homenaje a R. Delavignette por su septuagésimo aniversario. Otras contribuciones y testimonios de L. S. Sengor (“Un gouverneur humaniste”), G. Lisette (“Robert Delavignette, pionnier de la francophonie”) y P. Hazoumé (“Souvenirs d’un africain sur Monsieur Robert Delavignette”).

<sup>94</sup> No obstante, la escuela mantiene a H. Gourdon como director honorario hasta su muerte (3 de mayo de 1943).

cuando menos curiosa de la psicología africana o indochina en la lengua francesa<sup>95</sup>. Aceleradas las mutaciones psicológicas después de la Primera Guerra Mundial, a Bouthoul le parece vital conocer en qué condiciones se producen, qué ideas las determinan, qué parte de espontaneidad e imitación hay en esos procesos de cambio, “aspectos cuyo conocimiento real, científico tiene la mayor importancia”<sup>96</sup>. Aunque *La Colo* permanece abierta durante la ocupación, la diáspora de muchos alumnos, profesores y colaboradores “interrumpe este proyecto, nunca continuado después”<sup>97</sup>, incoación de una genuina “psicología colonial”<sup>98</sup>.

### 2.1. *Revue d’Afrique* (1928-1939): la creación de una “nueva tradición”

Coincidiendo con la inauguración de la Exposición Internacional e Intercolonial de la Sociedad Indígena aparece el número 9 de la *Revue d’Afrique*, correspondiente a los meses de mayo y junio, publicación africanista dirigida por Bouthoul desde su fundación, en 1928, hasta su cierre en 1939<sup>99</sup>. En un artículo titulado “La Cité des Informations de l’Exposition Coloniale” saluda el director la apertura de una exposición que será el “inventario general [...] de la más poderosa de las manifestaciones europeas de los últimos tres siglos”<sup>100</sup>. Advierte no obstante contra el exotismo y su parte de atracción turística, “la mejor forma de apartar los espíritus de la cosa colonial”, y encarece la creación de una “Ciudad de la Información”, “sección positiva y utilitaria destinada a mostrar la actualidad de la actividad colonial”<sup>101</sup>. “Ojalá la fecunda utilidad de la Ciudad

---

<sup>95</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 261, nota 1. Bouthoul, por cierto, alzaprima el valor de la literatura, particularmente los géneros novelesco y memorial, para penetrar en una mentalidad. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 217-218 y 282.

<sup>96</sup> V. GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 13, 1935, p. 21. En un lenguaje que parece anticipar su terminología polemológica, Bouthoul declara necesario conocer las “líneas de fuerza” y las “resistencias” de la mutación de las mentalidades coloniales.

<sup>97</sup> V. GB, *Traité de sociologie*, II, p. 228.

<sup>98</sup> Sobre esta “psicología colonial” *in nuce* v. G. Hardy, “Histoire coloniale et psychologie ethnique”, en *Revue de l’Histoire des Colonies Françaises*, año 13°, n° 50, abril-junio 1925, pp. 161-172. Tiene un interés especial la ponderación en esas mismas páginas de la obra de un geógrafo dotado de gran penetración psicológica: É.-F. Gautier (p. 166).

<sup>99</sup> Rezan como sedes de la revista los domicilios sucesivos de Bouthoul: 23 de la calle de Fontaine hasta el número 12 (1934) y 15 de la calle de Lauriston a partir del número 13 (1935).

<sup>100</sup> V. GB, “La Cité des Informations de l’Exposition Coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1931, p. 52.

<sup>101</sup> V. GB, “La Cité des Informations de l’Exposition Coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1931, p. 53.

de la Información –concluye Bouthoul– sobreviva a las bellezas efímeras de la Exposición”<sup>102</sup>. ¿Qué clase de publicación es esta que intima al “rejuvenecimiento” de las oficinas coloniales según el modelo de esa Ciudad, “espíritu de una ‘Fábrica de informaciones’”<sup>103</sup>?

*Revue d’Afrique*, diecinueve números publicados a lo largo de once años, alrededor de las 70 páginas por volumen y una tirada de 2000 ejemplares por número<sup>104</sup>, es una revista casi desconocida, incluso para los africanistas franceses; hecho que contrasta con la doctrina colonial de una “Francia africana” –de la cual la revista aspira a ser portaestandarte–, y con la calidad política o académica de sus colaboradores y patronos. De aparición cuatrimestral en 1928 y 1929, aunque se anuncia bimestral, se hace después semestral (1930, 1932, 1936 y 1938) e incluso anual (1931, 1933-1935, 1937 y 1939), irregularidad que depende seguramente de su difícil situación financiera, insostenible en víspera de la guerra.

No hay indicaciones al respecto ni adscripción de la revista a ninguna asociación o comité, pero lo más seguro es que los fondos de la misma, o una parte pingüe de ellos, procedan del magma de intereses políticos y económicos del Partido colonial, presunción que acredita la relación de patronos y protectores del comité editorial, destacados coloniales militares, políticos, académicos y periodistas: Stéphane Gsell y Alfred Martinau, profesores del Colegio de Francia; el mariscal Lyautey y el almirante Lucien Lacaze<sup>105</sup>; Georges Hardy, director de la Escuela colonial; Augustin Bernard, René Maunier y Bertrand Nogaro<sup>106</sup>, de la Sorbona; Paul Vivien, del Consejo Superior de las Colonias y presidente del sindicato de la prensa colonial francesa; Anatole de Monzie, político de

---

<sup>102</sup> V. GB, “La Cité des Informations de l’Exposition Coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1931, p. 55.

<sup>103</sup> V. GB, “La Cité des Informations de l’Exposition Coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1931, p. 55.

<sup>104</sup> Cifra que puede considerarse, sin duda, una tirada importante. Recojo esta información de *Annuaire Général des Lettres*, 1931. La revista, impresa en Burdeos, tiene además cierto interés tipográfico, particularmente la cubierta y, en algunos de los primeros números, también la portada. La cubierta trae impreso como emblema uno de los reversos frecuentes en los calcos cartagineses: caballo y palmera.

<sup>105</sup> V. Jean Jolly (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, pp. 2 074-2 076.

<sup>106</sup> V. Jean Jolly (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, pp. 2 569-2 570.

gran carrera ministerial<sup>107</sup>, y Pierre Mille, periodista, cofundador y presidente (1933-1936) de la Sociedad de Escritores Coloniales y presidente de la Academia de Ciencias de Ultramar (1933-1934); Auguste Terrier, secretario general del Comité del África Francesa; Théodore Steeg, comisario residente general en Marruecos (1925-1928) y presidente de la Comisión de colonias del Senado<sup>108</sup>, y Marcel Olivier, gobernador general de Madagascar y colaborador de Lyautey en la organización de la exposición colonial de 1931.

En su primer número de mayo-junio de 1928 fija *Revue d'Afrique* su proyecto, su *política de cultura*. Atienden sus páginas aspectos económicos (infraestructuras ferroviarias) y culturales (educativos) de la colonización, con una importante selección de bibliografía africanista desde 1926 y diversas reseñas históricas, políticas, económicas y, dato para tener en cuenta, etnográficas, literarias y artísticas, lo cual será una constante de su vida editorial. No es *Revue d'Afrique*, conviene recalcarlo, una publicación vulgarizadora de la causa y las temáticas coloniales en clave política o económica, sino que pretende hacerse “órgano para elaborar una tradición intelectual, creadora de ideales compartidos por Francia y sus colonias” y “facilitar al público de los centros intelectuales norteafricanos [...] una visión de conjunto sobre el lugar de África en el pensamiento francés”. Así lo indica la cuartilla que para publicitar la revista y sus objetivos acompaña a los dos primeros números<sup>109</sup>.

“[Nadie] puede negar que se ha erigido un edificio magnífico [: el África francesa]”, se dice en el primer párrafo del citado encarte, mas la novedad que trae prendida esta publicación, independientemente del reconocimiento del sentimiento de identidad indígena precipitado por la obra colonizadora, es la constatación de un hecho: la transformación de la mentalidad francesa por el contacto prolongado con las colonias, la influencia de los indígenas sobre los colonizadores, “la imitación de abajo arriba” (*imitation de bas en haut*) de la sociología colonial de Maunier<sup>110</sup>. Sarraut compararía ese proceso de

---

<sup>107</sup> V. Jean Jolly (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, pp. 2 509-2 511.

<sup>108</sup> V. Jean (Ed.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, pp. 3 033-3 034.

<sup>109</sup> Los ejemplares de mi biblioteca conservan esa hoja encartada, cuyo texto, seguramente redactado o, cuando menos, supervisado por Bouthoul, puede considerarse la declaración de los principios editoriales.

<sup>110</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, t. I, pp. 165-178, capítulo que desde una perspectiva teórica completa las consideraciones de G. Tarde sobre la imitación del superior por el inferior. Se resalta la continuidad en

transformación de la mentalidad metropolitana con un *retour de flamme*. El factor crítico y catalizador del proceso es lo que G. Hardy, por su parte, denomina “la entente de las elites” (*l’entente des élites*)<sup>111</sup>, condición de la anhelada simbiosis colonial: constituye “un deber imperioso y urgente para todo europeo y africano razonable encontrar terrenos de acuerdo, multiplicar los puntos de contacto y trabajar metódicamente por la mutua comprensión”<sup>112</sup>. Hardy, historiador y alto funcionario colonial acreedor, por su obra, de la admiración de Bouthoul<sup>113</sup>, saluda la primera jornada de *Revue d’Afrique* e intima a su equipo editorial a no convertirla en una “capillita cerrada”, sino “en uno de esos cafés moros, delicadamente modernizados, limpios y repintados, en los que americanas y albornoces (*bourrus*) se dan cita en conversaciones selectas, con la determinación de conocerse y entenderse”<sup>114</sup>. A fin de cuentas, la colonización no es solo un problema de explotación de las cosas (*mise en valeur*), sino también, en la terminología de Maunier, de asociación de hombres (*mise en contact*)<sup>115</sup>. Precisamente por eso la “política indígena”, según la entiende Hardy, consiste en una “acción sobre las almas de los indígenas” y la penetración colonial en una “conquista moral”<sup>116</sup>. Para Hardy, Maunier, Delavignette o, en otro plano, Bouthoul, la colonización requiere de esa aproximación de mentalidades que empareje lo africano y lo francés<sup>117</sup>.

---

este punto entre Tarde y Maunier en GB, reseña de R. Maunier, *Sociologie coloniale*, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, p. 29. François Leimdorfer subraya que para la mayoría de estudiosos de la colonización esta es una “relación intransitiva”, un “evolucionismo de sentido único”, pues apenas encuentra más excepción de Maunier. V. F. Leimdorfer, “Objets de la sociologie coloniale. L’exemple algérien”, en *Tiers-Monde*, vol. XXIII, n° 90, 1982, pp. 84-85. Es cierto que pocos como Maunier pondrán de manifiesto la bidireccionalidad de las influencias, pero sin duda la misma idea está presente en los más importantes coloniales franceses de los años veinte y treinta: Hardy, Delavignette y, en otro plano, como a continuación se ve, Sarraut.

<sup>111</sup> V. G. Hardy, “Aube d’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 7.

<sup>112</sup> V. G. Hardy, “Aube d’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 6.

<sup>113</sup> V. la columna que le dedica en *Les Nouvelles Littéraires* del 22 de septiembre 1934, p. 8: “Colonisation comparée. L’oeuvre de M. Georges Hardy”, homenaje a su obra de grandes síntesis.

<sup>114</sup> V. G. Hardy, “Aube d’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 6.

<sup>115</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 12.

<sup>116</sup> V. G. Hardy, *Vue générale de l’histoire d’Afrique*, pp. 146 y 154. Sobre todo G. Hardy, *Une conquête morale: l’enseignement en A. O. F.*, presentación de J. P. Little, L’Harmattan, París 2005, libro de 1917 que condensa su experiencia de reformador del sistema escolar colonial.

<sup>117</sup> “Africano y al mismo tiempo francés” es uno de los lemas predilectos de R. Delavignette. V. R. Delavignette, *Soudan, Paris, Tombouctou, passim*.

Pero el expreso marco referencial de *Revue d'Afrique*, en ausencia de un mensaje del editor o una declaración expresa de intenciones, es el breve y denso ensayo “Réflexions sur l’Afrique”, del propio Bouthoul. Esas páginas, además, constituyen la aquilatada síntesis de un pensamiento colonial que parece si no acabado, definitivamente orientado: desde un punto de vista antropológico (cultural, moral, incluso religioso o *rectius* interreligioso), político y económico. Su designio en último análisis es la configuración de un África llamada a convertirse, a todos los efectos, en una prolongación de Europa, en una Europa del sur (*Europe = Europe du Sud*)<sup>118</sup>.

África aparece como el gran continente complementario de Europa<sup>119</sup>, la última región de la tierra abierta y receptiva. Considera Bouthoul que el siglo XX será el “siglo de África”<sup>120</sup>, ocasión para que Europa ponga en forma la ocupación incoada en el XIX, mas no con una finalidad puramente material o económica, sino con el objetivo de desarrollar un nuevo ideal moral y crear “una [nueva] tradición intelectual común”. Este será el criterio de la “compenetración de dos mentalidades hasta ese momento adversas”<sup>121</sup>. No basta pues con que Europa ministre bien las regiones dependientes o tuteladas, tampoco con la generalización en ellas de la instrucción técnica, enseñanza que, según Bouthoul, más bien aliena el favor del grupo que la recibe. Puesto que se trata del encuentro entre dos civilizaciones o mentalidades muy distintas, el elemento verdaderamente transformador es la educación, particularmente la enseñanza de las humanidades, clave de arco para la *francisation* o europeización de África<sup>122</sup>. Pero es mucho más difícil enseñar que invertir en infraestructuras o fundar por decreto los organismos una administración colonial<sup>123</sup>.

---

<sup>118</sup> V. GB, “Réflexions sur l’Afrique”, en *Revue d'Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 26.

<sup>119</sup> V. GB, “Production coloniale et économie nationale”, en *Revue d'Afrique*, n° 8, mayo-junio 1931, p. 33.

<sup>120</sup> Optimismo en absoluto justificado. El “afro-optimismo” del siglo XXI sigue estando fuera de lugar. V. J.-P. Vettovaglia, “L’Afrique est-ell ‘bien’ ou ‘mal’ partir?”, en *Revue des Deux Mondes*, enero 2015, p. 108.

<sup>121</sup> V. GB, “Réflexions sur l’Afrique”, en *Revue d'Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 27.

<sup>122</sup> V. GB, “Réflexions sur l’Afrique”, en *Revue d'Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, pp. 28-29. Además G. Hardy, *Une conquête morale: l’enseignement en A. O. F., passim*.

<sup>123</sup> V. GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d'Afrique*, n° 13, noviembre-diciembre 1935, p. 20.

La escuela franco-africana está llamada a generar un nuevo tipo humano imbuido en las dos culturas y, por eso mismo, “terreno vivo de entente”<sup>124</sup>. La formación de una nueva elite colonial en los colegios, liceos y universidades<sup>125</sup> constituye pues, junto a la enseñanza generalizada del francés<sup>126</sup>, la gran operación mental transfiguradora de las instituciones sociales indígenas. La instrucción de la mujer potencia sin duda este efecto transformador u occidentalizador<sup>127</sup> de una elite colonial que Bouthoul no duda en llamar “generación de ancestros” o fundadora, pues “de su actitud dependerán no pocas cosas en el futuro”<sup>128</sup>. Determinará también una mutación inaudita el cambio en los usos conyugales, resultado contrastado por la experiencia precedente de los judíos en el Norte de África, particularmente en Túnez. El estatuto matrimonial de la mujer musulmana y su posición en la familia y en la sociedad es lo que expresa más claramente la ruptura entre Occidente y Oriente, brecha que no obstante se ha abierto ya, señala Bouthoul, a favor de la occidentalización en el medio urbano. La actitud crítica de las nuevas generaciones de mujeres instruidas y casadas a la europea ha hecho mella en el tradicionalismo familiar, orgulloso en la paradójica exhibición de la mujer velada y enclaustrada como símbolo de ocio y riqueza... pero todavía es incierto el ritmo de ese movimiento emancipador<sup>129</sup>.

---

<sup>124</sup> V. GB, “Réflexions sur l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 30.

<sup>125</sup> Es manifiesta la importancia atribuida a la educación en el programa intelectual de la *Revue d’Afrique*. Sin salir del primer número se encuentra un estudio ilustrado con cifras sobre la enseñanza en el África francesa, “cuestión cuya importancia no se le escapa a nadie y que conviene seguir atentamente”. V. A. Lammont, “L’enseignement en Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, p. 8. En una amplia reseña firmada por Bouthoul sobre el libro de S. Gsell, G. Macais y G. Yver, *Histoire d’Algérie*, se destaca también (pp. 42-43) la importancia de la escuela, “el instrumento más eficaz del que disponemos para modificar poco a poco la sociedad musulmana y conseguir de los indígenas su colaboración”. V. también Nilambe, “L’enseignement en A. E. F.”, en *Revue d’Afrique*, n° 2, noviembre-diciembre 1928, pp. 30-40.

<sup>126</sup> V. GB, “Problèmes posés par l’islamisation du Proche-Orient et de l’Afrique méditerranée”, en *Outre-Mer*, vol. IV, 1932, espec. pp. 269-272. Bouthoul, aleccionado por la desaparición del griego en el Oriente próximo –lengua vinculada exclusivamente a la dirigencia–, cuestiona la política lingüística colonial que reserva el francés para la segunda enseñanza. “Reservado [así] para una minoría [selecta pero] ínfima, se le asigna el rango, sin duda precario, del griego en el antiguo imperio de Alejandro” (p. 272).

<sup>127</sup> Son frecuentes en *Revue d’Afrique* las referencias a la “condición” de la mujer en las sociedades coloniales, particularmente bajo el islam. Por ejemplo, en los primeros números: B. Helfenbein, “Quelques vues sur la femme musulmane”, en *Revue d’Afrique*, n° 2, noviembre-diciembre 1928, p. 17-29; P. Odinot, “Les mariages d’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929, pp. 9-16; sin firma [=B. Helfenbein], “Note sur la situation de la femme kabyle”, en *Revue d’Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929, pp. 37-39.

<sup>128</sup> V. GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 13, noviembre-diciembre 1935, p. 20.

<sup>129</sup> V. GB, *L’amélioration des conditions familiales et sociales en Tunisie*, pp. 2-3.



La cuestión femenina se muestra, tal vez, como el mayor obstáculo a la integración de los musulmanes en la república laica<sup>130</sup>, pues aceptar su estatuto legal supone para estos la apostasía, por no mencionar la perplejidad, la crisis de conciencia e incluso la ansiedad que desencadena una transformación psicológica de esa envergadura<sup>131</sup>. Con todo, Bouthoul no ve imposible la incorporación del musulmán a “Francia, persona moral y entidad cultural”<sup>132</sup>. Lo demuestra, a su juicio, la convivencia ordenada entre cristianos y musulmanes, “por primera vez en doce siglos”, en la Argelia francesa<sup>133</sup>.

La exageración resulta patente<sup>134</sup>, pues hay un nuevo radicalismo religioso, el de los ulemas que predicán el regreso a la pureza del islam tradicional, absolutamente refractario a la integración. Aún así, según Bouthoul, ese mismo islam moralista (*l’islam moral et idéaliste*) “podría tener su lugar entre las diversas familias espirituales de Francia”, viaje del que excluye a la arcaica religión magrebí, a medio camino entre la superchería y el paganismo<sup>135</sup>. Más adelante, convencido por la lección impercedera de Abenjaldún, actualizada en Argelia por el hostigo antifrancés de los “tribunos teólogos” (*rogbi*) —una demagogia revestida de fanatismo religioso—, aventura que solo un islam norteafricano sin arcaísmos puede integrarse en Francia<sup>136</sup>.

Tal vez resulta demasiado optimista, incluso *chovin*, confiar en un destino francés para la elite musulmana formada desde principios del siglo XX en las universidades (laicas). Esta es la disyuntiva de la elite universitaria norteafricana, la de los *jóvenes tunecinos* y los *jóvenes*

<sup>130</sup> V. GB, *L’amélioration des conditions familiales et sociales en Tunisie*, p. 4.

<sup>131</sup> V. GB, “L’évolution actuelle de l’Afrique du Nord. L’intelligentsia tunisienne”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 8 de diciembre 1934, p. 5.

<sup>132</sup> V. GB, “Les plans de mise en valeur de l’Afrique”, en *Revue de l’Afrique*, n° 11, agosto-septiembre 1933, p. 26.

<sup>133</sup> V. GB, “Le ‘malaise’ algérien”, en *Revue de Paris*, vol. XLII, n° 13, 1 de julio 1935, p. 121.

<sup>134</sup> Se excede también Bouthoul en la ponderación de las virtudes pacificadoras de su Francia africana cuando subraya que el francés es el único de los pueblos europeos que ha sabido vivir en armonía con el islam. V. GB, “Problèmes nord-africaines”, en *Revue de Paris*, vol. XLVI, n° 3, 1 de febrero 1939, p. 604.

<sup>135</sup> V. GB, “Le ‘malaise’ algérien”, en *Revue de Paris*, vol. XLII, n° 13, 1 de julio de 1935, p. 126.

<sup>136</sup> “El islam africano, depurado de todos sus arcaísmos, conserva un elevado valor moral, una humanidad y, procedente de la misma fuente que el cristianismo, la esencia de una religión monoteísta. Es por ello susceptible, como podría decir Barrès, de ocupar un lugar al lado de las familias espirituales de Francia”. V. GB, “Problèmes nord-africaines”, en *Revue de Paris*, vol. XLVI, n° 3, 1 de febrero de 1939, p. 612.

*argelinos*: ¿seguirá el camino de la integración de los reformadores turcos<sup>137</sup>? Todo dependerá, sostiene Bouthoul, de que Francia acierte a crear las bases de un “islam francés”. ¿Por qué no, viene a decir, si hay ejemplos de ello? ¿Por qué no un “islam francés” si existe “un islam turco, ruso, albanés, persa, yugoslavo, hindú, javanés e incluso chino”? Es precisamente esa carencia la que permite afirmar la incompatibilidad entre “musulmán” y “francés”, opinión que “evidentemente ignora tanto la grandeza del islam y su carácter supranacional y ecuménico, como la amplitud del humanismo francés”<sup>138</sup>. Las palabras de Bouthoul son como el tornavoz del secular galicanismo francés, expresión máxima de la razón de estado. En este sentido, incluso de Gaulle ha reconocido, con una naturalidad que hoy, sin embargo, resulta provocadora, que “la República es laica y Francia cristiana”<sup>139</sup>, diferenciando, por así decirlo, entre la nación política y la nación sociológica. La audacia de Bouthoul me parece insólita y digna de mención, pues excede la tesis gaullista, contraria a la naturalización espiritual francesa de otros tipos humanos<sup>140</sup>. Bouthoul, en efecto, propugna un galicanismo musulmán, neutralizador político del islamismo y constitutivo de una estructura mental capaz de integrar a las masas norteafricanas. Este *drôle de galicanisme* viene a ser la conclusión de la célebre “política de miramientos” (*politique des égards*) con el islam norteafricano de Lyautey<sup>141</sup>. Pero el sociólogo nacido en Túnez no pasa por alto el brutal desequilibrio demográfico entre los

---

<sup>137</sup> Cfr. C. Ben Taleb, “L’éclosion de l’esprit critique dans les milieux intellectuelles de l’islam”, en *Revue d’Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929.

<sup>138</sup> V. GB, “Problèmes nord-africaines”, en *Revue de Paris*, XLVI, n° 3, 1 de febrero de 1939, p. 614.

<sup>139</sup> El general de Gaulle al cardenal Grete el 17 de septiembre de 1958. V. É. Poulat, *Notre laïcité publique*, Berg International, París 2003, p. 15, *apud* C. Pujol, “Introduction”, en *Archives Juives*, vol. XXXVII, n° 2, 2004, p. 6. Exactamente misma combinatoria, *servata distantia*, produce en el siglo XVII el “catolicismo de Estado”. V. J. du Ferrier, *Le catholique d’Estat, ou Discours politique des alliances du Roy tres-Chrestien contre les calomnies des ennemies de son Estat*, Joseph Bouillerot, París 1625.

<sup>140</sup> “Está muy bien que haya franceses amarillos, franceses negros y franceses morenos, lo que demuestra la universalidad de la vocación de Francia, abierta a todas las razas. Pero a condición de que aquellos sean una pequeña minoría. De lo contrario, Francia dejaría de ser Francia. Nosotros somos ante todo un pueblo europeo de raza blanca, de cultura griega y latina y religión cristiana [...] Si integráramos a todos los árabes y bereberes [...] mi pueblo ya no se llamaría Colombey-les-Deux-Églises, sino Colombey-les-Deux-Mosquées!”. De Gaulle a Alain Peyrefitte el 5 de marzo de 1959. V. A. Peyrefitte, *C’était de Gaulle*, Le Livre de Poche, París 1999, t. I, p. 62.

<sup>141</sup> V. al respecto la alusión de GB, “Le ‘malaise’ algérien”, en *Revue de Paris*, XLII, n° 13, 1 de julio de 1935, p. 134. Asimismo GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 13, noviembre-diciembre 1935, pp. 20-21. Subraya Bouthoul que entre “las intuiciones más notables del genio del mariscal figura la ‘sección sociológica del ejército’, fundada por él apenas llega a Marruecos”.

indígenas y los franceses del norte de África, fenómeno consecuente de la pacificación francesa y la higiene que imposibilita la equiparación entre la metrópoli y las colonias<sup>142</sup>.

## 2.2. Panregión Euráfrica

Mas no solo importan a Bouthoul los aspectos culturales, en suma antropológicos, también le preocupan vivamente los políticos.

Hacen fortuna en esa época los nombres de realidades geopolíticas *in nuce* como “Eurasia” y “Oceanasia”, calcos no solo terminológicos, sino también espirituales del gran espacio americano, noción inaugurada por la Declaración de Monroe de 1823 y que se corresponde con un imperialismo de nuevo cuño. Por distintas razones, Europa ha sido excluida de América y también, en aspectos fundamentales, de Asia. Esto aumenta el valor de África para Europa. El “monroísmo eurafricano” y su afirmación tajante: “África para los europeos” está a la orden del día en toda Europa, independientemente de la naturaleza del régimen político o de la ideología de los escritores que sostienen y divulgan esas ideas. Bajo gobiernos pluralistas (Francia de la III República<sup>143</sup>), de autoridad (Italia de Mussolini<sup>144</sup>) o totalitarios (Alemania de Hitler<sup>145</sup>), incluso desde una perspectiva federalista y trasnacional, se plantea la alternativa eurafricana como el gran espacio reequilibrador –en beneficio de Europa– de la intensa regionalización que acontece en el

---

<sup>142</sup> GB, “Le ‘malaise’ algérien”, en *Revue de Paris*, vol. XLII, n° 13, 1 de julio de 1935, p. 112. Rehacer la obra de Cartago y Roma en el norte de África supone el agravamiento de los problemas derivados de la creciente presión demográfica. GB, “La situation en Afrique du Nord”, en *Revue de Paris*, vol. XLIV, n° 11, 1 de junio 1937, pp. 621-622. Finalmente GB, “Problèmes nord-africains”, en *Revue de Paris*, vol. XLVI, n° 3, 1 de febrero 1939, pp. 606-607. El desequilibrio demográfico es la única e inconfesa explicación de la estampida de las potencias coloniales. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 35. Tesis complementaria de la del antiguo gobernador general de Argelia, el antropólogo Jacques Soustelle, para quien la independencia de las colonias fue mayormente “otorgada”: “Cuando la metrópoli no es abandonista no hay lucha armada que valga”, como demuestra el África portuguesa, la última potencia europea que a su juicio se mantiene en su sitio. V. J. Soustelle, *Lettre ouverte aux victimes de la décolonisation*, pp. 38, 42 y 72-98. Crítico de la política descolonizadora de de Gaulle, no obstante partidario de la integración en la Conferencia de Brazzaville (1944), reconoce el carácter polemógeno de la supernatalidad argelina (“Europa es para África una zona de bajas presiones demográficas”, p. 16).

<sup>143</sup> V. É.-L. Guernier, *L’Afrique champ d’expansion de l’Europe*, p. 271: “cuando África se integre en la economía de Europa formará con ella un solo continente: Euráfrica”. Uno de los mapas elaborado por Guernier representa precisamente el “huso económico [autárquico] de Euráfrica”, diferenciado del americano y del de Oceanasia. V. también H. de Jouvenel, “Bloc africain et fédération européenne”, en *Revue des Vivants*, n° 1, enero 1930, monográfico dedicado al África negra francesa.

<sup>144</sup> V. P. d’Agostino Orsini, *Eurafrica. L’Europa per l’Africa, l’Africa per l’Europa*, P. Cremonese, Roma 1934.

<sup>145</sup> V. K. Haushofer, “Eurafrika?”, en *Zeitschrift für Geopolitik*, n° 19, 1938.

mundo. Se trata pues de una doctrina que nos presenta Europa y su proyección africana como “panregión” y, por qué no, dique contra el universalismo<sup>146</sup>. Consecuentemente, el abandono de aquellas tierras tiene algo de amputación<sup>147</sup>.

Por proximidad geográfica, por los asentamientos casi centenarios –más que centenarios incluso en algunas regiones del Magreb y del Golfo de Guinea–, por el débil poblamiento del continente africano y por el carácter xenófilo de los africanos, tan distintos en esto a los asiáticos<sup>148</sup>, se dan en África las condiciones óptimas para convertirla en una prolongación meridional de Europa<sup>149</sup>. Otra razón favorable a la penetración europea es la inexistencia en África de entidades políticas bien organizadas o culturas pujantes<sup>150</sup>.

Bouthoul es partidario de un federalismo euroafricano que contemple la autonomía de las distintas regiones del Imperio francés. En cierto modo, es esta la actitud adoptada con respecto a Argelia por el *pied noir* Albert Camus. Adicto a la causa de la paz, Bouthoul rechaza el colonialismo en su faceta violenta y la insurgencia anticolonialista, ligada al terrorismo y a acciones de guerra. Todo eso, antes de la Segunda Guerra Mundial. Después, consideraciones de índole demográfica, le convierten en partidario del

---

<sup>146</sup> La “panregión” está determinada por la “panidea” que irradia sobre ella. Ejemplos de la época son el panasiatismo, el paneslavismo, el panislamismo y el panamericanismo, invención en la que los norteamericanos ven el sucedáneo del hispanoamericanismo o iberoamericanismo. Sobre las “panideas” subyacentes a las grandes agrupaciones internacionales de Estados (“grupo panamericano, grupo paneuropeo, grupo británico, grupo ruso, grupo mongol”) v. R. N. Coudenhove-Kalergi, *Pan-Europa*, Ediciones Encuentro, Madrid 2010, *passim*. A la “idea energizante” o “irradiante” de una región concreta de la tierra (*die politische Idee*) se refiere también Carl Schmitt en “Völkerrechtliche Großraumordnung mit Interventionsverbot für raumfremde Mächte”, en C. Schmitt, *Staat, Großraum, Nomos. Arbeiten aus den Jahren 1916-1969*, p. 283. Cfr. K. Haushofer, “Die weltpolitische Machtverlagerung seit 1914 und die internationalen Fronten der Panideen”, en K. Haushofer y K. Trampler, *Deutschlands Weg an der Zeitenwende*, Eher Verlag, Múnich 1931, *apud* M. Antonsich, “Eurafrica, dottrina Monroe del Fascismo”, en *Limes. Rivista Italiana di Geopolitica*, n° 3, 1997, p. 261. Sobre K. Haushofer y su escuela: F. Ebeling, *Geopolitik. Karl Haushofer und seiner Raumwissenschaft 1919-1945*, Akademie Verlag, Berlín 1992, espec. pp. 175-183. Una sintética y ecuánime visión de conjunto en A. Chauprade y F. Thual, *Dictionnaire de géopolitique. États, concepts, auteurs*, Ellipses, París 1999, pp. 598-603: (“Haushofer Karl (1896-1946”).

<sup>147</sup> V. G. Hardy, *Vue générale de l'histoire d'Afrique*, p. 190.

<sup>148</sup> El “exclusivismo racial” de los orientales, celosos de su tradición milenaria, constituye la mayor dificultad para la presencia en Asia de los europeos, proclives al cañoneo para hacer pedagogía mercantil en esas latitudes. Tres ejemplos: las guerras del opio, la expedición francoespañola a la Cochinchina y el ataque del comodoro Perry al Japón.

<sup>149</sup> V. GB, “Réflexions sur l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, pp. 24-25.

<sup>150</sup> Recalca lo mismo en su polémica posterior con R. Coudenhove-Kalergi: GB, “L’Afrique et les États-Unis d’Europe”, en *Revue d’Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, p. 50: “en la actualidad, por la geografía, por la disminución de las distancias como consecuencia de los medios de comunicación y, sobre todo, por las ventajosas posiciones ocupadas [por los europeos], África debe considerarse una Europa del Sur”.

abandono del imperio. Este voto eurafricano, natural en un francés de Túnez, no se entendería del todo sin el trasfondo epocal de la intensa politización de África<sup>151</sup> y su desneutralización sobrevenida de súbito en 1914.

### 2.3. Las economías coloniales

Además de su trascendencia política para Europa, África resulta también crucial desde un punto de vista económico. Así se reconoce en la Conferencia Económica de la Francia Metropolitana y Ultramarina, la “Conferencia Imperial”, dirigida por el político y economista liberal Claude-Joseph Gignoux<sup>152</sup>, uno de los líderes de la Confederación General de la Patronal Francesa (CGPF) y primer impulsor de la misma como subsecretario de Estado encargado de la Economía nacional en el II gobierno Laval. Las sesiones de trabajo se celebran en París durante más de cuatro meses: del 3 de diciembre de 1934 al 13 de abril de 1935. Se trata de la primera y única cumbre francesa de esta naturaleza. Bouthoul, seguidor atento de sus debates y conclusiones, considera que es la primera vez desde Colbert que la metrópoli se preocupa de buscar soluciones económicas globales para el imperio. La también conocida como “Conferencia Económica Colonial” “trabajó si hacer ruido, examinando todos los aspectos del enorme catálogos de recursos, necesidades e intercambios recíprocos de todas las partes del imperio”<sup>153</sup>. Preparada desde 1932, pretende remediar la crisis una vez constatado, señala Bouthoul en la *Revue d’Afrique*, el fracaso de la *vis medicatrix naturae*. No obstante, proyectada en tiempos de bonanza, se celebra cuando la situación económica es sumamente grave, desenvolviéndose en un

---

<sup>151</sup> V. M. Korinman, *Quand l’Allemagne pensait le monde*, p. 211. Durante la mayor parte de su historia, con pocas excepciones (la ribera mediterránea y la zona tropical subdesértica respunteada de este a oeste por capitales míticas como Ghana, Gao, Tombuctú, Ségou y otras), África ha sido un espacio despolitizado. V. G. Hardy, *Vue générale de l’histoire d’Afrique*, pp. XIV-XV. Sobre el islam como elemento politizador en África: G. Hardy, *Vue générale de l’histoire d’Afrique*, pp. 62-63.

<sup>152</sup> Diputado, profesor de Economía política en el Instituto Católico de París e historiador económico. Otras noticias biográficas en G. Richard, “Claude-Joseph Gignoux: une biographie exemplaire? Réflexions sur les relations entre stratégies patronales et stratégies partisanses à droite, de 1936 à la Libération”, en *Annales de Bretagne et des Pays de l’Ouest*, 109-3, 2002, espec. pp. 142-144.

<sup>153</sup> V. GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 13, 1935, p. 18. Los informes y conclusiones de la conferencia en: Conférence Économique de la France Métropolitaine et d’Outre-Mer, *Rapports généraux et conclusions d’ensemble*, Larose Éditeurs, París 1935, 2 t.

clima de desánimo generalizado por la agudización de la crisis monetaria y la situación aduanera<sup>154</sup>.

Distingue Bouthoul tres planteamientos económicos de la cuestión colonial: los planes de equipamiento (“Plan Sarraut”<sup>155</sup>, “Proyecto de Boisse de Black”<sup>156</sup>), el exutorio para la producción industrial de una Europa en crisis<sup>157</sup> y el condominio europeo sobre África (R. Coudenhove-Kalergi, Bertrand de Jouvenel, Georges Valois<sup>158</sup>). En realidad, esto último sería el presupuesto político de la acotación de la anarquía productora africana. El trasfondo de la tesis internacionalista de Valois es la profunda impresión que los planes quinquenales soviéticos han causado en Occidente, así como la hegemonía económica norteamericana sobre Hispanoamérica. Bouthoul es consciente de la dimensión europea del hecho colonial, realizada por Sarraut en *Grandeur et servitude coloniales*<sup>159</sup>, pero cuestiona

---

<sup>154</sup> GB, “L’expérience actuelle et les colonies. Avant et après la conférence impériale”, en *Revue de Paris*, vol. XLIII, n° 22, 15 de noviembre 1936, pp. 299-300. Por otro lado, la integración económica de Francia y las colonias, aspecto central de aquellas jornadas, se corresponde con la afirmación política de la soberanía francesa sobre sus dependencias. De ahí que la discusión sobre la dinamización de aquellas sea una verdadera cuestión de estado durante los años veinte y treinta. Sobre esto último v. R. Girardet, “L’apothéose de la ‘plus grande France’: l’idée coloniale devant l’opinion publique française (1930-1935)”, en *Revue Française de Science Politique*, n° 6, 1968: “Francia y sus dependencias exteriores deben considerarse como un todo indivisible [se trata de la extensión a todo el dominio colonial del principio del derecho público francés de la indivisibilidad del territorio nacional]”, p. 1093.

<sup>155</sup> V. GB, “Les plans de mis en valeur de l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 11, agosto-septiembre 1933, pp. 18-19.

<sup>156</sup> V. GB, “Les plans de mis en valeur de l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 11, agosto-septiembre 1933, pp. 19-20. J. Boisse de Black es una firma frecuente en la publicación africanista de Bouthoul, ocupándose del boletín económico que se incorpora a la misma a partir del número 6 (enero-febrero 1930): v. espec. sus notas “La Bourse de Paris et les valeurs coloniales” (n° 5, 1929), “La balance commerciale de la France et des pays voisins” (n° 7, 1930), “Les causes de la crise économique actuelle” (n° 8, 1931), “Les richesses forestières de l’Afrique et la situation mondiale des bois” (n° 9, 1932) y “L’ascension de l’Afrique” (n° 10, 1932). El desarrollo económico del África francesa, muy retrasada con respecto a la inglesa por la naturaleza “romana” de su modo de dominación, no puede basarse exclusivamente en una política de infraestructuras y producción orientada a la exportación, sino que debe también comprender una gran política creadora de un mercado interior. V. J. Boisse de Black, “Bloc africain français et Afrique anglaise”, en *Revue d’Afrique*, n° 3, enero-febrero 1929, pp. 8-9.

<sup>157</sup> V. GB, “Les plans de mis en valeur de l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 11, agosto-septiembre 1933, pp. 20-23. Se trata de planes apresurados y paliativos que no tienen en cuenta sus repercusiones a medio y largo plazo. Conciben África como una reserva de emergencia que debe proporcionar pedidos y empleo a la industria y los parados europeos.

<sup>158</sup> V. GB, “Les plans de mis en valeur de l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 11, agosto-septiembre 1933, pp. 23-24. Cfr. B. de Jouvenel, “Un plan de valorisation coloniale et de collaboration européenne”, en *Cahiers Bleus. Cahiers du Parti Républicain Syndicaliste*, n° 99, 1931 y G. Valois, “L’Afrique chantier de l’Europe”, en *Cahiers Bleus. Cahiers du Parti Républicain Syndicaliste*, n° 111, 1931.

<sup>159</sup> V. A. Sarraut, *Grandeur et servitude coloniales*, pp. 77 y 113.

la viabilidad a corto plazo de una federación europea beneficiaria del “condominio de África”.

De acuerdo en los principios con uno de los máximos expositores de ese programa, Coudenhove-Kalergi, Bouthoul pone en duda las posibilidades reales de éxito de un plan de esas características<sup>160</sup>. En *Pan-Europa* resalta su autor las “razones políticas” de la federación europea y la explotación racional del imperio colonial africano. No solo se garantiza así la estabilidad territorial de África, sino también la participación en el mismo de los *have-not*, los países europeos ausentes del reparto colonial, particularmente Alemania<sup>161</sup>, cuya contribución será decisiva para la generación de riqueza en África. El cultivo de diversos sectores del Sáhara, la erradicación de endemias como la enfermedad del sueño y el impulso al poblamiento blanco del África son algunos de los remedios que propone Coudenhove-Kalergi<sup>162</sup> y que Bouthoul contempla con muchas reservas. Entre otras, la que opone a la aclimatación masiva del hombre blanco en las zonas tropicales<sup>163</sup>.

Encuentra Bouthoul, además, una objeción polemológica de primer orden a la utopía del inventor del paneuropeísmo: ¿acaso no están llamados a transformarse en puntos de fricción y conflicto, en la medida en que se concreten, los vagos anhelos de paz del federalismo eurafricano? Por no mencionar la guerra comercial desencadenada por la competencia y otras dificultades propiamente económicas: la heterogénea composición de las balanzas comerciales de los Estados europeos, es decir, la diversidad de sus respectivos mercados; la inutilidad de la “economía planista” fuera de países como Rusia; la debilidad de los mercados interiores africanos para absorber la producción europea de bienes de consumo. ¿Habría que renunciar a los planes económicos globales? Sí, al menos en las

<sup>160</sup> V. GB, “L’Afrique et les États-Unis d’Europe”, en *Revue d’Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, p. 49. Cfr. R. N. Coudenhove-Kalergi, *Pan-Europa*, pp. 42-44 y 177-178.

<sup>161</sup> Idea que no es rara en autores franceses. Guernier pondera “la acción concertada de las potencias europeas, tarea a la que Alemania, desprovista de posesiones africanas, también debe ser convocada”. V. É.-L. Guernier, *L’Afrique champ d’expansion de l’Europe*, p. 90.

<sup>162</sup> También propone la permuta de las colonias inglesas del África occidental por las francesas del África oriental. V. R. Coudenhove-Kalergi, *Pan-Europa*, pp. 57 y 178.

<sup>163</sup> Bouthoul no ve analogía entre el poblamiento blanco de África y el de los Estados Unidos de América. Mas no por diferencias con respecto a la libre entrada de inmigrantes, pues como puntualiza él mismo, cualquier europeo puede establecerse libremente en África, con la única excepción de Sudáfrica. El problema no es ése, sino que no hay grandes masas dispuestas a afincarse en África. No se puede convocar a los colonos para abandonarlos después a su suerte. El problema de África no es cuestión de pioneros, sino de organización y capitales. V. GB, “L’Afrique et les États-Unis de l’Europe”, en *Revue d’Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, pp. 52-54.

condiciones de la época. Aventura mejores resultados para una política prudente que persiga objetivos realizables y concretos, limitados. Un ejemplo: la progresiva sustitución de los productos que Francia exporta de Asia o Hispanoamérica, por otros producidos en las colonias francesas. En algún lugar dirá Bouthoul que el francés es el genio de las empresas limitadas: *Le génie français et mal à l'aise dans l'illimité*<sup>164</sup>.

En último análisis, lo que Bouthoul reprocha a Coudenhove-Kalergi es que sus planes eurafricanos disimulen la censura de la labor de Francia en África, dejando caer que la metrópoli no hace lo suficiente para explotar las colonias<sup>165</sup>. Sutil forma de vetar su dominación. Coudenhove-Kalergi critica que Francia no invierta en sus colonias el ahorro que coloca en el extranjero, pues ve en ello el síntoma de la incapacidad francesa para hacer rendir su riqueza financiera... El conde Coudenhove-Kalergi, argumenta Bouthoul, “acostumbrado a los países de la Europa central, en los que reina la idea de una economía nacional, apenas comprende la paradójica situación de la economía francesa”<sup>166</sup>. Bouthoul, estudioso profundo de la economía colonial y sus desequilibrios monetarios y comerciales, opina con conocimiento de causa. Pues, en efecto, constituye una paradoja de la colonización francesa la relativamente escasa exportación de capitales al imperio, encontrando estos flujos más garantías en países terceros. La República es en África gendarme y preceptor, tutor de derechos y educador, pero no ha sabido dirigir ni planificar el desarrollo económico<sup>167</sup>.

No abundan los estudios sobre la bonanza económica del África francesa durante los años veinte; tampoco sobre la severa crisis que la golpea a partir de 1931<sup>168</sup>. Esto le da un valor especial a los estudios sobre la economía colonial, en particular de Túnez y Argelia,

---

<sup>164</sup> V. GB, “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d'Afrique*, n° 13, 1935, p. 19.

<sup>165</sup> Con anterioridad también ha subrayado las deficiencias de la política económica colonial de Portugal y Bélgica, metrópolis “que no administran correctamente sus imperios africanos”. V. R. N. Coudenhove-Kalergi, *Pan-Europa*, p. 177.

<sup>166</sup> V. GB, “L'Afrique et les États-Unis d'Europe”, en *Revue d'Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, p. 56.

<sup>167</sup> GB, “Production coloniale et économie national”, en *Revue d'Afrique*, n° 8, mayo-junio 1931, p. 35.

<sup>168</sup> Es todavía referencia obligada *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. LXIII, n° 232-233, 1976, monográfico en dos tomos, dirigido por C. Coquery-Vidrovitch, bajo el título “L'Afrique et la crise de 1930 (1924-1938)”.



publicados por Bouthoul durante los años treinta<sup>169</sup>. Su orientación teórica es la del monetarismo, doctrina en la que encuentra una interpretación generalizable de las causas de toda crisis económica. Por otro lado, Bouthoul es partidario de la intervención del Estado, instancia ordenadora necesaria, mas no es el suyo un “estatismo” como el socialista, sino más bien como el que en los años treinta se configura en el ordoliberalismo alemán. El fracaso de lo que denomina “liberalismo absoluto” –expresión que coincide con lo que Wilhelm Röpke llama “paleoliberalismo”– se debe, a su juicio, al exceso de dinamismo de las economías liberales, causa de la terrible inseguridad económica y psicológica que según la escuela adleriana explica la aparición del socialismo<sup>170</sup>.

Dadas las circunstancias de las colonias, el planismo económico, una suerte de anti-azar<sup>171</sup>, es necesario en África, pero “en la inmensa mayoría de los casos nada puede suplir a la iniciativa privada y la libertad en materia económica”<sup>172</sup>. Ajeno a cualquier forma de

<sup>169</sup> El análisis bouthouleano de la crisis coincide con la explicación de la misma ofrecido por C. Coquery-Vidrovitch, “L’Afrique coloniale française et la crise de 1930: crise structurelle et genèse du sous-développement”, en *Revue Française d’Histoire d’Outre-Mer*, vol. LXIII, n° 232-233, pp. 386-424.

<sup>170</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 281-282 y 314.

<sup>171</sup> Bouthoul, con la mayor naturalidad, se refiere a las políticas regulatorias como “una reacción contra la incertidumbre” (*une réaction contre les hasards*). Expresión casi idéntica a la popularizada en los años sesenta por Pierre Massé, Comisario General del Plan. GB, “Vers un nouveau Pacte colonial”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1932, p. 12. *Cfr.* P. Massé, *Le plan ou l’anti-hasard*, Gallimard, París 1965. La obra de Massé constituye una exposición clásica de los principios de la planificación francesa de posguerra, anticipada desde mediados de los años veinte por Henri de Man y Bertrand de Jouvenel entre otros.

<sup>172</sup> GB, “Production coloniale et économie nationale”, en *Revue d’Afrique*, n° 8, mayo-junio 1931, pp. 41-42. Unas páginas antes (p. 38) señala también los perjuicios del proteccionismo para el consumidor, cautivo de las oligarquías. *V.* además su incidental pero inequívoca crítica del planismo absoluto y los sistemas de racionamiento, causa del “despilfarro improductivo”: GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 345-6. En el mismo lugar defiende Bouthoul el “plebiscito del consumidor” y la “libertad de elegir”, dos aspectos básicos del neoliberalismo renovado a partir del Coloquio Lippmann. No hay referencias en su obra a la “nebulosa heterogénea” de los economistas y escritores políticos liberales reunida en París en 1938. Lo cual, por otro lado, resulta irrelevante, dado el carácter más bien sobrevenido y *post festum* de su fama. *Cfr.* S. Audier, *Le colloque Lippmann. Aux origines du ‘néo-libéralisme’*, Le Bord de l’Eau, París 2012. También demuestra conocer Bouthoul los aspectos psicologistas del *Austrian Economics*: la teoría subjetiva del valor (GB, *Éléments de psychologie sociale*, p. 25; GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 154; *Traité de sociologie*, t. II, p. 291). Para la crítica de la autarquía y el control del comercio internacional por la contingentación, cuyo erróneo presupuesto es la atribución a la economía de un carácter estanco: GB, “Vers un nouveau Pacte colonial”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1932, pp. 10-12. La autarquía no solo no es deseable, sino que tampoco es factible. GB, “Les transferts coloniaux”, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, p. 21. Otro detalle liberal del pensamiento económico de Bouthoul es su crítica a la doctrina del pleno empleo, que compara con el trabajo forzoso del *Speenhamland System* (y sus atencedentes medievales), recogido por las *Poor Laws* inglesas. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 116. *Cfr.* M. Moix, “El *Speenhamland System* o el subsidio de los salarios en períodos de crisis. Examen crítico de una curiosa experiencia histórica”, en *Revista de Política social*, n° 108, diciembre 1975, pp. 5-14. O la distinción, característicamente ordoliberal, entre “laisser

doctrinarismo<sup>173</sup>, el autor subraya no obstante el primado de los hechos sobre las teorías económicas (*les faits son souvent plus fort que les théories*). Así pues, librecambismo y proteccionismo tienen su razón de ser histórica y su valor estriba en la capacidad adaptativa de cada uno para hacer frente a situaciones nuevas<sup>174</sup>.

Bouthoul expresa con claridad su doctrinarismo monetario al estudiar los ritmos sociales en el primer tomo del *Traité de sociologie*. Razonando por analogía, Bouthoul cala en los síntomas de las crisis económicas antiguas –Grecia y Roma– y modernas –Europa, Estados despóticos orientales<sup>175</sup>–. A su juicio, no hay crisis que en última instancia no se halle ligada al sistema monetario. Incluso las llamadas crisis de superproducción contemporáneas encuentran su causa en la variación de la magnitud de la masa monetaria en circulación (M3), mucho mayor en la medida en que se desarrollan los nuevos medios de pago. Por eso precisamente se atenúa el alcance de las crisis en las sociedades menos monetarizadas. Hay pues una “correlación entre moneda y crisis”, dependiendo la gravedad de esta del “lugar que ocupa la moneda en la existencia del grupo”<sup>176</sup>.

También la crisis norteafricana tiene a su parecer causas monetarias, al menos por lo que respecta a los factores estimulantes de la prosperidad, determinantes del sobreendeudamiento privado y la sobreinversión durante el periodo de máxima bonanza económica (1926-1929)<sup>177</sup>. La crisis, sobre todo en Túnez, es presentada desde el punto

---

*jouer [faire] las leyes económicas” y “faire jouer las leyes económicas. GB, Traité de sociologie, t. II, p. 312. En el mismo lugar, más adelante, rechaza los monopolios, por supuesto el económico, pero sobre todo el de las ideas: “la institución de monopolios [...] aumenta las posibilidades del error” (p. 333). Utiliza el mismo razonamiento para desechar el monopolio de un “Estado único”, pues este “no permite ni la división de los riesgos ni la compensación de los errores”. GB, Avoir la paix, p. 67.*

<sup>173</sup> Por lo demás, Bouthoul, colonial declarado, raramente se pone al servicio de intereses particularistas. Parece confirmar la regla su alegato patriótico a favor del régimen del trabajo obligatorio en Madagascar, suprimido por recomendación de la Sociedad de Naciones y criticado duramente por Alemania y los Estados Unidos, precisamente las potencias que han impuesto la conscripción general a escala gigantesca. GB, “Du travail obligatoire colonial au service du travail contre le chômage”, en *Revue Politique et Parlementaire*, XLV, n° 527, 10 de octubre 1938, p. 85.

<sup>174</sup> GB, “Vers un nouveau Pacto colonial”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1932, p. 13.

<sup>175</sup> Bouthoul aplica a la decadencia de estos últimos su doctrina monetaria. En varios lugares, pero sobre todo en su estudio “Le contact de deux systèmes monétaires”, en *Annales du Droit et des Sciences Sociales*, n° 4, 1936, pp. 85-96, explica de qué modo la elasticidad y dinamismo de los sistemas fiduciarios occidentales propicia el endeudamiento de los estados que solo disponen de reservas de metales preciosos. Reservas acumuladas durante siglos y agotadas en unas pocas décadas. V. también GB, “La dévaluation à travers l’histoire”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 3 de octubre 1936, p. 3.

<sup>176</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 153 y 345.

<sup>177</sup> GB, “Les transferts coloniaux”, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, p. 23.

de vista del mercado interior como “anemia monetaria”, como “hemorragia” si se tiene en cuenta la deficitaria balanza comercial. La cuasi unión aduanera de Argelia y la relativa libertad comercial del protectorado de Marruecos reservan para Túnez lo peor del “pacto colonial” y ninguna de sus ventajas: la reserva del mercado tunecino a favor de los productores franceses y el sometimiento de sus productos a un régimen aduanero que los deja desprotegidos frente a las importaciones de terceros países<sup>178</sup>. Teniendo en cuenta la devaluación del dólar y la libra, las desventajas para Túnez aumentan exponencialmente con el “pacto colonial de dirección única” (*pacte colonial à sens unique*)<sup>179</sup>, pues tampoco es libre para devaluar y contrarrestar la relativa carestía de sus mercaderías. Consecuencia de ese sistema es la bajada generalizada de precios, el hundimiento del mercado interior y la capacidad de compra de colonos e indígenas. Mejor le iría a Túnez, tal vez, con un régimen de librecambio<sup>180</sup>.

El desplome de los precios internacionales ha estimulado también el déficit presupuestario, bloqueado por el elevado coste del servicio de la deuda y por la caída de la recaudación fiscal. La reacción de la administración colonial, absorbiendo una parte muy importante de la masa monetaria vía impuestos, agrava la “anemia monetaria” de las colonias, abocadas a una regresión social que pone en riesgo sus logros en el plano cultural: “un siglo de colonización y la estabilidad del norte de África están en peligro por la política monetaria de Francia”<sup>181</sup>.

La carestía de la moneda destruye el comercio local y perjudica a los prestatarios, cuyas tierras y negocios son subastados judicialmente en ejecución de los créditos impagados. Las expropiaciones inmobiliarias merecen un comentario aparte, pues destruyen el campesinado y el artesanado, comidos por las deudas contraídas en el ciclo expansivo. Solo un “conservadurismo inteligente”<sup>182</sup> como el del regente Peyrouton puede evitar la

---

<sup>178</sup> GB, “Les problèmes tunisiens”, en *Revue de Paris*, XLI, n° 23, 1 de diciembre 1934, p. 634.

<sup>179</sup> GB, “L’expérience actuelle et les colonies. Avant et après la Conférence Impériale”, en *Revue de Paris*, XLIII, n° 22, 15 de noviembre 1936, p. 306.

<sup>180</sup> GB, “La circulation monétaire aux colonies”, en *Revue d’Afrique*, n° 15, 1936, p. 9.

<sup>181</sup> GB, “La balance des comptes et les transferts coloniaux”, en *Revue d’Afrique*, n° 14, 1936, p. 29.

<sup>182</sup> Expresión que Bouthoul utiliza en varias ocasiones en 1936, cuando las tardías medidas anticíclicas comienzan a aliviar a situación económica colonial: GB, “Le redressement tunisien”, en *Revue Politique et Parlementaire*, XLIII, n° 496, 10 de marzo 1936, p. 513 y “La balance de comptes et les transferts coloniaux”, en *Revue d’Afrique*, n° 14, 1936, p. 29.

proletarización del indígena (además de la ruina del país del colono). Destaca Bouthoul la pertinencia de una caja de consolidación, dedicada al crédito agrícola, pero sobre todo el acierto de la regencia al ocuparse de las deudas a través de una Caja Inmobiliara de Túnez (*Caisse Foncière Tunisienne*), remedio ideado por la técnica financiera para retirar los créditos apalancados –con quitas del cuarenta por ciento– y, en su lugar, poner en circulación títulos sanos, de interés conocido y de fácil negociación<sup>183</sup>. En la misma línea se desarrollan también las propuestas de la Conferencia Imperial: revisión de la fiscalidad, reducción de la carga presupuestaria, desarrollo de los productos locales y realización de obras públicas de utilidad inmediata<sup>184</sup>.

### 3. El fenómeno-colonización

En septiembre de 1934 Bouthoul rinde homenaje a Georges Hardy, rector de la universidad de Argel desde 1932. Subraya la importancia de sus libros capitales sobre la historia de África, la psicología del indígena (*l'âme d'Afrique*) y los grandes problemas coloniales de Francia<sup>185</sup>. Al mismo tiempo destaca que “el fenómeno colonial, aunque se

---

<sup>183</sup> GB, “La Caisse Foncière Tunisienne”, en *Revue Politique et Parlementaire*, XLIV, n° 511, 10 de junio de 1937, p. 449. Se trata de “una de las creaciones financieras más osadas e ingeniosas propiciadas por la crisis en materia de ordenación y liquidación de un endeudamiento excesivo” (p. 452), emparentada con los actuales Fondos para la Reestructuración de los Activos Financieros o *Bad Banks*.

<sup>184</sup> GB, “L'expérience actuelle et les colonies. Avant et après de la Conférence Impériale”, en *Revue de Paris*, XLIII, n° 22, 15 de noviembre 1936, pp. 306-308. La última palabra, hasta la fecha, sobre la economía de las dos Francias, la metropolitana y la ultramarina, presentada fundamentalmente como una carga sumamente onerosa, es la de Jacques Marseille. V. J. Marseille, *Empire colonial et capitalisme français. Histoire d'un divorce* (1984), Albin Michel, París 2005. En 1956 hace fortuna en la opinión pública francesa la tesis de Raymond Cartier, inmediatamente denominada *cartierismo* (*cartiérisme*), sobre las ruinosas inversiones francesas en África. Cartier, periodista, publica en *Paris Match* una serie de artículos titulada “En Afrique Noire avec Raymond Cartier”. Lamenta en ellos, por ejemplo, la construcción en las colonias de cincuenta mil kilómetros de carreteras asfaltadas, de doscientos quince mil de pistas transitables en cualquier estación, de dieciocho mil de vías férreas, de sesenta y tres puertos bien equipados, de ciento noventa y seis aeródromos, de doscientos veinte hospitales dispensadores de cuidados y medicación gratuitos, etc. Sobre el cartierismo: GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, pp. 83-84, B. Lugan, “Un empire ruineux”, en *Enquête sur l'Histoire*, n° 8, otoño 1993, p. 73 y, del mismo, *Osons dire la vérité à l'Afrique*, Éditions du Rocher, Mónaco 2015, p. 179.

<sup>185</sup> V. GB, “Colonisation comparée. L'oeuvre de Georges Hardy”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 22 de septiembre 1934, p. 8. Cfr. G. Hardy, *Vue générale sur l'histoire d'Afrique* (v. la reseña de GB en *Revue d'Afrique*, n° 2, noviembre-diciembre 1928, pp. 43-48). Del mismo, citados también por Bouthoul en el

diga otra cosa, constituye el gran hecho histórico del siglo [XIX]”. Supera a todos los demás por sus consecuencias políticas y económicas, pero sobre todo, tal vez, sociológicas, pues el fenómeno-colonización pone fin al aislamiento secular entre razas o tipos humanos. Y esto de manera perdurable y más intensa que el comercio y la guerra.

Un proceso de esa magnitud debía tener como presupuesto una ciencia de las colonias, pero no ha sido así, adelantándose la conquista o incorporación histórica al conocimiento de esos pueblos. “Desajuste entre la toma de posesión y la encuesta científica”<sup>186</sup> que a Delavignette le parece “trágico”. La sociología colonial, tardíamente desarrollada, se da como misión colmar algunas de esas lagunas en el conocimiento del paisanaje indígena, en concurrencia sobre todo con la historia, la geografía humana y la etnología. Considerada a veces emanación ideológica, destinada a justificar la dominación metropolitana, lo cierto es que, a juicio de sus cultivadores o partidarios, la sociología colonial es mayormente un “empirismo clínico”<sup>187</sup>. Mas hay quien, a pesar de todo, considera que la sociología colonial es una disciplina frustrada, acaso a medio constituir, pues no ha contando ni con revistas propias, ni con una sociedad especializada, expresión de una deficiente autonomía científica. Su balance sería pobre, al menos en Francia: la obra de Maunier y su seminario de etnología jurídica. En este sentido, François Leimdorfer<sup>188</sup> establece que una sociología colonial en términos rigurosos nunca ha existido, sino que esta se ha constituido más bien, con respecto al movimiento colonizador y sus realizaciones, como una reconstrucción *post festum*, reelaboración de un material hasta cierto punto heterogéneo determinada por la conmoción que supone la irrupción de la ideología y el hecho de la descolonización. Desaparecida como disciplina autónoma después de la Segunda Guerra Mundial por la fuerza del mencionado proceso descolonizador, deja un hueco en el cuadro de las ciencias sociales, agrandado al fundirse o verse absorbida por los estudios etnológicos y socio-económicos, etiqueta esta última capaz de albergar exploraciones de lo

---

artículo de *Les Nouvelles Littéraires. L'âme marocaine d'après la littérature française*, É. Larose, París 1926, *L'art nègre*, H. Laurens, París 1927 (v. la extensa reseña de B. Helfenbein en *Revue d'Afrique*, nº 1, 1928, pp. 44-51) y *Nos grands problèmes coloniaux*, Armand Colin, París 1929. Finalmente, v. la reseña de GB sobre G. Hardy, *Géographie et colonisation* (Gallimard, París 1933), en *Revue d'Afrique*, nº 12, agosto-septiembre 1930, pp. 33-34.

<sup>186</sup> V. R. Delavignette, *Cristianismo y colonialismo*, p. 36.

<sup>187</sup> V. R. Delavignette, *Cristianismo y colonialismo*, p. 35.

<sup>188</sup> V. F. Leimdorfer, “Objets de la sociologie coloniale. L'exemple algérienne”, en *Tiers-Monde*, vol. XXIII, nº 90, 1982, espec. pp. 279-282.

más dispar, desde una vindicación ideológica del tercermundismo a los estudios más cabales sobre las transformaciones experimentadas por los nuevos Estados.

Pero la sociología colonial, con todas sus limitaciones, constituye una sociología especial a juicio de Bouthoul. Aunque no se ocupa de ella en estudios monográficos o sistemáticos, es claro al respecto en diversas obras y cursos de la posguerra. Así, en *Histoire de la sociologie* señala que la sociología colonial es una rama autónoma de la sociología dinámica. La violencia desempeña en ella una función muy secundaria, al menos con respecto a su centralidad para la polemología<sup>189</sup>. Existe gran semejanza entre una guerra de conquista y una campaña colonial, episodio accidental en la política ultramarina. Este asunto, que Bouthoul menciona de pasada, tiene su trascendencia, pues no toda ocupación colonial es sinónimo de violencia. En realidad, la conquista es solo una forma, ni siquiera la más frecuente, de la colonización; también hay que contar, como recordaba insistentemente René Maunier para aclarar la confusión, con la ocupación de tierras deshabitadas y la adquisición instrumentada por tratados, contratos u otro tipo de arreglos<sup>190</sup>. Constituye un error “de naturaleza histórica y dogmática” la asimilación del fenómeno colonial con la conquista, pues en último análisis la colonización exige necesariamente la radicación en un suelo extranjero de un grupo alógeno, pero no el combate con sus habitantes aborígenes<sup>191</sup>.

En las lecciones de un curso sobre psicología social profesadas hacia finales de los años cuarenta, Bouthoul expone que la “sociología colonial desempeña un papel muy importante en la psicología social”. Las dificultades inherentes a la experimentación sociológica hacen de la colonización un fenómeno sin par, pues en ella se observan los

---

<sup>189</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 124.

<sup>190</sup> V. R. Maunier, *Des comptoirs aux empires*, p. 7. Esta especie de clasificación maunieriana de los “títulos adquisitivos” de las colonias tiene su importancia por contraste con las nuevas ideas que sobre estos procesos se divulgan después de la Segunda Guerra Mundial. La historia de la colonización es, se viene a decir mediado el siglo pasado, una parte de la historia universal de la violencia, incluso del crimen y la infamia... Afirmaciones como esta, independientemente de su debilidad, apartan el foco del aspecto primordial del colonialismo: la transferencia de capitales, instituciones, hombre, mentalidades en suma, de unas regiones a otras de la tierra.

<sup>191</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, pp. 15-17.

“resultados del contacto entre dos tipos de mentalidades”<sup>192</sup>, siendo la mentalidad el elemento central de toda psicología social<sup>193</sup>.

### 3.1. Un acontecimiento sociológico de primer orden

“El fenómeno colonial [constituye] una forma acelerada de difusión de técnicas y transformación de las mentalidades”<sup>194</sup>, siendo esto último su caracterización sociológica palmaria. “Acontecimiento de alcance sociológico” lo denomina en *Sociologie de la politique*, distinguiendo esta categoría de los acontecimientos políticos, “meramente funcionales” (regulares, periódicos) y los “acontecimientos históricos” (periodomorfos)<sup>195</sup>. Los acontecimientos sociológicos, sin periodicidad definida (*sans périodicité*) y consecuentemente imprevisibles<sup>196</sup>, “marcan la evolución de la humanidad, pues provocan el paso de un tipo de civilización a otra o, cuando menos, perturbaciones profundas, generadoras de nuevas formas de equilibrio”<sup>197</sup>. En este sentido, la colonización tiene efectos revolucionarios (*une colonisation vaut une révolution*). No tanto la que ocupa desiertos o zonas poco pobladas, sino la “colonización transformadora de las masas humanas autóctonas”<sup>198</sup>.

---

<sup>192</sup> GB, *Introduction a la psychologie social (2ème partie)*. Institut Supérieur d’Urbanisme Appliqué, Bruselas 1947, p. 8.

<sup>193</sup> Revelador de las lecturas e intereses de Bouthoul antes de desarrollar sistemáticamente la polemología son las citas de R. Maunier con las que abre y epiloga sus *Éléments de psychologie sociale: Introduction à la sociologie* y *Sociologie coloniale*. Maunier es también uno de sus maestros. Les acercan los libros que Bouthoul lee e incluso reseña en un par de ocasiones para la *Revue Internationale de Sociologie*, pero también, según todos los indicios, el diálogo en el Instituto Internacional de Sociología, en la *Colo*, en la Escuela Superior de Estudios Sociales y en el seminario sorbónico de etnología jurídica. Debo limitarme aquí a señalar por encima estos elementos, develadores de su poco conocida compenetración intelectual.

<sup>194</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 124. La colonización como hecho social se plantea lógicamente en el plano de las categorías colectivas: la relación colonizador-colonizado es por ello una relación no solo colectiva, sino también “política”, según Bouthoul, ajena a los fenómenos de intercambio y asimilación de las relaciones individuales, no-políticas o prepolíticas. Esta alusión a la *naturaléza política* del fenómeno-colonización en GB, *Le défi de la guerre*, p. 125, nota 1.

<sup>195</sup> GB, *Sociologie de la politique*, pp. 41-42. Bouthoul limita su clasificación a los acontecimientos políticos (*événements politiques*), pero sin duda los trasciende.

<sup>196</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 44.

<sup>197</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 43.

<sup>198</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 43.

Bouthoul formula una especie de ley sociológica del “fenómeno colonización” (*phénomène colonisation*) para puntualizar que el cambio de las instituciones precede al cambio de las mentalidades<sup>199</sup>. En resumidas cuentas, la colonización supone la irrupción en una cultura de las categorías de otra a través del nuevo derecho y la nueva organización y jerarquías sociales<sup>200</sup>. Pero también supone, lo que a veces se olvida, la mutua impregnación<sup>201</sup>, para lo que no es óbice el desnivel entre los medios técnicos a disposición de coloniales y colonizados<sup>202</sup>.

La colonización como forma del contacto entre pueblos tiene manifestaciones duraderas e irreversibles, las cuales siguen operando incluso cuando las posiciones de dominio metropolitanas se han removido. “El acto jurídico (ley o tratado) o la situación de hecho [que lo anticipan] no cancela la colonización, cuyos efectos se producen todavía durante años e incluso décadas”<sup>203</sup>. O siglos, como atestigua la “cristianización”, según Bouthoul una “variante del fenómeno-colonización”<sup>204</sup>. En su exhaustiva tipología colonial distingue Maunier, por su “motivación”, entre un colonialismo “político”, “económico” y “teológico” o “proselitista”. A este último pertenecería justamente el “cristianismo”<sup>205</sup>, abocado a un reflujo, según Bouthoul, por estar “manchado de colonialismo”<sup>206</sup>. El rechazo del cristianismo en algunos de los nuevos países independientes es en realidad una faceta de la crítica a Occidente, generalizada en todo el mundo. Occidente, más bien Europa, es “culpable”, solía decir el ironista Julien Freund, “de los servicios prestados”<sup>207</sup>. Más o menos desdibujada, esa idea trasmina la poderosa ideología antieuropea de la

---

<sup>199</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 95.

<sup>200</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 45.

<sup>201</sup> GB, *Le défi de la guerre*, p. 125.

<sup>202</sup> Sobre el “desnivel técnico” como criterio del fenómeno-colonización GB, *Histoire de la sociologie*, p. 124.

<sup>203</sup> GB, *Le défi de la guerre*, p. 125.

<sup>204</sup> GB, *Le défi de la guerre*, p. 125. Por eso precisamente vaticina Bouthoul un retroceso del cristianismo, “tachado de colonialismo”, en los países descolonizados.

<sup>205</sup> V. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, pp. 42-43. Según Maunier, las misiones ocupan un lugar destacado en la historia de la colonización.

<sup>206</sup> GB, *Le défi de la guerre*, p. 125.

<sup>207</sup> V. J. Freund, *El fin del Renacimiento*. Belgrano, Buenos Aires 1981, pp. 35 ss. Curiosamente, a juicio de este sociólogo, el reflujo del cristianismo (aspecto sociológico o demográfico de la secularización) se ha producido más bien en Europa, fenómeno en el que se dilucida la “independencia del hecho cristiano y el hecho europeo” (p. 96).



descolonización, uno de los retornos violentos de la colonización (*choc en retour de la colonisation*)<sup>208</sup>.

Entre los “servicios prestados” hay que contar la difusión en las colonias de “los beneficios innegables de la civilización occidental”. Cosa distinta es que los progresos introducidos, modestos si se quiere, hayan sido destruidos por la superpoblación<sup>209</sup>. Esta es la argumentación de Bouthoul. Europa se ha conducido en las colonias como el “padre imprevisor” que abandona a su prole sin cumplir con sus obligaciones. La desbandada europea se refleja a su juicio en la retirada de las grandes colonias, consumada generalmente sin efusión de sangre. Las superpobladas colonias se perciben más bien como un fardo muy pesado que Europa no puede ya portear. Es el “sálvese quien pueda” de la descolonización. Pues el padre imprevisor lo es también, sostiene Bouthoul, por sus muchos hijos habidos. Son los “absurdos de la colonización europea de los siglos XIX y XX”, una obra moralmente y económicamente deficitaria que pretendía justificar su éxito con gráficos sobre el portentoso crecimiento demográfico. Bajo la dominación holandesa Java pasa de dos a cincuenta millones de habitantes; la India, colonia inglesa, de setenta a trescientos cincuenta millones; Argelia, de uno a doce millones. Todo en poco más de siglo y medio<sup>210</sup>.

La irresponsabilidad demográfica de la dominación europea, causante de una “superpoblación desordenada”, ha destruido los efectos del progreso. Pero habrá quien se sorprenda de la generalización de la miseria cuando se establecen prestaciones familiares de apoyo a la natalidad en países semidesérticos, en los que una población masculina proclive a la ociosidad y desocupación voluntaria practica la poligamia... Estas políticas de la administración francesa en el norte de África, concluye Bouthoul, ahora apartando la ironía, hacen más lucrativa la poligamia e incluso estimulan el tráfico de mujeres núbiles<sup>211</sup>. Por si este factor no tuviese suficiente repercusión en la estructura demográfica

---

<sup>208</sup> GB, *Le défi de la guerre*, p. 120. Entre los internos se cuentan la destrucción de las infraestructuras, las deportaciones masivas, el genocidio y la balcanización del continente.

<sup>209</sup> Y sin duda también por una gobernación nefasta que explica la añoranza (creciente) de la “dominación colonial”.

<sup>210</sup> GB, *La surpopulation*, pp. 80-81.

<sup>211</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 114-115. Las políticas natalistas, que en Francia podían favorecer un embarazo “porque Ernest necesita un ciclomotor” (p. 115), generan en el pequeño funcionario africano, beneficiario de las mismas o parecidas ventajas sociales, conductas fantásticas: con la prima por

colonial, se extiende también, impulsada por el cine, la aspiración impaciente a un mejor nivel de vida. El factor psicológico supone por sí mismo un agravamiento de los problemas demográficos, pues, como se dice en el mismo lugar, “multiplica las necesidades inmediatas de producción y consumo”<sup>212</sup>.

### 3.2. La descolonización

La faceta “descolonizadora” del fenómeno-colonial está presente en los estudios polemológicos de Bouthoul, particularmente en la gran encuesta cuantitativa sobre las guerras acaecidas entre 1714 y 1974<sup>213</sup>, y en diversos estudios, notas y reseñas bibliográficas publicadas en *Guerres et Paix* y *Études Polémologiques*<sup>214</sup>, generalmente conexos con los problemas geopolíticos de la descolonización. Las “Crónicas de la agresividad en el mundo” recogen también, en las dos revistas citadas, la relación circunstanciada de los conflictos de naturaleza colonial (vestigios coloniales) o postcolonial bajo la rúbrica “Conflicto en un contexto general de descolonización”<sup>215</sup>. El ejemplo puro del tipo de conflicto “de descolonización” (*conflict de décolonisation*) es la guerra de guerrillas en las colonias africanas de Portugal (Mozambique, Angola y Guinea portuguesa), cuyas vicisitudes y desenlace sigue atentamente el Instituto Francés de Polemología desde 1968<sup>216</sup>. “El último gran imperio colonial, el portugués, es también el primero en constituirse cinco siglos atrás”, observa Bouthoul<sup>217</sup>. Al menos en su sentido moderno,

---

matrimonio y por el primer nacimiento de una esposa virgen, el “funcionario-patriarca” se compra una nueva virgen, lo que le asegura una multiplicación de los subsidios familiares. “Ejemplo récord: un funcionario de bajo nivel de Porto Novo con 103 hijos ingresa por estos conceptos una indemnización superior a la del gobernador general”. GB, *La surpopulation*, p. 83. *Difficile est satiram non scribere*.

<sup>212</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 115.

<sup>213</sup> GB, *Le défi de la guerre*, pp. 121-122.

<sup>214</sup> Por ejemplo: L. Weiss, “Aden. Une situation belligène en Asie”, en *Guerres et Paix*, n° 1, 1966, pp. 18-44.

<sup>215</sup> La mayoría de conflictos registrados en Asia y África, no obstante su caracterización como “guerra civil de carácter político, étnico o religioso”, manifiesta una dimensión interior o nacional del proceso descolonizador.

<sup>216</sup> V. I. F. P., “L’agressivité”, en *Guerres et Paix*, n° 4, 1968, p. 78. La información señala el origen del conflicto en las distintas zonas del África portuguesa y la situación del mismo a lo largo del tiempo (independencia de Guinea-Bissau, pronunciamiento militar, negociaciones con los insurgentes, independencia de Mozambique, independencia de Angola). V. I. F. P., “Chronique de la violence mondiale (mai-juin 1975)”, en *Études Polémologiques*, n° 18, octubre 1975, pp. 81 y 83.

<sup>217</sup> GB, *Le défi de la guerre*, p. 122.

pues la colonización es proceso universal, “constante histórica”<sup>218</sup>, la expansión colonial de Europa abarcaría convencionalmente el periodo comprendido entre la conquista de Ceuta por una potencia europea (1415) y la independencia de Angola (1975)<sup>219</sup>.

Durante todo ese periodo se ha producido una lenta pero inexorable inversión de tendencias. En una primera fase Europa constituye una “zona de altas presiones por su juventud política, su demografía, su potencia energética [etc.]” cuyo potencial desbordante se desplaza hacia otras regiones de la tierra “escasamente pobladas, mal explotadas, [etc.]”, “zonas de bajas presiones” con respecto a las otras. Bruscamente a partir de 1918 y 1945 las zonas de altas presiones se trasladan al oeste y al sur de Europa, arruinada por las dos atroces guerras, depresión generadora de una zona de bajas presiones, si no tecnológica e industrial, al menos era así en los años setenta, sí demográfica e “incluso ideológica”<sup>220</sup>.

Le sobran pues motivos y ocasiones a Bouthoul para destacar las zonas de contacto entre la sociología colonial y la polemología, ramas ambas de la sociología dinámica<sup>221</sup>. Es normal que tome en consideración “la colonización-descolonización [como] principal contexto” de los 366 conflictos mayores registrados entre 1740 y 1974. De ellos estima Bouthoul que un porcentaje del 33% está ligado a la colonización europea (12%), a la descolonización (15%) y a las secuelas de la colonización, la descolonización y la sucesión de los imperios coloniales (6%)<sup>222</sup>.

---

<sup>218</sup> V. R. Delavignette, *Cristianismo y colonización*, p. 11. Sobre la universalidad y antigüedad de la colonización v. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 20.

<sup>219</sup> El proceso de descolonización, representado idealmente por la relación de territorios reconocidos como colonias por la O. N. U., sigue todavía abierto. No obstante, si se exceptúa el caso del Sáhara, cuya potencia administradora *de iure* es España, la magnitud de Angola permite considerar su independencia como el hito crepuscular del colonialismo europeo.

<sup>220</sup> GB, *Le défi de la guerre*, pp. 123-124. La descolonización, por lo demás, constituye un apartado de la decadencia europea o, en palabras de Luis Díez del Corral, del “raptó de Europa”. V. R. Aron, *Plaidoyer pour l'Europe décadente*. Robert Laffont, París 1977, pp. 254-297. L. Díez del Corral, *El raptó de Europa. Una interpretación histórica de nuestro tiempo*, Alianza Editorial, Madrid 1974, *passim*.

<sup>221</sup> Desde este punto de vista, en el que tanto pesa la tensión polemógena que genera la “toma de la tierra” por los estados europeos, Bouthoul contraponen la “expansión territorial europea en países de ultramar poblados por otras razas” (colonización) y la “emancipación de esos territorios” (descolonización). GB, *Le défi de la guerre*, p. 120.

<sup>222</sup> GB, *Le défi de la guerre*, pp. 65-66.

### 3.3. Autocolonización

Son muchas las tipologías elaboradas del fenómeno-colonización<sup>223</sup>. Bouthoul distingue entre “colonización clásica” y “autocolonización”. Mientras que la primera supone la “imitación de una civilización más adelantada impuesta por una autoridad extranjera”, la segunda consiste en la “imitación de una civilización extranjera impuesta a una nación por su dirigencia”<sup>224</sup>. Las dos promueven según Bouthoul, desde una perspectiva “macrosociológica”, un marcado desfase (*décalage*) entre la estructura social de la colonia y su mentalidad<sup>225</sup>. Generalmente, los cambios sociales exteriores o institucionales sobrevienen cuando la infraestructura mental ya se ha transformado internamente. Sin embargo, la característica sociológica principal del fenómeno-colonización es “la precedencia del cambio en las instituciones”, inductor de la mutación mental<sup>226</sup>.

La colonización clásica, a su vez, es bien “proselitista”, bien “indiferentista o reverencial”, según aspire a la conversión del indígena, al cambio de su mentalidad, o se abstenga de interferir en sus creencias, actitud generalizada a partir del siglo XVIII. Esto último tiene que ver con la relativa simplicidad de la penetración económica con respecto a la espiritual (*le moindre effort*), pero acaso más, sugiere Bouthoul, con el “espíritu timorato” (*timidité d'esprit*) de las metrópolis. Símbolo de la primera especie colonizadora bien podría ser el bautismo y de la segunda la vacunación<sup>227</sup>. El hecho nuevo en el siglo XX, especialmente en su segunda mitad, es la aparición de un “nuevo proselitismo” colonialista que afecta a buena parte del mundo. Se trata, nuevamente, de “[imponer] a los pueblos subyugados instituciones y creencias análogas a las del Señor”. Señala Bouthoul el ejemplo de Rusia,

---

<sup>223</sup> Una prueba de su riqueza en R. Maunier, *Sociologie coloniale*, pp. 39-50. Distingue primariamente una clasificación de hecho (en torno a la expresión sociológica más evidente de la colonización: la emigración) y otra de derecho (de naturaleza política, basada en la dominación). Separa después diversas categorías en la colonización-emigración, según la duración (*durée*), el grado (*degré*) y la motivación (*motif*), y en la colonización-dominación, según las cualidades de la presencia de la metrópoli en la colonia (sometimiento, asociación y separación).

<sup>224</sup> GB, *La surpopulation*, pp. 78 y 74. De algún modo, la actitud antagonista de la autocolonización impulsada por las elites es el misonerismo, determinado generalmente por las mismas elites. La dirigencia japonesa que en 1868 decide cancelar los tabúes que proscriben las novedades occidentales y dar curso *motu proprio* a la autocolonización es la misma que, hasta ese momento, los ha mantenido vigentes. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 438.

<sup>225</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 115.

<sup>226</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 94-95.

<sup>227</sup> GB, *La surpopulation*, p. 79. Sobre la “colonización por indiferencia” y su efecto fracturador de las sociedades tradicionales: GB, *Biologie sociale*, pp. 88-89.

cuya política en sus territorios musulmanes se aproximaba en su época zarista a la aplicada por Inglaterra en sus principados indios, mientras que la practicada por los sóviets (“conversión obligatoria a la doctrina marxista”) emparenta, *mutatis mutandis*, con la política americana de Felipe II<sup>228</sup>, ejemplo por otro lado de la que llama “colonización total”<sup>229</sup>.

Distinto fenómeno es la autocolonización, proceso en otras épocas dirigido o, si se prefiere, autoritario, pero que a partir de la Segunda Guerra Mundial se transforma en un mimetismo espontáneo asimilado por las comunidades más diversas, las cuales reniegan de sus costumbres ancestrales para incorporar formas de vida, instituciones y, por tanto, valores alógenos<sup>230</sup>.

La autocolonización tradicional está determinada por el mayor o menor misoneísmo de la clase dirigente, pues de ella, en última instancia, depende la aceptación o el rechazo de lo nuevo<sup>231</sup>. La occidentalización de Rusia bajo Pedro el Grande, la Era Meiji en el Japón, la laicización de Kemal Ataturk, el futurismo de los regímenes totalitarios, la revolución cultural de Mao o la modernización de la India<sup>232</sup>, incluso la modernización antimoderna de España bajo el régimen de Franco<sup>233</sup>, constituyen ejemplos clásicos de la autocolonización dirigida que impone coactivamente modelos extranjeros. El ejemplo de China tiene para Bouthoul un especial relevancia intelectual, pues supone “la introducción del *Organon* de Aristóteles a través de la adopción del marxismo”, abandonando costumbres milenarias y occidentalizando así la mentalidad<sup>234</sup>.

<sup>228</sup> GB, *La surpopulation*, p. 79.

<sup>229</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 46. Resulta característico en este tipo de colonización “la aclimatación integral” de los indígenas a la cultura metropolitana. Hasta el punto de generarse una nueva raza –en un sentido no biológico, sino cultural– en el caso de la Hispanidad. V. J. de Vasconcelos, *La raza cósmica*, Espasa-Calpe, Madrid 2004; M. García-Morente, *Idea de la Hispanidad*, Homo Legens, Madrid 2008; R. de Maeztu, *Defensa de la Hispanidad*, Rialp, Madrid 2007; R. Levene, *Las Indias no eran colonias*, Corregidor, Buenos Aires 1991.

<sup>230</sup> Cfr. R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 136. Se refiere Maunier a dos tipos de imitación de arriba abajo, es decir, del colonizado con respecto al colonizador: la imitación espontánea y la provocada.

<sup>231</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 437-438.

<sup>232</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 124; GB, *La surpopulation*, pp. 27 y 46; GB, *Biologie sociale*, p. 88.

<sup>233</sup> V. G. Maschke, *Verräter schlafen nicht*, edición de MAASS, S., Regim Verlag, Kiel 2011, p. 44.

<sup>234</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 46. Más allá de la socialización de China, el verdadero logro de Mao es “[el cambio de] la mentalidad del pueblo chino, imponiendo la lógica aristotélica y el método experimental

“[Después de la Segunda Guerra Mundial,] por vez primera, el espíritu de autocolonización (*esprit d'autocolonisation*) se ha extendido bruscamente a las masas”<sup>235</sup>. No son únicamente sus dirigentes, sino también las masas, quienes sustituyen la xenofobia por los celos y la envidia hacia el modo de vida occidental. Tal vez como elemento acelerador de la independencia<sup>236</sup>. Se desea una rápida implantación de las instituciones que en Europa ha costado siglos forjar<sup>237</sup>, lo que trae aparejado el descontento y la inestabilidad política permanente en los nuevos país. De alguna forma, la “erupción de necesidades” ha desestructurado los países subdesarrollados y acelerado la caída de los regímenes tradicionales<sup>238</sup>.

---

por el canal del marxismo, vencedor de Confucio”. GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 330.

<sup>235</sup> GB, *La surpopulation*, p. 74.

<sup>236</sup> Tesis de R. Maunier, *Sociologie coloniale*, p. 140, sobre la modernización del pueblo turco.

<sup>237</sup> La creación de nuevas instituciones es un proceso de cristalización lenta. Su *durée* excede ampliamente los plazos muchas veces perentorios e instantáneos del “préstamo” (*emprunt*) o la “imitación”, término este preferido por Bouthoul, pues préstamo sugiere “devolución”, mientras que la transformación de la estructura mental e institucional de los pueblos tiene consecuencias irreversibles. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 66 y 68.

<sup>238</sup> GB, *La surpopulation*, pp. 75 y 77.



## Capítulo 3

### Demografía

1. Pululación y amontonamiento: un alegato demográfico contra la cantidad.
2. Un crítico neomaltusiano del malthusianismo. 2.1. Malthus, ¿prescriptor moral o enemigo del género humano? 2.2. “Aunque no soy partidario de la tesis populacionista...” 2.3. Gaston Bouthoul, o el *anti-Sauvy*.
3. La mutación demográfica. 3.1. La insurrección silenciosa del descenso de la natalidad. 3.2. Estado de superpoblación y población dirigida. 3.3. La guerra, ¿expresión de las crisis de superpoblación?





En el “vasto movimiento de vidas humanas residen las causas profundas de los grandes acontecimientos históricos”<sup>1</sup>, escribe Gaston Bouthoul en el estudio sobre las variaciones de la natalidad y su compleja causalidad, particularmente la de su descenso (*dénatalité*). Es su aspiración decantar un criterio específicamente demográfico, válido para distintas épocas, integrador de los acontecimientos o sucesos históricos más diversos: la guerra, la mutación de las mentalidades, etc. Busca pues Bouthoul, con cautela, confiado en la nueva potencia de la “previsión demográfica” –cuyo giro proclama<sup>2</sup>– ciertas regularidades: los movimientos cíclicos de larga duración en la población<sup>3</sup> o las funciones y periodicidad de las guerras<sup>4</sup>. Demógrafo sui géneris, Bouthoul elabora una doctrina demográfica sugestiva que, no obstante sus lagunas y limitaciones, admite una precisa caracterización: la de la crítica neomaltusiana del malthusianismo y el examen de la mutación demográfica

---

<sup>1</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 46. Idea que comparten sociólogos y economistas de la época. Por ejemplo Corrado Gini y John M. Keynes. V. C. Gini, *Problemi sociologici della guerra*, Nicola Zanichelli, Bolonia 1921, *passim*. J. M. Keynes, *The Economic Consequences of the Peace*, Harcourt, Brace and Howe, Nueva York 1920, p. 15 (“Los grandes acontecimientos de la historia son causados frecuentemente por los cambios seculares en el crecimiento de la población...”). En un contexto muy distinto – el de la historia del cristianismo –, pero igualmente significativo, Pierre Chaunu ha destacado la importancia de un “mundo lleno” (*monde plein*), ocupado por un número creciente de almas a mediados del siglo XIII, en el desencadenamiento de las grandes mutaciones de la cristiandad occidental. V. P. Chaunu, *Le temps des Réformes. Histoire religieuse et système de civilisation. La crise de la chrétienté. L'éclatement (1250-1550)*, Fayard, París 1975.

<sup>2</sup> GB, “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I: *Théorie générale de la population*, Hermann et Cie Editeurs, París 1938, p. 63. Alfred Sauvy sentencia que “la demografía es el ámbito humano en el que la previsión puede practicarse con una mínima incertidumbre”. V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 253; el capítulo XIX de esa obra se ocupa justamente de la previsión demográfica. Bouthoul desaconseja no obstante las previsiones que vayan más allá del término de una generación, pues no es seguro que el futuro tenga las características del tiempo presente. Además, considera “extremadamente limitada” la información sobre los movimientos de la población en la historia. GB, *La population dans le monde*, pp. 228-229.

<sup>3</sup> GB, “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I: *Théorie générale de la population*, pp. 64 y 70.

<sup>4</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 174.

de la especie humana según la dialéctica metasociológica de la cantidad y la calidad del poblamiento (saturación y holgura demográficas). Doctrina que, doblando el cabo de la Segunda Guerra Mundial, le permite desarrollar una sociología particular de la guerra (polemología) e incoar, simultáneamente, una teoría de los ritmos sociales, una sociología del tiempo *in nuce*, y una teoría de los fenómenos sociales adaptativos, núcleo de su biología social.

Tiene el equilibrio demográfico diversos aspectos que Bouthoul no pasa por alto en su investigación. Con mayor o menor detalle se ocupa aquí y allá, no siempre de modo sistemático, de la clasificación de las sociedades por “tipos demográficos”<sup>5</sup>, de los efectos políticos de la demografía<sup>6</sup>, incluso de un cierto determinismo en la aparición de nuevas categorías políticas. “Nuestra época destaca por su indigencia creadora en las humanidades, el derecho, la filosofía y la moral, pero puede enorgullecerse”, escribe con un sarcasmo que suele exhibir únicamente cuando escribe sobre el pacifismo, “de un concepto político nuevo: el *genocidio*. Acaso el fruto más directo de la superpoblación”<sup>7</sup>. Variante provisionalmente incruenta del genocidio es la “guerra de úteros”<sup>8</sup> y su consecuencia ineluctable: la sustitución de una nación valetudinaria e infecunda por otra joven, fértil y pujante. También el nacionalismo, apunta en otro libro, es la expresión de un “complejo de saturación demográfica en un mundo que se angosta”<sup>9</sup>. El feminismo, igualmente determinado por la estructura demográfica, solo es posible en un contexto de disminución de nacimientos<sup>10</sup>.

El crecimiento y decrecimiento de la población, la presión demográfica (o el ritmo de sucesión de las generaciones y el envejecimiento de las sociedades) se presentan en

<sup>5</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 94 ss.

<sup>6</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 23. Según Hannah Arendt, la demografía es el presupuesto prepolítico de la política. “La natalidad, y no la mortalidad, puede ser la categoría central del pensamiento político”, pues “la política se basa en el hecho de la pluralidad de los hombres”. V. H. Arendt, *La condición humana*, Paidós, Barcelona 1996 y *¿Qué es la política?*, Barcelona, Paidós, 1997, p. 45.

<sup>7</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, Payot, París 1958, p. 33. El genocidio es una de las grandes derivadas del universo bélico, opinión de Bouthoul que inspira la más importante contribución de Hervé Savon a la polemología: v. H. Savon, *Du cannibalisme au génocide*, Hachette, París 1972.

<sup>8</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 290.

<sup>9</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 286.

<sup>10</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 260.

Bouthoul como causas o concausas, más bien, del dinamismo histórico. Es el mismo punto de vista, ciertamente equiparable en la economía general de su obra, expuesto por Thomas R. Malthus en su famoso ensayo de 1798 sobre el “principio de la población”<sup>11</sup>. Las mismas ideas, acaso con menos radicalidad, se registran también en la obra de no pocos economistas, sociólogos e historiadores contemporáneos de Malthus, por no mencionar, como hace él mismo, que “ya en épocas tan remotas como las de Platón y Aristóteles” se advierten las consecuencias “[derivadas] de un aumento demasiado rápido de la población”<sup>12</sup>.

Hay como una tendencia bien arraigada a emplazar “los movimientos de la población en un tiempo *anterior* a los [acontecimientos] históricos”<sup>13</sup>, a hacer de aquellos la causa de estos. Así lo reconoce Bouthoul. Mas no es difícil, por otro lado, detectar una presunción contraria: aquella que atribuye a los movimientos demográficos un carácter derivativo o subsecuente. Pues también muestra la historia que “los puntos de partida (por no decir las causas) de los grandes movimientos demográficos son las invenciones técnicas [avances médicos e higiénicos] y los hechos políticos [conquista de América]”<sup>14</sup>. Esta disyuntiva lógica se remonta finalmente a posiciones intelectuales divergentes, mayormente metafísicas, lo cual, según Bouthoul, simplificador y doctrinario de la demografía más que demógrafo, explica que “en las cabezas [de 1935] reine tanta confusión en materia de historia de la población e incluso de demografía”. Situación agravada por el sometimiento de muchos autores a “ideas preconcebidas, en particular políticas”. Tanto es así, concluye Bouthoul, que “en Francia casi todas las obras de conjunto sobre tema demográfico son alegatos [políticos], más o menos larvados”<sup>15</sup>. “El pecado original de la demografía

---

<sup>11</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, Alianza Editorial, Madrid 1982. Traducción de la primera versión del ensayo.

<sup>12</sup> V. T. R. Malthus, *Ensayo sobre el principio de la población* (edición ampliada de 1803), F. C. E., México 1977, p. 3. Añade Malthus a continuación que “en los últimos años, algunos economistas franceses, ocasionalmente Montesquieu y, entre nuestros escritores, el Dr. Franklin, Sir James Stewart, Mr. Arthur Young y Mr. Townsend, se han ocupado de este problema en forma tal que resulta extraño que no hubiera excitado mayormente la atención del público”.

<sup>13</sup> GB, “Les différents aspects de l'équilibre démographique”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, marzo-abril 1938, p. 124.

<sup>14</sup> GB, “Les différents aspects de l'équilibre démographique”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, marzo-abril 1938, p. 126.

<sup>15</sup> GB, *La population dans le monde*, Payot, París 1935, p. 7.

moderna”, escribirá mucho después para reafirmarse, “es su finalidad normativa”<sup>16</sup>. Ejemplo palmario de ello es el gran tratado de Alfred Sauvy *Richesse et population*, cuya investigación sobre el óptimo de población, relativamente fallida, se reconduce, especialmente en los dos últimos capítulos, a una solución pragmática y operativa: combatir la indiferencia demográfica de los franceses y bosquejar un plan demográfico natalista bajo el lema: “El niño es el amigo público número uno” (*L’enfant, l’ami public n° 1*)<sup>17</sup>. Otro aspecto que Bouthoul juzga deplorable de la investigación demográfica es lo que denomina “previsión mística”<sup>18</sup>.

En un clima electrizado por la disputa desabrida entre maltusianos y populacionistas<sup>19</sup>, afirmaciones de esta naturaleza presentadas en el prólogo de *La population dans le monde*: vehementes, sin duda ligeras e inconvenientes, mas en términos generales opiniones veraces, estigmatizan científicamente al autor, un sociólogo economista frisando en la cuarentena y académicamente desubicado, aspirante durante años, al menos hasta la *drôle de guerre*, a un puesto universitario.

## 1. Pululación y amontonamiento: un alegato demográfico contra la cantidad

*La population dans le monde*, impresa por Payot, editorial de gran difusión comercial y repercusión académica<sup>20</sup>, marca un hito en la carrera intelectual de Bouthoul. No solo

---

<sup>16</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 213.

<sup>17</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 308. Su programa tiene como objetivos el incremento de la natalidad, la reducción de la mortalidad y la atracción de una inmigración selecta, candidata a la ciudadanía francesa. Se da como instrumentos medidas políticas (modulación familiar del sufragio), fiscales, económicas, pedagógicas, etc. V. A. Sauvy, *Richesse et population*, pp. 291 ss.

<sup>18</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 218.

<sup>19</sup> Desde un punto de vista institucional hay que subrayar además que en esa época todavía no existe en Francia una enseñanza demográfica reglada, ni siquiera un centro de investigación oficial en torno al cual, como sucederá más tarde con el Institut National d’Études Démographiques (INED), desarrollar los estudios demográficos. V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 282.

<sup>20</sup> Téngase en cuenta que, con total seguridad, las respectivas ediciones de sus tesis doctorales en derecho y letras (tesis principal) en Marcel Giard Éditeur, están sufragadas por el doctorando. Ninguna de ellas tiene gran repercusión, ni siquiera *L’invention*, recogida como tomo LX en la “Bibliothèque Sociologique Internationale”, colección sufragada, por otro lado, al menos parte, por el Instituto Internacional de

porque en su páginas aparecen ya algunas de las tesis y fórmulas desarrolladas después de la Segunda Guerra Mundial en el marco de la polemología. Este libro, de donde proviene el material que, reelaborado y reorientado, constituye las dos ediciones, a su vez distintas, de *La surpopulation*<sup>21</sup>, le hubiera convertido tal vez en escritor monomaniaco, autor monotemático de un solo libro, de no aparecer en 1951 sus *Éléments de polémologie*, obra de la que su doctrina demográfica es anticipación y necesaria clave de acceso<sup>22</sup>. En este punto, *Cent millions de morts* constituye un libro de transición, pues contiene la declaración programática con la que el demógrafo da la vez al polemólogo<sup>23</sup>. En el prefacio de *La surpopulation*, edición de 1964, ofrece Bouthoul una interpretación auténtica, en rigor una *reinterpretación*, de su trayectoria de demógrafo. Su libro, declara el autor, “profundiza en el estudio de las incidencias y aspectos demográficos [del fenómeno-guerra]”<sup>24</sup>. Lo cual, desde luego, no era tan evidente en 1935.

*La population dans le monde*, texto problemático por su origen, por la heterogeneidad de su contenido, por su método e incluso por sus fuentes<sup>25</sup>, es objeto de una decena de reseñas, seguramente alguna más, en revistas científicas como *Annales d'Histoire Économique et Sociale* o *Revue Internationale de Sociologie*. Acaso determinan una mayor difusión de este libro las noticias críticas recogidas por la *Revue de Paris* o *Les Nouvelles Littéraires*, publicaciones parisinas de gran circulación y prestigio cultural. Las diez reseñas de *L'invention* que he podido consultar, casi todas ellas en destacadas revistas académicas francesas y norteamericanas, no tienen un efecto divulgativo comparable.

---

Sociología. Librairie Paul Geuthner, editor de su tesis secundaria en letras sobre Abenjaldún, es una editorial prestigiosa con un público restringido relacionado directa o indirectamente con los trabajos y actividades de la École Nationale des Langues Orientales Vivantes.

<sup>21</sup> GB, *La surpopulation dans le monde* y GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*.

<sup>22</sup> Las sucesivas ediciones de *La population dans le monde* acaso interesan más a la polemología que a la demografía, disciplina en la que las tesis antipopulacionistas de Bouthoul son rechazadas frontalmente por el *establishment* académico.

<sup>23</sup> GB, *Cent millions de morts*, Sagittaire, París 1946.

<sup>24</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 5.

<sup>25</sup> El uso que Bouthoul hace de sus fuentes demográficas, siempre secundarias, ha recibido muchas críticas por parte de los demógrafos patentados, bien por su desfase, bien por un uso o una interpretación en ocasiones abusiva. Consideración aparte merece su relativa falta de acribia, no siempre excusable por la facilidad de su pluma. Su propensión al ensayismo, alimentada por una tremenda hambre lectora, no se compagina adecuadamente con los géneros literarios estrictamente académicos.

Mención aparte merece el amplio y pormenorizado comentario para lectores españoles que le dedica *Revista de Occidente* bajo la firma de José Tudela. Tratándose de la revista de José Ortega y Gasset es indudable que el libro de Bouthoul, “autor con un sentido amplio, comprensivo y sintético, con un sentido histórico, en el que juega su papel transcendente no solo la erudición histórica y los conocimientos geográfico, sino los económicos y sociales”<sup>26</sup>, interesa recién publicado al filósofo español. El detallado texto de Tudela, de veintisiete páginas, es el primero de los comentarios publicados sobre *La population dans le monde*, anticipándose incluso a las reseñas francesas, las cuales, ni de lejos, la alcanzan en extensión. Puede aventurarse que no sería raro que en la editorial de la Revista de Occidente, pocos meses antes de la Guerra Civil, se pensara en publicar una traducción española.

*La population dans le monde* constituye el punto de arribada de algo más de una década de trabajo, crucial en Bouthoul pues coincide con los años de su treintena. Aunque en su caso se sabe más bien poco de la que J. A. Schumpeter considera la década cardinal en la formación de todo científico u hombre de letras —la veintena—, no es difícil reconocer los frutos de una intensa dedicación en ella a la demografía.

Encargado de la sección demográfica de la *Revue Internationale de Sociologie* con veinticinco años, entre 1922 y 1925 escribe reseñas sobre la literatura especializada francesa e italiana mayormente. Entre ellas destacan las que dedica a libros de Franco Savorgnan (tres reseñas), Fernand Auburtin (dos reseñas) y René Gonnart (una reseña)<sup>27</sup>. A continuación, al menos en apariencia, se aparta de la sección, aunque sigue firmando notas sobre la cuestión social, sociología general, economía y algunos autores afines. En 1927 vuelve a publicar otras reseñas (más bien irrelevantes) de temática demográfica, a las que se suma su circunstanciada noticia sobre el Congreso Internacional de la Población celebrado en Ginebra del 29 de agosto al 3 de septiembre de 1927 bajo el patrocinio de la Sociedad de Naciones. El texto sobre el congreso ginebrino marca el inicio de una fecunda década de labor (1927-1937).

---

<sup>26</sup> V. J. Tudela, “La población en el mundo”, en *Revista de Occidente*, nº 143, mayo 1935, p. 192.

<sup>27</sup> El trasfondo de la mayoría de esas notas es la viva polémica entre neomaltusianos y populacionistas, además del debate francés sobre el decrecimiento demográfico y el despoblamiento de Francia como posibles síntomas de decadencia.

Refiere Bouthoul, muy por encima, alguna información sobre las distintas secciones del congreso ginebrino, reparando por ejemplo en el neto criterio de Corrado Gini sobre el óptimo de la densidad de población. Se concentra con más intención, sin embargo, en la que considera “la filosofía [del] congreso”: la dicotomía entre pueblos neomaltusianos y populacionistas, manifestada respectivamente en las representaciones anglosajona y escandinava por un lado, y las española, francesa, italiana, suiza y, en parte, alemana. De ello deduce, con agudeza, que hay una correlación entre la ideología demográfica y la forma de conducir la guerra: la guerra terrestre y el populacionismo se corresponden a su juicio con las potencias continentales; la guerra marítima y el neomaltusianismo con las potencias talasocráticas. Finalmente, subraya, “la cuestión demográfica es uno de los aspectos del desarme [y del rearme]”<sup>28</sup>.

Se destaca también Bouthoul *córam* pópulo como sociólogo demógrafo en la serie de artículos (seis) que de febrero a agosto de 1936 publica en *Les Nouvelles Littéraires*<sup>29</sup>. Apunta en ellos sus intuiciones sobre las consecuencias de la ampliación de la esperanza de vida y el envejecimiento de la población, advierte particularmente el choque “natural” entre viejos y jóvenes, por no mencionar los otros aspectos de la efebocracia: psicológicos (juvenilismo y “culto a la acción eficaz”), sociobiológicos (aparición de una “nueva especie”), económicos (desempleo juvenil) y políticos (“jóvenes superfluos” captados por los partidos radicales).

---

<sup>28</sup> GB, “Le Congrès Internationale de la Population”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 1-2, enero-febrero 1928, p. 85. Y añade a continuación: “En resumidas cuentas, la diferencia del punto de vista de anglosajones y continentales depende de una concepción distinta del estado de guerra. Para los anglosajones insulares, como los británicos, o cuasi insulares, como los Estados Unidos, la idea de guerra evoca la idea de guerra naval, en la que la superioridad es cuestión de riqueza y técnica, las cuales exigen relativamente pocos combatientes. Las naciones del continente, por el contrario, viven con la obsesión de la fragilidad de sus fronteras, de los efectivos de los ejércitos modernos y del espantoso consumo de hombres de las últimas guerras”. Coincide en su observación con Carl Schmitt, para quien la correlación manifestada en el congreso de Ginebra entre los principios del nuevo Derecho internacional reivindicados por las potencias marítimas y la presión de éstas para la reducción de la natalidad constituye un “argumento [...] inhumano e inhumano, pero en el que se reconoce una concepción individualista y liberal del mundo”. C. Schmitt, “Völkerrechtliche Großraumordnung mit Interventionsverbot für raumfremde Mächte. Ein Beitrag zum Reichsbegriff im Völkerrecht”, en *Staat, Großraum, Nomos. Arbeiten aus den Jahren 1916-1969*, p. 275. V. también GB, *La population dans le monde*, p. 198 y GB, *Sauver la guerre. Lettre aux futures survivants*, Grasset, París 1961, pp. 104-105.

<sup>29</sup> GB, “Nombre et puissance”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 21 de marzo 1936, p. 1; “Hommes et nombres”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 18 abril 1936, p. 1; “Essaimage et émigration”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 6 de junio 1936, p. 1; “Chômage, loisirs, humanités”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 13 de junio 1936, p. 1; “Une nouvelle espèce”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 18 de julio 1936, p. 1; y “Le conflit des générations”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 22 de agosto 1936, p. 2.



Su estudio sobre los aspectos diversos del equilibrio demográfico, ya mencionado, y la investigación preliminar sobre la existencia de un movimiento cíclico de larga duración en la población, presentada en el Congreso Internacional de la Población de París (1937) completan su visión problemática de los fenómenos demográficos durante el *Interbellum*. Después de la Segunda Guerra Mundial vuelve Bouthoul sobre los mismos asuntos, bien para precisar su pensamiento (neomaltusianismo, crítica de los supuestos del óptimo de población), bien para desarrollarlo (mutación demográfica, elaboración de índices demográficos cualitativos). En decenas de artículos doctrinales sobre la población, escritos siempre contra la superpoblación galopante y publicados generalmente en revistas de gran difusión, no afluyen, sin embargo, nuevas ideas. Las líneas maestras de su pensamiento demográfico están pues trazadas en 1937, coincidiendo con un “momento privilegiado en la historia de la demografía”<sup>30</sup>. Entre los años 1934 y 1943, por citar los de la edición de sendos (grandes) libros de Adolphe Landry y Alfred Sauvy<sup>31</sup>, adquiere la demografía francesa carta de naturaleza científica<sup>32</sup>. Gaston Bouthoul, siquiera como contrapunto de la corriente triunfante, desempeña también su papel en dicho proceso de naturalización.

La demografía de Bouthoul tiene, no obstante su vocación, una orientación más ensayística que estrictamente sociológica o estadística. Buen reflejo de su personalidad científica, tiene un sesgo que bien se podría denominar “metafísico”, pues enlaza expresamente con la crítica a la deriva de una modernidad enferma de gigantismo. El colosalismo demográfico constituye precisamente, a su juicio, la antítesis de la civilización. A primera vista, el crecimiento de la población pone en cuestión el alcance de los recursos económicos y medios de subsistencia. Evidentemente, no puede decirse de consideraciones como esta que sean novedad; ni siquiera de la afirmación que relaciona el equilibrio demográfico con las tensiones entre diversos pueblos generadas por el nacionalismo.

---

<sup>30</sup> En el periodo de entreguerras “se calculan, por primera vez con algún rigor, las perspectivas de la población”. V. Alain Girard, “Présentation”, en A. Landry, *La Révolution démographique. Études et essais sur les problèmes de la population*, Institut National d'Études Démographiques, París 1982, p. 12.

<sup>31</sup> V. A. Landry, *La Révolution démographique* y A. Sauvy, *Richesse et population*.

<sup>32</sup> Aunque no se trata propiamente de un demógrafo, en un escritor como Malthus se acusa en sus primeros estadios una conciencia demográfica, requisito del posterior esclarecimiento científico. Antes de Malthus no hay más pensamiento demográfico que las ideas sobre la población implícitas en las instituciones sociales y que tienden de un modo u otro a su regulación. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 118.

La doctrina bouthouleana es esto último y todavía más. Consiste en última instancia en un alegato contra los derechos del número y la cantidad. Así pues, no conviene desvincular la obra demográfica de este sociólogo, tan crítica con la pululación y el amontonamiento humanos, de la reprobación que, especialmente durante el primer tercio del siglo XX, se hace de la masificación de la vida, del reino de la cantidad, de la civilización sensista o del culto a lo colosal. Tampoco, tal vez con mejores razones, de la presciencia de Gabriel Tarde, Gustave le Bon y, por supuesto, Georg Simmel, anticipadores de la conmoción sociológica generada por las muchedumbres. Tal vez son ellos los primeros en advertir las consecuencias de la escalada demográfica y el consiguiente salto cuantitativo que esta imprime de suyo en las formas de socialización. “El aumento de cantidad crea nuevos fenómenos totales específicos”, es decir, *cualitativos*, asegura Simmel en su estudio de 1908 sobre “La cantidad en los grupos sociales”<sup>33</sup>.

La masificación de la vida trae, dirá José Ortega y Gasset, el imperio del “hombre masa”, la vida vulgar, la “barbarie del especialismo”, etc.<sup>34</sup> O tanto da, con palabras de Konrad Lorenz, la “decadencia de lo humano”<sup>35</sup>. Para René Guènon la nota más acusada en la mentalidad moderna es su “tendencia a reducirlo todo exclusivamente al punto de vista cuantitativo”, “a la cantidad pura, sin distinción cualitativa alguna en ella”<sup>36</sup>. El culto a la cantidad (“cuanto más grande, más hermoso”) es, por otro lado, uno de los cuatro síntomas de disgregación de un sistema sociocultural, en especial del sensístico. Con el gigantismo esconde pues su vacío interior lo que denomina Pitirim A. Sorokin el

---

<sup>33</sup> V. G. Simmel, *Sociología. Estudios sobre las formas de socialización*, Alianza Universidad, Madrid 1986, t. I, p. 86. El imperio de la muchedumbre encuentra su correlato en el declive de la civilización (le Bon). La “multitud espiritualizada” (*foule spiritualisée*) en el público (*public*) contemporáneo expresa, a juicio de Tarde positivamente, la fuerza todopoderosa del número. V. G. le Bon, *Psychologie des foules*, P. U. F., París 2014, pp. 3 y 123-125. G. Tarde, *L'opinion et la foule*, Félix Alcan, París 1910, pp. 6, 37, 67, 78, *passim*. Aproximaciones que de algún modo culminan en E. Canetti, *Masa y poder*, Debolsillo, Barcelona 2014. Canetti parte en su denso estudio de una experiencia *táctil* de la masa que recuerda, *servata distantia*, a la experiencia *visual* del “lleno” de José Ortega y Gasset. Cfr. J. Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*, en *Obras completas*, Taurus, Madrid 2010, t. 4, pp. 375-377. El concepto de muchedumbre, dice en esas páginas, es “cuantitativo y visual”.

<sup>34</sup> V. J. Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*, en *Obras completas*, t. 4, *passim*.

<sup>35</sup> V. K. Lorenz, *La decadencia de lo humano*, Plaza y Janés, Barcelona 1985, p. 181.

<sup>36</sup> R. Guènon, *Le règne de la quantité et les signes des temps* (1945), Gallimard, París 2013, p. 9. Guènon desarrolla en este libro ideas incoadas ya en *La crise du monde moderne* (1927), Gallimard, París 1994.

tardosensismo<sup>37</sup>. “El culto de lo colosal significa postrarse ante lo que es simplemente grande, aceptándolo como testimonio suficiente de mayor calidad y valor; el desprecio de lo externamente pequeño, pero intrínsecamente grande; el culto del poder y de la unidad; la preferencia por lo superlativo en todos los aspectos de la vida cultural, e incluso en el uso del lenguaje”<sup>38</sup>. ¿Podría ser más expresivo este pasaje de Wilhelm Röpke, redactado en Suiza? Se pueden mencionar otros autores de nota críticos del prometeísmo materialista de la modernidad, pero tal vez ninguno más a propósito ahora que el italiano Guglielmo Ferrero, en cuya obra se denuncia el “delirio cuantitativo” de los siglos XIX y XX, promotores del “derecho divino del Número”<sup>39</sup>. Para Ferrero, la fuerza avasalladora de la cultura europea está entonces en “la cantidad que vence a la cualidad”<sup>40</sup>. “[La lucha de la cantidad y la cualidad] es la esencia misma de la civilización moderna”<sup>41</sup>, de modo que la decadencia o el florecimiento culturales dependen del balance entre una y otra. En vísperas de la Primera Guerra Mundial denuncia Ferrero el éxito de la cantidad, entonces ya arrollador<sup>42</sup>.

Bouthoul subraya al menos en cuatro ocasiones la tesis de Ferrero, partidario, tal vez no sea necesario recordarlo, de la cualidad y la perfección frente a la cantidad y la potencia. Parece un homenaje muy modesto para la extraordinaria irradiación sobre su pensamiento del criterio del hoy poco frecuentado escritor italiano<sup>43</sup>. En “páginas verdaderamente proféticas”, Ferrero ha mostrado las consecuencias para Europa del influjo de su genio

<sup>37</sup> P. A. Sorokin, *La crisis del nuestro tiempo* (1941), ed. y trad. de C. Gambescia, Arianna Editrice, Casalecchio 2000, pp. 229 y 230. Este texto recoge sus conferencias sobre *The Twilight of Sensate Culture*, dictadas en febrero de 1941. Se basa en su obra precedente: *Social and Cultural Dynamics*, cuyos tres primeros tomos se publican en 1937 y el cuarto en 1941. V. la edición abreviada por el propio autor: P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*.

<sup>38</sup> W. Röpke, *La crisis social de nuestro tiempo* (1942), Revista de Occidente, Madrid 1956, p. 83.

<sup>39</sup> G. Ferrero, *La vecchia Europa e la nuova*, Fratelli Traves Editori, Milán 1918, pp. 29 y 35.

<sup>40</sup> G. Ferrero, *La vecchia Europa e la nuova*, p. 175.

<sup>41</sup> G. Ferrero, *La vecchia Europa e la nuova*, p. 187.

<sup>42</sup> A propósito de la guerra, Ferrero declara que la institución de la guerra limitada o acotada es una “flor de invernadero”, “la última y una de las más bellas creaciones de las viejas civilizaciones [aristocráticas] y cualitativas”. Con ella ha acabado la que llama, anticipándose a Raymond Aron, “guerra hiperbólica”. V. G. Ferreo, *La fin des aventures. Guerre et paix*, Les Éditions Rieder, París 1931, pp. 22, 45, 98 y 107.

<sup>43</sup> Bouthoul recoge algún pasaje de Ferrero en su antología política universal: GB, *L’art de la politique*, pp. 537-538. Así presenta al escritor italiano en la entradilla de sus textos, extraídos de *Discours aux sourds* (1924): “Historiador y sociólogo, autor de *Grandezza y decadencia de Roma* y estudioso del poder, la legitimidad y el militarismo”. También GB, *Biologie sociale*, p. 65, *Cent millions de morts*, p. 17, *Sauver la guerre*, p. 66 y otros lugares.

sobre el resto del mundo<sup>44</sup>. Bien mirado, la obra de Bouthoul está recorrida por una afirmación constante de la proporción y la medida clásicas frente a las tendencias vitandas desencadenadas en el siglo XIX<sup>45</sup>. Los problemas demográficos trascienden por tanto de los procesos de adaptación de la población a los recursos. Estos son únicamente una faz de la cosa. La última ratio moral y política de la “exaltación demográfica” denunciada por Bouthoul, escribe por ejemplo Jeanne Duprat, la más penetrante comentarista de *La population dans le monde*, está en la pretendida superioridad de las naciones populosas, en la supremacía pues del número<sup>46</sup>.

Estas dinámicas del desequilibrio no solo afectan a las condiciones de vida de una población que crece a veces sin medida y desatadamente, sino al destino del espíritu inventivo en sociedades densamente pobladas<sup>47</sup>, sometidas a una *strenna inertia*, agitación que continuamente quiere algo nuevo, aunque no sabe el qué, hasta que sobreviene en breve término el estancamiento del deseo<sup>48</sup>. La irrupción de la cantidad (y la velocidad), que altera el equilibrio social<sup>49</sup>, trastoca el sentido del ocio y rebaja la calidad de la vida humana. El derecho al ocio (*droit au loisir*) es en sí mismo una reacción cualitativa de la política social (*Socialpolitik*) frente al “trabajismo” y la proletarización de la vida del

---

<sup>44</sup> GB, “Les problèmes de la surpopulation en extrême orient”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, n° 3-4, abril-mayo 1933, pp. 184-185. Véase también GB, *La population dans le monde*, p. 233. Recuerda ahí que “el uso ofensivo de la estadística [...] es una de las manifestaciones del desarrollo de la denominada por Ferrero civilización cuantitativa. Esta consiste en hacer predominar los valores de cantidad sobre los de cualidad”.

<sup>45</sup> La orientación metasociológica o cualitativa de Bouthoul se denuncia en sus trabajos sobre las mentalidades y el tiempo, también en el desarrollo de índices que pretende cualitativos como el índice de superpoblación, la duración media de la vida (“[verdadero] índice objetivo de civilización”) y el “coeficiente de creencia” (GB, *Biologie sociale*, pp. 30 y 106), el “test de las mentalidades” (GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 214, nota 1) el “coeficiente de belicosidad” y los frentes de agresividad y los barómetros polemológicos (GB, *L’infanticide différé*, cap. VI). Salvo estos dos últimos, el resto quedan apuntados de pasada o apenas esbozados. Todos son expresión de un tipo de índice que Bouthoul denomina “coeficiente de intensidad” (GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 131).

<sup>46</sup> V. J. Duprat, “Gaston Bouthoul, *La population dans le monde*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 43, n° 5-6, mayo-junio 1935, pp. 331-332. “La vida es demasiado compleja como para que el criterio del número sea suficiente para establecer una jerarquía de las naciones”. Esa opinión la apunta Bouthoul en GB, “Nombre et puissance”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 21 de marzo 1936, p. 1.

<sup>47</sup> GB, *Variations de la natalité dans les faits et la doctrine*, p. 10 y GB, *L’invention*, p. 392.

<sup>48</sup> Sobre esto último G. Ferrero, *La vecchia Europa e la nuova*, p. 52.

<sup>49</sup> GB, “Aceleración de la historia y demografía galopante”, en *Revista de Occidente*, t. XI, n° 31, octubre 1965, p. 69. Sobre la ambivalencia de la aceleración de la historia: GB, *Essais de polémologie*, Denoël/Gonthier, París 1976, p. 199.

trabajador<sup>50</sup>. Por eso, frente a la moral de los productores de Georges Sorel y el “culto de la actividad”, Bouthoul reivindica una moral del ocio (*morale de loisirs, otium cum dignitate*) que impida un *lazaronismo* degradante<sup>51</sup>. Este fenómeno es frecuente en sociedades muy populosas, pero no exclusivo de ellas. “La civilización cuantitativa tradicional [China o la India] adopta la forma de una profunda indiferencia hacia el mal ajeno”, pero no es menos cierto que “en sociedades más modernas, la dimensión cuantitativa de la civilización presenta formas más sutiles: se diría que su fin implícito último es conseguir que un gran número de hombres tenga la impresión de que sobran”<sup>52</sup>. La figura de una “civilización del progreso”, cuya población se expande cualitativamente, es la torre Montparnasse; la pirámide de Keops, en cambio, la de una humanidad pululante, excesiva, profusa<sup>53</sup>.

Por otro lado, el valor del individuo reflejado en el estudio de la función inventiva, pone de manifiesto el aprecio de Bouthoul por los saltos cualitativos de la inteligencia, suceso misterioso, determinante en todo proceso de creación de valores<sup>54</sup> y que en ocasiones compara con el *clinamen* de Epicuro y Lucrecio<sup>55</sup> y aun con *quanta* de energía psíquica<sup>56</sup>. En nuestro inconsciente se acumulan contradicciones y argumentos que, como en la tragedia clásica, desencadenan una crisis, en última instancia de creencias. En ellas *se está*, como decía Ortega y Gasset, *no se tienen*, de modo que una conmoción semejante opera detrás de toda, invención o iluminación<sup>57</sup>.

---

<sup>50</sup> GB, *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, p. 18. V. J. Molina, *La política social en la historia*, Isabor, Murcia 2004. Consideración aparte merece que apenas medio siglo después, en palabras de Aquilino Duque, se nos revele ya el “turpiloquio de nuestro tiempo sobre la llamada ‘cultura del ocio’, añagaza que solo ha servido para sustituir la moral del trabajo por la ética del consumo”. V. A. Duque, *Plaza partida*, Fundación El Monte, Sevilla 1995, p. 50.

<sup>51</sup> GB, “Chômage, loisirs, humanités”, *Les Nouvelles Littéraires*, 13 de junio 1936, p. 1.

<sup>52</sup> GB, *La population dans le monde*, pp. 138 y 139.

<sup>53</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 81.

<sup>54</sup> GB, *L'invention, passim*. El elemento decisivo que subyace en la inventiva individual es la invención de problemas, la forma superior de la creación. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 389.

<sup>55</sup> “El hombre no es un átomo inerte, sino que, como los átomos de Epicuro, está dotado del *clinamen*, es decir, de la facultad de apartarse de la corriente que lo lleva”. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 295. V. J. Ferrater Mora, “Clinamen”, en *Diccionario de filosofía*, t. 1, pp. 523-524.

<sup>56</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 36. GB, *L'invention*, p. 503, nota 1.

<sup>57</sup> GB, *L'infanticide différé*, pp. 193-194. V. J. Ortega y Gasset, *Ideas y creencias*, en *Obras completas*, t. V, pp. 661-665.

Bouthoul es adicto a los “hombres representativos” (*hommes représentatifs*), a los “héroes” de W. Emerson y T. Carlyle. El hombre medio (*homme moyen*) le parece mediocre, pues se limita a imitar. La sociedad se afirma y progresa gracias al hombre representativo. En este sentido, mil, diez mil o cien mil personas no son más reales que una sola: “Lo mucho no es más objetivo que lo poco”<sup>58</sup>. La inteligencia creadora le parece independiente del número: es su condición primordial la libertad<sup>59</sup>. Bouthoul, muy bergsoniano en este punto<sup>60</sup>, concibe cada sistema nervioso como un “reservorio de indeterminación”<sup>61</sup>. Sin embargo, para un apóstol del populacionismo como Bertillon hijo, “para tener calidad hace falta antes la cantidad”<sup>62</sup>. Por otro lado, cuando Bouthoul denuncia la saturación demográfica y el amontonamiento humano, al mismo tiempo encarece el respeto por la vida de las sociedades bien dimensionadas, pues la pululación le parece incompatible con el respeto a la dignidad de la persona y su progreso moral<sup>63</sup>. La inflación demográfica tiene sobre los hombres efectos similares a la inflación sobre la moneda batida masivamente: “envilecimiento y pérdida de valor”<sup>64</sup>.

Rechaza Bouthoul, en cualquier caso, la presunta relación de causalidad, puramente cuantitativa, entre el aumento de población y el progreso establecida por los demógrafos populacionistas, en particular por Alfred Sauvy. “El número es de suyo factor de progreso” según Sauvy<sup>65</sup>. Es la cantidad la engendradora de la cualidad: el número crea la presión y la presión provoca la calidad, la cual obra finalmente sobre la masa (el número),

---

<sup>58</sup> GB, *Les mentalités*, p. 56.

<sup>59</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 105 y GB, *La population dans le monde*, p. 133.

<sup>60</sup> No es la única deuda de Bouthoul con el magisterio *ex lectione* de Bergson, de quien por lo demás se siente contemporáneo. En 1957 escribe que Bergson pertenece como filósofo a la generación anterior, en cambio “el Bergson sociólogo pertenece a la actual [...] Desde luego, como sociólogo está más cerca de nosotros que Max Weber”. GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon, *Panorama des idées contemporaines*, pp. 216-217.

<sup>61</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 142.

<sup>62</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France. Ses conséquences, ses causes, mesures à prendre pour la combattre*, París, Félix Alcan 1911, p. 60.

<sup>63</sup> GB, “Mutaciones demográficas y conciencia moral”, en *Futuro Presente*, nº 6, 1962, p. 20 y GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 120.

<sup>64</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 156.

<sup>65</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 79. También A. Sauvy, *La máquina y el paro. Empleo y progreso técnico*, Espasa-Calpe, Madrid 1986, pp. 259-263. En este libro de los años ochenta hay un cierto matiz corrector de su tesis, pues admite Sauvy la subordinación del “crecimiento de población con un nivel de vida igual o superior” al “progreso técnico bien utilizado” (p. 263).

pero no al revés. “La calidad depende no solo del número, sino de la densidad, más exactamente de la presión demográfica y del incremento de ese número o de esa densidad”<sup>66</sup>. Por eso no le parece casualidad que en la Francia del siglo XVIII, la “China de Europa”, florezcan tantos hombres egregios<sup>67</sup>. Piensan como Sauvy todos los populacionistas: el número condiciona el espíritu inventivo, el progreso económico y, por descontado, la potencia política.

Uno de los más conspicuos demógrafos franceses de la primera mitad del siglo XX, Landry, científico militante del natalismo, se refiere a la “atmósfera deprimente” para el espíritu que caracteriza los procesos de despoblación<sup>68</sup>. Adolphe Coste, en uno de sus últimos estudios publicados en la *Revue Internationale de Sociologie*, establece la correlación cuantitativa entre población y progreso, tesis a la que reconduce la doctrina sociológica de la división del trabajo social de Durkheim pasada antes por Adam Smith, Auguste Comte y Charles Darwin<sup>69</sup>. En el mismo sentido se expresa Eugène Dupréel, para quien “el aumento de lo social en volumen y densidad” es factor objetivo de progreso<sup>70</sup>. En el mismo lugar, un texto anterior a la Primera Guerra Mundial (“ultimado en 1914 durante el cañoneo de Amberes”), sostiene Dupréel que “el crecimiento numérico de las sociedades constituye la causa fundamental del progreso en todas sus formas”, opinión que no obstante se matiza en el prólogo, escrito a finales de los años veinte: aunque no sea generalizable como causa universal del progreso, estima que el aumento de población es la concausa más regular en sus efectos<sup>71</sup>. Sumar inteligencias, sin embargo, no garantiza el

---

<sup>66</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 81. En términos muy parecidos expone la misma tesis C. Gini. Según el sociólogo italiano existe una correlación entre la magnitud de la población y la intensificación de la cultura, y entre la presión demográfica y la expansión cultural. V. G. Gini, *Problemi sociologici della guerra*, p. 23.

<sup>67</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 78.

<sup>68</sup> V. A. Landry, *La Révolution démographique*, p. 157.

<sup>69</sup> V. A. Coste, “Le facteur population dans l'évolution sociale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 9, n° 8-9, agosto-septiembre 1901, *passim*. Cfr. Société de Sociologie de Paris, “Séance du 8 janvier 1902. La population comme moteur de l'évolution sociale. Discussion par MM. Lucien Arréat, G. Tarde, A. Firmin, Ch. Limousin, H. Monin”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 10, n° 2, marzo 1902, espec. pp. 139-141, en las que se recoge la crítica intervención de Tarde.

<sup>70</sup> V. E. Dupréel, “Population et progrès”, en *Deux essais sur le progrès*, Maurice Lamertin Éditeur, Bruselas 1928, p. 240.

<sup>71</sup> V. E. Dupréel, “Population et progrès”, en *Deux essais sur le progrès*, p. 6.

progreso técnico. Dirá Bouthoul que la “aritmética de cerebros” no es más que “propaganda populacionista”<sup>72</sup>.

Bouthoul suele aducir como prueba de su afirmación sobre las condiciones óptimas del genio creador que las dos innovaciones morales más grandes después del Decálogo son la Declaración de derechos norteamericana y la liberación de la mujer, ambas producto de las “pequeñas comunidades establecidas en los Estados Unidos desde su fundación”<sup>73</sup>. El budismo o las creencias religiosas hindúes, particularmente la doctrina de la metempsicosis, en cambio, le parecen una moral característica de países superpoblados<sup>74</sup>. “Lo propio de las civilizaciones que optan resueltamente por la cantidad es”, contrariamente, “su tendencia a devenir cada vez más inhumanas”<sup>75</sup>. La antítesis de las termiteras humanas también se encuentra en el “milagro griego” o, como repite en ocasiones el autor, en la Palestina del Antiguo Testamento. Bouthoul se hace reo, no obstante, de un prejuicio bastante extendido: las sociedades muy pobladas tienden al fanatismo<sup>76</sup>. A esta relación añadiría Röpke, sin duda, la confederación helvética, suma en 1942 de las mejores cualidades de Europa. Bouthoul se manifiesta también en este punto y su posición resulta inequívoca: “En los momentos más sombríos la existencia de Suiza me ha impedido caer en la desesperación”<sup>77</sup>. La opinión de Röpke y la de otros ilustres exiliados en Suiza (Bertrand de Jouvenel y Ludwig von Mises, por citar arbitrariamente a dos de ellos) tiene también sus debilidades, su parte de prejuicio refinado (*Small is beautiful*) e intelectualista (asilo predestinado del espíritu)<sup>78</sup>.

Donde reinan el miedo y la exasperación falta sitio y la sospecha agrava el sentimiento de que hay demasiados hombres, dentro de las propias fronteras o fuera de ellas. “La era de

---

<sup>72</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, pp. 105 y 107.

<sup>73</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 122-123.

<sup>74</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 11.

<sup>75</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 140.

<sup>76</sup> Prejuicio que recuerda a la presunción de que las talasocracias, generalmente menos pobladas, son la tierra electiva de las libertades. GB, *La population dans le monde*, pp. 138-140. Cfr. GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, pp. 178-180. Se rebela contra el tópico, por cierto, C. Schmitt. V. J. Molina, *Contra el “mito Carl Schmitt”*, Editum, Murcia 2014, pp. 204-205 y 221-222.

<sup>77</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 141.

<sup>78</sup> Sobre la helvetización de Europa como remedio espiritual v. W. Röpke, *La crisis social de nuestro tiempo*, p. 90.



la superpoblación es también la de la sospecha<sup>79</sup>. Esto tiene sin duda su correlato estético en la literatura<sup>80</sup>, incluso en el lenguaje cotidiano, expeditivo y simple, descortés, incluso soez, de las sociedades declinantes, pero por encima de todo en la política tutelar de un estado totalitario. Pues “independientemente de sus formas, el despotismo ama las multitudes”<sup>81</sup>.

La calidad impera sobre la cantidad si existe para ello un “clima favorable”. Es decir, “una [adecuada] organización industrial, administrativa y judicial, una instrucción generalizada, cierta holgura vital, seguridad material y moral y una vida social intensa”<sup>82</sup>. La “pululación sin tonicidad ni horizonte” explotada por el Estado genera en cambio lo que Bouthoul denomina, a falta del neologismo “biopolítica”<sup>83</sup>, “políticas biológicas” (*politiques biologiques*)<sup>84</sup>, camuflada con cierta frecuencia en los países occidentales bajo la especie de una “democracia aritmética” (*démocratie arithmétique*) o cuantitativa. En África como “etnodemocracia”<sup>85</sup>. En estos regímenes “la victoria pertenece a la facción más numerosa, aunque esta sea la de los peores”<sup>86</sup>. La biopolítica, en un contexto de inflación demográfica, podría justificar incluso la “conscripción de los vientres y el embarazo obligatorio”<sup>87</sup>, eficaces métodos de anexión y ocupación si se suman a la emigración forzosa.

---

<sup>79</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 124.

<sup>80</sup> GB, “Une mutation dangereuse”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 60, diciembre 1957, p. 1091. Otras consideraciones que parecen reivindicar el regreso a la naturaleza y una vida sencilla sin aglomeraciones: GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 242.

<sup>81</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 139.

<sup>82</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 128.

<sup>83</sup> GB, *La population dans le monde*, pp. 135 y 155. En estos pasajes no está la palabra, pero sí la cosa. Sobre la “enigmática relación” entre totalitarismo y política *cfr.* C. Preve, “Brevi note sul dominio del corpo. Il politico e la sfera biopolitica”, en C. Gambescia, *Che cos'è il politico? Nuove ipotesi e prospettive teoriche*, Settimo Sigillo, Roma 2006, pp. 133-134.

<sup>84</sup> GB, “Une mutation dangereuse”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 60, diciembre 1957, p. 1091. GB, *Sauver la guerre*, p. 27. Sobre todo GB, *La surpopulation dans le monde*, pp. 17-18.

<sup>85</sup> V. B. Lugan, *Osons dire la vérité à l'Afrique*, pp. 103-113 y 147-161.

<sup>86</sup> GB, “La mutation explosive de l'humanité”, en *Planète*, n° 18, 1964, p. 120.

<sup>87</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 175.

## 2. Un crítico neomaltusiano del malthusianismo

Malthus, “un *whig* moderado, no un *tory* furibundo”<sup>88</sup>, escribe *Essay on the Principle of Population* en respuesta a las tesis de William Godwin sobre el progreso de las sociedades y las condiciones de la perfección del hombre. Este asunto, como los comentarios sobre Nicolas Condorcet y los economistas políticos Adam Smith, Robert Wallace o Richard Price, queda finalmente en un segundo plano. Pues en el proceso de elaboración de su “panfleto antisocialista”<sup>89</sup> se da cuenta de la trascendencia del “principio de la población”: “En todas las épocas [...] el crecimiento de la población está necesariamente limitado por los medios de subsistencia[;] la población crece invariablemente cuando aumentan los medios de subsistencia, y la superior fuerza de crecimiento de la población es contenida por la miseria y el vicio para que la población efectiva se mantenga al nivel de los medios de subsistencia”<sup>90</sup>. Se repite también en varias ocasiones el postulado malthusiano más conocido: “La población, si no encuentra obstáculos, aumenta en progresión geométrica. Los alimentos tan solo aumentan en progresión aritmética”<sup>91</sup>. Remedian la desmesura los “obstáculos positivos” o “represivos”: epidemias, vicios, miseria y hambre, “el último y más terrible recurso de la naturaleza”<sup>92</sup> para contener la población. Opera subsidiariamente como “obstáculo preventivo” la “aprensión ante las dificultades que

---

<sup>88</sup> V. G. de Molinari, “Introduction”, en T. R. Malthus, *Essai sur le principe de population*, Guillaumin et Cie, París 1889, p. XX. “Ni enemigo de los pobres, ni secuaz de la reacción, sino un liberal y un moralista cristiano” es la opinión de J. Dupâquier, “Avez-vous lu Malthus?”, en *Population*, vol. XXXV, n° 2, 1980, p. 287.

<sup>89</sup> V. G. de Molinari, “Introduction”, en T. R. Malthus, *Essai sur le principe de population*, p. IX. A juicio de Bouthoul, Malthus es un “antisocialista *avant la lettre*”. GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 127.

<sup>90</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, p. 129.

<sup>91</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, pp. 53, 56, etc.

<sup>92</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, p. 128. En la edición de 1803 y posteriores, sin embargo, considera que la guerra es la causa más efectiva en la limitación del número excesivo de habitantes, “después de [la cual] pueden ponerse el hambre y las enfermedades”. T. R. Malthus, *Ensayo sobre el principio de la población*, p. 133. Al mismo tiempo, en la misma edición, afirma, en contradicción al menos aparente, que la guerra es un fenómeno casi en regresión en los estadios avanzados de civilización... Cfr. T. R. Malthus, *Ensayo sobre el principio de la población*, p. 283. Las observaciones sobre la lógica y coherencia interna de un libro tan influyente, me parecen no obstante secundarias, muy secundarias, pues no se pueden desandar los caminos de la historia de las ideas. Del mismo modo, tampoco se puede revocar, exacta o equívoca, la interpretación triunfante de un texto como el de Malthus.

supone el mantenimiento de una familia”<sup>93</sup>. Reserva que en la segunda edición cede la vez o, más bien, se transforma en abstinencia moral, novedad adelantada en el nuevo prefacio<sup>94</sup>. En efecto, los obstáculos represivos desempeñan desde entonces en su pensamiento una función acrecida, lo cual tiene como consecuencia una cierta moderación del pesimismo de la primera versión del *Ensayo*, pues introduce como elementos correctores diversas acciones contrarias a la desmesura demográfica, obstáculos dependientes de la voluntad humana (contención sexual, retraso de la nupcialidad, supresión de las leyes de pobres)<sup>95</sup>. Conviene recordar también la sutil distancia que, en punto a la correlación entre subsistencias y población, existe entre la primera y la segunda edición del *Ensayo*. La de 1798, como dice Landry, comulga con Townsend: las subsistencias son *el determinante* de la población; la de 1803, más bien, con Cantillon: las subsistencias constituyen *un condicionante* de la población<sup>96</sup>.

Una sintética reseña norteamericana de *La population dans le monde* de Bouthoul resalta su “crítica de la doctrina maltusiana desde la óptica de la moderna producción determinada por los avances tecnológicos”, a lo que suma la consideración bouthouleana de diversos elementos cuya influencia sobre la población no contempla Malthus<sup>97</sup>. Buenas razones hay pues para destacar las especiales condiciones del neomaltusianismo de Bouthoul, sociólogo que pertenece, podría decirse, a los medios en los que “se combate el ‘poblacionismo’ por temor y, más aún, por odio a la guerra”<sup>98</sup>, y no tanto por razones morales o económicas. Él mismo lo sugiere al defenderse de quienes le imputan en juicio sumario tesis maltusianas: no oculta su estima (*la plus grande estime*) por Malthus, pero dice apartarse de él, pues este escribe en un periodo sin guerra y raramente habla de ella. Las circunstancias de Bouthoul, en efecto, son otras<sup>99</sup>.

---

<sup>93</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, p. 83.

<sup>94</sup> V. T. R. Malthus, *Ensayo sobre el principio de población*, p. 5.

<sup>95</sup> V. T. R. Malthus, *Ensayo sobre el principio de población*, pp. 13-14 y 431 ss.

<sup>96</sup> V. A. Landry, *La Révolution démographique*, pp. 175-177.

<sup>97</sup> V. F. L. Ryan, “Gaston Bouthoul, *La population dans le monde*”, en *Books Abroad*, vol. XI, n° 1, invierno 1937, p. 55.

<sup>98</sup> V. A. Landry, *La Révolution démographique*, p. 177.

<sup>99</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. vi.

Bouthoul no desarrolla una crítica sistemática del malthusianismo, doctrina esquemática que se excede sin duda en la fijación de un límite al crecimiento de los elementos naturales necesarios para el sustento humano<sup>100</sup>. Y que, al mismo tiempo, contempla la demografía humana como una fuerza puramente zoológica. Malthus, cuya doctrina se basa en la teoría de la renta de la tierra de David Ricardo, introduce en la economía política la correlación entre la población y el equilibrio económico<sup>101</sup>. No es, sin embargo, el único que la toma en consideración<sup>102</sup>. De ella hace Malthus una ley de bronce de la economía (y la sociología). Sobre esta base critica los efectos perversos de las *Poor Laws*, cuya reforma de 1834 (*Poor Law Amendment Act*)<sup>103</sup> es de algún modo una combinación del moralismo puritano y la doctrina malthusiana de una utilitaria autorrepresión y unas costumbres morigeradas.

Cinco son los puntos flacos que Bouthoul señala en la teoría de Malthus<sup>104</sup>. En primer lugar, el simplismo y la falta de rigor de la fórmula matemática que resume su ley de la población, la cual solo excepcionalmente se cumple (en la isla de Java durante el siglo XIX o en el Quebec entre 1784 y 1844). La proporción geométrica del crecimiento de la población vale únicamente como constatación de una tendencia a crecer rápidamente. Yerra también Malthus, en segundo lugar, al afirmar que existe una desproporción permanente entre subsistencias y población. Lo que se verifica en otras épocas históricas deja de ser cierto precisamente desde el siglo XIX a consecuencia de la revolución de los transportes, la cual permite la llegada creciente y masiva de alimentos y materias primas a Europa. Por otro lado, hay en Malthus un reduccionismo lineal y puramente cuantitativo de la población a las subsistencias, correlación en realidad superada por la “mutación psicológica” de los pueblos, en la que opera como criterio determinante la noción de “nivel de vida”. En la nutrición de los distintos pueblos operan factores de civilización muy diversos, pues la alimentación solo es en parte una cuestión puramente biológica,

---

<sup>100</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 2.

<sup>101</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 303 y 122.

<sup>102</sup> Escribe Richard Cantillon en 1755 que “los hombres se multiplican como los ratones en una granja, si cuentan con medios ilimitados para subsistir”. V. R. Cantillon, *Ensayo sobre la naturaleza del comercio en general*, F. C. E., México 1978, p. 59.

<sup>103</sup> V. M. Moix, *Bienestar social*, pp. 123-155.

<sup>104</sup> Para lo que sigue GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 123-124 y GB, *La surpopulation*, pp. 129-134.

cruzándose en ella consideraciones sociológicas (tradiciones, creencias religiosas, etc.)<sup>105</sup>. En última instancia, viene a decir Bouthoul, Malthus comete un error de apreciación al ignorar el peso de los factores morales (*causes d'ordre moral*) como moduladores del sentimiento de lo necesario para la vida en cada sociedad: “Riqueza y pobreza son algo relativo, la naturaleza no nos dice cuál es el mínimo de confort o lujo que necesita un hombre”<sup>106</sup>. Lo advierte Cantillon al estimar en sus cálculos sobre la tierra que un hombre necesita para subsistir según “los diferentes supuestos de su modo de vivir”<sup>107</sup>. Rechaza Bouthoul, a continuación, el injustificado optimismo de Malthus sobre la guerra, obstáculo al crecimiento de la población cuyo efecto, lejos de desaparecer, como presume el escritor inglés, gravita aumentado en la civilización atómica. La guerra como factor represivo del crecimiento se menciona solo una vez en la primera versión del *Ensayo*; en las siguientes versiones, hay que reconocerlo, se le presta algo más atención<sup>108</sup>. En la segunda edición se lee ya que “la guerra, que es el obstáculo que más predomina en las naciones salvajes, ha disminuido ciertamente, aun si consideramos las últimas desdichadas contiendas revolucionarias”. Según Malthus, el mayor número de bajas por causa de la guerra se produce en las naciones y épocas primitivas. No obstante, “el exceso de población” constituye uno de los “estímulos principales de la guerra ofensiva”<sup>109</sup>. Finalmente, discrepa también de Malthus en la atribución de culpas por la suerte de las clases populares: solo estas son responsables a juicio de aquel. Según Bouthoul quienes deben responder son, por el contrario, “las clases dirigentes exclusivamente”, pues ellas legislan y educan al pueblo con su ejemplo<sup>110</sup>.

Comoquiera, el legado intelectual Malthus, crítico madrugador del optimismo ilustrado, cuyo paralelismo con Sade ha resaltado como nadie Bouthoul<sup>111</sup>, sigue siendo fecundo, al

---

<sup>105</sup> Bouthoul recalca la interferencia de las creencias subjetivas sobre la relación de equilibrio entre subsistencias y población. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 97.

<sup>106</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 5.

<sup>107</sup> V. R. Cantillon, *Ensayo sobre la naturaleza del comercio en general*, p. 52.

<sup>108</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, p. 105.

<sup>109</sup> V. T. R. Malthus, *Ensayo sobre la población*, pp. 283, y 444-446.

<sup>110</sup> GB, “Les pays sous-développés”, en *Revue de Paris*, n° 66, noviembre 1959, p. 110.

<sup>111</sup> “Sade menciona frecuentemente el carácter providencial de las grandes calamidades destructivas: ‘La Providencia envía a los hombres la guerra, la peste, el hambre...’ (*Les infortunes de la vertu*). Enumeración exacta de los ‘obstáculos represivos’ de Malthus”. GB, *La surpopulation*, p. 127. Sade, “precursor de las

menos por tres razones. Porque Malthus estudia el fenómeno demográfico en sí, buscando sus leyes específicas (*les lois qui leur sont propres*), primando los factores económicos y su estrecha relación (*rappports continus*)<sup>112</sup> con la población. Porque advierte el carácter utópico de cualquier proyecto que pretenda “mejorar la condición humana despreciando los efectos de un ciego crecimiento del número de hombres”<sup>113</sup>. Finalmente porque, desmentido por su tiempo, el siglo XX, ocasión de un crecimiento demográfico agravado, casi exponencial, muestra que sus previsiones resultan demasiado prudentes, incluso tímidas. La combinación de una elevada natalidad con la tasa de mortalidad de los países desarrollados da lugar a progresiones que incluso superan la progresión geométrica aventurada por Malthus<sup>114</sup>. Esta es la revancha del “pesimista y audaz” Malthus<sup>115</sup> y se puede temer que cada vez tenga más razón<sup>116</sup>.

## 2.1. Malthus, ¿prescriptor moral o enemigo del género humano?

Se atribuye a Pierre-Joseph Proudhon el denuesto: “En el mundo solo hay un hombre de más, Malthus”<sup>117</sup>. La cita, como tantas otras relacionadas con el piadoso clérigo inglés, no es exacta. Esto es lo que en realidad escribe Proudhon en su famoso alegato contra el maltusianismo y la deriva de la II República francesa, instaurada precisamente por una revolución que él mismo interpreta en clave populacionista: “Mientras yo viva y pueda coger mi pluma, [carnívoros maltusianos,] no persuadiréis al pueblo de que, salvo vosotros, hay gente de más sobre la tierra”<sup>118</sup>.

---

cruelas doctrinas darwinistas”, lanza su anatema contra quienes socorren al pobre, pues su acción aniquila el orden establecido y se opone al de la naturaleza. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 150, nota 2.

<sup>112</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 124.

<sup>113</sup> GB, *Les guerres*, p. 315.

<sup>114</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 16.

<sup>115</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 134. Opina lo mismo É. Levasseur, *La population française, Histoire de la population française avant 1789 et démographie de la France comparée à celle des autres nations au XIXème siècle*, Arthur Rousseau Éditeur, París 1892, t. III, pp. 112-113.

<sup>116</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 62. Es la angustiosa tesis divulgada también por W. Vogt, *The Road to Survival*, Willian Sloane, Nueva York 1948.

<sup>117</sup> V. W. Petersen, *Malthus, le premier anti-malthusien*, Dunod, París 1980, p. 71.

<sup>118</sup> V. P.-J. Proudhon, *Idées révolutionnaires*, Garnier Frères, París 1849, p. 121.

En su panfleto, de apenas una decena de páginas y de una circulación y una posteridad extraordinarias, Proudhon pone de manifiesto la profunda transformación de las mentes francesas operada durante la primera mitad del siglo XIX. Francia, un país netamente populacionista hasta el siglo XVIII y con pocos premaltusianos, cambiará su mentalidad en apenas cincuenta años. Todos los propagandistas ingleses partidarios de la restricción de nacimientos, siendo tantos, no lograrán hasta bien avanzado el siglo XIX que cambie la tendencia en Inglaterra<sup>119</sup>. Por eso dice Alfred Sauvy que Malthus, escribiendo para ingleses ricos de finales del siglo XVIII, se convierte finalmente en el preceptor de las clases populares francesas del siglo XIX<sup>120</sup>. También por esto resulta paradójico el destino de Malthus, quien seguramente renegaría de sus secuaces, incluso del maltusianismo. No creo que Sauvy ande descaminado. Proudhon anticipa la misma opinión un siglo antes. En efecto, sublevado aquel “procurador del pueblo” contra la política laboral de la II República, a la que acusa de practicar con los obreros “el asesinato por filantropía”, denuncia que “toda Francia se ha hecho inglesa, [pues] todos son maltusianos”: economistas, juristas, literatos, prensa, alta burguesía, gobierno y encima la Iglesia, “que se pretende cristiana y además galicana”<sup>121</sup>.

Las “imprecaciones” de Proudhon, efectistas como corresponde a la gran literatura panfletaria, apenas tienen interés, señala Bouthoul, salvo como documento histórico<sup>122</sup>. No más que los ataques a Malthus que, desde mediados del siglo XIX, se repiten como si se tratara de un pasatiempo académico. Muchos han sido los maltusianos, pero no menos los antimaltusianos, pues Malthus es uno de los raros autores que concita en su contra “la unión de todos los biempensantes”. En nombre de la Revolución o del optimismo progresista le condenan los socialistas, en nombre del Decálogo o del pecado original los reaccionarios<sup>123</sup>.

---

<sup>119</sup> V. A. Sauvy, “Intento de una visión de conjunto”, en A. Sauvy (Ed.), *Historia del control de nacimientos*, Península, Barcelona 1972, p. 415.

<sup>120</sup> V. A. Sauvy, *El hombre, la guerra y el control de natalidad. Ensayo sobre el maltusianismo y las teorías marxistas*, Vicens-Vives, Barcelona 1965, p. 62.

<sup>121</sup> V. P.-J. Proudhon, *Idées révolutionnaires*, p. 115.

<sup>122</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 124.

<sup>123</sup> GB, *La superpopulation*, pp. 129 y 133.

En boca de sus partidarios o detractores, Malthus es siempre la piedra de escándalo. Célebre, entre tanta simplificación, es la explotación de su famoso apólogo sobre el banquete por W. Godwin, pero sobre todo por Sismondi. En la edición de 1803 del *Ensayo sobre la población*, que en realidad se ha convertido en un tratado, libro por tanto muy distinto del publicado en 1798, reza este pasaje, expurgado inmediatamente en las ediciones sucesivas: “Un hombre que nace en un mundo ya ocupado, sin familia que le socorra o sociedad que pueda utilizar su trabajo, no tiene derecho a reclamar una porción de alimentos para su sostén: ese hombre sobra en la tierra. No hay cubierto para él en el gran banquete de la naturaleza. La naturaleza le conmina a marcharse y ella misma no se demora en ejecutar su mandato”<sup>124</sup>.

En 1820, corriente la quinta edición (1817), Godwin exhuma precisamente ese párrafo, suprimido por Malthus diecisiete años atrás<sup>125</sup>. “Aun eliminado [el párrafo], escribe Gustave de Molinari en su prólogo desmitificador, los socialistas y los antimaltusianos han continuado citándolo complacientes y según una fórmula compendiada y sugestiva”<sup>126</sup>. Manera de proceder no muy honesta pero sin duda eficaz para hacer circular una caricatura del autor del *Ensayo sobre la población*, según el economista político italiano Francesco Ferrara “el más lógico, el menos comprendido y el más calumniado de los economistas”<sup>127</sup>. En cualquier caso, lo cierto es que desde entonces menudea la cita con intención denigratoria en la crestomatía demográfica francesa<sup>128</sup> y también, abreviando, en la española<sup>129</sup>. “Así se crea opinión en Francia”, dice Bastiat: “Cincuenta ignorantes repiten a coro una opinión tergiversada que antes ha proferido otro más ignorante todavía; si el dicho sintoniza, siquiera mínimamente, con la moda o las preocupaciones del

---

<sup>124</sup> *Apud* D. Richet, “Pourquoi Malthus?”, en *Histoire, Économie et Société*, vol. I, n° 3, 1982, pp. 414-415.

<sup>125</sup> V. J. Dupâquier, “Avez-vous lu Malthus?”, en *Population*, vol. XXXV, n° 2, 1980, p. 288.

<sup>126</sup> V. G. de Molinari, “Introduction”, en T. R. Malthus, *Essai sur le principe de population*, pp. XV-XVII. Cita Molinari el apólogo en su contexto y a continuación la mención calculadamente abreviada.

<sup>127</sup> *Apud* F. Virgili, *Il problema della popolazione*, Francesco Vallardi, Milán 1924, p. 6.

<sup>128</sup> V. J. Dupâquier, “Avez-vous lu Malthus?”, en *Population*, XXXV, n° 2, marzo-abril 1980, p. 288.

<sup>129</sup> Se repite en España la cita del apólogo según se recoge en L. Beltrán Flórez, *Historia del pensamiento económico*, Teide, Barcelona 1961, p. 113. *Cfr.* F. Collantes Gutiérrez, “Malthus: un economista convertido en demógrafo por aclamación popular”, en *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n° 101, enero-marzo 2003, pp. 151-152.



día, se convierte en un axioma”<sup>130</sup>. Pero se sigue alimentando la polémica incluso cuando las referencias al pasaje son correctas: J. Dupâquier, en el texto y página citados, considera “muy desafortunado” el apólogo. D. Richet, en cambio, también con buenas razones, ve en ese pasaje “un texto provocativo y de gran efecto que nos conduce directamente al núcleo del pensamiento maltusiano (distinto al ‘maltusianismo’)”<sup>131</sup>.

El neomaltusianismo de Bouthoul, después de todo, tiene una parte de fascinación literaria o estetizante. Pues sus cláusulas de estilo generan también escándalo entre los moralistas. No se acepta la frialdad con la que Bouthoul, voz que clama como Casandra, rechaza el activismo antimaltusiano o propone la planificación familiar forzosa. Lo hace generalmente con aforismos chocantes, ocurrentes incluso, que no es seguro que resultaran agradables a Malthus, un pensador que Bouthoul, de temperamento optimista, juzga “reaccionario” por abandonar a los pobres a la selección natural<sup>132</sup>, castigo, todo sea dicho, a su intemperancia<sup>133</sup>. “En el mundo actual en general y en el tercer mundo en particular, el espermatozoide es el más peligroso de los virus”<sup>134</sup>. Y la superpoblación una enfermedad<sup>135</sup>. “La natalidad provocada llama a la mortalidad organizada”<sup>136</sup>, “la natalidad zoológica [a la] mortalidad zoológica”<sup>137</sup>. En otro lugar: “Nadie tiene derecho a procrear indefinidamente”<sup>138</sup>. Este es el único de los derechos humanos que le parece rechazable, pues “[quien procrea] a la buena de Dios amenaza a los demás”<sup>139</sup>. Un país que no se pliega al desarme demográfico, por la misma razón, constituye una amenaza para el resto.

<sup>130</sup> V. F. Bastiat, *Les harmonies économiques*, en *Oeuvres complètes*, Guillaumin, París 1864, t. 6, p. 500.

<sup>131</sup> V. D. Richet, “Pourquoi Malthus?”, en *Histoire, Économie et Société*, vol. I, n° 3, 1982, p. 414.

<sup>132</sup> Malthus, “irreprochable padre de familia numerosa” y Sade, “afectado por una peligrosa monomanía sexual”, tan distintos, parecen anticipar sin embargo la tesis darwiniana de la eliminación de los débiles. GB, *La surpopulation dans le monde*, pp. 127 y 144.

<sup>133</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 189. Este fragmento, incorporación de 1964, no aparece en las ediciones anteriores.

<sup>134</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 79.

<sup>135</sup> GB, “Aceleración de la historia y demografía galopante”, en *Revista de Occidente*, vol. XI, n° 31, octubre 1965, p. 78.

<sup>136</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 173.

<sup>137</sup> GB, “Disarmo e demografía”, en *Rassegna Italiana di Sociologia*, vol. 2, n° 1, enero-marzo 1961, p. 67.

<sup>138</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 185.

<sup>139</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 79. GB, *L'infanticide différé*, p. 228.

Más aún: la inflación demográfica es el pródromo de genocidios fantásticos<sup>140</sup>. No hay pues alternativa a la planificación demográfica<sup>141</sup>: o la restricción, forzosa o voluntaria, de nacimientos, o las matanzas periódicas en un mundo infestado de guerras civiles si un día el pacifismo triunfa y prohíbe la guerra<sup>142</sup>. Por otro lado, alguna correlación debe haber entre dos explosiones coetáneas: la demográfica y la de la bomba H<sup>143</sup>. Toda doctrina populacionista es una forma de “miserabilismo” social. Y una epidemia que, como en el caso de la administración obligatoria de vacunas, puede justificar incluso la esterilización masiva de la población con aerosoles o manipulación de los alimentos, logrando así “pausas demográficas” o “años sin natalidad”<sup>144</sup>. Partidario del aborto, aunque por razones distintas de los malthusianos ortodoxos, descubre en quienes lo prohíben la “misoginia tradicional de las religiones masculinas”, una “muestra del egoísmo del varón” y una manifestación “de sadismo”<sup>145</sup>. Considera Bouthoul que los malthusianos de estricta observancia deberían ser prohibicionistas del aborto... por los efectos perniciosos que sobre la fertilidad de la mujer pueden tener las prácticas abortivas clandestinas.

Decía Sauvy a principios de los años cuarenta que es un hecho muy notable que “no haya en Francia [verdaderos] demógrafos malthusianos [...], pues quienes atienden a la situación de la población francesa según el [verdadero] espíritu científico concluyen en la necesidad de una elevación de la natalidad”<sup>146</sup>. No obstante el juicio simplificador y pro domo sua de Sauvy, si ha habido en Francia algún malthusiano, ése ha sido, salta a la vista, Bouthoul. Desde luego no dan muchos derechos a un escritor opiniones como las enhebradas en el párrafo anterior<sup>147</sup>, tan difíciles de aceptar para muchos, por razones religiosas, éticas y estéticas. El realismo de Bouthoul, hombre animoso, encontraría por ello consuelo

---

<sup>140</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 149.

<sup>141</sup> GB, “Demain, dix millions d’hommes?”, en *Janus*, nº 4, diciembre 1964-enero 1965, p. 70.

<sup>142</sup> GB, “Démographie galopante”, *Revue de Paris*, nº 71, 1964, p. 86.

<sup>143</sup> GB, “Mutaciones sociológicas y conciencia moral”, *Futuro Presente*, nº 6, 1972, p. 21.

<sup>144</sup> GB, *Essais de polémologie*, pp. 154-155.

<sup>145</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, pp. 78-79.

<sup>146</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 282. La presunta correlación entre demografía “científica” y natalismo no deja de ser un prejuicio normativista y doctrinario contra la demografía “ensayística”.

<sup>147</sup> Y muchas otras: “Produzcan primero, reproduzcanse después” (GB, “Demain, dix millions d’hommes?”, en *Janus*, nº 4, diciembre 1964-enero 1965, p. 70); “Es más fácil hacer hombres que mantenerlos” (GB, “Misère et surpopulation”, en *Revue de Paris*, nº 64, junio 1957, p. 134); etc.

intelectual, tal vez, en este pasaje del prefacio de Malthus a la primera edición de su *Ensayo*: “El cuadro de la vida humana que aparece en este ensayo está impregnado de melancolía; pero el autor tiene conciencia de que estos sombríos tintes están en la realidad y no provienen de un estado de espíritu decaído o de un carácter más o menos acongojado”<sup>148</sup>.

## 2.2. “Aunque no soy partidario de la tesis populacionista...”

Desde el último tercio del siglo XVIII, Francia es ejemplo en Europa de la “restricción voluntaria de nacimientos”, expresión pleonástica según A. Landry<sup>149</sup>. Un nuevo modelo demográfico en el que la “lucha contra la muerte” (baja mortalidad) cede la vez a la “lucha contra la vida” (baja natalidad)<sup>150</sup> y que se explica por una súbita transformación de la mentalidad. No es casual, mucho menos un accidente aislado, que bajo Luis-Felipe los prefectos franceses aconsejen a sus administrados limitar su progenie<sup>151</sup>. En 1848 la oligantropía triunfa ya en Francia<sup>152</sup>.

La despoblación, para los populacionistas, constituye un síntoma inequívoco de decadencia, pues impone a la nación una “atmósfera deprimente”<sup>153</sup>. Los efectos adversos del declive demográfico se manifiestan en la actividad económica, en el tono moral de la sociedad y en la pérdida de hegemonía política de la nación. Para Émile Levasseur, la pérdida de peso demográfico de Francia en Europa, calculado en el 21% de la población total del continente en 1816 y en el 13% en 1890, se correlaciona con el desplazamiento de Francia por otras potencias, Inglaterra y Alemania particularmente<sup>154</sup>. El asunto ocupa todavía un lugar destacado en la literatura contemporánea sobre la crisis de Francia, más

---

<sup>148</sup> V. T. R. Malthus, *Primer ensayo sobre la población*, p. 45.

<sup>149</sup> V. A. Landry, *La Révolution démographique*, p. 29.

<sup>150</sup> Expresiones de Ph. Ariès citadas por A. Sauvy, *L'Europe et sa population*, Les Éditions Internationales, París 1953, p. 57. V. también A. Sauvy, *El problema de la población en el mundo. De Malthus a Mao Tse-Tung*, Aguilar, Madrid 1961, p. 33.

<sup>151</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France*, p. 210.

<sup>152</sup> V. R. Gonnard, *La dépopulation en France*, A.-H. Storck, París 1898, p. 25.

<sup>153</sup> V. A. Landry, *La Révolution démographique*, pp. 107 y 157.

<sup>154</sup> V. É. Levasseur, *La population française. Histoire de la population française avant 1789 et démographie de la France comparée à celle des autres nations au XIXème siècle*, t. III, p. 490.

cultural o espiritual que política y, por tanto, más profunda, localizada en un estrato determinante y previo al de los valores o principios republicanos<sup>155</sup>.

É. Levasseur, A. Landry, R. Gonnard o A. Sauvy, defensores del crecimiento de la población francesa, son ante todo académicos. Landry, por ejemplo, padre del Código de la familia de 1939, tan bien ponderado por Sauvy, y promotor en 1946 del sistema básico francés de prestaciones familiares, no deja de ser reconocido como uno de los grandes demógrafos franceses, independientemente de su actividad en la administración de la república. Otros demógrafos populacionistas son además apóstoles y activistas del antimaltusianismo. Uno de los modelos mejor acabados de demógrafo populacionista *engagé* se encuentra en Jacques Bertillon, hijo del estadístico populacionista Louis-Adolphe Bertillon, cofundador en 1896 de la Alliance Nationale pour l'Accroissement de la Population Française y autor de *La dépopulation de la France*, obra premiada por la Academia de Ciencias Morales y Políticas y cuyo prólogo fulmina la despoblación: condición del progreso económico, de la potencia política, etc., es que Francia exista. “Un problema angustioso debería ocupar él solo todo pensamiento francés: ‘¿Cómo impedir que Francia desaparezca? ¿Cómo hacer que la raza francesa perdure sobre la tierra? Al lado de esta cuestión vital palidecen los demás asuntos, pues son secundarios. ¿Aspiramos a instruir al país, a mejorarlo de una forma u otra? Para ello, lo primero que hace falta es que exista. Cada día, sin embargo, se encamina inconscientemente hacia la nada”<sup>156</sup>.

El *finis Galliae!* lanzado por los demógrafos<sup>157</sup> no se entiende rectamente al margen de la conmoción de la crisis francesa de 1870. La derrota de ese año golpea la conciencia

---

<sup>155</sup> V. É. Zemmour, *Mélancolie française*, pp. 114-115, 128-129, etc. También de este: *Le suicide français*, Albin Michel, París 2014. La demografía es para A. Peyrefitte uno de los aspectos del mal francés: v. A. Peyrefitte, *Le mal français*, Plon, París 1976, pp. 113-125. Según Peyrefitte, la vuelta de Francia al maltusianismo en 1964, sobre todo por “la información ‘mundialista’ que propaga el terror a un mundo superpoblado”, constituye un “suicidio colectivo” (p. 123). El maltusianismo económico y demográfico se presenta también como concausa del declive de Francia, siquiera en segundo plano, en N. Baverez, *La France qui tombe*, Perrin, París 2003, pp. 122 y 131. Para un alegato populacionista no francés v. A. Macarrón Larumbe, *El suicidio demográfico de España*, Homo Legens, Madrid 2011.

<sup>156</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France*, p. I.

<sup>157</sup> V. J. Bertillon, “Le problème de la dépopulation. Le programme de l'Alliance Nationale pour l'Accroissement de la Population Française”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. XII, n° 36, junio 1897, espec. pp. 538 ss.

nacional y enciende las alarmas de la despoblación y la importancia del número<sup>158</sup>. Bertillon hijo achaca a la baja natalidad la capitidisminución política de Francia, la desaparición de la universalidad de la lengua francesa, la decadencia de los ejércitos, la crisis económica y la mengua del bienestar general, el fracaso de la colonización (Francia tiene colonias, pero no colonos), la relajación moral e intelectual del país y la degradación de las virtudes familiares (hijo único)<sup>159</sup>. La causa de la débil natalidad no es patológica, ni siquiera fisiológica, sino psicológica, pues depende de una voluntad muy trabajada por el debilitamiento de las creencias religiosas, el espíritu democrático y el individualismo burgués<sup>160</sup>. El patriotismo exige, según Bertillon, la proscripción de la “propaganda criminal neomaltusiana”<sup>161</sup>.

Hay ciertamente un acuerdo sobre las causas inmediatas de la *dénatalité*. La primera de todas, la concepción burguesa de la vida: “irreligión, pesimismo y refinamiento”, suma de la civilización francesa<sup>162</sup>. La literatura que ensalza el individualismo egoísta y la belleza estéril de la mujer<sup>163</sup> es heraldo de la Francia decadente. Su desastre demográfico, prefiguración de un modelo después generalizado en Europa y otras partes del mundo, constituye “la más importante invención francesa”<sup>164</sup>. Contra el estilo de vida burgués o la mentalidad individualista que la propician combate el socialismo, cuya actitud populacionista ha sido proverbial, por cierto, hasta el triunfo de la socialdemocracia y el estado de bienestar (*Social Welfare*) a partir de la Segunda Guerra Mundial<sup>165</sup>.

---

<sup>158</sup> V. É. Levasseur, “Préface” a Lucien Schöne, *Histoire de la population française*, Arthur Rousseau, París 1893, pp. X-XI. Obra acreedora del “Prix Rossi” de 1891 de la Academia de Ciencias Morales y Políticas, cuya convocatoria propone el tema: *La population: les causes de ses progrès et les obstacles qui en arrêtent l'essor*.

<sup>159</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France*, pp. 9-61.

<sup>160</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France*, p. 125.

<sup>161</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France*, pp. 210-246.

<sup>162</sup> V. R. Gonnard, *La dépopulation en France*, pp. 77 y 64.

<sup>163</sup> V. R. Gonnard, *La dépopulation en France*, p. 77.

<sup>164</sup> “Haber resuelto espontáneamente el problema de la superpoblación, es decir, la adaptación de la humanidad a su mutación demográfica sin dolores ni pérdidas, ¿acaso no es la más importante invención francesa? En ello estriba la condición necesaria de una futura civilización de la cualidad y la longevidad”. GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 69.

<sup>165</sup> Advierte Bouthoul no obstante que el egoísmo no explica plenamente la bajada de la natalidad, pues “el egoísmo es una forma de vida” que puede tener contenidos diversos: tener muchos hijos o lo contrario. GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 7.

El populacionismo del socialismo militante<sup>166</sup> (utópicos, marxistas y socialdemócratas partidarios de la lucha de clases) no tiene misterio para Bouthoul<sup>167</sup>. Las tres corrientes ignoran o desprecian los efectos de la demografía sobre las estructuras económicas y sociales, pero en cada caso por razones particulares<sup>168</sup>. Así pues, al socialismo en general y al socialismo utópico en particular, partidarios a su modo del derecho natural (*féru des théories du droit naturel*), les repugna la limitación del derecho a procrear, libertad esencial del individuo que “toca la intimidad de su alma”. Los adeptos a la lucha de clases (marxistas y socialdemócratas), por su parte, conscientes no obstante de los efectos depresivos de lo que el propio Karl Marx<sup>169</sup> llama “ejército de reserva del capital”, Ferdinand Lassalle “ley de bronce de los salarios” y otros socialistas “salario-máquina”, consienten tácticamente en el crecimiento de la población, acelerador de la depauperización de la clase obrera y, consecuentemente, motor de la revolución. No es raro que la *Enciclopedia soviética* señalara, todavía después de la Segunda Guerra Mundial, que en los países socialistas no puede haber superpoblación<sup>170</sup>. Sí que advierten contra el crecimiento desordenado de la población J. S. Mill y D. Ricardo: al discurrir sobre la teoría del fondo de salarios el primero y cuando trata de la ley de la renta el segundo. Por ello, concluye Bouthoul, “en su período heroico, el capitalismo ha estimulado el aumento de población para abaratar la mano de obra”<sup>171</sup>. Si la forma “más antipática e inhumana” del capitalismo en su versión “ricardiana” consiste en aumentar la población para mantener

---

<sup>166</sup> “La experiencia muestra que en materia de política demográfica la actitud del marxismo militante puede diferir de la del marxismo triunfante. El primero necesita tropas que sacrificar, el segundo piensa en la difusión del bienestar”. GB, *La surpopulation*, pp. 148-149.

<sup>167</sup> Para lo que sigue: GB, *La surpopulation*, pp. 140-151.

<sup>168</sup> Hay naturalmente excepciones precursoras de la actitud generalizada por el socialismo democrático del siglo XX, particularmente, según Bouthoul, Saint-Simon y Fourier.

<sup>169</sup> Frecuentemente se parangonan Marx y Malthus. Sauvy, por ejemplo, hace de su contraposición el argumento central de uno de sus libros más divulgados. El antagonismo Marx-Malthus desborda los límites del siglo XIX reactivándose después de la Segunda Guerra Mundial. V. A. Sauvy, *El hombre, la guerra y el control de natalidad*, p. 121. Bouthoul, por su parte, aproxima las profecías de Marx y Malthus: ambos advierten contra el empobrecimiento de las clases trabajadoras. Este se produce, sin embargo, no por las razones que alega Marx (contradicciones del capitalismo), sino por las de Malthus (crecimiento de la población). “La depauperización creciente anunciada por Marx [...] se produce únicamente en los países que están fuera del capitalismo industrial”. GB, “Les pays sous-développés”, en *Revue de Paris*, nº 66, noviembre 1959, pp. 100 y 109.

<sup>170</sup> *Apud* A. Sauvy, *La máquina y el paro*, p. 71.

<sup>171</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 158.

bajo el precio del trabajo e incrementar la renta de la tierra, en la “fordiana” se trata de “aumentar la población para crear mercados cada vez más vastos”<sup>172</sup>.

Émile Zola, novelista epónimo de las ideas populacionistas del socialismo decimonónico, saluda en 1896 la creación de la Alianza para el Crecimiento de la Población Francesa y acusa a la literatura del desastre demográfico de su patria: por ello tendrán que responder los pedisecuos de Schopenhauer y Wagner, ministros del dolor de la existencia, de la renuncia a dar la vida a otro ser y del elogio de la virginidad y la infecundidad en el matrimonio. Abundan en Francia, en comparación con otros países, las “vírgenes informuladas que flotan en limbos crepusculares” y los “pálidos efebos que podemos tomar y tomamos por chicas”. ¿Con estas parejas, se pregunta Zola, va a crecer el número de “pequeños ciudadanos franceses”?<sup>173</sup>. A Zola le molesta especialmente, escribe en el mismo lugar, que “la gente que se encuentra en una acera con una madre seguida de dos o tres hijos y otras tantas hijas se [sonría]. Les parece algo cómico y hasta inconveniente. ¡Solo los animales se reproducen así! [...] Todo cambiaría si se convenciera a nuestros jóvenes y a tanta chica mona que nada es más hermoso ni más fuerte que las familias numerosas”<sup>174</sup>. Por eso se saca Zola del magín, algún tiempo después, una novela titulada *Fécondité*, una invitación al cambio de las ideas morales de Francia, particularmente las ideas maltusianas instiladas en la conciencia obrera. Su diagnóstico es certero: “Francia se despuebla porque quiere” (*si la France se dépeuple c’est qu’elle le veut*)<sup>175</sup>.

Bouthoul no desea permanecer ajeno a los peligros del hundimiento de la población. No será un nacionalista francés, pero sí, esto es indudable, un patriota de la cultura francesa.

Ciertamente, le parece que la ralentización del crecimiento no ha impedido a Francia irradiar su energía sobre todos los ámbitos de la vida nacional. Es un dato objetivo que el

<sup>172</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 173.

<sup>173</sup> V. É. Zola, “Dépopulation”, en *Le Figaro*, 23 de mayo 1896, p. 1.

<sup>174</sup> He aquí el punto de vista de un demógrafo: “La gente que en el matrimonio acepta la venida de los hijos, por numerosos que estos sean, sin impedirlo de cualquier modo, causan estupefacción”. A. Landry, *La Révolution démographique*, p. 34.

<sup>175</sup> É. Zola, *Fécondité*, Eugène Fasquelle, París 1899, 1ª parte, libro I, p. 2. Durante el *Interbellum*, como subraya Sauvy, culmina la inversión de las posiciones de izquierdas y derechas: en términos generales los partidos progresistas se tornan maltusianos y los conservadores populacionistas. Razones posibles del cambio de posición: “el hecho, seguramente lamentable, pero cierto, de que la palabra ‘familia’ disgusta a los espíritus avanzados”. ¿Y cómo separar el natalismo de las políticas familiares, en las que el socialismo teme ver reencarnados los derechos del *pater familias*? V. A. Sauvy, *Richesse et population*, pp. 275 y 281.

crecimiento demográfico se ha contraído, pero ello no supone necesariamente franquear el umbral de la decadencia y el invierno demográfico<sup>176</sup>. Con todo, la situación resulta problemática, tanto desde un punto de vista político como económico y cultural. Tal vez, una de las primeras consecuencias de las terribles pérdidas de la Gran Guerra es la anticipación del envejecimiento de Francia o “predominio numérico de los viejos”, circunstancia que, en este caso sí, puede hacer que Francia pierda gran parte de su vitalidad<sup>177</sup>.

Después de un siglo de moderación demográfica<sup>178</sup>, la propaganda natalista alcanza su clímax bajo el gobierno de Vichy, dejando una huella muy profunda, marca en hombres y doctrinas que perdura por inercia y sobrevive a sus causas, provocando contradicciones fantásticas. Resulta ejemplar, en este punto, una ley penal francesa de 1920, organizadora, según el juicio lapidario de Bouthoul, de la “ignorancia sexual obligatoria”, norma aprobada para castigar la difusión de prácticas anticonceptivas cuando, al mismo tiempo, un proyecto pretende introducir en los colegios franceses la educación sexual<sup>179</sup>.

El neomaltusiano Bouthoul, siempre crítico con la impulsión política del crecimiento demográfico, considera, no obstante, que “la propaganda populacionista ha estado en parte justificada, pues a principios del siglo XX toma forma claramente la amenaza de despoblación”<sup>180</sup>. Francia, desafiada por el crecimiento demográfico y la situación geográfica de sus vecinos, se enfrenta a un peligro real en 1935, de ahí que, “aunque [él no sea] partidario de la tesis populacionista, [reconoce] que es aconsejable el aumento de la población francesa, al menos el tiempo suficiente para ‘alinearse’ y prevenir la

---

<sup>176</sup> Perspectiva que escritores como Julien Freund cuestionarían sin duda, actualmente con más razón si cabe, pues hay también síntomas indirectos de la decadencia. Entre otros estos tres: el desequilibrio en la ratio de la población autóctona y la inmigrante; el diferencial de natalidad entre aquella y esta y entre los nacionales y los pueblos circundantes; y la resistencia a la integración de las poblaciones alógenas. V. J. Freund, “Décadence et jeu de mots”, en *Essais de sociologie économique et politique*, Economische hogeschool Sint-Aloysius, Bruselas 1990, pp. 25-26.

<sup>177</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 48. Agravan las consecuencias de la gerontocracia la laminación del espíritu de empresa y la conversión de Francia en objeto de la política internacional.

<sup>178</sup> Experiencia precursora de desarme material y moral, no exenta de riesgo, que según Bouthoul debería primar la posición de Francia en la “organización demográfica de la paz”. GB, *La population dans le monde*, p. 207.

<sup>179</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 76.

<sup>180</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 244.



consecuencias de un desequilibrio creciente”<sup>181</sup>. Se trata, concluye Bouthoul, de una solución circunstancial (“engendrar como función social”<sup>182</sup>), dependiente de una situación y un estado de ánimo particulares (populacionismo patriótico). Inciso que, después de la guerra, en las sucesivas reelaboraciones de *La population dans le monde*, desaparece, pues se disipan las dudas del autor sobre la tendencia del movimiento de la población y sus efectos. No obstante, en la conclusión de *L’infanticide différé*, subraya nuevamente la peculiaridad francesa: la planificación familiar espontánea, prematurada en Francia casi un siglo con respecto al resto de Europa, ocasiona un “desfase perjudicial” que afecta a aspectos diversos de la vida nacional. Otra cosa es que desde una perspectiva polemológica sea posible deducir consecuencias<sup>183</sup>.

### 2.3. Gaston Bouthoul, o el *anti-Sauvy*

Bouthoul es autor monomaniaco y monotemático según Alfred Sauvy, factótum de la demografía francesa en la segunda mitad del siglo XX y, antes de la guerra, cultivador destacado de los estudios sobre la coyuntura económica en el grupo “X-Crisis”<sup>184</sup>. Nadie como Sauvy parece haber seguido con tanto detalle en Francia la carrera literaria de Bouthoul, pues es habitual que sus libros más importantes publicados a partir de 1945 sean recensionados o comentados por la revista *Population*, una publicación del Institut National d’Études Démographiques<sup>185</sup>. Las reseñas, generalmente firmadas por el propio Sauvy (“A. S.”), son muy críticas y todas tienen un sorprendente tono denigratorio *ad hominem* que obliga a pensar en las razones, tal vez no estrictamente científicas, que

---

<sup>181</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 236. En otro lugar se lee: “La planificación familiar comienza en Francia un siglo antes que en el resto de Europa, lo cual determina un desfase perjudicial en distintos sectores”. GB, *Essais de polémologie*, p. 158.

<sup>182</sup> Expresión que se encuentra en GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, p. 45.

<sup>183</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 242, nota 1.

<sup>184</sup> Lo apunta de pasada R. Aron, *Mémoires. 50 ans de réflexion politique*, p. 143. “X-Crise” es el nombre por el que se conoce al “Centre Polytechnicien d’Études Économiques” (CPEE). V. O. Dard, “Voyage à l’intérieur d’X-Crise”, en *Vingtième Siècle. Revue d’Histoire*, n° 47, julio-septiembre 1995 y la bibliografía ahí citada.

<sup>185</sup> El Instituto es una fundación de 1945. Desde ese mismo año publica ininterrumpidamente la revista *Population*. V. Roland Presat, “L’INED à ses débuts: l’esprit Sauvy”, en *Population*, vol. 50, n° 6, noviembre-diciembre 1995. En este volumen, conmemorativo del 50 aniversario de la publicación de *Population*, se recogen otros estudios de interés sobre el INED y la figura de Sauvy.

expliquen semejante fijación. Así, *Cent millions de morts* no contendría, a su juicio, ni un solo elemento constructivo para una teoría de la paz<sup>186</sup>. La tesis de *Huit mille traités de paix*, obra “prejuiciosa”, carecería de consistencia<sup>187</sup>. *La surpopulation dans le monde* formaría parte, frente a la seriedad de los estudios de un Landry, de “una literatura simplista”, propiciada por el contexto de la demografía más literaria que técnica del primer tercio del siglo pasado, una “ciencia [entonces] salvaje, sin maestros ni discípulos”<sup>188</sup>. Sauvy reprocha a su autor, “malgrado para la ciencia”, que en este último libro acumule inexactitudes y prejuicios populares. En la misma reseña subraya también que Bouthoul no se ocupa del problema del envejecimiento de las sociedades, lugar común de la demografía contemporánea cuya formulación primera (*vieillessement de la population*) se suele atribuir a Sauvy<sup>189</sup>.

Lo cierto es que el neomaltusiano Bouthoul, con otra terminología, anticipa netamente la cuestión del envejecimiento en 1936. Describe entonces las consecuencias psicológicas y polemológicas del aumento de la esperanza de vida (*durée moyenne de la vie*): la mutación social y biológica de la humanidad<sup>190</sup> y la aparición de un “conflicto natural” entre viejos y jóvenes, el “conflicto de las generaciones”<sup>191</sup>, “lucha sorda”<sup>192</sup> y “feroz”<sup>193</sup> que se suma a la lucha de clases entre patronos y obreros y a la hostilidad secular entre aristocracia y plebe. Podría decirse lo mismo de la *montée des jeunes*, plástica expresión de Sauvy que ha

---

<sup>186</sup> A. Sauvy, “Cent millions de morts”, en *Population*, vol. I, n° 3, julio-septiembre 1946, p. 546.

<sup>187</sup> A. Sauvy, “8000 traités de paix”, en *Population*, vol. III, n° 3, julio-septiembre 1948, p. 578.

<sup>188</sup> A. Sauvy, “La surpopulation dans le monde”, en *Population*, vol. XIII, n° 3, julio-septiembre 1958, p. 516. Sauvy escribe también una nota bibliográfica sobre el tomo II del *Traité de sociologie* de Bouthoul, libro cuyo contenido científico “aniquila el prejuicio” (*Population*, vol. X, n° 4, octubre-diciembre 1955, p. 766). Otras reseñas breves, del mismo tono: G. M., “Biologie sociale”, en *Population*, vol. XIII, n° 1, enero-marzo 1958, pp. 148-149; A. C., “Le phénomène-guerre”, en *Population*, vol. XIX, n° 1, enero-marzo 1964, p. 178; y A. C., “La surpopulation. L’inflation démographique”, *Population*, vol. XX, n° 2, marzo-abril 1965, p. 304.

<sup>189</sup> Cfr. A. Sauvy, *Richesse et population*, pp. 96-119 (cap. IX).

<sup>190</sup> GB, “Une nouvelle espèce”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 18 de julio 1936, p. 1. Bouthoul señala también que el aumento de la esperanza de vida tiene como consecuencia añadida la transformación de la distribución por edades de la población.

<sup>191</sup> GB, “Le conflit des générations”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 22 de julio 1936, p. 2. Veinte años después aconseja “exorcizar la metáfora” del envejecimiento de la población, convertida en uno de los grandes argumentos de los populacionistas. Su gran inconveniente: su “carga afectiva y estética”, evocadora del “deterioro, la decrepitud y la disgregación”. GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 264.

<sup>192</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 88.

<sup>193</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 35.

hecho fortuna<sup>194</sup>, si bien nadie o muy pocos ignoran la cosa en sí a principios de los años sesenta. Le preocupa a Sauvy el acogimiento de las nuevas cohortes de jóvenes: ¿qué les depara la sociedad a la que llegan?<sup>195</sup>. También a Bouthoul le inquieta en 1936 ese fenómeno, verdadero *mal du siècle*: la demasía de “[jóvenes] de veinticinco o treinta años, educados en el culto a la acción eficaz y el activismo, animados por las mejores intenciones, pero que no han trabajado en su vida, faltos de empleo”<sup>196</sup>. ¿Qué harán, se pregunta, si “[encuentran] ocupados todos los puestos”?

La causa remota de esa indisposición permanente de ánimo contra Bouthoul (¿la osadía científica de un demógrafo sin patente?) salta acaso en las páginas de una recesión muy crítica de *La population dans le monde* precisamente, redactada poco después de su publicación y firmada por el historiador y demógrafo Jean Bourdon, colaborador de *Population* en su primera etapa. Bourdon no solo apunta (pródigamente) la que él juzga imprecisión de las fuentes de Bouthoul, así como su falta de acribia, sino que le reprocha su “confusión entre las previsiones demográficas groseras y las de Sauvy y Burgdoerfer”<sup>197</sup>. Se prefigura en este apunte mínimo una disputa que atraviesa la demografía y la polemología de Bouthoul, cobrando cuerpo al actualizarse la polémica entre maltusianos o neomaltusianos (Bouthoul) y populacionistas o neopopulacionistas (Sauvy).

Pretende Bouthoul plantear sus diferencias científicas con Sauvy de modo sistemático, pues casi todo les separa: la amenaza de la superpoblación determina actitudes divergentes entre los dos demógrafos, la del cálculo del “óptimo de población”, tesis patrocinada a finales de los años veinte, entre otros, por Corrado Gini, frente a la determinación del “estado de superpoblación”, criterio demográfico que encuentra en Bouthoul uno de sus

---

<sup>194</sup> No es la única. Sauvy pone también en circulación la expresión “Tercer mundo” (*Tiers monde*) para referirse a los países subdesarrollado. V. J.-C. Chesnay, “Sauvy Alfred, 1898-1990”, en M. Borlandi, R. Boudon, M. Cherkaoui y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, p. 622.

<sup>195</sup> V. A. Sauvy, *La montée des jeunes*, Calmann-Lévy, París 1959, pp. 101 ss.

<sup>196</sup> GB, “Le conflit des générations”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 22 de julio 1936, p. 2. Sobre el “mal du siècle”: GB, “Hommes et nombres”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 18 de abril 1936, p. 1.

<sup>197</sup> V. J. Bourdon, reseña de GB, *La population dans le monde*, en *Revue d'Économie Politique*, vol. XLIX, n° 4, julio-agosto 1935, p. 1 428. El mismo autor, ya en la posguerra, vuelve a referirse a Bouthoul como “autor de una *Population dans le monde* que manifiesta su perfecta ignorancia de los progresos de la demografía desde finales del siglo pasado”. V. J. Bourdon, “Remarques sur le doctrines de la population depuis deux siècles”, en *Population*, vol. II, n° 3, julio-septiembre 1947, p. 495.

mayores apologetas en lengua francesa. Su opinión, reiterada en libros y artículos de gran circulación, apenas recibe de Sauvy una respuesta desdeñosa, desviada siempre hacia la correlación, que juzga simplista, entre demografía y guerra. La polémica se asemeja a un diálogo entre ausentes o, más bien, a un monólogo forzado, fatalidad que siempre gravita sobre el pensamiento de Bouthoul e, incluso, sobre la recepción de su obra, más bien no-recepción. El relativo silencio de Sauvy es solo uno más de los silencios que desplazan la bibliografía de su rival de la palestra científica a la del diletantismo.

Se echa en falta con frecuencia que Bouthoul no haya encontrado verdaderos interlocutores<sup>198</sup>: nadie<sup>199</sup>, en una carrera científica y literaria de casi sesenta años, excepto tal vez Julien Freund<sup>200</sup> y Giorgio Facchi<sup>201</sup>. Paradigmático resulta el caso de Raymond Aron, quien le dedica un apartado de *Paix et guerre entre les nations*<sup>202</sup>. Sin embargo, en una *laudatio* dedicada al amigo Sauvy, prótoco de su lección inaugural del curso 1971-72 del Colegio de Francia, esboza Raymond Aron, como contrafigura anónima del prolífico demógrafo, colegial él mismo desde 1959, un perfil que a Bouthoul le cuadra a la perfección<sup>203</sup>.

Así ve Aron la trayectoria de Sauvy: “Toda su vida ha combatido a un enemigo despiadado por insidioso, el malthusianismo, monstruo cuyas transformaciones persigue, hidra cuyas cabezas siempre renacientes corta. Este cruzado no posee sino un arma, el

---

<sup>198</sup> Esto es también responsabilidad del propio Bouthoul, tocado por un temperamento refractario a la polémica y a la denuncia exaltada. V. *infra*, cap. 4, § 4. Aquí tiene interés recordar lo que en su tratado de “sociología del dominio militar” apunta Bernard Boëne sobre el experto en materias militares y polemológicas, una caracteriología *in nuce*. V. B. Boëne, *Les ciencias sociales, la guerre et l'armée. Objets, approches, perspectives*, P. U. P. S., París 2014, pp. 125-131.

<sup>199</sup> R. Caillois, interlocutor natural de Bouthoul, lamenta en el prólogo de su *Bellone* no haber podido confrontar “las tesis estimulantes de Gaston Bouthoul”. No sabemos si ese prometedor diálogo que permiten vislumbrar las palabras de Caillois hubiera podido dar algún fruto. V. R. Caillois, *Bellone ou la pente de la guerre* (1962), Flammarion, París 2012, p. 9.

<sup>200</sup> Solo Julien Freund se ha ocupado de confrontar su concepto de la polemología (sociología del conflicto) con el de Bouthoul (sociología de las guerras). No obstante, *v.* también ahora J. Freund, *Sociologie du conflit*, P. U. F., París 1983, pp. 58-60 y 346-348. Cfr. G.-E. Sarfati, “De la sociologie des guerres (Bouthoul) à la sociologie du conflit (Freund). Quelques remarques sur une dette intellectuelle méconnue”, en G. Delannoï, P. Hintermeyer, Ph. Raynaud y P.-A. Taguieff (Ed.), *Julien Freund, la dynamique des conflits*, Berg International, París 2010, pp. 37-45.

<sup>201</sup> V. G. Facchi, *Polemologia come scienza*.

<sup>202</sup> V. R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, pp. 236-242.

<sup>203</sup> Sauvy, populacionista, es sociólogo de humor optimista; el del neomalthusiano Bouthoul es, en cambio, pesimista. GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 237.

análisis científico de las consecuencias que acarrea para la grandeza, para la supervivencia de la colectividad nacional, el ocaso de la población, la no renovación de las generaciones”<sup>204</sup>. Este pasaje resulta llamativo en un escritor más bien frío y poco proclive a las metáforas. Termina la glosa de la personalidad científica de Sauvy echando de menos un ingenio a su altura, capaz por tanto de contender con él: “Sigo soñando a veces con un anti-Sauvy que para denunciar los destrozos, materiales o morales, del exceso de la población, concepto rigurosamente indefinible, manifestase el mismo ardor, el mismo talento, la misma obstinación que nuestro Sauvy al servicio de la doctrina contraria”<sup>205</sup>. No creo que Aron ignorara entonces que Bouthoul es, ¿quién si no?, la personalidad científica más parecida a ese *anti-Sauvy* por el que clama en su lección del Colegio de Francia.

### 3. La mutación demográfica

En 1934 estudia Adolphe Landry la caída de la natalidad, asunto recurrente entre los demógrafos franceses desde finales del siglo anterior. El retraimiento de las tasas de natalidad constituye un fenómeno muy complejo en sus causas, a diferencia de las de mortalidad, las cuales parecen más accesibles a la investigación (mejoras médicas e higiénicas, saneamientos urbanos). La “población estable” se torna a lo largo del siglo XIX “estacionaria”, según la terminología de Landry, pues natalidad y mortalidad tienden a igualarse a la baja. Este proceso se inicia en Francia y prende después en el resto de Europa. No obstante, “hay razones parara creer que el fenómeno es universal”<sup>206</sup>.

Distingue Landry dos regímenes demográficos; tres, si se cuenta el de transición. El régimen primitivo de la población se caracteriza por la abundancia de hijos y por el predominio de los jóvenes sobre los viejos. El equilibrio demográfico depende en él de la

---

<sup>204</sup> V. R. Aron, “De la condición histórica del sociólogo”, en *Estudios sociológicos*, Espasa-Calpe, Madrid 1989, p. 373.

<sup>205</sup> V. R. Aron, “De la condición histórica del sociólogo”, en *Estudios sociológicos*, p. 375.

<sup>206</sup> V. A. Landry, *La révolution démographique*, p. 18.

relación entre la población y las subsistencias. Frente a ese estado de cosas, el régimen demográfico contemporáneo introduce la restricción voluntaria de nacimientos. El *family planning* consiste en la racionalización de la descendencia. Cada pareja puede establecer libremente su progenie. No, subraya Landry, porque lo permita el descubrimiento de nuevos métodos anticonceptivos, a la sazón “conocidos en todas las épocas”, sino por la aparición de una nueva actitud psicológica, relacionada con la racionalización de la vida<sup>207</sup>. En esto consiste precisamente, a su juicio, la “revolución demográfica”. Frente a los factores “objetivos” (productividad, nivel de vida) determinantes de los regímenes primitivo e intermedio, el régimen contemporáneo depende de factores psicológicos, lo cual lo convierte en un régimen mucho más inestable que los anteriores<sup>208</sup>.

Aunque se suele atribuir al norteamericano Frank Notestein la teoría de la “transición demográfica” (*demographic transition*), lanzada en 1945<sup>209</sup>, hay que considerar seriamente que Landry la anticipara diez años antes. Dudley Kirk menciona tres precursores de la célebre teoría, “la generalización mejor documentada de las ciencias sociales”<sup>210</sup>: Warren Thompson (1929), A. Landry (1934) y Alexander M. Carr-Saunders (1936). Nada se dice, sin embargo, de G. Bouthoul, portavoz de la misma doctrina, expuesta en 1935, como después se explica, en las conclusiones de *La population dans le monde*.

Por su parte, Bouthoul atribuye también la causa de la revolución demográfica al cambio experimentado por las tasas de natalidad. En 1922, después de examinar las diversas interpretaciones de la tendencia demográfica contemporánea –irreligiosidad, derecho de familia (F. le Play), egoísmo (P. Leroy-Beaulieu, J. Bertillon)–, observa que el hecho capital que explica el descenso de la natalidad es la aplicación voluntaria y reflexiva de la potencia genésica. No hay, en su opinión, una tasa “normal” de nacimientos: en la época contemporánea la natalidad se convierte en una magnitud no racionalmente necesaria<sup>211</sup>. Estas opiniones, recogidas por Bouthoul en su tesis doctoral, bastan para poner de

---

<sup>207</sup> V. A. Landry, *La révolution démographique*, pp. 31 y 39.

<sup>208</sup> V. A. Landry, *La révolution démographique*, pp. 48-49 y 52.

<sup>209</sup> V. F. Notestein, “Population: the Long View”, en T. W. Schutz (Ed.), *Food for the World*, University of Chicago Press, Chicago 1945, pp. 36-57. También D. Kirk, “Demographic Transition Theory”, en *Population Studies*, n° 50, 1996.

<sup>210</sup> V. D. Kirk, “Demographic Transition Theory”, en *Population Studies*, n° 50, 1996, p. 361.

<sup>211</sup> GB, *Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et la doctrine*, pp. 7 y 13.

manifiesto que la doctrina demográfica divulgada por Landry está ya registrada en la conciencia sociológica mucho antes de los años treinta. No obstante, será Landry quien la naturalice científicamente al denunciar en sus efectos una verdadera “revolución demográfica”.

En *La population dans le monde*, publicada en febrero de 1935, solo unos meses después que *La révolution démographique*, advierte Bouthoul, en contra de lo manifestado en su primer estudio sobre las variaciones de la natalidad, que el control y la intervención sobre esta no son nuevos: “[El intervencionismo] ha existido en todas las sociedades bajo diversas formas, más o menos adaptadas y dictadas por las posibilidades y necesidades sociales”<sup>212</sup>. A fin de cuentas, las instituciones reguladoras de la moral sexual, la nupcialidad y el matrimonio son “formas de intervenir directa o indirectamente sobre la expansión demográfica”. De hecho, si esas instituciones no intervinieran desde antiguo, ordenando la natalidad puramente zoológica, “entre los quince y los cuarenta y cinco años todas las mujeres tendrían un hijo cada año”<sup>213</sup>. Reconoce pues haberse equivocado en este punto, ya que “durante mucho tiempo [ha] creído que la intrusión de la voluntad en la procreación constituye un hecho reciente”<sup>214</sup>. Cabe pues establecer una regla general: “No hay sociedad en la que la procreación sea absolutamente libre de cualquier ordenación”<sup>215</sup>. Pone Bouthoul algunos reparos a la teoría demográfica de Landry. De entrada, al contenido mismo de la revolución demográfica, pues juzga que es fenómeno de mucha mayor hondura y trascendencia que lo entrevisto por él. Reconoce que Landry utiliza el término “revolución demográfica” antes que él, pero dándole un sentido muy diferente<sup>216</sup>.

---

<sup>212</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 94. Bouthoul prueba su tesis a continuación, en los capítulos VII y VIII.

<sup>213</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 12. GB, “La mutation explosive de l’humanité”, en *Planète*, n° 18, septiembre-octubre 1964, pp. 120-121.

<sup>214</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 243.

<sup>215</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 105. Estas reglas existen y operan incluso cuando se desconoce la vinculación entre la procreación y la sexualidad. Es un clásico de la literatura neomaltusiana el tratado del demógrafo norteamericano Edwin Himes sobre la historia de los métodos anticonceptivos. V. E. Himes, *Medical History of Contraception*, George Allen & Unwim Ltd., Baltimore 1936. Cfr. M. Riquet, “Punto de vista de un historiador y teólogo católico”, en A. Sauvy (Ed.), *Historia del control de nacimientos*, pp. 356 y ss.

<sup>216</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 104, nota 1.

No se trata, escribe Bouthoul, de una mera “revolución”, sino de una “verdadera mutación biológica” que ha alterado el patrón de crecimiento de la especie humana<sup>217</sup>. Desde un punto de vista biológico, el límite potencial de la vida humana, en torno a los cien años, tal vez un poco más, no ha cambiado; se ha dilatado extraordinariamente, sin embargo, la esperanza media de vida, superando en algunas naciones los ochenta años. Aumenta pues el número de individuos que viven más en las sociedades contemporáneas. Los efectos de semejante transformación se suman, por otro lado, a la drástica reducción de la mortalidad infantil<sup>218</sup>. Signos del alumbramiento de una especie humana mutante y, por tanto, nueva son la generalización de una contracepción científica y metódica, la difusión de los antibióticos y la aparición de la bomba atómica<sup>219</sup>.

Estima Bouthoul, por otro lado, que la teoría de Landry tampoco es satisfactoria en cuanto a su validez general, pues “tiene el inconveniente de ser subjetiva”. No permite distinguir si un incremento o disminución de la población depende de decisiones conscientes o deliberadas o, por el contrario, tiene causas inconscientes (“situación sanitaria y social, fluctuaciones climáticas”) o semivoluntarias (“acontecimientos políticos, crisis económicas, guerras civiles o extranjeras, invasiones”)<sup>220</sup>.

La mutación consiste en “una *aceleración* [del] potencial de expansión numérica”<sup>221</sup> de la especie humana. Afecta, desde luego, a la tasa de mortalidad, que baja y determina cambios no somáticos, pero sí sociales, en el hombre. ¿Acaso no aumenta las expectativas de vida? ¿Y no tiene esto un efecto directo sobre la mentalidad y las instituciones? La inflación demográfica, la generalización de “políticas biológicas” o la “rápida cicatrización”<sup>222</sup> de las pérdidas de las guerras del siglo XX son consecuencias (polemológicas) de la mutación demográfica. Tan importantes como éstas son los efectos psicosociales desencadenados por la mayor proporción de mujeres: feminización de las

---

<sup>217</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 11.

<sup>218</sup> GB, “Mutaciones sociológicas y conciencia moral”, en *Futuro Presente*, nº 6, 1972, pp. 18-19.

<sup>219</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 225.

<sup>220</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 12. “Desde fuera” (*du dehors*) no se puede dilucidar si el aumento o disminución de la tasa de natalidad resultan de una acción voluntaria. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 104, nota 1.

<sup>221</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 13.

<sup>222</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 28.



sociedades por un número creciente de mujeres liberadas, relativamente al menos, por el maquinismo y no sometidas a los rigores de la función genésica, otrora ineludibles<sup>223</sup>. Pues en una sociedad tradicional la elevada mortalidad infantil impone condiciones terribles a la mujer: un matrimonio precoz, más de media vida encinta y la sumisión social y jurídica<sup>224</sup>. Por eso asegura Bouthoul que la reducción de la mortalidad infantil constituye un factor objetivo de la “emancipación femenina”.

La mutación demográfica, desencadenada cuando principia el siglo XIX, se difunde de occidente a oriente en un proceso de universalización que, después de 1945, tiene repercusiones en todo el mundo. La más notoria es el choque del potencial expansivo de la especie humana, multiplicado por diez o más, con unas instituciones que en último análisis, concluye Bouthoul con énfasis y exageración notorios, proceden de la era cuaternaria. “El problema se plantea en los términos siguientes: expansión acelerada en un medio que se angosta”<sup>225</sup>. Pero la pujanza de este movimiento choca con una espontánea resistencia de las sociedades a la demografía galopante. Esta “resistencia” sí que merece, según Bouthoul, el nombre de “revolución”, pues se trata de una “reacción consciente” que institucionaliza comportamientos nuevos<sup>226</sup>. “A un fenómeno involuntario e inconsciente, la mutación, responde un fenómeno sociológico que constituye una revolución en el sentido propio del término. Pues toda revolución es una adaptación voluntaria y consciente de las costumbres y las instituciones a estructuras y mentalidades nuevas”<sup>227</sup>.

Con estas notas articula Bouthoul su doctrina de la “revolución demográfica”, que ordena y presenta en la cuarta parte del segundo tomo de su *Traité de sociologie*, titulada: “Los factores demográficos de las variaciones [sociales]”<sup>228</sup>. Estas páginas, noventa

---

<sup>223</sup> Lo cual abre posibilidades inéditas de solución, según la “lógica femenina”, a los problemas de la gran mutación demográfica. GB, “Une mutation dangereuse”, en *La Nouvelle Revue Française*, nº 60, diciembre 1957, p. 1 094.

<sup>224</sup> GB, “Un indice objectif de civilisation”, en Institut International de Sociologie, *Actes du XV<sup>e</sup> Congrès International de Sociologie. Istanbul (11-17 septembre 1952)*, Imprimerie des Facultés, Estambul 1952, p. 6.

<sup>225</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 35. A renglón seguido concluye: “Peor todavía: semejante expansión se produce en un mundo que literalmente se contrae bajo nuestros pies, como la piel de zapa”.

<sup>226</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 23.

<sup>227</sup> GB, “La mutation explosive de l’humanité”, en *Planète*, nº 18, septiembre-octubre 1964, p. 119.

<sup>228</sup> GB, *Traité de sociologie*, II, pp. 103-193.

exactamente, son como la tentativa de un tratado de demografía nunca elaborado por el autor<sup>229</sup>. Se abarca en ellas, sin embargo, el recorrido de la revolución demográfica como reacción adaptativa de la especie humana, un proceso que en rigor carece del voluntarismo que Bouthoul llega a atribuirle en los textos o versiones anteriores a 1968. De hecho, en la reelaboración del *Traité de sociologie* publicada precisamente ese año advierte que “el término ‘revolución demográfica’ me parece impropio, puesto que se trata de una modificación espontánea y no concertada”<sup>230</sup>.

La mutación demográfica, para mantener la terminología preferida finalmente por Bouthoul, aparece ya sistematizada en el colofón de *La population dans le monde*. Establece entonces el autor tres grandes etapas, cuya delimitación y contenido coinciden con la exposición clásica de la “transición demográfica”<sup>231</sup>: bajo el régimen demográfico tradicional o de “despilfarro de vidas humanas” (*régime de gaspillage humain*), una muy fuerte natalidad no logra compensar una mortalidad igualmente elevada; la segunda etapa de la mutación se desenvuelve en el siglo XVIII, pues desciende entonces la mortalidad mientras que la natalidad se mantiene en las tasas tradicionales, consecuencia de lo cual es un extraordinario aumento de la población europea; por último, a lo largo del siglo XIX, es la curva de la natalidad la que se desploma y aproxima a la de la mortalidad.

Bouthoul, cada vez más preocupado por el desbordamiento de toda previsión sobre el crecimiento de la población, altera sutilmente el relato de la mutación, añadiendo una cuarta etapa<sup>232</sup>. El primer estadio, sugiere en 1954, se caracteriza por un rápido despegue de la población, gracias al “brusco aumento de la eficiencia de la natalidad”. Nunca como hasta entonces son tan enormes las tasas de crecimiento. Durante el segundo estadio, consumada la ruptura del equilibrio tradicional, se produce un “autorreequilibrio espontáneo” a través de la restricción de nacimientos. El tercer estadio es el que da paso a la “inflación demográfica”, caracterizado por los efectos de leyes y medidas populacionistas “neutralizadoras de los obstáculos que el equilibrio económico opone

---

<sup>229</sup> La demografía ya no es entonces su prioridad, sino que le interesa como disciplina subordinada a la plemología. Lo cual se detecta fácilmente en un primer ojeo de las fuentes bibliográficas, sustancialmente idénticas a las manejadas en 1935. El segundo tomo del *Traité de sociologie* se imprime en julio de 1954.

<sup>230</sup> GB, *Variations et mutations sociales. Traité de sociologie II*, Payot, París 1968, p. 58, nota 1.

<sup>231</sup> Para lo que sigue: GB, *La population dans le monde*, pp. 237-239. Cfr. A. Sauvy, *Richesse et population*, pp. 214-215.

<sup>232</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 104-118.

espontáneamente contra la expansión demasiado acelerada de la población”. Situación inaugurada según Bouthoul por los regímenes dictatoriales, pero generalizada después. En el cuarto estadio se acentúan los desequilibrios demográficos y demoeconómicos, bien por la psicosis de guerra, que impulsa la proliferación de los pueblos que se sienten amenazados, bien por la aspiración a mejorar el nivel de vida, bien por las políticas keynesianas de pleno empleo, que crean artificialmente una demanda supuestamente ilimitada de mano de obra e “incitan también a la procreación sin límites”. En suma, se produce entonces “la ruptura completa del equilibrio entre los factores naturales e institucionales que frenan el aumento de la población y los factores que lo exaltan, a favor de estos últimos. Los progresos de la medicina y la higiene eliminan los obstáculos naturales; los subsidios familiares y el pleno empleo los económicos. De lo que resulta un equilibrio demoeconómico de una extrema fragilidad”.

El adagio del derecho de familia dice que quien hace el niño debe alimentarlo; la máxima de los legisladores socializantes es muy distinta a juicio de Bouthoul: “Uno engendra los niños y otros los alimentarán”. En el estado social se practica pues la “política del cuco”<sup>233</sup>.

### 3.1. La insurrección silenciosa del descenso de la natalidad

Según Bouthoul, de acuerdo en este punto con la opinión mayoritaria, la clave de la mutación demográfica está en la bajada de la natalidad, pues se produce independientemente de la propaganda natalista o antinatalista, resultando incluso ajena a la situación económica. De hecho la *dénatalité* empieza por las clases ricas y mucho antes que los procesos de racionalización industrial originen el paro obrero<sup>234</sup>. Opera detrás de ella, como queda dicho, un “fenómeno social de adaptación”<sup>235</sup>. Aunque la *dénatalité* es un proceso social, su causa última, sugiere con equívoco Bouthoul, hay que ir a buscarla en

---

<sup>233</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 211.

<sup>234</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 108-109.

<sup>235</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 33.

una suerte de reacción individual que se oculta en las alcobas. Son los comportamientos individuales los que confluyen en una “corriente social”<sup>236</sup>.

Populacionistas y antipopulacionistas señalan en la Revolución francesa la atmósfera generadora del nuevo modelo demográfico francés y, por extensión, europeo. A nadie pues le parece casual el descenso regular de la natalidad en Francia desde 1805, es decir, el año de Austerlitz<sup>237</sup>. En términos generales, la tesis del descenso de la natalidad francesa, anticipadora en unos cien años de la de otros países europeos, es corroborada circunstanciadamente por J. Bourgeois-Pichat, demógrafo de la órbita sauvyana<sup>238</sup>.

1789 es un “cataclismo” que, según el médico François Nivelet, infecta la burguesía francesa con el egoísmo de la aristocracia<sup>239</sup>. También J. Bertillon, algo más comedido, resalta la negativa influencia de la Revolución sobre la *dénatalité*, pues debilita las creencias religiosas y generaliza el espíritu democrático y el individualismo, factores que a su juicio resultan determinantes del proceso en cuestión<sup>240</sup>. A. Landry llama la atención sobre la coincidencia de la declinación de la natalidad francesa con la época en la que se prepara la Revolución<sup>241</sup>. A. Sauvy, sin abandonar los paralelismos históricos, sostiene en cambio que la *dénatalité* es una “Reforma [protestante] contenida”, tardía, disimulada incluso, consecuencia del fracaso de la anterior<sup>242</sup>. Bouthoul, finalmente, se refiere a la Revolución como una “insurrección silenciosa” del pueblo, el cual, en lo sucesivo, “rechaza su condición tradicional de proletario o engendrador de niños”<sup>243</sup>. En 1789 hay en realidad dos revoluciones, una violenta y otra “silenciosa”, esta última “tal vez la más

<sup>236</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 109.

<sup>237</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 28 y GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 25.

<sup>238</sup> V. J. Bourgeois-Pichat, “Évolution générale de la population française depuis le XVIIIe siècle”, en *Population*, vol. VI, nº 4, octubre-diciembre 1951, pp. 635-662. Interesa también la nota complementaria de ese estudio: J. Bourgeois-Pichat, “Note sur l'évolution générale de la population française depuis le XVIIIe siècle”, en *Population*, vol. VII, nº 2, abril-junio 1952, pp. 319-329.

<sup>239</sup> V. F. Nivelet, *Étude sur trois causes principales de la dépopulation en France: malthusianisme, choléra infantile, phthisie pulmonaire*, [edición del autor,] Commercy 1888, p. 6.

<sup>240</sup> V. J. Bertillon, *La dépopulation de la France*, p. 125.

<sup>241</sup> V. A. Landry, *La révolution démographique*, p. 39.

<sup>242</sup> V. A. Sauvy, “Intento de una visión de conjunto”, en A. Sauvy (Ed.), *Historia del control de nacimientos*, p. 428. El “espíritu premalthusiano” francés ya detectable en 1760 equivale “fatalmente”, subraya en otro lugar, a “la expulsión de los protestantes —aquellos industriales consumados—, después de la revocación del Edicto de Nantes”. V. A. Sauvy, *La máquina y el paro*, p. 47.

<sup>243</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 55.

impresionante [de las dos], pues resulta de la conducta espontánea de millones de parejas en el secreto de su vida conyugal”<sup>244</sup>. En el plano de la competencia política internacional, la *dénatalité* bajo Napoleón constituye la respuesta a “una tentativa de expansión hegemónica rechazada con contundencia” por las demás potencias europeas. Señala también Bouthoul un proceso parecido como reacción frente a la belicosa política de Luis XIV<sup>245</sup>. “Mi hipótesis principal es que [el desplome de la natalidad francesa] es mayormente el efecto de la gran fatiga provocada por el fracaso de tres sangrientas tentativas de hegemonía, todas ellas duramente reprimidas”<sup>246</sup>.

Independientemente de las causas atribuidas al descenso de la natalidad<sup>247</sup>, se trata de un fenómeno cuya centralidad en la época contemporánea está fuera de discusión. Relaciona Sauvy las siguientes “causas complejas” de la limitación voluntaria del número de hijos: urbanización, industrialización, universalización de la instrucción, supresión del trabajo infantil, debilitamiento de la autoridad paterna, emancipación de la mujer, deterioro del espíritu religioso, mejora de las condiciones de vida, disminución de la mortalidad, mejoras higiénicas<sup>248</sup>. Y aún se le escapa una mucho más sutil, como la sugerida por É. Zemmour en su bosquejo metapolítico de la historia de Francia: “¿Y si el pueblo francés hubiera interiorizado simplemente su derrota [en las Guerras de la Revolución y del Imperio], renunciando a engendrar por abdicación pacifista? [...] Una Francia vencida que no necesita ya combatir, tampoco precisa de hijos”<sup>249</sup>. Una Francia que no cree, decía hace cuarenta años A. Peyrefitte, tampoco crece: “Para crecer hay que creer” (*pour croître, il faut croire*)<sup>250</sup>.

Las teorías unilaterales que a principios del siglo pasado “se aventuran alegremente”, atribuyendo la bajada a uno u otro factor particular, acaso tengan razón, pero solo parcialmente. Bouthoul hace autocrítica: “También yo he sucumbido a la tentación [de

---

<sup>244</sup> GB, “La mutation explosive de l’humanité”, en *Planète*, n° 18, septiembre-octubre 1964, p. 119.

<sup>245</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 111.

<sup>246</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 58, nota 1.

<sup>247</sup> Para una panorámica amplia v. A. Sauvy, “Intento de una visión de conjunto”, en A. Sauvy (Ed.), *Historia del control de nacimientos*, pp. 423 ss.

<sup>248</sup> V. A. Sauvy, *L’Europe et sa population*, p. 30.

<sup>249</sup> V. É. Zemmour, *Mélancolie française*, p. 100.

<sup>250</sup> V. A. Peyrefitte, *Le mal français*, p. 125.

unilateralismo] al proponer una teoría parcial en mi libro *Les variations de la natalité* [...] pero [mi antigua] hipótesis [...] no restringe la acción de los demás factores que actúan en el mismo sentido, en Francia y en otros países”<sup>251</sup>.

Tan importante es el asunto del voluntarismo genésico que a Bouthoul le sirve de criterio para el establecimiento de una clasificación de las sociedades por “tipos demográficos”, según se practique en estas un intervencionismo orientado al crecimiento o a la restricción de la natalidad. Ciertas ventajas económicas ligadas a la familia patriarcal<sup>252</sup>, los usos nupciales complejos<sup>253</sup>, la “organización de la ignorancia sexual” de los cónyuges mediante tabúes u otras prohibiciones<sup>254</sup> y las más diversas prescripciones religiosas suelen ser características de un intervencionismo positivo. El intervencionismo represivo o restrictivo, en cambio, se reconoce netamente en estos cinco métodos: la supresión, limitación o aplazamiento de la actividad sexual (matrimonios tardíos, particularmente el retraso de la nupcialidad femenina, restricciones al *jus connubii*, castidad, prolongación de la lactancia, monogamia, monacato, etc.) para evitar las ocasiones de procrear; el infanticidio; el aborto; la contracepción; y la esterilización<sup>255</sup>. Hay detalles de otra índole que, sin embargo, también denuncian este “tipo demográfico”, particularmente el triunfo de la ideología homosexualista, es decir, una “homosexualidad admitida, codificada por la costumbre y celebrada [socialmente]”<sup>256</sup>, y una generalización de la imposición indirecta, gravamen fiscal que penaliza mayormente a las familias numerosas<sup>257</sup>. Detrás de cada

---

<sup>251</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 111.

<sup>252</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 95.

<sup>253</sup> Las ceremonias y fiestas nupciales son más complejas y largas en los grupos que esperan una descendencia numerosa. GB, *La population dans le monde*, p. 96.

<sup>254</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 97.

<sup>255</sup> GB, *La population dans le monde*, pp. 104 ss. y *Traité de sociologie*, t. II, pp. 136-154.

<sup>256</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 100. V. P. Moa, *La sociedad homosexual y otros ensayos*, Criterio Libros, Madrid 2001.

<sup>257</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 111. Consciente del castigo fiscal que supone la imposición indirecta, Henri Bergson postula, en una atmósfera netamente populacionista, un impuesto especial que frene el crecimiento de las familias numerosas. Su maltusianismo queda bien retratado por su severa advertencia: “Dejad hacer a Venus y ella os traerá a Marte”. V. H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, p. 360. Epigrama que Bouthoul suscribe a la menor ocasión. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 111-112 y 180 y otros lugares.

“tipo” hay, en último análisis, una “idea demográfica *implícita* [...] *incluida en sus instituciones*”<sup>258</sup>.

### 3.2. Estado de superpoblación y población dirigida

La desactivación de los diversos factores de equilibrio demográfico —psicológicos, económicos, políticos o de otro tipo— transforman la espontánea inflación demográfica en una “demografía galopante”. Desbocada, nada puede hacer para contenerla la *vis medicatrix naturae*, sino ciertos eventos catastróficos de naturaleza espasmódica, particularmente las guerras de una violencia inaudita<sup>259</sup>.

La demografía galopante no solo es física (número de hombres), sino también psicológica (jerarquía de las necesidades), pues el sentimiento de estrechez de la vida o la sensación de amontonamiento y falta de espacio depende más de las subjetivas aspiraciones y fantasías de los individuos que de las objetivas condiciones materiales de la existencia. Distingue por ello Bouthoul entre una superpoblación subjetiva y otra objetiva<sup>260</sup>.

Un aumento de las expectativas vitales tiene, *ceteris paribus*, un efecto demográfico inflacionario. La “erupción de necesidades” constituye el grave dilema de la autocolonización<sup>261</sup>. En este sentido, Bouthoul reconoce su cuota de razón a los partidarios de la difusión del estándar de vida occidental, bajo la condición, ciertamente, de que se aumenten proporcionalmente los recursos disponibles de las sociedades en vías de modernización. En otro caso, solo se consigue, como en Argelia, la agravación del desequilibrio demoeconómico.

Bouthoul se opone a la doctrina de Sauvy sobre una Argelia “no superpoblada” y víctima, como otros países subdesarrollados, de la mala distribución de la riqueza mundial. Según Bouthoul, la independencia de Argelia bajo de Gaulle solo se explica por una aguda

---

<sup>258</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 118.

<sup>259</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 114.

<sup>260</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, pp. 237 ss. (caps. XII y XIII).

<sup>261</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 83.

conciencia del problema demográfico que se cierne sobre la metrópoli<sup>262</sup>. Pues no es difícil imaginar “qué sería del alto nivel de vida orgullo de Francia si llegaran a su territorio unos cuantos millones de africanos”<sup>263</sup>, transformados todos de hoy para mañana en *français de souche*, igualados en todo a provenzales, alsacianos o girondinos. Ha sido precisamente la incapacidad para generar riqueza bastante y apta para soportar la expansión demográfica el elemento determinante del subdesarrollo crónico, “bloqueo estructural” agudizado por la difusión de los adelantos médicos. Es la técnica moderna, sobre todo los avances médicos, el factor que, con palabras de Jean-François Revel, transforma la “penuria” en “subdesarrollo” al reducir drásticamente la mortalidad. “La penuria regula su propia demografía. El subdesarrollo, fenómeno moderno debido a una ‘revolución sanitaria’ importada, desata la demografía sin que ello suponga necesariamente el correlativo desarrollo económico”<sup>264</sup>.

Los populacionistas, en su “peligroso optimismo”<sup>265</sup>, proponen como remedio de la demografía galopante o explosiva la industrialización de los países subdesarrollados, despreciando su “efecto depresivo”<sup>266</sup> sobre las sociedades tradicionales basadas en la agricultura, las cuales pueden “reventar de quincallería, pero carecer de pan”. Los liberales, no menos optimistas, confían en que la mejora de las condiciones de vida acarree el lento descenso de los nacimientos<sup>267</sup>. “Tesis válida para Europa [...] pero

---

<sup>262</sup> ¿Ha sido de Gaulle el único estadista francés consciente de la cuestión demográfica? Según René Girard ha sido el que más cerca ha estado de comprender la gravitación demográfica de la política. V. R. Girard, *Achever Clausewitz. Entretiens avec Benoît Chantre*, Flammarion, París 2011, p. 323.

<sup>263</sup> GB, “Misère et surpopulation”, en *Revue de Paris*, nº 64, junio 1957, p. 137. La llegada de un millón de indios famélicos a las costas de Francia es el acontecimiento central de la antiutopía de J. Raspail, *El campamento de los santos* (1973), Ediciones Ojeda, Barcelona 2003. Del desequilibrio entre las dos riberas del Mediterráneo se ocupa, lógicamente como demógrafo: A. Sauvy, *L'Europe submergée. Le Nord et le Sud dans 30 ans*, Dunod, París 1987. Advierte severamente Sauvy que no hay eutanasia –en su acepción etimológica– para los pueblos.

<sup>264</sup> V. J.-F. Revel, *Ni Marx ni Jésus. De la seconde révolution américaine à la seconde révolution mondiale*, Robert Laffont, París 1970, p. 82.

<sup>265</sup> GB, *La superpopulation. L'inflation démographique*, p. 85.

<sup>266</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 227.

<sup>267</sup> En todo caso, el movimiento de la población es algo que no debe regular el gobierno, pues la población se ajusta sola en función de la demanda de trabajo y el nivel de vida. “El crecimiento de población [sin control estatal] es signo de prosperidad y desarrollo económico”. V. M. N. Rothbard, “Population control”, en *Making Economic Sense*, Ludwig von Mises Institute, Auburn (AL) 1995, p. 149. El libertarismo contemporáneo incorpora al argumentario populacionista liberal la doctrina de que la causa de la miseria no es la superpoblación, sino la inexistencia de derechos de propiedad privada bien definidos, los



[inadecuada] para la actual velocidad de crecimiento de los pueblos asiáticos”<sup>268</sup>, advierte Bouthoul. Hay finalmente otros escritores, ideólogos del tercermundismo (*tiers-mondisme*), partidarios de la transferencia de rentas desde los países ricos a los países pobres (“caridad permanente”), único remedio para el “mal reparto de la producción mundial”<sup>269</sup>. Uno de estos sociólogos, “el filántropo regresivo” Josué de Castro, “ha descubierto esta magnífica solución”, escribe con no disimulado sarcasmo Bouthoul: obligar a los habitantes de los países pobres a comer carne y manteca, la misma dieta rica en proteínas y grasas animales que ingieren... los esquimales, un pueblo de demografía estable. “Este programa fatuamente providencial es en realidad cruel, incluso sádico. Pues desea aumentar el número de los miserables para lucrarse con los méritos de darles limosna”<sup>270</sup>. A nadie dedica Bouthoul letras tan gordas. Contra De Castro y otros adictos sui generis a la reinventada “economía de las necesidades” (*économie des besoins*) o de la abundancia o redistributiva (*économie redistributive*) de Jacques Duboin<sup>271</sup> argumenta el polemólogo la inanidad de la ayuda económica incondicionada al tercer mundo: la verdadera asistencia en las regiones superpobladas de la tierra es la educación y la reorganización familiar<sup>272</sup>, ignorando la amenaza de los hambrientos, esgrimida precisamente por De Castro, a quien

---

controles gubernamentales y la aceptación de la ayuda financiera de otros Estados o instituciones internacionales (p. 150).

<sup>268</sup> GB, *La superpopulation. L'inflation démographique*, p. 87.

<sup>269</sup> GB, *La superpopulation. L'inflation démographique*, p. 88.

<sup>270</sup> GB, *La superpopulation. L'inflation démographique*, p. 94. Se mantiene así la angustia de los donantes, “esa gente a la que el hambre del Tercer mundo le quita el sueño”, según la propia expresión de De Castro. Más adelante se ocupa Bouthoul de lo que el intelectual brasileño entiende por “ayuda incondicional”: “someter a la humanidad civilizada y ponerla al servicio de los pueblos primitivos, no para ayudarles realmente, sino para que puedan mantener su demografía demencial”. GB, *La superpopulation. L'inflation démographique*, p. 157.

<sup>271</sup> V. J. Duboin, *La Grande relève des hommes par la machine*, Les Éditions Nouvelles, París 1932; J. Duboin, *L'économie distributive s'impose*, Ledis, París 1950. Cfr. GB, *La superpopulation dans le monde*, pp. 164-165. Julien Freund rechaza en bloque, expeditivamente, la doctrina de Duboin, pues “toma el ensueño por realidad”. V. J. Freund, *L'essence de l'économie*, Presses Universitaires de Strasbourg, Estrasburgo 1993, p. 71. Por lo demás, las diferencias entre Duboin y Sauvy, quien repudia el optimismo maquinista y tecnocrático del primero, son notables. Cfr. A. Sauvy, *La máquina y el paro*, pp. 84-85. M.-L. Duboin, “Le grand fléau”, en *La Grande Relève des hommes par la science*, n° 786, febrero 1981, p. 3. En esta nota, publicada con motivo de la aparición en Francia de *La machine et le chômage* de A. Sauvy (París, Dunod 1980), Marie-Louise Duboin, hija de J. Duboin y directora desde 1976 del mismo boletín fundado por su padre en 1934, cuestiona la tesis del “desbordamiento” (*déversement*) o incremento de la productividad como consecuencia de la introducción de máquinas, variable según los distintos sectores.

<sup>272</sup> GB, “Les pays sous-développés”, en *Revue de Paris*, n° 66, 1959, p. 103.

le parece “poco delicado” que los donantes reclamen la restricción de la fecundidad a los beneficiarios de su ayuda<sup>273</sup>.

La doctrina del “óptimo de población” pretende ser, a partir de la conferencia de ginebrina de 1927, una respuesta científica a los desafíos del crecimiento de la población. Su aparente neutralidad frente a populacionistas y maltusianos es en realidad poco consistente. Bouthoul intenta mostrar que encubre un *parti-pris* demográfico, un sesgo muy poco científico. Esta doctrina existe, siquiera latente, en numerosos autores antiguos y modernos preocupados por la demografía, pero solo a finales de los años veinte del siglo pasado ocupa un puesto principal en el debate científico formulada aproximadamente así: ¿qué población puede soportar un país dados sus recursos económicos y el estado de la técnica? O en otros términos: ¿cuál es la cifra o volumen demográfico cuya expansión o contracción determina una disminución del nivel de vida?<sup>274</sup>

No pocos demógrafos ven en esta teoría la posibilidad de desideologizar el debate sobre el crecimiento y su impacto sobre la estructura económica. Uno de los más conspicuos partidarios del óptimo de población es Sauvy. Entre sus detractores sobresale Bouthoul. No obstante la crítica de Sauvy a una categoría que considera de cuño maltusiano, lo cierto es que él mismo la adopta, decanta y modula: “me he esforzado por clarificar los términos de la doctrina colectiva inconsciente [del óptimo de población], procediendo después a su crítica”<sup>275</sup>. Su experiencia le sirve para desarrollar una “demografía económica” o un estudio de los problemas económicos conforme a una óptica demográfica. A fin de cuentas, el “óptimo de población” no deja de ser una variante de las correlaciones clásicas entre la demografía y la prosperidad económica.

En su ensayo sobre maltusianismo y marxismo, requinta Sauvy las dos soluciones genéricas para el aprieto que en términos cuantitativos plantea el crecimiento de la población: la demográfica (Malthus) y la económica (Marx)<sup>276</sup>. La misma polarización

---

<sup>273</sup> GB, “La mutation explosive de l’humanité”, en *Planète*, nº 18, 1964, p. 124. Cfr. J. de Castro, *Géopolitique de la faim*, Les Éditions Ouvrières, París 1952.

<sup>274</sup> GB, *La surpopulation. L’inflation démographique*, p. 100.

<sup>275</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 7.

<sup>276</sup> GB, *El hombre, la guerra y el control de natalidad*, p. 142.

científica vale para situar a Bouthoul y al propio Sauvy, respectivamente, en campos opuestos. El óptimo de población (*optimum de population*), sin embargo, le parece a Bouthoul, particularmente en el concepto de Sauvy, una “ocurrencia reciente que mezcla las preferencias (del científico) con la demografía, permitiendo presentar como ciencia las personales preferencias éticas, estéticas y políticas”<sup>277</sup>. Al introducirse la estimativa, el óptimo se hace depender del voluntarismo de la subjetividad, variando su magnitud en función de los objetivos particulares perseguidos: riqueza, empleo, cultura, longevidad u otros, hasta los nueve sugeridos por Sauvy, incluido el número máximo posible de habitantes (*maximum de population*). ¿Por qué estos y no otros, se pregunta Bouthoul? Óptimo de bienestar. Óptimo estético. Óptimo de potencia. Óptimo territorial. ¿Por qué no un óptimo basado en la dilatación de la cualidad? En realidad, la demografía del óptimo consiste en la justificación de los medios para alcanzar ciertos fines<sup>278</sup>.

Excluidas entonces las preferencias personales, todo intento de “expresar en términos científicos experimentales [el concepto de óptimo de población] se desvanece en un conglomerado de puntos de vista contradictorios y encima variables según las circunstancias”<sup>279</sup>. En suma, el óptimo tiene siempre una perturbadora veta de finalismo (*le concept d’optimum est toujours entaché de finalité*)<sup>280</sup>. Caben pues a partir de él dos representaciones de la demografía: una dogmática o a priori, otra empírica o a posteriori<sup>281</sup>.

El óptimo de población está en el centro de una concepción dogmática de la demografía y la política demográfica<sup>282</sup>. Exactamente lo mismo le sucede a la doctrina del “poblamiento

<sup>277</sup> GB, *La surpopulation. L’inflation démographique*, p. 99. Cfr. A. Sauvy, *Théorie générale de la population*, t. I, pp. 52 ss. Para un estudio sobre el desarrollo conceptual del “óptimo de población” que abarca casi todas las aportaciones más importantes anteriores a la Segunda Guerra Mundial v. L. Buquet, *L’optimum de population*, P. U. F., París 1956.

<sup>278</sup> GB, *La surpopulation. L’inflation démographique*, p. 104.

<sup>279</sup> GB, *La surpopulation. L’inflation démographique*, p. 102. El óptimo, ideal sometido a criterios normativos, no deja de ser, a juicio de Bouthoul, una entelequia cuya determinación depende de demasiadas variables. GB, *Biologie sociale*, p. 88.

<sup>280</sup> GB, *La surpopulation. L’inflation démographique*, p. 103.

<sup>281</sup> GB, *La surpopulation. L’inflation démographique*, p. 139.

<sup>282</sup> Una refutación *avant la lettre* de la teoría del óptimo se encuentra en la célebre parábola de los tres Malthus, de Paul Leroy-Beaulieu. Un primer Malthus que condenara el crecimiento de una población de cazadores, fracasaría en sus previsiones si estos aprendieran a domesticar animales. Un segundo Malthus que advirtiera nuevamente contra una expansión que rebasa cierto límite también sería desmentido por el

máximo” (*peuplement maximum*)<sup>283</sup>, anticipadora de aquel. Su presunción de que es posible establecer científicamente la magnitud óptima de un grupo humano o *chiffre optimum*, como se dice en los años veinte, compatible con el máximo bienestar, resulta subjetiva referida a la población actual o incluso, si se trata de la población futura, adivinatoria<sup>284</sup>. Tiene en cambio un carácter empírico y por tanto contrastable, según Bouthoul, el concepto de sobrepoblación o superpoblación<sup>285</sup>. Propone también Bouthoul la locución “estado de superpoblación” (*état de surpopulation*), preferible a “país superpoblado”, pues esta última da la impresión de que la superpoblación sería definitiva, cuando en realidad se trata de un episodio circunstancial, siempre “relativo a un estado económico dado, pero en sí mismo variable”<sup>286</sup>.

El óptimo demográfico o “cifra *devida* de población” pertenece al deber ser<sup>287</sup>. Los adictos a la reglamentación creen en el óptimo como en un “número mágico” que les permite obtener conclusiones normativas<sup>288</sup>. Se trata, sin embargo, de una categoría “supremamente subjetiva”<sup>289</sup>. Según Bouthoul, más que una salida del “círculo infernal de una penuria y una pobreza crecientes” supone el óptimo una problemática petición de principio, un “pseudoproblema”: pues resulta imposible determinar el equilibrio perfecto entre los recursos y el número de seres humanos de una sociedad<sup>290</sup>. Sorokin “considera desafortunado que esta teoría del óptimo [tal vez próxima a la verdad,] no establezca con

---

progreso de la agricultura. Un tercer Malthus y otros sucesivos incurrirían en el mismo error si no tuvieran en cuenta los efectos de la industria, el comercio, etc. GB, *La superpopulation. L'inflation démographique*, pp. 108-110. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 183-185. Jean Fourastié defiende el honor de Malthus, “totalmente incomprendido por los comentaristas de principios del siglo XX”: su ley de la población se corresponde con la ley de bronce de los rendimientos decrecientes, obstáculo determinante del crecimiento demoeconómico. El infortunio de la doctrina maltusiana es que se publica justamente en la época en la que el progreso técnico libera al hombre de la mencionada ley de bronce, derribando los obstáculos al desarrollo. V. J. Fourastié, *Le grand espoir du XXe siècle*, Gallimard, París 1969, p. 122.

<sup>283</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 13.

<sup>284</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 182-185.

<sup>285</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, pp. 125 ss.

<sup>286</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 138. GB, *Avoir la paix*, p. 37.

<sup>287</sup> GB, “La sociologie et l'ethnologie”, en M. Mourre (Ed.), *Dictionnaire des idées contemporaines*, p. 72.

<sup>288</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 125.

<sup>289</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 194.

<sup>290</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 182. Otros perfiles de su crítica al “óptimo” en relación con la belicosidad y el pleno empleo: GB, *Huit mille traités de paix*, pp. 113 y 193-194.

precisión la ‘cifra óptima de población’<sup>291</sup>. Consciente de ello, el propio Sauvy reconoce las dificultades para establecer un “poblamiento óptimo” entre superpoblación y despoblación, una “posición intermedia óptima que pondría el nivel de existencia tan elevado como fuera posible, sin superpoblamiento ni subpoblamiento”. Concepto “simplista” y de difícil determinación que convendría sustituir, concluye, por “estructura [demoeconómica] óptima”<sup>292</sup> o “ritmo óptimo de crecimiento”<sup>293</sup>. A la postre, el óptimo le parece también a Sauvy un esquema estático que no tiene en cuenta el dinamismo de la técnica. En el fondo, la doble hipótesis maltusiana sobre la progresión aritmética y geométrica de subsistencias y población no es sino “un caso particular de la teoría del nivel óptimo”<sup>294</sup>.

Bajo la férula de Sauvy, la demografía francesa se ha ocupado durante más de veinte años del óptimo de población. Correlativamente, el concepto “superpoblación”, cuando no la misma palabra, han estado “oficialmente proscrito[s] en Francia”<sup>295</sup>. Ajeno a ello, Bouthoul discurre sobre la determinación objetiva de la superpoblación, criterio para el establecimiento de un equilibrio demográfico<sup>296</sup>. No es la superpoblación un punto fijo, sino un “estado de variación incesante en número, composición y estructura”, resultante de la interrelación de la variable población con las variables producción total y nivel de vida (*niveau d'existence*). En otro caso no se diferenciaría ni de la “saturación demográfica” ni del “óptimo de población”<sup>297</sup>. Bouthoul propone como unidad de tiempo sociológico mensurable la duración media de los ciclos económicos: diez años, excluyendo por su amplitud la generación sociológica y el *secular trend* de los economistas. Hay pues estado de superpoblación cuando la curva del crecimiento de población supera las de los niveles de vida y producción en un periodo de diez años.

Si el óptimo de población está en el centro de la demografía dogmática, la demografía que Bouthoul denomina “empírica” se corresponde con la “población dirigida” (*population*

---

<sup>291</sup> V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 280.

<sup>292</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 76.

<sup>293</sup> V. A. Sauvy, *La población*, Oikos-Tau, Barcelona 1991, p. 118.

<sup>294</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 33.

<sup>295</sup> GB, “Les pays sous-développés”, en *Revue de Paris*, n° 66, noviembre 1959, p. 106.

<sup>296</sup> Para lo que sigue: GB, *La surpopulation dans le monde*, cap. XI (“Comment déterminer la surpopulation”).

<sup>297</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 194.

*dirigée*), concepto central de toda “demografía política”<sup>298</sup>. También aquí, como de pasada, se acusa una diferencia toral entre el *Anti-Sauvy* y el *Anti-Bouthoul*: Bouthoul es demógrafo político, demógrafo económico Sauvy. “Población dirigida” tiene un sentido utilitario y pragmático presente también, por lo demás, en la polemología o en la sociología colonial bouthouleana. Su desarrollo y utilización metódicos es la única alternativa al “*laissez-faire* sangriento” de los ciclos demográficos tradicionales<sup>299</sup>. La población dirigida, como la polemología, es una de las formas menos dolorosas de adaptación demográfica.

Dice Sauvy que la “noción (cuantitativa) de población dirigida” se remonta a la Antigüedad clásica<sup>300</sup>. Muy probablemente tiene razón. Sin embargo, la terminología, el nombre de la cosa, así como su acepción cualitativa hay que atribuirlos tal vez a Bouthoul. En los años treinta circula en Francia “economía dirigida” (*économie dirigée*), expresión que enseguida adquiere carta de ciudadanía lingüística, como suele ocurrir cuando las realidades solo esperan ya ser nombradas. Por qué no “población dirigida”, reclama Bouthoul, puesto que parece más sencillo dirigir una población que una economía<sup>301</sup>. Semejante neologismo, un calco del acuñado por de Jouvenel en el otoño de 1928, parecía, además de inminente, lógico y, más aún, inevitable<sup>302</sup>. Con total naturalidad lo

---

<sup>298</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 290. Bouthoul apunta la denominación de esta nueva disciplina en 1955. Myron Weiner la divulga en lengua inglesa quince años después (*Political Demography*). Gérard-François Dumont la desarrolla en Francia desde principios de los años ochenta (*Demographie Politique*). Según Weiner, la demografía política es el “estudio de la magnitud, composición y distribución de la población en relación con el gobierno y la política”. V. M. Weiner, “Political Demography: An Inquiring into the Political Consequences of Population Change”, en [National Academy of Sciences,] *Rapid Population Growth. Consequences and Policy Implication*, John Hopkins University Press, Baltimore 1971, t. 1, p. 567. Por su parte, Dumont denuncia la exclusión de la demografía de la teoría económica y propone una disciplina transversal que se ocupe de las “relaciones recíprocas entre los problemas de la población y el conjunto de problemas de la comunidad política”: sugiere llamarla *Demographie politique*. El programa para su desarrollo se encuentra en G.-F. Dumont, “Introduction à la Démographie Politique”, en A. Sauvy, G.-F. Dumont y B. Mérigot, *Demographie Politique*, Economica & Éditions de l'A. P. R. D., París 1982, pp. 15-24. Una carrera dedicada al estudio de las interrelaciones entre la geografía de las poblaciones y la geopolítica culmina en G.-F. Dumont, *Démographie politique. Les lois de la géopolitique des populations*, Ellipses, París 2007. En este tratado Dumont elabora sistemáticamente las ocho *leyes* o, más bien, *tendencias* de las poblaciones. Referencia fundamental en la materia, se echa en falta un análisis específico del fenómeno-guerra.

<sup>299</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 267.

<sup>300</sup> V. A. Sauvy, *Richesse et population*, p. 10.

<sup>301</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 252.

<sup>302</sup> Se habla también en esa época de “política colonial dirigida”. “Planificación” y “plan”, “dirección” y “dictadura” son las palabras del momento.

recoge y valida L. Febvre al reseñar *La population dans le monde*<sup>303</sup>. Otro recensor, A. Albert-Petit, no recoge la expresión, pero sí otra parecida: “Se habla de moneda dirigida y se empieza a hablar también de natalidad dirigida (*natalité dirigée*)”<sup>304</sup>. Pero la contigüidad entre las dos especies de dirección, la económica y la demográfica, teniendo que ver con un molde semántico común, tiene además profundas razones que la justifican. No se puede preparar un convite sin saber previamente el número de invitados. Así operaría, ajena a la situación demográfica, una planificación puramente económica. Si esta ha de ser un anti-azar (*anti-hasard*), necesita del complemento de la demografía, en este caso un verdadero contra-destino (*contre-destin*)<sup>305</sup>.

Ahora bien, la experiencia europea del *Interbellum* le hace dudar por un momento de esta forma de intervención sobre las corrientes demográficas, a las que han recurrido “los gobiernos dictatoriales [para] preparar grandes hecatombes políticas”. Bouthoul tiene pues sus razones en 1946 para subrayar en las últimas páginas de *Cent millions de morts* la siguiente disyuntiva: “O la población dirigida, incordiante, insultante, impúdica, irreligiosa, ofensiva de todo pudor, sensibilidad o dignidad. O simplemente la libertad”, una libertad total que permita “una adaptación directa, eficaz, espontánea”<sup>306</sup>. ¿Bastaría, como llega a decir a continuación, con dejar libre curso a la espontaneidad humana, “no a la espontaneidad de los gobiernos megalómanos, sino a la de los pueblos”<sup>307</sup>? Leído en Bouthoul choca un planteamiento tan ingenuo y “democrático” o, más bien, “liberal” para resolver la cuestión demográfica: una mezcla, me atrevo a decir, de John Stuart Mill y cenestesia social<sup>308</sup>. Pide Bouthoul “libertad e instituciones ágiles y sensibles que permitan que la descongestión demográfica se produzca por sí sola, por la acción espontánea de los

---

<sup>303</sup> V. L. Febvre, “Population dirigée?”, en *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, vol. VIII, nº 38, marzo 1936, p. 178. Resulta curioso que la expresión no aparezca en las comunicaciones del Congreso Internacional de la Población, celebrado en París en 1937. Ocho tomos y unas 1 400 páginas. Los editores la emplean una sola vez en el resumen en lengua francesa de una contribución alemana sobre la frecuencia de las enfermedades hereditarias. Se emplea además en una locución (*une politique de la population dirigée qualitativement*) que en español, por el contexto, da “política eugenésica”. V. O. von Verschuer, “Zur Frage der Häufigkeit von Erbkrankheiten”, en *Congrès International de la Population, Actes du Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. VIII: *Problèmes qualitatifs de la population*, p. 138.

<sup>304</sup> V. A. Albert-Petit, “L’Histoire”, en *La Revue de Paris*, vol. LXII, nº 12, 15 de junio 1935, p. 929.

<sup>305</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 153.

<sup>306</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 203.

<sup>307</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 205.

<sup>308</sup> Cfr. GB, *Cent millions de morts*, pp. 203 y 205.

individuos”<sup>309</sup>. Reconoce, sin embargo, que la libertad no basta y dos años después, en la conclusión de *Huit mille traités de paix*, cuestiona su eficacia reguladora, pues necesita que “los pueblos [alcancen] un cierto estado de civilización”<sup>310</sup>. Por otro lado, “para prevenir las explosiones [demográficas] resulta inevitable, por desgracia, recurrir a medidas de autoridad”<sup>311</sup>, al “desarme demográfico” (*désarmement démographique*) o siquiera a la pausa demográfica (*pause démographique*)<sup>312</sup>, una y otra variantes actualizadas de la población dirigida de la década anterior.

### 3.3. La guerra, ¿expresión de las crisis de superpoblación?

La población dirigida es la alternativa a las matanzas periódicas. No hay elección, según Bouthoul, cuando se trata de las fantásticas carnicerías a las que conduce una demografía desbocada<sup>313</sup>. En este punto resulta inevitable la referencia, nuevamente, a Malthus y sus acotaciones acerca de los obstáculos represivos opuestos al aumento de población, pues no resulta fácil salir “del surco profundo trazado por [el] genio”<sup>314</sup> del piadoso ministro anglicano. La rotundidad de Malthus al afirmar la relación entre los movimientos de población y las guerras hace de su tesis el “pivote” de toda investigación al respecto<sup>315</sup>. Los centenares de monografías que desde mediados del siglo XIX se ocupan de los problemas de la guerra y la paz<sup>316</sup>, tengan o no expresamente un presupuesto demográfico o, en su caso, demoeconómico, terminan alineándose, de una forma u otra, con el maltusianismo o el antimaltusianismo, bien como detractoras de la guerra, bien como sus apologetas.

---

<sup>309</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 215.

<sup>310</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 245.

<sup>311</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 246.

<sup>312</sup> Las “pausas demográficas” son “frenazos correctivos de la demografía galopante”, una suerte de “años sin nacimientos”. GB, *L’infanticide différé*, pp. 112 y 238.

<sup>313</sup> GB, “Demain, dix milliard d’hommes?”, en *Janus*, n° 4, diciembre 1964-enero 1965, p. 70.

<sup>314</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 120.

<sup>315</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 121.

<sup>316</sup> El catálogo de obras sobre la paz y la guerra de la biblioteca de la Oficina Internacional de la Paz (*Bureau International de la Paix*) recoge en 1901 más de dos mil títulos. V. G. Salomon, “À propos des sociologies de la guerre”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, n° 4, 1939, p. 423.



Bouthoul está familiarizado con la literatura que, sobre todo después de la Primera Guerra Mundial, correlaciona la guerra, los movimientos demográficos (víctimas de la guerra) y el ciclo económico (desempleo y descapitalización de las economías nacionales). Estas correlaciones adoptan múltiples generalizaciones causales, desde el agotamiento de los recursos o la insuficiencia de la producción hasta la presión demográfica. Pero Bouthoul conoce también una extensa bibliografía, ciertamente de calidad desigual, que entraría en el catálogo de una sociología de la guerra *avant la lettre* o implícita. Bajo ese rótulo científico tardío se agrupan las contribuciones más dispares de economistas políticos, moralistas, filósofos, etnólogos, estadísticos, sociólogos enciclopedistas o juristas. Bouthoul formula en 1939 dos preguntas elementales –sobre la periodicidad de las guerras y su función –, cuya respuesta, afinada después de la Segunda Guerra Mundial, le permite elevarse sobre ese abigarrado panorama intelectual y fundar una verdadera “sociología de las guerras” (*sociologie des guerres*), terminología que Bouthoul adopta como subtítulo de su tratado de polemología en la edición de 1970, la segunda<sup>317</sup>.

---

<sup>317</sup> GB, *Traité de polémologie. Sociologie des guerres*, Payot, París 1970.

## Capítulo 4

### La invención de una ciencia social

1. Vislumbres de una sociología de las guerras. 1.1. Formalización del estudio sistemático de la guerra y su función social. 1.2. La primera contribución de Bouthoul a una sociología del conflicto. 1.3. Bouthoul y su argumentación antieconomicista.
  
2. ¿Adiós a la guerra? (*La guerre s'en va?*) 2.1. El ilusionismo liberal. 2.2. La prevalencia estadística de la guerra. a) *La cuantificación de la mortalidad en la guerra: de E. Perce a J. D. Singer y M. Small.* b) *La guerra, fenómeno continuo.* 2.3. Polemología *in nuce*: la investigación sobre los efectos demográficos de las guerras.
  
3. El momento fundador de la polemología. 3.1. *Si vis pacem, gnosce bellum.* 3.2. El neologismo *polémologie*. 3.3 El Instituto Francés de Polemología (IFP). a) *Dos mentores: Lucien Poirier y Louise Weiss.* b) *Un equipo de alta competencia.* c) *Disolución, refundación, dormición.*
  
4. Una sociología marginada, pero no marginal.



Gaston Bouthoul ha descrito sucintamente el panorama de la sociología de la guerra en la primera mitad del siglo XX<sup>1</sup>. Ninguno de los fundadores de los grandes sistemas sociológicos ha dado a su juicio razón de la guerra, ni siquiera Herbert Spencer. Hay que esperar a 1900 para que el sociólogo Jacques Novicow y el antropólogo Charles Letourneau perfilen una actitud sociológica con respecto a la guerra. Pero ambos son pacifistas y por diversas razones auguran su desaparición. Novicow pronostica la paulatina intelectualización de la lucha por la existencia, verificándose así su “ley de la desaparición de la guerra”, sustituida esta por la competición mental<sup>2</sup>. Letourneau, para quien la guerra es un vicio adquirido en épocas remotas y una recaída en el salvajismo del hombre histórico, estima probable que la humanidad futura, moralmente superior, tenga de la guerra el mismo concepto que nosotros del canibalismo<sup>3</sup>. Después de ellos se hace el silencio. ¿Cabía esperar otra cosa de aquel historicismo abolicionista? Algunos etnólogos se ocupan no obstante de la guerra, a la cual dedican, como Letourneau, prolijos estudios comparativos<sup>4</sup>. Pero los sociólogos desdeñan su estudio, en parte porque su concepción se contamina del ilusionismo jurídico, “doctrina que excluye por definición toda investigación sociológica”. Solo en fechas recientes –continúa diciendo Bouthoul en el mismo lugar– se contempla la guerra como un fenómeno social, no como un designio particular de los gobiernos. Sobre todo a partir de los años cuarenta. Podría discutirse, sin

---

<sup>1</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, pp. 222-227.

<sup>2</sup> V. J. Novicow, *Les luttes entre sociétés humaines et leur phases successives*, Félix Alcan, París 1896, espec. libro III, capítulos 2 a 5 (pp. 197-329) y cuadro resumen de las cuatro especies de procesos-lucha (fisiológico, económico, político y mental o intelectual) encartado entre las pp. 402 y 403. Gabriel Tarde, con otros términos, vaticina el mismo proceso de estilización del conflicto, cuyo resultado es la sustitución de la conversación-lucha por la conversación-intercambio: “El futuro pertenece a una conversación tranquila y sosegada, cortés y amena”. V. G. Tarde, *L'opinion et la foule*, pp. 88 y 110.

<sup>3</sup> V. C. Letourneau, *La guerre, ses causes et ses effets dans les diverses races humaines*, L. Battaille et Cie, París 1895, pp. vi, 532 y 538.

<sup>4</sup> V. por todos M. R. Davie, *The Evolution of War. A Study of Its Role in Early Societies* (1929), Dover Publications, Mineola (NY) 2003.

embargo, esa apreciación pro domo sua de Bouthoul, quien considera la noción no intencional de la guerra como el punto de arribada de un tanteo sociológico que se prolonga varias décadas.

Quincy Wright, John F. C. Fuller, Ferdinand Lot, John U. Nef, Roger Caillois, Pitirim A. Sorokin, René Girard y Georges Bataille representan otras tantas aproximaciones del fenómeno-guerra (*phénomène-guerre*): desde la sociografía de la guerra con ribetes jurídicos del primero<sup>5</sup> a la sociología y la economía *in nuce* de la dilapidación del último<sup>6</sup>, pasando por la historia del armamento<sup>7</sup> y la de las guerras de los siglos V al XV<sup>8</sup>, la historia cultural de la guerra<sup>9</sup>, una aproximación a la guerra como fiesta primordial y fenómeno de raíz religiosa<sup>10</sup>, la guerra como expresión total del sistema cultural<sup>11</sup> y la guerra como institución capaz de coagular la mimética ascensión a los extremos, siquiera en el pasado<sup>12</sup>. En medio de esa distinguida y heterogénea compañía reivindica Bouthoul su propia contribución al establecimiento de “las bases de un estudio científico de las guerras”. Pero salta a la vista que su sociología de la guerra es punto y aparte.

La polemología de Gaston Bouthoul constituiría un ejemplo óptimo para el estudio integral de una disciplina científica, pues sus vicisitudes se superponen perfectamente con la trayectoria intelectual del autor y con su obra. Votaría que hasta con su propia biografía, pues la desubicación permanente de Bouthoul es también la de su capacidad de innovación científica, sin encaje posible en la universidad ni en la vida académica ordinaria. Sin embargo, difícilmente se puede escribir la historia de un saber que, en cierto modo, trascendido casi un siglo desde sus incoaciones originarias, parece todavía *in statu nascendi*. Su deriva científica hacia la conflictología, las relaciones internacionales, la

---

<sup>5</sup> V. Q. Wright, *A Study of War. Abridged Edition: An Analysis of the Causes, Nature, and Control of War*, The University of Chicago Press, Chicago y Londres 1964.

<sup>6</sup> V. G. Bataille, *La part maudite*, Les Éditions du Minuit, París 2014.

<sup>7</sup> V. J. F. C. Fuller, *Armament and History: The Influence of Armament on History from the Dawn of classical Warfare to the End of the Second World War*, Da Capo, Nueva York 1998.

<sup>8</sup> V. F. Lot, *L'art militaire et les armées au Moyen Âge*, Payot, París 1946, 2 t.

<sup>9</sup> V. J. U. Nef, *La guerre et le progrès humaine*, Alsatia, París 1954.

<sup>10</sup> V. R. Caillois, *L'homme et le sacré* (1939), Gallimard, París 1985.

<sup>11</sup> V. P. A. Sorokin, *Social and Cultural Dynamics*, vol. III: *Fluctuation of Social Relationships, War, and Revolution* (1937), The Bedminster Press, Nueva York 1962.

<sup>12</sup> V. R. Girard, *Achever Clausewitz*, *passim*.

estrategia o la geopolítica, incluso hacia una sociología del riesgo<sup>13</sup> cuestionan gravemente su especificidad desde finales de los años setenta, sobre todo a partir de la muerte de Bouthoul. Visto en perspectiva, la polemología, hoy desdibujada con respecto a su plan original, se nos presenta como el argumento central de la biografía de su inventor: la reflexión sobre tres problemas esenciales. La cuestión de la periodicidad de las guerras, la de sus causas presumidas y la de su función o funciones sociales.

Ciertamente, la polemología no tiene ni siquiera una comunidad académica homogénea que la reivindique. Su incoador y fundador es al mismo tiempo factótum de la disciplina y de la red institucional y de relaciones que la sustenta durante algo más de treinta años, desde 1945 a 1980. El término “polemólogo”, por otro lado, resulta para la mayoría de lectores tan equívoco, si no misterioso como el neologismo del que se deriva. Si se le aplica a Bouthoul ya no le cuadra después su contenido a ningún otro investigador. Los demás cultivadores de la polemología habrán leído algunos de sus libros, pero no han tenido su escuela. Bouthoul y el Institut Français de Polémologie son pues los epónimos de la sociología de la guerra.

Una ciencia que tiene fundador pero no sucesores está vinculada inexorablemente con su inventor. Estudiar su *disciplinarización* es contemplar de algún modo su fracaso institucional. Las peculiaridades de este proceso de progresivo aislamiento permiten hablar de la *tibetanización* de la polemología a partir de 1980. Pues la muerte de Bouthoul significa la dispersión de la energía acumulada durante años. Pero antes de que esto suceda se asiste al nacimiento de una nueva rama de la sociología, especializada en los fenómenos destructivos<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> V. P. Dabezies, “Sur la polémologie”, en D. Hermant y D. Bigo (Ed.), *Approches polémologiques. Conflits et violence dans le monde au tournant des années quatre-vingt-dix*, Fondation pour les Études de Défense Nationale, París 1991, pp. 15-20. También se ocupan de la fragmentación del espacio de la polemología F.-H. Huyghe, “Vie et mort d’une discipline: la Polémologie”, en *Medium*, n° 9, 2006, pp. 85-97 y M. Klinger, “Études Polémologiques (1971-1990): vicissitudes de la revue de l’Institut Français de Polémologie”, en M. Klinger (Ed.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, París 2007, pp. 27-44. V. también R. Baudouï, “Guerre et sociologie du risque”, en *Cahiers Internationaux de Sociologie*, n° 114, 2003, pp. 161-174.

<sup>14</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, p. 221.

Bouthoul decanta la “sociología implícita”<sup>15</sup> de la guerra, vislumbrada no obstante por otros antes que él, a partir del estudio de sus efectos demográficos constantes. Se estudia a continuación de qué modo ha construido Bouthoul este nuevo cuadro científico e institucional a partir de unas pocas intuiciones fundamentales reunidas, caso único, en un artículo publicado en 1939 sobre las funciones y la periodicidad de las guerras<sup>16</sup>. En esos pasajes se encuentra ya una polemología *in nuce*.

### 1. Vislumbres de una sociología de las guerras

La expresión “sociología de la guerra”, sancionada por un uso impreciso, aunque no vulgar, antes de la Primera Guerra Mundial, probablemente desde el intersiglo, adquirirá carta de naturaleza científica a finales de los años veinte, sobre todo en Europa<sup>17</sup>. Influye en ello el interés de Durkheim por la configuración de las sociologías especiales o particulares<sup>18</sup>. En este sentido sugiere Bouthoul que la sociología “alcanza definitivamente el estadio científico” cuando a las vastas doctrinas sintéticas de su “época heroica”<sup>19</sup> le sucede una “sociología de los factores [sociales]” particulares, promotora del estudio de

---

<sup>15</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 6. La sociología implícita es una “sociología latente y raramente expresada”. Apunta lo mismo la noción de “teoría sociológica presociológica” de Antonio Perpiñá. V. A. Perpiñá, *Introducción a la teoría sociológica. I. Metasociología*, C. S. I. C., Madrid 1984, pp. 49-51.

<sup>16</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, pp. 161-174. Texto considerado fundacional y por ello publicado nuevamente en la renacida *Études Polémologiques*, n° 53, 2012, pp. 177-190.

<sup>17</sup> También la bibliografía norteamericana es importante. Refleja las mismas tendencias europeas, pero tal vez se rezaga en la delimitación de una sociología especial cuyo objeto sea la guerra. V. L. L. Bernard, “Intérêt des relations internationales pour les sociologues de l’Amérique du nord”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932.

<sup>18</sup> Por esta parte precisamente invoca el magisterio durkheimiano J. Bourdeau, “La guerre et la paix d’après les prévisions des sociologues”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. CIV, julio-septiembre 1920, p. 37. Sobre la contribución de É. Durkheim a los estudios militares y sobre la guerra v. I. Eulriet, “Durkheim and Approaches to the Study of War”, en *Durkheimian Studies*, vol. 16, 2010, pp. 59-76.

<sup>19</sup> La “época heroica de la sociología”, feliz término bouthouleano, abarca el periodo intersecular y se caracteriza por una plétora de querellas en torno a la formalización de la sociología frente a otras disciplinas. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 78. V. L. Mucchielli, *La découverte du social. Naissance de la sociologie en France (1870-1914)*, *passim*. Aquella abigarrada sociología no era un jardín, sino un bosque semisalvaje en el que abundaban, para seguir con la imagen de Sorokin, las flores estériles y las malas hierbas. V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, pp. 548 y 551.

las interrelaciones de estos últimos<sup>20</sup>. Finalmente, pues, dan su fruto las tentativas de Durkheim, pero también las de Max Weber, Vilfredo Pareto y, por supuesto, Georg Simmel, para introducir el conflicto y la guerra en la reflexión sociológica<sup>21</sup>.

### 1.1. Formalización del estudio sistemático de la guerra y su función social

En 1899 se publica el folleto *Der Krieg als soziologisches Problem*, del etnólogo holandés Sebald Rudolph Steinmetz, vertido al francés la década siguiente como *La guerre, moyen de sélection collective*, título que subraya el aspecto darwinista de la obra y deja sin embargo en un segundo plano el propósito científico del autor<sup>22</sup>. Es precisamente Steinmetz, según Bouthoul un “defensor científico de la guerra”<sup>23</sup>, quien en 1929 publica el primer tratado general de sociología de la guerra bajo ese mismo título: *Soziologie des Krieges*<sup>24</sup>. El autor relativiza los males de la guerra (víctimas directas e indirectas, pérdidas económicas, desmoralización y efectos criminógenos, carácter contraselectivo), la considera expresión de una “energía civilizadora” de la humanidad y sostiene que su persistencia se explica por las funciones profundas que desempeña, estas dos sobre todas las demás: la fundación del estado y la educación de los pueblos<sup>25</sup>. No obstante su vocación científica, este tratado se

---

<sup>20</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 90.

<sup>21</sup> Un recorrido por las dos grandes concepciones del conflicto y su relación con las sociedades humanas en J. Freund, *Sociologie du conflit*, pp. 49-54. Desde Heráclito y Aristóteles a los grandes autores del siglo XIX, arribando por último a los clásicos de la sociología de principios del siglo pasado: Weber, Simmel, Pareto y Durkheim.

<sup>22</sup> V. S. R. Steinmetz, *La guerre, moyen de sélection collective*, en A. Constantin, *Le rôle sociologique de la guerre et le sentiment national*. Félix Alcan, París 1907. En la encuesta internacional sobre la guerra y el militarismo, lanzada por *L'Humanité Nouvelle* a primeros del año 1899, responde Steinmetz que “el temible problema de la guerra pertenece esencialmente al dominio de la sociología”, sin embargo, “el estado actual de la sociología todavía no admite un tratamiento definitivo [del mismo]”. *V. L'Humanité Nouvelle*, mayo 1899, p. 230.

<sup>23</sup> GB, *Les guerres*, p. 104. Expresión que toma literalmente de Pitirim A Sorokin. *V. P. A. Sorokin, Les théories sociologiques contemporaines*, p. 245, nota 3.

<sup>24</sup> J. A. Barth, Leipzig 1929. Se trata de una segunda edición aumentada y corregida de S. R. Steinmetz, *Philosophie des Krieges*, J. A. Barth, Leipzig 1907, versión consultada aquí.

<sup>25</sup> Steinmetz se ocupa también de otros asuntos frecuentes en el género: el crecimiento de los presupuestos bélicos y la abolición de los conflictos armados, el desarme y los congresos de paz. *Cfr.* O. Spann, *Zur Soziologie und Philosophie des Krieges*, J. Guttentag, Berlín 1913. El folleto de Spann recoge una conferencia del autor en la ciudad checa de Brno ante el *Verband Deutsch-völkische Akademiker* (30 de noviembre de 1912). Llama la atención en ella su preocupación por el aseguramiento colectivo (Seguridad Social) de las víctimas de la guerra. En general, sus opiniones sobre la naturaleza, funciones y efectos de la guerra, influidas por



alinea con las opiniones de otros propagandistas de la guerra (por ejemplo Ludwig Gumplowicz, Gustav Ratzenhofer y Max Jähns, para no remontarme a Joseph de Maistre o a su coetáneo Ernst von Lassaulx<sup>26</sup>), hasta el punto de ser considerado en su época el *standard work* de la apología de la guerra. Más allá de lo cual carece ciertamente de un hilo conductor: el argumento estrictamente científico que lo hubiera distinguido del ensayismo político-militar. Esta obra de Steinmetz es más bien una compilación sobre la vasta temática de la guerra, no exenta de opiniones políticas: un excelente *status quaestionis de re bellica*, pero no un tratado de sociología en sentido estricto.

De principios del siglo pasado es también un tratado sociológico general sobre la guerra de altos vuelos, sorprendentemente muy poco conocido por los especialistas en esta materia: *Le rôle de la guerre*, tesis doctoral de su autor, Jean Lagorgette, defendida en 1906 en la universidad de Dijon<sup>27</sup>. Por su amplitud y original planteamiento teórico, apenas sesgado por el *parti-pris* pacifista del autor, así como por su desarrollo sistemático, puede tomarse como la primera gran contribución científica al estudio de la guerra desde una perspectiva verdaderamente sociológica o psicosociológica. Más de setecientas páginas. Cinco partes. Cinco libros. Cuarenta y cuatro capítulos. Una arquitectura compleja pero

---

Steinmetz y Gustav Ratzenhofer, no son originales. Tal vez por ello Spann expurga estas páginas de sus *Obras completas*.

<sup>26</sup> V. L. Gumplowicz, *La lutte des races*, p. 261: “La perpetua lucha de razas es la ley de la historia, mientras que la paz perpetua es solo el sueño de los idealistas”. Para este jurista sociólogo de origen polaco la guerra es “causa de progreso”: v. L. Gumplowicz, *Sociologie et politique* (1892), Giard et Brière, París 1898, p. 199. Además G. Ratzenhofer, *Wesen und Zweck der Politik. Als T(h)eil der Sociologie und Grundlage der Staatswissenschaften*. Brockhaus, Leipzig 1893, 3 t.: la lucha es la “mayor potencia socializadora” (t. 1, p. 12), determinada en último análisis por la “ley de la hostilidad absoluta” (*Gesetz der absoluten Feindseligkeit*) (t. I, pp. 59-65). Para Max Jähns, la guerra, “el padre de todas las cosas” (*der Vater aller Dinge*), es factor esencial de la civilización, reguladora de la demografía, fundadora del Estado, impulsora de las vías comerciales... V. M. Jähns, *Über Krieg, Frieden und Kultur*. Allgemeine Verein für Deutsche Literatur, Berlín 1893, pp. 60 ss. Finalmente, v. J. de Maistre, *Consideraciones sobre Francia* (1797), Rialp, Madrid 1955, pp. 100-101. Escribe De Maistre: “Sabido es que las naciones no alcanzan jamás el punto culminante de grandeza de que son capaces, más que tras largas y sangrientas guerras” (p. 102). Y en otro lugar: “La guerra es [...] casi divina en sí misma [...], divina por sus consecuencias [...], por la gloria misteriosa que la rodea [...], por la manera en que se declara [...], en sus resultados [...], por la indecible fortaleza con que determina los sucesos”: v. J. de Maistre, *Las veladas de San Petersburgo* (1821), Espasa-Calpe, Madrid 1966, pp. 164-165. Para von Lassaulx, los grandes progresos espirituales en la vida de los pueblos se deben a las grandes guerras. V. E. von Lassaulx, *Neuer Versuch einer alten, auf die Wahrheit der Tatsachen gegründeten Philosophie der Geschichte* (1856), Karolinger, Viena y Leipzig 2003, p. 59.

<sup>27</sup> V. J. Lagorgette, *Le rôle de la guerre. Étude de sociologie générale*. Giard et Brière, París 1906. Tratado muy superior al resto de la obra miscelánea de este agente de seguros, miembro de la Sociedad de Sociología de París, conservador museístico y bibliotecario de su pueblo natal (Châtillon sur Seine), en la que alternan los estudios de arqueología local con los folletos sobre los aviones de la Primera Guerra Mundial y el reconocimiento de sus perfiles, las monografías sobre las condiciones de vida de los estudiantes universitarios y la teoría del derecho.

finalmente muy bien trabada. En ella se articulan cuatro grandes especies de guerras: las guerras impulsivas (*guerres impulsives*), a la vez medio y fin; las guerras reflexivas (*téléologiques*), medio para un fin específico, sea este jurídico o no jurídico; las guerras como medio para un fin específico y, en último lugar, las guerras sin función. Lagorrette, con un trasfondo deudor de la psicología social de Tarde y su concepto de las “relaciones intermentales”, concibe la guerra como un hecho social y deja en un segundo plano el estudio de las causas de la guerra para concentrarse en el análisis de sus funciones sociales<sup>28</sup>.

Gottfried Salomon, sociólogo alemán naturalizado norteamericano, instalado unos años en Francia antes de pasar a los Estados Unidos en 1941, presenta un estado de la cuestión de la sociología de la guerra un mes antes del inicio de la Segunda Guerra Mundial. A su juicio, el moralismo de finales del siglo XIX, condenatorio o apologista, escasamente científico siempre, pasa a un segundo plano, desplazado por una pujante “psicología [social] de la guerra”, generalmente elaborada por militares. Más de treinta años después de su publicación, *Le rôle de la guerre* de J. Lagorrette le parece todavía la mejor “síntesis de toda la psicología social de la guerra”<sup>29</sup>. Pero nuevas perspectivas sociológicas, inclusivas de diversos factores sociales y sus interdependencias y correlaciones, rivalizan con las anteriores. De ello es prueba el congreso ginebrino de 1930, en el que incoa Bouthoul nuevas bases para el estudio de la guerra. En él ha de presentar, polemólogo en ciernes, una primera definición operativa de la guerra, amplísima, aunque no vaga, tomando en consideración la influencia de los movimientos de población en la génesis de todo conflicto.

## 1.2. La primera contribución de Bouthoul a una sociología del conflicto

En 1930, un año después de la aparición del tratado de Steinmetz, cuyo título puede decirse que hace época, el Instituto Internacional de Sociología se reúne en Ginebra para tratar en su décimo congreso de “La sociología de la guerra y de la paz” (*Sociologie de la*

---

<sup>28</sup> Saltan a la vista las coincidencias con el esquema basal de la polemología de Bouthoul (interpsicología, fenómeno-guerra y funciones de la guerra).

<sup>29</sup> V. G. Salomon, “À propos des sociologies de la guerre”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, n° 7, 1939, p. 431. El tratado de Lagorrette merecería ciertamente un estudio sistemático.

*guerre et de la paix*). No obstante, la temática acordada en la sesión plenaria del IX congreso del Instituto (París, octubre de 1927) era formalmente distinta: “Las causas profundas de las guerras y las condiciones de una paz duradera”, título que a su vez es la adaptación de otro ideado ya en 1921<sup>30</sup>. Con todo, las actas del congreso ginebrino, un detallado estado de la cuestión en el que se examinan los factores etnodemográficos, psicosociológicos, eticorreligiosos, educativos, políticos, jurídicos y económicos de la guerra, y en el que G.-L. Duprat perfila los rasgos esenciales mínimos del estudio sociológico de las guerras<sup>31</sup>, tan solo se ocupan *expressis verbis* de la “sociología de la guerra” en unas pocas páginas<sup>32</sup>. El volumen de los *Annales* de 1932 que recoge, íntegras o resumidas, las contribuciones presentadas, constituye en cualquier caso un gran alegato científico, el primero importante después de la guerra, de lo que hoy, con propiedad científica, llamamos polemología o irenología. Se repudia ante todo el tabú que limita o impide el acceso de la sociología al análisis del hecho-guerra. “Un sociólogo que rechaza el estudio de las guerras es como un biólogo que rechazara el estudio de las enfermedades y la ilustración proporcionada por la anatomía patológica”<sup>33</sup>. ¿Qué habría dicho Richard si, como Bouthoul, se hubiera visto estigmatizado intelectualmente por impulsar la polemología, presumiendo sus críticos un interés belicista o una intención hostil detrás de su vocación científica? En un libro de 1960, traducido del ruso a todas las lenguas europeas importantes, el polemólogo soviético de origen ucraniano Boris Urlanis considera que Bouthoul es un adicto a la mortalidad bélica —remediadora de la superpoblación—, y un “[divulgador] de concepciones y teorías misántropas y militaristas”<sup>34</sup>.

Bouthoul conoce muy bien la literatura sobre la guerra de los escritores políticos, economistas y demógrafos, franceses e italianos particularmente. Puede decir con

---

<sup>30</sup> V. G. Richard, “Introduction. Le Congrès de Paris”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928, pp. 45-46.

<sup>31</sup> “El estudio propiamente sociológico de la guerra” no aporta juicios de valor, sino que toma la guerra como un “hecho social que comporta la concurrencia, los antagonismos, las distintas formas de solidaridad, convergentes u opuestas, que a su vez abocan a nuevos modos de interdependencia, a la eliminación de fuerzas diversas”. V. G.-L. Duprat, “Mémoire introductif: les structures sociales et la guerre”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 21.

<sup>32</sup> V. Raúl A. Orgaz, “Note sur la sociologie de la guerre”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, XVI, 1932, pp. 104-106.

<sup>33</sup> V. G. Richard, “Rapport”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 13.

<sup>34</sup> V. B. Urlanis, *Las guerras y la población. Investigación histórico-estadística*, Editorial Progreso, Moscú 1965, pp. 362 y 364.

conocimiento de causa que “la gran floración de obras sobre la guerra tiene lugar hacia 1900”. Pero “después es el silencio de los pensadores hasta poco antes de 1939”<sup>35</sup>. Y también el olvido justificado de la literatura pacifista anterior a la Gran Guerra. Con razón escribe uno de sus colaboradores que “la grave laguna de la sociología [de la guerra]” solo se colmará después de la Segunda Guerra Mundial<sup>36</sup>.

Bouthoul presenta en Ginebra una comunicación titulada “Guerre et population”, publicada con las demás en el citado tomo XVI de los *Annales*<sup>37</sup> e incluida en 1935 en *La population dans le monde*, retocada y ampliada<sup>38</sup>. Aparecen ahí dos nociones fundamentales de su polemología: una “definición media” y desapasionada de la guerra, elemental –en la reelaboración de 1935 rectificada ya en un aspecto esencial–, y la afirmación de un ritmo regular en el que, al menos aparentemente, se alternan periodos de crecimiento demográfico con otros de destrucción compensadora. También el concepto de “saturación demográfica”<sup>39</sup>, relacionado con “el humor belicoso de los pueblos” y en el que se anticipa su preocupación por la psicología de las profundidades y su investigación sobre el “complejo de amontonamiento” (*complexe de l'encombement*)<sup>40</sup> y otros complejos belígenos.

Su definición englobante de la guerra, dependiente del concepto maltusiano de los obstáculos represivos de la demografía, incluye no solo los conflictos armados, sino “todas las medidas que se originan en la voluntad humana y que pretenden resolver rápidamente un antagonismo o un conflicto entre grupos rivales mediante la destrucción directa o indirecta de individuos”<sup>41</sup>. Bouthoul reconoce que su concepto es en el fondo una variación sobre la potente intuición maltusiana del equilibrio demográfico, comprado este por las sociedades al precio de “espantosas calamidades”<sup>42</sup>. Así pues, la guerra en

---

<sup>35</sup> GB, *Les guerres*, p. 100.

<sup>36</sup> V. R. Carrère, “La guerre, cette inconnue. Découverte et avenir de la Polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 11, 1969/1, p. 22.

<sup>37</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, pp. 120-132.

<sup>38</sup> GB, *La population dans le monde*, pp. 187-200 (cap. XIII).

<sup>39</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 123.

<sup>40</sup> GB, *L'infanticide différé*, pp. 107 ss. y otros lugares.

<sup>41</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 123.

<sup>42</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 132.

sentido estricto (*bellum*) sería uno más de los conflictos abarcados por su sociología de la guerra *in nuce*, la cual más parece en este punto una conflictología como la desarrollada en los años setenta del siglo pasado por Julien Freund. Significativamente, la polemología de Freund no es una “sociología de la guerra”, ni siquiera una “sociología de las guerras”, sino una “sociología del conflicto”<sup>43</sup>.

El amplio concepto bouthouleano de “guerra” incluye pues también las guerras civiles, la lucha de clases, los bloqueos económicos, los movimientos forzosos de poblaciones (deportaciones masivas, etc.), las hambres causadas por un designio político... incluso medidas como las *enclosures acts*<sup>44</sup>.

Pero su “definición media de la guerra” ha de conocer todavía dos rectificaciones esenciales. La primera se registra en *La population dans le monde* de 1935. En el capítulo que recoge su ponencia ginebrina Bouthoul reduce extraordinariamente el radio de la guerra. Ahora le parece que esta consiste en un “conflicto armado entre gobiernos organizados”, los cuales, en virtud de un “contrato jurídico especial, ‘el contrato de guerra’ (*le contrat de guerre*)”, deciden “resolver un diferendo por la suerte de las armas”. El cambio de opinión es total: “Cualquier otra forma de antagonismo (*antagonisme*), incluso si esta resulta mucho más mortífera que la guerra propiamente dicha, tiene otra naturaleza: la de la lucha (*lutte*), no la de la guerra (*guerre*)”<sup>45</sup>. Bastan estas tres nociones: antagonismo, lucha y guerra, empleadas ya con precisión, para que Bouthoul quede incorporado a la estirpe de los sociólogos europeos del antagonismo inaugurada por Georg Simmel<sup>46</sup>.

La segunda rectificación, igualmente importante, tiene lugar después de la guerra y es acaso más importante. Se trata de la eliminación de una nota clásica en la concepción de la guerra: su carácter voluntario. En el congreso sobre la guerra y la paz de Ginebra Bouthoul señala que aquella nace de la “voluntad humana”. Como se explica más adelante, se trata del supuesto carácter intencional de la guerra, que Bouthoul cuestiona y

---

<sup>43</sup> V. J. Freund, *Sociologie du conflit*, *passim*. Cfr. G.-E. Sarfati, “De la sociologie des guerres (Bouthoul) à la sociologie du conflit (Freund). Quelques remarques sur une dette intellectuelle méconnue”, en G. Delannoï, P. Hintermeyer, Ph. Raynaud y P.-A. Taguieff (Ed.), *Julien Freund, la dynamique des conflits*.

<sup>44</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 122.

<sup>45</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 187.

<sup>46</sup> V. J. Molina, “Georg Simmel, anticipador de la polemología”, en G. Simmel, *El conflicto. Sociología del antagonismo*, Sequitur, Madrid 2010.

desmiente, pues considera que la declaración de guerra, expresión máxima del voluntarismo del jefe de los ejércitos o del príncipe, constituye finalmente un prejuicio decisionista de la razón.

Existe en la vida de los pueblos, por otro lado, un “ritmo”<sup>47</sup>. O eso parece a juzgar por “la compensación de los periodos de crecimiento demográfico con los periodos de destrucción”. Con todas las cautelas, Bouthoul lamenta que casi ningún sociólogo se haya ocupado de verificar esa expresiva correlación, pues aunque no sea automática, al menos desde el final de la Primera Guerra Mundial se “dan todas las condiciones susceptibles de crear [...] una relación de causalidad entre las perturbaciones demográficas y el nacimiento de los conflictos”<sup>48</sup>. Ha sido É. Levasseur el primero en observarla cuando elabora su historia demográfica de Francia. Bouthoul menciona algunas de esas correlaciones, desde entonces motivo de meditación permanente. La prosperidad, siquiera relativa, de los siglos XIII, XV o XVII, es cancelada por la Guerra de los Cien Años, por las guerras de religión o por las guerras postreras del reinado de Luis XIV. Finalmente, el crecimiento demográfico remonta en el siglo XVIII, cuando Francia se convierte según observadores de la época en “la China de Europa”, pero sobrevienen entonces las guerras de la Revolución y del Imperio y se trunca la expansión.

Aunque faltan elementos para confirmar esta “llamativa regularidad”, tanto en Francia como en otras naciones, “no se puede negar que existe un ritmo, una sucesión regular de acontecimientos a la vez sugestiva y turbadora”<sup>49</sup>. La constatación de ese movimiento cíclico, de carácter “aproximadamente secular”, es lo que permite “suponer sin demasiada imprudencia que entre las funciones [*sic*] reguladoras de la población tienen que figurar las guerras y sus consecuencias”<sup>50</sup>. La polemología de Bouthoul se edifica sobre esta pregnante intuición.

---

<sup>47</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 130. V. sobre todo J. Freund, *Sociologie du conflit*, pp. 70-78. Cfr. J. Molina, *Julien Freund, lo político y la política*, Sequitur, Madrid 2000, pp. 223-240.

<sup>48</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, pp. 130 y 129.

<sup>49</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, XVI, 1932, p. 131.

<sup>50</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 216.

### 1.3. Bouthoul y su argumentación antieconomicista

Si algo se pone de manifiesto en las jornadas científicas de Ginebra es “el predominio del determinismo económico de la guerra y la paz”, como recuerda oportunamente G. Salomon<sup>51</sup>. En ese contexto se destaca mayormente Bouthoul por ocuparse de la correlación entre los movimientos de la población y la guerra.

En un momento de máxima preocupación por las causas económicas de las guerras y por las condiciones económicas de la conducción de una guerra acaso no muy lejana, la doctrina que elabora Bouthoul cuestiona toda forma de materialismo economicista, ya sea de inspiración liberal o marxista. En el congreso de Ginebra no solo hay exponentes del primero, a la sazón abrumadoramente mayoritario, sino también del que tiene una *arrière pensée* socialista o sindicalista<sup>52</sup>.

El trasfondo del pensamiento bouthouleano no hay que verlo en este punto ni con ojos de economista ni de sociólogo, aunque pueda chocar. No es extraño que quien piensa que la “sociología es primariamente biología social” escriba sobre los conflictos armados como biólogo, apreciación que se impone en el ánimo de cualquier lector pero que el propio Bouthoul de vez en cuando excita. Ciertamente, las guerras son los hitos que marcan la biografía de los pueblos. Pero esta afirmación, que contentaría sin duda a los historiadores de la guerra o de las grandes batallas, apenas roza el problema de la guerra como el acontecimiento biológico que es. Es natural que un demógrafo político, crítico neomaltusiano de Malthus, anteponga la correlación demografía-guerra a la correlación demografía-recursos, preferida por los demógrafos economistas<sup>53</sup>.

No es la economía, sino la demografía, el “factor número 1” en la guerra, escribirá en *Cent millions de morts*<sup>54</sup>. Ni el dirigismo económico ni el librecambismo influyen decisivamente

---

<sup>51</sup> V. G. Salomon, “À propos des sociologies de la guerre”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, n° 7, 1939, p. 434.

<sup>52</sup> V. J. Duprat, “Le paupérisme, facteur de bellicisme d’après Proudhon”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, pp. 241-254. La última sección de los *Annales* recoge diversas contribuciones sobre el sindicalismo, el cooperativismo, la Organización Internacional del Trabajo y la salud como factores de pacificación de los pueblos.

<sup>53</sup> V. G. Bouthoul, *La population dans le monde*, pp. 202-203; v. también *supra*, cap. 3, § 2.3.

<sup>54</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 8.

sobre la agresividad de las naciones<sup>55</sup>, “en el mejor de los casos pueden alterar su ritmo”. “Pero lo mismo sucede”, concluye, “cuando se produce una modificación en la estructura de los estados o las poblaciones”<sup>56</sup>. La afirmación materialista de una unívoca correlación histórica entre crisis económicas y guerra es en realidad una pseudoevidencia<sup>57</sup>, una ilusión muy arraigada después de la labor de zapa, casi dos veces secular, del socialismo y, cabe añadir, también del liberalismo. El pensamiento polemológico, contraintuitivo, sugiere más bien que “la inmensa mayoría de guerras estallan sin la precedencia de una crisis económica”<sup>58</sup>. Por otro lado, las “crisis económicas”, como acontecimiento y como categoría intelectual, tienen menos de tres siglos de historia, a juicio de Bouthoul “poca cosa comparada con la guerra, tan vieja como el hombre”.

No se trata de negar los aspectos económicos de la guerra, pues indudablemente los tiene (consumo masivo de capital, transferencias de riqueza, destrucción del patrimonio familiar y fiscal, deudas, indemnizaciones, confiscaciones y requisas, impuestos, etc.), pero estos, puntualiza Bouthoul, “se producen durante las hostilidades o después, nunca antes”. Las causas de la guerra no están en sus efectos, pues eso es confundir “el aspecto económico de los conflictos con su necesidad o fatalidad económica”<sup>59</sup>. La economía puede ser un instrumento de la guerra, pero no al revés<sup>60</sup>. Al mismo tiempo, no es menos cierto que la economía constituye un sector de la acción humana especialmente proclive al “arreglo y al compromiso”<sup>61</sup>. Esto vale como síntesis de toda argumentación antieconomicista en polemología y permite eliminar los factores económicos como verdaderas causas de la guerra, manifestándose estas, en cambio, en una suerte “predisposición psicológica o biológica a la intransigencia”<sup>62</sup>. Conclusiones que cree ver corroboradas en su estudio

---

<sup>55</sup> GB, *Les guerres*, pp. 242 ss.

<sup>56</sup> GB, *Les guerres*, p. 243.

<sup>57</sup> GB, *Les guerres*, p. 8.

<sup>58</sup> GB, *Les guerres*, p. 239.

<sup>59</sup> GB, *Les guerres*, p. 226.

<sup>60</sup> GB, *Les guerres*, p. 251.

<sup>61</sup> GB, *Les guerres*, p. 249.

<sup>62</sup> GB, *Les guerres*, p. 249.



sobre los conflictos más importantes del periodo 1740-1974: a su juicio, las causas económicas no han desempeñado en ellos un papel exclusivo ni principal<sup>63</sup>.

Bouthoul rebate más tarde las opiniones comunes sobre la causalidad económica de guerras como la de 1940: ni es consecuencia ineluctable de la crisis de los años treinta ni de las políticas autárquicas. Una variante de la causalidad económica de los conflictos armados es el designio de los ricos, tesis inverosímil según Bouthoul. Otra es la que las achaca a la penuria o a la pobreza. Opinión difícil de aceptar ya entre pueblos primitivos, no tiene *a fortiori* sentido aplicarla como criterio explicativo de las guerras entre naciones civilizadas. Bouthoul reconoce que el ataque de unas tribus primitivas contra otras para apoderarse de sus recursos constituye la única especie de “guerra económica integral”. Sin embargo, por su propia naturaleza, las “necesidades” (*besoins*) pueden ser compensadas o transferidas, pues la “necesidad económica” (*nécessité économique*) rara vez es inmediata o perentoria<sup>64</sup>. Por otro lado, una creciente complejidad social amplifica los efectos de la ley de sustitución en la vida económica<sup>65</sup>.

Es más bien “la situación de abundancia la que incita a la guerra en las sociedades complejas”<sup>66</sup>. Inspirado por Georges Bataille y Marcel Mauss, incluso Thorstein Veblen<sup>67</sup>, el consumo masivo de material y hombres que conlleva la guerra le hace pensar en ella como en una suerte de fiesta pródiga total, “una fiesta integral y desenfrenada”<sup>68</sup>, equivalente al potlatch, cauce institucionalizado para la destrucción del excedente<sup>69</sup>. Una “operación gloriosa [de] consumo inútil [...], un gasto catastrófico de la energía

---

<sup>63</sup> Las causas económicas tienen su importancia en el estallido de los microconflictos, en los cuales, sin embargo, los efectos económicos son despreciables. Por el contrario, según Bouthoul, en los grandes conflictos y revoluciones, “no siendo ni únicas ni privilegiadas las causas económicas”, sí que tienen importancia los efectos económicos. G. Bouthoul y R. Carrère, *Le défi de la guerre (1740-1974). Deux siècles de guerres et de révolutions*, P. U. F., París 1974., pp. 74-75.

<sup>64</sup> GB, *Les guerres*, pp. 224 y 226. Sobre la “maleabilidad de la necesidad” v. J. Freund, *L'essence de l'économique*, pp. 37-39. Del mismo, “Théorie du besoin” y “Besoin et économie”, en J. Freund, *Politique et impolitique*, Sirey, París 1987, pp. 319 ss.

<sup>65</sup> GB, *Les guerres*, p. 227.

<sup>66</sup> GB, *Les guerres*, p. 228.

<sup>67</sup> GB, *Les guerres*, pp. 130-133, 239-240 y 452.

<sup>68</sup> GB, *Les guerres*, p. 334.

<sup>69</sup> V. M. Mauss, *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* (1925), P. U. F., París 2012, *passim*. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 164.

excedente”<sup>70</sup>. Lo que encuentra una confirmación espontánea en la paz armada y la carrera armamentística, verdaderos “desafíos de prodigalidad (*prodigalités-défis*) en los que cada adversario espera intimidar al rival y obtener de él un reconocimiento de su supremacía”<sup>71</sup>, una suerte de “consumo ostentoso” (*conspicuous consumption*)<sup>72</sup>, “la mayor dilapidación colectiva de prestigio [...] administrada por la clase dominante”<sup>73</sup>. Por qué no encontrar también en la guerra una distracción<sup>74</sup> o un juego apasionante (*guerre divertissement*)<sup>75</sup> y no precisamente en un sentido metafórico<sup>76</sup>. Un tributo constante de destrucción, justamente la “parte maldita” de G. Bataille, liquidado por el “sector” que Bouthoul ha denominado con gran acierto “cuaternario” (*secteur quaternaire*)<sup>77</sup>.

El antieconomicismo de Bouthoul confluye pues con el de otros sociólogos y estadísticos de su cofradía, incluso con el de algún economista político atento al factor demográfico, siquiera ocasionalmente. Le preocupan, como a todos ellos, las correlaciones entre la guerra y las tasas de mortalidad y natalidad, los presuntos efectos polemógenos de la presión demográfica, incluso el cómputo de las víctimas de los conflictos o el catálogo de las guerras antiguas y modernas ordenadas por su magnitud.

Coincide Bouthoul plenamente, por ejemplo, con la opinión de Gini, asimismo antieconomicista: más allá de las causas aparentes de las guerras operan los factores demográficos latentes. Para Gini, la motivación económica de la guerra, tan extendida, constituye una idealización de las verdaderas causas<sup>78</sup>. No se puede negar el influjo de factores psicológicos, culturales o económicos, pero “las circunstancias de índole demográfica” son las que más cuentan según el demógrafo italiano. No se explica una guerra si no es por el desequilibrio generado por un diferencial de presión demográfica altamente

---

<sup>70</sup> Así se sustancia la guerra en G. Bataille, *La Pare maudite*, p. 29.

<sup>71</sup> GB, *Les guerres*, p. 239.

<sup>72</sup> V. T. Veblen, *Teoría de la clase ociosa* (1899), F. C. E., México 1992, espec. cap. 3 y 4. Cfr. GB, *Les guerres*, pp. 130-133.

<sup>73</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 286.

<sup>74</sup> GB, *Les guerres*, pp. 335-337.

<sup>75</sup> GB, *Les guerres*, pp. 133-134.

<sup>76</sup> V. J. Huizinga, *Homo ludens*, p. 117. Sobre la guerra como actividad lúdica (*activité de jeu*): GB, *Les guerres*, pp. 338-340.

<sup>77</sup> V. *infra* cap. 5, § 5.2.

<sup>78</sup> V. C. Gini, *Problemi sociologici della guerra*, Nicola Zanichelli, Bolonia 1921, p. 65.

divergente. Así pues, la Gran Guerra le parece consecuencia del enorme diferencial de la presión demográfica generado entre 1871 y 1911<sup>79</sup>. En última instancia, “los conflictos armados entre pueblos o clases sociales se deben al despertar y a la exasperación, en todas las clases o en algunas de ellas, de la combatividad humana frente a los obstáculos que las diferencias físicas o psíquicas de las poblaciones oponen a la tendencia de los diversos grupos sociales a distribuirse conforme a su natural fuerza expansiva”<sup>80</sup>.

Pasajes equivalentes a estos pueden encontrarse en sus compatriotas Filippo Virgilio y Lanfranco Maroi, ambos estadísticos. *Il problema della popolazione* de Virgilio es una historia del pensamiento demográfico que gira sobre la doctrina maltusiana. Destaca Virgilio las dos fases de las guerras modernas: una primera destructiva, en la que aumenta bruscamente la mortalidad y se contrae la natalidad; otra sucesiva reparadora, en la que se producen movimientos opuestos<sup>81</sup>. Por su parte, Maroi recopila gran cantidad de datos estadísticos para explicar las causas de la Gran Guerra, a su juicio *fundamentalmente* demográficas, aunque no *exclusivamente*<sup>82</sup>. Sincero Rugarli, fundador y director de la *Rivista di Sociologia* y ponente del congreso de Ginebra, dirá paretianamente, en este mismo contexto, que la guerra cumple su función favoreciendo la “circulación” (*circulation*) de los grupos demográficos<sup>83</sup>. Pura demografía política. Llevada a su extremo, se puede catalogar esta posición como “materialismo demográfico”, contrapuesto al “materialismo económico” de los escritores marxistas.

## 2. ¿Adiós a la guerra? (*La guerre s'en va?*)

La guerra es una de las expresiones constantes y regulares del dinamismo demográfico. No será la única, pero sí una de las más llamativas. No tienen en cuenta este matiz –ser

---

<sup>79</sup> V. C. Gini, *Problemi sociologici della guerra*, pp. 20, 23, 25 y 33.

<sup>80</sup> V. C. Gini, *Problemi sociologici della guerra*, p. 93.

<sup>81</sup> V. F. Virgilio, *Il problema della popolazione*, p. 560.

<sup>82</sup> V. L. Maroi, *I fattori demografici del conflitto europeo*, Athenaeum, Roma 1919.

<sup>83</sup> V. S. Rugarli, “Le rôle sociale de la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 148.

expresión de algo no es lo mismo que ser causado por ello, mucho menos su causa— la mayor parte de los críticos economicistas de la correlación entre guerra y demografía. Aventuran por ello que la guerra es una anomalía llamada a desaparecer. Bien por una paulatina desactivación de su finalidad o razón de ser en la sociedad industrial (liberalismo), bien por un colapso irreversible, consecuencia de la escalada fatal entre capital y trabajo, epílogo definitivo de las guerras y conflictos del pasado (socialismo)<sup>84</sup>.

Frédéric Passy, discípulo de Frédéric Bastiat, Premio Nobel de la Paz de 1901 y, en sus años dorados, uno de los máximos representantes en Francia del llamado pacifismo jurídico, rechaza de plano la tesis demográfica según la cual “de vez en cuando [haría] falta una buena guerra para desembarazar al país de la población superflua”<sup>85</sup>. A Jacques Novicow, sociólogo economista de origen ruso, partidario de un organicismo atenuado, miembro bien conocido del Instituto Internacional de Sociología y, según Bouthoul, “uno de los precursores de la polemología”<sup>86</sup>, la atribución a la guerra de la “virtud [...] de impedir la superpoblación” le parece “el más sorprendente de todos los sofismas”<sup>87</sup>. En las apreciaciones de Passy y Novicow subyace una concepción economicista de la causa de las guerras, diagnóstico de profunda impregnación liberal, recibido bien a través de Herbert Spencer y su doctrina metasociológica de la transformación de la sociedad militar en una sociedad industrial, bien a través de la escuela de los Economistas de Bastiat.

Tampoco hay que desdeñar, aunque su influencia siga un curso distinto, la impronta del economicismo marxista (materialismo histórico) en la explicación de la guerra, cuya expresión más sobresaliente se encuentra en algunos pasajes de Lenin sobre el

---

<sup>84</sup> O por hastío o por obsolescencia o por refinamiento democrático, argumentos actuales que en el fondo reproducen y matizan las doctrinas clásicas sobre la retirada histórica de la guerra y su carácter residual. Al historiador militar John Keegan, profesor en Sandhurst, le parece que la guerra, “[después de toda una vida de estudiar el tema, tratar a militares, visitar escenarios de guerra y observar sus efectos,] va dejando de parecerles a los seres humanos un medio deseable o productivo, y no digamos racional, de dirimir las diferencias”. Deliciosa *petitio principii* a mi modo de ver. V. J. Keegan, *Historia de la guerra*, Planeta, Barcelona 1995, 86. V. también M. Mandelbaum, “Is Major War obsolete?”, en *Survival: Global Politics and Strategy*, vol. 40, n° 4, 1998-1999, pp. 20-38. J. Mueller, *The Remnants of War*, Cornell University Press, Ithaca (NY) 2004.

<sup>85</sup> V. F. Passy, *La paix et la guerre*, Guillaumin et Cie, París 1867, p. 24. Nueva edición: Berg International, París 2014.

<sup>86</sup> GB, “Les formes élémentaires des groupes de violence”, en *Guerres et Paix*, n° 2, 1966/2, p. 18.

<sup>87</sup> V. J. Novicow, *La guerre et ses prétendus bienfaits*, Armand Colin, París 1894, p. 128.

imperialismo y la guerra<sup>88</sup>. “La prueba del verdadero carácter social [...] o de clase de una guerra no se encontrará [...] en su historia diplomática, sino en el análisis de la situación *objetiva* de las clases dirigentes [...]. Para reflejar esa situación objetiva no hay que tomar ejemplos y datos sueltos (dada la infinita complejidad de los fenómenos de la vida social, siempre se pueden encontrar los ejemplos o datos sueltos que se quiera, susceptibles de confirmar cualquier tesis), sino que es obligatorio tomar el *conjunto* de los datos sobre los *fundamentos* de la vida económica de *todas* las potencias [...]”<sup>89</sup>. La misma opinión refleja *El socialismo y la guerra* (1915), panfleto que destaca el “[extremado valor del] análisis teórico” del “socialchovinista” (Lenin *dixit*) Rudolf Hilferding sobre la última fase del desarrollo capitalista<sup>90</sup>. La manifestación “científica” de esta forma del determinismo económico resulta perfectamente reconocible en Achille Loira, economista italiano epónimo del materialismo marxista en punto a una doctrina sobre la guerra y sus causas. En su opinión, el factor económico es causa última de la guerra. La victoria de las naciones demográficamente decadentes es de ello una confirmación *a contrario*<sup>91</sup>.

## 2.1. El ilusionismo liberal

La distinción ideal-típica entre las sociedades militar (*predominantly militant society*) e industrial (*predominantly industrial society*), fijada por Herbert Spencer en uno de los grandes tratados sociológicos de la segunda mitad del siglo XIX: *The Principles of Sociology* (1876), ha

---

<sup>88</sup> Por descontado que abundan los ejemplos en otros doctrinarios socialistas. Para el socialista utópico Louis Blanc la libre competencia del régimen económico librecambista es un “sistema de exterminio para el pueblo” y “causa de ruina para la burguesía”, abocado a una lucha sin cuartel entre aquel y esta. La sustitución de la competencia por la asociación (“talleres sociales” o *ateliers sociaux*) es la solución del problema económico y, por tanto, también de los problemas políticos (democracia social) y bélicos (paz mundial). V. L. Blanc, *Organisation du travail* (1839), Bureau de l’Industrie Fraternelle, París 1847, *passim*.

<sup>89</sup> V. V. I. Lenin, *El imperialismo, fase superior del capitalismo* (1916), en *Obras completas*, Editorial Progreso, Moscú 1973, t. 5, p. 162.

<sup>90</sup> V. V. I. Lenin, *El socialismo y la guerra* (1915), en *Obras completas*, t. 5, pp. 124-140. Cfr. R. Hilferding, *El capital financiero* (1910), Tecnos, Madrid 1985. Persiste la idea, más o menos disimuladamente, en “la llamada teoría estructural del imperialismo de J. Galtung[.] conclusión última, posible si no inevitable, del modo de pensar leninista”. V. R. Aron, *Plaidoyer pour l’Europe décadente*, p. 268. Además J. Galtung, “Una teoría estructural sobre el imperialismo”, en *Investigaciones teóricas. Sociedad y cultura contemporáneas*, Tecnos, Madrid 1995, pp. 355-424. Para el “sociólogo” Galtung (Julien Freund *dixit*) la desigualdad entre las naciones es una forma de violencia estructural, categoría central de su irenología. V. J. Galtung, “Violencia, paz e investigación para la paz”, en *Investigaciones teóricas*, pp. 311-354. Cfr. J. Freund, *Sociologie du conflit*, pp. 101-104.

<sup>91</sup> V. A. Loira, *Aspetti sociali ed economici della guerra mondiale*, Francesco Vallardi, Milán 1921, p. 71.

imprimido una marca indeleble en el irenismo del siglo XX, sea este consciente de ello o no. Spencer ofrece una doble taxonomía casi intuitiva, natural dice él (*natural manner*), de los tipos sociales. La primera, más específica, utiliza como criterio la complejidad de su respectiva composición interna (*simple, compound, doubly-compound, trebly-compound*). La segunda, mucho más conocida por su extraordinaria simplicidad<sup>92</sup>, clasifica las sociedades según predomine en ellas la organización ofensiva y defensiva (*offence and defence organization*) o la productiva (*sustaining organization*)<sup>93</sup>.

La sociedad militar tiende a la autarquía y al proteccionismo económico. Impone un sistema obligatorio de cooperación que absorbe los derechos individuales en las prerrogativas de un gobierno despótico. Un detalle de suma importancia se pasa a veces por alto: la mentalidad de este tipo social se basa en una especie de teoría personal o personalista de la causalidad. Excluida de la sociedad militar la “causalidad impersonal”, resulta en ella ininteligible la idea de un proceso social, pues todo se debe presuntamente al gobierno, a la acción personal e intencional de sus miembros, príncipes u hombres de partido<sup>94</sup>.

La sociedad industrial representa la antítesis de la anterior. No las diferencia tanto su capacidad productora, como su vocación para la libre cooperación. Una sociedad industrial no es por definición más productiva que una sociedad militar. En este sentido, hay regímenes militares muy operosos, como el socialista, pero que son ejemplo de una cooperación forzada. La sociedad de tipo industrial es entonces una sociedad pacífica en

---

<sup>92</sup> Irreductiblemente dicotómicas y simples son las *banalités supérieures* de la gran sociología (de los padres fundadores): *Status Society-Contract Society* (H. S. Maine), *Gemeinschaft-Gesellschaft* (F. Tönnies), *solidarité mécanique-solidarité organique* (É. Durkheim), etc.

<sup>93</sup> V. H. Spencer, *The Principles of Sociology*, D. Appelton and Company, Nueva York 1889, t. I, p. 551. Cito aquí por la tercera edición, muy distinta a la primera. A continuación, sin embargo, me referiré a la traducción francesa de la primera edición. V. H. Spencer, *Principes de sociologie*, t. 3, pp. 757 ss. (cap. XVII y XVIII).

<sup>94</sup> La distinción adoptada por Spencer resulta extraordinariamente útil para el análisis de los diversos procesos sociales, en particular de la actividad económica. La teoría económica austriaca (*cataláctica*) no se entiende al margen de ese presupuesto, adoptado también por los ordoliberales. De interés aquí es la distinción hayekiana entre la mentalidad constructivista y la evolucionista, las cuales se corresponden con sendos tipos de orden, centralizado y planificado uno y policéntrico y espontáneo el otro. V. F. A. Hayek, “Kinds of Order in Society”, en K. S. Templeton, Jr. (Ed.), *The Politicization of Society*, Liberty Press, Indianapolis 1979. Por su parte, Wilhelm Röpke advierte que uno de los grandes problemas económicos – *metaeconómicos*, diría yo –, consiste en la dificultad para percibir la “anarquía ordenada” del proceso económico, un verdadero “enigma”. V. W. Röpke, *La teoría económica*, Unión Editorial, Madrid 1989, pp. 8-12.

la que el intercambio voluntario o librecambio anula los sentimientos agresivos desarrollados por las guerras históricas, un fenómeno crónico. El caduco despotismo político y el distribucionismo comunista que le es inherente son excluidos de una sociedad basada en el contrato. No desaparece en ella toda autoridad política, pues esta subsiste bajo la única fórmula compatible con un régimen industrial: el gobierno “negativamente regulativo”, es decir, mínimamente intervencionista. El dinamismo industrial desborda fronteras y nacionalidades y exacerba la interdependencia económica. En ese estadio, la guerra se convierte en un anacronismo que tiende a desaparecer, siquiera entre los estados civilizados, idea bastante extendida entre las diversas familias liberales a principios del siglo XX.

A un escritor tan sagaz como Guglielmo Ferrero le parece que el peligro de conflagración entre pueblos igualmente civilizados es mínimo. Su confianza en el progreso moral de las naciones es conmovedora: “La guerra entre pueblos civilizados es un fenómeno que ha periclitado” (*tra popoli civili, [la guerra] è ormai un fenomeno oltrepassato*)<sup>95</sup>. Bouthoul, en cambio, escarmentado por las dos guerras mundiales, observa que los estados guerreros e industriales se complementan a la perfección, pues “desarrollo industrial y potencia militar coinciden”. Pero no es solo eso: de hecho, “la industria moderna tiende a organizarse al modo militar”<sup>96</sup>. Presicisamente es la “sorpresa técnica”, según el parecer de Raymond Aron, lo que sustenta la descomunal amplificación geográfica y pasional de la guerra, haciéndola además imprevisible<sup>97</sup>.

En sus *Harmonies économiques* (1850), en parte publicadas póstumamente, Bastiat se ocupa de algunos asuntos muy cercanos a Spencer, a quien en cierto modo anticipa. En realidad, Bastiat es el precursor por antonomasia de los liberales economicistas<sup>98</sup>: austriacos,

---

<sup>95</sup> V. G. Ferrero, *Il militarismo. Dieci conferenze*, Fratelli Treves, Milán 1898, p. 450. La guerra hispanoamericana de 1898, de la que saca varias enseñanzas —creo que todas equivocadas—, le parece una confirmación de su tesis, pues en Cuba y Filipinas se enfrentan una nación civilizada (Estados Unidos) y una nación atávica (España, convertida en otro *enfermo de Europa*). Dice Ferrero que la de los Estados Unidos es una “guerra fresca y alegre” (*guerra gaia*), mientras que la de España es “triste” (*guerra triste*), como la de los pueblos mal gobernados. V. G. Ferrero, *Il militarismo*, p. 38. También el bueno de Ferrero echa cabezadas.

<sup>96</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 516.

<sup>97</sup> V. R. Aron, *Les guerres en chaîne*, Gallimard, París 1951, pp. 22-23 y 27.

<sup>98</sup> Leer a G. de Molinari, a L. von Mises, incluso a F. Hayek y por supuesto a M. N. Rothbard o H.-H. Hoppe es evocar al economista francés, siquiera implícitamente, pues la referencia común en ellos en este punto es Franz Oppenheimer.

*liberistas*, anarcocapitalistas y otros liberales *ridens*<sup>99</sup>. De su minerva fecunda ha salido un arsenal entero de tópicos económicos y políticos que sobreviven intactos en la literatura liberal del presente. ¿Cómo no pensar también en los dos especímenes societarios del sociólogo inglés al leer en Bastiat que existe un contraste irreductible entre la “vida de milicia” (*vie militaire*) y la “vida de labor” (*vie laborieuse*)<sup>100</sup>? Según Bastiat, hay dos formas esenciales de procurarse los medios de vida: el robo y el trabajo, el “expolio” y la “producción”. Pues bien, “la expoliación más elemental, simple y evidente”, a su juicio la guerra, tiene su razón de ser en la naturaleza humana, en el “móvil [...] del interés personal”<sup>101</sup>. “El hombre, en el atolladero de dos penalidades, la de la necesidad y la del trabajo, acuciado por el interés personal, se pregunta si no habría un medio de evitarlas, siquiera en parte. Es entonces cuando la expoliación se le presenta ante los ojos como la solución del problema. [...] Ese es el origen de la guerra”<sup>102</sup>. Franz Oppenheimer, quien tal vez no ha leído a Bastiat, pero sí a L. Gumplowicz, llega a conclusiones análogas<sup>103</sup>.

La misma argumentación maniquea, en último análisis mistificadora, se encuentra en la mayoría de escritores liberales, políticos o economistas. No hay que insistir en ello. Pero, al menos en unos cuantos, hay un matiz progresista y militante añadido que obliga a tenerlos en cuenta en la gigantomaquia que sobre el pasado y el futuro de las guerras tiene lugar entre 1871 y 1914<sup>104</sup>.

---

<sup>99</sup> Sobre el liberalismo *ridens* en general v. C. Gambescia, *Liberalismo triste*, espec. sus consideraciones sobre los liberalismos que denomina “micro-árquico” y “an-árquico” (pp. 102-110).

<sup>100</sup> V. F. Bastiat, *Les harmonies économiques*, en *Oeuvres complètes*, t. 6, p. 587. En otro contexto, Thorstein Veblen opone hazaña (*exploit*) y tráfago (*drudgery*), mentalidad belicosa (*habitual bellicose frame of mind*) e instinto de operosidad (*instinct of workmanship*). V. T. Veblen, *Teoría de la clase ociosa*, pp. 18, 23 y 27. Aunque la traducción española de Vicente Herrero es excelente tengo ahora a la vista T. Veblen, *The Theory of Leisure Class. An Economic Study of Institutions*, The MacMillan Company, Nueva York 1915, pp. 10, 15 y 19. En 1821, con extraordinaria naturalidad, Henri de Saint-Simon contraponen dos grandes sistemas de sociedad: unos están basados en la conquista, otros en el trabajo. V. H. de Saint-Simon, *La sociedad industrial*, Ministerio de Trabajo, Madrid 1975, p. 8.

<sup>101</sup> V. F. Bastiat, *Les harmonies économiques*, en *Oeuvres complètes*, t. 6, p. 581.

<sup>102</sup> V. F. Bastiat, *Les harmonies économiques*, en *Oeuvres complètes*, t. 6, pp. 583-584.

<sup>103</sup> V. F. Oppenheimer, *The State* (1908), Fox & Wilkes, San Francisco 1997, pp. 3-15.

<sup>104</sup> El segundo asalto del gran combate contra la guerra, el del *Interbellum*, después del fracaso de la última guerra para acabar con todas las guerras (*la Der des ders*), tendrá un cariz bien distinto. Unas décadas antes, los filántropos han tenido que dar la vez de expertos a los economistas. Desde la conclusión de las guerras napoleónicas hasta la guerra francoprusiana ha habido en realidad una larga preparación para el combate antibelicista bajo los auspicios de una moral humanitarista. Florecen entonces las sociedades filantrópicas pacifistas siguiendo el ejemplo de la primera de todas, la *New York Peace Society*, una fundación cuáquera de 1815. Para este periodo v. W. H. van der Linden, *The International Peace Movement 1815-1874*, Tilleul



Infructuosos o acaso fracasados los intentos de moralizar las relaciones internacionales, aún es posible hacer ver a un siglo calculador y positivista que la guerra es un mal negocio económico, la inversión más ruinosa de los pueblos. En esa creencia está el propagandista Louis Mézières: “Es posible que consideraciones puramente materiales produzcan alguna impresión sobre ciertos espíritus inasequibles a consideraciones morales”<sup>105</sup>. Según la posición intransigente de Jacques Novicow, las guerras son sumamente gravosas desde un punto de vista económico. Ni siquiera resultan lucrativas para los vencedores, pues el esfuerzo de prepararlas y librarlas le parece más oneroso que el de producir pacíficamente<sup>106</sup>. Cuando termina la Guerra de los Treinta Años escribe ya Diego Saavedra Fajardo, quien tampoco descubre nada nuevo, que “ninguna victoria es bastante recompensa de los gastos hechos”<sup>107</sup>. Subsisten las guerras y los guerreros como atavismos. Aunque son irracionales e inconsistentes con sus objetivos económicos, sobreviven por rutina<sup>108</sup>. Solo una especie de guerra tendría, en este sentido, razón de ser: la guerra para comer, puramente alimenticia, una guerra reducida a su mínima expresión<sup>109</sup>.

El periodista inglés Norman Angell, premio Nobel en 1933, es tal vez el más conspicuo expositor en el siglo XX de la doctrina del carácter antieconómico de las guerras, lo que él denomina “inutilidad económica de la potencia política” (*the economic futility of political*

---

Publications, Ámsterdam 1987. A partir de 1919 son los economistas quienes deben ceder el primer plano de la escena al fetichismo jurídico de los jusinternacionalistas. Estos son, en buena medida, los responsables de la autodestrucción del derecho internacional. V. G. Maschke, “Die Revolution des Völkerrechts 1919 und dessen heutige Selbstzerstörung”, en *Tumult. Vierteljahresschrift für Konsensstörung*, n° 1, 2015.

<sup>105</sup> V. L. Mézières, *De la Polémomanie ou Folie de la guerre dans l'Europe actuelle*, p. 3.

<sup>106</sup> V. J. Novicow, *La guerre et ses prétendus bienfaits*, p. 46.

<sup>107</sup> V. D. Saavedra Fajardo, *Empresas políticas*, Cátedra, Madrid 1999, p. 1018. La cita se recoge en la empresa IC, precioso compendio de las ideas saavedrianas sobre la guerra.

<sup>108</sup> V. J. Novicow, *La guerre et ses prétendus bienfaits*, p. 118.

<sup>109</sup> V. J. Novicow, *La guerre et ses prétendus bienfaits*, p. 151. Según el norteamericano Maurice R. Davie, catedrático de sociología en Yale, “la motivación económica más elemental de la guerra es el hambre”. V. M. R. Davie, *The Evolution of War*, p. 66. Con todo, a un pueblo famélico le fallarían las fuerzas para guerrear, concentradas todas sus energías en la manduca. Este es el argumento expuesto por Pierre Clastres contra la causalidad remota alimentaria (*rectius* económica) de la guerra. V. P. Clastres, *Investigaciones en antropología política*, Gedisa, México 1987, p. 194.

*force*)<sup>110</sup>. Los beneficios de la guerra son el “gran espejismo” que denuncia en un famoso libro de 1910, tesis expuesta antes en *Europe's Optical Illusion*. Angell denuncia ahí el axioma universalmente aceptado de que la prosperidad depende del poderío político, “peligroso error [...], mezcla de ilusión óptica y superstición”<sup>111</sup>. “Los factores que realmente determinan la prosperidad ni remotamente tienen que ver con la potencia militar o naval, a pesar de nuestra jerga política”<sup>112</sup>. El traducido y reeditado libro de Angell, cuyos ecos llegan al cine<sup>113</sup>, constituye un hito literario, pero es mayormente un *pamphlet* antipolítico con muy poca ciencia económica. Algo habitual, por cierto, en este tipo de bibliografía. Su tesis, anticipada efectivamente por el literato Victor Tissot<sup>114</sup>, necesita de condiciones que a juicio de Bouthoul no se dan: la primera es un comercio internacional regido por los principios del liberalismo económico integral; la segunda, el respeto al derecho de gentes; la tercera, la subsistencia de la soberanía y la independencia del vencido<sup>115</sup>.

---

<sup>110</sup> V. N. Angell, *Europe's Optical Illusion*, Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent and Co. Ltd., Londres 1909, p. 120. La tesis de Angell no es nueva, pero él sabe exponerla con brillantez. Lo recuerda C. Gini, *Probleme sociologici della guerra*, p. 54.

<sup>111</sup> V. N. Angell, *Europe's Optical Illusion*, p. 25.

<sup>112</sup> V. N. Angell, *Europe's Optical Illusion*, p. 68. Aunque reconoce la función vitanda del emotivismo en el desencadenamiento de todo conflicto bélico, Angell se muestra confiado en los efectos pacificadores de una operación “[racionalizadora de] nuestras concepciones políticas”. V. N. Angell, *Europe's Optical Illusion*, p. 106.

<sup>113</sup> Jean Renoir estrena en 1937 su gran filme *La grande illusion*. V. J. Renoir, *Ma vie et mes films*, Flammarion, París 1974, pp. 113 y 131-153. No está en él claro ni ahora ni cuando se estrenó ni bajo la Ocupación, si se trata de una película pacifista o más bien, como creo yo, de una fina ironía sobre el *esprit de Locarno*. Cuando Maréchal (Jean Gabin) y Rosenthal (Marcel Dalio), los dos evadidos del campo de internamiento de oficiales de Wintersborn (castillo de Haut-Koenigsbourg, en los Vosgos), alcanzan la frontera suiza, dice el primero que espera que esa guerra sea efectivamente la última, pues al menos eso es lo que dicen todos, pero el segundo teme que esa esperanza sea vana (— *Tu te fais des illusions!*). Creo que François Truffaut piensa lo mismo: “La gran ilusión consiste en creer que esta guerra será la última”. V. F. Truffaut, “Jean Renoir”, en J. Renoir, *Ma vie et mes films*, p. 269.

<sup>114</sup> Bouthoul lo dice a la ligera, pero algo de razón debe de llevar. GB, *Les guerres*, p. 211. Es cierto, no obstante, que Tissot, sobre todo en unas páginas dedicadas a la bolsa, insiste en el efecto nefasto de la “lluvia de millardos” que cae sobre Alemania con motivo de las indemnizaciones de guerra acordadas en el tratado de Fráncfort de 1871. Mas el libro de Tissot es solo el memorial sarcástico de un viajero suizo, encima casado con una alsaciana (francesa irredenta), después de su viaje por Alemania. V. V. Tissot, *Voyage au pays des milliards* (1873), Dentu, París 1875, espec. pp. 250-261. Este es el tono: “Después de la lluvia de oro Dánae se mantuvo joven y hermosa [...]; después de la lluvia de millardos [la] Dorotea [de Goethe] está agotada, vieja y más pobre [...] que cuando la encontró Germán” (p. 261).

<sup>115</sup> GB, *Les guerres*, pp. 212-214.

Más fuste tienen, a mi juicio, las opiniones que Jean Lagorgette llama, con notable penetración, “semiapologías de la guerra”<sup>116</sup>, es decir, las opiniones que reconocen la inferioridad del tipo militar de sociedad, pero asimismo que en otras épocas ha resultado útil y necesario. El quid es que “aquella utilidad primitiva ha desaparecido ante el creciente industrialismo”<sup>117</sup>. La conclusión lógica se impone: “la guerra ha dado ya al hombre todo lo que podía darle”<sup>118</sup>. De Molinari, en su estudio sobre la guerra, declara que esta ha sido útil en otras épocas, pero ya no. Su función: generar un beneficio seguro, está colmada y por eso se vuelve decadente<sup>119</sup>. Es la conclusión antipolítica de su doctrina progresista de la historia. En el concepto de De Molinari, la guerra consiste en “el empleo de la fuerza para la adquisición de lo necesario para la vida y el bienestar”<sup>120</sup>. Pero esta actividad no solo resulta antieconómica en una economía desarrollada, pues en esta resulta más rentable la producción y el comercio, sino que recurrir a ella en un mundo económicamente interrelacionado resulta extraordinariamente perturbador<sup>121</sup>. También a Ferrero le parece que la guerra no tiene ya funciones y por eso desaparece. Las tuvo en el pasado, pero no ahora: “La guerra ya está muerta. Tan solo sobrevive en la imaginación de los hombres, muy tarda para seguir las rápidas mudanzas que experimentan las cosas”<sup>122</sup>.

Viene la cosa, sin embargo, de mucho más atrás. El 10 de febrero de 1869 se presentan en París *Les Amis de la Paix*, una sociedad presidida por Édouard-René Laboulaye, mentor por cierto del escultor Auguste Bartholdi y su proyecto de la estatua de la libertad neoyorquina. Antes de que intervenga el orador principal, Frédéric Passy, Laboulaye recuerda que la guerra tiene una infancia, una juventud y también una vejez. La guerra

---

<sup>116</sup> Bouthoul adopta esta categoría de Lagorgette, su mismo esquema e incluso sus fuentes, pero no lo cita. Contrapone los “semiapologistas” (*demi-apologistes*) a los “apologistas” en *Les guerres*, pp. 90-109. Cfr. GB, *Les guerres*, pp. 59-71, secciones dedicadas a los apologistas de la guerra (*apologistes*). Tal vez aquí Bouthoul ha sido poco escrupuloso en materia de propiedad intelectual. En otras ocasiones, aprovecho para mencionarlo ahora, cita de memoria o aproximadamente. Esta falta de acribia es a veces el contrapunto ingenuo, superficial, incluso diletante de una minerva extraordinariamente creativa.

<sup>117</sup> V. J. Lagorgette, *Le rôle de la guerre*, p. 502. Lagorgette se ocupa principalmente de A. Comte y de H. Spencer, pero menciona también otros (*ibid.*, nota 1).

<sup>118</sup> V. J. Lagorgette, *Le rôle de la guerre*, p. 504.

<sup>119</sup> V. G. de Molinari, *Grandeur et décadence de la guerre*, Guillaumin et Cie, París 1898, p. VI.

<sup>120</sup> V. G. de Molinari, *Grandeur et décadence de la guerre*, p. 173.

<sup>121</sup> V. G. de Molinari, *Grandeur et décadence de la guerre*, p. 164.

<sup>122</sup> V. G. de Molinari, *Grandeur et décadence de la guerre*, p. IX.

empieza a ser muy vieja. “La guerra ha envejecido; ha perdido su belleza primigenia y la contemplamos en toda su fealdad”, lo que llama “las arrugas de la guerra”<sup>123</sup>. Salido de las mismas prensas que la oración anterior e incluido en la misma colección –*Bibliothèque de la Paix publiée par les soins de la Ligue Internationale et Permanente de la Paix*–, el folleto de Louis-Alexandre Beaudemoulin<sup>124</sup> resume a la perfección la visión liberal, economicista y progresista de la historia de la guerra o de la guerra en la historia. El axioma de Beaudemoulin repetido aquí y allá es que la guerra se termina, se aleja: *La guerre s'en va*. “La guerra se va. La industria, tantas veces puesta en trances agónicos por la guerra, terminará por matar a la guerra”<sup>125</sup>.

L.-A. Beaudemoulin, “ingeniero de puentes y caminos jubilado”, según reza la portada de su libro citado, es un ejemplo del optimismo futurista de los técnicos y especialistas, tipo humano frecuente, junto a los médicos y matemáticos, del movimiento pacifista. Desde entonces ha habido numerosos Beaudemoulin fracasados, pero la idea, incólume a pesar de la realidad que los desahucia, se ha repetido muchas veces. La variante siglo XX de las buenas intenciones decimonónicas es muy conocida: el libre comercio favorece la paz y el proteccionismo prohibicionista la guerra. Lemas recogidos en sendas comunicaciones al X congreso del Instituto Internacional de Sociología. Los títulos resultan sin duda muy expresivos: “La guerre et la paix au point de vue de l'économie commerciale” y “Le prohibitionnisme facteur de guerre”<sup>126</sup>. Son los economistas neoliberales quienes desde entonces han puesto las viejas consignas al día.

Ludwig von Mises ha subrayado las correlaciones entre intervencionismo, socialismo y guerra<sup>127</sup>. Para Mises el militarismo y la guerra promovidas por el socialismo son una

---

<sup>123</sup> V. É.-R. Laboulaye, “Introduction” a F. Passy, *Les maux de la guerre et les bienfaits de la paix*, Pichon-Lamy et Dewez, París 1869, pp. 13, 18 y 21.

<sup>124</sup> Beaudemoulin pone en exordio el desiderátum: “La industria [...] matará a la guerra. Así sea”. Su opúsculo es en realidad una disertación sobre el armamento utilizado en las guerras terrestre y marítima. El autor subraya que la industria es la nueva potencia que se opone a la guerra, sobre todo por el perfeccionamiento técnico del armamento, hecho que prima la defensa sobre el ataque y la agresión. V. L.-A. Beaudemoulin, *La guerre s'en va*, Pichon – Lamy et Dewez, París 1869, p. 15.

<sup>125</sup> V. L.-A. Beudemoulin, *La guerre s'en va*, p. 45; v. también en el mismo lugar p. 69.

<sup>126</sup> V. H. Töndury, “La guerre et la paix au point de vue de l'économie commerciale” y M. Eylaud, “Le prohibitionnisme facteur de guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, pp. 254-255.

<sup>127</sup> V. L. von Mises, *Omnipotent government. The Rise of the Total State and Total War*, Libertarian Press, Spring Mills (PA) 1985.

expresión más de lo que llama “destruccionismo” social (*destruccionism*) que puede y debe ser removido<sup>128</sup>. Por otro lado, el “camino de servidumbre” denunciado por F. A. Hayek no solo conduce al socialismo total, sino también, en su opinión, a la guerra<sup>129</sup>. Las referencias a la naturaleza polemógena de cualquier forma de intervencionismo menudean hasta hacerse inabarcables en economistas políticos como Murray N. Rothbard y su discípulo Hans-Hermann Hoppe. Estos introducen una noción del conflicto –del cual la guerra solo es una variante– basada en la violación de los derechos naturales. Su fuente no es el jusnaturalismo clásico, sino un pseudojusnaturalismo racionalista, resultante de un individualismo absoluto a priori, tesis central en Rothbard<sup>130</sup>. Hoppe, por su parte, no idea un mundo fantástico sin agresiones a la vida o a la propiedad privada, sino uno en el que no existen “guerras estatales”, cuya lógica pública (*mito* de la defensa colectiva forzosa) es desactivada presuntamente por la aplicación de la lógica privada (*técnica* del seguro privado voluntario y agencias de protección en libre competencia)<sup>131</sup>.

Da qué pensar que casi todo lo mencionado en los pasajes anteriores se encuentre ya tratado por Gustave de Molinari<sup>132</sup> o profetizado por Comte mediado el siglo XIX. Antes incluso si se atiende a la “parábola sobre los industriales” de Saint-Simon<sup>133</sup>. Comte asegura más que vaticina que ha llegado la época en la que la guerra “tiene que desaparecer totalmente”, si bien los ejércitos deben transformarse en una instancia subalterna adaptada a una nueva misión (orden público) en la sociedad industrial<sup>134</sup>.

---

<sup>128</sup> V. L. von Mises, *Socialism. An Economic and Sociological Analysis*, Liberty Fund, Indianapolis 1981, pp. 220-223, 279-291 y 413 ss.

<sup>129</sup> V. F. A. Hayek, *Camino de servidumbre*, Alianza Editorial, Madrid 2005.

<sup>130</sup> V. M. N. Rothbard, *For a New Liberty. The Libertarian Manifesto*, Fox & Wilkes, San Francisco 1996, pp. 263-294; M. N. Rothbard, “War, Peace, and the State”, en *Egalitarianism as a Revolt against Nature*, Ludwig von Mises Institute, Auburn (AL) 2000.

<sup>131</sup> V. H.-H. Hoppe, *Monarquía, democracia y orden natural. Una visión austriaca de la era americana*, Unión Editorial, Madrid 2013, pp. 311-342.

<sup>132</sup> V. G. de Molinari, *Les soirées de la rue Saint-Lazare. Entretiens sur les lois économiques et la défense de la propriété*, Guillaumin et Cie, París 1849, espec. cap. XI en relación con la alusión a Joseph de Maistre del cap. I, p. 15.

<sup>133</sup> V. H. de Saint-Simon, *L'Organisateur*, en *Oeuvres de Saint-Simon*, E. Dentu Éditeur, París 1869, t. 4. Se trata del “Premier extract de *L'Organisateur*” (pp. 17 ss.)

<sup>134</sup> V. A. Comte, *Cours de philosophie positive*, Bachelier, París 1842, t. VI, p. 429.

Se trata pues de nociones banales y de mucha circulación durante la primera mitad del siglo XIX<sup>135</sup>. Pensamientos simplicísimos que, una vez más en la historia de las ideas políticas y sociales, se injertan en casi todos los cerebros con extraordinaria facilidad y persistencia. Para Bouthoul, sin embargo, la cuestión de fondo permanece intacta más de un siglo después: ni el liberalismo ni el socialismo, las dos especies de la sociedad capitalista, han alejado el espectro de la guerra. De hecho, la abundancia, más intensamente que la penuria, le parece el factor polemógeno por excelencia entre los económicos<sup>136</sup>. A fin de cuentas, la guerra solo se prepara y ejecuta con “excedentes”, no solo humanos, sino también materiales. Es la guerra como lujo (*activité de luxe*)<sup>137</sup> y ostentación de los pueblos. “La privación no hace belicoso, sino el exceso y la plétora”, pues la guerra, ante todo, es “rito de despilfarro” (*rite de gaspillage*)<sup>138</sup>. Que la sociedad industrial no ha promovido la paz es una verdad inconcusa.

La sociedad contemporánea ha encontrado nuevas justificaciones para el conflicto<sup>139</sup>. Su propia “dinámica”<sup>140</sup> hace aflorar una nueva especie de sociedad industrial en la que todo se hace objeto de conflicto. Julien Freund la ha llamado “conflictuosa” (*industrielle Konfliktgesellschaft*). En ella se despliega a su aire, a placer y sin apenas obstáculos la “violencia de los sobrealimentados” (*violence des suralimentés*), una violencia “salvaje, confortable y gratuita”<sup>141</sup>. Se pregunta Bouthoul, acuciado también por la violencia juvenil de mayo de 1968, si el “nutricio y protector estado-madre”, así como la seguridad económica que lo acompaña, sustitutos del declinante “estado-padre, amenazador y represivo”, han reducido “las reservas de violencia individual y colectiva de nuestras

---

<sup>135</sup> V. R. Aron, *La société industrielle et la guerre*, Plon, París 1959, p. 9.

<sup>136</sup> V. J. Freund, “Die industrielle Konfliktgesellschaft”, en *Der Staat*, vol. XVI, n° 2, 1977, pp. 158-159. Freund se refiere a la anticipación profética de esta nota de las sociedades modernas que se encuentra en el prólogo a la segunda edición de É. Durkheim a *De la división del trabajo social*, Planeta-Agostini, Barcelona 1993, t. 1, pp. 13-14.

<sup>137</sup> GB, *La surpopulation. L'inflation démographique*, p. 208. Frente a la guerra internacional movida por países ricos, la “guerra civil” le parece a Bouthoul la destrucción o la relajación al alcance de los pobres.

<sup>138</sup> GB, “De la grande muette à la Grande Inconnue”, en *Crapouillot*, n° 25, mayo 1954, p. 91.

<sup>139</sup> Entre las más características las señaladas por H. Marcuse y J. Galtung. V. J. Freund, “Die industrielle Konfliktgesellschaft”, en *Der Staat*, vol. XVI, n° 2, 1977, pp. 156-158.

<sup>140</sup> Un estudio detallado de la dinámica de los conflictos en J. Beauchard, *La dynamique conflictuelle. Comprendre et conduire les conflits*, Réseaux, París 1981.

<sup>141</sup> V. J. Freund, “La violence des suralimentés”, en *Zeitschrift für Politik*, vol. XIX, n° 2, septiembre 1972, p. 178.

sociedades”. Resulta notorio que no, pues las pulsiones violentas se han desatado más bien entre los estudiantes universitarios, “[un mundo] privilegiado y preservado de la inseguridad económica y la miseria [, también en los países del tercer mundo]”<sup>142</sup>.

Es cierto que apenas dos siglos de librecambismo y planificación económica según los casos han hecho crecer la riqueza más que el resto de la historia conocida. Pero ello no ha desactivado la agresividad de las naciones, sino que la ha agravado hasta extremos insólitos, inhibiendo reparos morales y removiendo acotaciones y prescripciones consuetudinarias o legales. En realidad, ni el dirigismo económico ni el liberalismo han resuelto el problema de la guerra. Ha sido la guerra la que ha encontrado su motivación en uno u otro.

¿Ha sido el “socialismo de estado el sistema económico de las sociedades más belicosas”, aunque la gente, como ironizaba Quincy Wright, piense que el capitalismo y los capitalistas son los causantes de las guerras?<sup>143</sup> Según Bouthoul, la discusión no deja de ser especiosa. Socialismo y liberalismo, doctrinas económicas que se atribuyen simultáneamente una irrevocable capacidad pacificadora, han desempeñado generalmente una función excitadora de los conflictos. En rigor, “las teorías económicas en las que se cree” son siempre lo más parecido a una “causa económica” de la guerra<sup>144</sup>. Por la misma razón, los planes de paz basados en una doctrina economicista –bien la condena del dirigismo por el liberalismo triunfante, bien la de este último por el dirigismo militante– están abocados al fracaso<sup>145</sup>.

La ejecución de dichos planes tiene que ver no obstante con la opinión y el juicio imperantes sobre las “causas” presumidas de cada guerra. Si se rechazan las injerencias políticas, resulta lógico pretender neutralizarlas con recetas económicas que condenen las rivalidades económicas entre naciones (*plains de paix fondés sur le libre échange*). En cambio, si la guerra se imputa a la anarquía del librecambio, la solución postulada se orientará a la constitución de una autoridad central y única, instauradora del reino de la paz (*plains de*

---

<sup>142</sup> GB, “Des certains complexes et de la pyramide des âges”, en *Guerres et Paix*, nº 10, 1968/4, p. 15.

<sup>143</sup> V. Q. Wright, *A Study of War*, pp. 309.

<sup>144</sup> GB, *Les guerres*, p. 249.

<sup>145</sup> GB, *Les guerres*, 242-251.

*paix socialistes*)<sup>146</sup>. Carl Schmitt es muy claro al respecto cuando escribe sobre las neutralizaciones económicas de lo político y la inexorable politización de los sucesivos centros de gravedad del espíritu<sup>147</sup>. La guerra es el gran camaleón político de la historia.

El primado histórico de lo político según algunos realistas políticos contemporáneos o, según Bouthoul, no menos realista en este punto, la manifestación de vitalidad biológica (demografía) o ciertos fenómenos de psicología colectiva (agresividad)<sup>148</sup> explican la persistencia de la guerra (y de los conflictos en general). La economía, lejos de bloquearlos o hacerlos desaparecer, se convierte en estímulo y condición de nuevas dinámicas de violencia y lucha. A finales de los años cincuenta Raymond Aron, autor de una gran trilogía sociológica política sobre la sociedad industrial<sup>149</sup>, pone en duda el alcance pacificador de la “vía de la sociabilidad industrial” emprendida por Europa después de la Segunda Guerra Mundial. Si algo ha enseñado esa guerra es que la industria... también provee de medios para la destrucción de seres humanos a gran escala<sup>150</sup>. La sociabilidad industrial resulta pues contradictoria, pues estimula la paz, pero tiene también sus efectos belígenos<sup>151</sup>.

La guerra entonces se queda. O eso parece. ¿Confirman pues su dureza como hecho social, su permanencia, su regularidad en suma, las series estadísticas que enumeran las víctimas de cada guerra y escrutan la eventual cadencia de los choques? ¿Qué dicen tales fuentes cuantitativas sobre el futuro de la guerra?

---

<sup>146</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, pp. 126-160

<sup>147</sup> V. C. Schmitt, “La era de las neutralizaciones y de las despolitizaciones”, en *El concepto de lo político*, pp. 107 ss. Asimismo C. Schmitt, “El concepto de lo político. (Texto de 1932)”, en *El concepto de lo político*, espec. pp. 97-106 y C. Schmitt, “Starker Staat und gesunde Wirtschaft”, en *Staat, Großraum, Nomos. Arbeiten aus den Jahren 1916-1969*, pp. 71-91.

<sup>148</sup> Cfr. C. Schmitt, *El concepto de lo político*, pp. 66-74. R. Aron, *Démocratie et totalitarisme*, Gallimard, París 1992, pp. 28-37. J. Freund, *L'essence du politique*, pp. 18-20. GB, *Les guerres*, pp. 250-251.

<sup>149</sup> V. R. Aron, *Dix-huit leçons sur la société industrielle* (1962), Gallimard, París 1970; *La lutte de classes. Nouvelles leçons sur les sociétés industrielles* (1964), Gallimard, París 1975; *Démocratie et totalitarisme* (1965).

<sup>150</sup> V. R. Aron, *La société industrielle et la guerre*, p. 46. “La pacificación de Europa occidental es demasiado reciente como para sacar conclusiones” (p. 42).

<sup>151</sup> V. R. Aron, *La société industrielle et la guerre*, p. 76. Paradójicamente, como consecuencia de la inédita potencia destructora de las armas atómicas, la situación no es del todo desesperada, como subraya Aron con su fórmula de la Guerra Fría: “paz imposible, guerra improbable” (*paix impossible, guerre improbable*). V. R. Aron, *Le grand schisme*, Gallimard, París 1948, pp. 13-31.



## 2.2. La prevalencia estadística de la guerra

Gaston Bouthoul, atento al efecto demográfico de las guerras, repara tempranamente en las bajas que estas ocasionan, particularmente en el teatro de operaciones. “En general – aventura mediados los años treinta, época de sus intuiciones polemológicas fundamentales–, parece que las pérdidas son más elevadas con respecto a los efectivos movilizados a medida que los combatientes luchan más cerca unos de otros”<sup>152</sup>. Así pues, al lado de las sanguinosas batallas medievales con arma blanca, las pérdidas de las guerras napoleónicas le parecen relativamente moderadas. En este sentido, el siglo XIX, epílogo del *jus publicum europaeum*, resultaría a su parecer ejemplar: nunca las guerras europeas han ocasionado menos víctimas, militares o civiles<sup>153</sup>. ¿Acaso los aztecas no han masacrado a pueblos enteros con hachas de obsidiana y puñales de sílex, instrumentos de sus guerras floridas? En otro lugar recuerda Bouthoul precisamente que las guerras más mortíferas de la historia se han librado “sin ametralladoras, sin aviación y sin artillería pesada”<sup>154</sup>.

Pero la guerra no se va, si acaso se vuelve menos letal. La mayor potencia de fuego desarrollada desde finales del siglo XVIII satura mucho antes la humana capacidad de experimentar el terror que los armamentos tradicionales, agravando su acción desmoralizadora. A este detalle, que Bouthoul denomina “efecto de Ardant du Picq” (*effet d’Ardant du Picq*), atribuye también la decreciente mortalidad de las guerras<sup>155</sup>.

---

<sup>152</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 210. En realidad, esta opinión de Bouthoul es uno de los prejuicios militares prototípicos de finales del siglo XIX.

<sup>153</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 208. V. C. Schmitt, *El Nomos de la tierra en el derecho de gentes del Jus Publicum Europaeum*, C. E. C., Madrid 1979, *passim*. A diferencia de Schmitt, algunos historiadores de la guerra anglosajones atribuyen frecuentemente la acotación de la violencia bélica no tanto a la política como a la común civilización de los contendientes. Cfr. J. Keegan, *Historia de la guerra*, *passim*. Keegan, anticlausewitziano, demoniza la política y denuncia la continuidad entre esta y la guerra. Sobre el menor encarnizamiento de las guerras europeas entre 1660 y 1740, coincidiendo con la edad dorada del *jus publicum europaeum*, v. J. U. Nef, *La guerre et le progrès humaine*, p. 213.

<sup>154</sup> GB, *La population dans le monde*, p. 206-207.

<sup>155</sup> I. F. P., “Périodicité et intensité des actions de guerre de 1200 à 1945”, en *Guerres et Paix*, nº 8, 1968/2, p. 30. El coronel Charles Ardant du Picq se hace muy conocido por la publicación póstuma de sus *Études sur le combat dans l’antiquité et les temps modernes*, Hachette, París 1880, en los que incide sobre la dimensión decisiva del elemento moral en el combate. Una lectura de Ardant du Picq más conforme con el psicologismo de su recepción en las escuelas de guerra también en GB, *Les guerres*, pp. 154-157. La indiscutible jerarquía de Ardant du Picq en la historia del pensamiento militar y el arte de la guerra la pone de manifiesto, entre otros, M. van Creveld, *The Art of War. War and Military Thought*, Cassell, Londres 2000, pp. 126-131.

La opinión de Bouthoul, en último análisis inobjetable empíricamente, puede ser no obstante matizada. En primer lugar porque el progreso de la técnica armamentística no ha provocado una disminución ni cuantitativa ni cualitativa de las atrocidades en el campo de batalla<sup>156</sup>. Considerar más humana la muerte por arma blanca que la causada por la iperita o las modernas minas contrapersonal o considerar esta última más progresista que aquella es materia ciertamente subjetiva<sup>157</sup>. Con todo, se lee también en Bouthoul que si la contemplación de la muerte del enemigo no limita necesariamente la violencia de cada combate concreto —esta puede incluso tener periodos paroxísticos en las guerras antiguas caracterizadas por la masacre del enemigo vencido—, “limita a ciencia cierta la violencia de las guerras y su poder de destrucción”<sup>158</sup>. Esta nueva afirmación, aparentemente contradictoria con la posición de partida, me parece razonable y de algún modo consecuente con la distancia que va de la táctica a la estrategia. Hay que añadir sin embargo una segunda acotación crítica. El siglo XIX resulta un término demasiado breve para poder deducir cualquier tipo de regularidad polemológica. Seguramente consciente de ello, Bouthoul, estudioso concienzudo de la historia como una sucesión de guerras, elabora a partir de los años sesenta varias aproximaciones cuantitativas al fenómeno-guerra, de las cuales interesan ahora dos en particular, una preliminar y esquemática, publicada en 1968, y otra sistemática, presentada en 1976. En ellas se ocupa, sucesivamente, de las “acciones de guerra” registrada entre 1200 y 1945 y de los principales conflictos armados acaecidos entre 1740 y 1974<sup>159</sup>.

Mas antes de examinar la tesis expuesta por el autor en esos estudios, resulta obligado, una vez más, proyectar la trayectoria personal de Bouthoul sobre el abigarrado paisaje de unos científicos y filósofos sociales que, particularmente desde principios del siglo pasado,

---

<sup>156</sup> Coinciden P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, pp. 249-250 y B. Ulanis, *Las guerras y la población*, pp. 358-359.

<sup>157</sup> En cualquier caso, la guerra mecanizada tiende a velar la relación homicida, incluso a disolverla o escamotearla en el anonimato. GB, *Le défi de la guerre (1740-1974)*, p. 105.

<sup>158</sup> GB, *Le défi de la guerre (1740-1974)*, p. 105.

<sup>159</sup> V. I. F. P., “Périodicité et intensité des actions de guerre (1200-1945)”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2, pp. 20-32. G. Bouthoul y R. Carrère, *Le défi de la guerre (1740-1974)*. Posteriormente Bouthoul retrotrae su investigación a las guerras primitivas, a las de la Antigüedad y, en general, a todas las guerras premodernas. Lo hace en el marco de un estudio sobre la relación entre la guerra y las distintas civilizaciones. V. G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*.

se confían a la formalización estadística o matemática para elucidar las tendencias de la guerra.

*a) La cuantificación de la mortalidad en la guerra: de E. Perce a J. D. Singer y M. Small*

La contabilidad de las víctimas, combatientes y no combatientes, heridos y enfermos, no es un enfoque estrictamente demográfico y científico de la guerra, sino más bien político estadístico y utilitario. Desde luego, ambos resultan complementarios, entre sí y con respecto a la contemplación humanitaria y compasiva de cada víctima registrada e identificada. Sin embargo, mientras que la perspectiva propiamente demográfica aplicada a la guerra para estudiar sus causas, efectos y funciones parece agotar su crédito científico en los años treinta, cuando todavía está en mantillas, la segunda va a conocer un gran desarrollo metodológico, impulsado por un único afán: desvelar la frecuencia y los ciclos de la guerra, bien para actuar en consecuencia (criterio estratégico-diplomático), bien para prevenirla en el futuro (criterio humanitario-filosófico). Tratan estos cómputos, en todo caso, de descifrar uno de los arcanos de la guerra: ¿se atenúan sus efectos con los siglos o acaso se agravan?

Los recuentos de las bajas reciben un tratamiento científico o, de intención al menos, escrupuloso a partir de la Gran Guerra, pero antes incluso de la guerra francoprusiana de 1870 hay testimonios de este tipo de estudios.

Hasta principios del siglo XX, la mayoría de relaciones de bajas civiles o militares aparecen en boletines y anuarios militares, en revistas de sociedades estadísticas y médicas y aun en los cuadernos actuariales de sociedades aseguradoras. Todas tienen una finalidad puramente descriptiva (la mejor determinación de los efectivos por los Estados Mayores) y orientada a la adopción de medidas de salud pública o al cálculo del riesgo y las primas de los seguros. Sin excluir razones de piedad y patriotismo. Eventualmente subrayan la desproporción utilitaria entre el coste humano y material de la gloria y sus rendimientos políticos o económicos concretos. La calidad de esos datos depende de los intereses de los diversos gobiernos beligerantes, a los que generalmente no interesa revelar la magnitud real del número de los caídos. Es cierto que “las estadísticas militares se suelen presentar

adulteradas”<sup>160</sup>. Mistificación que en conflictos como la guerra civil española embrolla todavía más la manipulación a la que los historiadores (y los literatos), en su disputa, someten las cifras<sup>161</sup>.

Uno de los trabajos pioneros, no exento de ambición a pesar de las limitaciones estadísticas y lo restringido de su conteo, es el del economista francés Pierre Leroy-Beaulieu. Su libro sobre las pérdidas de vidas y de capital en las guerras acaecidas entre 1853 y 1866 con participación de Francia –en Crimea, en Italia, en Norteamérica y en las colonias– pretende “popularizar la paz” y “hacer antipática la guerra”<sup>162</sup>. Según sus estimaciones, el “genio perverso de la guerra” se ha cobrado el tributo de un millón ochocientos mil almas (la población de Holanda) y cuarenta y ocho mil millones de francos en solo catorce años<sup>163</sup>. Pero el estudio más antiguo que he podido consultar es el de Elbert Perce, *The Battle Roll: An Encyclopaedia containing Descriptions of the most famous and memorable Land Battles and Sieges in all Ages*<sup>164</sup>, de la década anterior. Esta obra de Perce, literato y traductor de novelas algo disperso, constituye un vasto diccionario que recoge una abigarrada relación de batallas terrestres desde el sitio de la ciudad de Bactra por el rey Nino de Asiria (2134 a. C.) hasta las batallas de Rivas (Estados Unidos y Nicaragua)<sup>165</sup>, cuya última escaramuza, cuando se cierra la edición, está fechada el 13 de octubre de

---

<sup>160</sup> V. S. Dumas, *Losses of Life caused by War. Part I. Up to 1913*, en S. Dumas y K. O. Vedel-Petersen, *Losses of Life caused by War*, Clarendon Press, Oxford 1923, p. 22. En el mismo lugar: K. O. Vedel-Petersen, *Losses of Life caused by War. Part II. The World War* (p. 135).

<sup>161</sup> Cfr. J. M<sup>a</sup> Gironella, *Un millón de muertos* (1961), Planeta, Barcelona 2003. R. Salas Larrazábal, *Pérdidas de la guerra*, Planeta, Barcelona 1977; S. Juliá (Ed.), *Víctimas de la Guerra Civil*, Temas de Hoy, Madrid 1999; P. Moa, *Los crímenes de la guerra civil y otras polémicas*, La Esfera de los Libros, Madrid 2005; Á. D. Martín Rubio, “Las pérdidas humanas en la Guerra Civil: el necesario final de un largo debate historiográfico”, en A. Bullón de Mendoza y L. E. Togores (Ed.), *La República y la Guerra Civil. Setenta años después*, Actas Editorial, Madrid 2008, pp. 133-169... La bibliografía es amplísima y muy controvertida. La cuantificación de los muertos de esa guerra fluctúa entre el medio millón y el millón de personas. Aún más dispares son las cifras de la represión en uno y otro bando. Cfr. A. Bullón de Mendoza y L. E. Togores (Ed.), *La otra memoria*, Actas Editorial, Madrid 2011, *passim*.

<sup>162</sup> V. P. Leroy-Beaulieu, *Les guerres contemporaines (1853-1866). Recherches statistiques sur les pertes d'hommes et de capitaux*, Guillaumin, París 1869.

<sup>163</sup> V. P. Leroy-Beaulieu, *Les guerres contemporaines (1853-1866)*, pp. 91-93. A Leroy-Beaulieu le acucian las deseconomías de la guerra, pero no su eventual agravamiento ni su desactivación, sobre lo que no escribe ni una palabra.

<sup>164</sup> Mason Brothers, Nueva York 1858.

<sup>165</sup> V. E. Perce, *The Battle Roll*, pp. 74-75 y 525-530.

1856. Casi cuatro mil años de historia de la guerra con abundantes pero imprecisas y no sistemáticas referencias a las bajas de los ejércitos.

En plena Primera Guerra Mundial, el historiador militar austriaco Gaston Bodart estudia la pérdidas en las guerras modernas del Imperio austro-húngaro y Francia a lo largo de tres siglos<sup>166</sup>. La base de su análisis se encuentra en su lexicón histórico-militar de 1908, una cronología de unos mil setecientos episodios de violencia política colectiva (escaramuzas, encuentros, batallas, sitios, asaltos y capitulaciones) que tienen lugar, en la tierra y en el mar, excluidas las guerras coloniales, entre 1618 y 1905<sup>167</sup>. La tesis aventurada por Bodart en 1916 descubre una tendencia al decrecimiento del número de víctimas y a la menor frecuencia de las guerras. Unos años antes, Steinmetz formula una “ley del decrecimiento de las bajas de guerra” (*Gesetz der abnehmenden Kriegsverluste*)<sup>168</sup>. Las causas de la menor mortalidad aducidas por Bodart son muy diversas, pero destacan dos: que la guerra, dado el desarrollo técnico, ya no se decide en una lucha frente a frente y que el espíritu castrense se debilita, condicionando esto muy negativamente la abnegación del soldado en el campo de batalla.

Es contemporáneo de la investigación de Bodart, financiada por la Carnegie Endowment for International Peace, otro estudio de Frederick A. Woods y Alexander Baltzly sobre la prevalencia de la guerra en Europa desde el año 1450. Los norteamericanos Woods y Baltzly, médico e historiador respectivamente, sugieren que la guerra declina siguiendo una línea de dientes de sierra. Se acortan los periodos de actividad bélica y se prolongan los de paz<sup>169</sup>. A pesar de todo, los autores reconocen que tal vez es demasiado pronto para enunciar una ley general de declinación<sup>170</sup>.

---

<sup>166</sup> V. G. Bodart, *Losses of Life in Modern Wars. Austria-Hungary. France*, Clarendon Press, Oxford 1916, p. 14.

<sup>167</sup> V. G. Bodart (Ed.), *Militär-historisches Kriegs-Lexikon (1618-1905)*, C. W. Stern, Viena y Leipzig 1908. Bodart principia con la batalla de Groß-Zablat, entre las tropas imperiales y los rebeldes bohemios (10 de junio de 1619), y acaba con la batalla marítima de Tsushima, que enfrenta a acorazados japoneses y rusos (27-28 de mayo de 1905).

<sup>168</sup> V. S. R. Steinmetz, *Philosophie des Krieges*, p. 66.

<sup>169</sup> V. F. A. Woods y A. Baltzly, *Is War diminishing? A Study of Prevalence of War in Europe from 1450 to the present Day*, The Riverside Press Cambridge, Boston y Nueva York 1915, p. 15.

<sup>170</sup> V. F. A. Woods y A. Baltzly, *Is War diminishing?*, p. 30. Se trata de una obra de planteamiento serio y muy crítico con el unilateralismo de pacifistas y militaristas. “Los socialistas, como pacifistas que son, no han entendido la psicología de la guerra ni la posición de este fenómeno en la evolución humana”.

En 1923, también bajo el patrocinio de la misma fundación yanqui, la *Canergie*, se publica *Losses of Life caused by War*, de S. Dumas y K. O. Vedel Petersen<sup>171</sup>. El contraste entre las dos partes del libro, la primera dedicada a las víctimas de los conflictos armados entre la Guerra de los Siete Años (1765-1763) y 1913 y la segunda a las de la Primera Guerra Mundial, permite a los autores concluir que las pérdidas de las guerras del pasado son relativamente pequeñas si se comparan con las de la Gran Guerra<sup>172</sup>. Por el contrario, en esta última han descendido relativamente las bajas causadas por enfermedad, lo cual no tiene que ver con la belicosidad, sino con los avances de la medicina militar.

Contra la tesis de una guerra que se eclipsa, siquiera porque se humaniza directa o indirectamente, como consecuencia del progreso de las ideas sociales<sup>173</sup> y de la técnica militar, escribirá Benjamin Kidd, quien advierte contra el recrudecimiento de los conflictos bélicos. Sobre la base de una filosofía de la historia optimista, confiada en la educación o reeducación de los pueblos y en la importancia de la mujer<sup>174</sup>, Kidd denuncia en su ensayo el arquetipo belicoso del “macho pagano” (*the fighting pagan [...], the male of*

---

Simplista y pobre, por otro lado, les parece a los autores la tesis militarista que atribuye a los ejércitos la preservación de la paz. V. F. A. Woods y A. Baltzly, *Is War diminishing?*, pp. 14-16.

<sup>171</sup> V. S. Dumas y K. O. Vedel-Petersen, *Losses of Life caused by War*. Dumas, matemático y estadístico, presidió la asociación de los actuarios de seguros suizos de 1922 a 1938. Vedel-Petersen era estadístico del gobierno danés.

<sup>172</sup> S. Dumas rechaza no obstante la idea recibida de que las mejoras armamentísticas causan menos bajas. A su juicio hay otros factores igualmente determinantes (la estación del año, el teatro de operaciones, la mayor o menor eficacia de la intendencia y los sanitarios militares, la vestimenta y la impedimenta del soldado, el entrenamiento, etc.) S. Dumas, *Losses of Life caused by War. Part I. Up to 1913*, en S. Dumas y K. O. Vedel-Petersen, *Losses of Life caused by War*, pp. 87-88.

<sup>173</sup> Este “progreso” consiste en la transformación de la lucha puramente fisiológica en una competición intelectual sin efusión de sangre (J. Novicow) o en un combate sin brutalidad (M. A. Vaccaro). Cfr. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, pp. 239 ss. “Los hechos”, apunta Sorokin, “no confirman en absoluto una inducción tan agradable” (p. 245). Michele Angelo Vaccaro, jurista italiano miembro del Instituto Internacional de Sociología y director de la *Rivista Scientifica del Diritto*, vaticina la transformación de la lucha, su suavización y naturalización, sometida a la ley social de la adaptación. A Bouthoul, por toda crítica, le basta con este apunte demoleedor: “Para salvar del ridículo su memoria hay que recordar que escribe en 1898. GB, *Les guerres*, p. 100.

<sup>174</sup> También Bouthoul ha reparado anticipadoramente en el papel político apaciguador de la mujer, “menos inclinada que los hombres a las mistificaciones”. GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, p. 342. Para Martin van Creveld, en cambio, la mujer se encuentra en el mismo centro de la guerra, siendo causa o concausa de ella. Cfr. M. van Creveld, *La femme et la guerre*, Éditions du Rocher, Mónaco 2002, pp. 50-51.

*Western Civilisation* [...], *the supreme fighting animal of Creation*), nuevamente preponderante, particularmente en Prusia<sup>175</sup>.

En 1937, pero con datos recabados entre 1925 y 1930, Pitirim A. Sorokin publica *Social and Cultural Dynamics*, cuyo volumen tercero se ocupa particularmente del ciclo político, de las guerras y de las revoluciones<sup>176</sup>. Su conclusión es que la magnitud de la guerra, medida a partir del volumen de los ejércitos beligerantes, el número de víctimas (computando muertos y heridos) y la duración de los conflictos<sup>177</sup>, aumenta o disminuye sin un patrón fijo. Se trata pues, como en el caso de otros procesos socioculturales, de un acontecimiento sometido a fluctuaciones erráticas, sin dirección constante. Las tendencias a la atenuación cuantitativa o cualitativa de sus efectos que algunos señalan son a su parecer “imaginaciones”. “Bellas creencias casi constantemente contradichas por los feos hechos”. En realidad, el progreso parece consistir más bien en una evolución agravada de la crueldad<sup>178</sup>. De modo que el dogma de la desaparición de la guerra le parece a Sorokin un mero reflejo del “victoriano siglo XIX”, relativamente pacífico<sup>179</sup>. Con todo, a pesar de las “cifras excepcionalmente altas para el siglo XX”, tampoco hay evidencias del

<sup>175</sup> V. B. Kidd, *The Science of Power*, Methnen and Co., Londres 1919, pp. 4-5, 120, 130, 185, 195 y 201. No creo que nadie haya expuesto antes que Kidd un programa de reeducación para el pueblo alemán... Si el darwinismo es el educador de la Alemania moderna y el orientador de su “inmenso poder hacia fines atávicos”, sería posible según este escritor inglés abolir esa mentalidad en una sola generación y sustituirla por otra conforme con la nueva etapa de la humanidad. A juzgar por los efectos de un célebre libro de Wilhelm Röpke se diría que B. Kidd tenía razón. V. W. Röpke, *Explication de l'Allemagne*, Les Éditions du Cheval Ailé, Ginebra 1945. Röpke tiene el escrúpulo de llamar “revolución moral” a la “reeducación” infligida a sus compatriotas (pp. 177 ss.)

<sup>176</sup> V. P. A. Sorokin, *Social and Cultural Dynamics*, vol. III: *Fluctuation of Social Relationships, War, and Revolution, passim*. La edición abreviada por el autor de los cuatro volúmenes originales de *Social and Cultural Dynamics* para su publicación simultánea en inglés y español elimina algunos aspectos esenciales de su investigación, en particular sobre las guerras: v. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, pp. 875-1011. Un resumen muy esquemático de sus índices en P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, pp. 248-250. Aunque la doctrina asentada no cambia, resulta muy interesante revisar los capítulos que Sorokin dedica a la guerra (y a la revolución) en su gran tratado de sociología general, en el marco de la sociología dinámica: v. P. A. Sorokin, *Society, Culture, and Personality. Their Structure and Dynamics*, Cooper Square, Nueva York 1962, caps. 31 a 33.

<sup>177</sup> V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, p. 880.

<sup>178</sup> V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 250, nota 1. Se trata del título de un libro que Sorokin aprecia: el de su compatriota M. A. Engelgardt, *El progreso como evolución de la crueldad*, de 1899, desgraciadamente no traducido a ninguna lengua de caracteres latinos. V. M. A. Энгельгардт, Прогресс как эволюция жестокости. Минск: Белорусская энциклопедия (БелЭн), 2006 [Mihail A. Engelgardt, *Progress kak evolyutziya zhestokosti*, Belorusskaya entziklopediya (BelEn), Minsk 2006.]

<sup>179</sup> V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, p. 911.

incremento histórico de la magnitud de la guerra<sup>180</sup>. Lo más probable es que “la tragedia, con su *piano* y su *forte*, continuará”<sup>181</sup>. En *Dinámica social y cultural*, después de examinar casi mil guerras internacionales, exactamente 967 desde el siglo VI a. C. hasta 1925 (y 1623 civiles), responde en agnóstico a la pregunta “¿La guerra aumenta, disminuye o qué?”: “Yo no lo sé”.

En 1926 comienza Quincy Wright sus estudios sobre la naturaleza y causas de la guerra, culminados en 1942 con la publicación de su ópera magna *A Study of War*<sup>182</sup>, revisada en los años sesenta. Sus conclusiones en punto a la tendencia de la guerra a permanecer en la historia o a desaparecer son modestas: en términos generales, las guerras se han hecho más destructivas, declinando no obstante su frecuencia<sup>183</sup>. Del mismo modo, decrece la duración de los conflictos y aumenta el número de años de paz con respecto a los de guerra. Decrece el número de años de guerra por siglo, pero aumenta el número de batallas por año de guerra. Aumenta el número de beligerantes y se dispara el coste en vidas humanas, tanto en términos absolutos como relativos al total de la población<sup>184</sup>. La guerra, en suma, se hace menos funcional, menos intencional, menos dirigible y menos legal, pero no menos probable en los siglos futuros que en los pasados<sup>185</sup>.

Lewis Fry Richardson, referencia inexcusable cuando se trata de la matematización de la casuística bélica, elabora sus estadísticas de las “disputas violentas con víctimas” (*deadly quarrels*) a partir de 1940<sup>186</sup>. Richardson aplica al estudio de la guerra los modelos de previsión meteorológica desarrollados por él mismo entre 1911 y 1919. Estimulado en su momento por los trabajos de Q. Wright, recopila datos sobre todos los conflictos acaecidos desde 1820. La edición póstuma de su *Statistics of Deadly Quarrels* recoge

---

<sup>180</sup> V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, p. 911.

<sup>181</sup> V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, p. 912.

<sup>182</sup> The University of Chicago Press, Chicago 1942. Esta edición, en dos volúmenes y mil quinientas páginas, tiene una versión abreviada publicada en los años sesenta bajo el mismo título. Esta es la que yo he consultado.

<sup>183</sup> V. Q. Wright, *A Study of War*, p. 404.

<sup>184</sup> V. Q. Wright, *A Study of War*, p. 55-59.

<sup>185</sup> V. Q. Wright, *A Study of War*, p. 62.

<sup>186</sup> V. L. F. Richardson, *Statistics of Deadly Quarrels*, edición de Q. Wright y C. C. Lienau, The Boxwood Press & Quadrangle Books, Pittsburgh y Chicago 1960. V. también L. F. Richardson, “Mathematical Psychology of War” (1919), en I. Sutherland (Ed.), *Lewis Fry Richardson Collected Papers*, vol. II: *Quantitative Psychology and Studies of Conflict*, Cambridge University Press, Cambridge 1993, pp. 61-100.



conflictos hasta 1953. El estudio de las noventa y dos guerras por el registradas, de magnitud entre 3.5 y 7.2<sup>187</sup>, no le permite establecer una tendencia al agravamiento o a la desactivación de los conflictos<sup>188</sup>.

J. David Singer y Melvin Small, inspirándose en los trabajos sistemáticos de Q. Wright, L. F. Richardson y P. A. Sorokin, elaboran un anuario estadístico que computa noventa y tres guerras (cincuenta interestatales y cuarenta y tres coloniales o imperiales) que tienen lugar entre el uno de enero de 1816 y el treinta y uno de diciembre de 1965<sup>189</sup>. Singer y Small cuantifican minuciosamente los conflictos bélicos, depurando las listas de Wright y Richardson, según su magnitud (geográfica y temporal), su severidad (bajas militares en combate) e intensidad (ratios entre bajas y duración de la contienda, efectivos de los ejércitos *ex ante* y tamaño de la población *ex ante*)<sup>190</sup>. La conclusión acerca del recrudecimiento de la guerra es “inequívocamente negativa” (*very unambiguous negative*)<sup>191</sup>. Tampoco se deduce de ello un patrón regresivo de la mortalidad asociada a la guerra.

En términos generales, no obstante la diversidad de la metodología utilizada por los autores aquí citados (desde G. Bodart a J. D. Singer y M. Small<sup>192</sup>), hay cierta consistencia

<sup>187</sup> V. L. F. Richardson cuantifica la magnitud de los conflictos a partir del logaritmo en base 10 del número de víctimas estimado.

<sup>188</sup> V. L. F. Richardson, *Statistics of Deadly Quarrels*, p. 136.

<sup>189</sup> V. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965. A Statistical Handbook*, John Wiley & Sons, Nueva York 1972. Diez años después publican una versión ampliada que incluye también guerras civiles (*major civil wars*): V. M. Small y J. D. Singer, *Resort to Arms: International and Civil Wars 1816-1980*, Sage Publications, Beverly Hills (CA) 1982.

<sup>190</sup> Sobre la elaboración de los tres indicadores v. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965*, pp. 42-53.

<sup>191</sup> V. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965*, p. 201. Al contrario que a principios del siglo pasado, la opinión pública está marcada durante la Guerra Fría por un pensamiento monomaniaco: *War is on the rise*. Tiene mucho que ver con esa obsesión fantástica el enorme gasto del *Warfare State* para preparar o, según se mire, prevenir otra guerra. Sobre esta y otras razones del espejismo de la opinión pública v. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965*, p. 201.

<sup>192</sup> Los aquí reseñados siguen siendo hoy referencias estadísticas y sociológicas ineludibles, aunque podrían añadirse otras para completar el cuadro. Particularmente Raymond H. Wheeler, *War, 599 BC-1950 AD: Index of International and Civil War Battles of the World*, Foundation of the Study of Cycles, Pittsburgh 1951; Edward Dewey, *The 177-Year Cycle in War, 600 BC-AD 1957*, Foundation of the Study of Cycles, Pittsburgh 1954; Frank Denton y Warren Phillips, “Some Patterns in the History of Violence”, en *The Journal of Conflict Resolution*, vol. XII, n° 2, junio 1968, pp. 182-195. Tiene su interés, a pesar del *partis pris* marxista-leninista, el antimaltusiano Boris Ulanis, autor de *Las guerras y la población*. Ulanis computa también como pérdidas de vidas humanas las “menguas” o natalidad frustrada por las bajas efectivamente causadas por la guerra. Sus conclusiones esenciales para un periodo de casi trescientos cincuenta años (1600-1945) contrastan con el presunto pacifismo de su religión política: las guerras mundiales desmienten

en los resultados, acaso por las numerosas fuentes comunes y, en todo caso, por el uso acumulativo que los diversos autores hace de las contribuciones precedentes a su alcance<sup>193</sup>. También cabe suponer que por la misma o muy parecida motivación científica y filantrópica que a todos anima, suscitada ya en los pioneros por los horrores de la Primera Guerra Mundial<sup>194</sup>.

Con todos ellos sin excepción forma constelación el proyecto polemológico de Gaston Bouthoul, cuya preocupación por la persistencia y recurrencia histórica del fenómeno bélico es anterior al 1939, coetánea por tanto de los análisis preliminares de Q. Wright, L. F. Richardson y P. A. Sorokin, a juicio de J. D. Singer responsables en los años treinta del aumento de la generalidad y calidad (*comparability and generalization* [, and] *quality of our knowledge*) de los estudio sobre las causas y periodicidad de la guerra<sup>195</sup>. Bouthoul conoce sus trabajos, aunque tal vez no siempre exhaustivamente ni de primera mano. De Sorokin maneja sin duda su propio resumen de los índices del volumen de la guerra incluido en *Les théories sociologiques contemporaines*<sup>196</sup>, demasiado esquemático y simplificador en ausencia de toda justificación empírica o teórica previa. Aunque me sorprende, Bouthoul nunca ha

---

el crepúsculo de la letalidad de las guerras, vaticinado a principios del siglo pasado. V. B. Uralnis, *Las guerra y la población*, pp. 16 ss., 167-168 y 361.

<sup>193</sup> Se ha advertido no obstante que la sucesiva y reiterada recepción de las investigaciones cuantitativas sobre la guerra no siempre ha sometido los datos a la necesaria criba. V. B. Jongmann y J. M. G. van der Dennen, “The Great War Figures Hoax: An Investigation on Polemomythology”, en *Bulletin or Peace Proposals*, vol. XIX, n° 2, 1988, pp. 197-203. Consultado en línea el 7 de junio de 2016: <http://rint.rechten.rug.nl/rth/dennen/hoax.htm>

<sup>194</sup> Excepcionalmente se elaboran recuentos con una bruta finalidad utilitaria. Es el caso del informe que el gobierno norteamericano encarga a Frank L. Klingberg en 1945. Con la vista puesta en la liquidación de la guerra en el Pacífico, se centra Klingberg en el estudio de las bajas de guerra desde 1618 con el fin de descubrir si hay una relación entre el número de estas y la duración de los conflictos. Dicho de otro modo: ¿existe un umbral significativo de víctimas que permita pensar que una vez alcanzado se va a producir la rendición incondicional del enemigo? La consecuencia es clara en el orden político y estratégico: cuanto antes se alcance ese porcentaje, oscilante entre el 3% o el 4% de la población según Klingberg, antes se entregará el adversario. El estudio, concluido después de la derrota del Japón, se publica en los años sesenta. Este tipo de razones “humanitarias” sirven de justificación al empleo de las bombas atómicas. V. F. L. Klingberg, “Predicting the Termination of War: Battle Casualties and Population Losses”, en *The Journal of Conflict Resolution*, vol. X, n° 2, junio 1966, pp. 129-171.

<sup>195</sup> V. J. D. Singer, “Modern International War: from Conjecture to Explanation”, en Albert Lepaswky *et al.*, *The Search for World Order*, Appleton Century Crofts, Nueva York 1971, espec. p. 49-58.

<sup>196</sup> V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 249. Tanto es así que Bouthoul reproduce en su tratado de polemología y en otros lugares la misma errata que reza en la gran exposición de Sorokin. Este menciona un libro suyo “publicado en 1934” sobre la evolución del volumen de la guerra; el mismo que cita Bouthoul (“un trabajo publicado en 1934”). En realidad se trata del ya citado *Social and Cultural Dynamics*, vol. III, de 1937. V. P. A. Sorokin, *Les théories sociologiques contemporaines*, p. 248 y GB, *Les guerres*, p. 260. Bouthoul utiliza también en este punto el capítulo sexto de *The Crisis of our Time* (1941). V. P. A. Sorokin, *La crisi del nostro tempo*, pp. 191 ss.

consultado *Social and Cultural Dynamics*, ni en su versión original ni en la abreviada, de modo que su conocimiento de la teoría sorokiniana es bastante superficial<sup>197</sup>. Me extraña más, si cabe, constatar que la mayoría de estos escritores, consignados por Bouthoul<sup>198</sup> y Hervé Savon<sup>199</sup> en su propia obra con reconocimiento, no se interesan en absoluto por las investigaciones promovidas en el Instituto Francés de Polemología. Así que bien puede improvisarse esta divisa: *Quod non est in anglosaxonum libris, non est in mundo*. El cosmopolitismo leído y escrito en lengua franca es un disfraz del aldeanismo científico<sup>200</sup>.

Bouthoul y su polemología, por regla general, son los grandes ausentes en la mayoría de las revistas de la especialidad durante los años setenta y ochenta, particularmente en publicaciones como *Journal of Peace Research* o *The Journal of Conflict Resolution*, referentes científicos e ideológicos de la irenología. J. D. Singer y M. Small constituyen tal vez una modesta excepción que confirma la regla. Estos ponderan la ambición y el rigor de los estudios de Bouthoul y su instituto (que juzgan superiores a los de Woods y Baltzly... ¡de 1915!), pero cuestionan sus categorías y modo de codificación de los datos<sup>201</sup>.

#### b) *La guerra, fenómeno continuo*

La impresión que dejan todos los catálogos de conflictos y guerras sin excepción, meros generadores de datos, no puede reconfortar en mi opinión a un espíritu científico. En el

---

<sup>197</sup> En *Cent millions de morts* lamenta el autor no conocer el método empleado por Sorokin para calcular sus índices. GB, *Cent millions de morts*, p. 33. nota 1.

<sup>198</sup> Buena prueba de ello es la nota del I. F. P., “Des causes posibles des conflits armés, d’après J. David Singer et les travaux de Quincy Wright”, en *Guerres et Paix*, n° 13, 1969/3, pp. 35-37. Además GB, *Le défi de la guerre*, p. 15 y GB, *Les guerres*, pp. 367-368, etc. No es motivo suficiente, sin embargo, para llamar a Bouthoul *the French Quincy Wright*. Cfr. M. Chillaud, “International Relations in France: The usual Suspects in a French scientific Field of Study?”, en *European Political Science*, n° 8, 2009, p. 240.

<sup>199</sup> H. Savon, informadísimo de todo aquello que tiene que ver con la polemología (bibliografía, congresos internacionales, organismos homólogos, etc.) tiene palabras muy justas sobre la polemología norteamericana, una tradición que ha escapado a “la dictadura de la urgencia política” y cuyos objetivos, en realidad, se tocan con los de la polemología francesa. V. H. Savon, “Polémologie et *Peace Research* dans le monde. Bilan analytique et critique des recherches sur la guerre et la paix à la fin de 1971”, en *Études Polémologiques*, n° 4, abril 1972, pp. 15-16.

<sup>200</sup> Lamenta Bouthoul el empleo del inglés en los congresos internacionales de sociología, norma que encuentra *pénible*, no solo por el francés, hasta no hace mucho “lengua universal”, sino también para el conjunto de lenguas románicas “casi totalmente excluidas”. GB, “Le Congrès de Sociologie d’Évian et la Polemologie”, en *Guerres et Paix*, n° 2, 1967, p. 5.

<sup>201</sup> V. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1956*, p. 10.

fondo, lo mismo deben pensar J. D. Singer y M. Small, adalides de estas numerologías. “El tedio, la frustración, el elevado coste y el tiempo que consume su elaboración” no compensan a su juicio el poco valor de los resultados: no hay en estos listados pluriseculares “ni un presupuesto teórico dominante, ni un argumento concluyente, ni un cadencia identificable [del fenómeno estudiado]”<sup>202</sup>.

Ello no ha disuadido en los últimos años al conflictólogo Peter A. Brecke de mantener viva su exhaustiva compilación de conflictos violentos (más de 3 700 identificados desde el siglo XV)<sup>203</sup>. Después de estudiarla no puedo decir, la verdad, con qué fin se ha reunido todo eso. Tampoco la vaga utilidad desanima en su momento a Gaston Bouthoul, confiado en que esa labor de acopio, a pesar de todo, dará fruto un día gracias a las computadoras. Precisamente, una de las misiones centrales que se da el Instituto Francés de Polemología es suministrar evidencias empíricas acerca de los efectos de las guerras (mortalidad) a la investigación teórica sobre su periodicidad, sus causas y sus funciones. Así opera desde los años sesenta o tal vez antes<sup>204</sup>, pues ya en el prólogo de *Cent millions de morts* Bouthoul se disculpa por aplicar a las guerras el “frío método estadístico”. Ello no implica ni indiferencia ni mucho menos desdén por las víctimas y los héroes. Antes al contrario, el estudio científico constituye a su juicio el mayor de los deberes hacia la memoria de todos esos mártires<sup>205</sup>. La estadística anticipa la desacralización del fenómeno guerra<sup>206</sup>.

---

<sup>202</sup> V. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965*, p. 374. No obstante cfr. J. D. Singer, “Accounting for International War: The State of the Discipline”, en *Journal of Peace Research*, vol. XVIII, n° 1, 1981, especialmente pp. 6-8. Singer confía en que los avances empíricos o cuantificadores determinen por sí mismos una convergencia del “babélico” panorama teórico de los estudios sobre el conflicto y la guerra (p. 14).

<sup>203</sup> V. P. K. Brecke, *Violent Conflicts 1400 AD to the Present in different Regions of the World*, o “Conflict Catalog 18 vars.xls”, última revisión de 2012, disponible en <http://www.cgeh.nl/data#conflict>. También, para el periodo 1946-2002, Bethani Lacina y Nils Petter Gleditsch, “Monitoring in Global Combat: A new Dataset of Battle Deaths”, en *European Journal of Population*, vol. XXI, n° 2-3, 2005, pp. 146-166. Una versión actualizada del catálogo es de libre acceso: *PRIO Battle Deaths Dataset 3.0*. Puede consultarse en <https://www.prio.org/Data/Armed-Conflict/Battle-Deaths/The-Battle-Deaths-Dataset-version-30/>.

<sup>204</sup> “Desde su creación [en 1945] el Instituto ha combinado investigación teórica fundamental e investigación aplicada”. G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*, p. 15.

<sup>205</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 9.

<sup>206</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. vi. Dicho de otro modo: la desmitificación de la guerra empieza por la desacralización de la demografía. GB, *L'infanticide différé*, p. 246.

La primera incursión de Bouthoul en las cifras de bajas causadas por las guerras se encuentra en *Cent millions de morts*<sup>207</sup>. Repasa a vista de pájaro las pérdidas directas de las grandes guerras que involucran a Francia desde finales del siglo XVIII –guerras de la Revolución y del Imperio, guerras del Segundo Imperio, Primera Guerra Mundial y Segunda Guerra Mundial–. Son sus fuentes más importantes F. A. Woods y A. Baltzly, G. Bodart y P. A. Sorokin. También estima en esas páginas pérdidas indirectas, es decir, víctimas de guerra en general, no solo combatientes, causadas por el hambre, el frío, los desplazamientos forzosos o las enfermedades que diezman la población civil. A su juicio, debería computarse también en la cuenta de las pérdidas totales la disminución de la natalidad inducida por la guerra, aspecto particular de lo que Liebmann Hersch denomina más tarde “demografía potencial”<sup>208</sup> y que B. Ulanis, por ejemplo, sí tiene en cuenta. Las proyecciones gráficas de los movimientos de la población en Francia, Inglaterra, Alemania y Rusia incluidas por Bouthoul en *Cents millions de morts* bajo la rúbrica de la “relajación demográfica” constituyen de algún modo su particular aplicación de la metodología de la demografía potencial<sup>209</sup>. Genérica resulta también la mención de los efectos cuantitativos y cualitativos de diversas guerras, citadas a boleo en el tratado de polemología<sup>210</sup>.

Con la aparición de la revista *Guerres et Paix* se acentúa la determinación de Bouthoul a superar la etapa del ensayismo más o menos literario de los estudios sobre la guerra, en los cuales, según Q. Wright, abunda relativamente el tipo de escritor “intuicionista” (*intuitionist*). Se dan pues en cada número de esa publicación, bajo diversas rúbricas (calendario de la agresividad colectiva, crónica de la agresividad en el mundo, crónica de la violencia mundial y otras por el estilo<sup>211</sup>), las series de los conflictos en curso registrados a partir de 1968.

---

<sup>207</sup> GB, *Cents millions de morts*, pp. 37-46.

<sup>208</sup> V. L. Hersch, “Démographie potentielle et vieillissement de la population”, en *Population*, vol. III, n° 2, 1948, pp. 233-248. Bouthoul está al corriente de sus trabajos de los años treinta sobre los efectos demográficos de la guerra. V. L. Hersch, “Des principaux effets démographiques des guerres modernes”, en VV. AA., *Congrès International pour les Études sur la Population*, Istituto Poligrafico dello Stato, Roma 1932.

<sup>209</sup> GB, *Cents millions de morts*, p. 39 en relación con pp. 47-70.

<sup>210</sup> GB, *Les guerres*, pp. 254-264.

<sup>211</sup> Se trata de una sección fija que se mantiene también posteriormente en *Études Polémologiques*. V. I. F. P., “Un calendrier de l’agressivité collective naissante (septembre-novembre 1967)”, en *Guerres et Paix*, n° 2, 1968, pp. 65-73. Esta es la primera de las veintiocho crónicas publicadas entre 1968 y diciembre de 1978, fecha del último número de *Études Polémologiques* (n° 23) publicado antes de la muerte de G. Bouthoul.

Esta base de datos fundamenta un importante trabajo de casi cien páginas sobre los conflictos contemporáneos: “Deux ans d’agressivité mondiale 1967-1969”, una “experiencia de laboratorio [...], contribución a un mejor conocimiento de la agresividad mundial”<sup>212</sup>. La categorización de los distintos tipos de conflictos alcanzada por esa investigación, en la que se toma como contrapunto la clasificación elaborada por Jean-Baptiste Duroselle<sup>213</sup> en 1964, constituye el armazón teórico de su penúltimo libro<sup>214</sup>.

También puede considerarse una acotación preparatoria del mismo el análisis de 7111 acciones de guerra acaecidas entre 1 200 y 1 945 en el espacio delimitado por los paralelos 30° N y 62° N y los meridianos 10° O y 50° E<sup>215</sup>. La conclusión de ese sintético trabajo se aboca sin rodeos: “la única atenuación discernible del mal guerrero es la disminución de su frecuencia, mientras que su amplitud, intensidad y mortalidad, por el contrario, se incrementan extraordinariamente”.

*Le défi de la guerre* es sobre todo un esfuerzo imponente de conceptualización del fenómeno-guerra a partir del estudio de 366 conflictos mayores, pero también un razonable ensayo de cuantificación. Ahora conviene subrayar la tesis decantada por Bouthoul y sus colaboradores en este recuento de guerras y víctimas para un periodo de más de dos siglos<sup>216</sup>.

Indudablemente, “las pérdidas de vidas humanas son la medida cuantitativa más clara e importante de las guerras y las revoluciones”<sup>217</sup>. La interpretación polemológica de los

---

<sup>212</sup> G. Bouthoul y R. Carrère, “Deux ans d’agressivité mondiale 1967-1969”, en *Études Polémologiques*, n° 2, octubre 1971, p. 51.

<sup>213</sup> V. J.-B. Duroselle, “La nature des conflits internationaux”, en *Revue Française de Science Politique*, vol. XIV, n° 2, 1964, pp. 295-308. Duroselle formaliza una definición de conflicto internacional (p. 298) sobre la que gira su tipología de conflictos.

<sup>214</sup> GB, *Le défi de la guerre (1740-1974)*, pp. 78-79.

<sup>215</sup> I. F. P., “Périodicité et intensité des actions de guerre de 1200 a 1945”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2, pp. 20-32.

<sup>216</sup> Su más importante fuente histórica es *el Lavisse*. V. E. Lavissee, *Histoire générale du IV<sup>ème</sup> siècle à nos jours*, Armand Colin, París 1892-1901, XII vol. También las investigaciones cuantitativas, varias veces citadas aquí, y ciertos estudios clásicos de la historiografía militar (B. H. Liddell Hart, *The Decisive Wars of History. A Study in Strategy*, G. Bell & Sons, Londres 1929 y C. Falls, *A Hundred Years of War 1850-1950*, Collier Books, Nueva York 1953).

<sup>217</sup> GB, *Le défi de la guerre 1740-1974*, p. 68.

datos<sup>218</sup> desvela la variación de la “intensidad mortífera [...] con una tendencia general al aumento de la misma y con dos periodos de intensidad máxima: [...] las guerras de la Revolución y del Imperio (1792-1815) [...] y las dos guerras mundiales del siglo XX”<sup>219</sup>. Conclusión consistente con las de Q. Wright, L. F. Richardson y J. D. Singer y M. Small, y P. A. Sorokin, pero con una salvedad importante que marca una diferencia fundamental con todos. Ninguno de ellos encuentra evidencias de la periodicidad de los conflictos, pues estos, según sus estimaciones, fluctúan erráticamente y sin dirección (Sorokin) o manifiestan una recurrencia irrelevante para que se pueda afirmar una tendencia (Wright) o presentan una distribución como la predicha por el modelo probabilístico de Poisson<sup>220</sup> (Singer y Small), por tanto aleatoria (Richardson)<sup>221</sup>... Opiniones que Bouthoul no comparte, pues cree “en una cierta periodicidad de las guerras, siquiera en su carácter periodomorfo”<sup>222</sup>. Ahora bien, la periodicidad de la guerra tiene como presupuesto efectivo su “carácter fatal” (*caractère fatal*)<sup>223</sup>, inexorablemente fijado en la naturaleza humana. Es “la guerra siempre presente”<sup>224</sup>, como también subraya Bouthoul. Sociológicamente, la guerra es uno de los fenómenos continuos (*phenomène continu*) por excelencia. Tomo el término del economista Christian Schmidt, quien contrapone la hipótesis de la guerra como *fenómeno continuo*, a la Bouthoul, con el concepto de guerra

---

<sup>218</sup> En la lista de 366 “conflictos armados mayores” (*conflicts armés majeurs* o *C. A. M.*) se indica en cada caso la denominación del conflicto, sus fechas, localización, tratado de paz (en su caso) y volumen e intensidad del mismo en función de tres números: la población de los Estados implicados, el volumen máximo de las tropas efectivamente y simultáneamente en lucha y los muertos, tanto militares como civiles.

<sup>219</sup> V. G. Bouthoul y R. Carrère, *Le défi de la guerre (1740-1974)*, pp. 99-100.

<sup>220</sup> “Se llama variable de Poisson la que designa el número exacto de veces que aparece el suceso A en un número  $n$  muy grande de pruebas independientes, en cada una de las cuales ocurre A con una probabilidad muy pequeña, de modo que el producto  $n \cdot p = \lambda$  se mantiene constante”. Se utiliza para predecir sucesos distribuidos al azar en el tiempo, como las llamadas a un número telefónico o los accidentes de automóvil. También, según algunos conflictólogos, el fenómeno bélico. V. C. Fernández Cuesta y F. Fuentes García, *Curso de estadística descriptiva. Teoría y práctica*, Ariel, Barcelona 1995, p. 274.

<sup>221</sup> V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, p. 908. Q. Wright, *A Study of War*, p. 343; J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965*, p. 215; L. F. Richardson, *Statistics of Deadly Quarrels*, pp. 136 y 141.

<sup>222</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 33. La puntualización de Bouthoul se refiere solo a Sorokin, pero vale también para los demás escritores citados.

<sup>223</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 215.

<sup>224</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 15.

como *fenómeno discontinuo*, más extendido. Ello le permite justamente integrarla en el análisis económico<sup>225</sup>.

Constituye también la guerra, del mismo modo, una “regularidad” (*regolarità*) metapolítica. Pequeñas o grandes, escribe Bouthoul, las guerras son perennes<sup>226</sup>, tesis corroborada por la antropología, más bien por cierto sector de ella<sup>227</sup>. No son un instrumento voluntarista o disponible exclusivo de la proteiforme razón de estado, sino una realidad humana presente desde las épocas más remotas. Tanto es así que todas las civilizaciones desaparecidas han perecido por la guerra<sup>228</sup>. No inventa su crítico Paul Vincent, del Institut National d'Études Démographiques, cuando le reprocha a su concepción el carácter metafísico (*quelque peu métaphysique*) y fatalista<sup>229</sup>.

### 2.3. Polemología *in nuce*: la investigación sobre los efectos demográficos de las guerras

La guerra, “parte integrante de la vida de las sociedades”<sup>230</sup>, tiene una presencia histórica inexorable. Efectivamente, “por muy lejos que nos remontemos en la historia, hasta la prehistoria incluso, la guerra sale a nuestro encuentro”<sup>231</sup> y se nos hace presente en sus efectos. La pérdida de vidas humanas constituye, a juicio de Bouthoul, una de las pocas regularidades inequívocas, directamente observables y medibles de las guerras, pues no hay guerra que no provoque un aumento de la mortalidad entre los varones jóvenes. Precisamente por esta razón resulta mucho más fácil determinar y describir sus efectos que sus causas, “de momento desconocidas”<sup>232</sup>, escribe en 1954. El abolicionismo, utopía

---

<sup>225</sup> V. C. Schmidt, “Guerre et économie”, en *Études Polémologiques*, n° 14, octubre 1974, p. 57.

<sup>226</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 12.

<sup>227</sup> V. L. H. Keeley, *War before Civilization. The Myth of the Peaceful Savage*, Oxford University Press, Nueva York 1996, *passim*.

<sup>228</sup> GB, *Guerres et civilisations*, *passim*.

<sup>229</sup> V. P. Vincent, “Guerre et population”, en *Population*, II, n° 1, enero-marzo 1947, p. 10.

<sup>230</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 184.

<sup>231</sup> GB, “De la grande muette à la Grande Inconnue”, en *Crapouillot*, n° 25, mayo 1954, p. 90.

<sup>232</sup> GB, “De la grande muette à la Grande Inconnue”, en *Crapouillot*, n° 25, mayo 1954, p. 91.



que choca frontalmente con el único efecto constante de la guerra, el demográfico, “una verdad de Pero Grullo”<sup>233</sup>, explica el fracaso de toda forma de pacifismo ideológico.

Bouthoul no considera ni únicos ni exclusivos los efectos demográficos, pero tampoco desprecia los demás. Sin embargo, eso es lo que le atribuyen lectores distraídos y ciertos críticos más advertidos<sup>234</sup>. Simplificadora y frágil es cuando menos la crítica de Sauvy, pues ni siquiera llega a tomarse en serio los planteamientos bouthouleanos<sup>235</sup>. Más enjundia tiene la crítica del mencionado Paul Vincent, pues cuestiona la relevancia que Bouthoul atribuye a la mortalidad por causa de guerra. Según Vincent, las pérdidas de vidas humanas en los distintos conflictos bélicos son más bien débiles, de modo que no puede ser la guerra el azote malthusiano que presuntamente limita el crecimiento de las poblaciones<sup>236</sup>.

Mas la mayor o menor relevancia de la mortandad bélica suplementaria no es cuestión cuando de lo que se trata es de establecer el método más adecuado para el estudio de la guerra. De nada sirve estudiar sus causas presuntas, pues estas pueden ser muchas y contradictorias y, en no pocas ocasiones, sobrevenidas de improvisadas. Lo único incuestionable son sus efectos, planteamiento que prima la observación. Las causas de la guerra son hipotéticas y ciertos los hechos registrados por la estadística<sup>237</sup>. La primacía del estudio de los efectos sobre las causas queda ya establecida en el famoso ensayo de 1939 sobre las funciones presumidas de la guerra y su periodicidad. Dice en él Bouthoul que hay dos fenómenos inseparables de toda guerra: las reacciones psicológicas y los efectos demográficos. Entre aquellas destacan el fortalecimiento de la solidaridad y la simplificación psicológica según el esquema del duelo lógico de Gabriel Tarde. Entre estos, el crecimiento de la mortalidad, el desplome de la natalidad y la eliminación de varones jóvenes<sup>238</sup>. En esos pasajes anteriores a la Segunda Guerra Mundial hay ya una

---

<sup>233</sup> GB, *Cents millions de morts*, p. 24.

<sup>234</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 30.

<sup>235</sup> Sobre esta cuestión *v. supra* cap. 3, § 2.3.

<sup>236</sup> V. P. Vincent, “Guerre et population”, en *Population*, vol. II, n° 1, enero-marzo 1947, p. 15.

<sup>237</sup> GB, *Les guerres*, pp. 252-253. GB, *L'infanticide différé*, p. 41.

<sup>238</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, pp. 163 ss.

polemología *in nuce*, cuya finalidad última es desvelar las funciones de la guerra mediante el estudio de sus efectos.

La regularidad demográfica observada por la *protopolemología* no es la única medible, pues también se registran alteraciones emocionales que inciden sobre los movimientos de la opinión pública. En estas se fija Bouthoul con particular interés en los años setenta, cuando la polemología se compromete intelectualmente con la psicología de las profundidades. Dada la temprana incoación en su obra de los efectos psicológicos recién mencionados, no puede decirse que este giro sea accidental u oportunista. Hay además perjuicios económicos más o menos graves que, como consecuencia del conflicto, trastocan los circuitos de la producción y el consumo. Por no mencionar los trastornos políticos que remueven gobiernos, regímenes o constituciones y lo que podría denominarse vacancia de las reglas morales establecidas. Quede claro que no es la única, pero sí la más constante y persistente de todas, con una correlación del ciento por ciento.

Otros efectos son facultativos y circunstanciales, eventualmente indirectos<sup>239</sup>, pero el demográfico resulta inexorable. Tanto es así que la acotación empírica del fenómeno-guerra pasa con frecuencia por la fijación de un umbral de víctimas mortales. Dos mil según G. Bodart, cifra computada sumando caídos, heridos, desaparecidos y prisioneros. Mil a juicio de J. D. Singer y M. Small. O cien, según estos mismos, si se dan ciertas circunstancias. Mil también según el parecer de G. Bouthoul<sup>240</sup>. No obstante, el umbral cuantitativo no excluye del fenómeno-guerra los conflictos que quedan por debajo de aquel. El establecimiento de una magnitud cuantitativa solo pretende, junto a otros criterios, homogeneizar los datos empíricos para hacer posible su matematización. La guerra, concluye Bouthoul, es un “homicidio organizado y lícito”, de modo que “sin homicidio no hay guerra”<sup>241</sup>, sino paz. No debe chocar en este contexto su definición cuantitativa de paz como “el estado de una sociedad en la que las estadísticas de

---

<sup>239</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 25.

<sup>240</sup> V. J. D. Singer y M. Small, *The Wages of War 1816-1965*, pp. 35-36. Cfr. G. Bodart, *Losses of Life in Modern Wars*, p. 79. GB, *Le défi de la guerre (1740-1974)*, p. 39.

<sup>241</sup> GB, *Les guerres*, p. 252.

mortalidad comportan una cifra nula –o muy débil– de homicidios organizados y colectivos”<sup>242</sup>.

### 3. El momento fundador de la polemología

El año 1940 es una brutal conmoción, un impacto tremendo que remueve la estructura material y espiritual de Europa. Alemania y Francia firman el armisticio el 22 de junio. Termina la *drôle de guerre* y Gaston Bouthoul, movilizado el otoño de 1939, es licenciado, según su propio testimonio, hacia finales del año siguiente<sup>243</sup>. En 1970 escribe: “La polemología nace de un choque afectivo, ¡un choque de una magnitud inusitada!: ¡1940!”<sup>244</sup>.

Bouthoul abandona el epicentro de la guerra, cambia la Isla de Francia por los Alpes marítimos y se instala con Betty en Le Cannet, en la zona ocupada por Italia<sup>245</sup>, militarizada en noviembre de 1942 pero siempre, escribe, “benigna y amistosa”<sup>246</sup>. Gaston y Betty abandonan París acosados por la Gestapo y entran en la clandestinidad, desenlace de un pasaje rocambolesco. Bouthoul, que mantiene buenas relaciones con el imán de la mezquita de París, obtiene de este un certificado de pertenencia a la religión musulmana que les proteja. En vano se hacen pasar por un matrimonio arabizante, pues Gaston es un conocido abogado judío del foro parisino. Para más inri, según las absurdas categorías raciales del nacionalsocialismo, Betty, mujer rubia de ojos azules, no encaja precisamente en el tipo racial semítico... sino en el ario.

---

<sup>242</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 8. V. también, para más detalles, GB, *La paix*, pp. 30-32.

<sup>243</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 9.

<sup>244</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 32.

<sup>245</sup> En virtud del armisticio franco-italiano del 30 de junio de 1940.

<sup>246</sup> GB, “Le rempart d’Audiberti”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 156, diciembre 1965, p. 1052.

Ignoro por qué eligen precisamente Le Cannet, en donde acaso hubieran veraneado antes. Lo cierto es que se encuentran en el sur de Francia en enero de 1941<sup>247</sup>. La ocupación italiana, una anexión de facto, es más tolerante con los judíos que las autoridades francesas y alemanas<sup>248</sup>. Dada su estirpe judía y la de su mujer, esta es la razón de más peso. Algún tiempo después se trasladan a Antibes, un “refugio tranquilo y seguro”<sup>249</sup> en el que ya se han instalado otros amigos del matrimonio. Ellos encontrarán acomodo en una bodega.

Íntimo de René Laporte, también afincado provisionalmente en Antibes, combate a su lado la invasión de su patria. En una carta fechada el 5 de septiembre de 1970, Bouthoul recalca que a pesar de sus preocupaciones científicas no se hace entonces el olímpico, sino que se compromete e ingresa en la Resistencia “con [su] amigo René Laporte”<sup>250</sup>.

Resistente o no resistente<sup>251</sup>, frecuenta el ambiente de los intelectuales desafectos al régimen de Vichy y enemigos de la Ocupación. De todas formas, como señala Jean Guitton en el diario de su cautiverio, hay muchas formas de resistencia. Una de ellas es el sufrimiento paciente<sup>252</sup>.

En el domicilio de Laporte se concita una curiosa mezcla de surrealismo y política que contrasta con el “vacío” social provocado por el terror de la Gestapo (a partir de

<sup>247</sup> *Cent millions de morts* está fechado en “Le Cannet, enero de 1941 y París, 25 de septiembre de 1945”. GB, *Cent millions de morts*, p. 223.

<sup>248</sup> V. J.-L. Panicacci, “Les juifs et la question juive dans les Alpes-Maritimes de 1939 à 1945”, en *Recherches Régionales*, XXIV, n° 86, octubre-diciembre 1986 y D. Grillère, “L’occupation italienne de France de 1940 à 1943”, en *Diacronie. Studi di Storia Contemporanea*, n° 4, julio-septiembre 2010. Una notable contribución al conocimiento de esta etapa de la guerra en Francia: J.-L. Panicacci, *L’Occupation italienne*, Presses Universitaires de Rennes, Rennes 2010. Subraya Panicacci que la “ocupación italiana limitada (25 de junio de 1940-11 de noviembre de 1941) es casi ignota para la opinión pública y la ocupación generalizada del sudeste (11 de noviembre de 1942-9 de septiembre de 1943) es apenas conocida [...]”. La historiografía de la Segunda Guerra Mundial solo destaca de ese periodo la protección de los judíos y una cierta bonhomía”. V. J.-L. Panicacci, *L’Occupation italienne*, p. 15.

<sup>249</sup> GB, “Le rempart d’Audiberti”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 156, diciembre 1965, p. 1053.

<sup>250</sup> GB, “Un lettre du 5 septembre 1970”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, p. 12.

<sup>251</sup> No se recoge su nombre en los “Dossiers individuels du bureau Résistance”, con más de seiscientos mil registros. V. <http://www.servicehistorique.sga.defense.gouv.fr/?q=content/dossiers-administratifs-de-r%C3%A9sistants> [consultado el 24 de diciembre de 2015.]

<sup>252</sup> V. J. Guitton, *Pages brûlées. Journal de captivité 1942-1943*, Albin Michel, París 1984, pp. 13-14. Un sufrimiento dispuesto a la autoinmolación, como en el caso de Antoine de Saint-Exupéry, e incluso pasiva e inconscientemente gaulista, como el de millones de franceses, ni resistentes ni petanistas. V. A. de Saint-Exupéry, *Écrits de guerre 1939-1944*, Gallimard, París 2000, p. 213. R. Girard, *Achever Clausewitz*, p. 327.

septiembre de 1943) y una casi crónica mala alimentación. Bouthoul habla incluso de hambruna<sup>253</sup>. “En la casa del llorado René Laporte se reunían la Poesía y la Resistencia. Ahí me encuentro con Aragon, Georges Auric, Jean Cocteau, Paul Eluard, Claude Roy, Pierre Seghers, André Verdet y muchos más. No era raro que nuestras conversaciones se prolongaran hasta altas horas de la noche, a pesar del toque de queda, en el gran comedor de René Laporte, una antigua casamata de la fortaleza excavada en la roca”<sup>254</sup>.

En esa atmósfera y “en lo más negro de la guerra, en 1942”, Bouthoul inaugura la polemología<sup>255</sup>. Sus conversaciones con Roger Martin du Gard sobre su gran novela río *Les Thibault* son para él un “antídoto contra el desánimo”, sobre todo durante su larga *traversée du désert*<sup>256</sup>. En sus paseos por la muralla Vauban, del brazo del escritor Jacques Audiberti, “como dos jubilados” que buscan el sol y miran los Alpes y la mar, “experimento dolorosamente la pobreza [de la historia y las ciencias sociales], confinadas entre el extraordinario desarrollo de las ciencias exactas y de las técnicas y nuestra ignorancia acerca de los fenómenos sociales, que continuamente nos dejan a merced de los ciegos impulsos colectivos [...]. El escepticismo que Audiberti bautiza muy pronto ‘abhumanismo’ (*abhumanisme*), [se corresponde] con mis primeros estudios sobre el fenómeno guerra”. Era el invierno de 1944 y Bouthoul tiene entonces casi ultimado su ensayo *Cent millions de morts*, publicado por Éditions du Sagittaire una vez que recupera el control de la editorial su antiguo propietario y factótum Léon Pierre-Quint, pseudónimo de Léopold-Léon Steindecker<sup>257</sup>.

---

<sup>253</sup> GB, “Le rempart d’Audiberti”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 156, diciembre 1965, p. 1052.

<sup>254</sup> GB, “Le rempart d’Audiberti”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 156, diciembre 1965, p. 1053.

<sup>255</sup> GB, “Un lettre du 5 septembre 1970”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, p. 12.

<sup>256</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, pp. 112-113. Por razones de vecindad, Bouthoul frecuenta entonces a Martin du Gard, a quien presenta la redacción de algunos capítulos de *Cent millions de morts*, con cuyas tesis simpatiza. A Bouthoul le impresiona particularmente el cambio de actitud del escritor hacia uno de los personajes de su saga, el más joven de los Thibault: su heroísmo pacifista, en realidad suicida e inane, deja de admirarle, apreciando mucho más finalmente la lúcida actitud del primogénito, “aplastado por el sentimiento de fatalidad de la guerra”.

<sup>257</sup> L. Pierre-Quint es una de las presencias habituales en el círculo antibés de Laporte, pues no por casualidad vive alojado en su casa hasta abril de 1944. A. Coron se refiere a la amistad entre Bouthoul y el editor de Sagittaire, aunque no precisa si se trata de una amistad vieja o nueva, nacida de la guerra y la Resistencia. V. A. Coron, “Le Sagittaire”, en Bibliothèque Nationale, *Léon Pierre-Quint*, Bibliothèque Nationale, París 1981, p. 39. En la relación de los papeles de L. Pierre-Quint depositados en la Biblioteca Nacional de Francia se registra el intercambio epistolar con el matrimonio Bouthoul, particularmente con Betty (17 cartas).

Bouthoul y su mujer regresan a París a finales del verano de 1945, el año de la “gran mutación” según su amigo Jean Guitton<sup>258</sup>. Sugestionado por la hecatombe de Europa y por los efectos del arma atómica, funda un instituto para el estudio científico de la guerra y pone en circulación el neologismo “polemología”. Con independencia de su estrella científica, adversa hasta bien avanzada la década de los años sesenta, la nueva ciencia y su nombre harán su propio camino. Pero los primeros veinte hacen se hacen largos como la travesía de un desierto.

### 3.1. *Si vis pacem, gnosce bellum*

“Cólera, miedo y compasión” (*grand’fureur, grand’peur et grand’pitié*)<sup>259</sup> es la cifra bouthouleana de los años terribles de la Segunda Guerra Mundial, pero también del *Antebellum* y la posguerra. Su balance de ruinas, muy pronto levantadas, se hace pequeño al lado de una Europa espiritualmente atormentada por terribles complejos de autodestrucción<sup>260</sup>. En su personal balance del nacimiento de la polemología escribe Bouthoul que “todo comienza con la especie de epidemia, de psicosis suicida, que se apodera precisamente de los pueblos más civilizados, más sabios y más ricos del planeta”<sup>261</sup>. Una conmoción persistente que se remonta a las hecatombes de la Gran Guerra<sup>262</sup>. Hasta ese momento, no obstante, la humanidad había sido capaz de “digerir” la guerra. Ahora, en apenas una generación, se consumará una “mutación polemológica nueva” y la guerra varía su rango: deja de ser una tempestad para convertirse en cataclismo<sup>263</sup>.

---

<sup>258</sup> V. J. Guitton, *La pensée et la guerre*, Desclée de Brouwer, París 1969, p. 197.

<sup>259</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 183.

<sup>260</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, pp. 185-186.

<sup>261</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 7 (capítulo primero: “La Polemología. Cómo nace una ciencia y cómo se perfilan sus lineamentos”).

<sup>262</sup> Sobre el impacto de la guerra en la constitución de las disciplinas sociológicas e históricas en Francia *v.* la introducción de A. Paya y Pastor, C. Lafaye y M. Thura al número especial de *Les Champs de Mars*, n° 27, 2015, dedicado a “La pratique des sciences sociales en milieu militaire: une opération spéciale?”, pp. 9-15. “La experiencia de la guerra ha incidido en la constitución de esas disciplinas mucho antes del *Traité de polémologie* de Gaston Bouthoul” (p. 9).

<sup>263</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 13.

Por lo que respecta a los planes de paz, la guerra ha infligido un doble correctivo a las aspiraciones del pacifismo jurídico, pues desvela la ineficacia de todos los medios empleados para apuntalar una paz estable, así como la magnitud inusitada de los nuevos medios atómicos de destrucción<sup>264</sup>. Quién sabe si la guerra pudo tener en algún momento su utilidad, sea cual fuere, pues es cuestión disputada. Después del bombardeo atómico del Japón la guerra se convierte en la mayor amenaza para la civilización<sup>265</sup>. Se respira ahora resignación, pues de nada o de muy poco ha servido el pensamiento, incapaz de racionalizar los acontecimientos y no se diga ya dominarlos. Hay como un desnivel o desfase entre las fuerzas materiales engendradas por la técnica desatada, “verdaderos cuantos de energía psíquica”, y los planos afectivo e intelectual del hombre, cuyas categorías y recursos morales son incapaces de controlar la potencia destructiva de la guerra<sup>266</sup>.

El abatimiento general tiene su motivación en la indigencia radical de las ideas<sup>267</sup>. Una sima abierta en el último siglo separa el progreso técnico de nuestras concepciones jurídicas y morales. Bouthoul describe plásticamente este callejón sin salida: “es absurdo querer aplicar las ideas políticas de Maquiavelo a la época de la aviación”<sup>268</sup>. Dicho de otro modo: la aceleración de la historia agrava la inadecuación a la situación actual de las doctrinas alumbradas en otras épocas<sup>269</sup>. Consecuente con su optimismo científico, su antifatalismo y su opción por una política del *logos*, rechaza las ideas antiguas para resolver los problemas contemporáneos<sup>270</sup>. Actitud urgente cuando se trata de que la civilización no perezca por causa de la guerra. La polemología debe ofrecer a la opinión pública conceptos y métodos que sustituyan a los que, hasta ahora, solo han servido para perder la paz, todas las paces, una tras otra. Esta es la impactante idea que preside su libro *Huit mille*

---

<sup>264</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, pp. 216-217.

<sup>265</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 185. Sentimiento muy extendido. Un ejemplo a voleo: A. J. Toynbee, *Guerre et civilisation* (1950), Gallimard, París 1973, cap. 1 (“El mundo de hoy, enfermo de guerra”).

<sup>266</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 36-37.

<sup>267</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 10.

<sup>268</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 199.

<sup>269</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité*, pp. 268-272.

<sup>270</sup> GB, *L'art de la politique*, p. 11.

*traités de paix*. Entre el año 1 500 a. de C. y 1 860 nada menos que más de ocho mil tratados de paz “que debía durar eternamente” han sido registrados<sup>271</sup>.

“Si los problemas belígenos se plantean como en el tiempo de Tucídides, las soluciones pertenecerán también a esa época”<sup>272</sup>. Remediador de este grave anacronismo histórico, el polemólogo es también una inteligencia desmitificadora, como debería serlo la de todos los científicos sociales. Finalmente, viene a decir Bouthoul, los problemas sociales se arreglan con invenciones que aumenten el espesor racional de la civilización, no con ideas políticas<sup>273</sup>, asilo de la mentalidad mágica<sup>274</sup>.

Una sociología no emocional y despolitizada, esto es: enemiga de la política, debe secularizar la guerra-sacramento<sup>275</sup>, último refugio de lo sagrado en el siglo XX<sup>276</sup>. La guerra practicadas por el nacionalismo, “la más imperiosa de las religiones políticas”, es el sanctasanctórum que atrae hacia sí “el sahemerío sangriento de los sacrificios”<sup>277</sup>. Precisamente porque la polemología “roza lo sagrado”, la opinión pública le paga con una “sorda hostilidad”<sup>278</sup>. En cualquier caso, aquí se encuentra resumido el proyecto científico

---

<sup>271</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 11. Bouthoul recoge el dato de un comentario sobre el libro de M. Jähns *Über Krieg, Frieden und Kultur*. V. G. Valbert, “La guerre et la paix perpetuelle. À propos d’une publication récente”, en *Revue des Deux Mondes*, año 44º, vol. CXXII, pp. 690-701. Jähns, a su vez, toma las cifras de un libro sobre los acontecimientos de la Comuna de autor anónimo: *Essai sur la philosophie de la guerre. Événements de 1870-1871*, Amyot Éditeur, París 1872. El conteo de los planes de paz se le ocurre la década anterior al periodista François Odysse-Barot. Desde 1496 a. de C. hasta el tratado de paz suscrito por Francia e Inglaterra en 23 de enero de 1861 calcula que se han celebrado 8 397 tratados de paz exactamente. Lo que quiere decir que a lo largo de esos 3 357 años solo ha habido 3 130 años de guerra por 227 de paz. Es decir, un año de paz por cada trece de guerras. La media de “eternidad” de esos tratados es de dos años. Parecen pues escritos “sobre una hoja de escaramujo”. V. F. Odysse-Barot, *Lettres sur la philosophie de l’histoire*, Germer, Baillière, París 1864, pp. 20 y 94-95.

<sup>272</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 166.

<sup>273</sup> GB, *L’infanticide différé*, pp. 236.

<sup>274</sup> GB, *Les guerres*, p. 16.

<sup>275</sup> V. R. Caillois, *L’homme et le sacré*, pp. 228-230. Como la fiesta para los primitivos, la guerra es para los modernos una “epifanía de lo sagrado”, a lo que no resulta ajeno, desde luego, la irrupción de la *guerra total* en el siglo XX, “la guerra depurada y esencializada”.

<sup>276</sup> GB, “Les doctrines politiques depuis 1914”, en G. Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l’antiquité*, p. 349.

<sup>277</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 204.

<sup>278</sup> GB, *Les mentalités*, p. 100, nota 1. En todo caso, la guerra asusta y una forma de superar el miedo es darle la espalda. No es la actitud más racional, pero es humana. La polemología como doctrina de la guerra choca pues con la sensibilidad del público, que prefiere el discurso de la paz. Las misma o muy parecidas razones explican también, esos mismos años, el surgimiento de una antropología mitificadora del pasado prehistórico de la especie humana. Para la antropología de posguerra, mayoritariamente



de Bouthoul para la polemología. No serán las doctrinas políticas ni jurídicas ni morales ni económicas las que resuelvan el problema de la guerra y la paz, sino la ciencia y el saber<sup>279</sup>. Es la polemología o la guerra.

La polemología tiene vedada toda forma de servidumbre política, pues no es una ciencia *engagée*. Ni puede ni debe serlo cualquier ciencia social. La investigación científica ha de permanecer separada de la actividad política y de las aspiraciones universalistas de la moral<sup>280</sup>. Ello no quiere decir que la polemología sea una disciplina amoral, éticamente indiferente o descomprometida y, según algunos, hasta misógina. Que nadie discuta sus buenos sentimientos<sup>281</sup>. “Mi compromiso ético *va de soi*. Si tengo que proclamar y repetir mi buenas intenciones me pongo en ridículo”<sup>282</sup>. Ironía que supone una enmienda integral del proyecto de los *Peace Researchers*. Ante quienes le interpelan o le silencian por la altivez de su ciencia o por su impertinente *détachement olympique*<sup>283</sup>, actitud insufrible para los profetas de la paz, Bouthoul declina convertir la polemología en una ciencia utilitarista y politizada o en una máquina de propaganda de guerra: *ancilla idolorum tribus*<sup>284</sup>.

Una ciencia objetiva de la guerra debe esquivar en este punto dos escollos: la impaciencia de los activistas<sup>285</sup>, milenaristas afanosos de soluciones automáticas e inmediatamente operativas, pero sobre todo la “obsesión de juzgar”<sup>286</sup>. Bajo estas dos condiciones, la polemología despolitiza el juicio, permanece neutral en un sentido político y se libera de la

---

neorrusoniana, el hombre paleolítico era un ser virtuoso y pacífico... Tiene toda la razón Lawrence H. Keeley al apuntar que “los antropólogos cuya interpretación coadyuva a pacificar artificialmente el pasado están en cierto modo poseídos por el espíritu de su época”... La misma razón que, por otro lado, asiste a Marylène Patou-Mathis cuando afirma que existe un mito del “salvajismo de los prehistóricos” inmediatamente anterior, forjado en el último tercio del siglo XIX para justificar el discurso del progreso y la civilización. V. L. H. Keeley, *War before Civilization*, p. 170. Cfr. M. Patou-Mathis, *Préhistoire de la violence et de la guerre*, Odile Jacob, París 2013, pp. 135-155. Sea como fuere, el espíritu al que Keeley imputa las mistificaciones de la antropología pacifista es el mismo que empuja el desarrollo de la polemología y da vuelos a la irenología de los *Peace Researchers*.

<sup>279</sup> GB, *L’infanticide différé*, pp. 236-237.

<sup>280</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 9.

<sup>281</sup> GB, *La paix*, P. U. F., París 1974, p. 12.

<sup>282</sup> GB, “Biologie sociale et communication”, en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974, p. 57.

<sup>283</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 11.

<sup>284</sup> Entre los mayores enemigos de la sociología se cuentan los *idola tribus*, que la empujan a justificar preferencias y pasiones del grupo al que pertenece el científico. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 500.

<sup>285</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 162.

<sup>286</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 168.

manía de tomar partido en cada conflicto por uno de los contendientes<sup>287</sup>. No extraña que Bouthoul invoque con agrado el patrocinio del jesuita español Luis de Molina y su juicioso concepto de la guerra interestatal<sup>288</sup>. Si se opta por el utilitarismo y la ideologización, el compromiso político arruina la ciencia, particularmente una ciencia de la guerra y la paz. Esa es su experiencia precisamente en el Congreso de Sociología de Évian de septiembre de 1966, en el que por primera vez se le hace sitio a la polemología en distintas secciones. Sin embargo, lo que en esas jornadas comienza siendo “la anticipación del final de un diálogo de sordos” con los delegados oficiales de los países del este, concluye como el rosario de la aurora, pues cualquier opinión es la ocasión para que se cuelen en el simposio puntos de vista encontrados sobre la guerra del Vietnam, viciando toda actividad seria en secciones como la dedicada a las “investigaciones sobre los conflictos y sus soluciones”<sup>289</sup>.

La constitución de una ciencia de las guerras nunca ha sido más urgente: “hoy es el problema número uno”. De ello depende, truena Bouthoul, “la suerte de la humanidad”, pues “mañana la guerra será una catástrofe”. Sin la polemología, las otras ciencias y sus progresos pueden resultar superfluos<sup>290</sup>. No excluye, sin embargo, otras aproximaciones tradicionales a los conflictos armados, sino que se añade a todas ellas. “Y digo bien: se *añade* a ellos, pero no los *reemplaza*”<sup>291</sup>.

En la primera parte de su tratado polemológico explica Bouthoul que el método de una ciencia particular de la guerra, dependiente de las reglas y principios generales de la sociología, tiene sus singularidades en razón de la naturaleza del fenómeno observado. Esta “metodología de la guerra”, *in fieri* durante décadas, se ha visto impedida por la

---

<sup>287</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 161.

<sup>288</sup> GB, “Le Congrès de Sociologie d’Évian et la Polemologie”, en *Guerres et Paix*, n° 4, 1967/2, p. 8. GB, *Les guerres*, p. 54: “toda guerra es justa por sus dos lados”. Cfr. M. Fraga Iribarne, *Luis de Molina y el derecho de la guerra*, C. S. I. C., Madrid 1947, espec. cap. 5. La guerra en Molina siempre es justa *formaliter* (subjetivamente), aunque no lo sea *materialiter* (objetivamente).

<sup>289</sup> GB, “Le Congrès de Sociologie d’Évian et la Polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 4, 1967/2, pp. 5-6.

<sup>290</sup> GB, *Les guerres*, pp. 24-25.

<sup>291</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 177. René Carrère distingue la polemología de seis enfoques tradicionales del fenómeno guerra-paz: el histórico, el filosófico y moral, el político y diplomático, el jurídico, el militar y el pacifista. “La polemología no puede ignorarlos [...] pero constatando sus limitaciones y fracasos propone un enfoque sociológico [multidisciplinar]”. V. R. Carrère, “L’Institut Français de Polémologie et ses activités”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril de 1974, pp. 81-82.

confluencia de ciertos obstáculos<sup>292</sup>. El más importante, tal vez, lo que llama “pseudoevidencia de la guerra”. Acostumbrados a ella por la literatura y, desde hace un siglo o poco más por el cine, pero también por los monumentos desde épocas remotas y hasta por los nombres vigentes en el callejero y los juegos infantiles, la guerra parece algo inmediatamente perceptible. La guerra *se conoce* por instinto, lo que la hace inasequible al pensamiento y vuelve inútil la reflexión. Nos la sabemos de memoria, *par coeur*, sin esfuerzo racionalizador, caso único entre los fenómenos sociales... Y caso falso. La evidencia, que tiene una función intelectual nada desdeñable<sup>293</sup>, se hace en este punto mera costumbre que ahorra pensar, bien por hábitud (*évidence-habitude*), bien por aceptación conformista de ciertos principios dogmáticos (*évidence-conformiste*)<sup>294</sup>.

Se opone también a la configuración de esta sociología especial la creencia inveterada en el carácter consciente y caprichoso o voluntarioso de la guerra, actividad decisionista en resumidas cuentas. Bouthoul no cree que esta dependa de nuestra voluntad o capricho, sino que es una acción que tiene más de necesidad. Así que las presuntas motivaciones conscientes que la explican son a su parecer más bien ilusorias<sup>295</sup>. Consecuencia de lo anterior es el efecto pernicioso del “ilusionismo jurídico” (*illusionisme juridique*) sobre el estudio científico de las guerras. “El Derecho Internacional constituye efectivamente una barrera interpuesta entre las guerras y quienes aspiran a comprenderlas”. Los ocho mil tratados que dan un título efectista a un conocido libro de Bouthoul constituyen su prueba de cargo contra el fetichismo de la inmensa mayoría de los jusinternacionalistas.

Nada pues representa mejor la aspiración de Bouthoul a un pacifismo científicamente fundado, superador por tanto de los mencionados obstáculos, que su divisa polemológica: *Si vis pacem, gnosce bellum*. La actitud y la política tradicionales o clausewitzianas aconsejaban otra cosa: *Si vis pacem, para bellum*. El jusinternacionalismo pacifista de los años veinte, por su parte, confía en la proscripción de la guerra y en las buenas palabras. Así describe

---

<sup>292</sup> Para lo que sigue: GB, *Les guerres*, pp. 7-11.

<sup>293</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 255-256.

<sup>294</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 257-258.

<sup>295</sup> Sobre este aspecto no intencional de la guerra *v. infra*, cap. 6, § 1.

Bouthoul el afán de todo ese mundo viejuno salido de *Weimar, Genf und Versailles*<sup>296</sup>: “Si quieres la paz, prepara hermosos discursos”. O lo que viene a ser lo mismo: *Si vis pacem, para pacem*, según reza en el controvertido monumento del pueblo de Saint-Martin-d’Estreaux, en el Loira, a sus hijos caídos en la Gran Guerra. *Si quieres la paz, organiza la paz*. Esta es la divisa hasta cierto punto tautológica del pacifismo retórico, porque en la del combativo rezaría algo parecido a esto otro: *Si quieres la paz, mueve guerra contra la guerra*, o su improvisado equivalente latino *Si vis pacem, move bellum contra bello*. Los pacifistas armados, como el bobo proverbial Gribouille, dirá Bouthoul, se arrojarían al río con secreta autosatisfacción para evitar la lluvia: declararían la guerra para salvar la paz con la conciencia tranquila<sup>297</sup>. En las circunstancias actuales no hay a su entender otra alternativa a la guerra que la polemología: *Si quieres la paz, conoce la guerra*<sup>298</sup>.

La inspiración de la divisa polemológica por excelencia le viene tal vez a Bouthoul de los *Thoughts on War* de Basil H. Liddell Hart, una colección de aforismos y glosas redactados durante veinte años en el *Interbellum* que el historiador militar inglés publica en 1944 como anticipación o, en su defecto, sucedáneo de un tratado general sobre la guerra<sup>299</sup>. En efecto, en una anotación de abril de 1932 reza así: “Rational pacifism must be based on a new maxim: *if you wish for peace, understand war*”. Poco después, en mayo, apunta lo siguiente: “We have come to doubt the old maxim: *if you wish for peace, prepare for war*. But we have still to learn a new and truer maxim: *if you wish for peace, understand war*”<sup>300</sup>. Si Bouthoul ha tenido noticia de estos pasajes de *Thoughts on War*, libro poco o mal conocido por el público, incluido el especialista, y nunca mencionado en su obra, no puedo asegurarlo, pero parece bastante probable a juzgar por la conclusión de *Cent millions de*

---

<sup>296</sup> Manifiesta es en este punto la coincidencia de G. Bouthoul o, más bien, su *sintonía* con la onda de gran crítica política jurídica del *Interbellum* de Carl Schmitt. V. C. Schmitt, *Positionen und Begriffe im Kampf mit Weimar-Genf-Versailles*, Dunker u. Humblot, Berlín 1994.

<sup>297</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 250.

<sup>298</sup> Las referencias al *Si vis pacem, gnosce bellum* menudean en la obra de Bouthoul. GB, *Le défi de la guerre*, p. 176. Pero también lo registra el colofón de su primer libro de posguerra: GB, *Cent millions de morts*, p. 218. GB, *Sauver la guerre*, p. 250. Viene incluso en exordio, no en latín, sino en francés (*Si tu veux la paix, connais la guerre*), en la cubierta de los primeros quince números de su revista *Études Polémologiques*. A partir del número 16 pasa a la portadilla interior.

<sup>299</sup> V. B. H. Liddell Hart, *Thoughts on War*, Spellmount, Staplehurst 1999. Reparo en la conexión entre Liddell Hart y Bouthoul a partir de una sumaria explicación de Bruno Tertrais a la cita que seguramente corresponde al escritor inglés (*prior in tempore potior in iure*). V. B. Tertrais, *La guerre*, P. U. F., París 2014, p. 3.

<sup>300</sup> V. B. H. Liddell Hart, *Thoughts on War*, pp. 9-10 y 19.

*morts*: “La humanidad se sigue ateniendo a la vieja máxima: Si quieres la paz, prepara la guerra, es decir, ármate y amenaza a los demás. Desmentida esta fórmula miles de veces, ¿no sería mejor decir: Si quieres la paz, conoce la guerra?”<sup>301</sup>. Lo que esto significa es sencillo: la notable, si bien oculta vinculación entre el proyecto racionalizador de la ciencia de la guerra (*Science of War*) de Liddell Hart y la sociología general de las guerras (*Polémologie*) de Bouthoul, inteligencia melliza de la del primero, hasta la fecha ignorada por los *War and Military Studies*.

Ni discursos ni incriminación de la guerra, sino conocimiento de la agresividad colectiva y de las condiciones que la suscitan. La polemología es una *antiphysis* para dominar las fuerzas físicas y sociales que lastiman al hombre, le destruyen y aun le aplastan, así como las pulsiones colectivas que le zarandean como a una bilocha<sup>302</sup>. Es la lección que Bouthoul saca del libro VII de la *Eneida*<sup>303</sup>. “No andamos, nos arrastran, como a las cosas que flotan”, enseña también Montaigne<sup>304</sup>.

En el prefacio de su tesis doctoral deja caer Durkheim, imbuido del optimismo de la ciencia positivista, que la sociología no merece ni una hora de fatiga si finalmente no ha de mejorar la suerte del hombre<sup>305</sup>. Bouthoul, adicto también a la doctrina del progreso por la ciencia, suscribe el mismo pensamiento. *Nobody is perfect*. No le preocupa que le acusen de científicista por “echarse en manos de los expertos”. Mejor “la pedantería que la carnicería”, aforiza. Una ciencia de las guerras es preferible al método de la política

---

<sup>301</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 218: “L’humanité continue à s’en tenir à la veille maxime: Si tu veux la paix prépare la guerre, c’est à dire arme-toi et menace. Peut-être vaudra-t-il mieux dire, après les milliers de démentis infligés à la première formule: Si tu veux la paix connais la guerre”. En el breve prefacio añadido a la edición de 1970 del *Traité de polémologie* se señala también lo siguiente: “Pues ha llegado la hora de sustituir la máxima romana clásica: ‘Si quieres la paz, prepara la guerra’, por la nueva fórmula que yo propongo: ‘Si quieres la paz, conoce la guerra’”. GB, *Traité de polémologie*, pp. 3-4.

<sup>302</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 10. También GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 140: “Marxista o no, toda doctrina que en vez de someterse a las fuerzas de la naturaleza aspira a intervenir en ellas para modificar el curso de sus crueles oscilaciones naturales es una *antiphysis*”.

<sup>303</sup> Reflexión de Hervé Savon. V. H. Savon, “La lección del libro VII de la *Eneida*. (Una carta)”, en *Empresas Políticas*, nº 13, julio-diciembre 2009, pp. 81-82.

<sup>304</sup> V. M. de Montaigne, *Los ensayos. Según la edición de 1595 de Marie de Gournay*, Libros del Acantilado, Madrid 2008, II, 1, p. 481.

<sup>305</sup> V. É. Durkheim, *De la división del trabajo social*, t. 1, p. 51.

tradicional: consentir que los pueblos se truciden para que epiloguen después los historiadores<sup>306</sup>.

La polemología deja a un lado la injuria y la glorificación épica, omnipresentes en la historia –durante siglos apenas una crónica de guerras, campañas y batallas–. Esto es, el *método homérico*<sup>307</sup>. Bouthoul reniega también por ella de otras fuentes de errores<sup>308</sup>. De las analogías puramente verbales, como los sofismas *pars pro toto* y *non causa pro causa*, en la base de toda teoría causalista unilateral. De las peticiones de principio. De los argumentos retorcidos característicos de la explicación *clarum per obscurum*, “fantasmas de las causas primeras” que dan por supuesto lo que hay que dilucidar. Del recurso a la evidencia. Del determinismo. De la reducción arbitraria de ciertos fenómenos a la unidad o del vicio contrario que desprecia el valor de la regla *entia non sunt multiplicanda*. Del abuso de las metáforas. De las personificaciones antropomórficas. De la falacia *post hoc ergo propter hoc*.

La ciencia que Bouthoul propugna en los “lineamentos para una metodología de la guerra”<sup>309</sup> parte de la cuidadosa descripción de los hechos, para pasar luego a una interpretación de los mismos cada vez más elaborada. Es su “método de la objetividad decreciente”. La descripción de los comportamientos psíquicos, atendiendo a la intencionalidad que los propios actores se atribuyen, constituye un hito de ese proceso. Es posible entonces formular una explicación de primer grado (causas ocasionales de las guerras) y otra de segundo (opiniones y doctrinas sobre las guerras en general, una suerte de “filosofía de la guerra”). El polemólogo ha de pasar a continuación a la observación directa de los elementos en ellas constantes: técnicos, psicológicos, económicos y demográficos. En su estadio final, la polemología conjetura las causas, funciones y periodicidad de las guerras y estudia asimismo su morfología y varianza. Tal es el programa científico de Bouthoul, una vida intelectual que gravita absolutamente en torno de la polemología.

---

<sup>306</sup> GB, *Avoir la paix*, p. 249.

<sup>307</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 198.

<sup>308</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 139-145.

<sup>309</sup> GB, *Les guerres*, pp. 18-25.

### 3.2. El neologismo *polémologie*

Jean Guitton, urgido por el “ver todo” (*voir tout*) característico de la filosofía, idea una “metaestrategia” (*métastrategie*) para abordar el inaplazable problema de la guerra<sup>310</sup>, verdaderamente acuciante para él, oficial del ejército francés prisionero en un campo de concentración alemán (Eltershost). En esas circunstancias, año 1943, dicta un curso clandestino a sus camaradas sobre “Cuatro definiciones de la historia”. Advierte entonces que el ensanchamiento de la guerra “pide a todos los que quieren *penser en Tout*” un ensanchamiento paralelo de su inteligencia del mundo histórico<sup>311</sup>. La guerra rebasa pues nuestra mentalización de la realidad de lo político. En ese punto, un nombre nuevo que galvanice la atención puede cambiarlo todo si pone en solfa las ideas recibidas y subleva contra ellas la opinión. La “metaestrategia” relaciona la preparación y la conducción de la guerra con el problema filosófico y psicológico de los fines perseguidos por esta. Preocupaciones muy parecidas asedian a Bouthoul en la misma época<sup>312</sup>. También este encuentra un *nombre nuevo* para un saber sobre la guerra adecuado a los tiempos.

Una ciencia de las guerras, objetiva, sin anatemas ni apología podría llamarse *Polémologie*, nombre propio que a Bouthoul le parece preferible a otros dos que seguramente ha tomado antes en consideración: *Polématique* y *Bellique*<sup>313</sup>. No por esnobismo, pues a Bouthoul le repugnan los neologismos superfluos, sino precisamente para distinguir el estudio del fenómeno guerra del de la táctica, la estrategia o la historia de las batallas, lo que en las escuelas de guerra se conoce como ciencia de las guerras<sup>314</sup> o ciencia de la guerra, ha propuesto la voz *polémologie*<sup>315</sup>, que tiene siquiera la ventaja de evitar las siempre enojosas perífrasis. “Nombre un tanto bárbaro –me disculpo por ello–, pero que hacía

---

<sup>310</sup> V. J. Guitton, *La pensée et la guerre*, pp. 17, 22 y 148-149.

<sup>311</sup> V. J. Guitton, *Historia y destino*, Rialp, Madrid 1977, p. 229.

<sup>312</sup> A. J. Guitton y G. Bouthoul, con intereses coincidente, les amista R. Carrère, compañero de cautiverio del primero. Guitton reconoce su admiración de años por Bouthoul y su obra. J. Guitton, “Préface”, en G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*, p. 14. GB, “Un livre de Jean Guitton. *La pensée et la guerre*”, en *Le Monde*, 19 de agosto 1969, p. 6.

<sup>313</sup> GB, *Cent millions de morts*, pp. 219-220.

<sup>314</sup> Según Bouthoul, esta no es propiamente una ciencia, sino más bien una técnica o un arte, “el de la organización de los ejércitos, de la táctica y de la estrategia, del empleo de las herramientas y máquinas de destrucción y de práctica de los combates”. GB, *Les guerres*, p. 7.

<sup>315</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 63.

falta imaginar para diferenciar [el estudio objetivo del fenómeno-guerra] de lo que se enseña en Saint-Cyr”<sup>316</sup>.

El término es radicalmente nuevo, aunque el molde se lo puede haber encontrado Bouthoul en *polémomanie*, palabra inventada por el pacifista Louis Mézières como sinónimo de *morbo bellico*, una “epidemia contagiosa generalizada en el siglo XIX” y de la que en buena medida responsabiliza a Francia, el país más belicoso de Europa<sup>317</sup>. Me limito a apuntar, para los filólogos, una impresión mía que, de todas formas, a Bouthoul ni le da ni le quita. En menos de cuatro años desde que se acuña y circula, *polémologie* es recogida por el *Larousse Mensuel Illustré* en la primera entrega publicada después de la contienda<sup>318</sup>. Se puede considerar desde ese mismo momento una palabra bien placeada.

El nuevo término no deja de ser un eco más de la Segunda Guerra Mundial en la lexicografía francesa<sup>319</sup>. Se trata en todo caso de un eco persistente, pues el *Larousse* sigue recogiendo esta escueta mas precisa y bien referenciada definición de *polémologie*: “Nombre femenino (griego *polemos*, guerra). Estudio de la guerra considerada como fenómeno de orden social y psicológico. (Término creado en 1945 por Gaston Bouthoul)”<sup>320</sup>.

Además de la favorable acogida en el *Larousse*, a la que siguen después las de otros diccionarios no menos significativos como el *Littré*, el *Robert*, el *Lexis* o el *Trésor de la langue française*<sup>321</sup>, *polémologie* no tarda en arraigar en el lenguaje científico, transliterada con suma

<sup>316</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 169.

<sup>317</sup> V. L. Mézières, *De la Polémomanie ou Folie de la guerre dans l'Europe actuelle*, p. xxvii.

<sup>318</sup> V. “Polémologie”, en *Larousse Mensuel Illustré*, n° 401, enero 1948, p. 11.

<sup>319</sup> Al respecto v. J. Pruvost, “Les échos de la Seconde Guerre mondiale dans la lexicographie française”, en F. Pernot y V. Tourelle (Ed.), *Lendemain de guerre... De l'Antiquité au monde contemporain: les hommes, l'espace et le récit, l'économie et le politique*, P. I. E. Peter Lang, Bruselas 2010, espec. pp. 22-26.

[<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pol%C3%A9mologie/62137?q=pol%C3%A9mologie#61437>]. Consultado el 3 de julio de 2015.]

<sup>320</sup> [<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pol%C3%A9mologie/62137?q=pol%C3%A9mologie#61437>]. Consultado el 3 de julio de 2015.

<sup>321</sup> El suplemento del *Littré*, sin mencionar a Bouthoul, define la polemología como “estudio sociológico de la guerra”. V. J. Baudeneau y C. Bégué (Ed.), *Dictionnaire de la Langue Française*, Encyclopaedia Britannica France, París 1996, p. 390. Según el *Grand Robert* se trata del “estudio científico de la guerra, considerada como un fenómenos de orden sociológico”. V. P. Robert, *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*, Société du Nouveau Littré, París 1978, t. 5, p. 311. En el *Lexis* se ofrece esta acepción: “Estudio de la guerra considerada como fenómeno sociológico” y secogen además el adjetivo “polémologique” y el nombre “polémologue” (“autor que escribe sobre las batallas o la guerra”). V. J. Dubois, *Lexis. Dictionnaire de la langue française*, Larousse, París 1975. Para el *Trésor* consiste en el “estudio



facilidad a otras lenguas europeas, románicas o no, dada la versatilidad de los étimos griegos. En portugués, italiano o catalán da *polemologia*; *polemología* en español; *polemology* en inglés; *Polemologie* en alemán y neerlandés<sup>322</sup>. En todas estas lenguas se vierte pues con gran naturalidad. Como palabra, más que cuño nuevo parece voz antigua recordada. Siente por ello Bouthoul un legítimo orgullo, pues “la polemología, como anteriormente la sociología, es una creación francesa”<sup>323</sup>. Las objeciones de Edmond Giscard d’Estaing, de la Academia de Ciencias Morales y Políticas, son la excepción que confirma la regla. Al académico le parece un término rebuscado, pues mientras que *bellum* o *béllique* y toda su familia semántica expresan en latín y francés algo que casi todo el mundo entiende inmediatamente, no sucede lo mismo con el griego *polemos*. Existe además, añade, un Institut Français de Pomologie, dedicado al cultivo de la manzana...<sup>324</sup>

Al tener noticia de la existencia del instituto de Bouthoul y de su neologismo, Carl Schmitt apunta en una carta a Julien Freund, a quien debe la noticia y el ejemplar corriente de *Guerres et Paix*, esta preciosa observación: “Sabe que para mí, no menos que para usted mismo, el centro de gravitación de toda polemología es una polemiología (*polémiologie*)”, añadiendo así al de Bouthoul otro neologismo que tampoco parece superfluo<sup>325</sup>. La polemología, cuya raíz es πόλεμος, se ocupa de la guerra o del conflicto, mientras que la polemiología, nombre construido a partir del griego πολέμιος, se refiere a un saber sobre el enemigo o la enemistad. Del mismo modo, una polemicología, del griego πολεμικό, se ocuparía de la belicosidad o la animosidad y tendría por tanto matices distintos a la polemología y a la polemiología.

---

científico de la guerra considerada como fenómeno psicológico y social”. Fecha su aparición, siguiendo mayormente al *Larousse Mensuelle*, en 1948 y recoge también el adjetivo “polémologique” (“relativo a la polemología”), documentado desde 1965. V. Centre Nationale de la Recherche Scientifique, *Trésor de la langue française. Dictionnaire de la langue du XIXe et du XXe siècle (1789-1960)*, Gallimard, París 1988, t. 13, p. 703.

<sup>322</sup> En el griego moderno hace, naturalmente, *polemologias* (πολεμολογίας). En ruso *polemologiya* (polemologiya en caracteres latinos).

<sup>323</sup> V. I. F. P., “Le mouvement polémologique international”, en *Guerres et Paix*, nº 1, 1966/1, p. 66.

<sup>324</sup> V. E. Giscard d’Estaing, “Une critique du terme de polémologie”, en *Guerres et Paix*, nº 6, 1967/4, p. 41.

<sup>325</sup> Carta de C. Schmitt a J. Freund del 1 de mayo de 1969. V. P. Tommissen (Ed.), “Julien Freund: Choix de quelques lettres de la correspondance de Carl Schmitt (III)”, en *Schmittiana. Beiträge zu Leben und Werk Carl Schmitts*, VIII, Dunker u. Humblot, Berlín 2003, p. 28.

Desde principios de los años cincuenta pasa a otras lenguas no solo la palabra, sino también la cosa en sí, la ciencia, aunque sufre modulaciones en su aclimatación local. Los intelectuales de la milicia, particularmente en el mundo hispánico, adoptan tempranamente el neologismo francés, injertado sin dificultad en el español. Sin embargo, para casi todos ellos –españoles, chilenos, argentinos, paraguayos o uruguayos– la polemología es un odre nuevo donde verter el arte militar<sup>326</sup>. Julien Freund, un álgter ego de Bouthoul en la provincia<sup>327</sup>, adopta el término mediados los años sesenta. De la nueva rama de la sociología hará una sociología general del conflicto, impulsando en la universidad de Estrasburgo el segundo instituto de polemología francés, denominado Institut de Polémologie de Strasbourg<sup>328</sup>. Antes incluso se adopta en Holanda, sirviendo para titular el instituto fundado por Bert Röling en 1961, bajo los auspicios de la universidad de Groninga y el Ministerio de la Guerra: Polemologisch Institut<sup>329</sup>. En 1967 se crea el Centre de Sociologie de la Guerre, dependiente del Instituto de Sociología de la universidad libre de Bruselas y bajo la dirección del general Víctor Werner, entusiasta divulgador de la doctrina científica de Bouthoul<sup>330</sup>. Hacia finales de los cincuenta como muy tarde llega también a Italia, en donde la polemología se presenta como una rama de las relaciones internacionales<sup>331</sup>, pero también como una novedosa aproximación psicoanalítica a la guerra, desarrollada por el “Grupo Anti H” del freudiano y pacifista de

---

<sup>326</sup> Particularmente en el caso chileno. V. B. Parada Moreno, *Polemología básica* (1967), Centro de Estudios e Investigaciones Militares (CESIM), Santiago de Chile 2001. Para el general Parada, la polemología estudia los fundamentos o principios de la conducción de la guerra. Exclusivamente. Sobre la recepción de Bouthoul en las escuelas de guerra de la Argentina y Chile v. H. Cagni, “Presencia de Gaston Bouthoul en la Argentina”, en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009, pp. 99-105. Con respecto al Uruguay v. O. Araújo, *Sociología de la guerra*, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Montevideo, Montevideo 1957. Debo noticia y copia de esta obra al padre Salvador Fornieles, capellán de la universidad de Montevideo.

<sup>327</sup> Y muchas más cosas, claro está. V. J. C. Valderrama, “Julien Freund, analista político: contextos y perspectivas de interpretación”, en P. Sánchez Garrido y C. Martínez-Sicluna (Ed.), *Miradas liberales. Análisis político en la Europa del siglo XX*, Biblioteca Nueva, Madrid 2014, pp. 99-127.

<sup>328</sup> Sobre los motivos del profesor lorenés para fundar un instituto de polemología y no “un instituto más para la investigación sobre la paz” v. J. Freund, “L’Institut de Polémologie de Strasbourg”, en *Revue des Sciences Sociales de la France de l’Est*, n° 4, 1975, pp. 333-338.

<sup>329</sup> V. I. F. P., “Le professeur Bert Röling et l’Institut de Polémologie de Groningue”, en *Guerre et Paix*, n° 1, 1966/1, pp. 53-54.

<sup>330</sup> V. I. F. P., “Le Centre de Sociologie de la Guerre à Bruxelles”, en *Guerres et Paix*, n° 5, 1967/3, p. 39 y J. Willequet, *De polemologie aan de Universiteit van Brussel*, Ministerie van buitenlandse zaken, buitenlandse handel en ontwikkelingsamenwerking, Bruselas 1975.

<sup>331</sup> V. G. Zampaglione, “Scienza politica e polemología”, en *La Comunità internazionale*, n° 2-3, 1972, espec. pp. 323-324.

izquierdas Franco Fornari, fundador en 1968 del Istituto Italiano di Polemologia<sup>332</sup>, con sede en Milán. En España, con una valencia pacifista, se funda en 1967 el Instituto Víctor Seix de Polemologia<sup>333</sup>, con sede en Barcelona. También hay noticia de un instituto polemológico –o su proyecto– asociado a la universidad de Madrid y que tal vez solo tuvo existencia sobre el papel<sup>334</sup>. En Suiza divulga su pensamiento el diario liberal *Journal de Genève*, en el que se registra su nombre y comentan sus obras desde 1947, pero sobre todo a partir de 1968<sup>335</sup>. La presencia de Bouthoul en Ginebra, ciudad a la que se vincula antes de la guerra por la *Société de Sociologie* de G.-L. Duprat, no es solo escrita, sino también radiodifundida. Pero no es suficiente para orientar polemológicamente la fundación de un instituto especializado, finalmente un calco del SIPRI de Estocolmo: Geneva International Peace Research Institute (GIPRI). En ningún país de Europa tiene lugar un debate público tan intenso como el suizo para dilucidar si ha de constituirse una polemología o una irenología, “fórmula esta última que adoptan las investigaciones sobre la paz en manos de los teóricos de la violencia estructural”<sup>336</sup>.

<sup>332</sup> V. F. Fornari (Ed.), *La desmitificación de la paz y de la guerra*, Dopesa, Madrid 1971. Su obra más importante en este campo, *Psicoanálisis de la guerra* (1966), parte expresamente de la teoría bouthouleana, a la que aplica el método psicoanalítico para concluir que oculto detrás de la guerra opera un “mecanismo de elaboración paranoica del duelo”. V. F. Fornari, *Psicoanálisis de la guerra*, Siglo XXI Editores, México 1972, *passim*.

<sup>333</sup> V. A. Oliveres, “Apunte sobre el Institut Víctor Seix de Polemologia”, en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009, pp. 107-108. Cfr. I. F. P., “L’Institut de Polemologia Victor Seix à Barcelone”, en *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975, pp. 74-76.

<sup>334</sup> En una relación de actividades internacionales del I. F. P. se menciona la visita de dos representantes de la “Asociación de Estudios Polemológicos” de Madrid para conocer los métodos e investigaciones de la polemología francesa. V. I. F. P., “Activités de l’Institut Français de Polémologie (octubre 1977 à décembre 1978)”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978, p. 116. En la misma relación (p. 117) se registra la “visita de diez altas personalidades españolas”, a quienes se ofrece una conferencia sobre la investigación polemológicas y sus aplicaciones. En 1981 se encuentra otra referencia a la misma asociación, esta vez con la precisión de que se encuentra “en proceso de constitución”. V. I. F. P., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (janvier 1979 à avril 1981)”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, p. 169. Imposible descubrir la identidad de estos investigadores... El español, con algunas excepciones afortunadas, es un ser que no contesta cartas, desprecia la acribia y nunca pone su memoria al servicio de sus compatriotas por nada.

<sup>335</sup> *Journal de Genève* publica con cierta regularidad extractos e informaciones de *Guerres et Paix* y *Études Polémologiques*, mayormente artículos de Gaston Bouthoul. También inserta una necrología. V. [Anón.], “Deux disparitions”, en *Journal de Genève*, 19 de diciembre de 1980, p. 3.

<sup>336</sup> V. H. Savon, “Autour de la polémologie en Suisse”, en *Études Polémologiques*, n° 7, enero de 1973, p. 63. Savon expone en su nota ese vivo debate suizo del primer semestre de 1972. V. H. Savon, “L’Institut Suisse pour l’Étude des Conflits et le Maintien de la Paix”, en *Études Polémologiques*, n° 11, enero 1974, p. 53. Como apunta en otro lugar, el mayor problema de la polemología mundial es en ese momento el de “sus relaciones con la política”. V. H. Savon, “Polémologie et *Peace Research* dans le monde. Bilan analytique et critique des recherches sur la guerre et la paix à la fin de 1971”, en *Études Polémologiques*, n° 4,

La *irenologie* o irenología es el reflejo de la ciencia y el neologismo inventados por Bouthoul, palabra trasvasada también a otras lenguas, aunque con bastante menos éxito, arrinconada muy pronto por el *Peace Research* y la *Friedensforschung*. Acuña el término el periodista y profesor belga Paul G. M. Lévy<sup>337</sup>, aunque durante algún tiempo se atribuye a su connacional el general Victor Werner, empezando por el propio Bouthoul<sup>338</sup>. Bouthoul da la bienvenida a la irenología por su perfecta simetría formal y material con la polemología<sup>339</sup>, pues paz y guerra son la cara y la cruz de una misma moneda. En la paz germinan las fuerzas vitandas que abocan a la guerra... y de la guerra sale la paz. *Ex bello pax*<sup>340</sup>. Enseñanza de la empresa IC, *Merces belli*, de Saavedra Fajardo, diplomático barroco y *sociologo per caso*<sup>341</sup>.

Las dos nuevas ciencias constituyen un tándem<sup>342</sup>: corresponde a la polemología estudiar el fenómeno-guerra y a la irenología el fenómeno-paz. Frente a la ambigüedad de la etiqueta anglosajona hegemónica, *Peace Research*<sup>343</sup>, que al mismo tiempo sugiere la *busca de la paz* (*recherche de la paix*), en el sentido del pacifismo politizado o ideológico clásico, y la *investigación sobre la paz* (*recherche sur la paix*), es decir, un conjunto de indagaciones fundamentales sin objetivo práctico inmediato, la expresión irenología resulta sumamente útil. Según Bouthoul permite distinguir, justamente, entre el pacifismo declamatorio y

---

abril de 1972, p. 17. En el debate suizo participa Bouthoul como representante del empirismo racional de la gran tradición sociológica, contrapuesto a la otra fuente de la investigación sobre la paz: el mesianismo. GB, “Der Wille zum Frieden und das Wissen vom Krieg. Polémologie: Wissenschaft vom Ueberleben”, en *Neue Zürcher Zeitung und Schweizerisches Handelsblatt*, n° 176, 16 de abril 1972, p. 37.

<sup>337</sup> No puedo precisar dónde ni cuándo, pero Julien Freund se lo atribuye categóricamente a su *compère* Lévy. No veo motivo para cuestionar su atribución. V. J. Freund, “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 24, 1981, p. 31. V. P. G. M. Lévy, “Hereux ceux qui ont connu Julien Freund!”, en *Revue de Sciences Sociales de la France de l’Est*, 1994, p. 136.

<sup>338</sup> GB, *La paix*, p. 5.

<sup>339</sup> GB, *Avoir la paix*, p. 27.

<sup>340</sup> Epigrama del emblema CLXXVIII del *Emblematum liber* (1531) de Andrea Alciato.

<sup>341</sup> Tomo a vuelo la feliz expresión que Carlo Gambescia pone a punto en su busca a contracorriente de un canon sociológico, político y aun metapolítico. V. C. Gambescia, *Sociologi per caso. Dante, Machiavelli, Evola, Jünger, Mann, Tolstoj, Pasolini*, Il Foglio, Piombino 2016, pp. 9-19. V. D. Saavedra Fajardo, *Empresas políticas*, pp. 1015 ss.

<sup>342</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 36.

<sup>343</sup> En el fondo, el *Peace Research* nace superpuesto a la polemología. La adopción de ese nombre es una estrategia para no soliviantar la sensibilidad del público en general y seducir la voluntad de eventuales mecenas. GB, *Les guerres*, p. 534.

pseudocientífico, que actúa sobre las causas primeras, y la verdadera ciencia de la paz, que actúa sobre las causas segundas<sup>344</sup>.

Como P. A. Sorokin, R. Aron o, diez o doce años después de ellos, J. Freund, G. Bouthoul aspira a superar una decepción y a liberarse de una manía: la guerra y su remedio. Para explicar la motivación que le impulsa a escribir los cuatro tomos de su *Social and Cultural Dynamics* relata Sorokin su estupefacción frente a los acontecimientos que se precipitan en Europa de 1913 a 1937: adicto al progreso, a la revolución, al socialismo, a la democracia y al positivismo científico, le resulta imposible dar razón de lo que ha sucedido. “Durante mucho tiempo andaba a tientas por la oscuridad”<sup>345</sup>. Aron discurre para curarse también la angustia prebélica. No se le ocurre convertirse al pacifismo, de donde venía, discípulo de Alain, sino a la política realista<sup>346</sup> y escribir uno de los grandes tratados del siglo pasado sobre las relaciones internacionales<sup>347</sup>. Freund abandona sus prebendas de resistente y su posición política, botín de guerra, y se recoge a discurrir, único modo de superar, a su ver, sus grandes desengaños políticos<sup>348</sup>. Bouthoul se ha sacado una ciencia de la cabeza y le ha puesto nombre. Simultáneamente funda un centro especializado, hasta hoy único en su género y ha pasado casi un cuarto de siglo desde su desaparición oficial. Concebido para irradiar su influencia científica y encauzar el

---

<sup>344</sup> GB, “Communication de M. le professeur Gaston Bouthoul”, en Centre de Sociologie de la Guerre, *La paix par la recherche scientifique. Études de sociologie de la guerre*, Institut de Sociologie, Bruselas 1971, pp. 282 y 293. Piensa lo mismo de la polemología Paul M. G. Lévy: “la polemología pura que estudia la verdad sobre la paz y la guerra es esencialmente diferente de la polemología aplicada que tiene como objeto la búsqueda de la paz”. Tiene aquella un “objetivo de verdad” y esta un “objetivo de eficacia”. V. P. M. G. Lévy, “La paix par la vérité”, en Centre de Sociologie de la Guerre, *La paix par la recherche scientifique*, pp. 215 y 217. También de interés en este punto la erudición de P. Tommissen, “En torno a la polemología”, en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009, especialmente sus puntualizaciones semánticas sobre las voces “polemología”, “irenología”, “Fridenforschung”, “Konfliktforschung” y “Peace Research” (pp. 27-30).

<sup>345</sup> V. P. A. Sorokin, *Social and Cultural Dynamics*, vol. I: *Fluctuation of Forms of Art*, The Bedminster Press, Nueva York, 1962, p. ix. El resultado de esa búsqueda se encuentra en el tercer volumen de esa su *opus magnum*. *Fluctuations of Social Relationships, War, and Revolution*.

<sup>346</sup> V. R. Aron, “États démocratiques, États totalitaires”, en *Machiavel et les tyrannies modernes*, Le Livre de Poche, París 1995, p. 175. En la misma antología: “Réflexions de politique realiste”, pp. 379-383.

<sup>347</sup> V. R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*.

<sup>348</sup> V. J. Freund, *L'aventure du politique*, pp. 41-42; J. Freund, *L'essence du politique*. V. también P. Tommissen, “Julien Freund vu sous l'angle de quatre déceptions. Suivi d'un texte inédite de Freund”, en M. Cherkaoui (Ed.), *Histoire et théorie des sciences sociales. Mélanges en l'honneur de Giovanni Busino*, Librairie Droz, Ginebra 2003, pp. 107-113. V. también J. C. Valderrama, *Julien Freund. La imperiosa obligación de lo real*, SEPTEMU, Murcia 2006, primera parte (“Acotación biográfico-intelectual”).

activismo intelectual de Bouthoul, el Instituto Francés de Polemología va a ser, sobre todo, una manera de librarse su fundador de la obsesión de la guerra<sup>349</sup>.

### 3.3. El Instituto Francés de Polemología (IFP)

La polemología es un santo muy modesto que no promete milagros, dice con mucha gracia Bouthoul, cansado de explicar por enésima vez el objetivo de su ciencia<sup>350</sup>. “Con medios económicos irrisorios”<sup>351</sup> funda para alcanzarlo una asociación denominada Institut pour l’Étude Scientifique des Guerres, asociación de la Ley del 1 de julio de 1901 registrada en París en 1945 y de cuya actividad los primeros veinte años no hay más noticia que las telegráficas que apunta Bouthoul en sus primeros libros de la posguerra. Esa es la primera denominación que según Bouthoul, palabras de 1946, recibe la “recién fundada asociación”<sup>352</sup>. Generalmente, sin embargo, le adjudica desde su origen la denominación por la que más adelante será conocido: Institut Français de Polémologie<sup>353</sup>. Posiblemente, el nombre inscrito sea muy parecido, pero tal vez no exactamente el que Bouthoul recuerda: Centre d’Études Scientifiques de la Guerre<sup>354</sup>. Por lo demás, el título recogido en sus publicaciones hasta finales de los años setenta presenta ciertas acotaciones que merece la pena enhebrar, pues traslucen sus intentos de adaptarse a lo que Bouthoul llama “el movimiento polemológico internacional”: Institut Français de Polémologie pour l’Étude Scientifique des Causes des Guerres et des Techniques de Paix<sup>355</sup> (1966-1969), Institut Français de Polémologie pour l’Étude Scientifique des Guerres et des Paix (1969-1973), Institut Français de Polémologie pour l’Étude Scientifique des Guerres, des Paix et des Conflits (1974-1978). Louise Weiss afirma en sus

---

<sup>349</sup> Las ciencias sociales “liberan al hombre de la sociedad”, pues permiten poner a su servicio las fuerzas sociales en lugar de ser de ellas el juguete. GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 171. Más adelante (p. 227) añade: “La sociología permite al hombre sustraerse de las fatalidades sociales. Esa es su finalidad”.

<sup>350</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 176.

<sup>351</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 30.

<sup>352</sup> GB, *Cent millions de morts*, p. 220.

<sup>353</sup> GB, *La guerre*, P. U. F., París 1978, p. 125. GB, *L’infanticide différé*, p. 30. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 179.

<sup>354</sup> V. C. Bertin, *Louise Weiss*, pp. 442 y 500. La fuente de la autora son los papeles de L. Weiss depositados en el departamento de manuscritos de la Biblioteca Nacional de Francia.

<sup>355</sup> En el primer número de *Guerres et Paix* aparece *Institut Français de Polémologie pour l’Étude Scientifique des Causes des Guerres*.

memorias que “el Instituto Francés de Polemología se funda en 1966, por transformación de un título, muy diferente, registrado por Gaston Bouthoul en 1945. Ese título era letra muerta cuando yo acepto, en 1966, asumir la secretaría general del nuevo instituto”<sup>356</sup>. Poco más se puede añadir a los primeros veinte años de un instituto sin actividad. Esa etapa es apenas la historia de un nombre<sup>357</sup>.

Apunta Bouthoul en una nota incidental del segundo tomo del *Traité de sociologie*, publicado en 1954, que al cabo de diez años, a pesar de su determinación, los “esfuerzos para aclimatar en Francia la idea de una *polemología* científica, desgraciadamente, han fracasado”. La gente, escribe decepcionado, sigue creyendo en una concepción providencialista y jurídica de la guerra, rechazando tomarla como “un fenómeno social ordinario que debe estudiarse objetivamente”<sup>358</sup>. Da la impresión de que el proyecto, siquiera en su faceta institucional, ha muerto antes de nacer. Desde luego, Bouthoul no se muestra muy optimista sobre su futuro. Así que *Les guerres. Éléments de polémologie*, el tratado auroral de la nueva ciencia publicado en 1951, adquiere enseguida figura de libro postrero y epilodal.

Pero todo empieza a cambiar cuando Lucien Poirier<sup>359</sup>, uno de los impulsores de la estrategia de disuasión francesa<sup>360</sup>, traba amistad con Bouthoul a su regreso de Indochina (1953) y es afectado en París al Service d'Information de l'Armée. Es el primero de sus encuentros providenciales. El segundo será el que le una la década siguiente, apenas seis años, con Louise Weiss, un mito vivo del pacifismo europeo de los años veinte y treinta. Sin ellos, la historia de la polemología y la del IFP habría sido muy distinta. También, tal

---

<sup>356</sup> V. L. Weiss, *Tempête sur l'Occident (1945-1975)*, Albin Michel, París 1976, p. 73.

<sup>357</sup> A las denominaciones apuntadas hay que añadir también la que aparece impresa en 1958 en la cubierta y en la portada de *La surpopulation dans le monde*: “Gaston Bouthoul [...] fundador del Instituto Internacional para el Estudio Científico de las Guerras” (Institut International pour l'Étude Scientifique des Guerres).

<sup>358</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 216, nota 2. Bouthoul, que tiene ribetes de literato, es muy dado a esconder este tipo de revelaciones e iluminaciones en sus prolijas y eruditas notas. Se trata del mismo tipo de confidencias que trasmina sus prólogos.

<sup>359</sup> Para lo que sigue v. L. Poirier, “Témoignage. [Propos recueillis par Guillaume Montagnon, le 25 octobre 2010]”, en *Études Polémologie*, n° 53, 2012, pp. 173-175.

<sup>360</sup> V. L. Poirier, *Des stratégies nucléaires*, Hachette, París 1977; *Essais de stratégie théorique*, Fondation pour les Études de la Défense Nationale, París 1982; *La crise des fondements*, Economica, París 1991. Estas tres obras representan lo mejor de su doble faceta de teórico de la disuasión y filósofo o epistemólogo de la estrategia. V. Comité d'Études de Défense National, *Lucien Poirier: théoricien de la stratégie. Dans la RDN (1968-2009)*, en <http://es.calameo.com/read/00055811529c6a31a6991> [visitado el 2 de enero de 2016.] V. también F. Gère, “Poirier, Lucien”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, pp. 413-414.

vez, la del propio Bouthoul, el cual, privado del contacto con los cuartos de banderas no habría franqueado, siquiera a los ojos de la comunidad científica, el umbral académico de la sociología militar y de la guerra.

Desgraciadamente, la intrahistoria del IFP tiene muchas y enormes lagunas. Las dos revistas del instituto, *Guerres et paix* y *Études Polémologiques*, bajo diversas rúbricas, ofrecen información sobre su proyección pública (conferencias y cursos dictados por sus miembros en Francia y en el extranjero; asistencia a congresos científicos; presencia en medios de comunicación; publicaciones; intercambios y acuerdos de colaboración con centros homólogos), pero nada o muy poco sobre su actividad de puertas adentro (organización de la investigación; recursos materiales, particularmente financieros). Las crónicas de *Études Polémologiques*<sup>361</sup> permiten seguir con cierto detalle las actividades en las que se implica el instituto desde febrero de 1971 a abril de 1981<sup>362</sup>. A pesar de su utilidad, no pueden sustituir la consulta directa de los archivos del Instituto Francés de Polemología. Sus papeles y materiales de trabajo se encuentran probablemente en Los Inválidos de París<sup>363</sup>, en cuya planta cuarta estuvo la última sede del mismo hasta su liquidación administrativa<sup>364</sup>.

---

<sup>361</sup> Una presentación a vuelapluma de la trayectoria de *Études Polémologiques* en M. Klinger, “*Études Polémologiques* (1971-1990): vicissitudes de la revue de l’Institut Français de Polémologie”, en M. Klinger (Ed.), *Héritage et actualité de la polémologie*, pp. 27 ss.

<sup>362</sup> V. I. F. P., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie. Février 1971-novembre 1972”, en *Études Polémologiques*, n° 7, enero de 1973, pp. 73-79; R. Carrère, “L’Institut Français de Polémologie et ses activités”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril de 1974, pp.; I. F. P., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie. (Octobre 1972-septembre 1974)”, en *Études Polémologiques*, n° 14, octubre de 1974, pp. 110-112; R. Carrère., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (juillet 1974-août 1975)”, en *Études Polémologiques*, n° 18, octubre de 1975, pp. 53-57; R. Carrère, “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (juillet 1975-juin 1976)”, en *Études Polémologiques*, n° 20-21, abril-julio de 1976, pp. 107-109; I. F. P., “Activités de l’Institut Français de Polémologie (de janvier 1976 à octobre 1977)”, n° 22, octubre de 1972-enero de 1977, pp. 95-100; J.-L. Annequin, “Activités de l’Institut Français de Polémologie (octobre 1977 à décembre 1978)”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre de 1978, pp. 113-117; I. F. P., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (janvier 1979 à avril 1981)”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio de 1981, pp. 167-171.

<sup>363</sup> Noticia que debo a G. Montagnon.

<sup>364</sup> Unas pocas referencias a la historia institucional del I. F. P. se pueden encontrar en M. Chillaud, “International Relations in France: the usual Suspects in a French Scientific Fields of Study”, en *European Political Science*, n° 8, 2009, pp. 242-243; F.-B. Huyghe, “Vie et mort d’une discipline: la Polémologie”, en *Médium*, n° 9, 2006, pp. 87-88 y H. Couteau-Bégarie, “La recherche stratégique en France”, en <http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/FD001199.pdf> [visitado el 24 de diciembre de 2015.] Más noticias en G. Montagnon, “L’aventure de l’Institut Français de Polémologie (1945-1993)”, en <https://polemologie.wordpress.com/1%E2%80%99aventure-de-l%E2%80%99institut-francais-de->



a) *Dos mentores: Lucien Poirier y Louise Weiss*

Concedor del valor intrínseco de la sociología de las guerras de Gaston Bouthoul, L. Poirier, director de la *Revue Militaire d'Information*, le encarga colaboraciones para su publicación<sup>365</sup>. Después de pasar por Argelia en dos ocasiones (1955-1957 y 1960-1962), de nuevo en Francia, Poirier se incorpora en 1965 al Centre de Prospective et d'Évaluation, dependiente del gabinete de Pierre Messmer, barón gaullista y ministro de los Ejércitos de 1960 a 1969. El general Poirier ha relatado de qué modo el ministro Messmer le pide información a su jefe de gabinete, Hugues de l'Estoile, sobre Gaston Bouthoul, de quien le ha hablado el ministro holandés de defensa. A De l'Estoile le sorprenden las noticias encomiásticas sobre un compatriota para él absolutamente desconocido. De l'Estoile interroga entonces a Poirier. Por encargo del ministro elabora un dossier sobre su amigo. La ficha de Poirier mueve al ministerio a financiar el instituto a través de un contrato de estudios a favor de Bouthoul. Es el año 1965. De este modo se inauguran más que se relanzan las actividades del IFP<sup>366</sup>.

Necesitado de colaboradores, Poirier pone en contacto a Bouthoul con su compañero de promoción René Carrère, enlace fundamental del IFP con la intelectualidad del ejército francés. Los fondos públicos, con participación de diversos ministerios<sup>367</sup>, afluyen durante una década y desde julio de 1966 permiten la aventura editorial de *Guerres et Paix. Revue trimestrielle de l'Institut Français de Polémologie*, publicada en las Presses Universitaires de France. La revista se mantiene hasta septiembre de 1970, fecha en la que se alcanza el número 17<sup>368</sup>. Como directores de la misma rezan Gaston Bouthoul y Louise Weiss,

---

polemologie-1945-1993-2/ [visitado el 24 de diciembre de 2015] y R. Carrère, "Polémologie", en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, pp. 413-419.

<sup>365</sup> Lo afirma el propio L. Poirier. Yo no he podido consultar esta publicación de difusión muy restringida.

<sup>366</sup> V. F. Géré, "Lucien Poirier", en *Le Monde*, 16 de enero 2013, p. 25. René Carrère considera también decisivas las gestiones del holandés Bert Röling. Röling, seguramente, es el informante del ministro holandés de defensa interesado por Bouthoul. V. R. Carrère, "Bouthoul, Gaston", en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, p. 69.

<sup>367</sup> En la revista *Guerres et Paix*, desde el primer número (julio de 1966), se señalan los ministerios que sucesivamente allegan los fondos: Asuntos Exteriores, Defensa, Educación Nacional, Ministerio para la Investigación Científica (desde abril de 1968). El patrocinio se mantiene, siquiera nominalmente, hasta el último número de *Études Polémologiques* publicado bajo la dirección de Bouthoul (diciembre de 1978).

<sup>368</sup> Integran la serie un total 16 volúmenes, pues los números 14 y 15 (octubre de 1969 y enero de 1970) se recogen en un mismo tomo.

presidente y secretaria general del instituto<sup>369</sup>. No obstante, Weiss reza en el pie de imprenta como gerente y directora legal de la publicación, siendo jurídicamente responsable de la misma. El IFP presenta en las primeras páginas de *Guerres et Paix* su dedicación a la investigación fundamental sobre la génesis de los conflictos armados “bajo la perspectiva de la psicología, el derecho, la historia, la economía, la sociología y los factores técnicos”<sup>370</sup> y al estudio de la paz, particularmente de “sus relaciones y alternancia inseparable con la guerra”. Resulta muy extraño que no se mencione expresamente la perspectiva demográfica.

La sede del instituto es la casa particular de Bouthoul (calle Lauriston, 40), pero la del secretariado del mismo, así como la de la redacción y servicios administrativos de la revista se ubica en el 15 de la avenida del Presidente Wilson, domicilio de Louise Weiss. Allí tiene asilo también la mínima estructura de un gabinete de investigación: una biblioteca y un centro de documentación que sirve a unos pocos colaboradores y jóvenes meritorios científicos. No obstante, la inmensa biblioteca de Bouthoul, probablemente una de las más importante colecciones privadas de Francia sobre sociología de la guerra y asuntos conexos, está también a disposición de los investigadores del IFP

Pero Bouthoul es el polo opuesto a un capitán de empresa. Le sobra iniciativa intelectual, pero le faltan determinación y osadía. Mucha ciencia y poca resolución. Así pues, el encuentro de Louise Weiss con Bouthoul constituye el revulsivo que rescata de su autismo al instituto de polemología, ya que sus problemas no vienen únicamente de la falta de recursos económicos. La pacifista de izquierdas L. Weiss, mujer operosa y activista incansable de la paz, el feminismo y el sufragismo, fundadora de *L'École de la Paix* en 1927 y, desde 1918 a 1934, directora del semanario *L'Europe Nouvelle*, publicación

---

<sup>369</sup> En el número de diciembre de 1967 Bouthoul aparece como presidente del instituto, Weiss como directora y René Carrère como secretario general. Ahí también se da a conocer un comité de redacción que integran, además de Bouthoul, Weiss y Carrère, J.-P. Mauriat, Guy de La Tournelle (ex diplomático) y Hervé Savon. Y la primera relación de correspondientes, tanto personas físicas como jurídicas: el Centro de Sociología de la Guerra de Bruselas; el Instituto Canadiense de Investigación para la Paz; Luis Díez del Corral, catedrático complutense y numerario de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas de España; el profesor Enrico Fulchignoni, de la universidad de Roma; el sociólogo mexicano Luis Quintanilla, de la UNAM; el jurista y polemólogo Bert Röling, del Instituto de Polemología de Groninga; la Sociedad de Investigación sobre el Conflicto de Londres y el profesor de la universidad de Lausana Pierre Jaccard. Un correspondiente de la universidad de Tel Aviv, el profesor Marion Mushkat, queda incorporado en enero de 1968 (nº 7, 1968/1). En el número siguiente, Franco Fornari.

<sup>370</sup> V. I. F. P., “L’Institut Français de Polémologie”, en *Guerres et Paix*, nº 1, 1966/1, p. 3.

consagrada al europeísmo y a los problemas de la paz internacional, se siente por su cuenta anticipadora del proyecto científico de Bouthoul, quien, seguramente para aprovechar el rebufo de su fama, la invita a sumarse al mismo hacia 1964. Pero a Bouthoul le horroriza el charlatanismo<sup>371</sup>, la cala pronto y advierte su ambición sin límites. A Weiss, al parecer, le interesa el instituto tanto como la persona de su fundador. Ambos forman ciertamente una extraña pareja, un *binôme curieux*, según el discreto apunte de L. Poirier. Un ejemplo. Louise Weiss se obstina en conseguir para Gaston Bouthoul una condecoración, halago que ni a sus ojos ni a los ojos de Betty, su mujer, resulta imprescindible<sup>372</sup>. Sus caracteres son de lo más opuesto, aunque en cierto modo L. Weiss complemente al poco práctico y aun menos combativo Bouthoul<sup>373</sup>. Por eso mismo, tal vez, su colaboración tiene fecha de caducidad. Sus caracteres impregnan de modo muy distinto la calle Lauriston y la avenida del Presidente Wilson. En casa de Bouthoul se vive y se hace realidad la polemología rodeado de libros, dossieres de abogado y cuadros. En casa de Weiss, en cambio, apenas se habla de teoría, “reina ahí un ambiente mundano y se bebe té y café”<sup>374</sup>.

La mujer que siempre parece venir de un mitin para ir a otro no puede congeniar con el hombre de modales delicados, encantador, en apariencia “frágil al lado de semejante tornado”<sup>375</sup>. Pero cuenta que está enamorada de él<sup>376</sup>. La *liaison* acaso existe únicamente en la fértil y sensual imaginación de la Weiss. Devaneo o no devaneo, su ruptura trasciende lo estrictamente personal, pues coincide con cambios en la organización interna, pero

---

<sup>371</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 139.

<sup>372</sup> V. C. Bertin, *Louise Weiss*, p. 443.

<sup>373</sup> V. L. Poirier, “Témoignage. [Propos recueillis par Guillaume Montagnon, le 25 octobre 2010]”, en *Études Polémologie*, n° 53, 2012, p. 174.

<sup>374</sup> Comunicación de J.-P. Jouary al autor (5 de enero 2016).

<sup>375</sup> Plástica explicación de C. Bertin, *Louise Weiss*, pp. 443 y 451.

<sup>376</sup> Según C. Bertin, “esta historia de amor no era un secreto para los amigos y familiares de Louise, pero del lado de Bouthoul todos la ignoran: por la edad de los amantes, por la delicadeza de Bouthoul, acostumbrado a no comprometer a una dama y, sobre todo, a no contrariar a su mujer [...]. Entre Gaston y ella se interpone Betty Bouthoul [...]. [Desde el otoño de 1968, Weiss] sabe que esa relación de la que tanto espera está, como las demás, condenada al fracaso [...]. En varias ocasiones pretende reunirse en Antibes con el matrimonio Bouthoul [...], pero en el último momento Gaston le retira la invitación”. V. C. Bertin, *Louise Weiss*, pp. 443 y 451.

sobre todo, de puertas afuera, con la desaparición de *Guerres et Paix* y la ideación de prisa y corriendo de *Études Polémologiques*, título registrado en la primavera de 1971<sup>377</sup>.

En el voluminoso tomo de sus memorias que relata esos años, Louise Weiss apenas se refiere a Bouthoul. Reconoce el mérito de su analogía entre los fenómenos biológicos y los procesos sociales belígenos, la cual, en su opinión, que comparto, permanecerá como una valiosa adquisición científica. Eso es todo. Se atribuye a sí misma, sin embargo, la recluta de los principales colaboradores, la introducción del uso de los ordenadores, la investigación sobre mayo del 68 y la dirección general del instituto. Incluso el método polemológico de los “manómetros belígenos”, retomado y rebautizado después por Bouthoul en sus “barómetros polemológicos”<sup>378</sup>... La realidad, según su biógrafa, es otra. Weiss ha traducido comunicaciones y conferencias de Bouthoul de las que termina apropiándose. Este, sin embargo, tiene la delicadeza de no reprocharle nunca nada. No es extraño que Betty intente hacer ver a su marido que la impulsiva candidata al Premio Nobel de la Paz le explota y le eclipsa allá donde se presenta en nombre del IFP<sup>379</sup>

Louise Weiss abandona el instituto en 1971. Se le ocurre, en revancha, crear una cátedra de polemología universitaria o algo parecido. Su candidato es Julien Freund. Se compromete entonces con el Instituto de Polemología de Estrasburgo, pero se cansa pronto de él y de Freund<sup>380</sup>, un lorenés vehemente y vital pero que es hombre de ley. Enseguida instituye una fundación con sede en Estrasburgo (1971): Fondation Louise Weiss. Se interesa también por un Instituto de Ciencias de la Paz (1972), iniciativa que le presentan, hace suya y domicilia en París, de nuevo en el número 15 de la avenida del Presidente Wilson, su casa particular. Su fundación concede un premio anual que

---

<sup>377</sup> Bouthoul, probablemente exasperado, elabora un dossier para emprender acciones legales contra Louise Weiss por violación de la propiedad intelectual, pero finalmente abandona la idea, prefiriendo dejar pasar el tiempo.

<sup>378</sup> V. L. Weiss, *Tempête sur l'Occident (1945-1975)*, pp. 73 y 75. Todas estas invenciones o deslices de la memoria no necesitan de comentarios cuando se conoce la obra de Bouthoul y los contenidos de *Guerres et Paix*. V. C. Bertin, *Louise Weiss*, p. 443.

<sup>379</sup> V. C. Bertin, *Louise Weiss*, p. 453 y 479.

<sup>380</sup> V. C. Bertin, *Louise Weiss*, pp. 453 y 459-460.

reconoce las contribuciones más valiosas en el campo de las ciencias de la paz, pero que Bouthoul nunca recibe<sup>381</sup>. Y así todo.

Después del trance intelectual y personal que termina con la estampida de L. Weiss, todo vuelve a su origen. El primer número de *Études Polémologiques* aparece en julio de 1971. Con una tirada a la sazón corta, seguramente no venal<sup>382</sup> y encuadernado a caballete, solo contiene dos estudios –uno sobre los barómetros polemológicos<sup>383</sup> y otro sobre las situaciones belígenas en China–, pero ni trae antepuesta declaración alguna de intenciones ni se da en ella explicación de la sucesión de *Guerres et Paix*. Se nota por la falta de escrúpulos formales que la nueva revista ha venido al mundo de cualquier modo. Tenía que aparecer a toda costa, seguramente para mantener la continuidad de la serie anterior y evitar que el círculo intelectual generado a su alrededor se desperdigue.

La reorganización del instituto y la administración de la nueva revista debe de ser un proceso lento, pues inicialmente ni siquiera figura el organigrama de la publicación<sup>384</sup>, tan solo el del IFP, limitado exclusivamente a las figuras del presidente-fundador y director de investigaciones (G. Bouthoul), del subdirector de investigaciones (R. Carrère) y de la secretaria y traductora (Hélène Faup<sup>385</sup>). A partir del número 6 (octubre de 1976) reaparece el cuadro de los miembros correspondientes del instituto de la época de *Guerres et Paix* con nuevas incorporaciones: Peace Research Institut de Tampere; Japan Research Group de Tokio y la revista *Beiträge zur Konfliktforschung* de Colonia. A los que se suman: Boutros Ghali, de la universidad de El Cairo (abril de 1974, número 12); John R. Raser, de la Murdoch University de Australia y Raoul Lonis, de la universidad de Dakar (abril 1975,

---

<sup>381</sup> V. [Anón.,] “La Fondation Louise Weiss et ses Prix”, en Jean Leclant *et al.*, *Louise Weiss l'euro péenne*, Fondation Jean Monnet pour l'Europe, Lausana 1994, pp. 441-453.

<sup>382</sup> En el encarte publicitario que acompaña al número 3 (enero de 1972) se anuncia que el número 1 está agotado y que “puede consultarse en las bibliotecas de París y de provincia o en el Instituto Francés de Polemología”.

<sup>383</sup> GB, “Les baromètres polémologiques”, en *Études Polémologiques*, nº 1, julio 1971. El mismo texto, con la adición de de dos breves párrafos finales, se reproduce, con el mismo título al año siguiente: GB, “Les baromètres polémologiques”, en *Études Polémologiques*, nº 4, abril 1972. El texto, que Bouthoul debía considerar importante, tal vez no circula como esperaba, dada la precariedad del número 1 de la nueva revista. Por otro lado, cabe pensar también en un acto de afirmación de su derecho moral de autor sobre los barómetros polemológicos, discutido por Louise Weiss.

<sup>384</sup> En el pie de imprenta, requerido por la ley de prensa, reza Bouthoul como director de la publicación.

<sup>385</sup> *Guerres et civilisations*, el último libro de Bouthoul, está dedicado a “Hélène Faup à qui l'Institut Français de Polémologie doit tant”.

número 16). En enero de 1973 (número 7) se relacionan los miembros de un comité de honor: Fernand Braudel, Hubert Deschamps, Jean Fourastié, Jean Guilton, Maurice Le Lannou, Jean Mistler y Jacques Rueff, todos ellos intelectuales consagrados del Colegio de Francia, la Sorbona, el Instituto de Francia o la Academia Francesa<sup>386</sup>. Comités de este tipo existen en la mayoría de publicaciones o asociaciones científicas y rara vez resultan operativos. Su significación no es orgánica, sino puramente simbólica. En este caso, además, se trata de un espaldarazo personal, desde arriba, a quien ya ha dado a las prensas lo más granado de su pensamiento.

*b) Un equipo de alta competencia*

El general De Bordas, presidente de la FEDN, encomia la labor científica del Instituto Francés de Polemología con motivo de su transformación: “La polemología existe y está muy viva. La polemología francesa ha hecho escuela y es reconocida en el extranjero. Debe su audiencia a su inventor, pero también al equipo de alta competencia que este reúne a su alrededor y al que sabe transmitir su fe en la necesidad y el futuro de sus investigaciones”<sup>387</sup>. En efecto, cuando se conoce a fondo la labor del IFP sorprende la capacidad de sus miembros y el ojo clínico de Bouthoul para seleccionarlos. Desde luego, ha sabido rodearse de colaboradores serios y de una trayectoria tal vez modesta, pero acreditada y digna (académicos y oficiales del ejército), también, en algunos casos, de estudiantes con mucho futuro y sin cartas credenciales, salvo su capacidad intelectual (doctorandos, recién licenciados e incluso, en un caso notable, un aventajado *lycéen*). Unos y otros firman artículos en las revistas de la casa, representan al instituto y al propio fundador en foros académicos nacionales e internacionales y desarrollan investigaciones fundamentales. Bouthoul es el epónimo indiscutible del instituto, pero también les cuadraría el mismo atributo, por su sintonía con el fundador, de quien son verdaderamente expositores y, en cierto modo, continuadores, al general René Carrère y al historiador Hervé Savon.

---

<sup>386</sup> Con Jean Cazeneuve, del Instituto de Francia, cuenta en enero de 1974 (número 11). Con Jean Hamburger, académico de las de Ciencias y Medicina, en febrero de 1976 (número 19).

<sup>387</sup> V. Henri de Bordas, “Éditorial”, en *Études Polémologiques*, n° 24, 1981, p. 5.

Hervé Savon, investigador (*ingénieur de recherche*) del Colegio de Francia varios años, es uno de los colaboradores más activos y discretos de Bouthoul. Se incorpora a la redacción de *Guerres et Paix* desde el primer momento, “contactado por Louise Weiss y reclutado por Gaston Bouthoul”<sup>388</sup>. Sus contribuciones son constantes y muy variadas desde el número 2 (1966), prolongándose hasta el número 23 de los *Études Polémologiques*. Mano derecha y portavoz del fundador hasta su muerte<sup>389</sup>, el suyo es un trabajo de fondo, no del todo visible pero fundamental para la configuración de una sólida línea científica del instituto y las revistas, órgano de expresión del mismo. Redacta reseñas y cuida de la bibliografía recibida en el instituto. Llama la atención de los polemólogos sobre algunos libros importantes, de circunstancias como *La révolution introuvable*, de Raymond Aron, o de largo aliento, como *Violence et utopie*, de Julien Freund, y *La violence et le sacré*, de René Girard<sup>390</sup>. En su primera contribución importante, “La révolte d’Absalon”, ofrece una sugestiva visión de las revueltas universitarias de mayo de 1968, en las que a su juicio se trasluce “la angustia de los huérfanos”<sup>391</sup>. Mención aparte merecen sus escritos sobre Erasmo, Nietzsche o Heidegger<sup>392</sup>, conato tal vez de un programa más amplio sobre la filosofía de la guerra asumido por otro de los colaboradores destacados de la revista, el historiador de la filosofía Alexis Philonenko<sup>393</sup>.

---

<sup>388</sup> La integración del profesor Savon, carmelita descalzo exclaustrado, en el I. F. P. no deja de ser una actividad complementaria (y remunerada hasta la ruptura de Weiss y Bouthoul) de su labor en el Colegio de Francia. En la crisis del I. F. P. toma partido por Bouthoul, “[cuyo] pensamiento es preciso redescubrir”. Comunicación de H. Savon al autor (21 de enero de 2016).

<sup>389</sup> En uno de los sumarios de *Études Polémologiques* se destaca la “estrecha afinidad que [H. Savon] mantiene desde hace diez años con el profesor Gaston Bouthoul”. V. I. F. P., “Sommaire”, en *Études Polémologiques*, n° 19, febrero 1976, p. 7.

<sup>390</sup> V. H. Savon, “Les événements de mai 1968 et leurs interprètes”, en *Guerres et Paix*, n° 14-15, 1969/4-1970/1, espec. pp. 73-76; H. Savon, “Paix et utopie”, en *Études Polémologiques*, n° 3, enero 1972, pp. 59-75; H. Savon, “Violence et civilisation”, en *Études Polémologiques*, n° 9, julio 1973, pp. 55-60.

<sup>391</sup> V. H. Savon, “La révolte d’Absalon”, en *Guerres et Paix*, n° 10, 1968/4, p. 33.

<sup>392</sup> V. H. Savon, “Érasme contre la guerre”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril 1974, pp. 125-132. H. Savon, “Philosophie et politique chez Heidegger”, en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974, pp. 96-99; H. Savon, “Agression et agressivité dans la pensée de Nietzsche”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978, pp. 83-94.

<sup>393</sup> Durante casi una década, Philonenko publica en las revistas del instituto varios estudios sobre quienes, tal vez sin pretenderlo, pueden pasar por “filósofos de la guerra”: Maquiavelo, Kant, Fichte, Hegel, Clausewitz, Tolstói, Bergson, de Gaulle. Compilados más tarde, por primera vez en 1976, Philonenko duda si se trata de ensayos polemológicos o más bien de una filosofía de la guerra. Es la amistosa solicitud de Bouthoul y del general Carrère la que le lleva a ocuparse de “los prolegómenos históricos y filosóficos de la polemología”. V. A. Philonenko, *Essai sur la philosophie de la guerre*, Vrin, París 2003, p. 8.

Comisionado por Bouthoul, Savon visita centros homólogos europeos (Alemania, Holanda, Escandinavia) y se documenta sobre sus actividades, escribe sobre ellos en perspectiva, acertando siempre sobre la deriva política del *Peace Research*, ecuánime como él solo. Acude también a congresos internacionales como delegado del IFP. En la VI Conferencia General del IPRA, celebrada en Turku (agosto 1975), Savon presenta la investigación desarrollada por el IFP sobre los grandes conflictos acaecidos entre 1740-1974, publicada al año siguiente como *Le défi de la guerre*<sup>394</sup>. En realidad, Savon conoce perfectamente la deriva de las investigaciones para la paz: bien puede decir que “el gran problema de la polemología internacional es el de sus relaciones con la política”<sup>395</sup>.

Sigue de cerca del desarrollo de la polemología en Suiza, como ya he dicho, pero también en Alemania, subrayando el contrapunto de la polemología francesa y la *Friedens- und Konfliktsforschung* –equivalente alemán del *Peace Research*–. En Alemania se ha operado una convergencia entre el estudio de los conflictos, el activismo político y la utopía, absolutamente contraria a la concepción, métodos y objetivos del círculo de Bouthoul<sup>396</sup>. Lo cual se explica por las fuentes de inspiración de la primera: el *Peace Research* escandinavo, la Escuela de Fráncfort y la tradición protestante<sup>397</sup>.

Pero Savon también desarrolla un programa científico mucho más personal, lo que a Bouthoul le agrada denominar “investigaciones fundamentales”, marca de la casa. Fruto de ese trabajo de varios años es *Du cannibalisme au génocide*<sup>398</sup>, un libro que cierra una etapa en la vida del autor y deja paso a los estudios sobre la patrística y las fuentes cristianas en general, particularmente sobre San Ambrosio de Milán.

---

<sup>394</sup> V. H. Savon, “Une recherche sur les conflits armés de 1740 a 1974”, en *Études Polémologiques*, n° 19, febrero 1976, pp. 45-54.

<sup>395</sup> V. H. Savon, “Polémologie et *Peace Research* dans le monde. Bilan analytique et critique des recherches sur la guerre et la paix a la fin de 1971”, en *Études Polémologiques*, n° 4, abril 1972, p. 17.

<sup>396</sup> V. H. Savon, “Les recherches en République Fédérale d’Allemagne (1974)”, en *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975, pp. 53-67. Para que no haya dudas, la revista inserta a continuación del estudio de Savon una nota sobre “Champ de la Polémologie française” (pp. 68-69). La misma tiene carácter institucional y programático, fijando la posición del IFP.

<sup>397</sup> Del mismo modo que en otro lugar ha destacado la influencia cuáquera en el *Peace Research* anglosajón. V. H. Savon, “Christianisme et militarisme”, en *Études Polémologiques*, n° 16, abril 1975, p. 73.

<sup>398</sup> Hachette, París 1972. Prix Broquette-Gonin 1973 (literatura y filosofía) de la Academia Francesa. Savon ha sido también distinguido con el Prix Saintour del Colegio de Francia. Noticia del mismo en [Collège de France.] “Le Collège de France. Quelques données sur son histoire et son caractère propre (II)”, en *Cours et travaux du Collège de France*, vol. CIX, marzo 2010, pp. 59-71.



René Carrère, investigador metódico e infatigable, es la sombra de Bouthoul<sup>399</sup>. Secretario general del IFP, es corresponsable de sus grandes investigaciones sobre la agresividad mundial<sup>400</sup>, la naturaleza de las principales guerras que han tenido lugar desde 1740 o la relación entre la guerra y las civilizaciones, junto a sus compañeros de armas Pierre Valat-Morio, Jean-Louis Annequin y el propio Bouthoul. Su artículo “La guerre, cette inconnue: découverte et avenir de la polémologie”, una presentación muy ordenada del programa científico de Bouthoul, con el que se identifica plenamente, constituye a todas luces, de todos los trabajos publicados en *Guerres et Paix* y *Études Polémologiques*, el que mejor le retrata<sup>401</sup>.

Julien Freund, correspondiente del IFP en Estrasburgo, en cuya universidad funda y dirige un instituto de polemología, es un sociólogo también muy próximo a Bouthoul<sup>402</sup>. Se conocen desde 1944<sup>403</sup>, pues el grupo resistente de los Francs Tireurs et Partisans Françaises (F. T. P. F.), al que se suma Freund, opera en el departamento de los Alpes marítimos<sup>404</sup>. No obstante, se amistan y congenian intelectualmente años más tarde<sup>405</sup>. Freund dedica su libro *Utopie et paix* a Gaston Bouthoul y a la memoria de Betty

---

<sup>399</sup> Así evoca su figura J.-P. Jouary. Comunicación de J.-P. al autor (5 de enero de 2016).

<sup>400</sup> Presentadas anualmente desde 1971. V. R. Carrère, “Une interpretation polémologique”, en *Études Polémologiques*, n° 2, octubre 1971, pp. 21-51.

<sup>401</sup> V. R. Carrère, “La guerre, cette inconnue: découverte et avenir de la polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 11, 1969/1, pp. 19-36; R. Carrère, “Position et devoirs de la polémologie”, en *Études Polémologiques*, n° 14, octubre 1974, pp. 101-109.

<sup>402</sup> V. J. Freund, “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et de la paix” y “Le fond de la pensée de Gaston Bouthoul”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 25-39 y 40-43.

<sup>403</sup> “La amistad de Bouthoul y Freund se remonta a los años 40 [...]. Nunca se eclipsa y dura hasta la muerte de Bouthoul”. V. G.-E. Sarfati, “De la sociologie des guerres (Bouthoul) à la sociologie du conflit (Freund). Quelques remarques sur une dette intellectuelle méconnue”, en G. Delannoï, P. Hintermeyer, P. Raynaud y P.-A. Taguieff (Ed.), *Julien Freund. La dynamique des conflits*, pp. 37. Del mismo criterio P. Tommissen: v. P. Tommisse (Ed.), “Julien Freund: Choix de quelques lettres de la correspondance de Carl Schmitt (III)”, en *Schmittiana. Beiträge zu Leben und Werk Carl Schmitts*, VIII, 2003, p. 30, nota c.

<sup>404</sup> V. J. Freund, “Ébauche d’une autobiographie intellectuelle”, en *Revue Européenne des Sciences Sociales. Cahiers Vilfredo Pareto*, t. XIX, n° 54-55, 1981, pp. 14-15.

<sup>405</sup> J. Freund recuerda su encuentro con Bouthoul (en realidad un reencuentro) en un almuerzo en Estrasburgo acompañados por L. Weiss, Francis Rosenstiel y Nicolaus Sombart. V. J. Freund, “Ébauche d’une autobiographie intellectuelle”, en *Revue Européenne des Sciences Sociales. Cahiers Vilfredo Pareto*, t. XIX, n° 54-55, 1981, p. 30.

Bouthoul, buenos amigos cuyo apartamento describe como una sucesión de habitaciones inmensas y paredes tapizadas de libros hasta el techo<sup>406</sup>.

Los artículos que Freund envía a *Guerres et Paix* y a *Études Polémologiques* sirven de catalizador para nuevas investigaciones y siempre son bien recibidos, incluso si su concepto de la polemología es distinto al de Bouthoul, pero sobre todo más dilatado. En “Polémologie, science de conflits” amplía Freund la noción de conflicto. Lo político es ciertamente el lugar privilegiado del conflicto, pero este, definido como el enfrentamiento de dos voluntades que se manifiestan con una intención hostil, está presente en todas las actividades humanas. Por eso, la polemología debe ser primariamente una ciencia de los conflictos o una sociología del conflicto. Planteamiento que en el fondo debía entristecer a Bouthoul, para quien era prioritario asentar la nueva disciplina antes de explorar otros terrenos<sup>407</sup>. La misma tesis sostiene Lucien Poirier: el conflicto-guerra es solo una forma de la dinámica conflictual. Por eso aconseja a los polemólogos que sustituyan su restringida teoría de la guerra por una teoría general del conflicto<sup>408</sup>.

Freund se acerca a la redacción de *Guerres et Paix*, simbólicamente, bajo el signo de una polémica sobre la institucionalización de la paz, objetivo que forma parte de la doctrina de Pax Christi. El padre Bernard Lalande, secretario y propagador del pacifismo cristiano del “movimiento internacional católico por la paz”, había expuesto en *Guerres et Paix* su respuesta al problema de la paz en el mundo. Que se alcance depende de la educación, del desarrollo económico y de la institucionalización de la paz. Esta última depende, a su

---

<sup>406</sup> Así queda en efecto fotografiado su gabinete de trabajo en el filme documental “Austerlitz 1805”, en el que Bouthoul aparece en una breve entrevista. La película, perteneciente a la serie de la televisión francesa “Les grandes batailles du passé”, dirigida por Henri de Turenne y Daniel Castelle, se pasó el 12 de diciembre de 1974.

<sup>407</sup> “Bouthoul lamentaba que Freund hubiera desviado la orientación inicial de la polemología”. Testimonio de G.-E. Sarfati. Comunicación al autor (13 de enero de 2016). J. Freund, al recordar una visita de Bouthoul a su casa de Villé, apunta su desacuerdo sobre la noción de conflicto y el contenido de la polemología, pero también que, con el tiempo, este se aproximó a su posición. V. J. Freund, *L'aventure du politique. Entretiens avec Charles Blanchet*, p. 143 y J. Freund, “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, p. 33. Freund está en lo cierto a juzgar por las puntualizaciones de semánticas de Bouthoul a propósito de *polemos* y *bellum*, polemógenos, polémico y beligeno. GB, “Problématique de la paix”, *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975, pp. 14-15, nota 9. La diferencia esencial entre el concepto polemológico de Freund y Bouthoul es el lugar que el primero concede a lo político, “lugar privilegiado del conflicto”. V. J. Freund, “Polémologie, science des conflits”, *Études Polémologiques*, n° 4, abril 1972, p. 22.

<sup>408</sup> V. L. Poirier, “Problématique polémologique et volonté de création”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril 1974, p. 19.

juicio, del desarme, favorecido o impuesto por una autoridad internacional. Todo ello conforme con la doctrina del Vaticano II<sup>409</sup>. En el número siguiente inserta Bouthoul una breve comunicación de Freund contraria a esa tesis, con la sana intención de “abrir la polémica”. Rechaza Freund todo intento de institucionalización de la paz bajo la garantía de una policía internacional. Por muchas razones. Institucionalizar la paz, medio de la política, como la guerra, supone hacer de aquella un fin al que supeditar todo. Por otro lado, habilitar un gendarme mundial le parece allanar el camino a la opresión. Ese tipo de paz coagula las relaciones internacionales y criminaliza la guerra. Su alternativa es la neutralización ideológica de los conflictos y el reconocimiento del enemigo<sup>410</sup>. Se anticipa aquí en cierto modo la reacción de Freund, más conocida, a la carta del cardenal Maurice Roy, arzobispo de Quebec, a Pablo VI, con motivo del décimo aniversario de la encíclica *Pacem in terris*, expresión del equívoco pacifismo de dos pontificados, el de Juan XXIII y el del propio Pablo VI<sup>411</sup>. Decía Freund, con todos los miramientos y “sin cuestionar la autoridad moral del papa”<sup>412</sup>, pero ejerciendo la libertad de crítica del católico, que las encíclicas pontificias han llegado a convertirse en uno de los mayores obstáculos para la paz.

Las colaboraciones de Freund mantienen siempre el tono de la independencia de espíritu. En todas sus páginas recalca el autor algunas de sus ideas fundamentales. La paz es siempre obra de la política, pero no es su finalidad. Guerra y paz forman un continuo desde el punto de vista de los medios de la acción política, por eso deben estudiarse simultáneamente. Ambas son al mismo tiempo expresiones de la política, de modo que el reconocimiento del enemigo se convierte en una condición necesaria a la que no puede dar la espalda ningún *faiseur de paix*<sup>413</sup>.

Reveladores de la atmósfera del instituto es la acogida dispensada por sus miembros a jóvenes investigadores. Desde 1967 y hasta 1969, pacientemente, mes tras mes, la más

---

<sup>409</sup> V. B. Lalande, “*Pax Christi* et les problèmes temporels de la paix du monde”, en *Guerres et Paix*, n° 5, 1967/3, pp. 29-38.

<sup>410</sup> V. J. Freund, “Une armée de la paix reste une armée”, en *Guerres et Paix*, n° 6, 1967/4, pp. 42-48.

<sup>411</sup> V. J. C. Valderrama, *Julien Freund. La imperiosa obligación de lo real*, pp. 83-84.

<sup>412</sup> V. J. Freund, *Le nouvel âge. Éléments pour la théorie de la démocratie et de la paix*, Marcel Rivière, París 1970, p. 210.

<sup>413</sup> V. J. Freund, “La paix, oeuvre de la politique”, en *Guerres et Paix*, n° 9, 1968/3, pp. 20-29; J. Freund, “Polémologie, science des conflits”, en *Études Polémologiques*, n° 4, abril 1972, pp. 22-29.

tarde reconocida administrativista Danièle Lochak, ficha todas las manifestaciones de agresividad a su alcance, según la pauta establecida por Bouthoul y Carrère<sup>414</sup>. Toda esa información, recogida generalmente en la sección “Crónica de la violencia mundial”, sirve de base empírica a los diversos estudios elaborados por el IFP, sobre todo a los informes comparativos anuales que aparecen en *Études Polémologiques* desde 1972<sup>415</sup>. El fichero sobre la agresividad mundial, comparable seguramente al que se mantiene desde entonces en otros institutos científicos, es un registro que todavía se explota en la última fase de actividad del IFP<sup>416</sup>. D. Lochak, que ve remunerada su colaboración accidental con el instituto, abandonándolo apenas es nombrada asistente en la facultad de derecho de París, se dedica fundamentalmente a la preparación de su tesis, ajena en realidad a la polemología.

El caso de Jean-Paul Jouary<sup>417</sup>, asiduo del instituto y sus trabajos, retribuido también por su contribución, resulta mucho más llamativo, pues Bouthoul le publica sus primeros textos en *Guerres et Paix* cuando se encuentra todavía cursando el primer año de carrera. El paso de Jouary por el instituto retrata muy bien la calidad de todos sus miembros. Al parecer, a través de alguno de sus estudiantes, Bouthoul tiene conocimiento de un artículo titulado “La polémologie ou la guerre”, publicado por Jean-Paul Jouary en *Ouverture*, una revista de instituto de secundaria, en diciembre de 1966. El texto le entusiasma y lo atribuye a un universitario. En contacto telefónico con él le encarga a bocajarro un estudio sobre la demografía y la agresividad en el siglo XIX francés<sup>418</sup>. Por el mismo

---

<sup>414</sup> El esquema de selección, basado en la consulta diaria de *Le Monde*, era en realidad responsabilidad de D. Lochak, quien hoy contempla con mucho escepticismo el valor de todas aquellas cuentas. Comunicación de D. Lochak al autor (11 de enero de 2016).

<sup>415</sup> Los informes de los años 1970-1971, 1972, 1973 y 1974 son elaborados por René Carrère y Pierre Valat-Morio. La autoría de los de 1975, 1976 y 1977 se hace también extensiva a G. Bouthoul y a Danièle Lochak. V. R. Carrère, P. Valat-Morio, G. Bouthoul y D. Lochak, “La violence mondiale en 1977 (comparaison avec 1968-1976)”, en *Études Polémologiques*, nº 23, diciembre 1978, pp. 95-107. En la p. 95, nota 1, está la relación completa de esos informes.

<sup>416</sup> V. D. Bigo, “La conflictualité à travers l’analyse de la banque de données de l’Institut Français de Polémologie”, en D. Hermant y D. Bigo (Ed.), *Approches polémologiques. Conflits et violence politique dans le monde au tournant des années quatre-vingt-dix*, pp. 51-80; en la misma obra, pp. 501-532, v. I. F. P., “Présentation du logiciel de la banque de données de l’Institut Français de Polémologie sur la *violence politique mondiale*”.

<sup>417</sup> La información que sigue le ha sido comunicada al autor por J.-P. Jouary (5 de enero 2016).

<sup>418</sup> V. J.-P. Jouary, “Aspects de la démographie française au XIX<sup>e</sup> siècle”, en *Guerres et Paix*, nº 6, 1967/4, pp. 35-40.

conducto le encarga otro artículo, en esta ocasión sobre la historia polemológica de China<sup>419</sup>. Invitado a la calle Lauriston, Bouthoul no oculta su sorpresa al conocer a su joven colaborador de primero de filosofía, pero ya forma parte del consejo de redacción de la revista. Siguen después otras colaboraciones<sup>420</sup>, pero el encuentro de Jouary con sus maestros de la Sorbona (Lacan, Dumézil, Lévi-Strauss, Althusser) cambia su punto de vista. Relativiza la autonomía psíquica de la agresividad polemológica y se aleja de la doctrina de Bouthoul. Este rehúsa publicarle un artículo titulado “Retour sur une absence”, revisión autocrítica de sus propios artículos y memorias del IFP y Jouary rompe con él. Recuerda Jouary que “Bouthoul pudo sentirse cuestionado, lo que le dolió especialmente viniendo de mí, pues me había presentado públicamente como su sucesor”<sup>421</sup>. El entusiasmo inicial de Bouthoul por su pupilo se corresponde, sin duda, con la fidelidad de este al programa científico del IFP; su enorme decepción personal, con una revocación de la confianza que trasciende lo puramente intelectual.

*c) Disolución, refundación, dormición*

En 1967 se propone la reagrupación del Centre d'Études de Politique Étrangère, animado por su secretario general, Jacques Vernant, el Institut Français d'Études Stratégiques, fundado por el general André Beaufre, y el Institut Français de Polémologie bajo los auspicios del Ministerio de Educación Nacional y la dirección del politólogo y político Léo Hamon<sup>422</sup>. Revivido el instituto de polemología apenas dos años antes, Bouthoul declina el ofrecimiento para poder seguir manteniendo su autonomía científica y política. Empezaba su época dorada y quedaban atrás los años de la prédica. Ralentizadas las

---

<sup>419</sup> V. J.-P. Jouary, “Contribution à une polémologie des guerres de Chine (1628-1831)”, en *Guerres et Paix*, nº 8, 1968/2, pp. 33-43.

<sup>420</sup> V. J.-P. Jouary, “L'agressivité fait surface”, en *Guerres et Paix*, nº 10, 1968/4, pp. 46-49, sobre Mayo del 68; J.-P. Jouary, “Interpretation polémologique des guerres du Péloponèse”, en *Guerres et Paix*, nº 11, 1969/1, pp.37-48; J.-P. Jouary, “Typologie et périodicité du phénomène-guerre”, en *Guerres et Paix*, nº 13, 1969/3, pp. 18-34.

<sup>421</sup> Comunicación de J.-P. Jouary al autor (5 de enero de 2016). Con respecto a esto último, Giorgio Facchi, ajeno a la intrahistoria del I. F. P., ha captado también que Jouary, “fiel discípulo del fundador de la polemología [...] promete ser uno de los mejores especialistas [es esta ciencia] en el futuro próximo”. V. G. Facchi, *Polemologia como scienza*, pp. 95-96 y 119.

<sup>422</sup> V. R. Carrère, “Polémologie”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, pp. 414.

subvenciones a partir de 1976, llegarán los años de la catatonia<sup>423</sup>. De hecho, la revista anuncia su suspensión temporal ese mismo año por razones financieras<sup>424</sup>.

Bouthoul cuenta entonces 80 años y una salud delicada, aunque aún se encuentra activo y publica con R. Carrère y J.-L. Annequin *Le défi de la guerre*. Sin embargo, al año siguiente, la viudez, durísimo golpe para él, le convierte en un viejo valetudinario ajeno casi por completo al trabajo científico<sup>425</sup>. Hondamente preocupado por la continuidad de su obra y confirmada su voluntad por René Carrère, Bouthoul, aquejado de una grave enfermedad, acepta la absorción del IFP por la Fondation pour les Études de Défense National (FEDN) sin pérdida de su identidad, pero con un estatuto jurídico muy distinto.

En un protocolo del 30 de noviembre de 1979 manifiesta Bouthoul que Carrère, “estrechamente asociado a mis investigaciones desde septiembre de 1967”, sea el director y Jean-Louis Annequin director adjunto, dando por sentado que estos mantendrán con él contacto regular, como es habitual en el instituto desde 1970. En el mismo acuerdo se estipula que Bouthoul formará parte del nuevo consejo científico. Se delega en Carrère para que firme el acuerdo con el Ministerio de Defensa y lo ejecute<sup>426</sup>. El IFP es disuelto el 30 de junio de 1980. Desaparece y sus bienes son transferidos a la FEDN. Al mismo tiempo se crea un nuevo Institut Français de Polémologie, un instituto de investigaciones

---

<sup>423</sup> Adopto los plásticos términos que G. Montagnon emplea para referirse a las tres edades del I. F. P.: la de la prédica (1945-1965), la dorada (1965-1979) y la catatónica (1980-1993). V. G. Montagnon, “L’aventure de l’Institut Français de Polémologie (1945-1993)”, en <https://polemologie.wordpress.com/1%E2%80%9999aventure-de-1%E2%80%9999institut-francais-de-polemologie-1945-1993-2/> [visitado el 24 de diciembre de 2015.] El general Carrère, refiriéndose a la Polemología como disciplina particular, apunta una etapa fundadora (1932-1965), otra de aplicación (1965-1990) y finalmente una etapa de dormición (desde 1990). V. R. Carrère, “Polémologie”, en T. de Montbrial y J. Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, pp. 415-417.

<sup>424</sup> V. I. F. P., “Communication importante”, en *Études Polémologiques*, nº 20-21, junio 1976, p. 1.

<sup>425</sup> El número 22 de *Études Polémologiques* aparece dificultosamente en diciembre de 1977. “Por razones financieras” vuelve a quedar en suspenso su continuidad, aunque en esta ocasión es imposible prever cómo o cuándo regresará. En su caso “se anunciará por la prensa”. Perspectiva muy poco halagüeña. Al año siguiente aparece el número 23 (diciembre de 1978), pero con una tirada de 1500 ejemplares, sensiblemente inferior a los 3300 de los números anteriores. El número 24 se proyecta para 1980.

<sup>426</sup> He tenido a la vista una copia del referido acuerdo que debo a la gentileza de G. Montagnon. Es un texto manuscrito que sin duda Bouthoul inspira pero que él no redacta. Se limita a firmarlo con un pulso que denota un importante deterioro físico.

dependiente de la Fundación<sup>427</sup> y que hace suya “la misión propia del Instituto Francés de Polemología, fundado por el profesor Gaston Bouthoul, a cuya sucesión está llamado”<sup>428</sup>.

René Carrère es nombrado director, respetando la voluntad de Bouthoul<sup>429</sup>; Christian Schmidt, de la universidad París IX-Dauphine, director adjunto, y Jean-Louis Annequin adjunto al director, interpretando la voluntad de Bouthoul<sup>430</sup>. La resolución que instituye el nuevo IFP prevé un comité científico consultivo integrado paritariamente por representantes del Ministerio de Defensa y de la FEDN.<sup>431</sup> Su sede se encuentra en el Hôtel National des Invalides. Dispondrá de un crédito aparte dentro del presupuesto de la fundación de la que depende. Pierde por tanto autonomía financiera, pero también, por lo que respecta a *Études Polémologiques*, la autonomía de su redacción. La previsión inicial es convertir la revista en una publicación anual<sup>432</sup>.

A lo largo de los años ochenta, con Lucien Poirier como director de estudios de la FEDN, el instituto se reorienta hacia la sociología de los conflictos, perdiendo finalmente su impronta original. *Études Polémologiques*, con altibajos reaparece<sup>433</sup>, hasta su desaparición en 1990 con la publicación del número 52<sup>434</sup>. Al año siguiente aparece un volumen colectivo sobre la conflictualidad en distintas regiones del mundo: es la última publicación del IFP. En su primera página se anuncia un *Annuaire de Polémologie* para el año 1992<sup>435</sup>, pero la desaparición del instituto yugula el proyecto.

<sup>427</sup> La decisión es aprobada por el consejo de la Fundación el 31 de enero de 1980.

<sup>428</sup> Art. 1º de la resolución del 17 de julio de 1980 de la Dirección de Asuntos Jurídicos (Ministerio de Defensa). Recogida en *Études Polémologiques*, nº 24, junio de 1981, p. 8.

<sup>429</sup> Desde el 1 de julio de 1981 pasa a ser director honorario.

<sup>430</sup> En el número 24 de *Études Polémologiques* se comunica la muerte del fundador del I. F. P. y su transformación. El comité científico consultivo lo integran, entre otros, Georges Balandier, Marcel Merle, Henri Tezenas du Montcel, entonces rector de la universidad París IX-Dauphin, el geopolítico aroniano Pierre Hassner y Lucien Poirier.

<sup>431</sup> Forman parte del primer comité científico consultivo G. Balandier, F. Bedarida, A. Blaquiére, P. Bonnichon, D. Coulmy, P. Gallois, P. Hassner, J. Klein, P. Lefebvre, J. Lesourne, E. Lisle, M. Merle, L. Poirier y H. Tezenas du Montcel.

<sup>432</sup> V. I. F. P., “Communication”, en *Études Polémologiques*, nº 24, junio 1981, p. 7.

<sup>433</sup> En 1982 se publican en volumen doble los números 25-26.

<sup>434</sup> Hervé Couteau-Bégarie lanza nuevamente la revista, de la que se hace cargo el *Institut de Stratégie et des Conflits* y la *Commission Française d'Histoire Militaire* con la colaboración del *Institut Catholique d'Études Supérieures*. El número 53 aparece en 2012 y en 2015 el 54.

<sup>435</sup> V. D. Hermant y D. Bigo (Ed.), *Approches Polémologiques. Conflits et violence politique dans le monde au tournant des années quatre-vingt-dix*, I. F. P./F. E. D. N., París 1991, p. 13.

El Instituto Francés de Polemología es uno más de los “institutos que había que salvar”<sup>436</sup> en los años ochenta bajo el paraguas de la FEDN, un organismo que inicialmente no tenía verdadera capacidad investigadora, sino más bien financiadora de proyectos externos. Desde 1989 se inicia su transformación en un verdadero instituto de investigaciones militares, estratégicas, históricas y sociológicas bajo la dirección de Pierre Dabezies<sup>437</sup>. Sin embargo, en septiembre de 1992 y a propuesta del ministro de Defensa, el socialista Pierre Joxe, la FEDN acuerda su disolución<sup>438</sup>. Casi inmediatamente, el 24 de diciembre, se instituye la nueva Fondation pour les Études de la Défense (FED)<sup>439</sup>, entre cuyos organismos dependiente no se cuenta ya el instituto creado por Bouthoul en 1945 y refundado en 1980.

#### 4. Una sociología marginada, pero no marginal

La polemología es el resultado de una *démarche scientifique* muy personal que combina circunstancia y vocación. No hay avance importante de la sociología que no tenga su origen en un periodo de crisis y en un “medio intelectual” inquieto, “acostumbrado por gusto o por profesión a analizar los hechos y a reflexionar libremente sobre abstracciones”<sup>440</sup>. Bouthoul consagra toda su energía al desarrollo y a la divulgación de la polemología a través del IFP, pero contra él se levanta una muralla, de incompreensión al

---

<sup>436</sup> De una carta de Pierre Dabezies al general Delmas fechada en París el 14 de enero de 1991. Nuevamente agradezco copia de la misma a G. Montagnon.

<sup>437</sup> V. M. Fairre, “Histoire d’une Fondation”, en *Défense Nationale*, vol. II, marzo 1993, pp. 176-178.

<sup>438</sup> La presunta adaptación a los nuevos tiempos, la devolución de la independencia administrativa y la mejora de la financiación argumentadas por el ministro en una interpelación parlamentaria de febrero de 1993 encubren tal vez las verdaderas motivaciones políticas de la liquidación. V. <http://www.senat.fr/questions/base/1993/qSEQ930224652.html> [visitado el 2 de enero de 2016.] Bernard Boëne señala que el detonante de la acción ministerial contra la FEDN es la desaprobación por parte del gabinete de P. Joxe de una invitación cursada a Samuel P. Huntington con motivo de la aparición de su libro sobre el choque de civilizaciones. V. B. Boëne, *Les sciences sociales, la guerre et l’armée. Objets, approches, perspectives*, p. 190, nota 29.

<sup>439</sup> Sobre el anacronismo y la indefinición estratégica de la FED. v. É. de la Maisonneuve, “Entretien avec le général Éric de la Maisonneuve”, en *Les Cahiers de la Défense Nationale*, julio 2009, espec. pp. 43-45.

<sup>440</sup> Estas son las condiciones básicas del nacimiento de la sociología, de toda sociología. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 7.



principio y de silencio después. Su primer trabajo importante publicado tras la guerra tiene buena acogida en los cuartos de banderas, pero no en la academia. Sauvy examina implacablemente *Cents millions de morts*, obra que le parece más bien ensayística, cuando no diletante<sup>441</sup>. Su lectura, centrada exclusivamente en un determinismo demográfico que Bouthoul nunca suscribe, desprecia y margina la riqueza de la doctrina polemológica sobre la guerra. A Sauvy y a la escuela de *Population* les guía en la crítica su celo antimaltusiano, lo mismo que les ciega. Como a Yves Lacoste. A Lacoste, alma de la revista *Hérodote*, también le equivoca su vindicación del carácter telúrico decisivo de toda guerra frente a la “deslocalización” de los conflictos que achaca sin razón a la polemología<sup>442</sup>.

Sí reconocen sus méritos, en cambio, los intelectuales de la milicia –muy notables algunos en Francia– y los historiadores militares. Edmond Delage, por ejemplo, redactor jefe de la *Revue de Défense Nationale*, no solo reseña favorablemente *Cent millions de morts*<sup>443</sup>, sino que también destaca, cuando tiene ocasión, las que considera certeras previsiones demográficas de Bouthoul<sup>444</sup>. Lucien Porier, joven capitán en Indochina en 1951 a la órdenes del general Jean de Lattre de Tassigny, recensiona favorablemente *Les guerres. Éléments de polémologie*. Tal vez es el primer oficial francés que lee ese libro y aun a Bouthoul, interesándose inmediatamente por él.

Sobran razones para explicar la posición académicamente excéntrica de Bouthoul, un *outsider* muy distinguido. Después de la Segunda Guerra Mundial, a las ya conocidas –fundamentalmente su desubicación universitaria–, se añaden otras nuevas, particularmente la hegemonía comunista en los medios intelectuales<sup>445</sup>, lo que le priva del

<sup>441</sup> V. la reseña de A. Sauvy a *Cent millions de morts* en *Population*, vol. I, n° 3, julio-septiembre 1946. Sobre la relación entre Bouthoul y Sauvy y sus colaboradores, más bien la no-relación *v. supra*, cap. 3, § 2.3.

<sup>442</sup> V. T. Varlin, “Hérodote a lu. Gaston Bouthoul et René Carrère, Le défi de la guerre”, en *Hérodote*, n° 3, julio-agosto 1976, p. 151. En el mismo lugar (p. 150) apostilla que “establecer la ecuación guerra = agresividad es deslocalizar (*délocaliser*) la guerra”.

<sup>443</sup> V. la reseña de E. Delage a *Cent millions de morts* en *Revue de Défense Nationale*, II, n° 29, octubre 1946.

<sup>444</sup> V. E. Delage, “Une science nouvelle: la Polémologie”, en *Revue de Synthèse*, vol. LXI, 1946-1947, p. 12. V. también su reseña de *Les guerres. Éléments de polémologie*, en *Revue de Défense Nationale*, vol. VII, n° 87, diciembre 1951. La revista se ocupa también de otros libros de Bouthoul.

<sup>445</sup> Gardner y Kobtzeff subrayan el rechazo en bloque por la izquierda, adversaria entonces de todo lo que no fuera “ciencia comprometida”. Estoy de acuerdo con ellos. V. H. Gardner y O. Kobtzeff, “General Introduction: Polemology”, en H. Gardner y O. Kobtzeff (Ed.), *Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, p. 3.

favor de la universidad en un momento propicio para el desarrollo de las sociologías especializadas. Así lo estima Poirier, quien pone en boca de Bouthoul el “no soy bienquisto en la universidad”<sup>446</sup>. Por otro lado, añade el general, “a Francia solo le interesa el fenómeno guerra en tiempos de crisis”, el resto del tiempo, frecuentar militares se convierte en un estigma intelectual, algo habitual en casi toda Europa durante la Guerra Fría. Ahora bien, si esos militares son gaullistas, no solo se ganará la hostilidad de la izquierda, sino también la de la derecha (liberal y, para ser más precisos, atlantista). En Francia no es fácil imaginar una conjunción más adversa de circunstancias: la desubicación académica, la hegemonía comunista y la buena sintonía con la oficialidad gaullista. Las tres atañen a Bouthoul y a la polemología<sup>447</sup>.

Dejando a un lado los mecenazgos que, al menos en parte, explican el milagro del Institut Français de Polémologie en los años sesenta: por un lado el apoyo político y financiero del ministerio de Pierre Messmer y por otro el impulso de Louise Weiss, lo cierto es que en Bouthoul encuentro una de las grandes anomalías de la intelectualidad francesa en la segunda mitad del siglo pasado. Una anomalía sin embargo *típica*, desconcertante y en apariencia inexplicable.

Bouthoul, sociólogo marginado, no es en absoluto un sociólogo con una obra marginal. Puede resultar paradójico, pero su “capital simbólico” en el sentido de Bourdieu es enorme, extraordinario. Son suyos nada menos que seis volúmenes de la colección “Que sais-je?”<sup>448</sup>, inequívoco “indicador de prestigio intelectual y de apertura al gran público”, de “notoriedad [académica]” y de “disponibilidad política” en suma<sup>449</sup>. “Es conocida la

<sup>446</sup> V. L. Poirier, “Témoignage. [Propos recueillis par Guillaume Montagnon, le 25 octobre 2010]”, en *Études Polémologiques*, n° 53, 2012, p. 173.

<sup>447</sup> Según F.-B. Huyghe, Bouthoul no ha tenido un Príncipe al que aconsejar ni una causa que justificar con su saber. Ese ha sido su talón de Aquiles político. V. F.-B. Huyghe, “Vie et mort d’une discipline: la Polémologie”, en *Médium*, n° 9, 2006, p. 86. El científico es otro muy distinto: no se ha configurado una sólida “área de conocimiento” y ni siquiera se recoge en el nomenclátor internacional de campos científicos de la UNESCO.

<sup>448</sup> Volúmenes 423°, 545°, 577°, 738°, 1189° y 1600°. Publicados en un periodo que abarca más de treinta años (1950-1983), reeditados con profusión (treinta reediciones en conjunto) y traducidos a todas las lenguas importantes.

<sup>449</sup> V. P. Bourdieu, *Homo academicus*, pp. 262-265. La disponibilidad política viene determinada por la utilización de la tribuna de ciertos periódicos, particularmente *Le Monde*, en el que Bouthoul publica más de veinte artículos entre 1961 y 1978. No son muchos, pero sí suficientes para subrayar su *auctoritas* y poner algún reparo a la opinión de F.-B. Huyghe, quien ve en Bouhtoul “un independiente sin tribuna mediática”. V. F.-B. Huyghe, “Vie et mort d’une discipline: la Polémologie”, en *Médium*, n° 9, 2006, p. 86.

vinculación de las Presses Universitaires de France [, editoras de la conocida serie<sup>450</sup>,] con los profesores de la Sorbona, detentadores estatutarios de la dirección de las grandes colecciones en las que se publican tesis financiadas y obras de síntesis avaladas socialmente por la autoridad académica<sup>451</sup>. El mismo ascendiente que esas síntesis de encargo otorgan, según Bourdieu, las prensas de Albin Michel o Denoël, particularmente la colección “Méditations” de esta última editorial<sup>452</sup>. También las “revistas de los profesores del escalafón”<sup>453</sup> le ofrecen a Bouthoul su tribuna en algún momento: *La Nef* (un artículo en 1949), pero sobre todo *La Nouvelle Revue Française* (seis artículos entre 1956 y 1965). Mención aparte merecen sus artículos en cierto tipo de revistas de difusión extraordinaria por su tirada a millares. Es el caso de la revista *Planète*, con una tirada inicial de cinco mil ejemplares y picos en algunos números picos de cien mil<sup>454</sup>.

Por otro lado, Bouthoul no solo participa en la elaboración de diversas obras enciclopédicas sobre el estado de las ciencias humanas<sup>455</sup>, sino que él mismo, en 1970, es incluido en una antología de sociólogos franceses contemporáneos, editada por las P. U. F y en la que no falta ninguno de los grandes nombres de la sociología del Hexágono. La lista, según las categorías puramente universitarias y aun *mondaines*, resulta apabullante: Marcel Mauss, Georges Gurvitch, Claude Lévi-Strauss, Raymond Aron, Pierre Bourdieu, Georges Bataille, Alain Touraine, Michel Crozier, Claude Lefort, George Balandier, François Perroux, Jean Baudrillard, Jean Fourastié, etc. El apartado relativo al “dinamismo colectivo” recoge un fragmento de *Avoir la paix* de Gaston Bouthoul y una breve noticia biográfica y literaria del autor, a quien el Duvignaud, considera “más

---

<sup>450</sup> También de la revista *Guerres et Paix*, órgano de expresión del Instituto Francés de Polemología.

<sup>451</sup> V. P. Bourdieu, *Homo academicus*, p. 135.

<sup>452</sup> En la divulgadísima y mediática “Collection Lettre Ouverte” de Albin Michel publica Bouthoul *Lettre ouverte aux pacifistes*, un libro antipacifista y por tanto muy marcado políticamente, aunque no sea esa la primera intención del autor. En “Méditations” de Denoël aparece una antología de ensayos breves sobre diversos aspectos de la sociología de la guerra: *Essais de polémologie. Guerre ou paix?* Por lo demás, su obra sociológica y demográfica, como antes de la guerra, sigue publicándose en Payot, primero en la “Bibliothèque scientifique” y más tarde en la “Petite bibliothèque Payot”, colección de bolsillo con largas tiradas.

<sup>453</sup> V. P. Bourdieu, *Homo academicus*, p. 263.

<sup>454</sup> Noticia que debo a Michel Lhomme.

<sup>455</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines* y GB, “La sociologie et l’ethnologie”, en Michel Mourre (Ed.), *Dictionnaire des idées contemporaines*.

orientado a la filosofía social que a la sociología”<sup>456</sup>. La incorporación de Bouthoul en esa nómina puede sorprender si se juzga según el criterio del éxito académico, pero más bien parece que lo que al antologuista le preocupa es someterse a las jerarquías reales de la inteligencia sociológica y los méritos científicos de su disciplina.

Los años sesenta y setenta del siglo pasado son la época dorada de la polemología, una ciencia que, a partir de una intuición originaria, parece salir ya terminada de la minerva de Bouthoul en 1939, lo cual explica en parte que no tenga ni discípulos ni continuadores. Todo ello a pesar de las dificultades y, como acabo de manifestar, gracias también a la buena ventura editorial, pues sus libros, tres o cuatro en particular, se venden por millares. El Instituto Francés de Polemología, cuya labor se sustenta en la obra magna de su fundador, *Les guerres*, edita dos originales revistas que, bajo la dirección de Bouthoul, se suceden en el tiempo desde 1966 a 1978. Bouthoul y sus colaboradores más estrechos logran tejer una red internacional de colaboradores y de institutos homólogos asociados, particularmente en Italia, España, Holanda y Bélgica, algo que hoy, cuando ningún organismo reivindica expresamente la polemología, parece increíble. En 1970 lanza una serie de altos vuelos en la editorial Hachette: “Collection Guerres et paix”<sup>457</sup>. Precisamente por el título que inaugura la colección, *L’infanticide différé*, recibe en 1971 el Prix Montyon (literatura y filosofía) de la Academia Francesa. La misma institución le confiere en 1981, por tanto póstumamente, el Prix général Muteau (historia y sociología) por *Guerres et civilisations*<sup>458</sup>. Veinte años atrás, en 1962, se hace acreedor del Prix Littéraire Internaional de la Paix, discernido por una asociación privada belga bajo el patrocinio del príncipe Alberto de Lieja<sup>459</sup>. Entonces no había terminado todavía la travesía del desierto.

---

<sup>456</sup> V. J. Duvignaud, *Anthologie des sociologues français contemporains*, P. U. F., París 1970, p. 232. Como toda antología, su contenido es opinable. No obstante, chirría más que choca la presencia de Frantz Fanon, concesión sin duda al *Zeitgeist*.

<sup>457</sup> Aparecen tres volúmenes: GB, *L’infanticide différé*; F. Antonini, *L’homme furieux. L’agressivité collective*, Hachette, París 1970; y H. Savon, *Du cannibalisme au génocide*.

<sup>458</sup> V. GB, R. Carrère et J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations. De la préhistoire à l’ère nucléo-spatiale*, Les Cahiers de la Fondation pour les Études de Défense Nationale, París 1979.

<sup>459</sup> [Prix Littéraire International de la Paix], *Hommage à Gaston Bouthoul*, Prix Littéraire International de la Paix, Lieja 1962.

¿Cómo es posible que sobre la sociología que sustenta semejante currículo hayan caído “treinta años de olvido”<sup>460</sup>? ¿Cómo se explica esta desmemoria? El general Jean Cot epiloga la historia, no sé si a conciencia, con un diagnóstico tan elemental como certero. “Hubo Gaston Bouthoul”<sup>461</sup> (*il y eut Gaston Bouthoul*), pero después de él nada: simplemente no ha tenido discípulos (*sans postérité véritable*)<sup>462</sup>.

Bouthoul, de naturaleza esquiva y carácter reconcentrado, como los grandes solitarios, aunque él no lo era exactamente, tímido y discreto, pero de fuertes convicciones personales, rehúye con pocos miramientos el trato mundano. Apenas circulan sus fotografías y raramente ha aparecido en un plató de televisión<sup>463</sup>. Tal vez le gustaba la gente, intelectual o no, pero no esperaba mucho de ella, como solía decir el pintor Ramón Gaya<sup>464</sup>. Estudioso de la guerra, evita sin embargo todo conflicto de ideas o doctrinas, tan distinto en esto a Julien Freund, teórico de la enemistad hasta sus últimas consecuencias intelectuales<sup>465</sup>. En efecto, el fundador de la polemología raramente siente la necesidad de responder a sus críticos. No lo hace con Alfred Sauvy ni con nadie del grupo de *Population*, en donde no le pasan ni una. No obstante, para una vez se decide a hacerlo, reaccionando contra el dardo que Paul Vincent dirige contra su presunto monocausalismo demográfico<sup>466</sup>, le replica... en la carta-prólogo de un manual uruguayo de polemología.

<sup>460</sup> V. G. Montagnon, “Trente ans d’oubli”, en *Études polémologiques*, n° 53, 2012.

<sup>461</sup> V. J. Cot, “Les grands conflits de l’après-guerre”, en *Défense Nationale*, n° 1, enero 2003, p. 81. El texto procede de su intervención en el coloquio de Chambéry sobre “Enseigner le monde contemporaine: guerres et conflits” (octubre de 2002).

<sup>462</sup> V. F. Coste, “Bouthoul et la polémologie: l’étude des causes profondes de la guerre”, en *Les Champs de Mars. Cahiers du Centre d’Études en Sciences Sociales de la Défense*, n° 12, julio-diciembre 2002, espec. pp. 22-27. El profesor Frédéric Coste discurre ahí sobre el abintestato de la polemología.

<sup>463</sup> Y cuando lo hace en alguna ocasión sus intervenciones son de un laconismo estupefaciente. En la emisión de programa de debate *Actuel 2* del día 15 de octubre de 1973, dedicado a la guerra del Yom Kipur (“La guerre, jusqu’où?”), Bouthoul interviene como especialista al lado del general Georges Buis, director del Instituto Superior de Estudios de la Defensa (IHED). En un minutaje de una hora Bouthoul apenas alcanza a intervenir dos o tres minutos.

<sup>464</sup> Según recoge Andrés Trapiello, su oráculo, en el tomo décimo octavo de su diarios *Salón de pasos perdidos*: “Me gustan mucho las gentes, pero espero poco de ellas”. V. A. Trapiello, *Miseria y compañía*, Pre-Textos, Valencia 2013, p. 399. Ese pensamiento le vendría como un guante al arquetipo jüngeriano del anarca. V. E. Jünger, *La emboscadura*, Tusquets, Barcelona 2002.

<sup>465</sup> V. J. Molina, “Julien Freund, Theoretiker der Feindschaft”, en *Tumult. Vierteljahrsschrift für Konsensstörung*, verano 2016, pp. 73-78. Freund, de fuerte carácter, nunca rehúsa, por principios, la discusión con el enemigo, dispuesto siempre a acudir a su llamada. ¿Con quien entablar un diálogo si no es con tu enemigo?

<sup>466</sup> V. P. Vincent, “Guerre et population”, en *Population*, II, n° 1, enero-marzo 1947.

Curiosa forma de ignorar a los contradictores y reivindicarse ocultando la argumentación en ultramar, pero en un ultramar hispánico, ni siquiera en uno francófono más o menos cercano (Suiza, tal vez Canadá)<sup>467</sup>. Bouthoul parece ignorar las críticas, desde luego las superficiales y malintencionadas<sup>468</sup>, pero también las fundadas. Sorprende de todas formas que no replique la lectura que G. Facchi hace de la polemología, inteligente, profunda y llena de pasajes incitadores. Gran paradoja: Bouthoul, tan bien informado sobre el movimiento polemológico internacional, parece no conocer, pues ni siquiera lo menciona, el primer libro que se le dedica a su obra, a la sazón el único hasta la fecha.

El *spiritus rector* del IFP tampoco sentía la necesidad, a pesar de su activismo, de crear un ejército (intelectual) de oficiales y soldados, alerta siempre y dispuestos a defender al generalísimo de los enemigos, prestos a la difusión de su palabra y a la tutela de su memoria. Lo más parecido a un lugarteniente que tuvo Bouthoul, Hervé Savon, puede decirse que no daba abasto, excedido por la tarea.

“Hubo Gaston Bouthoul”. Después de él la marginación de la polemología; la tibetanización de una sociología nueva, nada banal, en absoluto marginal.

---

<sup>467</sup> V. GB, “Carta prólogo” a O. Araújo, *Sociología de la guerra*, pp. 11-14.

<sup>468</sup> Entre otras, la reacción de un periódico alemán a la publicación en 1972 de *Kindermord aus Staatsraison*, traducción de *L’infanticide différé* (Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart 1972). De ella se hace eco C. Schmitt en su carta a J. Freund del 20 de marzo de 1973. V. P. Tommissen (Ed.), “Julien Freund: Choix de quelques lettres de la correspondance de Carl Schmitt (III)”, en *Schmittiana. Beiträge zu Leben und Werk Carl Schmitts*, VIII, 2003, p. 63. “Bajo la fuerte impresión de un artículo publicado en *Die Zeit* en el que se ataca al señor Bouthoul”. Schmitt aconseja a Freund evitar toda polémica. Probablemente se refiere a la banalizadora recensión de J. Dahl que aparece en la edición de ese periódico el 16 de febrero de 1973 (“Babypille im Leitungswasser? Bevölkerungsdruck von zwei Seiten gesehen”).



## Capítulo 5

### La polemología, capítulo central de la sociología dinámica.

1. Estática, dinámica, cinemática

2. El fenómeno-guerra en el metabolismo social

3. La ilusión clausewitziana. 3.1. La guerra, fenómeno jupiterino. 3.2. Guerra no intencional y guerra-accidente. 3.3. El problema de la guerra preventiva

4. Periodicidad de las guerras

5. Función de las guerras. 5.1. *Overjuvenation* y guerra-exutorio. 5.2. El sector cuaternario





En los márgenes de una guerra general y total, la invención y el desarrollo metódico de una nueva ciencia social, la polemología, en la matriz de la sociología dinámica, disciplina perenne más que vieja, constituye un esfuerzo proverbial, no exento de cierto ascetismo intelectual. Desde este punto de vista, la polemología encuentra su explicación en la situación anímica de los europeos, en su desasosiego radical, en la tremenda conmoción espiritual que supone la Segunda Guerra Mundial, contienda que evapora las fantásticas ilusiones de los años veinte y treinta, el gran caos (*the Great Chaos*) vaticinado por Basil Liddell Hart<sup>1</sup>. Denuncia Bouthoul el fatalismo, las “vías del mínimo esfuerzo”<sup>2</sup> que sacralizan la guerra y equivocan al legítimo interés científico por dilucidar sus causas o funciones, desviándolo hacia ámbitos en los que prevalecen ideologías románticas de diferente signo, pacifista en unos casos, militarista-heroico en otros. La humanidad, tan lúcida y razonable en apariencia, como escribe Paul Valéry en el colofón de un libro que anuncia “el tiempo del mundo finito”, parece incapaz de “sacrificar sus pulsiones al conocimiento [...], comportándose como un enjambre de insectos absurdos y miserables atraídos irremediabilmente por la llama”<sup>3</sup>. Contradicciones del hombre, remacha Valéry, el mismo ser que se vuelca en la investigación de la tuberculosis y a la vez apuesta en la guerra, el juego de la muerte.

Después de un proceso de decantación científica, que arranca sin duda de sus primeras catas intelectuales sobre el problema bélico muy al final de los años veinte y culmina con su famoso estudio de 1939 sobre las funciones presumidas de las guerras y su periodicidad, Bouthoul emboca la formalización de lo que hasta ese momento no es sino una sociología implícita o no manifiesta de la guerra. Mas la guerra, suprema expresión

---

<sup>1</sup> V. B. H. Liddell Hart, *Thoughts on War*, p. 31.

<sup>2</sup> GB, *Les guerres*, p. 14.

<sup>3</sup> V. P. Valéry, *Regards sur le monde actuel*, Stock, París 1931, p. 214.

histórica de la violencia, linda con lo sagrado; por eso resulta tan difícil mirarla de frente, fija y serenamente. Roger Caillois ha dado en el clavo: “La guerra, espantable e impresionante, paraliza el espíritu científico. Se diría que prohíbe su consideración objetiva, pues posee en grado eminente el carácter esencial de lo sagrado”<sup>4</sup>. Esta condición, llámese fatalismo o providencialismo, es una más entre las retardadoras de una verdadera ciencia de la guerra: el ilusionismo jurídico, el voluntarismo decisionista, el unilateralismo psicológico o sociológico<sup>5</sup>.

También hay razones más personales, menos circunstanciales pero igualmente exigentes, que explican la dedicación de más de media vida al cultivo de un programa científico tan ambicioso como insólito, particularmente la adhesión intelectual de Bouthoul hacia sus maestros del *Interbellum*. Esta inquebrantable lealtad académica, en él siempre operante, trae a nuestra época, en la que muchas veces predomina una “sociografía de detalles insignificantes”<sup>6</sup>, los ecos de la gran sociología en trance de desrealización a partir de 1945, si no antes.

Incoada en sus investigaciones sobre demografía política, la sociología dinámica, tan propicia a sumas de gran estilo como *Social and Cultural Dynamics* de Pitirim A. Sorokin, una de las últimas, constituye el marco ineludible en el que la polemología se le impone a Bouthoul como una necesidad, como una jornada inexorable. No se insistirá lo suficiente en esta articulación de la obra toda de Bouthoul con la sociología primordial. Las palabras que introducen su disertación ante la Academia de Ciencias Morales y Políticas de París, en 1965, son reveladoras de ese proceso mental: “He llegado al estudio de las guerras de una manera indirecta. Después de preparar la agregación en ciencias económicas de la facultad de derecho de París, sin dejar por ello de cultivar la sociología en la Sorbona, concibo el proyecto de escribir un tratado de sociología. Tenía redactado el primer volumen y había empezado el segundo, que debía ocuparse de la ‘sociología dinámica’, es

---

<sup>4</sup> V. R. Caillois, *Bellone ou la pente de la guerre*, p. 151. En la violencia, escribe René Girard, está el “auténtico corazón y el alma secreta de lo sagrado”. V. R. Girard, *La violence et le sacré*, Fayard, París 2010, p. 51.

<sup>5</sup> GB, *Les guerres*, pp. 7 ss. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 216, nota 1.

<sup>6</sup> La elocuente expresión es del sociólogo español Antonio Perpiñá Rodríguez. V. A. Perpiñá Rodríguez, *La época de lo social y otros escritos sobre Política y Seguridad social*, p. 227.

decir, de las variaciones sociales, de sus causas y factores. Inicialmente tenía previsto un solo capítulo sobre la guerra”<sup>7</sup>.

Bouthoul pone fin al primer volumen de su tratado de sociología en 1946, apenas terminada la guerra. Lo hace, sin duda, con materiales y secciones trabajadas durante la década anterior, reelaborados y desarrollados tal vez en el sur de Francia, durante la guerra –algo a la sazón poco probable–, y corregidos en apenas unas semanas a su regreso a París<sup>8</sup>. Este libro tan personal rebosa sabiduría sociológica; pretende ser una sociología estática, pero la vocación de su autor hasta cierto punto traiciona el proyecto, pues con la mayor naturalidad se rebasan las fronteras de la dinámica. De algún modo, el volumen primero del tratado es un denso prólogo con el arsenal de conceptos necesarios para la sociología dinámica que se publicará después. A esas alturas, la ejecución del proyecto de una polemología sistemática vislumbrada por Bouthoul antes de la guerra se ha convertido para él nada menos que la meta de su vida intelectual.

En junio de 1951 sale de las prensas *Les guerres. Éléments de polémologie*, bajo la rúbrica “Traité de sociologie”. Como Bouthoul advierte en su oración académica de 1965, la polemología constituye un capítulo autónomo del segundo tomo del tratado de sociología, consagrado a la sociología dinámica<sup>9</sup>. Este detalle permite entrever las dificultades iniciales que enfrenta la polemología, particularmente el *tempo lento* de su constitución que exaspera a los impacientes, ávidos de una solución inmediata del problema de la guerra. Bouthoul solía decir que la impaciencia perturba y malogra la ciencia. El desenvolvimiento de la polemología desborda enseguida el marco de un tratado de sociología general, en cuya culminación sigue trabajando hasta julio de 1954, fecha de impresión de la segunda parte

---

<sup>7</sup> GB, “La guerre phénomène social”, en *Revue des Travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques et Comptes Rendus de ses Séances*, CXVIII, 1965, p. 69.

<sup>8</sup> Teniendo en cuenta que Bouthoul y Betty regresan a París uno o dos meses después del fin de la guerra, a lo sumo en septiembre, y que el primer tomo del tratado se publica, como muy tarde, en abril o mayo de 1946 y, asimismo, que Bouthoul no disponía de su biblioteca de trabajo en Antibes, lo más probable es que la obra esté ya sustancialmente acabada antes del Armisticio. Por otro lado y no obstante la facilidad literaria de Bouthoul, que hace pensar que algunos de sus libros han sido escritos de un tirón, en un inspirado raptó, durante su acomodo en los Alpes marítimos se dedica fundamentalmente a redactar *Cent millions de morts*, cuyas galeras debió corregir en la primavera de 1946.

<sup>9</sup> La vinculación de la polemología con la sociología dinámica es tectónica, no superficial ni accidental. Generalmente esto no lo ha tenido en cuenta la crítica sociológica, proyectándose así sobre la polemología la imagen de una pseudociencia, desconectada de la tradición y más o menos arbitrariamente montada sobre un prejuicio: el monocausalismo demográfico... Esta es otra de las motivaciones profundas del desencuentro de Gaston Bouthoul con la sociología académica.

del mismo. El volumen dedicado a las guerras es pues un magno apéndice del *Traité de sociologie*<sup>10</sup>, al que muy pronto eclipsa.

En la relación de obras de Bouthoul que acompaña *La surpopulation dans le monde* de 1958, hay algo más que una rectificación de los ordinales: el tratado polemológico se presenta ahora como el tomo segundo del *Traité de sociologie*, y la *Sociologie dynamique*, “segunda parte” de la obra según la indicación editorial de su cubierta y portada, como el tomo tercero y último de la obra. Siendo esta nueva notación responsabilidad del autor, se me escapa su intención inmediata, aunque sin duda tiene que ver con una reivindicación de la polemología como una sociología especial y nueva que, sin embargo, no desentona dentro del esquema sociológico clásico<sup>11</sup>. En cambio, la publicación en la década siguiente de una versión abreviada, también en dos tomos, del *Traité de sociologie*<sup>12</sup>, y de una llamativa versión reducida<sup>13</sup> de *Les guerres*, hace pensar en una suerte de desvinculación de la

---

<sup>10</sup> Así se indica, por ejemplo, en una relación publicitaria de obras encartada por el editor en la página 2 de *Histoire des doctrines politiques depuis l'Antiquité*, el libro de G. Mosca completado por Bouthoul en 1955.

<sup>11</sup> Tanto es así que por la misma época Bouthoul presenta la polemología como un capítulo de la sociología general en atención al gran número de factores interdependientes que implica (desde la antropología y la etnología a la demografía, la economía, el derecho o la psicología). Esto no contradice la afirmación anterior, sino que subraya su concepto de una polemología que es ciencia particular mas no particularista y desconectada de las ultimidades sociales (*postrema socialia*). Hago aquí mía una noción desenvuelta con gran finura por el jurista político Rodrigo Fernández-Carvajal a principios de los años ochenta. V. R. Fernández-Carvajal, *El lugar de la ciencia política*, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Murcia, Murcia 1981, p. 226.

<sup>12</sup> El primer tomo (*Les structures sociologiques*) se ocupa de la sociología estática y el segundo (*Variations et mutations sociales*) de la dinámica. La edición, mucho más manejable, es sustancialmente idéntica a la no abreviada. Se acusa en ella, si no un refinamiento de su concepto polemológico, siquiera de la terminología. También cierta incoherencia entre algunos epígrafes que integran el libro y su reflejo en el sumario de la obra.

<sup>13</sup> Más que un texto *condensado* o *revisado*, *Le phénomène-guerre* es un texto significativamente *reducido*, no solo en cuanto al número de páginas y al aparato crítico, cuestión secundaria, sino también en cuanto al concepto de la polemología que de él se deduce. La versión *reducida* no incluye la segunda parte de la obra original (“Doctrines et opinions sur les guerres”), algo lógico, por su contenido; antepone la sexta parte (“Éléments démographiques”) a la quinta (“Aspects économiques des guerres”), que en la versión *reducida* constituyen las partes cuarta y quinta respectivamente; y prescinde íntegramente de las partes séptima (“Éléments psychologiques des guerres”), curiosamente la más extensa del tratado, octava (“Les causes présumées des guerres”) y novena (“La périodicité des guerres”). ¿Por qué razón borra Bouthoul estas páginas, sin duda entre las más incitadoras de su tratado? ¿Por evitar toda controversia en una edición divulgativa? No lo parece, pues en ese caso habría obviado también su doctrina de la guerra-exutorio y la hipótesis de la relajación demográfica. Uno de sus lectores más agudos, Giorgio Facchi, se muestra perplejo. A la vista de su interés por el *homo furiosus* no parece que Bouthoul tenga motivos para eliminar de su polemología lo que Facchi llama “residuo psicológico”. Filósofo de la ciencia, Facchi se pregunta si no habrá eliminado sus hipótesis más personales como verdades no demostradas que son. V. G. Facchi, *Polemologia come scienza*, pp. 41-43.

polemología de su matriz sociológica originaria, estimulada por un creciente interés de Bouthoul por la psicología de las profundidades mediada la década de los sesenta.

La polemología parece describir un movimiento pendular de la sociología a la psicología, algo lógico, en el fondo, pues se trata de una disciplina inventada por un cultivador de la interpsicología<sup>14</sup>.

### 1. Estática, dinámica, cinemática

La sociología entra “definitivamente” en el estadio científico en los años cincuenta. Gaston Bouthoul pone al decirlo un adarme de ironía en sus palabras. Las sumas, las síntesis y las generalizaciones dejan paso al análisis empírico y estadístico de las sociologías particulares, ya entonces difícilmente computables. La sociología ha alcanzado así una suerte de “estado de subdivisión”<sup>15</sup>, frente al cual Bouthoul prefiere atenerse a la concepción sociológica de los fundadores de la sociología<sup>16</sup>. La reivindicación de una sociología general, sintética y, en cierto modo, enciclopédica, también incluso nomotética, a contrapelo académico, pero aún tolerable en los años treinta, se convierte en una falta absoluta de policía a partir de 1945. A pesar de lo cual Bouthoul no tiene mayores reparos en proclamar su canon sociológico<sup>17</sup>. Se siente minoría, pero no inteligencia anacrónica. Aristócrata del espíritu, se dirige *a la minoría siempre*<sup>18</sup>, motivación remota de su desacato académico.

---

<sup>14</sup> *V. supra*, cap. 1, §4.2.

<sup>15</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 90.

<sup>16</sup> GB, *Traité de sociologie*, p. 95.

<sup>17</sup> Mentalización de la sociología que se corresponde plenariamente con el valetudinario Instituto Internacional de Sociología. Por fortuna, el ambiente “deconstructivo” contemporáneo no excluye la posibilidad de un “concreto canon sociológico”, de una sociología que debe aspirar a ser una “ciencia generalizadora” (*generalizing science*). *V.* al respecto las consideraciones de C. Gambescia, *Sociologie per caso*, pp. 7-13. Sobre la sociología como *generalizing science*: P. A. Sorokin, *Society, Culture, and Personality*, pp. 6-7 y 15-16.

<sup>18</sup> El oficio intelectual, como el oficio del torrero, con pocas excepciones, suele tener como interlocutores genuinos a cuatro gatos. Acuciado por lo suyo, Ezra Pound decía escribir para *four people* y Juan Ramón Jiménez, hablando de lo mismo, para una “inmensa minoría”.

A lo largo de más de veinte años, en *Traité de sociologie*, en *Histoire de la sociologie* y en sendas contribuciones al *Dictionnaire des idées contemporaines* y a *Panorama des idées contemporaines* —la de esta última de particular interés— fija su concepto de la sociología. Aunque se trata de definiciones relativamente escolares y sencillas, en apariencia no problemáticas, como podrían serlo las de un manual universitario de los hegemónicos, tienen interés en la medida en que subrayan, con una naturalidad que hace pensar en lo contrario, la poca sintonía de Bouthoul con las doctrinas sociológicas en auge.

La sociología consiste, ante todo, en un esfuerzo de síntesis, en una suerte de filosofía de las ciencias sociales culminación de las sociologías particulares, anhelo de René Worms con el que Bouthoul se muestra en sintonía<sup>19</sup>. A fin de cuentas, según la fórmula durkheimiana, la sociología es la historia en otra perspectiva: una ciencia trascendental del tiempo presente, aunque suene a paradoja<sup>20</sup>. Lo que no sea elaboración de una síntesis del hecho total social mediante el método comparativo no será sino un puro sistema de notaciones algebraicas suspenso en el vacío. “Un puñado de teorías puramente formales y tan decepcionantes como la de Leopold von Wiese”<sup>21</sup>.

La inflación de la sociología descriptiva amenaza con sofocar la sociología general. Sin embargo, al cabo de un tiempo, el papel de esta se ha de ver aumentado, pues las sociografías difícilmente trascienden el particularismo. La idolatría del rendimiento y el delirio estadístico, expresiones que Bouthoul utiliza con profusión, le ayudan a poner de manifiesto el patetismo de un *social research* degradado en mero *social survey*... gracias a la generalización de cierto tipo de encuestas utilitarias y comerciales que únicamente tienen sentido para la investigación de los mercados de “jabones, alimentos en conserva y estilográficas”<sup>22</sup>, no para el modo de pensar sociológico. Consciente del sesgo

---

<sup>19</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, pp. 126 y 99.

<sup>20</sup> A diferencia de la historia y la demografía, cuya materia es “un tiempo transcurrido y reconstruido” (*un temps écoulé et reconstruit*), el de la sociología es “el tiempo vivido” (*le temps vécu*). La sutil precisión en G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, P. U. F., París 1950, p. 96, nota 1.

<sup>21</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 99. Destemplada afirmación, ciertamente rara en su pluma... Bouthoul considera la sociología relacional de L. von Wiese como un síntoma de la desorientación de la sociología. GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, pp. 219-220.

<sup>22</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon, *Panorama des idées contemporaines*, pp. 186-188. Bouthoul ha sistematizado su severa crítica a los métodos sociológicos cuantitativos, abundante en reproches a los modelos inspirados por las encuestas del Instituto Gallup, en *Traité de sociologie*, t. I, pp. 490-501. Gurvitch, partidario sin embargo de la sociometría (*Sociometry*), se toma a chacota los “ridículos procedimientos de

sociográfico que excita el “celo de los neófitos de la sociología”, Bouthoul no solo no hinca la rodilla ante la cuantofrenia (*quantophrenia*)<sup>23</sup>, sino que denuncia altivamente una “sociología inculta, ayuna de todo saber humanístico, dispensada del conocimiento de la historia y, sobre todo, de la meditación”<sup>24</sup>.

Pero la sociología descriptiva no solo se desparrama en estadísticas y encuestas. Se prolonga también en la etnología, tan en boga en la posguerra. Bouthoul dice que de esa especie de “sociología sin peligro y requetedivertida”, referencia a la etnología entonces de moda, no se puede esperar nada parecido a los grandes hallazgos del intersiglo: el tabú, el tótem, el potlatch, etc. Aunque en su época contempla algunas excepciones (Jacques Soustelle y Claude Lévy-Strauss, por ejemplo), figuras consagradas de la generación anterior como Lucien Lévy-Bruhl y James Frazer le parecen irrepetibles<sup>25</sup>. Todo esto se sabe y forma ya parte de la historia de la etnología del tercio medio del siglo XX.

No solo la sociología descriptiva ha puesto en cuestión el estatuto de la sociología general como ciencia de la realidad social, por emplear una noción muy a propósito de sabor freyeriano<sup>26</sup>. La sociología dogmática ha contribuido también a su descrédito, pues abusa de las hipótesis indemostrables y de las ocurrencias<sup>27</sup>. Bouthoul prefiere denominarla “metasociología” y a partir de ella distinguir mejor “en la obra de los sociólogos la especulación o la doctrina de la observación o la teoría”<sup>28</sup>. Partidario de encauzar sus energías, la considera no obstante legítima y hasta necesaria bajo la forma de una sociología de anticipaciones y conjetural<sup>29</sup>.

---

Gallup: una investigación matemática de medias inexistentes y puramente arbitrarias, en el vacío”. V. G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, P. U. F., París 1950, p. 11.

<sup>23</sup> Sobre esta patología de las ciencias sociales, la *quantophrenia* o “culto a la numerología”, término acuñado por Pitirim A. Sorokin hacia 1956, v. P. A. Sorokin, *Achaques y manías de la sociología moderna y ciencias afines*, Aguilar, Madrid 1964, pp. 142-231.

<sup>24</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 227-228.

<sup>25</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, p. 193. Para lo que aquí interesa, las razones alegadas por Bouthoul para subordinar la etnología a la sociología, mejor o peor fundadas, son algo secundario.

<sup>26</sup> V. H. Freyer, *Introducción a la sociología*, Ediciones Nueva Época, Madrid 1949, p. 12.

<sup>27</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, p. 211.

<sup>28</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 52.

<sup>29</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 19-21.



El *social survey* y la sociografía por debajo y la metasociología por encima acotan la sociología propiamente dicha<sup>30</sup>. Esta última comprende, por un lado, la ya mentada sociología general y por el otro una sociología positiva<sup>31</sup> que, a su vez, se desdobra en una sociología estática y en una sociología dinámica, categorías desde hace tiempo evaporadas de los tratados y diccionarios sociológicos<sup>32</sup>, pero sobre todo, lo que es más grave, del pensamiento sociológico dominante. La división, de una lógica aplastante que se impone a cualquiera, se encuentra en los clásicos de la sociología positivista y organicista: en Comte, su inventor (*statique sociale, dynamique sociale*)<sup>33</sup>; en Spencer, aunque no siempre de manera clara dado su individualismo metodológico<sup>34</sup>; en Durkheim y los durkheimianos, atentos mayormente a la morfología social<sup>35</sup>; en Worms, aunque él utiliza a veces otra nomenclatura: sociología descriptiva y sociología comparada, correlatos no obstante de la anatomía y la fisiología sociales<sup>36</sup>; en Pareto<sup>37</sup>; incluso en Bergson<sup>38</sup> y, por supuesto, en

<sup>30</sup> Bouthoul sintoniza aquí con la visión de otro *outsider* de la sociología francesa, Jules Monnerot, una minerva injustamente arrinconada y merecedora de un estudio ecuánime. V. J. Monnerot, *Les faits sociaux ne sont pas des choses*, Gallimard, París 1946. GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, p. 184, nota 1.

<sup>31</sup> Positiva, pero no positivista. Conviene aclararlo. Orientada hacia los hechos o que se atiene a ellos, pero sin caer en un naturalismo sociológico. V. A. Perpiñá, *Introducción a la teoría de la sociología. I. Metasociología*, pp. 168-170.

<sup>32</sup> V. G. Rocher, *Introducción a la sociología general*, Herder, Barcelona 1985 y M. Borlandi, R. Boudon, M. Cherkaoui y B. Valade (Ed.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*. Estas dos muestras bibliográficas son arbitrarias, pues son las que tengo más a mano en mi biblioteca, mas no por ello menos ejemplares: la primera es un manual muy frecuentado por los profesores de sociología que han enseñado a mi generación; la segunda, muy reciente, constituye una vasta suma del pensamiento sociológico, al mismo tiempo *status quaestionis* y programa de una sociología *in fieri*.

<sup>33</sup> V. A. Comte, *Cours de philosophie positive*, t. IV: *La partie dogmatique de la philosophie sociale* (1830), Schleicher Frères, París 1908, lecciones 50ª y 51ª (pp. 283-387).

<sup>34</sup> V. H. Spencer, *Social Statics*, D. Appelton and Company, Nueva York 1883 y *The Principles of Sociology*, t. I, 2ª parte, pp. 447-597.

<sup>35</sup> V. É. Durkheim, “Une confrontation entre bergsonisme et sociologisme: le progrès sociale et la dynamique sociale (1914)”, en *Textes. 1. Éléments d’une théorie sociale*, Éditions du Minuit, París 1975, pp. 64-70. No obstante su adhesión matizada a Comte, Durkheim proyecta una morfología (“maneras de ser”) y una fisiología (“maneras de hacer”) sobre la estática y la dinámica sociales de aquel: v. É. Durkheim, *Las reglas del método sociológico*, pp. 40-41.

<sup>36</sup> V. R. Worms, “Essai de classification des sciences sociales”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. I, nº 5, septiembre-octubre 1893, pp. 439-444. Cfr. R. Worms, “La sociologie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. I, nº 1, enero-febrero 1893, pp. 9-10. Sobre “estática social” y “dinámica social” v. R. Worms, “Sur la définition de la sociologie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. I, nº 2, marzo-abril 1893, pp. p. 174. Finalmente v. R. Worms, *La sociologie. Sa nature, ses contenus, ses attaches* (1921), M. Giard, París 1926.

<sup>37</sup> V. V. Pareto, “Il compito della sociologia fra le scienze sociali (1897)”, en *Scritti sociologici*, Utet, Turín 1996, p. 186. Del mismo, *Traité de sociologie*, t. 1, §§ 129-135. El paso de un estado social a otro sucesivo se

Sorokin, Gurvitch y el propio Bouthoul, los tres estrictamente coetáneos y epígonos de esta tradición.

Sorokin, como él mismo reconoce, calca su división de la sociología sobre la de Comte, “la más provechosa de todas”<sup>39</sup>. En su concepto hay una sociología general (*general sociology*) que se ocupa del “lo supraorgánico” (*the superorganic*)<sup>40</sup>, es decir, del “fenómeno sociocultural” genéricamente considerado y esto desde dos perspectivas: la de la sociología estructural (*structural general sociology*) o estudio de la estructura y composición del fenómeno sociocultural, y la de la sociología dinámica (*dynamic general sociology*), que se ocupa de los procesos sociales recurrentes<sup>41</sup>. La sociología especial (*special sociology*) es la teoría de la estructura y la dinámica de los fenómenos socioculturales particulares (economía, religión, etc.)<sup>42</sup>. Gurvitch, por su parte, ha depurado el pensamiento sociológico de los falsos problemas que a su juicio lo atorran en el siglo XIX<sup>43</sup>; reniega de entrada de la división comteana, pero acota oportunamente que el recurso a la dicotomía estática-dinámica, o estructural-procesual (la sociedad *in fieri*), ha separado lo que siempre y bajo cualquier circunstancia se presenta unido. Así pues, en su sociología profunda (*sociologie en profondeur*) o diferencial (*sociologie différentielle*), una compleja arquitectura científica edificada sobre tres planos (microsociología, sociografía diferencial de los grupos y tipología de las sociedades globales), Gurvitch ha querido marcar el papel transversal desempeñado por las “efervescencias colectivas”, vectores que atraviesan los

---

caracteriza por un tipo de movimiento que llama “real”, como en la mecánica. El movimiento “virtual”, fuera de la realidad, puede servir para el estudio de los movimientos reales y desvelar las características de un estado social dado.

<sup>38</sup> La sociología de Bergson es una sociología dinámica en la que rigen las leyes de dicotomía y del doble frenesí (*loi de dichotomie, lois de double frénésie*). V. H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, p. 366.

<sup>39</sup> V. P. A. Sorokin, *Society, Culture, and Personality*, p. 17, nota 23.

<sup>40</sup> Las ciencias físicas estudian los fenómenos inorgánicos, la biología el mundo orgánico (*organic world*) y las ciencias sociales el supraorgánico (*superorganic world*). V. P. A. Sorokin, *Society, Culture, and Personality*, p. 3.

<sup>41</sup> V. P. A. Sorokin, *Society, Culture, and Personality*, pp. 14-17.

<sup>42</sup> Sorokin considera (en 1942) que las sociologías de la guerra y la revolución, partes a su vez de una sociología de la desorganización social (*social disorganization sociology*), mucho más amplia, constituyen una de las sociologías especiales más desarrolladas de su época, al lado de la sociología de la población, las sociologías rural y urbana, las sociologías del derecho, la de la familia o la criminología. V. P. A. Sorokin, *Society, Culture, and Personality*, pp. 17 y 34.

<sup>43</sup> V. G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, pp. 19-48.

tres planos mentados<sup>44</sup>. En suma, “en toda sociedad y en cualquier momento de su existencia se está representando un drama tremendo entre las fuerzas de conservación y las de innovación, entre las de la revolución permanente y las de la contrarrevolución no menos permanente”<sup>45</sup>.

El abandono de una dicotomía a primera vista tan útil se debe a la concurrencia de varios factores<sup>46</sup>: exosociológicos, como la repercusión en las ciencias sociales del cambio de paradigma científico operado desde principios del siglo XX –física cuántica–, y endógenos, como las victorias del estructural-funcionalismo y del individualismo metodológico en los años cincuenta y sesenta y en los años setenta y ochenta respectivamente<sup>47</sup> y la prevalencia del enfoque individualizador de problemas, característico de la Escuela de Chicago y generalizado en Europa mediado el siglo XX. En todo caso, tratándose de un paradigma fuerte, esta división no podía mantenerse en un contexto tan adverso como el encuadrado por el anarquismo metodológico de Paul Feyerabend y el posmodernismo filosófico de Jean-François Lyotard, desde los años ochenta hasta hoy mismo.

La sociología estática se ocupa, según Bouthoul, de las estructuras sociales en el espacio. En cierto modo, se trata de una morfología de las instituciones y de las mentalidades. Si se tiene en cuenta la permanente invocación bouthouleana de la biología podría hablarse incluso de una “bioestática social”. La sociología dinámica, en cambio, como “biodinámica social”, estudia las variaciones de esas mismas estructuras materiales y mentales en el tiempo. Desde otro punto de vista complementario, la estática se ocupa del

---

<sup>44</sup> V. G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, p. 25. Uno de los errores más importantes en sociología es ignorar las “conductas colectivas efervescentes, novadoras y creadoras”, elementos constitutivos de cada “fenómeno social total”, entre otros la guerra. V. G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, pp. 82-83.

<sup>45</sup> V. G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, p. 83.

<sup>46</sup> Debo este esquema del declive de la subdivisión comteana a Carlo Gambescia, sociólogo a la antigua (*all'antica*) y claro como un vaso de agua. Gambescia reivindica en este punto la autoridad de Bouthoul. V. C. Gambescia, *Sociologi per caso*, p. 39, nota 9.

<sup>47</sup> El estructural-funcionalismo propicia que la teoría del cambio social engulla toda la sociología y al menos durante algún tiempo así ha sido. En términos generales, el estructural-funcionalismo constituye una forma de organicismo purificado o esencializado a partir de la idea de sistema, carente de referencias históricas. V. D. Martindale, *La teoría sociológica*, Aguilar, Madrid 1979, parte VI, § 17. Por su parte, el individualismo metodológico, basado en la interacción, repudia toda estructura “colectiva”, estática o dinámica. V. L. Infantino, *El orden sin plan. Las razones del individualismo metodológico*, Unión Editorial, Madrid 2000.

hecho social estadístico (repetición pura y simple) y la dinámica del hecho social que rezuma intensidad (fenómeno de paso)<sup>48</sup>.

Aficionado a las analogías organicistas desde sus primeros trabajos, Bouthoul establece entre una y otra la misma relación que existe entre la anatomía y la fisiología. Sugiere además que a la tipología dicotómica comteana se podría añadir una tercera categoría: la *cinemática*, término propuesto por Worms para la disciplina que estudiaría exclusivamente el nacimiento de nuevas instituciones sociales, su momento genésico<sup>49</sup>. En el esquema de Bouthoul, la cinemática se ocuparía de los fenómenos de paso, *punctum saliens* de todo cambio o mutación mental o material.

La sociología dinámica toma en consideración la dialéctica entre lo cuantitativo y lo cualitativo, entre lo normal y lo patológico, entre el organismo y su existencia, entre el orden y el progreso, así como los ritmos de las variaciones y sus eventuales desfases con respecto a otras estructuras asimismo cambiantes. En último análisis, su objeto fundamental según Bouthoul es el equilibrio<sup>50</sup> como “forma de relación”<sup>51</sup>. El equilibrio es noción clave en la historia de la sociología desde el momento en que libera al sociólogo de la pregunta por la causalidad y le introduce en el universo de las relaciones funcionales y las dependencias mutuas entre un número ingente de factores sociales, unos conocidos pero la mayoría ignotos e imprevisibles<sup>52</sup>. Ningún fenómeno es exclusivamente causa o efecto, sino la “resultante de acciones recíprocas y repercusiones con frecuencia inauditas”<sup>53</sup>. Del mismo modo, una concepción del universo social basada en el equilibrio “nos emancipa de la tesis romántica de la fatalidad”<sup>54</sup>. Por último, el estudio del equilibrio

---

<sup>48</sup> GB, *Traité de sociologie*, p. 131. El hecho social intenso, difícil de medir, aconseja el desarrollo de los “coeficientes (cualitativos) de intensidad”. Un ejemplo de ello son los barómetros polemológicos, aplicados al estudio del paso de la paz a la guerra y las probabilidades de una oscilación destructiva. GB, “Les baromètres polémologiques”, en *Études Polémologiques*, n° 1, julio 1971, pp. 1-27.

<sup>49</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 18-19. En este sentido, la sociología dinámica es también una suerte de embriología social, biología social a todos los efectos. GB, *Biologie sociale*, p. 5.

<sup>50</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 73-102. Se trata de un tipo de equilibrio oscilante, característico de las sociologías de Pareto y Bergson. V. V. Pareto, *Traité de sociologie*, t. II, §§ 3 329 ss. y H. Bergson, *L'évolution créatrice, passim*. y *Les deux sources de la morale et de la religion*, cap. 4.

<sup>51</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 76, nota 1.

<sup>52</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 77 y 79.

<sup>53</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 56.

<sup>54</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 89.

social combinado con la teoría del duelo lógico de Tarde y los impulsos como en haz que constituyen el *élan vital* de Bergson permite dar cuenta también, al mismo tiempo, de la extrema complejidad de la sociedad y de sus facetas de coordinación<sup>55</sup>. La noción de equilibrio no excluye la interferencia de los factores psicológicos, sino todo lo contrario: reintroduce en sociología el factor voluntario y con ello la posibilidad de determinar cambios en el equilibrio y modificaciones efímeras o duraderas de la estructura; también permite contar con el azar, entendido como “encuentro inesperado de dos series independientes”<sup>56</sup>.

A Bouthoul no le interesan tanto las leyes históricas del progreso social como la variación y la sucesión de los estados de equilibrio, pues la vida y el hombre que la vive son perpetua movilidad. No hay en ellos una situación de reposo equivalente a la inercia en mecánica<sup>57</sup>, sino un movimiento incesante susceptible de una aceleración, la cual, generadora de desniveles de energía, puede operar eventualmente una disimetría y la ruptura cuantitativa o cualitativa del equilibrio<sup>58</sup>. Algo en lo que parece estar de acuerdo P. A. Sorokin<sup>59</sup>. Por fuerza, en su concepción de la sociología dinámica había de ocupar un lugar destacado el estudio de cualesquiera formas aceleradas o aceleradoras de los desequilibrios, en particular la revolución, la colonización y la guerra<sup>60</sup>, a las que bien podrían añadirse las migraciones<sup>61</sup>.

---

<sup>55</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 78.

<sup>56</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 56.

<sup>57</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 39.

<sup>58</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 62.

<sup>59</sup> V. P. A. Sorokin, “Le concept d'équilibre est-il nécessaire aux sciences sociales?”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 44, n° 9-10, septiembre-octubre 1936, pp. 497-529.

<sup>60</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, pp. 118 y 123 ss.

<sup>61</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 155-167. En estas páginas se encuentran elementos para una sociología de los desplazamientos de población (el fenómeno-migratorio), cuyo objeto es el estudio de las “reacciones pacíficas suscitadas por los desequilibrios demoeconómicos entre sociedades diferentes”. El estudio de las reacciones demográficas violentas o “migraciones armadas” (fenómeno-guerra) le corresponde a la polemología. Los desplazamientos pacíficos pueden ser lentos (corrientes de emigración que operan en amplios periodos de tiempo) o espasmódicos (transferencias bruscas de población, forzosas o inducidas), individuales (*émigration*) o colectivos o gregarios (*migration*). A diferencia de la emigración, “fenómeno libre y voluntario”, la migración es algo “impuesto al individuo”. En la época contemporánea, probablemente a partir de la descolonización y la creciente afluencia migratoria sobre Europa desde las antiguas colonias, parecen borrarse los linderos entre una y otra, apareciendo lo que Bouthoul denomina corrientes de emigración (*courants d'émigration*), fenómeno individual en su esencia psicológica, pero social

Esta perspectiva confirma la trascendencia que para Bouthoul tiene el fenómeno colonial: desde el punto de vista de una sociología de las mentalidades, cierto, pero también como objeto privilegiado de la sociología dinámica. Bouthoul, por otro lado, apenas se ocupa de la revolución bajo la especie de la “guerra revolucionaria” practicada en el siglo XX<sup>62</sup>, próxima a una “guerra de sucesión de pueblos”, por contraste con las guerras de sucesión monárquicas<sup>63</sup>, y determinante de toda gran transformación histórica<sup>64</sup>. En algún lugar, aisladamente, define la revolución como un “fenómeno de reequilibrio brusco no periódico”<sup>65</sup>. Mas no se hace cargo de ella como un factor de cambio independiente del fenómeno-guerra<sup>66</sup>, condición o presupuesto de una sociología de la revolución en sentido estricto<sup>67</sup>. Pasa en este punto al lado de lo esencial, pero se le escapa, pues

---

en sus efectos. En cualquier caso, el estudio de los desplazamientos de las especies constituye un “capítulo esencial de la biología”. GB, *Essais de polémologie*, p. 190.

<sup>62</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 130-133.

<sup>63</sup> Gaston Bouthoul y René Carrère, *Le défi de la guerre*, pp.83-86 y 94-95.

<sup>64</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 99-100.

<sup>65</sup> GB, *Traité de sociologie*, p. 94. La conflictología, nueva etapa posible de la polemología, comprendería las afecciones que atacan a una comunidad política desde fuera (las guerras) y desde dentro (las revoluciones). V. también G. Bouthoul y R. Carrère, *Le défi de la guerre 1740-1974*, p. 48. Es esta una opinión que compartiría Lucien Poirier, crítico muy a su pesar de una polemología a la que, a su juicio, le ha faltado “arquitectura”. V. L. Poirier, “Problématique polémologique et volonté de création (I)”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril 1974, pp. 3-24 y “Problématique polémologique et volonté de création (II)”, en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974, pp. 3-23. El término *conflictologie* lo recoge Bouthoul por primera vez, entrecomillado, a mediados de la década de los sesenta. GB, “De la valeur respective des témoignages et des colloques simulés”, en *Guerres et Paix*, n° 2, 1966/2, p. 50.

<sup>66</sup> La idea de la *revolución social* de Lorenz von Stein, categoría más amplia que *revolución política* y clave de la sociología dinámica del pensador alemán, inspira su estudio del movimiento social y la dialéctica de los principios de libertad y necesidad, encarnados respectivamente del estado y la sociedad. V. L. von Stein, *Movimientos sociales y monarquía* [edición abreviada], C. E. C., Madrid 1981 y J. Molina, *Építome de la política social 1917-2007*, pp. 29-31.

<sup>67</sup> Hay una sociología de la revolución en P. A. Sorokin, *Sociology of Revolution*, J. B. Lippincott, Filadelfia 1925. V. también, del mismo, *Social and Cultural Dynamics*, vol. III y *Dinámica social y cultural*, t. II, pp. 927-977. Sorokin estudia la magnitud de las “perturbaciones internas en las relaciones intragrupo” (por resumir: intensidad y duración), su taxonomía y su frecuencia, después de hacer lo propio con las guerras (“perturbaciones intergrupales”). También hay una sociología de la revolución, siquiera una razonada incoación de la misma, a partir de un “estudio comparativo de [cuatro] revoluciones”, la inglesa, la norteamericana, la francesa y la rusa, en C. Brinton, *Anatomía de la revolución*, F. C. E., México 1942, pp. 7-33. Son muy interesantes las consideraciones de Brinton sobre el óptimo enfoque del “equilibrio” paretiano para la elaboración de una “sociología completa de las revoluciones o una dinámica de la revolución”, “a la larga, el más útil para el sociólogo de las revoluciones”, aunque resulta “demasiado ambicioso” para sus fines (p. 21). Su descarte tiene pues que ver con la pretensión, más modesta, de elaborar un concepto de revolución a partir de lo patológico o conjunto de las “señales prodrómicas” de la revolución (p. 22). Mucho más reciente, pero no necesariamente más *actual* o relevante que las doctrinas de Sorokin y Brinton, es la teoría de las causas estructurales de las revoluciones de Jack A. Goldstone, de sustrato causal demográfico. V. J. A. Goldstone (Ed.), *Revolutions. Theoretical, Comparative, and Historical*

considera la revolución únicamente desde el punto de vista del cambio de mentalidad, sin conectarla con la política o la demografía. Solo la guerra capta su vocación y galvaniza todas sus energías.

El estudio detallado de la guerra es para Bouthoul un imperativo moral y aun deontológico. Le dará así forma como objeto (fenómeno-guerra), configurando al mismo tiempo la ciencia de nuevo cuño que lo contempla (polemología). Bouthoul, “aquejado de objetividad” (*malade d’objectivité*)<sup>68</sup>, sanciona el uso de la expresión *fenómeno-guerra* referida a “la lucha armada y sangrienta entre grupos organizados” como cosa o hecho social susceptible de un análisis desapasionado, hoy, siquiera de intención, bastante común, si no general<sup>69</sup>. La terminología adquiere carta de naturaleza sociológica a partir de 1962, fecha de la edición abreviada de *Les guerres* que Bouthoul entrega a la colección “Petit Bibliothèque Payot” bajo el título *Le phénomène-guerre*, una obra concebida para la alta divulgación científica<sup>70</sup>.

Bouthoul no pierde de vista las numerosas interferencias y relaciones trabadas en torno a la guerra como hecho social total<sup>71</sup>. Quiere tenerlas todas en cuenta, independientemente de su naturaleza económica, política, religiosa o de otro tipo, reconociéndose así tácitamente como un sociólogo impuro. “La historia de la sociología enseña lo difícil que es representarse un sociólogo *puro*”, pues este ha de apoyarse siempre en los aportes de numerosas ciencias particulares<sup>72</sup>. Esta taxonomía *in nuce* de la condición del sociólogo admite ser completada y clarificada, en el otro polo de un continuo ideal, con la categoría

---

*Studies*, Harcourt Brace Jovanovich Publishers, Orlando 1986, pp. 1-17, 88-104 y 319-322 y J. A. Goldstone, *Revolutions. A Very short Introduction*, Oxford University Press, Nueva York 2014.

<sup>68</sup> Diagnóstico que tan bien le cuadra a Bouthoul y que tomo de A. de Benoist, *Dernière année*, p. 61, en donde el autor se lo aplica a sí mismo.

<sup>69</sup> GB, *Les guerres*, pp. 25-37, capítulo dedicado a la acotación conceptual del fenómeno-guerra.

<sup>70</sup> Además GB, “La polémologie, étude du phénomène guerre. Anexe a l’*Histoire mondiale des guerres*”, en Georges Blond (Ed.), *Histoire mondiale des guerres de la Préhistoire à l’Âge atomique*, Plon/Club Français des Bibliophiles, París 1965, t. II, pp. 285-307.

<sup>71</sup> Precisamente por ello, como dice Antonio Perpiñá, “la guerra no encaja en ninguna de las sociologías admitidas” hasta que Bouthoul elabora una polemología que, como también yo sostengo, sigue ubicada en una sociología de gran aliento, al viejo estilo europeo. V. A. Perpiñá Rodríguez, *La época de lo social y otros escritos sobre Política y Seguridad social*, p. 207.

<sup>72</sup> GB, *Histoire de la sociologie*, p. 98.

del sociólogo que ignora su condición y que, sin embargo, lo es en parte, *ex post* o incluso a su pesar<sup>73</sup>.

La polemología, “estudio objetivo y científico de las guerras como fenómeno social”<sup>74</sup>, es pues un nuevo capítulo de la sociología dinámica a la que Gaston Bouthoul ha de contribuir también con otros consabidos. La poderosa imaginación sociológica de Bouthoul ilumina nuevos objetos del conocimiento científico, algunos insólitos y nunca antes mencionados. No es casual, pues, que él mismo subraye que “el problema de la guerra, por las mismas razones que la invención en sus dos formas: la técnica y la moral, constituye la rama central de la sociología dinámica”<sup>75</sup>. Hasta el punto de aseverar, consecuentemente, que desde una perspectiva sociológica “las guerras únicamente importan [...] en la medida en que traen consigo las transformaciones culturales”<sup>76</sup>. La mentalidad, ciertamente, constituye un registro perfecto de las mutaciones sociales. La expresión más acabada del cambio social es la transformación de la mentalidad hasta entonces predominante, cuyo sustrato es el “desplazamiento de la frontera entre lo sagrado y lo profano”<sup>77</sup>. El “factor tiempo”, dimensión ineludible de las variaciones, es el elemento cuya incidencia –ya sea mecánica (calendario, horario), orgánica (ritmos fisiológicos) o psicológica (*durée*)– distingue a la sociología dinámica de la estática<sup>78</sup>. Influida por su lectura de Georges Bataille y la metabolización sociológica sui generis de los estudios de Colin Clark y Jean Fourastié sobre la naturaleza de la actividad económica y sus sectores, Bouthoul apunta una “sociología de los fenómenos destructivos”, dilatación extraordinaria del horizonte de la polemología en el que la noción de “sector cuaternario”, el de las actividades destructivas, ocupa el lugar de la piedra angular<sup>79</sup>.

---

<sup>73</sup> V. C. Gambescia, *Sociologi per caso, passim*.

<sup>74</sup> GB, *Les guerres*, p. 8.

<sup>75</sup> GB, *Les guerres*, p. 7.

<sup>76</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 40.

<sup>77</sup> GB, *Les mentalités*, p. 96.

<sup>78</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 5.

<sup>79</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon, *Panorama des idées contemporaines*, p. 222. V. J. Freund, *Sociologie du conflit*, pp. 60-61.



## 2. El fenómeno-guerra en el metabolismo social

La guerra no es una enfermedad social ni una patología colectiva<sup>80</sup>, sino una expresión suprema de dinamismo biológico<sup>81</sup>, una función estable de la biología social que se ejerce con pretextos muy variados<sup>82</sup>. Como tal forma parte del masivo proceso de sustitución de personas que Norman B. Ryder, en un estudio precursor sobre la cohorte de edad como factor de cambio social, denomina “metabolismo demográfico” (*demographic metabolism*)<sup>83</sup>.

Leopold von Wiese, en el congreso de sociología de Ginebra de 1930, ya había dicho delante de Bouthoul que el marco más adecuado para el estudio de la guerra es la biología, pues la causa profunda de aquella, de carácter “bioantropológico”, está en la *bête humaine*<sup>84</sup>. ¿Habrá expresión más clara de la naturaleza biológica de la guerra que la llamada “guerra de úteros”<sup>85</sup>? Bien mirado, no solo la doctrina de la causalidad demográfica de la guerra basada en la sobreabundancia de varones jóvenes (*overjuvenation*) constituye un argumento

<sup>80</sup> No es fácil determinar científicamente qué es un estado social patológico, otro “problema metafísico” ante el que Bouthoul prefiere inhibirse. La aceptación de la hipótesis de la guerra-enfermedad (*guerre maladie*) no es más que una elección metodológica, pues resulta más fácil delimitar los estados paroxísticos que los saludables. Sucede lo mismo en medicina. Por lo demás, tal vez la “privación de guerra” podría ser el estado verdaderamente patológico de una sociedad. GB, *L’infanticide différé*, pp. 34-35. Un libro como *Sauver la guerre* discurre precisamente sobre esta última intuición: ¿si no se hace la guerra qué haremos entonces? “El temor de vernos obligados a renunciar a la guerra, la institución social más venerable, *antes de haber encontrado el medio de sustituir* sus funciones es causa en buena medida de nuestro desasosiego actual” (cursivas del autor). GB, *Sauver la guerre*, p. 224. Se entiende así mejor la provocación de E. N. Luttwak, “Give War a Chance”, en *Foreign Affairs*, vol. 78, nº 4, julio-agosto 1999, pp. 36-44. Lamenta Luttwak que el *peace making* impida que la guerra dé de sí.

<sup>81</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 87. R. Worms la considera una anomalía, una enfermedad social (*maladie sociale*), como la competencia industrial, causada por “la acción [que] sobre una sociedad ejercen las sociedades circundantes”. V. R. Worms, *Organisme et société*, p. 313.

<sup>82</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 179.

<sup>83</sup> V. N. B. Ryder, “The Cohort as a Concept in the Study of Social Change” (1965), en J. R. Weeks y D. L. Fugate (Ed.), *The Youth Bulge. Challenge or Opportunity?*, IDEbate Press, Nueva York 2012, p. 16.

<sup>84</sup> V. L. von Wiese, “La civilisation et la guerre”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932, p. 149. En el mismo foro declara el sociólogo italiano Sincero Rugarli, fundador de la *Rivista Italiana di Sociologia*, que la guerra cumple, entre otras, la función de favorecer la circulación de los grupos demográficos. Sus causas y sus efectos se registran pues también en el “orden biológico”. V. S. Rugarli, “Le rôle sociale de la guerre”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932, p. 148. Interesa M. C. Federici, *Alle radici della sociologia in Italia: la Rivista Italiana di Sociologia*, Franco Angeli, Milán 1990.

<sup>85</sup> GB, *L’inflation démographique*, pp. 92-93. Íntimamente relacionados con la guerra de úteros están los procesos de suplantación o sustitución de poblaciones. GB, “Fonctions sociologiques des guerres”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. II, nº 2, abril-junio 1961, p. 21.

biológico; también lo es la doctrina polemológica de motivación economicista, pues en última instancia, directa o indirectamente, la guerra afecta a los medios de subsistencia<sup>86</sup>. El hambre y otras calamidades como las epidemias, factores polemógenos según qué circunstancias, recuerdan la gravitación biológica de los conflictos, remota si se quiere, pero siempre operante<sup>87</sup>. Se habla también de una variante intelectualizada del hambre, el espacio vital, para explicar la guerra. Según Bouthoul, las teorías del *Lebensraum* son meras construcciones ideológicas, por tanto erróneas; demuestran sin embargo la toma de conciencia, en la época contemporánea, de la verdadera naturaleza biológica de la guerra<sup>88</sup>, consumidora de tiempo y espacio<sup>89</sup>.

En realidad, la finalidad biológica de la guerra es doctrina inveterada que tiene notables antecedentes históricos en Grecia y Roma<sup>90</sup>. Bouthoul, sin salir de Francia, se refiere a Bodin, a Montaigne, a Montchrèstien, a Sully y a Stendhal. Todos son partidarios, por una razón u otra (“Francia se aburre”, se llega a decir bajo Luis Felipe), de la benéfica “sangría de la República”<sup>91</sup>. Todos son conscientes “desde hace muchísimo tiempo [...] de la tendencia belicosa resultante de la sobreabundancia de hombres jóvenes”<sup>92</sup>.

El sociólogo indio Benoy Kumar Sarker advierte en 1937 que la orientación impresa por Bouthoul sobre la demografía supone un “nuevo impulso al estudio objetivo del

---

<sup>86</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 222. La doble motivación demoeconómica (superpoblación) la aplica Maquiavelo a un tipo de guerra natural, *crudelissima e paventosissima*, opuesta a la estrictamente política, motivada, dice él, *per ambizione de' principi o delle republiche, che cercano di propagare lo imperio*. V. N. Maquiavelo, *Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio* (II, 8), en *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*, Newton, Roma 1998, p. 155.

<sup>87</sup> V. P. A. Sorokin, *Hunger as Factor in Human Affairs*, University Press of Florida, Gainesville 1975 y *Man and Society in Calamity: The Effects of War, Revolution, Famine, Pestilence upon Human Mind, Behavior, Social Organization, and Cultural Life*, Praeger, Nueva York 1968.

<sup>88</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 223-224.

<sup>89</sup> GB, *L'infanticide différé*, pp. 111-112.

<sup>90</sup> V. F. Virgili, *Il problema della popolazione*, pp. 553 ss. Estima Bouthoul que los pensadores griegos advirtieron que la Guerra del Peloponeso fue el resultado de “un aumento desmedido de la población de Grecia”. GB, “Les différents aspects de l'équilibre démographique”, en *Revue Internationale de Sociologie*, 46, marzo-abril 1938, p. 121. Dicho de otro modo, “la despoblación de Grecia [resultado de la guerra] tiene como causa la sobreabundancia” (p. 123).

<sup>91</sup> GB, *Les guerres*, pp. 278-281. También en GB, *L'infanticide différé*, p. 88.

<sup>92</sup> GB, *Les guerres*, p. 295. GB, “Guerres et population”, en *Revue de Défense Nationale*, n° 29, octubre 1946, pp. 453-454.

metabolismo social”<sup>93</sup>. Esta aguda observación, en modo alguno fortuita, no solo singulariza la incoación bouthouleana de una demografía política, sino también la de la polemología como una rama de la biología social, opinión que Bouthoul se complace en manifestar siempre que tiene ocasión<sup>94</sup>. Otros han visto también que la guerra pertenece a los bajos fondos del ser humano (*bas fonds de l'être*), al orden gánico, que viene de *gana*, improvisa el genialoide Keyserling con mucho tino, pues tiene *gana* un trasfondo biológico o animal o telúrico del que carece *voluntad*. ¿Se puede intelectualizar la digestión? No, se responde Keyserling, ni la digestión ni la guerra<sup>95</sup>. Insiste en ello Roger Caillois: la guerra pertenece a lo espasmódico; en vano pujan los políticos por dominarla. Es, como los partos, una suprema impulsión visceral que la inteligencia no puede comprender<sup>96</sup>.

La demografía política o, tanto monta, la polemología demográfica aborda la relación entre los conflictos armados y la estructura demográfica de los beligerantes sobre la base de que la guerra constituye una función social<sup>97</sup> y una necesidad biológica. Rige en la “fisiología social una necesidad de eliminación periódica y masiva de individuos”, sugiere Bouthoul en 1922<sup>98</sup>. La guerra es la expresión de un movimiento biológico (*poussée biologique*), discontinuo, inconsciente y raramente apercibido, pero fundamental para “explicar lo inexplicable y hacernos entrever los procesos y los equilibrios biológicos que gobiernan la lógica social”<sup>99</sup>. Ello condiciona toda pretensión antibelicista, pues no se puede “suprimir una función bio-social permanente, sino sustituir la adaptación espasmódica y destructiva por una acotación preventiva” o por otra función homóloga sustitutiva<sup>100</sup>.

Resulta que la discontinuidad de la guerra, una discontinuidad no periódica, es decir, ni mecánica ni matemáticamente previsible, pero sí de naturaleza periodomorfa, es

<sup>93</sup> V. B. Kumar Sarkar, “Le métabolisme social. Réflexion sur le rôle des races, des classes et des diverses forces transformatrices”, en *Revue de Synthèse*, XIII, n° 2, febrero 1937, p. 38.

<sup>94</sup> GB, *L'infanticide différé*, pp. 10, 241, etc. “La sociología dinámica constituye como tal una auténtica biología social”. GB, *Biologie sociale*, p. 5.

<sup>95</sup> V. H. Keyserling, *La révolution mondiale et la responsabilité de l'esprit*, Stock, París 1934, pp. 37, 39 y 69.

<sup>96</sup> V. R. Caillois, *Bellone ou la pente de la guerre*, p. 215.

<sup>97</sup> GB, *L'infanticide différé*, pp. 30 y 84.

<sup>98</sup> GB, *Études sociologique des variations de la natalité dans les faits et la doctrine*, p. 34.

<sup>99</sup> GB, “Biologie sociale et communications”, en *Études Polémologiques*, n° 13, 1974, p. 59.

<sup>100</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 238.

característica fundamental de los fenómenos biológicos. Desde esta perspectiva, la guerra tendría una función equilibradora que se consume en la explosión espasmódica y adaptativa que sucede a una lenta acumulación de energía vital<sup>101</sup>. “En la naturaleza, por desgracia, las adaptaciones biológicas no operan de modo continuo, sino espasmódico. Los físicos las representan mediante curvas sinusoidales, como las de las descargas oscilantes y las curvas de relajación o ‘curvas de cisterna’: acumulación seguida de caída brutal”<sup>102</sup>. El movimiento biológico y la vida se caracterizan pues por la acumulación de energía y su liberación posterior rebasado cierto umbral.

La vida es ondulante, como se figura Montaigne<sup>103</sup>, pues todo en el hombre, un ser extraordinariamente inconstante, sube y baja. El descreído Pareto, un cínico que no desentona junto al apacible provincial girondino, apunta lo mismo: los fenómenos vitales no son uniformemente crecientes ni decrecientes, sino que siguen como una línea ondulante que lo mismo se empina que se abaja (*une ligne ondulée qui tantôt monte, tantôt descend*)<sup>104</sup>. También la guerra es uno esos asuntos vitales oscilantes. Bouthoul se identifica con la definición de vida de Bergson. “La vida [...] es un esfuerzo por acumular energía para encauzarla a continuación en canales flexibles, deformables, en cuyos extremos realizará trabajos infinitamente variados”. Una lenta acumulación de energía (*accumulation lente d'énergie*) seguida de una brusca relajación (*détente brusque*)<sup>105</sup>. Independientemente de las curvas de recurrencia estudiadas por la biología matemática, reflejo de un proceso de lenta acumulación y descarga súbita de energía, la guerra como fenómeno biológico supone de un modo eminente la ralentización de los nacimientos y el cambio brusco en la estructura demográfica a causa de la elevada mortalidad entre los varones jóvenes, lo que altera la relación numérica entre los sexos y entre las distintas cohortes<sup>106</sup>.

Aceptada la opinión de Bergson es lícito preguntarse con Bouthoul, como haría un biólogo, qué intención tiene la naturaleza al asignar a un órgano (instituciones destructivas) cierta función (la eliminación con altibajos pero de modo constante de seres

---

<sup>101</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 77; GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 118 y GB, *Cent millions de morts*, p. 214.

<sup>102</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 170.

<sup>103</sup> V. M. de Montaigne, *Los ensayos*, I, 1, p. 12.

<sup>104</sup> V. V. Pareto, *Traité de sociologie*, t. II, § 724, p. 397.

<sup>105</sup> V. H. Bergson, *L'évolution créatrice*, pp. 254 y 257.

<sup>106</sup> GB, *Les guerres*, p. 273.

humanos, mayormente jóvenes). La alineación de la guerra con la función de un organismo vivo obliga a Bouthoul a anticipar un argumento contra la desautorización del organicismo, doctrina muy pronto abandonada incluso por sus propios promotores: la chata metáfora organicista de la época de Spencer no ha aportado gran cosa... sin embargo, los progresos de la biología a partir de los años treinta permiten albergar de nuevo la esperanza de que el “estudio de las analogía entre organismos vivos y sociedades puede proporcionar a la sociología sugerencias fecundas”<sup>107</sup>. Poco después de la Gran Guerra, en horas bajas del organicismo, Bouthoul augura el retorno a esa doctrina sociológica<sup>108</sup>.

Bouthoul, adicto a la concepción biológica de la guerra pone de nuevo en la palestra una doctrina que bien podría denominarse neoorganicista<sup>109</sup>. O si se prefiere, tomando la categoría de Don Martindale, un “organicismo purificado”: purificado por una visión abierta (las fluctuaciones orgánicas) y no cerrada (los ciclos orgánicos)<sup>110</sup>. Antony Dabila ha cuestionado recientemente la validez de la “metáfora biológica” de Bouthoul, cuyo uso considera abusivo y expresión de sociologismo, incluso de la presencia operante de una conciencia colectiva que “persigue restablecer el equilibrio de sus funciones por los medios más radicales”<sup>111</sup>. Bouthoul, aunque a veces fantástique con el *clinamen*, se hace ciertamente acreedor en ocasiones de ese reproche, en mi opinión más por la falta de precisión que porque esa sea realmente su doctrina. Como cuando dice, por ejemplo, que

---

<sup>107</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 8.

<sup>108</sup> GB, *Études sociologique des variations de la natalité dans les faits et la doctrine*, p. 46. Bouthoul escribirá después bajo la impresión de que la naturaleza habría dejado de crear nuevas especies, con la salvedad de las mutaciones no somáticas de la especie humana, consecuencia de la exacerbación de la función inventiva. GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 36-37; GB, *L’infanticide différencié*, pp. 10-11.

<sup>109</sup> Su visión de las civilizaciones también también es organicista. Lo que él llama, antes que Samuel P. Huntington, “el choque de civilizaciones” (*le choc de civilisations*), es solo una “fagocitosis social”, pacífica o brutal, a gran escala. GB, *Essais de polémologie*, pp. 74-75. Cfr. S. P. Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, Simon & Schuster, Londres 1998, pp. 48-55.

<sup>110</sup> V. D. Martindale, *La teoría sociológica*, p. 134.

<sup>111</sup> V. Antony Dabila, “La guerre, objet sociologique”, en *Res Militaris*, vol. 4, n° 2, verano-otoño 2014, p. 5, consultado en línea el 2 de agosto de 2016: [http://resmilitaris.net/ressources/10186/41/res\\_militaris\\_article\\_dabila\\_la\\_guerre\\_\\_objet\\_sociologique.pdf](http://resmilitaris.net/ressources/10186/41/res_militaris_article_dabila_la_guerre__objet_sociologique.pdf). Dabila adelanta en estas páginas el esquema preliminar de una revisión crítica de la polemología de Bouthoul. V. también A. Dabila, *L’engagement militaire. Une étude de sociologie comparée*, tesis doctoral inédita, Universidad París-Sorbona, 2013, pp. 125-126, consultada en línea el 2 de agosto de 2016: [http://www.e-sorbonne.fr/sites/www.e-sorbonne.fr/files/theses/dabila\\_anthony\\_2013\\_laffrontement\\_militaire.pdf](http://www.e-sorbonne.fr/sites/www.e-sorbonne.fr/files/theses/dabila_anthony_2013_laffrontement_militaire.pdf).

“los hombres cuentan muy poco, es la coyuntura la que hace los acontecimientos”<sup>112</sup>. En todo caso, la afirmación de una “corriente polemógena” no implica reconocer la existencia de una cenestesia social (*la société pense en moi*).

La consideración biológica de la guerra excluye el problema de su origen, asunto que a Bouthoul no le preocupa por considerarlo sin duda una cuestión metafísica, mítica o teológica (*mysterium iniquitatis*)<sup>113</sup>. Hasta cierto punto, preguntarse por el carácter originario o sobrevenido de la guerra y sus atributos resulta “bastante vano”<sup>114</sup>. Lo mismo que hacerlo sobre la paz: ¿es esta el estado normal de las sociedades? “Felizmente nada nos obliga a tomar posición ante estos problemas metafísicos”<sup>115</sup>. Tal vez por eso pasa por alto la aportación de los estudios etológicos<sup>116</sup> y etnológicos al conocimiento de la guerra.

El paralelismo entre las conductas animales agresivas (depredación, competencia ecológica entre individuos de las misma o diferentes especies) y la guerra humana no le parece relevante, acaso con la excepción de los simios superiores, pero este es un campo de exploración que cuando Bouthoul escribe su tratado hace casi setenta años se encuentra en mantillas. A su parecer, lo más comparable a una guerra en el reino animal son las “guerras de los insectos sociales”<sup>117</sup>, expresión más literaria que sociológica sobre la que apenas ofrece unas pocas referencias científicas... que se remontan a principios del siglo XIX<sup>118</sup>. En realidad, la pobreza o el anacronismo de su bibliografía, tratándose de un lector tan curioso, solo quiere decir una cosa: tampoco este asunto, la comparación entre las conductas animal y humana, parece interesarle demasiado, pues fácilmente se deslizan

---

<sup>112</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 170; GB, *Biologie sociale*, p. 81 y otros lugares.

<sup>113</sup> GB, *Les guerres*, pp. 38-55.

<sup>114</sup> GB, *Les guerres*, p. 130.

<sup>115</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 39.

<sup>116</sup> A la escuela de Konrad Lorenz le reprocha que no haya tenido suficientemente en cuenta los elementos psicológicos que moderan o frenan la agresividad. Las conclusiones del etólogo austriaco solo son válidas para sus modelos mamíferos y ornitológicos, pero no, por ejemplo, para los insectos y los reptiles, mucho más crueles que lobos y ocas. GB, *Essais de polémologie*, pp. 189-190.

<sup>117</sup> GB, *Les guerres*, pp. 110-118.

<sup>118</sup> No cambio esta misma apreciación con respecto a su libro crepuscular sobre la guerra y las civilizaciones, escrito con sus colaboradores del IFP. V. G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*, p. 39.

en él conclusiones indemostrables<sup>119</sup>. Algo más de atención le dedica al examen de la guerra entre los hombres primitivos, incluso entre los prehomínidos. Cuanto mejor se conocen sus vestigios, más parece la prehistoria una “trama de genocidios y migraciones armadas”<sup>120</sup>.

Cuando Bouthoul escribe su tratado polemológico se ha consumado el giro pacifista o neorrousonianiano en la etnología, explicitado con todo detalle por Lawrence H. Keeley<sup>121</sup>. Bouthoul, sin embargo, sostiene que el hombre primitivo, siquiera desde el Neolítico, ha tenido que conocer la significación de la guerra, pues ha erigido muros y empalizadas frente a sus enemigos. Son asimismo muy numerosos los vestigios y marcas de muertes violentas en el pasado prehistórico. Tampoco sus fuentes están aquí al día, pues fundamentalmente se basa en *The Evolution of War* de Maurice Davie, con todo, dicho sea en su descargo, la obra más completa sobre la guerra en estadios anteriores a la civilización hasta los años cincuenta. Por otro lado, el estudio de las sociedades primitivas actuales acredita también la tesis del comportamiento guerrero de todos los grupos humanos, del más simple al más complejo. De su estudio entresaca Bouthoul las marcas de la guerra que, a modo de elementos embrionarios, persisten en la especie humana a lo largo del tiempo. Y mucho más aún: “la condición originaria de la humanidad es la guerra”, afirma, y el estado natural del hombre la hostilidad permanente hacia el extranjero, cuyo reverso es la extrema solidaridad entre los miembros del grupo<sup>122</sup>. La guerra es innata y adquirida, *fait de nature* y *fait d'histoire*: sus raíces están en la animalidad del hombre, pero también en su humanidad y en su sociabilidad proyectadas en el devenir histórico<sup>123</sup>. “La historia sin guerra es como un coche sin motor”<sup>124</sup>. Las leyendas, el arte

---

<sup>119</sup> Esta “fossilización bibliográfica” apunta a algo mucho más importante, sugerido a lo largo de estas páginas: el estancamiento de la polemología en una aurora científica perpetua. Parece que, por un motivo u otro, Bouthoul no tenía ninguna posibilidad de ser escuchado.

<sup>120</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 133.

<sup>121</sup> V. L. H. Keeley, *War before Civilization*, pp. 3-24. En sintonía con Keeley: P. Clastres, *Investigaciones en antropología política*, pp. 203, 205 y 216: la guerra, fenómeno universal, está “inscrita en el ser de la sociedad primitiva”, siendo esta el “espacio sociológico de la guerra permanente”.

<sup>122</sup> GB, *Les guerres*, pp. 134-136. Dice Bergson que “la guerra es natural”: “el instinto guerrero es tan fuerte que es lo primero que aparece cuando se escarba en la civilización y se encuentra debajo la natura humana”. V. H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, p. 354.

<sup>123</sup> V. G. Bouthoul, R. Carrère, J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*, p. 39.

rupestre, las armas paleolíticas y los restos humanos con signos de muerte traumática no tienen vuelta de hoja. Frente a todas esas evidencias los pueblos privados de guerra (esquimales) son la modesta excepción que confirma una pauta universal: la guerra ha existido siempre y en toda la tierra.

La guerra se presenta entonces como un fenómeno *continuo*, una suerte de regularidad metapolítica<sup>125</sup>. Gurvitch diría que es una “forma de sociabilidad” (*forme de sociabilité*)<sup>126</sup>. En ella se expresan permanentemente una división del trabajo que tiene una base sexual —la guerra como ocupación masculina—, un sentido estético relacionado con la ostentación social y el despilfarro, y una dimensión lúdica. ¿La considera Bouthoul, entonces, inscrita en la naturaleza humana? El asunto tiene interés por dos razones: por ser objeto de un vivo debate que desborda las fronteras de la paleontología e interesa a las ciencias sociales<sup>127</sup>, y por tener como trasfondo el problema de si la guerra se puede eliminar, si pertenece a la naturaleza humana o no y si no pertenece cuándo aparece y si será posible dejarla atrás, como sucede con la esclavitud y el infanticidio<sup>128</sup>.

Frente a la doctrina de la “guerra arraigada profundamente en la naturaleza humana”<sup>129</sup>, una importante corriente en la que confluyen las aportaciones multidisciplinares de politólogos, etnólogos, prehistoriadores y paleontólogos sostiene que la guerra no está

<sup>124</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 225. Seguro que este gusto de Bouthoul por la expresión sintética, esculpida casi en aforismo, pero al mismo tiempo colorista, más próxima al periodismo que a la ciencia, no le ayudó a ser aceptado por la academia...

<sup>125</sup> GB, *Les guerres*, p. 124.

<sup>126</sup> V. G. Gurvitch, *La vocation actuelle de la sociologie*, pp. 8 y 98-235. Recuerdo, salvando las distancias entre la “sociología profunda” del rusofrancés y la sociología formista, que G. Simmel ha hecho de las “formas de socialización” (*Formen der Vergesellschaftung*) la columna vertebral de su concepción sociológica.

<sup>127</sup> Tiene toda la razón René Girard cuando proclama que en un sentido amplio la antropología resulta ya mucho más útil que la ciencia política, a la deriva en el mar sin orillas del *Political Science*. Si se medita sobre ello se ve que la cosa tiene importancia. Así, no me parece casual el repentino auge de la metapolítica. V. R. Girard, *Achever Clausewitz*, p. 27; C. Gambescia, *Metapolítica*, p. 34; A. Buela, *Metapolítica y filosofía*, Ediciones Theoria, Buenos Aires 2008, pp. 9-19.

<sup>128</sup> Elijo como contraste estas dos instituciones, presuntamente abolidas o cuando menos prohibidas. Sin embargo, se habla cada vez más de nuevas formas de esclavitud (*New Slavery*) que tal vez oprimen a unos 30 millones de seres humanos en todo el mundo. No hay cifras globales de los abortos voluntarios, forma primordial de infanticidio transformada en derecho subjetivo o en un nuevo derecho humano. Como decía el sociólogo Robert Hepp en un libro que hace época en Alemania, el pacifismo no es tan humano y tiene también sus víctimas. Hepp subraya la correlación entre la bajada de la natalidad y la pacificación (de Europa). En ese sentido la extensión del aborto no deja de ser una lucha de los vivos contra los no nacidos. V. R. Hepp, *Die Endlösung der Deutschen Frage. Grundlinien einer politischen Demographie der Bundesrepublik Deutschland*, Hohenrain Verlag, Tubinga 1988.

<sup>129</sup> V. J. Freund, *L'essence du politique*, p. 597.



inscrita en nuestra naturaleza: ni en la de los neandertales, esa romántica “humanidad paralela” sobre la que ha escrito un hermoso libro Marilène Patou-Mathis<sup>130</sup>, ni en la de la especie *sapiens*. Como señala Jean Baechler, la guerra es un hecho total y central... pero solo desde hace unos diez mil años<sup>131</sup>. Es una institución y como tal puede ser abolida o desplazada por un mecanismo inhibitorio, según el etólogo Konrad Lorenz, en el fondo un optimista antropológico<sup>132</sup>. Se trata pues de un producto de las circunstancias ambientales que algunos autores creen poder datar en el momento de la sedentarización de la especie humana, cuando en el Neolítico los cazadores-recolectores se convierten en pastores-agricultores<sup>133</sup>, aunque existen evidencias de que la guerra también forma parte de las relaciones intergrupales entre cazadores-recolectores del Paleolítico tardío<sup>134</sup>....

---

<sup>130</sup> V. M. Patou-Mathis, *Neanderthal. Une autre humanité*, Perrin, París 2006. Patou-Mathis sugiere la posibilidad de un encuentro, 30 000 o 40 000 años atrás, del hombre moderno (*h. sapiens*) con los neandertales (*h. neanderthalensis*), a resultas del cual, estos, ni menos numerosos ni menos fuertes ni peor armados que aquellos, habrían evitado el conflicto y la competencia territorial, replegándose hasta desaparecer en el confín sur de Europa (Gibraltar). La lepra de la rivalidad mimética no prende en ellos, mansos como los bienaventurados del sermón de la montaña. Neandertales y sapiens, animales simbólicos ambos, representarían dos humanidades genéticamente divergentes: pacífica la una y polémica la otra. La no interferencia genética parece confirmada por los estudios del ADN mitocondrial. V. P. Mellars, “The Fate of Neanderthals”, en *Nature*, vol. 395, 8 de octubre 1998, pp. 539-540; del mismo: “Neanderthals and the modern Colonization of Europe”, en *Nature*, vol. 432, 25 de noviembre 2004, pp. 461-465. La desaparición de los neandertales se atribuye a algún tipo de catástrofe ecológica, tesis expuesta por Juan Luis Arsuaga a partir de los estudios de la sima de los huesos de Atapuerca (provincia de Burgos). Sorprende la exclusión de la hipótesis bélica, algo que parece natural cuando en yacimientos como el de Atapuerca “predominan precisamente los miembros más activos, más móviles, más fuertes de la población: los adolescentes mayores y los adultos jóvenes”. V. J. L. Arsuaga, *El collar del neandertal*, Nuevas Ediciones de Bolsillo, Barcelona 2000, pp. 283-295. Cfr. O. Mercadal y B. Agustí, “Comportaments agressius a la prehistòria recent. La desmitificació del bon salvatge?”, en *CYPSELA. Revista de Prehistòria y Protobistòria*, n° 16, 2006, pp. 37-49. El hipogeo de Can Martorell, en Dosrius, provincia de Barcelona (salvando las distancias en punto a antigüedad de los vestigios: 4 000 años frente a los 300 000 de Atapuerca) presenta un enterramiento considerado “demográficamente anormal” por la abundancia de adultos jóvenes (y puntas de flecha) y cuya explicación no puede prescindir de la aplicación consciente de la violencia.

<sup>131</sup> V. J. Baechler, “La guerre comme concept”, en J. Baechler y J.-V. Holeindre, *Guerre et politique*, Hermann, París 2014, p. 26. En su concepto, la guerra ha de salir un día de la historia, como otro día remoto entró. Condición de ello es lo que denomina una “politia” universal (*politie universelle*), superadora de las “politias” particularistas y de la “transpolitia” como espacio de concurrencia entre dos o más “politias”. V. también J. Baechler, “Éléments de sociologie de la guerre”, en *Res Militaris*, vol. I, n° 1, otoño 2010. Consultado en línea el 29 de agosto de 2016: [http://resmilitaris.net/ressources/10122/49/res\\_militaris\\_article\\_baechler\\_texte\\_int\\_gral.pdf](http://resmilitaris.net/ressources/10122/49/res_militaris_article_baechler_texte_int_gral.pdf). R. Girard, en cambio, afirma que existe una violencia primordial cuyo mecanismo, la rivalidad mimética, solo será desactivado al final de la historia. V. R. Girard, *La violence et le sacré y Achever Clausewitz*.

<sup>132</sup> V. K. Lorenz, *Sobre la agresión. El pretendido mal*, Siglo XXI, Madrid 1982, pp. 319 y 335.

<sup>133</sup> V. J. Guilaine, “Genèse de la guerre”, en J. Baechler y J.-V. Holeindre, *Guerre et politique*, p. 126.

<sup>134</sup> M. Mirazón Lahr *et alii*, “Inter-group Violence among Early Holocen Hunter-gatherers of West Turkana, Kenya”, en *Nature*, n° 529, 21 de enero 2016, pp. 394-398.

Pero Bouthoul es también ajeno a esta problemática. En algún momento dice desentenderse del carácter primitivo atribuido a la guerra. ¿Se trata de un atavismo enquistado en la especie? ¿De un accidente tal vez? ¿Quién puede saberlo? Para él lo importante es la guerra *hic et nunc*, un epifenómeno en el que se manifiestan febrilmente ciertos desequilibrios demográficos y psicológicos<sup>135</sup>.

### 3. La ilusión clausewitziana

La guerra, dice Bouthoul, es un fenómeno sociológico o psicológico, más que político<sup>136</sup>. No depende ni de la soberanía ni de la forma de gobierno, sino del desequilibrio demoeconómico y la agresividad colectiva<sup>137</sup>. La afirmación de Bouthoul es consecuente con su punto de vista sociobiológico, pero también con su prejuiciosa concepción de la política, que no es “la inteligencia del Estado personificado”, según la afirmación de Clausewitz<sup>138</sup>, sino una especie de riña exasperante, sin objeto y muchas veces pueril. Precisamente el general Gerhard von Scharnhorst, mentor de Clausewitz, solía exclamar *Alles nur Katzbelgerei!* a propósito de la lucha por el poder<sup>139</sup>. Desarrolla Bouthoul una doctrina de la guerra no intencional que le vincula, por encima de los accidentes históricos, con la cuerda de escritores encabezada por Virgilio, quien en el libro VII de la *Eneida* describe cómo la furia Alecto “siembra ocasiones de guerra, [y hace] que la

---

<sup>135</sup> GB, *Les guerres*, p. 275.

<sup>136</sup> GB, *Avoir la paix*, p. 202 y otros lugares. El contraste de su pensamiento con la fórmula de Clausewitz es palmario. También choca Bouthoul, por citar a un contemporáneo suyo, con la naturaleza política de la guerra, doctrina de Julien Freund. V. J. Freund, *L'essence du politique*, cap. VIII, §§ 121 a 144. Desde el punto de vista de la llamada “especificidad militar” (*spécificité militaire*), la concepción de la guerra-fenómeno natural se ha juzgado menos penetrante, con una alusión expresa a Bouthoul, que la de guerra-acción intencional. V. B. Boëne, *Les sciences sociales, la guerre et l'armée*, p. 28. Sobre la utilidad del concepto de especificidad militar v. L. Bardiès, “Du concept de spécificité militaire”, en *L'Année Sociologique*, vol. 61, nº 2, 2011, pp. 273-295.

<sup>137</sup> GB, “Guerres et population”, en *Revue de Défense Nationale*, nº 29, octubre 1946, p. 461. GB, *Avoir la paix*, pp. 53 y 502.

<sup>138</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 41.

<sup>139</sup> V. G. Maschke, “Ein Problem, das nicht zu lösen ist”, en P. Kondylis, *Machiavelli*, AkademieVerlag, Berlín 2007, p. xiii.

juventud anhele y pida y blanda furiosa las armas”. Sabe Bouthoul que desde la Antigüedad la guerra se ha tomado más como cosa necesaria y fatal que voluntaria y disponible<sup>140</sup>. Un ejemplo más reciente que la legendaria fundación de Roma. ¿Por qué una nación altamente civilizada como Alemania acepta sin reacciones apreciables ser conducida al cadalso convertida en el instrumento de crueldades atroces? Hannah Arendt atribuye el mal paso a la banalización del mal<sup>141</sup>. Wilhelm Röpke a la aniquilación del liberalismo alemán, arruinado por una combinación letal de prusianismo y colectivismo<sup>142</sup>. Eric Vögelin o Romano Guardini a los efectos de una religión política<sup>143</sup>. Bouthoul a una estructura demográfica polemógena: en su opinión, solo la doctrina de la guerra no intencional puede explicar la catástrofe alemana<sup>144</sup>.

### 3.1. La guerra, fenómeno jupiterino

La idea de que la guerra es independiente, al menos en parte, si no totalmente de la voluntad humana está muy presente en el congreso de Ginebra de 1930, consagrado por el Instituto Internacional de Sociología a la sociología de la guerra y la paz. Lo primero que dice G.-L. Duprat, presidente de la sesión inaugural, es que la guerra no es un accidente imprevisible determinado por la “libre voluntad de un déspota a quien se cree capaz de desencadenarla”. Ese individualismo no permite penetrar en su compleja causalidad sociológica<sup>145</sup>. Así lo corrobora en su comunicación ulterior: “las voluntades

---

<sup>140</sup> V. M. Fraga Iribarne, *Guerra y conflicto social*, I. E. P., Madrid 1962, p. 60.

<sup>141</sup> V. H. Arendt, *Eichmann en Jerusalén. Un estudio sobre la banalidad del mal*, Lumen, Barcelona 2003.

<sup>142</sup> W. Röpke, *Explication de l'Allemagne*, Les Éditions du Cheval Ailé, Ginebra 1945.

<sup>143</sup> E. Vögelin, *Les religions politiques*, Les Éditions du Cerf, París 1994; R. Guardini, *El mesianismo en el mito, la revelación y la política*, Rialp, Madrid 1948.

<sup>144</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 45. Emil Ludwig, en su conocido libro sobre el estallido de la Primera Guerra Mundial, cree poder demostrar que “una masa de 500 millones de hombres pacíficos [...] fueron arrastrados por unas docenas de jefes incapaces [...] a una guerra innecesaria”. Sin embargo, pasajes de ese libro como el que a continuación reproduzco le dan a Bouthoul su parte de razón y ponen de manifiesto la endeblez de la argumentación voluntarista exhibida en su pórtico: “Reyes y ministros, desde las alturas del poder, dejan escapar de sus poco firmes manos una piedra que rula y crece con una velocidad vertiginosa: abajo es la avalancha”. V. E. Ludwig, *Juillet 1914*, Payot, París 1929, pp. 9 y 291.

<sup>145</sup> V. G.-L. Duprat, “Mémoire introductif. Les structures sociales et la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 21.

personales y los factores individuales tienen una eficacia contingente sobre la guerra”<sup>146</sup>. Por esa época, G. Salomon subraya el contraste entre dos conceptos divergentes de guerra: la guerra instintiva, resultado de actos reflejos e impulsos irracionales, y la guerra como movimiento voluntario y reflexivo desencadenado por una decisión política racional<sup>147</sup>.

Bouthoul contempla la guerra como un fenómeno jupiterino<sup>148</sup>, es decir, algo dado, no ideado por los hombres y cuya existencia es independiente de toda voluntad humana. Valdría también catalogarla entre los órdenes imperiosos (*ordres impérieux*), necesarios, irresistibles e inevitables, sobre los que pesan las “determinaciones físicas (gravedad), biológicas (necesidades) y psicológicas (emociones)”<sup>149</sup>. No depende pues de una decisión concreta ni de una voluntad incondicionada<sup>150</sup>. Aunque otra cosa parezca, la “decisión de hacer la guerra” es algo accidental, la resultante de movimientos en la estructura profunda de la sociedad. A Bouthoul le gustaba ilustrar esa idea con una imagen sacada de los diarios de guerra de Ernst Jünger: “Si ha estado cayendo nieve todo el invierno basta la pata de una liebre para que se precipite al valle el alud”<sup>151</sup>. Cuando menos es llamativo que la circunstanciada atribución de las causas de la guerra a una estructura demoeconómica

---

<sup>146</sup> V. G.-L. Duprat, “La contrainte sociale et la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 152. Amerigo Namias, ponente también en Ginebra, considera una ilusión atribuir a la voluntad personal lo que es causado por factores impersonales. Eliminados los factores voluntarios y conscientes, que alguna influencia tienen sobre la guerra, seguirían operando “fuerzas oscuras y ciegas, siempre temibles”. V. A. Namias, “L'âme des peuples et la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, p. 143.

<sup>147</sup> V. G. Salomon, “À propos des sociologies de la guerre”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 46, n° 7, 1939, pp. 440-442 y 431.

<sup>148</sup> Terminología que adopto de Jacques Rueff. Rueff contrapone orden jupiterino (*ordre jupitérien*), dado o impuesto al hombre, y orden prometeico (*ordre prométhéen*), creado por el hombre. A su parecer, estas dos categorías reflejan la necesaria adaptación de las ciencias sociales al descubrimiento de la continuidad onda-corpúsculo. Merecería la pena releer el *opus magnum* de Rueff a partir de estas irradiaciones posteriores provenientes de la mecánica cuántica. V. J. Rueff, *Les dieux et les rois*, Hachette, París 1967. Cfr. J. Rueff, *L'ordre social*, Librairie de Médicis, París 1949, espec. caps. XXXIII a XXXVI, pasajes dedicados a contraponer los órdenes liberales (*civilisations à vrais droits*) y los autoritarios o socialistas (*civilisations à faux droits*).

<sup>149</sup> V. J. Freund, “Le concept d'ordre”, en *Politique et impolitique*, Sirey, París 1987, p. 66. El orden imperativo (*ordre impératif*), en cambio, es un orden relativamente aleatorio siempre modificable, creado, mantenido y transformado por el hombre.

<sup>150</sup> En uno de sus primeros tanteos la guerra se perfila no obstante como una actividad voluntaria. GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932, p. 123.

<sup>151</sup> V. E. Jünger, *Radiaciones II*, p. 416.

polemógena suscite tanto rechazo, al tiempo que se admite la “metáfora romántica”<sup>152</sup> de la violencia estructural ideada por Johan Galtung, un tipo de violencia del que ni siquiera escapan los terremotos, a los que también se imputa, pues estos causan más desgracias en las zonas económicamente deprimidas.

La idea de una guerra que juega con el hombre se opone a la inercia secular de los ritos que envuelven su comienzo, su desarrollo y su desenlace. Primitivos, antiguos y modernos han sometido su declaración a ciertas formalidades religiosas, jurídicas o políticas, la han librado según ciertas convenciones y han ajustado las cuentas de la victoria y la derrota con tratados de paz o expedientes análogos. Por eso mismo parece la guerra lo que no es, ilusión óptica que impide o retarda la configuración de una sociología de la guerra<sup>153</sup>. En realidad, la guerra es un fenómeno inmediatamente consciente, pero no voluntario. Aunque los pueblos que la libran, acuden a ella aquejados por una especie de alucinación colectiva, una suerte de “epidemia de guerra”, ciertamente todos son conscientes de sus actos. Pero la conciencia de la guerra no altera su naturaleza. Es importante señalar esta diferenciación que opera en la base de la polemología bouthouleana. Así, cuando Bouthoul se refiere a la guerra como “fenómeno voluntario de destrucción” o como una de las “instituciones destructoras voluntarias”<sup>154</sup>, en realidad quiere mencionar su faceta consciente<sup>155</sup>. Una cosa es la conciencia de la guerra, a la que generalmente se acude con cánticos y de buen grado, y otra muy distinta la impresión, según Bouthoul falsa, de que aquella es el resultado de una decisión reflexiva y madurada<sup>156</sup>. Por las mismas razones se explica que no hay guerra, *post festum*, que no parezca evitable y superflua. Muchas de ellas,

---

<sup>152</sup> Con estos términos describe Bouthoul la doctrina galtungiana de la *structural violence*. GB, *Essais de polémologie*, p. 12. V. J. Galtung, *Investigaciones teóricas*, esp. pp. 328-346. La violencia estructural o indirecta es un tipo de violencia que a nadie se puede imputar, sino a una estructura social basada en la desigualdad de oportunidades y poder. Julien Freund le ha dedicado unos dardos a esta noción confusionista de violencia y, para decirlo todo, superflua, pues si todo es violencia nada lo es. V. J. Freund, *Sociologie du conflit*, pp. 101-104.

<sup>153</sup> La polemología sería incompatible con un fenómeno-guerra exclusivamente dependiente de la voluntad, pues la fantasía de los hombres políticos no encaja en los tratados de sociología, sino en un espejo de príncipes o en un manual de prudencia. GB, *Cent millions de morts*, pp. 218-219.

<sup>154</sup> GB, *Les guerres*, pp. 258 y 266.

<sup>155</sup> Del mismo modo, la guerra tiene también una faceta subjetiva o intencional, propiamente política. Con razón o sin ella, la intención declarada por los beligerantes sobre las causas y los objetivos del conflicto que les enfrenta forma parte de la realidad de la guerra en la medida en que la alimenta. GB, *Sauver la guerre*, p. 219. GB, *La guerre*, p. 31.

<sup>156</sup> GB, *Les guerres*, p. 9.

si no todas, se dice, se hubieran evitado con más ponderación, mejor información y políticos más resueltos. Esta es la lección que se deduce de los más de ocho mil tratados de paz documentados a lo largo de la historia. Decía Winston Churchill que la Segunda Guerra Mundial había sido “la Guerra Innecesaria”<sup>157</sup>. Bouthoul vería cruzarse en esas palabras la mentalidad del jurista (*casus belli*) con las del político y el militar (la ilusión del oficial de estado mayor).

Escritores como Tolstói, en *Guerra y paz*, o Zola, en la *La Débâcle*, han sabido ver, como inesperados sociólogos<sup>158</sup>, el fondo irracional de la guerra. El ruso desde arriba, desde la óptica de la oficialidad y la aristocracia, acota Bouthoul, y Zola desde abajo<sup>159</sup>. La guerra de 1870, “la más gratuita de todas las guerras”, escenario de la novela de Zola, se precipita en la mayor de las confusiones. Nadie sabe por qué estalla, pero arrastra a todos y a todos impone un “apetito unánime de muerte”. A los ojos de un sociólogo como Bouthoul este es el rasgo esencial del fenómeno-guerra. El drama en Zola –no solo en esta novela, parte de la saga de los Rougon-Macquard– está en la “fatalidad social”, no en una fatalidad presociológica, dependiente del carácter o de los humores, como en Balzac. Acaso con mayor penetración que Tolstói, cuya novela le parece un fresco grandioso pero convencional, Zola ha hablado de la guerra como una “calamidad en la que se debaten unos desventurados que, desde Napoléon III al último conscripto, no entienden nada”. Zola ha presentado como nadie el misterio de la guerra, lo que esta tiene de delirio sagrado.

Con un presupuesto de la misma naturaleza (corrientes criminógenas) se ha desarrollado sin impedimento una criminología. ¿Por qué el reconocimiento de las corrientes polemógenas, siquiera en sus efectos, no ha podido ser coronado con una polemología según la entiende Bouthoul? Por la autoridad de Clausewitz, cuya problemática fórmula es una “vieja ilusión ancestral” convertida en teoría y anclada en nuestros espíritus<sup>160</sup>.

---

<sup>157</sup> V. W. S. Churchill, *Europa Unida*, p. 49.

<sup>158</sup> Sobre L. Tolstói sociólogo v. C. Gambescia, *Sociologi per caso*, pp. 75-84.

<sup>159</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 102-110.

<sup>160</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 141. El optimismo de Clausewitz perpetúa la “confusión fundamental” con respecto a la racionalización de la guerra. Según Bouthoul, la faceta racional de la guerra es la puramente externa, la que ocupa a políticos, diplomáticos, estados mayores y juristas. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, pp. 161-162. GB, “De l'agressivité à l'animosité”, en *Guerres et Paix*, n° 12, 1969/2, p. 19.

Clausewitz, desde luego, no es un apologista de la guerra y Bouthoul, que yerra, como Liddell Hart, por ejemplo, en su apreciación simplista de la guerra absoluta<sup>161</sup>, lo reconoce<sup>162</sup>. El general prusiano es un filósofo que ha descubierto una dimensión trascendental de la guerra (la ascensión a los extremos)<sup>163</sup>, pero también un sociólogo por accidente para quien la guerra constituye una forma del trato o tráfico humano (*der menschliche Verkehr*) y que como tal no solo es un arte o una ciencia, sino una parte de la vida social (*das gesellschaftliche Leben*)<sup>164</sup>. Bouthoul, sin embargo, no ha profundizado en la sociología de la guerra clausewitziana, un terreno todavía inexplorado<sup>165</sup>, lo que no le ha impedido medirse con el autor de *Vom Kriege* en tres planos: el de la finalidad de la guerra, el de su naturaleza y el de su racionalidad. Desde el punto de vista de su finalidad, la guerra clausewitziana se orienta a la destrucción del enemigo para imponerle nuestra voluntad, meta última; la guerra bouthouleana, en cambio, tiene como finalidad la relajación demográfica. Para Clausewitz la guerra es un fenómeno histórico y contingente y para Bouthoul un fenómeno periodomorfo. Por último, la guerra clausewitziana es un medio racional para alcanzar un fin, mientras que Bouthoul descubre detrás de ella una finalidad que simula ser un medio. Corolario de todo ello es el contraste entre dos concepciones irreductibles: la de la guerra-intencional clausewitziana y la de la guerra-no intencional bouthouleana.

En esencia, la “ilusión clausewitziana”<sup>166</sup> atribuye la guerra a la voluntad o al designio (*das Willen*) de una inteligencia rectora (*eine leitende Intelligenz*)<sup>167</sup>, pues aquella no es sino la

---

<sup>161</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 212 y 227.

<sup>162</sup> GB, *Les guerres*, pp. 87-88.

<sup>163</sup> V. R. Girard, *Achever Clausewitz*, p. 15.

<sup>164</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 111 (libro II, cap. 3, § 3).

<sup>165</sup> V. I. Roxborough, “Clausewitz and the Sociology of War”, en *The British Journal of Sociology*, vol. 45, n° 4, diciembre 1994, pp. 619-636. A pesar del título, el estudio de Roxborough no trasciende la demarcación de los *War and Military Studies*. Con la excepción de la traducción al inglés del *Clausewitz* de Raymond Aron, no se menciona ni un solo nombre de la escuela polemológica francesa. Tampoco se contempla, por descontado, la literatura clausewitziana alemana. Como en tantas ocasiones, la anécdota (el estudio de Roxborough) se puede elevar a categoría (el paradójico provincialismo de la lengua franca). Sigo el consejo de Eugenio d’Ors. V. E. d’Ors, *Gnómica*, Colección Euro, Madrid 1941, p. 9.

<sup>166</sup> Expresión apuntada en GB, *Essais polémologiques*, p. 26.

<sup>167</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, pp. 39-40 (libro I, cap. 1, § 23).

continuación de la política por otros medios<sup>168</sup>. La guerra no es algo autónomo, sino que forma parte de la acción política<sup>169</sup>. Para Bouthoul se trata de una concepción de historiógrafo, de alto funcionario u oficial del estado mayor<sup>170</sup> que piensa que la guerra es un instrumento inerte del que se dispone a voluntad: del mismo modo que se mueve se puede parar a discreción<sup>171</sup>. La “decisión de guerra” nace del juicio lúcido de un político-militar que se encuentra en la cúspide del estado<sup>172</sup>. Halaga Clausewitz, con cierta arrogancia, al hombre providencial capaz de descifrar la integral de la guerra, pero eso tal vez solo tiene sentido en el reducido marco de las guerras de gabinete. ¿Dónde está esa inteligencia superior en la Guerra de los Treinta Años? ¿Dónde en las tormentas bélicas del siglo XX?<sup>173</sup> Contraponen Bouthoul en este sentido el *Memorial de Santa Elena* de Napoleón con *De la guerra*, dos piezas literarias polemológicas *avant la lettre* que muestran la doble faz del siglo XIX en punto a la concepción de la guerra. Mientras que Clausewitz ve en la guerra una “acción lógica y deliberada”, Napoleón, que escribe para justificarse, termina embrollando todo hasta el punto de que no es posible saber quién acierta o se equivoca ni qué tipo de guerra practican los beligerantes<sup>174</sup>. Roger Caillois sentencia que “la guerra manda, no obedece” y Georges Bataille que esta es un “movimiento extraño y

---

<sup>168</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, pp. 40 (libro I, cap. 1, § 24).

<sup>169</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 613 (libro VIII, cap. 6.B). Sin embargo, Clausewitz ha detectado en el elemento popular de su trinidad una pasión autónoma —llámese odio, hostilidad o enemistad—, una suerte de “ciega impulsión natural” (*ein blinder Naturbetrieb*) ajena al azar o al entendimiento y con la que necesariamente hay que contar, pues forma parte de la naturaleza de la guerra. V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 42. Como en otros pasajes de su obra, Clausewitz apunta una intuición de extraordinario calado que no desenvuelve en todas sus consecuencias.

<sup>170</sup> GB, *Avoir la paix*, p. 239. GB, *L’infanticide différé*, p. 138.

<sup>171</sup> GB, “Problématique de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975, p. 15.

<sup>172</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 80 y 87. La apreciación de Bouthoul no es exacta, pues la guerra es un movimiento de la voluntad aplicado sobre un objeto que no está muerto, sino vivo y es capaz de reaccionar (*eines lebendige, reagierenden [Stoff]*), de ahí la importancia de un omnipresente factor invisible: la “fricción”. V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 112 (libro II, cap. 3), p. 27 (libro I, cap. 1, § 4) y p. 78 (libro I, cap. 7). Tiene que ver con esta intuición capital la afirmación de que tanto en el combate como en la guerra los contendientes se marcan recíprocamente su ley: ninguno es dueño de sus actos, dejando de ser ambos señores de sí mismos. V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, pp. 27 y 28 (libro I, cap. 1, § 4 y 5).

<sup>173</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 9.

<sup>174</sup> GB, *L’infanticide différé*, pp. 137-138.



hostil a la voluntad humana”<sup>175</sup>. “¿Acaso no somos nosotros los que estamos a disposición de la guerra?”, afirma más que pregunta Bouthoul. Por eso convendría darle la vuelta a la fórmula de Clausewitz y a la relación de medio y fin que en ella se establece entre guerra y política.

La fórmula variante de Bouthoul prescinde de la política. Atendiendo al dinamismo ciego de la agresividad, creciente o menguante, *ondoyant* en suma, habría que decir más bien que “la paz es la continuación de la guerra por otros medios”<sup>176</sup>. Ahora bien, para Clausewitz, inequívocamente, la guerra es medio. Para Lagorgette medio y fin, es decir, medio para un fin específico o genérico, pero también una finalidad inespecífica<sup>177</sup>. Para Novicow un fin: un fin irracional y aun antiutilitario<sup>178</sup>. Para Bouthoul, en cambio, la guerra es un fin disfrazado de medio<sup>179</sup>; dicho de otro modo: un fin que busca mil pretextos<sup>180</sup>. Hay que reconocer que este epigrama tiene un inesperado sabor clausewitziano, pues recuerda el famoso “la guerra es un verdadero camaleón”<sup>181</sup>. La guerra no solo modifica su naturaleza en cada caso concreto –o eso parece–, sino que también ve cómo se altera el equilibrio interno de la “fantástica trinidad” (*die wunderliche Dreifaltigkeit*) que la constituye. Como medio, la guerra se presta pues a todo, escapando al escrutinio del sociólogo. Es un instrumento proteiforme para el que no cuentan las causas, pues su esencia sería la pura instrumentalidad. Sin embargo, tomada como fin, cree Bouthoul que sí es posible comprenderla y neutralizarla<sup>182</sup>, objetivo último de la polemología como doctrina de un pacifismo científico y funcional.

---

<sup>175</sup> V. R. Caillois, *Bellone ou la pente de la guerre*, p. 213 y G. Bataille, *La part maudite*, p. 41.

<sup>176</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 165. Claro que otra forma de verlo es la de Freund, para quien “guerra y paz son medios de la política y no otra cosa”. V. J. Freund, *Le nouvel âge*, p. 184 y J. Molina, *Julien Freund, lo político y la política*, pp. 260-262.

<sup>177</sup> Lagorgette apunta también un tipo de guerra que es un fin en sí misma, carente de un objetivo heterónomo y que fácilmente se hace medio y fin a un tiempo. V. J. Lagorgette, *Le rôle de la guerre*, p. 63.

<sup>178</sup> V. J. Novicow, *La guerre et ses prétendus bienfaits*, pp. 164-165.

<sup>179</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 68. GB, *Les guerres*, p. 494. GB, *L’infanticide différé*, p. 35.

<sup>180</sup> GB, *Essais de polémologie*, p. 68. En el cuadro de la polemología Bouthoul repudia la doctrina del *casus belli*, pues siempre está referida a una motivación sobrevenida o de conveniencias.

<sup>181</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 42 (libro I, cap. 1, § 28).

<sup>182</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 179.

Según Bouthoul, por otro lado, el cerebral Clausewitz ha potenciado inconscientemente la función sacrificial del jefe político militar, atribuyéndole la responsabilidad por la “decisión de guerra”. Error que asoma por ejemplo detrás de los juicios de Nuremberga<sup>183</sup>, expresión suprema del “ilusionismo jurídico”. El asunto es tan grave que parece no admitir pullas ni agudezas, sin embargo, hay que dar la razón a Bouthoul cuando espeta que “prohibir legalmente una guerra [y deducir consecuencias penales para los culpables de provocarla] sería como castigar a alguien por contraer una gripe o el cólera”<sup>184</sup>. Esta tesis hoy mayoritariamente desautorizada por el constructo legal de una guerra-crímen, inopinadamente, concuerda con el principio (poswestfaliano) del *Ius Publicum Europaeum* de que todo enemigo es *iusustus hostis*, de modo que no hay culpables<sup>185</sup>. Hasta en las constituciones, siguiendo acaso inconscientemente la lección clausewitziana, se reconoce un derecho a declarar la guerra y a hacer la paz, signo de la soberanía, atribuido generalmente al jefe de estado<sup>186</sup>. Decía le Bon que los líderes no van delante de la opinión, esto sucede raramente, sino que marchan detrás de ella, secundando sus errores<sup>187</sup>. Bouthoul, en la misma onda mental, recuerda que es la guerra la que se impone a los pueblos y a los jefes. Es líder quien se dice: “Soy su jefe, luego debo seguirles”. Y en alguna página lo prueba *a contrario*: ¿Por qué han sido impopulares “reyes pacifistas” como Luis XVI y Luis Felipe? Porque se “han resistido a procurarles al pueblo la relajación demográfica cuya necesidad experimenta”<sup>188</sup>. Todos descargan la terrible responsabilidad de la guerra sobre el jefe, a quien convierten en un chivo expiatorio aparte: Bouthoul lo llama imaginativamente “jefe expiatorio” (*chef émissaire*)<sup>189</sup>. El jefe decide y por ello será

---

<sup>183</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 44-45.

<sup>184</sup> GB, “De la grande muette à la Grande Inconnue”, en *Le Crapouillot*, n° 25, mayo 1954, p. 93.

<sup>185</sup> V. C. Schmitt, *El Nomos de la tierra, passim*. También de C. Schmitt, *El crimen de guerra de agresión en el derecho internacional y el principio nullum crimen, nulla poena sine lege*, Hammurabi, Buenos Aires 2006 y *Il concetto discriminatorio di guerra*, Laterza, Roma-Bari 2008.

<sup>186</sup> GB, *Sociologie de la politique*, p. 32.

<sup>187</sup> V. G. le Bon, *Psychologie des foules*, p. 116.

<sup>188</sup> GB, “Guerres et population”, en *Revue de Défense Nationale*, n° 29, octubre 1946, p. 461. GB, *Sauver la guerre*, p. 47. GB, *Les guerres*, p. 276. La “clase política” en el sentido de Mosca experimenta de un modo u otro la presión demográfica, bien como obstáculo que se opone a su gobernación, bien como vector que la impulsa. GB, *L’infanticide différé*, pp. 157-158.

<sup>189</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 59.

ensalzado o denigrado<sup>190</sup>. El arma nuclear acentúa esta dimensión augural del mando supremo: solo el jefe de estado está legitimado para apretar el botón y poner en movimiento la mortalidad institucional a una escala inaudita<sup>191</sup>. Con todo, resulta muy difícil sustraerse a la poderosa imagen clausewitziana del obelisco en el que confluyen las grandes avenidas de una ciudad, expresión de la clarividencia del jefe político militar<sup>192</sup>.

### 3.2. Guerra no intencional y guerra-accidente

Tolstói y Clausewitz, a pesar de sus puntos de contacto, son los epónimos de los dos conceptos polares de guerra<sup>193</sup>: un drama en el que todos los actores son vicarios de fuerzas ciegas que les trascienden y de cuyos trabajos ignoran el sentido y una integral matemática que solo puede resolver un político militar bien dotado para el cálculo infinitesimal. En los años sesenta las dos nociones son reelaboradas por Anatol Rapoport y Bert Röling.

Rapoport, a partir de los divergentes estudios de Lewis F. Richardson y Herman Kahn, sobre quienes proyecta la visión del escritor ruso y el general prusiano, naturaliza los modelos de una guerra dinámica o catastrófica (*cataclysmic war*), calamidad inevitable, y una guerra estratégica (*strategic war*), instrumento racional de la política exterior<sup>194</sup>. No obstante, Rapoport advierte que estos modelos no reflejan la “verdadera naturaleza de la guerra”, sino más bien las actitudes de los actores que piensan en términos de cataclismo o estratégicos<sup>195</sup>, de determinismo o de libre arbitrio<sup>196</sup>.

---

<sup>190</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 73.

<sup>191</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 152. GB, *Sauver la guerre*, p. 244.

<sup>192</sup> V. C. von Clausewitz, *Vom Kriege*, en *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, t. I, p. 78 (libro I, cap. 7).

<sup>193</sup> “Hay páginas de Clausewitz que se podrían atribuir a Tolstói y a la inversa”. V. A. Philonenko, “Tolstói et Clausewitz”, en *Études Polémologiques*, n° 3, enero 1972, p. 14.

<sup>194</sup> V. A. Rapoport, “Models of Conflict: Cataclysmic and Strategic”, en A. Reuck y J. Knight (Eds.), *Conflict in Society*, J. & A. Churchill, Londres 1966, pp. 264, 270 y 272.

<sup>195</sup> V. A. Rapoport, “Models of Conflict: Cataclysmic and Strategic”, en A. Reuck y J. Knight (Eds.), *Conflict in Society*, p. 281 y 283-284.

<sup>196</sup> V. A. Rapoport, “Two Views of Conflict, the Cataclysmic and the Strategic Models”, en IPRA, *Proceedings of the International Peace Research Association Inaugural Conference*, Van Gorcum, Assen 1966, p. 78.

Casi al mismo tiempo escribe Röling sobre las guerras queridas o intencionales (*guerres volues, intentionnelles*) o clausewitzianas y las no queridas o no intencionales (*guerres non volues, non intentionnelles*), semejantes a accidentes de tráfico<sup>197</sup> y “provocadas por una situación emocional, una reacción en cadena, un accidente, un error de cálculo, un peligro de escalada o una proliferación de armas atómicas”<sup>198</sup>. De ello acusan recibo inmediatamente Gaston Bouthoul y René Carrère.

Bouthoul saluda con entusiasmo la vía abierta por Röling, la guerra-accidente (*guerre-accident*), pues permite la aplicación del cálculo de probabilidades y las teorías del azar a la investigación polemológica sobre la ruptura de la paz<sup>199</sup>. Sin embargo, su noción de la guerra intencional, a veces comparada *motu proprio* con una catástrofe<sup>200</sup>, difiere sustancialmente de la propuesta por Rapoport y Röling.

Röling, inspirado en la contraposición Tolstói-Clausewitz<sup>201</sup>, ha profundizado en la noción de guerra como un cataclismo sobrevenido (*ungewollte Katastrophe*)<sup>202</sup>. Se trata de un tipo de guerra por así decirlo probabilística, derivada de una política internacional riesgosa. La noción de una guerra-accidente tiene pues sentido en el contexto de una política internacional convertida en autopista de ingente tráfico. La complejidad diplomática y la técnica desatada, condiciones de la escalada nuclear, explican la contingencia de una guerra eventual que, aunque nadie la quiera, puede imponerse a todos (*ungevollter Krieg*)<sup>203</sup>. La política de la disuasión, expresión de un concepto intencional de guerra (*beabsichtigter Krieg*), aumenta el peligro de una guerra no intencional (*unbeabsichtigter*

---

<sup>197</sup> GB, “Avoir la paix”, *Guerres et Paix*, n° 1, 1966/1, p. 9.

<sup>198</sup> V. R. Carrère, “Présence de l’IFP en République Fédérale Allemande”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2”, pp. 75-76.

<sup>199</sup> GB, “Avoir la paix”, *Guerres et Paix*, n° 1, 1966/1, p. 10.

<sup>200</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 13.

<sup>201</sup> V. B. Röling, *Einführung in die Wissenschaft von Krieg und Frieden*, Neukirchener Verlag, Neukirchen-Vluyn 1970, pp. 39-40. Según Röling, Clausewitz está detrás del pacifismo del *Interbellum*: del pacto Briand-Kellogg y de las ideas de Norman Angell. En el sustrato de los “libros de paz” de Angell operan, además del concepto de guerra de Clausewitz, los “libros de guerra” de Friedrich von Bernhardi, el “nuevo Clausewitz”, y Tota Ishimaru (p. 42). V. F. von Bernhardi, *L’Allemagne et la prochaine guerre*, Éditions du Trident, París 1989 y T. Ishimaru, *Japan must fight Britain*, Hurst & Blackett, Londres 1936.

<sup>202</sup> V. B. Röling, *Einführung in die Wissenschaft von Krieg und Frieden*, p. 44.

<sup>203</sup> V. B. Röling, *Einführung in die Wissenschaft von Krieg und Frieden*, p. 46.

*Krieg*)<sup>204</sup>. Bouthoul, sin embargo, aceptando que el cálculo ponderado del riesgo nuclear se ha hecho casi imposible, de lo que resulta que “los estados ya no son los señores de su política exterior”<sup>205</sup>, pone reparos a la doctrina de una guerra-accidente en el sentido de Röling. Si la guerra fuera un fenómeno errático y absolutamente imprevisible o aun probable según el modelo de Poisson<sup>206</sup>, resultaría imposible comprenderlo y, más todavía, ponerle remedio<sup>207</sup>. Aunque de lo señalado resulta evidente, conviene completar el cuadro señalando expresamente que la concepción de la guerra no intencional de Bouthoul se distingue también de la tolstoiana, concepción en la que operan fuerzas ciegas y sin causa ni finalidad.

El historiador Geoffrey Blainey ha sostenido en un libro dedicado a las causas de la guerra que no hay guerra no intencional ni guerra-accidente (*war as an accident*), salvo en un sentido muy limitado: solo puede darse la guerra-accidente si factores intencionales previos la hacen posible<sup>208</sup>. De una forma u otra, toda guerra es voluntaria, al menos en la perspectiva de quien designa a su enemigo. En realidad, la única acepción de accidente aplicable a la guerra estaría referida a un fatídico error de cálculo de uno de los beligerantes en cuanto a la relación de fuerzas. Si hay algo no intencional en la guerra, apunta con toda la razón, es la duración y virulencia del conflicto y, sobre todo, la derrota<sup>209</sup>. También es no querida, desde el punto de vista del enemigo derrotado, una paz impuesta como *Diktat*. Se sabe aproximadamente cuándo empieza una guerra, aunque no siempre sea así, pero nunca cuando va a terminar. Esto último se parece mucho, si es que no lo fuera propiamente, a una ley de hierro de la polemología. “Toda guerra se origina en una equivocación y solo en este sentido son accidentes las guerras”<sup>210</sup>. Blainey atribuye la doctrina de la guerra-accidente o no intencional (*unintentional war*) a una actualización, en la

---

<sup>204</sup> V. B. Röling, *Einführung in die Wissenschaft von Krieg und Frieden*, p. 266.

<sup>205</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 122. En este sentido, Bouthoul admite el eclipse de la estrategia clausewitziana, liquidada por el arma atómica según el diagnóstico del general André Beaufre. GB, *Avoir la paix*, p. 198. GB, *Essais Polémologiques*, pp. 179-180 y 184.

<sup>206</sup> V. *supra*, cap. 4, nota 220.

<sup>207</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 184. Por su parte, J. Freund rechaza categóricamente la naturaleza accidental de la guerra (*la guerre n'est pas un accident*). La guerra es histórica y, en ese sentido, contingente, pero no una emanación de la teoría de la probabilidad. V. J. Freund, *L'essence du politique*, pp. 604-609.

<sup>208</sup> V. G. Blainey, *The Causes of War*, The Free Press, Nueva York 1973, p. 142.

<sup>209</sup> V. G. Blainey, *The Causes of War*, p. 249.

<sup>210</sup> V. G. Blainey, *The Causes of War*, pp. 144-145. (pp. 22 y 127).

era nuclear, del “credo de Manchester”, es decir, la fe liberal en el progreso, al que se oponen la ignorancia y el error<sup>211</sup>. Dadas las ventajas del comercio, ahí está el quid, solo por necesidad o ligereza se puede preferir la guerra a sus beneficios. Su razonamiento parece consistente y diáfana la conclusión, pero uno y otra resultan sumamente problemáticos, pues, en realidad, la guerra ocasionada por un error de apreciación de las intenciones o las fuerzas del enemigo, lejos de apuntar a un accidente, se corresponde con la más denostada modalidad bélica: la guerra preventiva.

### 3.3. El problema de la guerra preventiva

Las guerras *políticas* y *económicas* en sentido estricto tienen una presencia residual en la polemología de Bouthoul, lo cual es coherente con su doctrina de la causalidad mayormente demográfica del fenómeno-guerra. Bouthoul, que deja entrever un tipo puro de guerra demográfica, la guerra-exutorio, cuya finalidad eminente, si no exclusiva, consiste en la eliminación de varones jóvenes<sup>212</sup>, deja también apuntados dos tipos, asimismo puros, de guerra residual, de naturaleza económica uno: la guerra manducatoria por la subsistencia, rarísima<sup>213</sup>, y de naturaleza política el otro: la guerra preventiva<sup>214</sup>. Solo esta última es verdaderamente intencional, suma “expresión” de la política en un sentido clausewitziano<sup>215</sup>.

Maquiavelo ha dicho lo justo sobre un tipo de guerra más bien raro en la historia que consiste en anticiparse a las intenciones o movimientos de los rivales. Nadie puede escapar de la guerra, tan solo diferirla con ventaja del enemigo. Se trata de una constante

---

<sup>211</sup> G. Blainey, *The Causes of War*, pp. 22 y 127.

<sup>212</sup> GB, *Cent millions de morts*, pp. 64-65.

<sup>213</sup> GB, *Les guerres*, p. 224. Una “guerra de penuria”, civil o internacional, no es propiamente una guerra-manducatoria, caracterizada porque no existe excedente que aplicar a la lucha. GB, *Les guerres*, pp. 226-228.

<sup>214</sup> GB, *Les guerres*, pp. 454-457.

<sup>215</sup> Sobre la continuidad en el pensamiento de Clausewitz de la guerra-instrumento y la guerra-expresión de la política v. G. Maschke, “La guerra, instrumento o expresión de la política”, en *Empresas Políticas*, n° 1, 2° semestre 2002, pp. 39-48. Maschke deja entrever que la aproximación de la guerra a su “figura absoluta” – movimiento que en rigor es siempre asintótico– aumenta el riesgo de que la guerra deje de ser instrumento y plantea la cuestión de “si las guerras son controlables o lo han sido alguna vez” (p. 47).

metapolítica<sup>216</sup>. La dificultad de este tipo de guerra es que al principio, como sucede con ciertas enfermedades, es un mal fácil de curar, pero difícil de reconocer; con el tiempo se vuelve difícil de curar, aunque entonces se reconozca al primer golpe de vista<sup>217</sup>. No me resisto a copiar el fragmento del capítulo tercero de *El príncipe* del que provienen estas consideraciones: *Nel principio del [...] male è facile a curare e difficile a conoscere; ma nel progresso del tempo [...] diventa facile a conoscere e difficile a curare*. No se me ocurre mejor reflexión sobre la guerra preventiva.

La guerra preventiva explota las ventajas de golpear primero a un enemigo amenazante<sup>218</sup>. Aunque la doctrina es clara, los estados suelen permanecer inermes ante los enemigos designados de mañana. Establecer *a posteriori* la conveniencia o inconveniencia de una guerra parece mucho más sencillo, pero sobre todo lícito y digno según las ideas recibidas. Hacer esos cálculos *a priori*, en cambio, siquiera como hipótesis, a todo el mundo se le antoja una indecencia.

René Girard ha recordado la opinión del primer ministro Albert Sarraut, convencido de la necesidad de golpear a Alemania en 1936. Pero ni Inglaterra ni los Estados Unidos están entonces de acuerdo: “[Su] respuesta, evidentemente, ha sido *no*, un no muy firme”... Si Francia hubiera entrado en Alemania su acción se habría presentado como una violación del pacto Briand-Kellogg, entonces “nunca habría habido Hitler, aunque nadie lo hubiera sabido jamás”<sup>219</sup>. Naturalmente, este enfoque hoy tópico es el punto de vista de Francia, obsesionada desde el final de la Gran Guerra con hacer de Alemania una Túnez europea (*die Tunifizierung Deutschlands*). De hecho, Francia ya había ocupado el Ruhr en 1923<sup>220</sup>. ¿Quién puede decir que la segunda edición de *Histoire de deux peuples* de Jacques Bainville, impresa precisamente en 1925, no es una justificación de la guerra preventiva contra

---

<sup>216</sup> Los aztecas, por ejemplo, la han practicado conscientemente. V. J. Soustelle, *La vida cotidiana de los aztecas en vísperas de la conquista*, Fondo de Cultura Económica, México 2014, p. 205.

<sup>217</sup> V. N. Maquiavelo, *Il príncipe*, en *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*, p. 10. La grandeza de Maquiavelo, velada en tantos manuales de ciencia política, se encuentra en pasajes como este.

<sup>218</sup> GB, *Les guerres*, pp. 454-457.

<sup>219</sup> V. R. Girard, *Achever Clausewitz*, pp. 308-309.

<sup>220</sup> V. G. Maschke, “*Amigo y enemigo*: Kautilya y Álamos de Barrientos, anticipadores del criterio schmittiano”, en *Empresas Políticas*, nº 4, 1er semestre 2004, pp. 66-68.

Alemania<sup>221</sup>? Que se lo digan a Carl Schmitt que con tanto dolor profesa su famosa conferencia sobre la transformación de Renania en un objeto de la política internacional<sup>222</sup>. Por su parte, también Alemania había alegado los principios de la guerra preventiva para entrar en Polonia en 1939. Más discretamente, también Gran Bretaña ha hecho de las injerencias marítimas, una modalidad de la guerra preventiva según Bouthoul, el pilar de su imperio.

Más allá de las discusiones de naturaleza jurídica o histórica, Bouthoul vislumbra las verdaderas razones que explican la contrariedad y el desasosiego que los pueblos y los gobernantes experimentan frente a este tipo de guerra: la guerra preventiva nunca se declara a tiempo por razones demográficas<sup>223</sup>, porque la coyuntura demoeconómica no es polemógena. La opinión pública solo percibe los efectos del desequilibrio, pero no sus causas, lo cual yugula toda reacción preventiva<sup>224</sup>. Sin estructura demográfica polemógena, real o percibida, no hay impulsión belicosa<sup>225</sup>. Ahora bien, advertidas ya las causas, aparece la *malaise*, pródromo de la guerra<sup>226</sup>.

---

<sup>221</sup> V. J. Bainville, *Histoire de deux peuples. La France et l'Empire Allemand*, Nouvelle Librairie Nationale, París 1925. El fomento de la anarquía alemana, *leitendes Motiv* de este libro publicado por vez primer en 1915, es también una forma de la guerra preventiva.

<sup>222</sup> V. C. Schmitt, "Die Rheinlande als Objekt internationaler Politik", en *Frieden oder Pazifismus? Arbeiten zum Völkerrecht und zur internationalen Politik 1924-1978*, edición, prólogo y notas de G. Maschke, Dunker und Humblot, Berlín 2005, pp. 26-39.

<sup>223</sup> GB, "Volume des guerres et progrès techniques", en *Revue de Défense nationale*, n° 101, marzo 1953, p. 313.

<sup>224</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, pp. 243-244.

<sup>225</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 84.

<sup>226</sup> La guerra preventiva no pierde actualidad, aunque de ella, en cierto modo, solo puedan hablar los historiadores. Recientemente se ha discutido en Gran Bretaña sobre la intervención de sus tropas en la primera guerra de Iraq. El llamado Informe Chilcot (*The Report of the Iraq Inquiry*) se ha pronunciado, con la ambigüedad que reclaman las cuestiones políticas sulfurosas, sobre las condiciones en las que el gobierno británico se adhirió a la declaración norteamericana de una guerra preventiva contra Iraq, las posibles alternativas estratégicas y las decisiones adoptadas durante el conflicto y en la posguerra. Sin embargo, la mayoría de los medios de comunicación masiva lo han presentado ante la opinión como un examen sobre las justas causas de la guerra. Consultado en línea el 5 de septiembre de 2016: <http://www.iraqinquiry.org.uk/the-report/>



#### 4. Periodicidad de las guerras

Las guerras, como fenómeno biológico, manifiestan una no tan extraña forma de periodicidad: las curvas de recurrencia o relajación, generalmente con forma de dientes de sierra<sup>227</sup>. Con otra terminología, pero en el mismo espíritu, la meditación filosófica sobre la historia y la política se interroga sobre la duración de la supremacía política de los imperios y la sucesión de los regímenes. La fortuna pasa de una ciudad a otra y el hombre ambiciona conocer, si existen, los resortes de su movimiento. Los hechos políticos, ya se trate de la alteración de fronteras o de las batallas, no serían hechos únicos, sino “acontecimientos periódicos como muchos otros”<sup>228</sup>. En realidad, los hitos históricos, las dinastías, los reinados o las fundaciones políticas son aproximaciones precoces a una cronoaxia (*cronaxie*), término que toma Bouthoul de Louis Lapique, uno de los fundadores de la neurofisiología moderna<sup>229</sup>.

La cronoaxia está en la base de la sociología del tiempo de Bouthoul. Un organismo social se caracteriza por una estructura temporal particular. En ella se articulan operaciones (“forma activa de la percepción del tiempo”), circuitos (“serie de operaciones que tiende a satisfacer una necesidad concreta de un grupo”) y ciclos. Según Bouthoul, los dos primeros dependen nuestro arbitrio, “son obra humana y aparecen determinados mayormente por el estado de la técnica”; suelen ser breves y pueden ser analizados con detalle. Los ciclos, en cambio, por la complejidad de los factores que les afectan, por la combinatoria de estos y por su larga duración, trascienden la voluntad de los hombres. Hay un ciclo económico, pero también lo hay o debe haberlo polémico<sup>230</sup>.

A las formas insondables y extraordinariamente variables de discontinuidad histórica apunta la espiral de los *corsi* y *recorsi* de G. Vico<sup>231</sup>, un escritor de la decadencia, como

---

<sup>227</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 136, t. II, pp. 93-95.

<sup>228</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 40.

<sup>229</sup> GB, *Traité de sociologie*, pp. 326 ss.

<sup>230</sup> GB, *Biologie sociale*, pp. 37-39.

<sup>231</sup> O el esquema clásico la tragedia griega, añade Bouthoul, en cuya unidad de tiempo tiene lugar la crisis, estallido súbito en el que los héroes, baqueteados por las pasiones, toman conciencia de su posición en el teatro del mundo. GB, *L'infanticide différé*, pp. 185-186 y 193.

Abenjaldún y el mismo Bouthoul<sup>232</sup>. En último análisis, todo juicio sobre los ciclos históricos depende aquí del campo de exploración y de la perspectiva que se ofrecen al investigador, muy amplios, según Bouthoul, en el caso de la guerra, pues su cosecha es enorme<sup>233</sup>. La dificultad estriba en el cribado de una información muy rica, pues no en vano ha historia ha sido hasta hace apenas cien o ciento cincuenta años historia de las guerras, incluso de las batallas. No menos ardua resulta la tarea de fijar límites temporales a la guerra, un fenómeno biológico *sui generis*, por definición elástico e impreciso<sup>234</sup>.

Gaston Bouthoul comienza a estudiar los ritmos del fenómeno-guerra “más bien *grosso modo*” hacia 1936, influido por las teorías del ciclo económico y la crisis económica de los años treinta<sup>235</sup>. La homología entre guerras y crisis económicas es su primera certeza. Ambas precisan de un *milieu*: los estados políticamente independientes. Ambas son destrucciones bruscas de capital, material y humano, limitadoras de la acumulación precedente. Ambas resultan de la superproducción, tanto de bienes de capital como de hombres. Ambas constituyen, en suma, el punto de fractura del equilibrio precedente<sup>236</sup>.

Inicialmente investiga las series de las guerras registradas de Inglaterra, Francia, Grecia y Roma, dando cuenta de sus impresiones en sendos estudios publicados en 1938 y 1939. En el primero de ellos, una comunicación presentada en el congreso parisino de la población de 1937, apunta el ciclo secular de crecimiento y decrecimiento de la población

---

<sup>232</sup> Desde el punto de vista de la historia universal, el perfil más acusado de Bouthoul tal vez no sería el de polemólogo, sino el de doctrinario de una decadencia cuya causa última es demográfica (superpoblación). Comparto en este punto la opinión de C. Gambescia. V. C. Gambescia, *Passeggiare tra le rovine. Sociologia e decadenza, pro manuscritto*.

<sup>233</sup> GB, *L'infanticide différencié*, p. 187.

<sup>234</sup> GB, *Les guerres*, p. 512.

<sup>235</sup> La idea no es nueva. Suele ser la sombra que casi nadie advierte de la concepción cíclica del devenir humano. Cuando Bouthoul comienza a discurrir sobre este asunto, Émile Lasbax, por citar un ejemplo significativo, lee una comunicación sobre el ritmo de la guerra en el congreso ginebrino del Instituto Internacional de Sociología de 1930. Lasbax señala que la guerra es “un estado derivado” (*état dérivé*) en un doble sentido: es institución sobrevenida, a la Rousseau, e institución dependiente de las perturbaciones acusadas por los valores religiosos, económicos o políticos. Para lo que aquí interesa, Lasbax apunta también que “la guerra tiene un origen y un desarrollo rítmico”. V. É. Lasbax, “Le rythme de la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932, p. 145.

<sup>236</sup> GB, “Sur l'existence d'un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I, pp. 68-69. El elemento político-estatal mencionado en primer lugar pasa pronto a un segundo plano. Del mismo modo que en el *Austrian Economics* la política es un elemento voluntarista perturbador del orden extenso de cooperación humana (mercado), en la polemología de Bouthoul representa la política un vestigio del voluntarismo clausewitziano incompatible con su concepción de la guerra.

francesa, superpuesto con los periodos de guerra y paz. El neomaltusiano Bouthoul se apercibe de la correlación entre las etapas de crecimiento demográfico y el estallido de una guerra o una catástrofe sanitaria (epidemias como la peste). En el caso de Francia, según Émile Levasseur, parece atestiguado un ritmo cuasi secular de crecimiento y destrucción. A falta de estudios equivalentes sobre la demografía histórica de Inglaterra o la Grecia antigua, Bouthoul elabora una esquemática relación de sus guerras exteriores e intestinas, concluyendo asimismo que en ambos casos se describe espontáneamente un ciclo cuasi secular en el que alternan guerra y paz<sup>237</sup>. No obstante la pobreza empírica de la investigación, los datos preliminares anticipan una cierta regularidad, estímulo suficiente para perseverar en ella y verificar si existe “una tendencia a las crisis periódicas o a los ciclos demográficos seculares”, cuyo origen merece la pena estudiar<sup>238</sup>. De aquí trae pues causa su estudio fundacional de la polemología de 1939, dedicado a las funciones presuntas y la periodicidad de las guerras.

El breve ensayo titulado “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres” debía aparecer en las *mélanges* ofrecidas al filósofo, germanista y economista Émile Witmeur, decano de la facultad de filosofía de Lieja y padre del famoso aviador homónimo<sup>239</sup>. El texto no llega a tiempo y poco después se da en una revista del *alma mater* liejense. Bouthoul sugiere en él la utilidad del análisis matemático de las curvas biológicas de recurrencia desarrollado por Vito Volterra, aunque ni entonces ni más tarde las aplica efectivamente a su sociología de las guerras<sup>240</sup>. En todo caso, el programa enunciado es ciertamente ambicioso, prefigurando el *Leitgedanke* del IFP: “Un análisis riguroso y una

---

<sup>237</sup> GB, “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I, pp. 67-68.

<sup>238</sup> GB, “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I, p. 70.

<sup>239</sup> V. G. Dikmans *et alii*, *Mélanges économiques et sociaux offerts à Émile Witmeur*, Seuil, París 1939. El estudio de Bouthoul complementa los de É. Lasbax y P. A. Sorokin sobre la noción de ritmo y los métodos de economistas e historiadores y sobre las fases socioculturales del mundo euroamericano. Además de Lasbax, Sorokin, Achille Ouy o Jean Lescure, conocidos o saludados de Bouthoul de la Sorbona o del Instituto Internacional de Sociología, las *Mélanges* recogen también un estudio de su mentor René Maunier sobre la naturaleza del imperio colonial francés. Contribuyen también J. M. Keynes, F. Perroux, Maurice Halbwachs o L. von Wiese. Ese plantel de notables, a cuyo rango se eleva Bouthoul por el mero hecho de ser convidado con ellos a las *mélanges*, fuerza a pensar en las malogradas posibilidades académicas del inventor de la polemología.

<sup>240</sup> Bouthoul se refiere generalmente a Volterra, a Vladimir Kostizin y a Alfred J. Lotka. GB, *Les guerres*, pp. 21, 110, 269, 511 y 520.

investigación prudente que permitan llegar a comprender el papel y la naturaleza de [estos fenómenos oscuros de las guerras] y evitarlos”<sup>241</sup>. “Si [sus] consideraciones precedentes sobre la función psicológica y demográfica de este fenómeno son correctas”, Bouthoul presume, con respecto a la periodicidad de las guerras, que estas tienen un “carácter de periodicidad” (*caractère de périodicité*). Lo mismo que el más llamativo de los fenómenos económicos: las crisis de superproducción<sup>242</sup>. Bouthoul perfila dos ritmos de paso muy diferentes, determinados igualmente por la estructura de las distintas sociedades que los acusan<sup>243</sup>. Un ritmo generacional (*rythme par génération*), motivado por la circulación de las elites y por el reemplazo de las sucesivas generaciones, pero sobre todo por el “inconsciente mecanismo del olvido” o acaso por “la deformación colectiva de los recuerdos”<sup>244</sup>. Este ritmo determinaría una guerra de cierta importancia por cada generación, cada treinta o cuarenta años<sup>245</sup>. Pero hay también un ritmo largo (*rythme de longue durée*), análogo de las grandes crisis económicas y caracterizado por destrucciones masivas. Al menos en los estados de una cierta estructura el movimiento de la guerra sería “aproximadamente secular”. Los periodos ascendentes y descendentes de cada periodo están marcados por el “punto de fractura brusca de una gran guerra”. Eso sucede, remacha Bouthoul, sin duda recordando la doctrina de la decadencia de Abenjaldún, cada tres generaciones<sup>246</sup>.

Los primeros tanteos de Bouthoul sobre la periodicidad de las guerras le descubren todo un continente ignoto. Una doctrina o una teoría sobre el ritmo de la guerra no pueden

---

<sup>241</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 174.

<sup>242</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 170.

<sup>243</sup> “Es preciso examinar y aislar el ritmo de los conflictos en función de la estructura de las sociedades”. GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 171.

<sup>244</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 172. Precisamente encuentro magnífica, por su objetividad y plasticidad, esa inopinada definición *avant la lettre* de la llamada “memoria histórica”: *la déformation collective des souvenirs*. Proceso espontáneo o también teledirigido y forzado, como el caso de las “leyes penales de memoria histórica” de algunos países, se trata de un fenómeno constante, de una inconcusa *regolarità* sociológica. Nada nuevo.

<sup>245</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 172.

<sup>246</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 173.

basarse en una mera relación histórica de guerras, sino que impone una discriminación minuciosa de los conflictos. En este sentido, sin definiciones precisas es inútil el recurso a la estadística<sup>247</sup>. A esa conclusión llegan también por su cuenta sus coetáneos Wright y Sorokin. Pero la tarea es ingente, excede las posibilidades de un investigador aislado y necesita el respaldo de un equipo científico. Sorokin, tocado seguramente por una voluntad de hierro, trabaja en solitario y es por ello caso aparte, pero consta que el vasto trabajo de Wright ha tenido detrás a los colegas y meritorios de su departamento universitario. Bouthoul aspira eso y en 1951, en plena travesía del desierto, su reclamación es un lamento y la confesión de su fracaso<sup>248</sup>.

En su tratado de polemología, a falta pues de un estudio más profundo, avanza algunos ejemplos del carácter periodomorfo del fenómeno-guerra. No se trata de una demostración definitiva, sino del embrión de un camino que espera fecundo. En las estructuras primitivas la guerra adopta un rito estacional, repercutiendo acaso sobre ella los ritmos meteorológicos<sup>249</sup>. En las estructuras políticas complejas se amplían los periodos de alternancia de guerra y paz, al mismo tiempo que se acentúa la diferencia entre estos dos estados. El ritmo de las guerras en Europa<sup>250</sup> debe estudiarse teniendo en cuenta el cambio de las formas políticas, pues si cambia la estructura, cambia la periodicidad. En Europa, al menos durante los siglos XIII al XX, cabe esperar un

---

<sup>247</sup> V. IFP, "Périodicité et intensité des actions de guerre (1200 à 1945)", en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2, pp. 20-21.

<sup>248</sup> GB, *Les guerres*, p. 517.

<sup>249</sup> GB, *Les guerres*, pp. 521-523. Bouthoul omite toda referencia a las correlaciones astronómicas y el fenómeno-guerra, que Sorokin, más sistemático sí menciona y refuta. Particularmente la "doctrina mediofantástica" de Rudolf Mewes, según la cual la posición de Júpiter, Saturno y Urano con respecto al Sol determina un ciclo de 675<sup>5</sup> años, dividido a su vez en seis periodos de unos 112 años aproximadamente. Cada uno de estos periodos comprende otros más cortos (cuatro) de uno 27<sup>8</sup> años de duración; de ellos dos son pacífico y dos polémicos... La conclusión de Sorokin es inequívoca: salvo unas mínimas coincidencias, siempre aproximadas y no para todos los siglos en Alemania, Rusia e Italia, en ningún país se da la periodicidad de Mewes. V. P. A. Sorokin, *Dinámica social y cultural*, t. II, pp. 907-908 y *Society, Culture, and Personality*, p. 506.

<sup>250</sup> En esta ocasión deja a un lado el paralelismo de los periodos de destrucción demográfica de Francia, Inglaterra y la Gracia clásica. El ritmo de los conflictos del Imperio romano se aparta de sus generalizaciones de 1939. No obstante, cree poder explicarlo atribuyendo a otras instituciones destructivas, a la esclavitud particularmente, la eliminación de grandes masas de varones jóvenes. GB, *Les guerres*, pp. 526-527.

conflicto moderado cada treinta años y un conflicto generalizado cada siglo. Es muy notable que la duración de estos últimos converja en torno a los treinta años<sup>251</sup>.

En una perspectiva empírica ha sido muy poco lo conseguido por Bouthoul en tres décadas: apenas la generalización de una intuición capital a partir de literatura secundaria, generalmente publicada antes de la guerra<sup>252</sup>. Hay sin embargo un punto de inflexión a mediados de los años sesenta. Aflora entonces en las páginas de *Guerres et Paix* uno de los textos, aunque menor, fundamental de la polemología de Bouthoul. Aunque aparece firmado por el IFP, responde inequívocamente a un momento de la evolución científica de su fundador y director. Se trata de un breve estudio sobre la periodicidad y la intensidad de las guerras entre el año 1200 y 1945<sup>253</sup>. En él se presenta un conteo minucioso de acciones de guerra a partir del *Lavisse*, acompañado de un gráfico en el que se aprecia, para la zona geográfica dada (Europa y su zona de influencia inmediata), la minoración de la frecuencia de los conflictos y el aumento de su intensidad<sup>254</sup>. Es la época en la que Jean-Paul Jouary, siguiendo la pauta de Bouthoul, elabora dos estudios sobre la interpretación polemológica de las guerras del Peloponeso y las habidas en China entre 1628 y 1831<sup>255</sup>.

---

<sup>251</sup> GB, *Les guerres*, p. 526-529. Menciona Bouthoul las guerras del Peloponeso, la segunda guerra púnica, las guerras civiles romanas entre Julio César y Augusto, la parte más virulenta de la Guerra de los Cien Años, las guerras de religión en Francia, la Guerra de los Treinta Años, las guerras de la Revolución y del Imperio y las “grandes guerras alemanas de 1914 a 1945”.

<sup>252</sup> En el caso de las guerras tribales de las tribus bereberes su fuente principal, corroborada por los africanistas modernos, es Abenjaldún. Una fuente extraordinaria, esto es indudable, pero ajena a los criterios científicos que Bouthoul impone a su pacifismo funcional. GB, *Les guerres*, p. 522. Bouthoul dice haber examinado el ritmo de los conflictos bereberes, pero en su obra apenas se menciona el asunto en el contexto de la polemología. Las dispersas conclusiones de su examen se refieren a la dialéctica entre nómadas y sedentarios y a la degradación del espíritu de cuerpo, causa de las crisis políticas y de la sucesión de los gobiernos. GB, *Essais de polémologie*, p. 93. GB, *Ibn-Khaldoun, sa philosophie sociale*, pp. 39-72.

<sup>253</sup> IFP, “Périodicité et intensité des actions de guerre (1200-1945)”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2, pp. 20-32. En realidad, la investigación se ocupa de la intensidad y de la frecuencia (número medio de acciones de guerra por década), pero no de la periodicidad (duración del ciclo guerra-paz). No obstante, yo incluiría este texto en una antología ideal de Bouthoul, al lado del fognazo de Lieja de 1939 y del estudio sobre los barómetros polemológicos de 1971. Es algo así como el momento intermedio entre el alfa y la omega de la polemología.

<sup>254</sup> *V. supra*, cap. 4, nota 215.

<sup>255</sup> *V. J.-P. Jouary*, “Contribution à une polémologie des guerres de Chine (1628-1831)”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2, pp. 33-43, reelaboración de los datos presentados anteriormente por G. Dunstheimer, “Les guerres chinoises et leurs conjonctures”, en *Guerres et Paix*, n° 7, 1968/1, pp. 41-61. *V. finalmente J.-P. Jouary*, “Interprétation polémologique des guerres du Péloponèse”, en *Guerres et Paix*, n° 11, 1969/1, pp. 37-48.

El problema de la periodicidad de las guerras es la “preocupación mayor” del IFP durante los años sesenta. Las investigaciones sobre China y la publicación de un calendario trimestral sobre la agresividad colectiva, labor que presupone, siquiera *in fieri*, una tipología de conflictos, tienen como objeto la elaboración de hipótesis que acrediten la doctrina más característica de la polemología bouthouleana hasta ese momento. Jouary pone de manifiesto la relativa sintonía del IFP con otras investigaciones en curso, indicio de oportunidad científica, pero subraya su originalidad<sup>256</sup>. A diferencia de los trabajos de L. F. Richardson y del Instituto Internacional de Investigación para la Paz de Estocolmo (SIPRI), orientados bien al señalamiento de todas las disputas violentas con víctimas (*deadly quarrels*), bien al estudio de los conflictos armados recientes en el marco de la acción política de los Estados, el IFP pretende identificar y clasificar cualquier manifestación de agresividad colectiva. Con las palabras del discípulo aventajado de Bouthoul: “No existe identidad entre *deadly quarrell*, *armed conflict* y *phénomène-guerre*. El primer concepto pone el acento sobre la destrucción demográfica; el segundo sobre la crisis política; el tercero sobre la agresividad manifiesta”<sup>257</sup>.

Poco después, cuando Bouthoul hace balance de tres décadas de investigación sobre el estudio de la periodicidad de las guerras y recuerda que durante treinta años ha esperado infructuosamente una ayuda necesaria para verificar “pacientemente” sus hipótesis<sup>258</sup>, resume como sigue sus modestos avances. Menciona en primer lugar la naturaleza generalmente estacional de los conflictos primitivos (“guerras tribales”), en los que cabe no obstante una excepción, ya en época histórica: una periodicidad de onda larga caracterizada esta por la integración de las tribus en una estructura política superior, “embrión de estados efímeros o perdurables”. Hay también una periodicidad propia de las “guerras feudales”, “fenómeno mundial”<sup>259</sup> que permite constatar una “nube de pequeñas guerras, con un componente también estacional”. La fundación de las grandes formas

---

<sup>256</sup> Se quiere mostrar también que el IFP, una isla científica en Francia, es una institución académica de primer nivel internacional.

<sup>257</sup> V. J.-P. Jouary, “Typologie et périodicité du phénomène-guerre”, en *Guerres et Paix*, n° 13, 1969/3, pp. 28-29.

<sup>258</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 197.

<sup>259</sup> La “feudalidad” (*féodalité*) a la que se refiere Bouthoul no es solo la del medioevo europeo, sino “una estructura política y económica que se encuentra en países tan diferentes y alejados como Japón, la India, Persia, la América precolombina y el África de antes de la penetración europea”. GB, *L’infanticide différé*, p. 200.

políticas imprime una cadencia nueva en los conflictos, mayormente cuasi secular en los de gran magnitud. Los ejemplos aducidos de Grecia, Roma, Francia, Inglaterra o China son los mismos rastrillados antes de la guerra, con la salvedad de la periodicidad del mundo germánico, investigación todavía pendiente pero de la que puede adelantar “un ritmo análogo o cuando menos trabado con la historia de Francia”<sup>260</sup>... En realidad, el asunto de la periodicidad de la guerra parece agotado. No se menciona ya en la vasta y documentada investigación sobre los 366 “conflictos armados mayores” acontecidos en el periodo 1740-1974, ni siquiera en el estudio de las interacciones entre la guerra y las civilizaciones<sup>261</sup>. En la relación de investigaciones en curso del IFP que aparece en las páginas incorporadas a la segunda edición de *Les guerres* de 1970 se ve que la periodicidad del fenómeno-guerra ha pasado a un segundo plano. El interés prioritario del instituto apunta hacia la trilogía polemógena estructuras-coyunturas-motivaciones<sup>262</sup> y hacia la agresividad, la animosidad y los complejos belígenos<sup>263</sup>.

---

<sup>260</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 206.

<sup>261</sup> G. Bouthoul y R. Carrère, *Le déjî de la guerre 1740-1974* y G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*. Sin embargo, Bouthoul había escrito en 1951 que los ciclos bélicos varían con los entornos de civilización. GB, *Les guerres*, p. 517.

<sup>262</sup> Las causas y motivaciones ocasionales de las guerras son siempre aparentes: meros razonamientos justificativos de la propia conducta. Ejemplo de esta casuística superficial es la famosa guerra hispanobritánica por la oreja de un corsario, Robert Jenkins, cortada por el capitán español Fandiño en 1731 frente a las costas de la Florida. La oreja de Jenkins sirvió de *casus belli* a Gran Bretaña en 1739, lo mismo que el hundimiento del acorazado *Maine* en el puerto de La Habana en 1898 a los Estados Unidos. Ejemplos como estos, multiplicados en todos los grupos humanos de todas las épocas, podrían llenar las más de ciento cincuenta mil páginas de la *Espasa*. Como diría Jünger, “cuando un polvorín salta por los aires se sobrestima el significado de las cerillas”. V. E. Jünger, *Radiaciones II*, p. 394. Mucha mayor potencia explicativa de las guerras tienen las causas coyunturales, cuya frecuencia y tipología varía según las civilizaciones. Estas resultan de los desequilibrios y choques entre grupos humanos, cuyas trayectorias eventualmente pueden enfrentarse. Por último, en el plano más profundo de la causalidad polemológica se encuentran las estructuras, elementos generalmente estables, pero en cuya alteración “se encuentran las causas más profundas de las pulsiones belígenas”. Las estructuras que aquí concurren son de distintos órdenes: geográficas, demográficas, étnicas, económicas y mentales. Su estudio constituye el contenido fundamental de la polemología, pues precisamente en ese marco se puede obviar la “ilusión clausewitziana” de una “decisión de guerra” incondicionada. GB, *Traité de polémologie*, p. 536. GB, *Avoir la paix*, pp. 241-242. La integración de toda la información disponible acerca de las distintas estructuras permitirá tal vez predecir y evitar o acotar los conflictos futuros. El instrumento desarrollado al efecto por el IFP es el “frente de agresividad”. En su teoría de la revolución contraponen Jack A. Goldstone causas estructurales (*structural causes*) o tendencias a largo plazo y a gran escala que minan el orden social existente y causas adventicias (*transient causes*) o sucesos contingentes. V. J. A. Goldstone, *Revolutions. A very short Introduction*, pp. 20-25.

<sup>263</sup> GB, *Traité de polémologie*, pp. 536-537. En su estudio sobre los barómetros polemológicos publicado en 1971 se dedica un apartado a los “factores cronísticos de larga duración”, reconociendo la dificultad de la tarea, “un trabajo minucioso, largo y difícil” que tal vez el empleo de ordenadores podrá acelerar y refinar. GB, “Les baromètres polémologiques”, en *Études Polémologiques*, n° 1, julio 1971, p. 15.



## 5. Función de las guerras

“La guerra es uno de los fenómenos sociales más regulares y constantes [...]. Institución absolutamente general [...], se puede presumir que constituye una función social estable, con el mismo título que las demás instituciones esenciales [...], las jerarquías, la religión, la familia, etc.”<sup>264</sup>. Como función estable y constante<sup>265</sup>, su efecto es fácilmente reconocible, pues no hay guerra que no diezme violentamente los grupos humanos<sup>266</sup>. Desde este punto de vista, una correlación elemental e inobjetable del cien<sup>267</sup> por cien sugiere que “toda guerra es demográfica”<sup>268</sup>, algunas incluso en grado sumo. Pues bien, su función es ciertamente deplorable, pero no es la única entre las instituciones destructivas<sup>269</sup>. Ante las dificultades que entraña el estudio de las causas de la guerra, la alternativa polemológica se concentra en la dilucidación de su función, accesible a partir de sus efectos<sup>270</sup>, ya que si hay algo característico de la guerra es la persistencia de su función, estadísticamente demostrable<sup>271</sup>. Mas no basta con constatar esa vocación homicida de la guerra, sino de determinar su función esencial<sup>272</sup>. Bouthoul lo señala en 1938 al poner de manifiesto el

---

<sup>264</sup> GB, *Les guerres*, pp. 267-268.

<sup>265</sup> Bouthoul no expulsa las consideraciones de orden finalista acerca de la guerra, pero las limita a un tipo de finalidad “estrictamente orgánica”, es decir, vinculadas al “resultado inmediato de las diversas funciones y sin confundirla con la finalidad filosófica”. Pues “en sociología no se puede hablar *stricto sensu* de finalidad, sino más bien de función permanente”. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 128. Por otro lado, “función” en sociología no significa “función única”, sino predominio momentáneo, dado el margen de variabilidad de todos los fenómenos sociales. GB, *Les guerres*, pp. 20-22.

<sup>266</sup> V. M. R. Davie, *The Evolution of War*, pp. 218-219. GB, “Les plans de paix”, en *La Nef*, n° 60/61, diciembre 1949-enero 1950, p. 45.

<sup>267</sup> GB, *Biologie sociale*, p. 78. En todo caso, Bouthoul advierte sobre el alcance limitado de las correlaciones entre fenómenos sociales, particularmente en las sociedades complejas. Dado el número de órganos y funciones sociales determinado por una elevada división del trabajo y la variabilidad de las “reacciones posibles ante un mismo suceso” hay que prevenirse contra las teorías que todo lo reducen a “una gran causa unilateral”. GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 71.

<sup>268</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 30.

<sup>269</sup> GB, *Les guerres*, pp. 302-321. Todas estas instituciones está correlacionadas: si operan unas no operan otras, o al menos no operan con tanta intensidad. GB, *Les guerres*, p. 322.

<sup>270</sup> *L'infanticide différé*, pp. 27, 29 y 41.

<sup>271</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 162.

<sup>272</sup> GB, *Cent millions de morts*, pp. 207-208.

paralelismo entre crisis económicas y guerras<sup>273</sup>. Pero es al año siguiente cuando profundiza en los efectos demográficos de toda guerra.

Por definición, la guerra tiene una doble función genérica y una función específica<sup>274</sup>. La primera es a un tiempo destructiva (mortalidad suplementaria) y compensatoria o lentificadora (desplome de la natalidad). La otra función, quintaesencia de la polemología, consiste en la eliminación de varones jóvenes, una constante en la historia de las ideas políticas y sociales a la que Bouthoul dará vuelos mucho antes de que se convierta en la idea-fuerza de la doctrina de la *Youth Bulge* de la demografía política angliarla. Pero en el mismo lugar adelanta Bouthoul una impresión de la que solo después de 1945 dará cuenta y razón: la guerra, ciertamente, no es la única entre las instituciones destructivas. Estas tienen una naturaleza proteica y pueden presentarse bajo las especies más distintas: un derecho penal represivo, el celibato forzado, la esclavitud, la mortalidad laboral, etc.<sup>275</sup>

En todo ello profundiza particularmente en *Les guerres*. Bouthoul menciona todo tipo de instituciones cuya funcionalidad demográfica se relaciona con el mantenimiento de un cierto equilibrio. Instituciones restrictivas de la fecundidad como el retraso de la nupcialidad, la imposición de la separación entre los esposos, la prohibición de la poligamia y el divorcio, la existencia de eunucos, la gerontocracia marital (un matrimonio por compra que permite que los viejos acumulen mujeres jóvenes), la prohibición del matrimonio de las viudas, el ascetismo y la esterilidad voluntaria del monacato... Instituciones eliminadoras de cierto porcentaje de niños o varones jóvenes como el infanticidio directo (infanticidio femenino, *ius vitae ac nequis* del *pater familias* romano, prácticas eugenésicas impuestas incluso coactivamente) o indirecto (brutalidad y maltrato, esclavitud y explotación laboral infantil, guerra, emigración, diversas instituciones selectivas como las mutilaciones sexuales)<sup>276</sup>. De un modo u otro estas “instituciones

---

<sup>273</sup> GB, “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I, p. 69.

<sup>274</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, pp. 166-168.

<sup>275</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, p. 169.

<sup>276</sup> GB, *Les guerres*, pp. 302-315. GB, *Biologie sociale*, pp. 70-73.

destructivas” o formas de mortalidad institucionalizada<sup>277</sup> excluyen a ciertos individuos de la procreación, vetan la posibilidad de trabajar y aumentan la mortalidad, precipitándola en ocasiones masivamente, como en el “infanticidio diferido” que constituye una guerra<sup>278</sup>.

Después de repasar muchas instituciones funcionalmente equivalentes plantea Bouthoul un sugestivo y estilizado esquema de las “soluciones” al problema demográfico alcanzadas por diversas civilizaciones<sup>279</sup>. Bouthoul se refiere expresamente a las soluciones *insular*, *asiática* y *européa*, pero seguramente se podrían añadir otras, según deja entrever en sus páginas: la solución *africana* y la *mesoamericana*.

La solución insular estabiliza el equilibrio demográfico imponiendo el aborto. Es el caso del Japón feudal y de las civilizaciones insulares de Oceanía y Malasia. La solución asiática propicia una elevada mortalidad juvenil mediante las duras condiciones de trabajo y una legislación sumamente represiva. Es el caso de la sobreexplotación del infortunado culi chino, afectado de por vida al porteo. La solución europea prototípica, en cambio, es la guerra, el lanzamiento periódico de los jóvenes para que libren guerras relajadoras de la tensión demográfica. Mientras que las dos primeras soluciones constituyen “resistencias continuas” al crecimiento de la población, la europea es más bien un “obstáculo discontinuo” y periodomorfo<sup>280</sup>. Bouthoul llega a asimilarla a un tipo de guerra preventiva, pero no en un sentido político o estratégico, sino en el sentido restringido de su lógica demográfica<sup>281</sup>. Del mismo modo, tanto la solución insular como la asiática son el producto del aislamiento. En China, por ejemplo, los efectos restrictivos de las guerras, aunque las ha habido y a gran escala, palidecen ante los de unas atroces condiciones de

---

<sup>277</sup> Estas, según Bouthoul, se complementan a la perfección con el paro forzoso de los países económicamente desarrollados y con la mendicidad (*laζζαρονισμὸς*) de los pueblos atrasados. GB, *Les guerres*, 240-242.

<sup>278</sup> La persistencia histórica de estas instituciones no excluye una suerte de rechazo instintivo de las mismas, tal vez porque nuestra especie, un “mono glabro” que teme la soledad y sobrevive con gran dificultad encuadrado en pequeños grupos, ha tenido hasta hace relativamente poco tiempo (diez o quince mil años) un muy débil potencial de crecimiento demográfico. GB, *L’infanticide différé*, p. 67. Sobre la debilidad demográfica de la especie humana en el marco de la historia natural v. M. Patou-Mathis, *Préhistoire de la violence et de la guerre*, p. 51.

<sup>279</sup> GB, *Les guerres*, p. 322. Cfr. R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, p. 242.

<sup>280</sup> GB, *Les guerres*, pp. 322-323.

<sup>281</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 161.

vida. Una situación equivalente se habría reproducido en Europa durante el pacífico siglo XIX: excluidos los efectos relajantes de la guerra (una emigración al más allá) por las condiciones políticas de la época, la mortalidad institucional se desenvuelve en la industria (falta de salubridad, trabajo infantil) y en la emigración a América<sup>282</sup>. Bajo esa óptica, el siglo XIX británico en particular es el siglo del “infanticidio practicado a gran escala en fábricas y minas”, a lo que podría añadirse la severidad inaudita del derecho penal inglés<sup>283</sup> y el sistema de Speenhamland que miserabiliza al obrero<sup>284</sup>, tal como apunta también Karl Polanyi en *La gran transformación*<sup>285</sup>. Las condiciones de trabajo exageradamente duras y autoritarias, la segregación en campos de trabajo o la deportación acrecientan la mortalidad y disminuyen la natalidad<sup>286</sup>. A la inversa, las mejoras jurídicas, laborales, técnicas y demás por el estilo... liberan más brazos para la guerra<sup>287</sup>.

Las grandes paces históricas constituyen pues una solución alternativa no bélica de carácter ejemplar. Si por algo se caracterizan la *pax romana*, la *pax sinica*, la *pax nipona*, la *pax britannici* o la *pax otomana* es el equilibrio demográfico, alcanzado al margen del infanticidio diferido<sup>288</sup>. Ciertamente, todas esas paces hacen pensar igualmente en masacres inauditas<sup>289</sup>.

La solución africana es la trata negrera, una modalidad particular de la esclavitud<sup>290</sup>, impuesta y generalizada en África mucho antes de la llegada de los europeos<sup>291</sup> y

---

<sup>282</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 72. GB, *Biologie sociale*, p. 72.

<sup>283</sup> GB, *L'infanticide différé*, pp. 74-75.

<sup>284</sup> GB, *Les guerres*, p. 319. Cfr. M. Moix Martínez, “El *Speenhamland System* o el subsidio de los salarios en periodos de crisis. Examen crítico de una curiosa experiencia histórica”, en *Revista de Política Social*, n° 108, diciembre 1975, pp. 5-14.

<sup>285</sup> V. K. Polanyi, *La gran transformación*, F. C. E., México 2000, pp. 128-137.

<sup>286</sup> GB, *Biologie sociale*, pp. 72 y 86.

<sup>287</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 106.

<sup>288</sup> GB, *Avoir la paix*, p. 228.

<sup>289</sup> Como en el caso de la *pax india* impuesta por Gran Bretaña en el Indostán. GB, *Les guerres*, pp. 317-321. Contra el estado de guerra permanente, la conquista infligida a las tribus díscolas de los límites del imperio permite a los incas imponer también la pacificación, la *pax incaica*. V. P. Clastres, *Investigaciones en antropología política*, pp. 212-213, nota 10.

<sup>290</sup> En África se dan también las condiciones de aislamiento geográfico y político que explican la especificidad de la esclavitud, institución que, por lo demás, es muy restrictiva de la fecundidad y en la que se combinan una natalidad y una mortalidad respectivamente inferior y superior a las de la población libre. V. G. Hardy, *Vue générale de l'histoire d'Afrique*, pp. viii-xvi. GB, *Biologie sociale*, pp. 71-72. Como se deduce

consistente en una fiscalidad en especie que los reyezuelos imponen sobre las tribus dominadas<sup>292</sup>. Los mismos africanos capturan a sus “hermanos” negros para venderlos, tradicionalmente a los negreros musulmanes y desde finales del siglo XV también a los europeos<sup>293</sup>. La realidad de esta trata es pues su carácter inveterado, limitándose el hombre blanco “a prolongar una situación que perduraba desde hacía siglos”<sup>294</sup>. Después de la descolonización la relajación tradicional africana parece haber sido sustituida por la europea: la epidemia mental de la guerra<sup>295</sup>. La intuición de Bouthoul del efecto “absorbente” de la trata sobre el exceso demográfico parece confirmada en diversos estudios<sup>296</sup>.

Bouthoul deja también entrever una solución mesoamericana<sup>297</sup>, caracterizada, asimismo en un contexto de aislamiento, por la institucionalización de sacrificios masivos, a cuyo servicio está precisamente la llamada “guerra florida” (*xochiyaoyotl*) de los aztecas. Esta extraña institución provee de alimento (la sangre de los cautivos) a los dioses mexicas, particularmente a Huitzilopochtli. No es una guerra política, sino “sagrada”<sup>298</sup>.

Se ha reprochado a Bouthoul su “monocausalismo”. Es notoria, en este sentido, la crítica de Alfred Sauvy y la revista *Population*. La correlación demografía-guerra le parece a Sauvy “demasiado simplista para iluminar problemas tan complejos”<sup>299</sup>. En su opinión, cuando

---

de la experiencia del Imperio romano, “la función demográfica de las guerras puede desempeñarla la esclavitud”. GB, *L’infanticide différé*, p. 72.

<sup>291</sup> Lo que explica, cuando se da, que no es siempre, la hostilidad de los africanos hacia la presencia europea. Esta actitud es consecuencia del terror a las razias esclavistas inmemoriales. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 437.

<sup>292</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 69. Práctica que se corresponde con una facultad incondicionada de los padres a vender a sus hijos. GB, *Les guerres*, p. 304.

<sup>293</sup> V. B. Lugan, *Osons dire la vérité à l’Afrique*, pp. 164-165.

<sup>294</sup> V. G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*, p. 44.

<sup>295</sup> Hipótesis que en otro contexto establece el africanista Bernard Lugan. V. B. Lugan, *Osons dire la vérité à l’Afrique*, p. 143.

<sup>296</sup> V. Y. Person, “La population d’Afrique noire durant les XVIIIe et XIXe siècles”, en *Culture et Société*, n° 3, 1980, pp. 26-49 y S. Daget, *La traite des noirs. Bastilles négrières et velléités abolitionnistes*, Ouest-France, Rennes 1990, pp. 172-173.

<sup>297</sup> V. al respecto G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin, *Guerres et civilisations*, pp. 41 y 57.

<sup>298</sup> V. J. Soustelle, *La vida cotidiana de los aztecas en vísperas de la conquista*, p. 107. Sobre la articulación de la institución sacrificial y la guerra aztecas v. G. Bataille, *La part maudite*, pp. 47-60. Para los aztecas la guerra tiene el sentido de la consumación, no de la conquista.

<sup>299</sup> V. A. Sauvy, reseña de GB, *Traité de sociologie*, t. II, en *Population*, vol. X, n° 4, octubre-diciembre 1955, p. 766.

Bouthoul le atribuye presuntamente a la superpoblación “el monopolio de las guerras” volvería su tesis rígida y frágil como el roble<sup>300</sup>. La misma crítica se encuentra en Paul Vincent: la relación entre guerra y demografía establecida por Bouthoul es científicamente vulgar. Al mismo tiempo asienta un fantástico reproche moralista: Bouthoul justifica la guerra atribuyéndole una función social<sup>301</sup>. Por su parte, Raymond Aron pone en duda la transferencia del efecto constante a la función, algo que “por razones metodológicas [considera] o problemático o carente de significación”<sup>302</sup>. Pero sobre todo se opone a que la causa de la guerra sea la superpoblación (“exceso de hombres”), factor concomitante de la actividad bélica, pero no su causa<sup>303</sup>.

Bouthoul, sin embargo, es el primero que repudia el unilateralismo causal de las teorías sociológicas, particularmente el de la doctrina que hace de la población el factor único del movimiento social<sup>304</sup>. Nunca ha afirmado Bouthoul que la superpoblación o las perturbaciones demográficas en general sean *la* causa de la guerra. Solo puede haber correlaciones entre fenómenos simples y la guerra no es uno de ellos. La guerra, más bien, expresa una estructura explosiva. “La superpoblación no conduce necesariamente a la guerra, pero es una situación en la que se activan las instituciones destructivas. El predominio de una u otra [solución] vendrá determinado por la mentalidad, la coyuntura política e ideológica, la técnica, la tradición y, por supuesto, el azar”<sup>305</sup>. De este modo, “aunque no se puede afirmar científicamente una relación cierta de causalidad entre la perturbación demográfica y el nacimiento de conflictos”, aquella puede propiciar las condiciones que creen el “vínculo” polemógeno<sup>306</sup>... Con todo, aun siendo consciente de

---

<sup>300</sup> V. A. Sauvy, reseña de GB, *Cent millions de morts*, en *Population*, vol. I, n° 3, julio-septiembre 1946, p. 545.

<sup>301</sup> V. P. Vincent, “Guerre et population”, en *Population*, vol. II, n° 1, enero-marzo 1947, pp. 9-10. La respuesta de Bouthoul (“constatar no significa justificar y menos aún aceptar o resignarse”) en GB, *Les guerres*, pp. 282-284.

<sup>302</sup> V. R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, p. 236. Se trata o bien de una “interpretación groseramente finalista” o de una constatación irrelevante (“la reducción del número de seres humanos no es el único resultado de los conflictos armados entre unidades políticas”).

<sup>303</sup> V. R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, pp. 239-240.

<sup>304</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. I, pp. 77, 493-495, 502 y otros lugares. Detrás del monocausalismo, un tipo de “sociología perentoria”, aparecen dos sofismas: *hoc ergo propter hoc* y *non causa pro causa*. GB, *Traité de sociologie*, t. I, p. 140.

<sup>305</sup> GB, *Les guerres*, p. 324. Extremo que naturalmente R. Aron reconoce. V. R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, p. 242.

<sup>306</sup> GB, “Guerre et population”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932, p. 129.

lo discutible (*fort discutable*) de su tesis<sup>307</sup> y no pretendiendo imponer una tesis unilateral, los efectos demográficos y sus curvas de recurrencia le abocan a establecer el “primado de los factores demográfico”<sup>308</sup>.

La crítica no ha tenido en cuenta la distinción entre el estado de superpoblación y la estructura explosiva de una sociedad, en la que desempeña un papel crucial el abultado porcentaje de varones jóvenes, lo que en 1971 denomina *overjuvenation*<sup>309</sup>, pero que ya tiene en cuenta en sus trabajos de los años treinta.

### 5.1. *Overjuvenation* y guerra-exutorio

“La guerra es un fenómeno social constante, general, regular y, en consecuencia, normal, que constituye una función”<sup>310</sup>. ¿Cuál puede ser esa función? En el congreso demográfico de 1937 la apunta sin rodeos, cediendo a una poderosa inercia mental: “La impulsión belicosa en un grupo implica una cierta sobreabundancia de hombres jóvenes no estrictamente indispensables y cuya desaparición se contempla”<sup>311</sup>. Más claro si cabe es en 1939: la guerra tiene como función la “eliminación de machos jóvenes”<sup>312</sup>. Ni selecciona los mejores especímenes humanos ni mejora la especie, algo incompatible precisamente con la aniquilación de los más jóvenes y fuertes<sup>313</sup>.

La sobreabundancia de jóvenes (*overjuvenation*)<sup>314</sup> dota de un dinamismo especial a las sociedades. Es natural que un crítico del economicismo marxista como Bouthoul llegue a afirmar esta doctrina polemológica. Otros demógrafos críticos con el determinismo marxista, considerando que la cohorte de edad es más importante que la clase social, han

<sup>307</sup> GB, “Les plans de paix”, en *La Nef*, VI, n° 60/61, diciembre 1949-enero 1950, p. 45.

<sup>308</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 176. A pesar de las críticas, su teoría es coriácea y le parece que los críticos no han ofrecido una alternativa mejor. GB, *L’infanticide différé*, p. 83.

<sup>309</sup> GB, “Les baromètres polémologiques”, en *Études Polémologiques*, n° 1, julio 1971, p. 23. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 78.

<sup>310</sup> GB, *Les guerres*, p. 283.

<sup>311</sup> GB, “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en *Congrès International de la Population, Actes du Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I, p. 69.

<sup>312</sup> GB, “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques*, junio 1939, pp. 168-169.

<sup>313</sup> GB, *L’infanticide différé*, pp. 35 y 42.

<sup>314</sup>

llegado a conclusiones parecidas. Es la doctrina del *Youth Bulge*, generalmente desarrollada por escritores anglosajones. Para estos, superado cierto porcentaje relativo (más del veinte por ciento) de la población joven, generalmente aquella que cuenta entre 15 y 24 años, las posibilidades de un conflicto interior o de una guerra exterior se multiplican<sup>315</sup>.

La lucha entre las generaciones manifiesta la pujanza natural de los recién llegados. Sin embargo, más allá de cierto porcentaje en las cohortes jóvenes puede producirse un “calentamiento beligeno” si no hay posibilidades para la mayoría de ellos de promoción social o, por ejemplo, están vedados exutorios como la emigración. El quid polemógeno no está por tanto en la población absoluta, sino su composición por edad y sexo<sup>316</sup>, pues una sociedad de predominio gerontocrático y femenino es menos agresiva<sup>317</sup>. Bouthoul ve corroborada su doctrina sobre la plétora joven con la “ley de Sombart”, “una de las más viejas regularidades estadísticas (enunciada por este autor hace cincuenta años)”. Esta ley afirma que los sujetos de 15 a 50 años representan un porcentaje aproximado del cincuenta por ciento en cualquier población”<sup>318</sup>.

La “guerra-exutorio”, movilizadora de una juventud disponible, se aproxima a un tipo sociológico ideal. Su análogo biológico es el “movimiento general de exudación (de dilapidación) que vivifica la materia animada”<sup>319</sup>. La añorada guerra cortés constituye su expresión histórica mejor acabada: solo caen en ella los combatientes regulares, es decir, los “machos jóvenes”, limitándose sus efectos sobre la pirámide demográfica a los grupos de edad entre los dieciocho y los cuarenta años<sup>320</sup>. Bouthoul la presenta como la “solución

---

<sup>315</sup> V. la magnífica antología de J. R. Weeks y D. L. Fugate (Ed.), *The Youth Bulge. Challenge or Opportunity?* En Europa se ha hecho eco del asunto Gunnar Heinsohn. V. G. Heinsohn, *Söhne und Weltmacht. Terror im Aufstieg und Fall der Nationen* (2003), Piper Verlag, Múnich 2008. Heinsohn se acuerda de Bouthoul, a quien menciona en su ensayo, no así, con una sola excepción, los autores anglosajones o asimilados antologados por Weeks y Fugate.

<sup>316</sup> Esta doctrina es constante en Bouthoul desde 1939. La reitera una y otra vez como modo de explicar lo que de otro modo resultaría inexplicable. GB, “Biologie sociale et communication”, en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974, p. 59. La destaca también como uno de los tres aspectos centrales de la relación guerra-demografía H. Savon, “Désarmement démographique et structurel”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978, pp. 73 ss.

<sup>317</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, p. 18.

<sup>318</sup> GB, *La surpopulation dans le monde*, pp. 28-29. No tengo constancia de esta “ley de Sombart”, según Bouthoul corroborada por Lotka y Mortara.

<sup>319</sup> La expresión es de Bataille. V. G. Bataille, *La part maudite*, p. 28.

<sup>320</sup> GB, *Sauver la guerre*, p. 243. Este tipo de guerra es la última palabra de una civilización. El arma nuclear perturba la función bélica, desplazada la relajación por el exterminio.



tradicional y periódica de los desequilibrios belígenos”<sup>321</sup> practicada en Europa. Esta expresión de la guerra, la única “guerra demográfica” (*guerre démographique*) en sentido estricto, es aquella que no tiene un designio político discernible, mucho menos una finalidad económica. Se encuentra en los antípodas de una guerra clausewitziana o estratégica. Su carácter fatal hace que se la vea venir sin que nadie sea capaz de evitarla. Es un tipo de guerra que parece “absurda”, pero que podría tener como objetivo alcanzar cierto porcentaje de pérdidas, un “porcentaje calmante”<sup>322</sup>. Es la guerra como lenitivo. Su objeto no puede otro que la destrucción en sí misma, particularmente la eliminación de hombres jóvenes<sup>323</sup>. Su paradójica finalidad no es la perpetuación de la especie, sino alcanzar un porcentaje calmante de pérdidas de vidas jóvenes que permita recuperar el equilibrio social perdido<sup>324</sup> modificando la estructura de la pirámide de edades y sexos. Es el “coeficiente calmante”, difícil de cuantificar. Más transparente a la estadística es el sector social especializado en la relajación demográfica.

## 5.2. El sector cuaternario

En sus respectivas investigaciones sobre el progreso económico y técnico, desde planteamientos distintos, Colin Clark y Jean Fourastié desarrollan la noción de los “sectores” de producción, aplicada a la distribución tripartita de la actividad económica. Sauvy atribuye la invención a las contribuciones de diversos autores que, sin conexión alguna, ponen en circulación el concepto durante la guerra<sup>325</sup>. No obstante, aunque no sean sus acuñadores, la definición que de los tres sectores económicos –primario, secundario y terciario– ofrecen Clark y Fourastié son las más conocidas. Es cierto que son muy distintas, pues mientras que Clark utiliza la clasificación para inaugurar una nueva división en la contabilidad nacional, definiendo cada sector con enumeraciones más o

<sup>321</sup> GB, “La résurgence des situations belligènes”, en *Guerres et Paix*, 5° fasc., 1967/3, p. 5.

<sup>322</sup> GB, *Cent millions de morts*, pp. 64-65 y GB, *L’infanticide différé*, p. 80.

<sup>323</sup> GB, *Les guerres*, pp. 266-267, *L’infanticide différé*, pp. 34-35 y otros lugares.

<sup>324</sup> GB, *L’infanticide différé*, p. 80. El “coeficiente calmante”, difícil de cuantificar, determina el umbral de la reacción calmante a partir del cual remiten las impulsiones belígenas. GB, *Les guerres*, p. 517.

<sup>325</sup> V. A. Sauvy, “Progrès technique et répartition professionnelle de la population”, en *Population*, vol. 4, n° 1, enero-marzo 1949, p. 59. J. Fourastié reconoce que el primer economista que hace de los sectores un uso sistemático es el neozelandés Allen G. B. Fisher en 1935 y después C. Clark en 1940. V. J. Fourastié, *Le grand espoir du XXe siècle*, p. 18, nota 1 y p. 83, nota 1.

menos voluntaristas, Fourastié da contenido a los sectores utilizando como criterio la intensidad del progreso técnico característica de cada uno de ellos: media en el sector primario, alta en el secundario y débil en el terciario. Por otro lado, mientras que las categorías de Clark son fijas, las de Fourastié son por definición variables, pues las actividades incluidas en cada sector dependen del carácter más o menos intensivo de la técnica en ellas aplicada<sup>326</sup>. Por último, ambos coinciden en el señalamiento de una tendencia inexorable hacia la “terciarización” de la economía, incluso de la civilización<sup>327</sup>.

A Bouthoul le parece una tipología muy útil, pero incompleta, pues hace abstracción nada menos que de la agresividad, “la más terrible de las actividades humanas”<sup>328</sup>. Clark y Fourastié han pasado por alto un sector de importancia creciente, a la vez consecuencia y efecto de los excedentes demográficos: el sector cuaternario (*secteur quaternaire*) o sector de las actividades destructivas. El número de personas que viven de la preparación de la guerra alcanza ya proporciones inauditas, pues a los ejércitos hay que sumar los efectivos policiales y el conjunto de trabajadores manuales o intelectuales que producen armamentos y municiones o viven del estudio de los futuros conflictos. Y con ellos, indirectamente, todas sus familias, pues también viven del negocio de la psicosis de guerra<sup>329</sup>. También Bouthoul, que vive para el estudio de las guerras, integra el sector<sup>330</sup>. Campa el *homo furiosus* por el sector cuaternario, como por el quinario el *homo ludens*<sup>331</sup>.

---

<sup>326</sup> V. C. Clark, *Las condiciones del progreso económico*, Alianza Editorial, Madrid 1971, t. I, cap. 5 y t. II, caps. 6 y 7. J. Fourastié, *Le grand espoir du XXe siècle*, pp. 18 y 81-83.

<sup>327</sup> GB, *Traité de sociologie*, t. II, p. 58. GB, *Biologie sociale*, pp. 74-75.

<sup>328</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, p. 251. Les achaca lo mismo en *Sauver la guerre*, pp. 51, nota 1 y 240.

<sup>329</sup> GB, *Traité de sociologie*, p. 117.

<sup>330</sup> Bouthoul apunta que la clave del inaudito crecimiento contemporáneo del sector cuaternario se encuentra en las políticas keynesianas. El pleno empleo ha convertido a los parados, directa o indirectamente, en soldados, “avatar imprevisto de las teorías de Keynes”. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 137.

<sup>331</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 117. Al lado del estudio socioeconómico del sector cuaternario apunta también Bouthoul el del *homo ludens*. En él computarían el coste de las vacaciones, de las actividades deportivas, las industrias del cine, teatro, radio o televisión, el valor de las segundas residencias... “y la gama cada día más rica de euforizantes, tranquilizantes, los lícitos y acaso también los prohibidos”, así como la parte de los presupuestos personales destinados al amor y sus sucedáneos, “el oficio más viejo del mundo”. GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, pp. 117-118.

El gasto creciente en armamentos, magnífico rito de derroche<sup>332</sup>, tiene el rasgo primitivo del potlatch. El coste es enorme, pero inferior al de una guerra, a la que de algún modo sustituye<sup>333</sup>. Ciertamente el despilfarro es el rasgo que a Bouthoul más le interesa de la carrera armamentística, pues como causa de la guerra, a su juicio, carece absolutamente de relevancia. En este sentido, las conferencias sobre desarme son en realidad una consecuencia de la ilusión racionalista clausewitziana. Es cierto que quien mata es el hombre (*l'uomo che uccide*), según reza el título de la traducción italiana de *Avoir la paix*<sup>334</sup>, pero no lo es menos que si la agresividad no se convierte en animosidad, proyectando así la hostilidad sobre el enemigo, las armas más sofisticadas resultan inofensivas, “ferralla inocente”<sup>335</sup>. En cambio, la pulsión homicida puede impulsar la piedra en la honda y hacer de esta un ingenio letal. El genocida no necesita armas. Está claro que para Bouthoul el verdadero desarme será siempre demográfico<sup>336</sup>. Los pacifistas, sin embargo, se obsesionan con la eliminación de los ejércitos permanentes, cuando no con la prohibición del juego infantil de la guerra, pues suponen acriticamente que “las armas son caras y hacen pupa”, argumenta sarcástico Bouthoul, él sí, un *pacifiste pensif*<sup>337</sup>.

Después de leer *La part maudite* de G. Bataille, un libro “injustamente poco apreciado”, Bouthoul atisba una sociología de los fenómenos destructivos<sup>338</sup>. “La guerra es el tributo constante de destrucción de la *parte maldita*”<sup>339</sup>, una función sociobiológica relajadora y destructiva a la que le cuadra la precisión de Bataille sobre el consumo improductivo o inútil (*consumation*)<sup>340</sup>. El sector cuaternario es justamente la parte maldita y su *ratio essendi*

---

<sup>332</sup> GB, *Biologie sociale*, pp. 76 y 78.

<sup>333</sup> GB, *Sauver la guerre*, pp. 239-240. En contra de lo afirmado por la propaganda pacifista, parece que las carreras de armamentos coinciden con prolongados periodos de paz. V. G. Blainey, *The Causes of War*, pp. 135-141.

<sup>334</sup> GB, *L'uomo che uccide*, Longanesi, Milán 1969.

<sup>335</sup> GB, *Avoir la paix*, p. 87.

<sup>336</sup> GB, *Huit mille traités de paix*, p. 243. GB, *Les guerres*. GB, *Sauver la guerre*. GB, *Avoir la paix*. Etc.

<sup>337</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 135.

<sup>338</sup> GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, pp. 226-227.

<sup>339</sup> GB, *L'infanticide différé*, p. 33.

<sup>340</sup> Bataille ha visto que cualquier organismo vivo puede aplicar su energía excedente al desarrollo productivo de sí mismo o del sistema en el que se integra o puede gastarla, “voluntariamente o no, de forma gloriosa o catastrófica”. Este tipo de consumo es contraintuitivo desde el punto de vista de la economía política, basada en la utilidad, en la eficiencia, etc. Al consumo antiutilitario, sea ritual o catastrófico, lo llama Bataille *consumation*, al utilitario *consumation*. A la luz de los pasajes dedicados a la

la consumación del excedente societario material y humano. Bouthoul propone el término hacia 1957 en su ensayo sobre la economía de las necesidades<sup>341</sup>. Al lado de las necesidades de seguridad se registra también, sobre todo en la fiesta, la necesidad de destrucción. La fiesta por excelencia es la guerra. En ella, una exacerbada inseguridad se corresponde una necesidad inaudita de “destrucción pura y simple de hombres y cosas”<sup>342</sup>. Es un sector sumamente elástico, mucho más que el sector terciario<sup>343</sup>. Como este, crece a expensas del resto, pudiendo abarcar toda la población activa en tiempo de guerra. En cierto modo, varía en función de la proximidad de los conflictos, por lo que su magnitud tiene siquiera el valor de síntoma de la agresividad<sup>344</sup>. De nada sirve imprecisar sus movimientos. Como tampoco sirve, dice Fourastié, la planificación de los otros tres sectores, cuya “[tendencias] resulta imposible combatir duraderamente”<sup>345</sup>.

---

*société de consommation*, la correspondencia con los nombres españoles *consumación* y *consumo* es perfecta. V. G. Bataille, *La part maudite*, pp. 27-29. GB, “Les sciences sociales”, en G. Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, p. 252.

<sup>341</sup> GB, “L’économie des besoins”, en Fédération National des Syndicats d’ingénieurs et de cadres supérieures, *Travail et économie*, Centre Économique et Social de Perfectionnement des Cadres, Burdeos 1957. Al año siguiente se recoge en el séptimo capítulo de GB, *La surpopulation dans le monde*.

<sup>342</sup> GB, *La superpopulation dans le monde*, p. 160.

<sup>343</sup> Su elasticidad interfiere con los otros tres sectores, pues las mismas fábricas que en tiempo de paz fabrican camiones o medicinas, pueden producir cañones y explosivos en tiempo de guerra. GB, *L’infanticide différé*, p. 21.

<sup>344</sup> GB, *Lettre ouverte aux pacifistes*, p. 67.

<sup>345</sup> V. J. Fourastié, *Le grand espoir du XXe siècle*, p. 119.



**Capítulo 6***Excerpta bibliographica*

1. Bibliografía de Gaston Bouthoul. 1.1. Libros (A). 1.2. Contribuciones en obras colectivas (B). 1.3. Artículos (C). 1.4. Prólogos y prefacios (D). 1.5. Reseñas y noticias bibliográficas (E). 1.6. Traducciones (F). 1.7. Varia (G).
2. Bibliografía sobre Gaston Bouthoul. 2.1. Libros (H). 2.2. Artículos (I). 2.3. Voces de diccionarios y otras noticias biográficas (J). 2.4. Tesis doctorales, tesis de máster, tesinas universitarias (K).



## 1. Bibliografía de Gaston Bouthoul.

### 1.1. Libros (A)

1922

**A1** *Étude sociologique des variations de la natalité dans les faits et la doctrine*, Marcel Giard, París 1922, 48 pp.

- Tesis complementaria para obtener el grado de *Docteur en Droit* (Doctor en Derecho con mención en ciencias jurídicas). Calificación: “Passable”. Defendida en la facultad de derecho de París el 14 de junio de 1922 y aprobada por un tribunal integrado por los profesores Germain Martin (Presidente), Fernand Faure y Camille Perrau.
- *V. C1, C3.*

1924

**A2** *La durée du travail et l'utilisation des loisirs*, Marcel Giard, París 1924, 152 pp.

- Tesis principal para obtener el grado de *Docteur ès sciences politiques et économiques* (Doctor en Derecho con mención en ciencias políticas y económicas), defendida en la facultad de derecho de París el 19 de julio de 1924 y aprobada por un tribunal integrado por los profesores Jean Lescure (Presidente), William Oualid y René Maunier.
- Reseñas: *Revue Internationale du Travail*, vol. X, n° 6, diciembre 1924, p. 1149 (s. a.)

1930

**A3** *L'invention*, Marcel Giard, París 1930, 571 pp.

- Tesis principal para obtener el grado de Doctor en Letras (*Docteur ès Lettres*). Calificación: “Honorable”. Defendida en la facultad de letras de la universidad de Burdeos el 7 de marzo de 1931 y aprobada por un tribunal integrado por los profesores Gaston Richard



(presidente), André Darbon, Henri Daudin, Mgr. Michel Feghali, Robert Fawtier y Jean-Baptiste Joussain.

- Colección “Bibliothèque sociologique internationale”, fundada por René Worms, vol. LX.
- Reseñas: *Revue Générale des Sciences Pures et Appliquées*, t. XLII, n° 1, 15 de enero 1931, pp. 591-592 (Marcel François); *Revue Internationale de Sociologie*, vol. XXXIX, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. 259-265 (Gaston Richard); *La Quinzaine critique*, n° 43, 10 de enero 1932, p. 26 (Jacques Chevalier); *The American Journal of Sociology*, vol. XXXVII, n° 4, enero 1932, pp. 672-674 (S. C. Gilfillan); *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, t. XX, 1932, p. 409 (E. Laskine); *The Philosophical Review*, vol. XLII, fasc. 1, n° 247, enero 1933, pp. 19-20 (André Lalande); *Social Forces*, t. XI, n° 4, mayo 1933, p. 601 (L. L. y J. S. Bernar); *Revue de Métaphysique et Moral*, vol. XL, octubre-diciembre 1933, suplemento n° 4, pp. 1-2 (s. a.); *L'Année Politique Française et Étrangère*, vol. IX, fasc. 1, abril 1934, pp. 232-233 (Henri Gouhier); “Semaines de synthèse: *L'invention*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 47, 1939, p. 547.
- *V. C14.*

**A4** *Ibn-Khaldoun, sa philosophie sociale*, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, París 1930, 95 pp.

- Tesis complementaria para obtener el grado de Doctor en Letras (*Docteur ès Lettres*). Calificación: “Honorable”. Defendida en la facultad de letras de la universidad de Burdeos el 7 de marzo de 1931 y aprobada por un tribunal integrado por los profesores Gaston Richard (presidente), André Darbon, Henri Daudin, Mgr. Michel Feghali, Robert Fawtier y André Joussain.
- Traducción española: *Ibn Jaldún, su filosofía social*. Universidad Central de Venezuela, Caracas 1962, 116 pp, colección “Estudios Sociales”, trad.: *V. Latorre*. “Presentación” de Orlando Albornoz, pp. 7-10. Traducción árabe: *Ibn Khaldūn: Falsafatubu al-ijtimā'iyah*. Al-Mu'assasah al-'Arabīyah lil-Dirāsāt wa-al-Nashr, Beirut 1984, 134 pp., trad.: 'Ādil Zu'aytir. Existen dos ediciones anteriores: 1955 (136 pp.) y 1969 (126 pp.)
- Reseñas: *Books Abroad*, vol. 5, n° 4, octubre 1931, p. 421 (Jeanne d'Ucel). *Social Forces*, vol. X, n° 1, octubre 1931 (pp. 134-143), p. 138 (L. L. y J. S. Bernard). *The American Journal of Sociology*, vol. 37, n° 3, noviembre 1931, p. 482 (M. Sprengling). *Mercure de France*, año 43°, t. CCXXXVII, n° 818, 1932 (pp. 454-456), p. 455 (P. Masson-Oursel); *Revue de Sciences Philosophiques et Théologiques*, vol. XXI, n° 4, noviembre 1932, p. 616 (M.-J. Congar, O. P.).
- *V. C11, C22 e I1.*

## 1935

**A5** *La population dans le monde*, Payot, París 1935, 255 pp.

- Colección “Bibliothèque scientifique”.
- Reseñas: *Revue Internationale de Sociologie*, t. 43, n° 5-6, mayo-junio 1935, pp. 331-334 (Jeanne Duprat); *La Géographie*, vol. LXIII, n° 5-6, mayo-junio 1935 (Jacque Fleury); *Revue de Paris*, vol. XLIII, n° 12, 15 de junio 1935 (pp. 915-929), pp. 927-929 (A. Albert-Petit); *Revue d'Économie Politique*, vol. XLIX, n° 4, julio-agosto, 1935, pp. 1427-1428 (Jean Bourdon); *Les Nouvelles Littéraires*, 10 de agosto 1935, p. 3 (Janine Boissounouse); *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, n° 22, 1934/1935, p. 439 (Roger Picard); *Journal de Genève*, 30.VII.1935, p. 2 (G.); *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, vol. VIII, n° 38, 31 de marzo 1936, p. 178 (Lucien Febvre); *Books Abroad*, vol. 11, n° 1, invierno 1937, p. 55 (Frederick L. Ryan); *Revue des études coopératives*, vol. XVII, n° 67, abril-junio 1938, pp. 266-268 (Ernest Janelle).
- V. **C19**, **C27**, **C36** e **I2**.

## 1941

**A6** *Éléments de psychologie sociale*, École des Hautes Études Sociales, París 1941, 43 pp.

- Cuaderno mecanoscrito con correcciones y adiciones del autor. Texto elaborado para la *École Universelle par correspondence*, enseñanza por correspondencia ofrecida por la “École des Hautes Études Sociales”. Este trabajo sirve de base a la redacción de **A7**, pp. 375-457.
- En **A7**, p. 518, se cita lo que parece una primera edición o versión de este texto: “*Cours de psychologie sociale*, París, 1937”.

## 1946

**A7** *Traité de sociologie. Historique. Objets et méthodes. Sociologie statique*, Payot, París 1946, 544 pp.

- T. I del *Traité de sociologie*. V. **A11** y **A14**.
- 2ª edición: 1949, 544 pp.; 3ª edición revisada y corregida: *Les structures sociologiques. (Traité de sociologie I)*. Payot, París 1968, 318 pp, colección “Petit Bibliothèque Payot” (PBP), vol. n° 113.

- Traducción italiana de la 3ª edición francesa: *Trattato di sociologia*, t. 1. *Le strutture sociologiche*; t. 2. *Variazioni e mutamento sociali*, Città Nuova, Roma 1974, 302 p. y 333 pp.
- Un fragmento (pp. [¿?]) de la 1ª ed.) se incluye con el título “Alcuni aspetti della moda” en Geraro Ragone (Ed.), *Sociologia dei fenomeni di moda*, F. Angeli, Milán 1976 (299 pp.), pp. 57 ss, colección “Comunicazione e società”, nº 4. Contribuciones de Edward Sapir, Gaston Bouthoul, Francesco Alberoni, John Carl Flügel, Georg Simmel, Edward Sapir, D. Katz y C. H. Page, R. M. Mac Iver, J. Stoetzel, Robert E. Faris, Neil J. Smelser, Herbert Spencer, E. Goblot, Pitirim Sorokin, Lloyd A. Fallers, Jean Baudrillard, Thorstein Veblen, René König, B. Barber y L. S. Lobel, Antonio Miotto, Giampaolo Fabris, Omar Calabrese, Gillo Dorfles, Francesco Forte, Chester R. Watson, R. Barth, Umberto Eco, Ugo Volli, Gabriele Usberti y Jean Baudrillard. Otro fragmento (pp. 334-340 de la 1ª ed.) se incluye con el título “I cicli della moda” en Costanza Baldini (a cura di), *Sociologia de la moda*, Armando Editore, Roma 2008, (241 pp.) pp. 110-114. Otras contribuciones de H. Spencer, G. Tarde, W. G. Summer, G. Simmel, Th. Veblen, A. L. Kroeber, N. J. Semelsen, L. a. Fallers, F. Alberoni, H. Blumer, R. T. Horowitz, F. Davis, G. B. Sproles, M.-A. Descamps, R. König, J. Baudrillard, N. Squicciarino, G. Lipovetsky, M. Baldini y A.-M. Sellerbey.
- Reseñas: *Journal de Genève*, 19.VI.1946, p. 3 (X.); *Études*, t. LXXXI, nº 257, abril-junio 1948, pp. 131-132 (J. Sommet); [a la 3ª edición:] *Journal de Genève*, 6.VI.1968, p. 14 (Pierre-Emeric Mandl).
- V. C68.

**A8** *Cent millions de morts*. Sagittaire, París 1946, 225 pp.

- Reseñas: *Population*, t. I, nº 3, julio-septiembre 1946, pp. 545-546 (Alfred Sauvy); *Revue de Défense Nationale*, octubre 1946, vol. II, pp. 140-141 (E. D.); *Études*, t. LXIX, nº 251, octubre-diciembre 1946, pp. 298-299 (François Dainville).

## 1948

**A9** *Huit mille traités de paix*. Juillard, París 1948, 248 pp.

- Reseñas: *Population*, t. III, nº 3, julio-septiembre 1948, pp. 578-579 (A. S. [Alfred Sauvy]); *Journal de Genève*, 3.V.1949, p. 3 (J.-G. L.).

## 1950

**A10** *Histoire de la sociologie*, P. U. F., París 1950, 128 pp.

- Colección “Que sais-je?”, n° 423. Sucesivas ediciones en 1956 (2ª), 1958 (3ª), 1961 (4ª), 1965 (5ª), 1967 (6ª), 1971 (7ª), 1975 (8ª) y 1979 (9ª).
- Traducción japonesa: *Shakaigaku-shi*. Hakusuisha, Tokio 1952, 143 pp., trad.: Furuno Kiyoto. Traducción portuguesa: *História da sociologia*. Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1954, 1964 (2ª), 127 pp., trad.: Jacó Guinsburg. Traducción turca: *Sosyoloji tarihi*. Gelişim Yayınları, Estambul, 1975, 134 pp, colección “Gelişim”, n° 17., trad.: Afkar Timuçin. Traducción italiana: *Storia della sociologia*, Armando, Roma 1966, 1975 (2ª), 142 pp., trad.: G. Bartolomei. Con un apéndice de Franco Ferrarotti: “Il senso della sociología”. Traducción española: *Historia de la sociología*. Oikos-tau, Barcelona 1979, 143 pp., trad.: Eduardo Sierra, colección “¿Qué sé?”, n° 125. Otras traducciones: árabe.
- Reseñas: [de la traducción española:] *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n° 11, julio-septiembre 1980, pp. 129-131 (Juan Salcedo).

## 1951

**A11** *Les guerres. Éléments de polémologie*, Payot, París 1951, 550 pp.

- En páginas interiores se indica que este es el volumen segundo del *Traité de sociologie*. V. **A7** y **A14**.
- 2ª edición: *Traité de polémologie: Sociologie des guerres*, Payot, París 1970, 560 pp, colección “Bibliothèque scientifique Payot”. 3ª ed. de 1991 (reimp. de la 2ª ed.). Las nuevas ediciones son idénticas a la original, con la salvedad de un *Avant-propos* (pp. 3-4) y la adición, al final de la obra, de una “Dixième partie” que culmina las nueve anteriores: “Problématique, développement et recherches de la Polémologie” (pp. 532-539). No obstante, una nota editorial advierte en ellas que “esta obra, publicada por primera vez en 1961 [sic] en la *Bibliothèque scientifique* con el título *Les guerres*, fue puesta al día en 1970. El texto actualizado es el contenido de esta edición” (p. 2).
- Las páginas 25-37, sin las notas, publicadas como artículo bajo el título “La guerre ne relève pas de la *lutte universelle*”, en *Krisis*, n° 33, abril 2010, pp. 73-82. V. **C159**.
- Las pp. 44-55 se toman de **C70**.

- Traducciones españolas: (de la 1ª ed. franc.) *Las guerras*. Círculo Militar, Buenos Aires 1956-57, 2 t. (453 y 504 pp.), trad.: Teniente coronel Manrique Miguel Mom. Prólogo de M. Miguel Mom, pp. 17-29, colección “Biblioteca del Oficial”, vol. n° 456 y 457; y (de la 2ª ed. franc.) *Tratado de polemología*, Ediciones Ejército, Madrid 1984, 778 pp., prólogo del trad. (= Enrique Jarnés Bergua) (pp. 17-29) y estudio preliminar (“El estado actual de la polemología”) de Miguel Alonso Baquer (pp. 31-53). Traducción italiana: *Le guerre. Elementi di polemologia*, Longanesi, Milán 1961 (Colección “Galileo”, n° 15), 1982 (2ª) (Colección “I marmi”, n° 104), 617 pp., trad.: Sestilio Montanelli. 3ª ed. italiana: *Sociologia delle guerre. Trattato de polemologia*, Pgreco, Milán 2011, 617 pp. Traducción griega (de la 2ª ed. franc.): *Pragmateia peri polemologias: koinē niologia tē n polemōn*, Dieuthynsis Ekdoseōn Geniko Epiteleio Stratou, Atenas 1980, 507 pp.
- Reseñas: *Revue de Défense Nationale*, diciembre 1951, vol. VII, p. 570 (E. D.)
- V. B7.

### 1952

**A12** *Les mentalités*, P. U. F., París 1952, 128 pp.

- Colección “Que sais-je?”, n° 545. Sucesivas ediciones entre 1958 (2ª), 1961 (3ª), 1966 (4ª) y 1971 (5ª).
- Traducción española: *Las mentalidades*. Oikos-tau, Barcelona 1970, 128 pp., trad.: A. Artís, colección “¿Qué sé?”, n° 21. Traducción griega: *Hoi nootropies*. Ekdotikos Oikos Io-an, Atenas 1971, 123 pp., trad.: N. Zacharopoulou. Traducción turca: *Zihniyetler*. Edebiyat Fakültesi Basımevi, Estambul 1975, 99 pp., trad.: Selmin Evrim.
- Reseñas: *Monde Nouveau Paru*, vol. IX, n° 65, 1953, p. 151 (s. a.); *Revue de Défense Nationale*, febrero 1953, vol. IX, p. 242 (E. D.); *Revista Mexicana de Sociología*, vol. XV, n° 1, enero-abril 1953, pp. 157-160 (s. a.); [de la traducción española:] *La Vanguardia Española*, 29 de abril 1971, p. 57 (s. a.)
- V. B7.

### 1953

**A13** *La guerre*, P. U. F., París 1953, 127 pp.

- Colección “Que sais-je?”, n° 577. Sucesivas ediciones en 1953 (2ª), 1963 (3ª), 1969 (4ª, puesta al día), 1973 (5ª), 1978 (6ª) y 1983 (7ª, ed. actualizada).

- Traducción japonesa: *Senso. Sono Shakaigaku-teki Kosatsu* (= *Las guerras. Estudio sociológico*), Hakusuisha, Tokio 1955, 136 pp., trad.: Shimizu Ikutaro y Mushakoji Kinhide. Traducción inglesa: *War*, Walker and Co., Nueva York 1963, 150 pp., trad.: Sylvia y George Lesson, colección “Sun Book”, serie “Psychology and Sociology”, n° 3. Traducción portuguesa: *A guerra*, Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1964, 115 p., trad.: Geraldo Gerson de Souza, colección “Saber Atual”, n° 97. Traducción griega: *Ο πόλεμος*, Ζαχαροπουλ, Atenas 1966, 104 pp. Traducción turca: *Sava*. Ural Yayınevi, Estambul 1967, 147 pp., trad.: Vedat Gülen en Üretürk. Traducción española: *La guerra*, Oikos-tau, Barcelona 1971, 126 pp., trad.: Johanna Givanel, colección “¿Qué sé?”, n° 44. Traducción italiana: *La guerra. Guerriglia, guerra urbana e terrorismo*, A. Armando, Roma 1975, 186 pp. Con tres apéndices sobre la guerrilla, la guerra urbana y el terrorismo: 1. Tipologia della guerra e guerriglia; 2. Evoluzione problematica attuale della polomologia e nuove ricerche. 3. Il terrorismo., trad. y notas a la edición: Renato Aimo. Traducción rumana: *Războiul*, Editura Militar, Bucarest 1978. Traducción china: *Zhan zheng* (= *La guerra*), Yuan-Liou Publishing Co., Taipei 1994, 192 pp., trad.: Chen Yiqun. Otras traducciones: árabe y catalán.
- Reseñas: *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, t. XXXI, 1953, p. 292 (s. a.); *Revue de Défense Nationale*, abril 1954, vol. X, p. 511; [de la traducción española:] *La Vanguardia Española*, 9 de diciembre 1971, p. 62 (s. a.); [de la traducción española:] *ABC*, 30 de diciembre 1971, p. 51 (s. a.).

## 1954

**A14** *Traité de sociologie. Sociologie dynamique*, Payot, París 1954, 404 pp.

- Este volumen debía constituir el tercero del *Traité de sociologie* (v. **A7** y **A11**). Sin embargo, en su portada reza que se trata del segundo tomo del *Traité*.
- 2ª edición totalmente refundida: *Variations et mutations sociales. (Traité de sociologie II)*. Payot, París 1968, 334 pp, colección “Petit Bibliothèque Payot” (PBP), vol. n° 117.
- Reseñas: *Population*, t. X, n° 4, octubre-diciembre 1955, p. 766 (A. S. [Alfred Sauvy]).
- V. **B7**.

## 1957

**A15** *Biologie sociale*, P. U. F., París 1957, 127 pp.

- Colección “Que sais-je?”, n° 738. Sucesivas ediciones en 1964 (2ª) y 1976 (3ª).
- Traducción japonesa: *Shakai-seibutsugaku. Shakai no Seiri* (= *Sociobiología. Fisiología de las sociedades*), Hakusuisha, Tokio 1958, 147 pp., trad.: Hidaka Toshitaka. Traducción española: *Biología social*, Oikos-tau, Barcelona 1971, 125 pp, colección “¿Qué sé?”, n° 16., trad.: Guillem Frontera. Traducción italiana: *La biosociología*, D’Anna, Florencia 1976, 192 pp, colección “Tangenti”, trad.: Adolfo Bucalossi.
- Reseñas: *Population*, t. XIII, n° 1, enero-marzo 1958, pp. 148-149 (G. M.); *Revue de Défense Nationale*, abril 1958, vol. XIV, pp. 721-722 (J. N.); [de la traducción española:] *ABC*, 12 de octubre 1972, p. 52 (s. a.)

### 1958

**A16** *La surpopulation dans le monde*, Payot, París 1958, 267 pp.

- Colección “Bibliothèque scientifique”. 2ª edición revisada en la “Petit Bibliothèque Payot”, n° 61: *La surpopulation: l’inflation démographique*. París, Payot, 1964, 250 pp.
- Traducción española de la 2ª edición francesa: *La sobrepoblación. Inflación demográfica*. Ediciones Diana, México 1966, 239 pp., trad.: Adolfo A. de Alba. Serie “Colección Moderna”, n° 66. Traducción italiana de la 2ª edición francesa: *La sovrappopolazione. L’inflazione demográfica*, Longanesi, Milán 1967, 296 pp., trad.: Elisa Morpurgo, colección “La fronda”.
- Reseñas: *Population*, t. XIII, n° 3, julio-septiembre 1958, pp. 516-517 (A. S. [Alfred Sauvy]); [de la 2ª ed.:] *Journal de Genève*, 20.VI.1964, p. 17 (Michel Bassand); [de la 2ª ed.:] *Population*, t. XX, n° 2, marzo-abril 1965, p. 304 (A. C.).
- ✓. **B6.**

### 1962

**A17** *Sauver la guerre. Lettre aux futurs survivants*, Grasset, París 1962, 252 pp.

- Obra galardonada en 1962 con el *Prix International de la Paix*.

- Traducción española: *Ganar la paz. Evitar la guerra*. Plaza y Janés, Barcelona 1970, pp. 203-377, colección “Tribuna”. Tad.: Domingo Pruna. Otras traducciones: portugués. La edición española incluye también la traducción de *Avoir la paix* (**A21**) en pp. 9-201.
- Reseñas: *La Nouvelle Revue Française*, n° 116, agosto 1962, p. 342 (Jean Paulhan); *Journal de Genève*, 8.XII.1962, p. 18 (Gustave Moeckli).
- V. **A26**.

**A18** *Le phénomène-guerre*, Payot, París 1962, 283 pp.

- 2ª edición: París, Payot & Rivages, 2006, 380 pp, colección “Petit Bibliothèque Payot”, n° 606.
- Traducción portuguesa: *O fenómeno guerra*. Estudos Cor, Lisboa 1966, 341 pp., trad.: António Simões Neto, colección “Ideias e formas”, n° 3. Traducción española: *El fenómeno guerra*. Plaza y Janés, Barcelona 1971, 293 pp, colección “Tribuna”, trad.: Guillermo Lledo.
- Reseñas: *Études Théologiques et Religieuses*, n° 3, 1963, p. 45-54 (Georges Crespy); *Population*, t. XIX, n° 1, enero-marzo 1964, p. 178 (A. C.); [de la traducción española:] *ABC*, 23 de octubre 1971, p. 12 (I. C.).
- V. **I10**.

**A19** *L'art de la politique*, Seghers, París 1962, 632 pp.

- Colección “Melior”.
- Se trata de una selección de textos de autores políticos clásicos precedida de un “Avertissement” del Editor (pp. 7-9) y una “Introduction” de G. Bouthoul (pp. 11-45). Abarca toda la historia de la acción y el pensamiento políticos: desde el Pacto suscrito entre Ramsés II y Hatusil III, “el más antiguo de los tratados y planes de paz” a los discursos y parlamentos de Fidel Castro, J. F. Kennedy y Charles de Gaulle, desde el *Arthasastra* de Kautilya a Raymond Aron. 2ª ed.: Seghers, París 1969, 632 pp. [con ilustraciones en blanco y negro fuera de texto].
- Dedicatoria (p. 10): “À Louise Weiss, précurseur de l'Europe Nouvelle”.
- Traducción alemana (abreviada): *Staatsideen und politische Programme der Weltgeschichte*, Cotta Verlag, Stuttgart 1965 (1ª), 1967 (2ª), 454 pp. Prólogo a la edición alemana (“Vorwort zur deutschen Ausgabe”) de Carlo Schmid (pp. IX-XVII) y Advertencia del Editor (francés) (pp. 1-2). Introducción de G. Bouthoul a la edición francesa: “Die Kunst der Politik” (pp.



3-27). (La trad. alem. de esta Introducción excluye dos pasajes muy significativos de la versión franc.: “La promotion politique des femmes” y “Les femmes et l’univers de la guerre”), trad.: Margrit Henning, colección “Das moderne Sachbuch”, n° 62. Traducción española: *Antología de las ideas políticas*, Renacimiento, México 1965, 2 t. Traducción y edición de Manuel Ortuño Martínez. Traducción turca (abreviada): *Politika sanati*, Cem Yayinevi, Estambul 1977, 296 pp., trad.: Sabahattin Eyüboğlu y Vedat Günyol.

- Reseñas: *Journal de Genève*, 28.XII.1962, p. 4 (Redacción).

### 1964

**A20** *Si tu veux la paix, connais la guerre*, Éditions Franco-Suisses, Ambilly-Annemasse 1964, 77 pp.

- Prefacio (“Lettre-Préface”), pp. 9-21, y selección de textos de Henry Best.
- Edición no venal: “Cet ouvrage, fait de citations extraites de l’œuvre de Gaston Bouthoul, a été tiré seulement a 100 exemplaires, tous hors commerce, numérotés de 1 a 100 et destinés aux amis personnels de l’auteur” (p. 6).

### 1965

**A21** *Sociologie de la politique*, P. U. F., París 1965, 128 pp.

- Colección “Que sais-je?”, n° 1189. Ediciones sucesivas en 1967 (2ª), 1971 (3ª) y 1977 (4ª).
- Traducción catalana: *Sociologia política*, Edició de Materials, Barcelona 1968, pp. 123., trad.: Ramón Barnils, colección “Notes de societat”. Traducción italiana: *Storia della sociologia*, Armando, Roma 1975 (2ª), 113 p., trad.: Giangaetano Bartolomei. Traducción turca: *Siyaset sosyolojisi*, Remzi Kitabevi, Estambul 1968, 143 pp., trad.: Ali Türkay Yazici, colección “Kültür Dizisi” (= Serie cultural). Traducciones portuguesas: (1) *Sociologia da politica*, Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1967, 134 pp, colección “Saber Atual”, n° 129; (2) *Sociologia da politica*, Livraria Bertrand, Amadora-Lisboa 1976, 164 pp., trad.: Djalma Forjaz Neto. Revisión de Mª Isabel Pires, colección “Ciências sociais e humanas”, n° 17. Otras traducciones: árabe.
- Reseñas: [de la traducción catalana:] *La Vanguardia Española*, 24 de octubre 1968, p. 60 (s. a.). [De la traducción italiana:] *La Civiltà Cattolica*, vol. 1, n° 1, año 119, 6 de enero 1968, p. 99 (G. Brunetta).

## 1967

**A22** *Avoir la paix*, Grasset, París 1967, 252 pp.

- Traducción italiana: *L'uomo che uccide*, Longanesi, Milán 1969, 248 pp., trad.: Elisa Morpurgo, colección "La fronda", n° 97. Traducción portuguesa: *Vivir em paz*, colección "O tempo e o modo", n° 38, Morais Editores, Lisboa/Sao Paulo 1968, 226 pp., trad.: António José Massano. Traducción española: *Ganar la paz. Evitar la guerra*, Plaza y Janés, Barcelona 1970, pp. 9-201, colección "Tribuna", trad.: Domingo Pruna. La edición española incluye también la traducción de *Sauver la guerre* (**A17**) en pp. 203-377.
- Reseñas: *Guerres et Paix*, n° 2, 1967, pp. 31-32 (Hervé Savon); *Revista Mexicana de Sociología*, t. XXX, n° 1, enero-marzo 1968, pp. 179-180 (Georgina Paulín); [de la traducción española:] *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009, pp. 160-161. (Paris A. Cabello Tijerina).

## 1970

**A23** *L'infanticide différé*, Hachette, París 1970, 253 pp.

- *Prix Montyon* de la Academia Francesa, colección "Guerres et Paix", n° 1. **V. G3**.
- Traducción italiana: *L'infanticidio differito*, Arnoldo Mondadori, Verona 1972, 254 pp., trad.: Augusta Mattioli, colección "Saggi", n° 37, traducción alemana: *Kindermord aus Staatsräson. Der Krieg als Bevölkerungspolitik*, Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart 1972, 223 pp., trad.: Karin von Zabiensky. Otras traducciones: inglés, japonés.
- Las pp. 171-179 proceden de **C125**.

## 1972

**A24** *Lettre ouverte aux pacifistes*, Albin Michel, París 1972, 185 pp.

- Colección "Lettre ouverte".

## 1974

**A25** *La paix*, P. U. F., París 1974, 128 pp.

- Colección "Que sais-je?", n° 1973.

- Traducción italiana: *La pace tra storia e utopia*, A. Armando, Roma 1975, pp. 147. Con una “Premessa” de Domenico Novacco, pp. 5-8. Traducción japonesa: *Heima no Kozo* (= *La estructura de la paz*), Hakusuisha, Tokio 1978, 148 pp., trad.: Nakahara Kiichiro.
- Un extracto (pp. 71-74 y 75-76) publicado con el título “Toute paix n’est-elle pas enceinte d’une guerre?” en *Journal de Genève*, 28.XII.1974, p. 1. Otro (pp. 76, 77-80 y 81-82) en *Journal de Genève*, 30.XII.1974, pp. 1 y 3.
- Reseñas: *Politique Étrangère*, t. XL, n° 1, 1975, pp. 101-102 (Jean Klein); *Défense Nationale*, agosto-septiembre 1975, vol. XXXI, pp. 184-185 (P. R.).
- V. **C143** y **C144**.

### 1976

**A26** *Essais de polémologie. Guerre ou paix?* Denoël, París 1976, 203 pp.

- Colección “Bibliothèque Médiations”, n° 140. Se recogen los siguientes estudios: cap. 1, “Comment la polémologie?”, pp. 7-20; cap. 2, “Pourquoi la polémologie?”, pp. 21-24; cap. 3, “Les problèmes du désarmement après 1945”, pp. 25-41; cap. 4, “Aux racines de l’agressivité”, pp. 43-55 (tomado de **A17**, pp. 189-206); cap. 5, “De l’agressivité à l’animosité”, pp. 57-70 (reproducción de **C121**); cap. 6, “La guerre et les sociétés”, pp. 71-78 (reproducción de **C138**); cap. 7, “Perception nouvelles des menaces”, pp. 79-81 (tomado de **C142**); cap. 8, “La périodicité des guerres”, pp. 83-96; cap. 9, “Désarmement et démographie”, pp. 97-110 (trad. francesa de **C80**); cap. 10, “Coertion internationale et armes nucléaires”, pp. 111-131 (versión ampliada de **C82**); cap. 11, “Les illusions du pacifisme”, pp. 133-141 (tomado de **A17**, pp. 176-188); cap. 12, “Pacifisme fonctionnel et désarmement démographique”, pp. 143-159 (tomado de **A23**, pp. 223-243); cap. 13, “L’apport de la polémologie à la solution des conflits”, pp. 161-175 (reproducción de **C106**); y cap. 14, “Évolution et problématique récentes de la polémologie”, pp. 177-201.
- Trad. italiana de los cap. 14 y 11, por Daniele Bronzuoli, en *Rivista di Politica*, n° 3, 2013: “Evoluzione e problematiche recenti della polemologia” (pp. 53-66) y “Le illusioni del pacifismo” (pp. 69-73).

**1.2. Contribuciones en obras colectivas (B)****1937**

**B1** “Sur l’existence d’un mouvement cyclique de longue durée dans la population”, en Congrès International de la Population, *Actes du Congrès International de la Population (Paris 1937)*, Hermann et Cie. Éditeurs, Paris 1938 (8 t.), t. I (= *Théorie générale de la population*) (269 pp.), pp. 63-70.

- Colección “Actualités Scientifiques et Industrielles”, n° 710.
- Comunicación de G. Bouthoul al Congreso Internacional de la Población de París, celebrado del 29 de julio al 1 de agosto de 1937 y convocado por la *Union Internationale pour l’Étude Scientifique des Problèmes de la Population*.
- Reseñas: *The Journal of Political Economy*, vol. 47, n° 2, abril 1939, pp. 291-292 (Joseph J. Spengler).

**1950**

**B2** “Les indices statistiques et sociologiques de la surpopulation”, en *Actes du XIVe Congrès International de Sociologie (Rome, 30 août-3 septembre 1950)* (4 t.) (980 pp.), Società Italiana di Sociologia, Roma 1950, t. II, pp. [¿?]

**1952**

**B3** “Compte rendu présenté aux membres de l’Institut International de Sociologie pour la séance administrative du XVe Congrès de Sociologie par le Trésorier”, *Actes du XVe Congrès International de Sociologie, Istanbul (11-17 septembre 1952)*, Imprimerie des Facultés, Estambul 1952, t. I, pp. 47-49.

**B4** “Un indice objectif de civilisation”, en Institut International de Sociologie, *Actes du XVe Congrès International de Sociologie, Istanbul (11-17 septembre 1952)*, Estambul, Imprimerie des Facultés, 1952, t. II, pp. 1-10.

**1955**

**B5** “Les doctrines politiques depuis 1914”, en Gaetano Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l’Antiquité*, Payot, Paris 1955 (427 pp.), pp. 333-427.

- Recoge el texto de su traducción de 1936 (v. **F2**) sin el prólogo de aquella edición (v. **D3**). El estudio es presentado editorialmente como “Complément par Gaston Bouthoul”. Nueva edición revisada y completada en la colección “Petite Bibliothèque Payot”, 1965, (354 pp.) pp. 255-349.
- Traducción portuguesa: “As doutrinas políticas desde 1914”, en G. Mosca, *Historia das doutrinas políticas desde a antiguedade*, prefacio de Milton Campos., trad.: Marco Aurelio de Moura Matos, Zahar Editôra, Rio de Janeiro 1958, (416 p.), 1976 (4ª ed.) Colección “Biblioteca de Ciências sociais”, nº 3.
- Reseñas: *International Affairs*, t. XXXII, nº 3, julio 1956, p. 334 (Brian Chapman); [de la 2ª ed.] *Journal de Genève*, 21.XII.1967, p. 1 (Gilbert Rist).

### 1957

**B6** “Population et hiérarchie”, en Nations Unies, *Congrès mondial de la population 1954. Rome, 31 août-10 septembre. Communications. Comptes rendues*, Nations Unies, Nueva York 1956-1957 (6 t.), t. 4 (XIII+1073 pp.), pp. 959 ss.

- Recoge las sesiones 3, 5, 9 y 27 del congreso.

**B7** “Les sciences sociales”, en Gaëtan Picon (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, Gallimard, París 1957 (793 pp.), pp. 183-252.

- Textos seleccionados y presentados por Roland Caillois, Maurice Encontre, Gaston Bouthoul, Gaëtan Picon, François Erval, René Bertelé, Robert Kanters, Jacques Merleau-Ponty y Andrée Tétry, colección “Le point du jour”. Las diversas secciones vienen introducidas por uno u otro de los autores citados, a lo que sigue una sucinta selección comentada de diversos textos de más de 300 autores. Los textos propios que G. Bouthoul incluye en su sección provienen de *Traité de sociologie* II (**A14**), *Les guerres. Éléments de polemologie* (**A11**), *Les mentalités* (**A12**).
- 2ª ed. francesa revisada y aumentada: 1968.
- Traducción polaca: *Panorama myśli współczesnej*, París, Libella, 1960, 717 pp. Traducción española: *Panorama de las ideas contemporáneas*, Guadarrama, Madrid 1958, 1965 (2ª ed.) (865 pp.), pp. 183-252., trad.: Gonzalo Torrente Ballester, colección “Panoramas”, nº 4. La edición española incluye también referencias de autores españoles: José Ortega y Gasset, Gregorio Marañón, Miguel de Unamuno, Xavier Zubiri, José Luis Aranguren y Pedro

Láin Entralgo. Traducción húngara: *Korunk szellemi körképe*. Occidental Press, Washington 1961, 1966 (5ª ed.) 593. Traducción alemana: *Panorama des zeitgenössischen Denkens*, Fischer, Francoforte del Meno 1961, 641 pp., trad.: Helmut Scheffel.

**B8** “L'économie des besoins”, en Fédération National des Syndicats d'ingénieurs et de cadres supérieures, *Travail et économie*, Centre Économique et Social de Perfectionnement des Cadres (= CESPC), Burdeos 1957 (143 pp.), pp. [¿?]

- Colección “Travaux du CESPC”.
- Reproducido en el capítulo VII (pp.152-175) de **A16**.
- Publicado en separata: *L'économie des besoins*, Imprimerie Bière, Burdeos 1957, 19 pp.

### 1961

**B9** “Une nouvelle branche des sciences sociales: La polémologie”, en Institut International de Sociologie, *Akten des XVIII. Internationalen Soziologenkongresses (Nürnberg, 10. bis 17. September 1958)*, Verlag Anton Hain KG, Mesenheim am Glan 1958, t. I, pp. 27-35.

### 1963

**B10** “Les critères de l'équilibre démo-économique: optimum ou surpopulation”, en *Mémoire du XXe Congrès International de Sociologie (Córdoba, 6-11 septembre 1963)*, Institut International de Sociologie, Cordoba 1963, t. I, pp. [¿?]

### 1965

**B11** “La polémologie, étude du phénomène guerre. Anexe a l'*Histoire mondiale des guerres*”, en Georges Blond (Director), *Histoire mondiale des guerres de la Préhistoire à l'Âge atomique*, París, Plon / Club Français des Bibliophiles, 1965, t. II (*Des guerres d'Italie à 1848*) (321 pp.), pp. 285-307.

- Tomo I: *De l'âge des cavernes à la chute de Byzance* (324 pp.) Tomo III: *Du Second empire à la guerre totale* (465 pp.) Cada tomo lleva encartado un fascículo cartográfico de 8 pp. (t. I) y 12 pp. (t. II y III).
- Otras contribuciones a la obra: Jacques Bloch-Morhange, Le Duc de Castries, Jacques Chastenet, Colin-Simard, Philippe Contamine, Jean Descola, Pierre Dominique, Philippe

Erlanger, Louis Garros, Henry Lachouque, Pierre Lévêque, André Martel, André Maury, Michel Mohrt, André Nolde, Jean Perré, Régine Pernoud, Pierre Pétridès y Albert Vulliez.

### 1966

**B12** “La sociologie et l’ethnologie”, en Michel Mourre (Ed.), *Dictionnaire des idées contemporaines*, Éditions Universitaires, París 1966 (695 pp.), pp. 63-81.

- Este diccionario comprende dos partes: en la primera, “Tableau des idées contemporaines”, se recogen artículos generalizadores sobre diversos aspectos de las ideas (ciencias, religión, política, etc.) elaborados por P. Boisdeffre, G. Bouthoul, J. Comblin, D.-J. Duché, I. Lepp, M. Mourre, R. Priouret, F. Russo y J. Wahl; la segunda parte es un amplio “Dictionnaire des philosophes et essayistes”.

### 1968

**B13** “L’agressivité dans le monde et les révoltes d’étudiants”, en Robert Minder y Fernand L’Huillier (Dir.), *Panorama mondial des événements 1968*, Éditions Académiques de Suisse, Basilea 1968 (404 pp.), pp. 73-78.

- Prefacio de Rober Minder. Contribuciones sobre la actualidad política, económica, cultural, etc. de André Fontaine, Philippe Devilliers y Edith R. Lenart, Philippe Decraene, Henri Schwamm, Gérard Lang, Karel Vasak, Evelyne Sullerot, François Bondy, Louis Marcorelles, Georges Richard-Molard, René Küss, Gérard Buttin, Diane Winaver, Renaud de la Taille, Albert Ducrocq, Elsbeth Thommen, Pierre y René Gosset, Coronel Marceau Crespin, etc.. La obra incluye un resumen de los acontecimientos del año en tablas sinópticas y dos discos de vinilo (45 r. p. m.) con extractos de discursos y entrevistas.

### 1970

**B14** “Communication de M. le Professeur Gaston Bouthoul ”, en *La paix par la recherche scientifique*, Éditions de l’Institut de Sociologie/ Université Libre de Bruxelles, Bruselas 1970 (321 pp.), pp. 279-294.

- La comunicación comprende dos partes. La primera dedicada a los “barómetros polemológicos” y la segunda a las “antinomias polemológicas”.
- Actas del Congreso “La paix par la recherche scientifique” organizado por el “Centre de Sociologie de la guerre” de la universidad libre de Bruselas y celebrado los días 5 y 6 de noviembre de 1969 en el Château de Val Duchesse. Contribuciones de V. Werner, O. de Raeymaeker, F. Peeters, E. Suy, J. Buchmann, J. Villequet, P. Lévy, B. V. A. Röling y R. Hardy.
- Colección “Études de sociologie de la guerre”.
- *Cfr.* “Discussion de l'exposé de M. Bouthoul. Interventions de MM. Abel, Wander Elst, Salmon, Goriely”, pp. 295-304.

### 1972

**B15** “Les guerres nationalistes”, en Centre de Sociologie de la guerre, *Le nationalisme, facteur belligène*, E. Bruylant, Bruselas 1972 (387 pp.), pp. 303-314.

- Actas del Congreso “Le nationalisme, facteur belligène”, organizado en Bruselas por el “Centre de Sociologie de la guerre” de la universidad libre de Bruselas, los días 4, 5 y 6 de mayo de 1971. Contribuciones de J. Willequet, V. Werner, M. Weyembergh, B. V. A. Röling, R. Poidevin, H. Bernard, A. Abel, N. Bernard, M.-J. Lory, G. Goriely, J. J. A. Salmon.
- Colección “Études de sociologie de la guerre”.

### 1974

**B16** “Biologie sociale et communications”, en *La communication sociale et la guerre*, Bruylant, Bruselas 1974 (286 pp.), pp. 267-281.

- Actas del Congreso “La communication sociale et la guerre”, organizado en Bruselas por el Centre de Sociologie de la Guerre de la universidad libre de Bruselas, los días 20, 21 y 22 de mayo de 1974. Contribuciones de V. Werner, O. Klineberg, G. Thoveron, R. M. Liebert y D. E. Liebert, W. Ugeux, G. Cumberbatch y D. Howitt, J. Wiatr, J.-Ph. Leyens, H. Laborit, E. Noirot, P. M. G. Lévy, H. Bernard, J. L. Charles, Ph. Dasnoy, P. Cremer y R. Schalbroek, G. Bouthoul y J. Willequet.
- Colección “Études de sociologie de la guerre”.



- Reproducido en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974, pp. 48-60. Un extracto (pp. 52-54) publicado con el título “Comment percevons-nous les modifications de structures de notre société? –Mal, répondent historiens et sociologues”, en *Journal de Genève*, 22.VI.1974, p. 17.

### 1976

**B17** *Le défi de la guerre 1740-1974. Deux siècles de guerres et de révolutions*, P. U. F., París 1976, 224 pp.

- En colaboración con René Carrère y Jean-Louis Annequin. “Préface” de Jean Fourastié, pp. 9-11, colección “L’historien”, n° 26.
- Traducción española: *El desafío de la guerra (1740-1974). Dos siglos de guerras y revoluciones*, EDAF, Barcelona 1977, 302 pp., prefacio de Jean Fourastié (pp. 23-33). “Prólogo” de Prudencio García (pp. 9-22), trad. Ana M<sup>a</sup> Aznar, colección “EDAF universitaria”. Traducción portuguesa: *O desafio da guerra: dois séculos de guerra 1740-1974*, Biblioteca do Exército, Río de Janeiro 1979, 176 pp., trad.: Francisco Fernandes de Carvalho Filho, colección “General Benicio”.
- Un extracto (pp. 172-173 y 175-177) publicado con el título “Il faut à l’homme des héros et des ennemis. Mais aujourd’hui, ils n’ont plus figure humaine”, en *Journal de Genève*, 21.II.1976, p. 17.
- El anexo II de la obra (pp. 193-218), en traducción adaptada inglesa: “A list of the 366 major armed conflicts of the period 1740-1974”, en *Peace Research. The Canadian Journal of Peace and Conflict Studies*, vol. 10, n° 3, julio 1978, pp. 83-108.
- Reseñas: *Défense Nationale*, mayo 1976, vol. XXXII, pp. 180-181 (J. P. H. T.); *Herodote*, n° 3, julio-septiembre 1976, pp. 149-154 (Thomas Varlin); *Défense Nationale*, enero 1977, vol. XXXIII, pp. 186-187 (Cl. D. [=Claude Delmas]); *Peace Research. The Canadian Journal of Peace and Conflict Studies*, vol. IX, n° 4, octubre 1977, pp. 189-190 (Gernot Köhler); [de la traducción española:] *ABC*, 28 de diciembre 1977, p. 68 (José Antonio Cabezas).
- *V. C147, C148, I14 e I15.*

## 1979

**B18** *Guerres et civilisations*, Les Cahiers de la Fondation pour les Études de Défense Nationale, París 1979, 187 pp.

- En colaboración con René Carrère y Jean-Louis Annequin, colección “Les Sept Epées”, nº 14. “Préface” de Jean Guittou (pp. 13-14). Dedicatoria: “À Hélène Faup à qui l’Institut Français de Polémologie doit tant”. El cuaderno es un suplemento al número 4 de la revista *Strategique*, 4º trimestre 1979.
- Reseñas: [de la traducción española:] *Empresas Políticas*, nº 13, julio-diciembre 2009, pp. 164-166 (J. M. [=Jerónimo Molina]).

## 1. 3. Artículos (C)

## 1922

**C1** “Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et dans la doctrine”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, nº 3-4, marzo-abril 1922, pp. 117-140.

- Publicación (primera entrega) de la tesis doctoral en derecho, previa a su defensa.
- V. **C3** y **A1**.

**C2** “L’Arabie et le problème arabe”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, nº 3-4, marzo-abril 1922, pp. 177-178.

- Intervención de GB en la sesión de la Sociedad de Sociología de París del 8 de febrero de 1922. El texto publicado es un resumen de la misma, que versó sobre la teoría del califato en el derecho musulmán, expuesta en sus grandes rasgos a paritr de la obra de jurista musulmán Mawerdi.

**C3** “Étude sociologique des variations de la natalité, dans les faits et dans la doctrine (suite et fin)”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, nº 5-6, mayo-junio 1922, pp. 239-261.

- Publicación (segunda entrega) de la tesis doctoral en derecho, previa a su defensa.
- V. **C1** y **A1**.

## 1925

**C4** “Chronique [Notre collaborateur M. Gaston Bouthoul nous a remis la note que voici]”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 451-454.

- Comentario de las introducciones a la economía social y la sociología general profesadas por G.-L. Duprat en su cátedra de Ginebra (apuntes para uso de estudiantes extranjeros), así como de sus actividades extrauniversitarias.

**C5** “Les théories économiques et sociales de M. Thorstein Veblen”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 9-10, septiembre-octubre 1925, pp. 482-491.

## 1927

**C6** “Notes sur les cours de sociologie de M. G. L. Duprat à l’Université de Genève”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 3-4, marzo-abril 1927, pp. 118-123.

## 1928

**C7** “Le congrès international de la population”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 1-2, enero-febrero 1928, pp. 81-86.

- Noticia sobre los trabajos y discusiones más relevantes Congreso Internacional de la Población celebrado en Ginebra en septiembre de 1927.

**C8** “Réflexions sur l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, pp. 18-30.

## 1929

**C9** “La politique coloniale de la France”, en *Revue d’Afrique*, n° 3, enero-febrero 1929, pp. 28-38.

**C10** “La théorie de M. Aftalion sur les phénomènes monétaires”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 37, n° 3-4, marzo-abril 1929, pp. 189-194.

**C11** “Vie d’Ibn Kaldhoun”, en *Revue d’Afrique*, n° 5, septiembre-octubre 1929, pp. 7-18.

- Texto extraído de **A4**, pp. 1-13.
- Reseñas: [S. a.], “*Revue d’Afrique*: Gaston Bouthoul, ‘Vie d’Ibn Khaldoun’”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 38, n° 1-2, enero-febrero 1930, pp. 90-91.

## 1930

**C12** “L’Afrique et les États Unis d’Europe”, en *Revue d’Afrique*, n° 6, enero-febrero 1930, pp. 49-56.

**C13** “Le cours de M. G. L. Duprat sur la physiologie des moeurs”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 38, n° 5-6, mayo-junio 1930, pp. 333-336.

## 1931

**C14** “Critique de la conception d’une conscience sociale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. 247-258.

- Texto extraído de **A3**, pp. 534-549.

**C15** “Production coloniale et économie nationale”, en *Revue d’Afrique*, n° 8, mayo-junio 1931, pp. 32-42.

**C16** “La Cité des Informations de l’Exposition Coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 8, mayo-junio 1931, pp. 51-55.

**C17** *L’amélioration des conditions familiales et sociales en Tunisie*, Imp. Coueslant, Cahors 1931, 14 pp.

- Se trata del folleto que recoge la comunicación de G. B. al Congreso Internacional e Intercolonial de la Sociedad indígena, celebrado en París del 5 al 10 de octubre de 1931 con motivo de la Exposición Colonial Internacional de París. Extraído de *Congrès international et intercolonial de la Société indigène*, Imp. Coueslant, Cahors 1931, t. I [627 pp.], pp. [¿?]
- Un resumen con idéntico título, junto a diversas intervenciones de G. B., se recoge en las actas de las sesiones congreso: *Congrès international et intercolonial de la Société Indigène*, Imp. Coueslant, Cahors 1931, t. II [240 pp.], pp. 128-130 [intervenciones: pp. 123-126 y 131-132].

**C18** *Rapport sur l’idéal laïque*, Les Pavillons-sous-Bois, Imp. Jean-Jaurès, 1931, 16 pp.

- Recapitulación y conclusiones sobre los debates acerca del ideal laico mantenidos en la logia “Le Libre Examen” el 24 de febrero y el 24 de marzo de 1931, expuestos por Bouthoul en la tenida del 26 de mayo siguiente.

## 1932

**C19** “Guerre et population”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932, (318 pp.) pp. 120-132.

- Este volumen, el último de los publicados bajo ese título por el Instituto Internacional de Sociología —y último también de los publicados por la librería Marcel Giard—, recoge, bajo la rúbrica general de *Sociologie de la guerre et de la paix* [“Des causes profondes de la guerre et des conditions d’une paix durable”], las contribuciones al Congreso internacional del Instituto fundado por René Worms que se celebró en Ginebra en 1930 (13-15 octubre). Informe preliminar de G. Richard (pp. 9-20). Memoria introductoria (pp. 21-93) y conclusiones (pp. 311-315) de G.-L. Duprat.
- Este texto sirve de base a los capítulos XIII, XIV y XV de **A5**.

**C20** “Discussion de la communication de M. Namias”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932 (318 pp.), p. 144.

- Acotación crítica a la comunicación de Amerigo Namias: “L’âme des peuples et la guerre”, de la que se recoge un resumen (pp. 142-143).

**C21** “Vers un nouveau pacte colonial”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1932, pp. 10-20.

**C22** “L’esprit de corps selon Ibn-Khaldoun”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 3-4, marzo-abril 1932, pp. 217-221.

- Texto extraído de **A4**, pp. 56-62.

**C23** “L’invention de valeurs esthétiques”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 5-6, mayo-junio 1932, pp. 493-508.

- Texto de una conferencia pronunciada por G. B. en la Société de Sociologie de Paris en la sesión del mes de mayo de 1932.

**C24** “Deux théoriciens de la suprématie. À propos du racisme”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 23 de septiembre 1933, p. 2.

**C25** “Les problèmes posés par l’islamisation du Proche-Orient et de l’Afrique méditerranéenne”, en *Outre-Mer*, n° 4, diciembre 1932, pp. 258-272.

## 1933

**C26** “Climat et technique de l’habitation”, en *Rivista di Sociologia*, julio-octubre 1933, fasc. 5-6, pp. 425-435.

**C27** “Les problèmes de la surpopulation en Extrême-Orient”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 3-4, marzo-abril 1933, pp. 184-191.

- Recogido, ampliado, en **A5**, pp. 69-88

**C28** “Les plans de mise en valeur de l’Afrique”, en *Revue de l’Afrique*, n° 11, agosto-septiembre 1933, pp. 18-28.

## 1934

**C29** “Destinée des colonies historiques”, en *Vu. Revue Hebdomadaire*, 3 de marzo 1934, pp. .

- Número especial dedicado a la “Colonisation”.

**C30** “L’oeuvre de M. Georges Hardy”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 22 de septiembre 1934, p. 8.

**C31** “Les problèmes tunisiens”, en *Revue de Paris*, XLI, n° 23, 1 de diciembre 1934, pp. 629-647.

**C32** “L’évolution actuelle de l’Afrique du Nord. L’intelligentia tunisienne”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 8 de diciembre 1934, p. 3.

**C33** “Le contact de deux systèmes monétaires”, en *Annales du Droit et des Sciences sociales*, II, n° 4, 1934, pp. 85-96.

- Volumen dedicado a “Problèmes de la colonisation” bajo la dirección de René Maunier.

**C34** “Les transferts coloniaux”, en *Revue d’Afrique*, n° 12, 1934, pp. 21-27.

## 1935

**C35** “Civilisations nord-africaines”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 9 de marzo 1935, p. 3.

**C36** “Population et progrès technique”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 43, n° 3-4, marzo-abril 1935, pp. 185-197.

- Recogido en **A5**, pp. 119-133.

**C37** “L’évolution des mentalités indigènes. La Conférence Imperiale”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 13 de abril 1935, p. 3.

- *V. C40.*

**C38** “Le *malaise* algérien”, en *Revue de Paris*, XLII, n° 13, 1 de julio 1935, pp. 118-134.

**C39** “Nouveaux aspects de l’Afrique”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 9 de noviembre 1935, p. 1.

**C40** “Conférence impériale et sociologie coloniale”, en *Revue d’Afrique*, n° 13, 1935, pp. 18-21.

- Se trata de una versión ampliada de **C37**.

### 1936

**C41** “Le redressement tunisien”, en *Revue Politique et Parlementaire*, XLIII, n° 496, 10 de marzo 1936, pp. 504-514.

**C42** “Nombre et puissance”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 21 de marzo 1936, p. 1.

**C43** “Hommes et nombres”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 18 de abril 1936, p. 1.

**C44** “La balance des comptes et les transferts coloniaux”, en *Revue d’Afrique*, n° 14, julio 1936, pp. 27-35.

**C45** “Essaimage et émigration”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 6 de junio 1936, p. 1.

**C46** “Chômage, loisirs, humanités”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 13 de junio 1936, p. 1.

**C47** “Avenement de la propagande”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 27 de junio 1936, p. 1.

**C48** “Le problème de la monnaie et des transferts aux colonies”, en *Annales de Droit et des Sciences sociales*, IV, n° 6, julio 1936, pp. 123-140.

**C49** “Une nouvelle espèce”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 18 de julio 1936, p. 1.

- Reproducido con el mismo título en en *Journal des Instituteurs et des Institutrices*, vol. LXXXIII, n° 33, 8 de mayo 1937, p. 520-521.

**C50** “Race et empire”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 25 de julio 1936, p. 1.

**C51** “Le conflit des générations”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 22 de agosto 1936, p. 2.

**C52** “La dévaluation à travers l’histoire”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 3 de octubre 1936, p. 3.

**C53** “L’expérience actuelle et les colonies. Avant et après la conférence impériale”, en *Revue de Paris*, XLIII, n° 22, 15 de noviembre 1936, pp. 294-308.

**C54** “La circulation monétaire aux colonies”, en *Revue d’Afrique*, n° 15, 1936, pp. 9-12.

## 1937

**C55** “M. Corrado Gini et la patologia economica”, en *Revue Internationale de Sociologie*, 45, 1937, pp. 285 ss.

**C56** “Le mouvement de la population en Europe et en Asie”, en *L'Illustration*, n° 4906, 13 de marzo 1937.

- Dos gráficas que representan los movimientos de población en diversos países extraídas de este artículo son publicadas, junto con un resumen del mismo, en *Journal des Instituteurs et des Institutrices*, año XXXIV, n° 2, 2 de octubre 1937, p. 30.

**C57** “La situation en Afrique du Nord”, en *Revue de Paris*, vol. XLIV, n° 11, 1 de junio 1937, pp. 616-629.

- Un resumen de este artículo se recoge en *Journal des Instituteurs et des Institutrices*, año LXXXIV, n° 18, 22 de enero 1938, p. 268.

**C58** “La caisse foncière tunisienne”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. XLIV, n° 511, 10 de junio 1937, pp. 444-452.

## 1938

**C59** “Les différents aspects de l'équilibre démographique”, en *Revue Internationale de Sociologie*, 46, marzo-abril 1938, pp. 119-129.

**C60** “Du travail obligatoire colonial au service du travail contre le chômage”, en *Revue Politique et Parlementaire*, XLV, n° 527, 10 de octubre 1938, pp. 69-85.

**C61** “À l'École de la France d'Outre-mer”, en *Revue d'Afrique*, año X, n° 17, 1938, p. 17.

## 1939

**C62** “La colonisation européenne de Kenya”, en *Revue d'Afrique*, año XI, n° 19, enero-febrero 1939, pp. 11-15.

**C63** “Le rôle du raisonnement par analogie dans les sciences sociales”, en *Revue International de Sociologie*, 47, 1939, pp. 441 ss.

**C64** “Problèmes Nord-Africains”, en *Revue de Paris*, vol. XLVI, n° 3, 1 de febrero 1939, pp. 597-617.



**C65** “Sur les fonctions présumées et la périodicité des guerres”, en *Revue des Sciences Économiques* (Lieja), junio 1939, pp. 161-174.

- Reproducido con idéntico título en *Études Polémologiques*, n° 53, 2012, pp. 177-190.

#### 1946

**C66** “Guerres et populations”, en *Revue de Défense Nationale*, n° 29, octubre 1946, pp. 453-467.

#### 1947

**C67** “Qu’est-ce que la guerre?”, en *Revue de Défense Nationale*, n° 40, septiembre 1947, pp. 291-305.

#### 1949

**C68** “Las mentalidades en la psicología social”, en *Revista Mexicana de Sociología*, vol. 11, n° 3, septiembre-diciembre 1949, pp. 319-336.

- Se trata de una adaptación de diversos pasajes de **A7**, pp. 389-426, traducción de Emilio Uranga.

**C69** “Les plans de paix”, en *La Nef*, año VI, n° 60-61, diciembre 1949/enero 1950, pp. 39-47.

- Monográfico sobre “Ordre et desordre de la France (1939-1949)”.

#### 1950

**C70** “Guerre et théologies”, en *Revue de Défense Nationale*, n° 71, junio 1950, pp. 649-661.

- Se corresponde, con ligeras variaciones, con el capít. II de la 2ª parte de **A11**, pp. 44-55.

#### 1953

**C71** “Volume des guerres et progrès techniques”, en *Revue de Défense Nationale*, n° 101, marzo 1953, pp. 308-316.

**1954**

**C72** “De la grande muette à la Grande Inconnue”, en *Le Crapouillot*, n° 25, mayo 1954, pp. 89-93.

- Número monográfico sobre la *Petite histoire de l'armée française*.

**1956**

**C73** “Sauver la guerre?”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 37, enero 1956, pp. 24-41.

**1957**

**C74** “Misère et surpopulation”, en *Revue de Paris*, 64, junio 1957, pp. 129-138.

**C75** “Une mutation dangereuse”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 60, diciembre 1957, pp. 1080-1097.

- Traducción española: “Una mutación peligrosa”, en *Sur*, 252, mayo-junio 1958, pp. 29-40.

**1958**

**C76** “Jacques Prévert et un siècle de poésie martiale”, en *Les Lettres Nouvelles*, n° 56, enero 1958, pp. 91-101.

**1959**

**C77** “Notes pour une polémologie”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 77, mayo 1959, pp. 822-841.

**C78** “Les pays sous-développés”, en *Revue de Paris*, n° 66, noviembre 1959, pp. 98-110.

**1960**

**C79** “Nouvelles notes pour une polémologie”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 90, junio 1960, pp. 1085-1101.

## 1961

**C80** “Disarmo e demografia”, en *Rassegna Italiana di Sociologia*, 2, n° 1, enero-marzo 1961, pp. 83-98.

- Trad. de G. Tinacci-Minnelli.
- Recogido en **A26**, pp. 97-110.

**C81** “Désacraliser la guerre”, en *Le monde*, 23 de marzo 1961.

**C82** “Coertion internationale et armes nucléaires”, *Le monde*, 2 de abril 1961.

- Recogido (ampliado) en **A26**, pp. 111-131.

**C83** “Fonctions sociologiques des guerres”, en *Revue Française de Sociologie*, 2, n° 2, abril-junio 1961, pp. 15-21.

- Número monográfico sobre “Guerre, Armée, Société”.
- Traducción española [J. M.]: “Funciones sociológicas de las guerras”, en *Empresas políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009, pp. 145-150. V. **H8**.

**C84** “Les déceptions du désarmement”, en *La Revue de Paris*, 68, noviembre 1961, pp. 104-114.

## 1962

**C85** “La guerre: le père tue le fils”, en *Planète*, n° 4, abril-mayo 1962, pp. 115-123.

**C86** “Dépolitiser la paix”, en *Le monde*, 15 de marzo 1962, p. 9.

## 1963

**C87** “La clé des changements, c’est la mémoire”, en *Planète*, n° 12, septiembre-octubre 1963, pp. 33-37.

## 1964

**C88** “Dégénérescence du *casus belli*”, en *Le monde*, 24 de febrero 1964.

**C89** “L’homme et la guerre”, en *Janus*, n° 2, junio-septiembre 1964, pp. 9-13.

- Número monográfico sobre la cuestión *Pourquoi Août 14?*

**C90** “Demain, six millions d’hommes”, en *Janus*, n° 4, diciembre 1964-enero 1965. [6 p.]

- Número monográfico sobre la cuestión *L'histoire a-t-elle un sens?*

**C91** “Démographie galopante”, en *La Revue de Paris*, vol. LXXI, marzo 1964, pp. 77-87.

- Traducción española: “Aceleración de la historia y demografía galopante”, en *Revista de Occidente*, vol. XI, n° 31, octubre 1965, pp. 69-78.

**C92** “La mutation explosive de l’humanité”, en *Planète*, n° 18, septiembre-octubre 1964, pp. 115-128

- Traducción española: “La mutación explosiva de la humanidad”, en *Planeta*, n° 7, septiembre-octubre 1965. *Planeta* es la edición en español (Editorial Sudamericana, Buenos Aires) de la revista *Planète*, que tenía también ediciones en portugués (Brasil), holandés, árabe, italiano y otras lenguas.

### 1965

**C93** “Impasse du désarmement”, en *Le monde*, 7 de enero 1965.

**C94** “La guerre phénomène social”, en *Revue des Travaux de l’Académie des Sciences Morales et Politiques et comptes rendus de ses séances*, año CXVIII, n° 4, 1965, pp. 69-82.

- Exposición del 8 de febrero de 1965 ante la Academia. Incluye: “Observations présentées à la suite de la communication de M. Gaston Bouthoul” (Raymond Aron, Jacques Chastenet, Pierre Renouvin, Gabriel Marcel, Jacques Rueff, Louis Martin-Chauffier y René Poirier), pp. 75-78. “Réponse de M. Gaston Bouthoul”, pp. 78-82.

**C95** “Avoir la paix”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 155, noviembre 1965, pp. 860-870.

**C96** “Le rempart d’Audiberti”, en *La Nouvelle Revue Française*, n° 156, diciembre 1965, pp. 1042-1049.

- Número especial dedicado a Jacques Audiberti (“Hommage à Jacques Audiberti, 1899-1965”).

### 1966

**C97** “Les coexistences pacifiques”, en *Revue de Paris*, 73, marzo 1966, pp. 52-60.

**C98** “Un manifeste: avoir la paix”, en *Guerres et Paix*, n° 1, 1966/1, pp. 7-13.

**C99** “Le professeur Enrico Fulchignoni”, en *Guerres et Paix*, n° 2, 1966/2, p. 49.

**C100** “De la valeur respective des témoignages et des colloque simulés”, en *Guerres et Paix*, n° 2, 1966/2, pp. 50-56.

**C101** “Sobrepoblación y agresividad”, en *Zona Franca*, n° 3, 1966, pp. 7-12.

**C102** “La paix nucléaire”, en *Le monde*, 30 de diciembre 1966, pp. 1 y 2.

### 1967

**C103** “*Batir la paix*, par le R. P. Pire”, en *Guerres et Paix*, n° 3, 1966/3, pp. 48-52.

**C104** “Le Congrès de Sociologie de Évian et la polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 4, 1967/2, pp. 4-9.

**C105** “La résurgence des situations belligères”, en *Guerres et Paix*, 1967/3, n° 5, pp. 5-14.

**C106** “L’apport de la polémologie à la solution des conflits”, en *Guerres et Paix*, n° 6, 1967/4, pp. 4-15.

- Reproducido con el mismo título en International Peace Research Association, *Proceedings of the International Peace Research Association Second Conference*, Assen, Van Gorcum, 1968, pp. 73 ss. Recogido más tarde en **A26**, pp. 161-175.
- Traducción inglesa: “Polemology and solution of conflicts”, en *Impact of Science on Society*, 18, n° 2, 1968, pp. 103 ss.

**C107** “Extraits des conclusions de M. Gaston Bouthoul sur le sens des notions de paix, guerre et justice dans l’histoire”, en *Guerres et Paix*, n° 6, 1967/4, pp. 57-58.

- Intervención en la “Conférence Internationale sur la paix et la justice”, organizada por el Centre de Recherches pour la Paix de la universidad católica de Nimega del 12 al 14 de abril 1967.

**C108** “Armement nucléaire et politique internationale. Débat entre le Général Beaufre, MM. Jacques de Bourbon Busset, Gaston Bouthoul et Léo Hamon”, en *La Table Ronde*, n° 229, febrero 1967, pp. 71-88.

- Las intervenciones de G. Bouthoul se recogen en las pp. 74-78, 82-83 y 87-88.

## 1968

**C109** “Why is man aggressive? A synthetic round table (A. Comfort, G. M. Carstair, F. F. Darling, K. Donald, P. Noelbake, Ch. Waddingt, J. S. Weiner, Gaston Bouthoul)”, en *Impact of Science on Society*, 18, n° 2, 1968, pp. 85 y ss.

**C110** “Polémologie et pacifisme”, en *Justice dans le monde*, n° 3, 1968, pp. 328-333.

**C111** “Pax Sinica”, en *Guerres et Paix*, n° 7, 1968/1, pp. 21-21.

- En colaboración con Louise Weiss.

**C112** “Frontières et traités de paix”, en *Le monde*, 14-15 abril 1968, pp. 1 y 6.

**C113** “Les formes élémentaires des groupes de violence”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2, pp. 9-19.

- Un extracto (pp. 13-16) publicado con el título “Nous sommes violents parce que nous avons peur”, en *Journal de Genève*, 21.III.1968, p. 5. Otro (pp. 16-19) publicado con el título “Un chef, même sanguinaire, susciter à l’amour”, en *Journal de Genève*, 22.III.1968, p. 5.

**C114** “La guerre froide”, en *Revue de Paris*, 75, junio-julio 1968, pp. 63-72.

**C115** “Toute manifestation d’agressivité collective est un aveu de carence intellectuelle”, en *Guerres et Paix*, n° 10, 1968/4, pp. 8-9.

**C116** “De certains complexes et de la pyramide des âges”, en *Guerres et Paix*, n° 10, 1968/4, pp. 10-22.

- Un extracto (pp. 15-18) publicado con el título “La peur d’être *un homme de trop*”, en *Journal de Genève*, 13.VIII.1968, p. 3.

**C117** “Une société sans guerre est-elle possible?”, en Louis Armand *et alii*, *À propos de “La Nuit des temps”*, Imprimerie Lescaret, París 1968, pp. [¿?]

- Folleto que recopila las respuestas de siete destacados intelectuales franceses (Louis Armand, Gaston Bouthoul, François de Closets, Abert Ducrocq, Jean Fourastié, Jean Rostand, Nicolas Vichney) a sendas preguntas sobre la novela de René Barjavel *La Nuit des temps*. Presses de la Cité, París 1968. La pregunta formulada a Bouthoul es la que rotula su breve respuesta.

**C118** “Les fonctions de la guerre”, en *Le Monde*, 26 de septiembre 1968, pp. 1 y 3.

**C119** “Le complexe de l’encombrement”, en *Nouveau Planète*, n° 2, octubre-noviembre 1968, pp. [¿?]

- Revista sucesora de *Planète*. V. **C85, C87, C92**.
- Traducción italiana: “Il complesso dell’affollamento”, en *Pianeta*, n° 25, noviembre-diciembre 1968, pp. [¿?]

**C120** “Le seigneur de la guerre”, en Jean Mistler (Ed.), *Napoléon et l’Empire*, Hachette, París 1968, t. II, pp. 7-16.

- Publicación adaptada (“Napoléon, seigneur de la guerre”) en *Le monde*, 18 de junio 1969.
- Traducción española en Jean Mistler (Ed.), *Napoléon*, trad. de J. E. Cirlot y Ángel Alandi, Labor, Barcelona 1970, t. I, pp. [¿?]

### 1969

**C121** “De l’agressivité à l’animosité”, en *Guerres et Paix*, n° 12, 1969/2, pp. 15-26.

- Recogido (excepto pp. 22-24) en **A26**, pp. 57-70. Un extracto (pp. 15-17) publicado con el título “Le ‘casus belli’ démystifié. De l’agressivité à l’animosité”, en *Journal de Genève*, 29.III.1969, p. 5. Otro (pp. 22-24) publicado con el título “Le fatalisme sacrificiel trop longtemps cultivé...”, en *Journal de Genève*, 2.IV.1969, p. 5.

**C122** “Mesure des mutations actuelles”, en *Guerres et Paix*, n° 14/15, 1969/4-1970/1, pp. 6-10.

**C123** “La pensée et la guerre”, en *Le monde*, 19 de agosto 1969, p. 6.

### 1970

**C124** “Le mouvement polémologique en Europe durant l’année 1969”, en *Guerres et Paix*, n° 16, 1970/2, pp. 7-11.

**C125** “L’inflation démographique”, en *Guerres et Paix*, n° 17, 1970/3, pp. 7-11.

- Recogido en **A23**, pp. 171-179.
- Publicado también íntegramente en dos artículos sucesivos que reproducen respectivamente las pp. 7-9 y 9-11: “La natalité provoquée appelle la mortalité organisée”, en *Journal de Genève*, 25.VI.1970, p. 1 y “Tuer ses enfants pour assurer leur avenir”, en *Journal de Genève*, 26.VI.1970, p. 1.

**C126** “C’est l’homme qui tue”, en *Le Monde*, 1 de abril 1970, pp. 1 y 7.

**C127** “Névrose obsidionale et encombrement”, en *Le Monde*, 29-30 de noviembre 1970, pp. 1 y 9.

### 1971

**C128** “Les baromètres polémologiques”, en *Études Polémologiques*, nº 1, julio 1971, pp. 1-26.

- Reproducido en *Études Polémologiques*, nº 4, abril 1972, pp. 30-54. En las pp. 53-54 se recoge una breve adición al texto original.

**C129** “Deux ans d’agressivité mondiale 1967-1969: Genèse d’une recherche”, en *Études polémologiques*, nº 2, 1971, pp. 17-20.

- A partir de estas notas de G. Bouthoul y del informe al que sirve de introducción (R. Carrère, “Une interprétation polémologique”, en *Études Polémologiques*, nº 2, octubre 1971, pp. 21-107) Jean-Claude Poulin elaboró un texto resumen publicado, sin título, en *Journal de Genève*, 29.XI.1972, pp. 31-32.

**C130** “Sur trois batailles”, en *Le monde*, 2 de noviembre 1971.

### 1972

**C131** “Du cannibalisme au génocide”, en *Études Polémologiques*, nº 3, enero 1972, pp. 3-8.

- Texto que, con ligeras modificaciones, se publica como prólogo a H. Savon, *Du cannibalisme au génocide*, Hachette, París 1972. Un extracto (pp. 3-5) publicado con el título “Dans un monde encombré, qui decra survivre?”, en *Journal de Genève*, 11.I.1972, pp. 1 y 3.  
V. **D8** y **G3**.

**C132** “Der Wille zum Frieden und das Wissen vom Krieg. Polémologie: Wissenschaft vom Ueberleben”, en *Neue Zürcher Zeitung und Schweizerisches Handelsblatt*, nº 176, 16 de abril 1972, p. 37.

**C133** “Euphorie européenne et agressivité mondiale”, en *Le monde*, 15 de julio 1972, pp. 1 y 3.

**C134** “Guerres et civilisations”, *Études Polémologiques*, nº 6, octubre 1972, pp. 5-13.

**C135** “Mutaciones sociológicas y conciencia moral”, en *Futuro presente. Revista de cibernética y futurología*, nº 6, abril 1972, pp. 15-23.



## 1973

**C136** “Sociologie de l’agressivité”, en *Études Polémologiques*, n° 7, enero 1973, pp. 29-36.

- Reproducido, con idéntico título, en *Revue de l’Allemagne et des Pays de langue allemande*, n° 2, abril-junio 1973.

**C137** “Le terrorisme”, en *Études Polémologiques*, n° 8, abril 1973, pp. 37-46.

- Traducción inglesa: “Definitions of terrorism”, en David Carlton y Carlo Schaerf (Ed.), *International terrorism and world security. Proceedings*, Londres, Croom Helm, 1975 (332 pp.), pp. 50-59.
- Un extracto (pp. 39-41, 43-44 y 45-46) publicado con el título “Terrorisme... terrorisme... terrorisme...” en *Journal de Genève*, 7.IV.1973, pp. 15 y 19. Otro titulado “Sobre el terrorismo: el del Estado es el más mortífero”, en *Excelsior* (México), 29.IV.1973, p. 7.

**C138** “La guerre et les sociétés”, en *Anthinéa. Revue mensuelle d’Études historiques*, n° 4-5, abril-junio 1973, pp. [¿?]

- Recogido en **A26**, pp. 71-78.

**C139** “Les échanges de population”, en *Le monde*, 21 de septiembre 1973, p. 9.

**C140** “Psychologie des profondeurs et agressivité”, en *Études Polémologiques*, n° 10, octubre 1973, pp. 39-41.

## 1974

**C141** “Définition et délimitation de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 11, enero 1974, pp. 45-51.

- Un extracto (pp. 45-51) publicado con el título “Genève 1974, capitale de la paix...”, en *Journal de Genève*, 12.I.1974, p. 13. En la misma página se recoge un suelto: “Bouthoul à la Radio romande” con algunas opiniones sobre las causas de las guerras expresadas por Bouthoul en el programa “En questions”, entrevistado por el periodista Jacques Bofford.

**C142** “Menaces et perceptions”, en *Études polémologiques*, n° 11, enero 1972, pp. 66-68.

- Recogido, excepto p. 68 y con leves cambios, en **A26**, pp. 79-81.

## 1975

**C143** “Problématique de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975, pp. 11-17.

- Reproducción de un fragmento de **A25**, pp. 71-82.

**C144** “L'érosion de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 16, abril 1975, pp. 19-31.

- Reproducción de un fragmento de **A25**, pp. 106-126.

**C145** “De l'univers de la guerre à l'univers de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 17, julio 1975, pp. 47-49.

- Extractos de una entrevista radiada el 9 de mayo de 1945 en la Radiotelevisión de la Suiza italiana.

**C146** “Le quadruple surchauffe”, en *Études Polémologiques*, n° 18, octubre 1975, pp. 27-34.

- Un extracto (pp. 27-34) publicado con el título “La surchauffe n'est pas qu'une ‘mauvaise passe’ économique: elle annonce un nouvel âge de l'humanité”, en *Jornal de Genève*, 20.IX.1975, p. 13.

**C147** “Le défi de la guerre (1740-1974)”, en *Études Polémologiques*, n° 18, octubre 1975, pp. 59-61.

- En colaboración con René Carrère.
- Prefacio de los autores (“Avant-propos”) de **B17**, pp. 13-17.

## 1976

**C148** “Populations et pertes (1740-1974)”, en *Études Polémologiques*, n° 19, febrero 1976, pp. 67-69.

- En colaboración con René Carrère.
- Extracto de la introducción de los autores (“Introduction”) de **B17**, pp. 19-22 y 29-30.

**C149** “Un humaniste goethéen”, en *La Table Ronde*, invierno 1976, pp. 12-13.

- Número monográfico dedicado a Ernst Jünger, con textos de: Marcel Jouhandeau, G. Bouthoul, Banine, Marcel Schneider, Pierre Boutang, Vintila Horia, Robert Poulet, Henri Plard, Jacques Brenner, Jean Bourdier, Georges Gaudy, Guy Dupré, Jean Pulmyéne, Jean Moal, Philippe d'Hugues y Georges Laffly. Además, tres textos de E. Jünger.

**C150** “La violence mondiale en 1975 (comparaison avec 1968-1974)”, en *Études Polémologiques*, n° 20/21, abril-julio 1976, pp. 49-74.

- En colaboración con René Carrère y la participación de Pierre Valat-Morio y Danièle Lochak.

**C151** “La violence mondiale en 1976 (comparaison avec 1968-1975)”, en *Études Polémologiques*, n° 22, octubre 1976/enero 1977, pp. 9-54.

- En colaboración con René Carrère y la participación de Pierre Valat-Morio y Danièle Lochak.

**C152** “Le complexe de Damoclès”, en *Le Monde*, 17 de agosto 1977, pp. 1 y 4.

### 1978

**C153** “Requiem pour les villes”, en *Le monde*, 23 de junio 1978.

**C154** “La violence mondiale en 1977 (comparaison avec 1968-1976)”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978, pp. 95-107.

- En colaboración con René Carrère y la participación de Pierre Valat-Morio y Danièle Lochak.

### 1979

**C155** “Major Armed Conflicts, 1965-July 1978”, en *Peace Research. The Canadian Journal of Peace and Conflict Studies*, vol. 11, no. 4, pp. 183-186.

- En colaboración con René Carrère.
- Compilaicón elaborada por Gernot Köhler, miembro del Canadian Peace Research Institut, a partir de **B17** (pp. 193-218), y las crónicas de la violencia mundial publicadas en *Études Polémologiques*, n° 22, 1977, pp.41 y 106-107 y n° 23, 1978, pp. 120-121

### 1981

**C156** “Lettre datée du 5 septembre 1970”, en *Études polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 11-12.

**C157** “Note d’orientation du 5 octobre 1971”, en *Études polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 12-13.

**C158** “Polémologie”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 14-20.

## 2010

**C159** “La guerre ne relève pas de la *lutte universelle*”, en *Krisis*, n° 33, abril 2010, pp. 73-82.

- Fragmento, sin las notas, tomado de **A11**, pp. 25-37.

## 1.4. Prólogos y Prefacios (D)

## 1934

**D1** “Ibn Khaldoun”, prefacio a Ibn-Khaldūn, *Les prolégomènes*. Traducción y comentarios de M. [William Mac Gulkin] de Slane, P. Geuthner, París 1934-1938, t. I, pp. XVII-XXXIV.

- Se trata de la 2ª edición de *Les prolégomènes*: reproducción fotomecánica de los tres tomos de la edición de 1862-1868.

## 1936

**D2** “Introduction” a Robert Michels, *Le boycottage international*, Payot, París 1936, (159 pp.) pp. 5-12.

**D3** “Préface” a Gaetano Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'Antiquité à nos jours*, Payot, París 1936, (335 pp.) pp. 5-6.

- V. **B5, F2**.

## 1938

**D4** “Préface” a Lionello Cioli, *Histoire économique depuis l'Antiquité à nos jours*, Payot, París 1938, (319 pp.) pp. 7-8.

## 1956

**D5** “Carta-prólogo” a Orestes Araújo, *Sociología de la guerra*, Biblioteca de Publicaciones Oficiales de la Facultad de Derecho y Ciencias sociales de la Universidad de Montevideo, Montevideo 1956, (434 pp.), pp. 11-14.

- Prólogo de Isaac Ganón, pp. 15-16.

**1959**

**D6** “Préface” a Corrado Gini, *Pathologie économique*, Payot, París 1959, (187 pp.) pp. 5-12.

- Traducción española [G. de U.]: “Economistas y sociólogos”, en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre de 2009, pp. 151-155. V. **H8**.

**1970**

**D7** “Préface” a Fausto Antonini, *L’homme furieux. L’agressivité collective*, Hachette, París 1970, pp. 7-12.

- V. **G3** y **H3**.

**1972**

**D8** “Préface” a Hervé Savon, *Du cannibalisme au génocide*, Hachette, París 1972, (253 pp.), pp. 7-14.

- V. **C131** y **G3**.

**1.5. Reseñas y noticias bibliográficas (E)****1922**

**E1** “Charles Gide, *Premières notions d’économie politique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 192-193.

**E2** “C. Colson, *Cours d’économie politique*, vol. IV y V”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 193-194.

**E3** “Yves Guyot et Arthur Raffalovich, *Inflation et déflation*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 197-199.

**E4** “André Théry, *Les grands établissements de crédit français, avant, pendant et après la guerre*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 199-200.

**E5** “*Mémoires et documents pour servir à l’histoire du commerce et de l’industrie en France*, publiés sous la direction de Julien Hayem”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 200-202.

- E6** “Joseph Vassivière, *La journée anglaise et ses bienfaits*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, p. 203.
- E7** “Rinaldo Rigola, *Le crisi industriali, come si lotta contro la disoccupazione*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 203-204.
- E8** “Roberto Michels, *La teoria di Marx della miseria crescentè*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 204-205.
- E9** “Roger Picard, *Le contrôle ouvrier sur la gestion des entreprises*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, p. 206-207.
- E10** “Lucien Deslinières, *Notre doctrine*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 210-211.
- E11** “Roberto Michels, *Le prolétariat et la bourgeoisie dans le mouvement socialiste italien, particulièrement des origines a 1906*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 212-213.
- E12** “A. Fastout, *Une politique financière*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, pp. 214-215.
- E13** “Raphael-Georges Lévy, *Initiation financière*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922, p. 215.
- E14** “Giorgio del Vecchio, *Sui principi generali del diritto*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 5-6, mayo-junio 1922, p. 312.
- E15** “François Roger, *La réforme du régime foncier en France*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 5-6, mayo-junio 1922, pp. 323-324.
- E16** “P. Grimaneli, *L'idéologie démocratique et la politique positive*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 391-392.
- E17** “A. S. Klein, *La synthèse politique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 392-392.
- E18** “Paul Nourrisson, *Trois précurseurs de la liberté d'association: Berryer, Montalembert, Lamartine*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 394-395.
- E19** “Association France-Grande Bretagne, *L'Angleterre et l'opinion française*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, p. 398.

**E20** “Ernest Lémonon, *L’Italie d’après guerre (1914-1921)*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 401-402.

**E21** “Louis Eisenmann, *La Tchécoslovaquie*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, p. 402.

**E22** “O. Butter et B. Ruml, *La République Tchécoslovaque*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 402-403.

**E23** “Jean Mauer, *L’enseignement dans la République Tchécoslovaque*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, p. 403.

**E24** “Edmond Bouchié de Belle, *La Macédoine et les Macédoniens*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 406-407.

**E25** “*Recueil de discours en faveur de l’Islam et de la Turquie*, prononcés dans les réunions organisées par le Comité ‘La France et l’Islam’”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, p. 411.

**E26** “Jean Bourdeau, *Tolstoï, Lenine et la Révolution russe*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 413-415.

**E27** “Pierre Chasles, *Le bolchévisme expliqué par l’état social de la Russie*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 417-418.

**E28** “Magali Boisnard, *Maaditb*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 7-8, julio-agosto 1922, pp. 431-433.

**E29** “Charles Musart, *La réglementation du commerce des grains en France au XVIII<sup>e</sup> siècle. La théorie de Delamaré*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septiemb-roctubre 1922, pp. 521-523.

**E30** “Paul Raphael, *La Troisième République, du seize mai au seize novembre*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septiemb-roctubre 1922, p. 526.

**E31** “Roberto Michels, *Études sur les relations historiques entre la France et les pays du Rhin*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septiemb-roctubre 1922, pp. 526-527.

**E32** “Louis Eichner, *La Paix des Peuples*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septiemb-roctubre 1922, pp. 531-532.

**E33** “Federico Flora, *Tullio Martello e le origini della guerra europea*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septiemb-roctubre 1922, pp. 532-533.

- E34** “Guillaume de Greef, *L'économie sociale, d'après la méthode historique et au point de vue sociologique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, pp. 533-536.
- E35** “Edmond Théry, *Conséquences économiques de la guerre pour la France*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, pp. 536-537.
- E36** “Harlan-Eugène Read, *La limitation de l'héritage*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, pp. 537-538.
- E37** “V.-Th. Totomiantz, *Histoire des doctrines économiques et sociales*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, pp. 538-539.
- E38** “Fabio Goldschmidt, *Les victoires du droit*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, p. 542.
- E39** “*L'Orientation professionnelle. Revue mensuelle dirigée par Raymond Guyot et Frédéric Ozil*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, pp. 553-554.
- E40** “*Mazdaznan. Revue internationale pour la propagation de l'esprit aryen. Rédacteur, Carlos Bunge*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, p. 554.
- E41** “Henri Bousson, Joseph Fèvre, Henri Hauser, *Les principales puissances d'aujourd'hui*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 11-12, novembre-décembre 1922, p. 615.
- E42** “Jean Choleau, *L'expansion bretonne au XX<sup>e</sup> siècle*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 11-12, novembre-décembre 1922, pp. 622-623.
- E43** “Franco Savorgnan, *Demografia di guerra e altri saggi*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 11-12, novembre-décembre 1922, pp. 623-624.
- E44** “Marcel Mercier, *La civilisation urbaine au Mzab. Étude de sociologie africaine*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 11-12, novembre-décembre 1922, pp. 626-627.
- E45** “Lanfranco Maroi, *Le costruzioni economiche nei rapporti sociali e demografici*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 11-12, novembre-décembre 1922, pp. 627-628.
- E46** “James George Frazer, *Adonis, étude des religions orientales comparées*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 9-10, septembre-octobre 1922, p. 628-630.

**1923**

- E47** “Arthur Travers Borgstroem, *Le mutualisme. Essai de synthèse*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 68-69.



**E48** “Corrado Gini, *Report on the problem of raw materials and food-stuffs with annexes prepared under his direction*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 70-71.

**E49** “Broadus Mitchell, *The rise of cotton mills in the South*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 71-72.

**E50** “L. Levainville, *L’industrie de fer en France*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 72-73.

**E51** “Julien Bonnecase, *La notion de droit en France au dix-neuvième siècle. Contribution à l’étude de la philosophie du droit contemporain*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 77-80.

**E52** “L. Guillet, *La Belle tentation*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 89-90.

**E53** “Jean-Joseph Wencker, *L’âme de feu, poèmes*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 1-2, enero-febrero 1923, pp. 90-91.

**E54** “Antoine Gorski, *La Pologne et la Guerre*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 3-4, marzo-abril 1923, pp. 204-205.

**E55** “V. Levinsky, *L’Internationale socialiste et les peuple opprimés*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 3-4, marzo-abril 1923, pp. 206-207.

**E56** “Henri Hauser, *Propos d’un ignorant sur l’économie nationale*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, p. 288.

**E57** “Achille Viallate, *L’impérialisme économique et les relations internationales pendant la dernière demi-siècle (1870-1920)*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 288-290.

**E58** “Albert Aftalion, *Les fondements du socialisme. Étude critique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 290-292.

**E59** “Edouard Berth, *Les derniers aspects du socialisme*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 292-294.

**E60** “Eugenio Rignano, *Pour une réforme socialiste du droit successoral*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 294-295.

**E61** “Montchrestien, *Le problème des assurances sociales en France*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 296-297.

- E62** “*Le rôle économique de l’État. Compte rendu in extenso des cours et conférences de la Semaine sociale de France, session de Strasbourg*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 297-298.
- E63** “Louis Fiaux, *Yves Guyot*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 298-299.
- E64** “Yves Guyot, *Les problèmes de la déflation*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 299-300.
- E65** “Jacques Rueff, *Le change, phénomène naturel*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 5-6, mayo-junio 1923, pp. 300-301.
- E66** “Maurice Lewandowski, *Comment l’Allemagne a su se faire payer. Lille sous l’occupation allemande*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 7-8, julio-agosto 1923, pp. 413-414.
- E67** “Henry Michel, *Organisation et rénovation nationale*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 7-8, julio-agosto 1923, pp. 414-416.
- E68** “François Simiand, *Statistique et expérience. Remarques de méthode*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 7-8, julio-agosto 1923, pp. 416-417.
- E69** “Jean Birot, *Statistique annuelle de géographie humaine comparée*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 7-8, julio-agosto 1923, p. 417.
- E70** “Fernand Auburtin, *La natalité*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 7-8, julio-agosto 1923, pp. 422-424.
- E71** “George B. Mangold, *Children born out of wedlock. A sociological study of illegitimacy, with particular reference to the United States*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 7-8, julio-agosto 1923, pp. 424-425.
- E72** “L. Battistelli, *La Bugia, nei normali, nei criminali, nei folli. Saggio psicologico*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 9-10, septiembre-octubre 1923, pp. 515-516.
- E73** “Vera Starkoff, *Le Bolchévisme*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 31, n° 9-10, septiembre-octubre 1923, pp. 528-529.

#### 1924

- E74** “Yves Guyot, *La science économique, ses lois inductives*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 60-61.

**E75** “Paul Ghio, *La formation historique de l'économie politique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp.61-63.

**E76** “Pierre Paraf, *Le syndicalisme pendant et après la guerre*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 64-65.

**E77** “E. Martin Saint-Léon, *Les deux C. G. T.; syndicalisme et communisme*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 65-66.

**E78** “D. P. Smelser, *Unemployment and american trade unions*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 66-67.

**E79** “D. Yovanovitch, *Le rendement optimum du travail ouvrier. Étude sur les stimulants modernes de l'activité ouvrière*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 67-68.

**E80** “*Les Bouches-du-Rhône*. Encyclopédie départementale publiée par le Conseil général”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, p. 69.

**E81** “Jean Valery, *Le régime de la prohibition nationale des boissons fermentées aux États-Unis*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 72-73.

**E82** “Marco I. Barasch, *Le socialisme juridique et son influence sur l'évolution du droit civil*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 1-2, enero-febrero 1924, pp. 74-76.

**E83** “G. Mosca, *Elementi di scienza politica*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 3-4, marzo-abril 1924, pp. 190-192.

**E84** “Michel Ralea, *L'idée de révolution dans les doctrines socialistes. Étude sur l'évolution de la tactique révolutionnaire*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 3-4, marzo-abril 1924, pp. 192-195.

**E85** “Edmond Vermeil, *La Constitution de Weimar et le principe de la démocratie allemande. Essai d'histoire et de psychologie politiques*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 3-4, marzo-abril 1924, pp. 198-200.

**E86** “Lydia Bach, *Le droit et les institutions de la Russie soviétique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 3-4, marzo-abril 1924, pp. 200-203.

**E87** “René Gonnart, *Histoire des doctrines de la population*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 5-6, mayo-junio 1924, pp. 314-315.

**E88** “Fernand Auburtin, *En péril de mort*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 5-6, mayo-junio 1924, pp. 316-317.

- E89** “Nels Anderson, *The hobo*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 5-6, mayo-junio 1924, pp. 317-318.
- E90** “Karl Marx, *Le capital*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, pp. 410.
- E91** “Achille Loria, *I fondamenti scientifici della riforma economica. Studio sulle leggi della produzione*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, pp. 410-413.
- E92** “Roberto Michels, *Fattori e problemi dell’espansione commerciale*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, p. 413.
- E93** “Henri Hauser, *La nouvelle orientation économique*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, pp. 414-415.
- E94** “*Effects of the war upon french economic life*. A collection of five monographs edited by Charles Gide” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, p. 415.
- E95** “Kimper Simpton, *The capitalisation of goodwill*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, pp. 415-416.
- E96** “H. Gleize, *Les assurances sociales*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, pp. 416-418.
- E97** “Alfred Vabre, *Le droit international du travail*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, pp. 419-420.
- E98** “André de Maday, *La Charte internationale du travail*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 7-8, julio-agosto 1924, p. 420.
- E99** “G.-L. Duprat, *L’avenir des classes moyennes*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 9-10, septiembre-octubre 1924, pp. 548-549.
- E100** “Henri Hauser, *L’Amérique vivante*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 9-10, septiembre-octubre 1924, pp. 549-550.
- E101** “Franco Savorgnan, *La scelta matrimoniale*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 11-12, noviembre-diciembre 1924, pp. 639-640.
- E102** “Franco Savorgnan, *Nuzialità e fecondità nelle case sovrane d’Europa*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 11-12, noviembre-diciembre 1924, pp. 640-641.
- E103** “Julien Bouvron, *L’Europe malthusienne*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 32, n° 11-12, noviembre-diciembre 1924, pp. 641-642.

## 1925

- E104** “Maurice Ansiaux, *Traité d'économie politique*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 1-2, enero-febrero 1925, pp. 82-84.
- E105** “Carmelo Scalia, *L'etica nella scienza economica*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 1-2, enero-febrero 1925, pp. 86-87.
- E106** “William Jaffé, *Les théories économiques et sociales de Thorstein Veblen. Contribution à l'histoire des doctrines économiques aux États-Unis*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 1-2, enero-febrero 1925, pp. 87-90.
- E107** “Filipo Virgili, *Cooperazione nella dottrina e nelle legislazione*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 1-2, enero-febrero 1925, pp. 90.
- E108** “Arthur Fontaine, *L'industrie française pendant la guerre*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 431-433.
- E109** “Albert Aftalion, *L'industrie textile en France pendant la guerre*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, p. 434.
- E110** “Raoul Blanchard, *Les forces hydro-électriques pendant la guerre*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 434-435.
- E111** “Henri Hauser, *Le problème du régionalisme*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 436-437.
- E112** “Yves Guyot, *La valeur et les prix*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 437-438.
- E113** “Roberto Michels, *Di alcune critiche mosse all'impiego dell'oro come base della circolazione e di alcuni progetti per la sua sostituzione*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 438-440.
- E114** “Dr E. Laur, *Problèmes agricoles internationaux*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 440-441.
- E115** “*Annales de l'Institut National Agronomique*, tome XVII” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, p. 441.
- E116** “Etiènne Villey, *L'organisation professionnelle des employeurs dans l'industrie française: état; activités; tendances*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 7-8, julio-agosto 1925, pp. 442-443.

- E117** “Filippo Virgili, *Il problema della popolazione*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 9-10, septiembere-octubre 1925, pp. 513-517.
- E118** “Geroges Grimanelli, *La crise de la natalité en France*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 9-10, septiembere-octubre 1925, pp. 518-519.
- E119** “Werner Sombart, *Les juifs et la vie économique*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 9-10, septiembere-octubre 1925, pp. 522-524.
- E120** “Angelo Mauri, *La storia delle dottrine nell'economia sociale*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, pp. 616-617.
- E121** “Henri Sée, *L'évolution du régime agraire en Angleterre, depuis la fin du Moyen-Age*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, p. 618.
- E122** “Georges Renard, *Les travailleurs du livre et du journal*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, pp. 619-620.
- E123** “Jacques de Reinach, *Questions économiques et financières*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, pp. 622-623.
- E124** “Olivia Rosetti Abresti, David Lubin, *A Study in Practical Idealism*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, p. 623.
- E125** “Henry Ford, *Ma vie et mon œuvre*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, pp. 623-627.
- E126** “John s. Hecht, *La vraie richesse des nations. Esquisse d'une nouvelle civilisation et de ses bases économiques*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 33, n° 11-12, noviembere-diciembre 1925, pp. 627-631.

## 1926

- E127** “Paul de Rousiers, *Les grandes industries modernes*, t. I, II et III” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 1-2, enero-febrero 1926, pp. 73-74.
- E128** “Henri Sée, *Remarques sur l'application de la méthode comparative en histoire*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 1-2, enero-febrero 1926, pp. 74-75.
- E129** “Henri Sée, *Les forets et la question du déboisement en Bretagne à la fin de l'Ancien Régime*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 3-4, marzo-abril 1926, p. 222.

**E130** “Roberto Michels, *Lavoro e razza*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 5-6, mayo-junio 1926, pp. 316-319.

**E131** “Henri Montarnal, *Les salaires, l'inflation et les changes*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 5-6, mayo-junio 1926, pp. 319-320.

**E132** “F. Savorgnan, *La fecondità delle aristocrazie*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 5-6, mayo-junio 1926, p. 320.

**E133** “Paul Louis, *Histoire du socialisme en France, depuis la Révolution jusqu'à nos jours*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 7-8, julio-agosto 1926, pp. 434-436.

**E134** “Henry Gleize, *Ce que l'ingénieur social doit savoir*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 7-8, julio-agosto 1926, pp. 436-437.

**E135** “Paul Rives, *La corvée de joie*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 7-8, julio-agosto 1926, pp. 437-439.

**E136** “Mohamed Bereketullah, *Le califat*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 11-12, noviembre-diciembre 1926, pp. 680-682.

**E137** “L. Modeste Leroy, *Auguste Walras. Sa vie, son œuvre*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 34, n° 11-12, noviembre-diciembre 1926, pp. 685-687.

## 1927

**E138** “A. R. de Lens, *Pratique des harems marocains*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 1-2, enero-febrero 1927, p. 81.

**E139** “Roger Réau, *Les lois suédoises sur le mariage*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 1-2, enero-febrero 1927, pp. 81-82.

**E140** “Olivier Leroy, *Essai d'introduction critique à l'étude de l'économie primitive. Les théories de K. Buecher et l'ethnologie moderne*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 3-4, marzo-abril 1927, pp. 185-187.

**E141** “A. Rey, *La question des assurances sociales*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 3-4, marzo-abril 1927, p. 187.

**E142** “Giuseppe Mazzarella, *Studi di etnologia giuridica*. Vol. VI. Etnologia analítica dell'antico diritto indiano”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 3-4, marzo-abril 1927, pp. 199-201.

**E143** “Henry Truchy, *Cours d’Economie politique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 35, n° 1927, p. 415.

## 1928

**E144** “Robert Michels, *Francia contemporanea*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 1-2, enero-febrero 1928, pp. 92-93.

- Versión abreviada de **E154**.

**E145** “Jacopo Mazzei, *Politica economica internazionale inglese prima di Adamo Smith*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 1-2, enero-febrero 1928, pp. 93-94.

**E146** “Filippo Carli, *Introduzione alla Sociologia generale*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 1-2, enero-febrero 1928, pp. 95-98.

**E147** “Paul Louis, *Histoire de la classe ouvrière en France, de la Révolution á nos jours*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 3-4, marzo-abril 1928, pp. 202-203.

**E148** “Henri Truchy, *Cours d’Économie politique*, t. II” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 3-4, marzo-abril 1928, pp. 203-204.

**E149** “Amerigo Namias, *Principes de Sociologie et de Politique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 5-6, mayo-junio 1928, pp. 318-321.

**E150** “Roger Picard, *Le salaire et ses compléments. Allocations familiales. Assurances sociales*” en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 5-6, mayo-junio 1928, p. 322.

**E151** “Henri Sée, *La vie économique de la France sous la monarchie censitaire, 1815-1848*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 7-8, julio-agosto 1928, pp. 412-413.

**E152** “Henri Hauser, *Les débuts du capitalisme*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 7-8, julio-agosto 1928, pp. 413-415.

**E153** “S. Gsell, G. Marcais y G. Yver, *Histoire d’Algérie*”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928, pp. 39-43.

**E154** “Robert Michels, *Francia contemporanea*”, en *Mercure de France*, t. CCII, año 33°, n° 714, 15 de marzo 1928, pp. 741-744.

- Se trata de la reseña **E144** en una versión ampliada.

**E155** “G. Hardy, *Vue générale de l’Histoire d’Afrique*”, en *Revue d’Afrique*, n° 2, noviembre-diciembre 1928, pp. 43-48.



## 1929

**E156** “G. Ferrand, *Introduction à l’astronomie arabe*”, en *Revue d’Afrique*, n° 3, enero-febrero 1929, pp. 60-62.

**E157** “Henri Sée, *Histoire de la Ligue des Droits de l’Homme (1898-1921)*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 37, n° 3-4, marzo-abril 1929, pp. 212-213.

**E158** “Charles Benoist, *La question méditerranéenne*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 37, n° 3-4, marzo-abril 1929, pp. 214-215.

**E159** “Felice Bataglia, *La crisi del diritto naturale*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 37, n° 9-10, septiembre-octubre 1929, pp. 450-451.

## 1931

**E160** “G. Weulersse, *Les physiocrates*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. 306-308.

**E161** “Gaëtan Pirou, *Les doctrines économiques*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. 308-309.

**E162** “Lucien March, *Les principes de la méthode statistique, avec quelques applications aux sciences naturelles et à la science des affaires*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. 317-318.

## 1932

**E163** “J. P. Borrel, *Le code des 305 articles de Madagascar*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 5-6, mayo-junio 1932, p. 347.

**E164** “René Hoffherr, *L’Économie marocaine*”, en *Revue d’Afrique*, n° 10, 1932, pp. 27-28.

**E165** “Félix Nataf, *Le crédit et la Banque au Maroc*”, en *Revue d’Afrique*, n° 10, 1932, pp. 29-31.

**E166** “Léon Kawan, *La costituzione della Polonia*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 11-12, noviembre-diciembre 1932, pp. 633-634.

**E167** “Robert Petit, *La monarchie anamite*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 11-12, noviembre-diciembre 1932, p. 640.

**E168** “R. Lingat, *L’esclavage privé dans le vieux droit siamois*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 40, n° 11-12, noviembre-diciembre 1932, p. 641-642.

### 1933

**E169** “H. Lévy Bruhl, J. Escarra, G. Julien, R. Maunier, *Conférences faites à la salle de travail d’ethnologie juridique - Faculté de Droit de Paris*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 3-4, marzo-abril 1933, pp. 214-215.

**E170** “Marcel Planiol et Georges Ripert, *Traité pratique de droit civil français*, t. V, *Donations et testaments*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 5-6, mayo-junio de 1933, pp. 302-303.

**E171** “Marcel Planiol et Georges Ripert, *Contrats civils*, II<sup>e</sup> partie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 5-6, mayo-junio 1933, pp. 303-304.

**E172** “*The economic development of post-war France, a survey of production*, by William F. Ogburn et William Jaffé”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931, pp. n° 5-6, mayo-junio 1933, p. 310-311.

**E173** “Filippo Carli, *La théorie sociologique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 7-8, julio-agosto 1933, p. 443-444.

**E174** “René Maunier, *Sociologie coloniale*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 41, n° 7-8, julio-agosto 1933, p. 469-471.

- Reproducido al año siguiente, con leves alteraciones en la puntuación, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, pp. 28-29.

### 1934

**E175** “Georges Hardy, *Géographie et colonisation*”, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, pp. 33-34.

**E176** “Mohammed Essad Bey, *Mahomet (571-632)*”, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, pp. 34-35.

**E177** “Ulrich Wilcken, *Alexandre le Grand*”, en *Revue d’Afrique*, n° 12, agosto-septiembre 1934, p. 35.

**E178** “Les vandales en Afrique. Un historien des périodes obscures: É.-F. Gautier” [reseña de É.-F. Gautier, *Genséric, roi des vandales*], en *Les Nouvelles Littéraires*, 14 de abril 1934, p. 3.

**E179** “Jean Vernier, *Les crises boursières et leur répercussion économique. L'exemple des États-Unis*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 42, n° 5-6, mayo-junio 1934, p. 302.

**E180** “Paul Gemahling, *Les grands économistes*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 42, n° 5-6, mayo-junio 1934, p. 303.

**E181** “Charles Fourier, *Pages choisies*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 42, n° 5-6, mayo-junio 1934, pp. 303-304.

**E182** “Léon Kawan, *Gli esodi e le carestie in Europa attraverso il tempo*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 42, n° 5-6, mayo-junio 1934, pp. 304-306.

**E183** “René Maunier, *Lois françaises et coutumes indigènes en Algérie*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 42, n° 5-6, mayo-junio 1934, pp. 314-315.

**E184** “*Mograb* par Louis Roubad”, en *Les Nouvelles Littéraires*, 21 de julio 1934, p. 3.

### 1935

**E185** “J. Huizinga, *Le déclin du Moyen Âge*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 43, n° 3-4, marzo-abril 1935, pp. 205-206.

**E186** “Colonel Lamouche, *Histoire de la Turquie*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 43, n° 3-4, marzo-abril 1935, pp. 206-207.

**E187** “J. Héron Lepper, *Les sociétés secrètes, de l'antiquité à nos jours*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 43, n° 3-4, marzo-abril 1935, pp. 207-208.

**E188** “Colonel James L. Sleeman, *La secte secrète des Thugs. Le culte de l'assassinat aux Indes*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 43, n° 3-4, marzo-abril 1935, pp. 209-210.

### 1937

**E189** “Edg. Milhaud, *Le chèque-compensation international*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, 45, 1937, p. 180.

**E190** “F. R. Bloc-Laine, *Loisirs ouvriers et éducation populaire*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, 45, 1937, p. 419.

**1953**

**E191** “Les ouvrages récents sur la sociologie de la guerre” en *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, XXXI, 1953, pp. 290-291.

**1966**

**E192** “*Une sociologie de la paix*, par Robert Bosc”, en *Guerres et Paix*, n° 1, 1966/1, pp. 58-60.

**1967**

**E193** “*Batir la paix*, par le R. P. Pire”, en *Guerres et Paix*, n° 3, 1967/1, pp. 48-52.

**1969**

**E194** “Originalité des conflits d'Amérique Latine”, en *Guerres et Paix*, n° 13, 1969/3, pp. 59-60.

- Reseña de P. Queuille, *L'Amérique latine. La doctrine Monroe et le panaméricanisme*. Payot, París 1969.

**1.6. Traducciones (F)****1928**

**F1** Amerigo Namias, *Principes de sociologie et de politique*, Marcel Giard, París 1928, VI + 436 pp.

**1936**

**F2** Gaetano Mosca, *Histoire des doctrines politiques depuis l'Antiquité à nos jours*, Payot, París 1936, 335 pp.

- Nuevas ediciones de 1955 y 1965, completadas por G. Bouthoul con una sección sobre “Les doctrines politiques depuis 1914”.
- V. **B5** y **D3**.

**1938**

**F3** Lionello Cioli, *Histoire économique depuis l'Antiquité à nos jours*, París, Payot 1938, 319 pp.

## 1.7. Varia (G)

1928

G1 *Revue d'Afrique*.

- La creación de una tradición de pensamiento que acerque a Francia y las colonias constituye el ideario de *Revue d'Afrique*, cuya serie completa comprende 19 números publicados a lo largo de 11 años, entre mayo-junio de 1928 y enero-febrero de 1939. Apareció irregularmente, no obstante su presentación como revista bimestral. De periodicidad semestral en 1928, 1930, 1932, 1936 y 1938; cuatrimestral 1929 y anual (1931, 1933, 1934, 1935, 1937 y 1939). La extensión está en torno a las 90 o 100 páginas, salvo los últimos números. G. Bouthoul reza en todos los números como director de la publicación, ayudado por A. Lammont, jefe de redacción. Hay un patronato de honor integrado por algunas figuras relevantes de la política y el pensamiento colonialistas franceses de los años 20 y 30: Agustin Bernard, Stephane Gsell, Georges Hardy, mariscal Hubert Lyautey, Alfred Martineau, Pierre Mille, Anatole de Monzie, Bertrand Nogaro y Paul Vivien, a quienes se unen sucesivamente, a partir del número 5 de la serie: almirante Lucien Lacaze, Auguste Terrier y Théodore Steeg. Las tres sedes de la revista: 23 rue Fontaine (1928-1933), 15 rue Lauriston (1934-1938) y 40 rue Lauriston (1939), son los domicilios sucesivos de G. Bouthoul en esos años.
- La estructura de la revista no es homogénea, aunque a grandes rasgos suele presentar sendas secciones de artículos, notas, reseñas, noticias bibliográficas, noticias de revistas y crónica colonial. La sección bibliográfica aparece a veces bajo el título “Les livres”, presentando una ordenación temática de la bibliografía comentadas (literatura, historia, sociología, economía, etc.)
- Reseñas: [S. a.], “Un nouveau périodique: La *Revue d'Afrique*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 36, n° 7-8, julio-agosto 1928, pp. 444-445.

1965

G2 *Guerres et paix*.

- *Guerres et paix* ofreció 17 números (uno de ellos doble: 14-15), publicados trimestralmente entre julio de 1966 y julio de 1970. Todos los números, menos el doble (176 pp.), tienen 80 páginas. La publicación en Presses Universitaires de France estaba patrocinada por el

Ministerio de Asuntos Exteriores, el Ministerio de los Ejércitos y el Ministerio de Educación Nacional (también por el Ministerio de la Gobernación desde enero de 1968).

- En el primer número (1966/1) aparecen como codirectores G. Bouthoul y Louise Weiss y el Instituto Francés de Polemología (IFP) se dice encargado del “Estudio científico de las causas de guerra”. En el número 2 (1966/2) hay un cambio en esta denominación: “IFP para el estudio científico de las causas de guerra y las técnicas de paz”. El número 6 (1967/4) refleja cambios importantes en la organización editorial de la revista y el IFP: una rúbrica anuncia que G. Bouthoul es el presidente del Instituto, Louise Weiss su directora y René Carrère su secretario general. *Guerres et paix* aparece gobernada por un Comité de redacción compuesto por G. Bouthoul, René Carrère, J.-P. Mauriat, Guy de La Tournelle, Hervé Savon y Louise Weiss. La Biblioteca y la Documentación del IFP estaban a cargo de E. Nez y S. Ménard, la Secretaría administrativa de H. Faup y S. Clement. Hay también un investigador incorporado al IFP, J.-P. Jouary y una relación de institutos o académicos correspondientes en ocho países: Bélgica (Centre de Sociologie de la guerre, Bruselas), Canadá (Instituto Canadiense de Investigación para la Paz, Ontario), España (Luis Díez del Corral, de la universidad Complutense), Italia (Enrico Fulchignoni, de la universidad de Roma), México (Luis Quintanilla), Holanda (Bert Röling, Instituto de Polemología de Gróninga), Gran Bretaña (Sociedad para la Investigación del Conflicto, Londres) y Suiza (Pierre Jaccard, Lausana). En el número 7 (1968/1) se añade un correspondiente de Israel (Marion Mushkat, universidad de Tel-Aviv). En el número 8 (1968/2) se incluye a Franco Fornari, del Instituto Italiano de Polemología de Milán, como correspondiente. En el número 13 se indican también los correspondientes franceses: Julien Freund, de Estrasburgo, J. Petrel, de Niza y R. Mossé, de Grenoble.
- *Guerres et paix* recoge notas de investigación, reseñas y relaciones bibliográficas, crónicas sobre el “movimiento polemológico internacional” y los congresos sobre la paz y crónicas sobre la agresividad mundial. Todos los números, excepto el 1 y el 14-15, vienen precedidos por una “Carta a nuestros lectores”, sección redactada seguramente por G. Bouthoul. Numerosos artículos y notas están firmados por el “IFP” y es probable también que algunos sean de Bouthoul.
- El número doble de *Guerres et paix* (1969/4 - 1970/1, 176 pp.) publicó los trabajos de la “Encuesta Telémaco 1969” elaborada por el IFP sobre las “Opiniones y motivaciones de los estudiantes franceses”. El estudio se basó en un cuestionario de 200 preguntas, un equipo de 120 encuestadores dirigido por René Carrère y 1216 cuestionarios.

## 1970

**G3** Colección *Guerres et paix*, Hachette, París 1970-1972.

- N° 1: G. Bouthoul, *L'infanticide différé* (v. **A24**). N° 2: Fausto Antonini, *L'homme furieux. L'agressivité collective*, Hachette, París 1970, 240 pp., trad.: Elsa Bonan. (V. **D7** y **H3**). N° 3: Hervé Savon, *Du cannibalisme au génocide*, Hachette, París 1972, 253 pp. (v. **D8** y **C130**).

## 1971

**G4** *Études polémologiques*

- *Études polémologiques* publicó 23 números de periodicidad semestral entre julio de 1971 y diciembre de 1978. Desde 1976 (n° 19) la aparición fue irregular, fundamentalmente por problemas económicos: n° 20-21, abril-julio 1976; n° 22, octubre 1976/enero 1977; n° 23, diciembre 1978. Todos los números, excepto el primero (78 pp.), tienen entre 115 y 125 pp. La publicación estaba financiada por los mismos ministerios que habían patrocinado *Guerres et paix* (y desde 1975 el Ministerio para la Investigación científica).
- En los primeros números de la revista el objetivo del IFP es el “Estudio científico de las guerras y las paces”, finalmente se amplió la definición de su objeto científico para abarcar el “Estudio científico de las guerras, de las paces y de los conflictos”.
- *Études polémologiques* mantuvo diversas secciones fijas como la “Crónica de la violencia mundial”, las reseñas bibliográficas y las relaciones de la actividad científica internacional en torno a la polemología y las investigaciones para la paz. Al lado de las contribuciones G. Bouthoul, R. Carrère y J.-L. Annequin destacan, por su asiduidad, los trabajos de Hervé Savon. Menudean también los artículos de los correspondientes del IFP, círculo que se había ido ampliando notablemente hasta 1978.
- En el n° 23 (diciembre de 1978) G. Bouthoul aparece como “Presidente-Fundador [del IFP] y Director de investigaciones”, R. Carrère como “Secretario General [del IFP] y Subdirector de investigaciones. Hay un comité de honor integrado por Fernand Braudel, Jean Cazeneuve, Hubert Deschamps, Jean Fourastié, Jean Guilton, Jean Hamburger, Maurice Le Lannou y Jean Mistler. Relación de miembros e instituciones correspondientes: Francia: J. Freund, H. Savon y J. Petrel, Ch. Schmidt; Australia: J. R. Raser; Bélgica: Centro de Sociología de la Guerra de Bruselas, Centro de Investigaciones sobre la Paz y M. B. Lévy; Canadá: Instituto de Investigación para la Paz de Clarkson y Albert Legault; Egipto: Boutros Ghali; España: Luis Díez del Corral e Instituto de

Polemología Víctor Seix; Estados Unidos: Gernot Köhler; Finlandia: Instituto de Investigación para la Paz de Tampere; India: K. Subrahmanyam, del Instituto de Estudios y Análisis de la Defensa; Israel: M. Mushkat; Italia: E. Fulchignoni y F. Fornari, del Instituto Italiano de Polemología; Japón: Grupo de Investigación para la Paz de Japón; México: L. Quintanilla; Holanda: B. Röling; Alemania (RFA): Investigaciones sobre el conflicto; Reino Unido: Sociedad para la Investigación del Conflicto; Senegal: R. Lonis y Suiza: P. Jaccard.

- Reseñas y noticias: G. Zampaglione, “Note de lecture de la revue italienne *La Comunità Internazionale*, n° XXVIII, octubre-décembre 1972” [traducido del italiano], en *Études Polémologiques*, n° 10, octubre 1973, pp. 63-64.

## 2. Bibliografía sobre Gaston Bouthoul.

### 2. 1. Libros (H).

1962

**H1** Prix Littéraire International de la Paix 1962, *Hommage a Gaston Bouthoul*, Impr. J. Schefman, Montegnée (Lieja) 1962, s. p. [36 hh.]

- Publicación conmemorativa del “Prix Littéraire International de la Paix” 1962.

1964

**H2** Franco Fornari, *La psychanalyse de la guerre. La reduction à l'inconscient du phénomène guerre*, Presses Universitaires de France, París 1964, 128 pp.

- Comunicación presentada en el XXV Congreso de Psicoanalistas de Lengua Románica, celebrado en Milán del 14 al 16 de mayo de 1964.
- Ampliado y traducido posteriormente. En italiano: *Psicoanalisi della guerra*, Feltrinelli, Milán 1966 (1970<sup>2</sup>, 1988<sup>3</sup>), 215 pp. En español: *Psicoanálisis de la guerra*, Siglo XXI Editores, México 1972, 286 pp. En inglés: *The Psychoanalysis of War*, Indiana University Press, Indianapolis 1975, 284 pp.



## 1970

**H3** Fausto Antonini, *L'homme furieux. L'agressivité collective*, Hachette, París 1970, 239 pp.

- Prefacio de Gaston Bouthoul, pp. 7-12 (v. **D7** y **G3**).
- Segundo volumen de la colección “Guerres et Paix” dirigida por G. Bouthoul.

## 1971

**H4** Giorgio Facchi, *Polemologia come scienza*, Loescher, Turín 1971, 144 pp.

## 1972

**H5** Domenico Novacco, *Gaston Bouthoul tra irenologi e polemologi*, A. Armando, Roma 1975, pp. [¿?].

## 1975

**H6** Prudencio García, *Ejército: presente y futuro. Ejército, polemología y paz*, Alianza Editorial, Madrid 1975, 245 pp.

- Libro galardonado con el *Premio Ejército 1974* en la categoría de libros inéditos.

## 2007

**H7** Myriam Klinger (Dir.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, París 2007, 260 pp.

- Esta obra recoge las contribuciones a la Jornada de estudios “Héritage et actualité de la polémologie”, celebrada el 2 de junio de 2006 en la universidad Marc Bloch de Estrasburgo (Laboratorio “Cultures et sociétés en Europe” e “Institut de Polémologie”).
- “Introduction” de M. Klinger, pp. 11-14.
- Tratan diversos aspectos de la obra de G. Bouthoul: M. Klinger (v. **I39**), Vicent Porteret (v. **I40**), François-Bernard Huyghe (v. **I41**) y Pascal Hintermayer (v. **I42**).

## 2009

**H8** *Empresas políticas*, nº 13, julio-diciembre de 2009, 183 pp.

- Número monográfico de la revista editada por la Sociedad de Estudios Políticos de la Región de Murcia dedicado al pensamiento polemológico de Gaston Bouthoul. Contribuciones de Piet Tommissen (v. **I45**), Myriam Klinger (v. **I39**), Jerónimo Molina (v. **I46**), Hervé Savon (v. **I47**), Vincent Porteret (v. **I40**), Pascal Hintermeyer (v. **I48**), Julien Freund (**I23**), Horario Cagni (v. **I49**) y Arcadi Oliveres (**I50**). Incluye la traducción de dos textos de Bouthoul: v. **C83** y **D6**.

**H9** Hall Gardner y Olef Kobtzeff (Ed.), *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, Ashgate, Farnham y Burlington (VT) 2012, 682 pp.

- Obra que pretende relanzar la polemología como especialidad multidisciplinar en el mundo anglosajón. Los editores rinden homenaje a Gaston Bouthoul, cuya obra es señalada en varios capítulos, particularmente en la introducción de los editores (v. **I53**) y en los capítulos 15 (v. **I54**) y 22 (v. **I55**).

## 2.2. Artículos (I)

### 1931

**I1** J.-H. Probst, “En lisant la thèse de M. Gaston Bouthoul sur l’auteur arabe des *Prolegomènes*”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 39, nº 9-10, septiembre-octubre 1931, pp. 530-534.

- V. **A4**

### 1935

**I2** José Tudela de la Orden, “La población en el mundo”, en *Revista de Occidente*, nº 143, mayo 1935, pp. 190-217.

- V. **A5**.

### 1947

**I3** Paul Vincent, “Guerre et population” en *Population*, II, nº 1, enero-marzo 1947, pp. 9-30.

**I4** Jean Bourdon, “Remarques sur les doctrines de la population depuis deux siècles” en *Population*, II, nº 3, julio-septiembre 1947, pp. 481-495.

**I5** Edmond Delage, “Une science nouvelle: la polémologie” en *Revue de Synthèse*, t. LXI, 1946-1947, pp. 9-14.

## 1958

**I6** André Maurois, “La causa profunda de las guerras” en *La Vanguardia española*, 27 de septiembre 1958, p. 9.

**I7** Paul Gérardot, “L’art de préparer la guerre”, en *Défense Nationale*, noviembre 1958, vol. XIV, pp. 1664-1682.

## 1962

**I8** Claude Delmas, “Réflexions sur la guerre”, en *Revue de Défense Nationale*, julio 1962, vol. XVIII, pp. 1185-1198.

**I9** Carlos Martínez de Campos, “La polemología. Visión histórica” en *ABC*, 19 de agosto 1962, p. 3.

- Primero de una serie de tres artículos completada por “La polemología. Visión contemporánea” en *ABC*, 2 de septiembre 1962, p. 3 y “La polemología. Visión futura” en *ABC*, 9 de septiembre 1962, p. 3.

## 1963

**I10** G. Crespy, “Le *phenomène guerre* de Gaston Bouthoul”, en *Études Théologiques et Religieuses*, XXXVIII, n° 3, 1963, pp. 45-54.

- *V. A18.*

## 1969

**I11** R. Carrère, “La guerre, cette inconnue. Découverte et avenir de la Polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 1, enero-marzo 1969, pp. 19-36.

## 1971

**I12** Emilio Serrano Villafañe, “Polemología o guerra”, en *Revista de Estudios Políticos*, n° 176-177, 1971, pp. 147-161.

**I13** Jean-Pierre Derriennic, “Tendances des recherches sur la paix”, en *Revue de Défense Nationale*, agosto-septiembre 1971, vol. XXVII, pp. 1290-1302.

## 1972

**I14** Peter Haggenmacher, “Pour avoir la paix, suffit-il de connaître la guerre?”, en *Journal de Genève*, 8 de marzo 1972, pp. 1 y 3.

## 1974

**I15** Isabelle Martin, “Suisse: Essai de Polémologie appliquée”, en *Journal de Genève*, 28 de septiembre 1974, p. 13.

## 1975

**I16** Abdelkader Djeghloul, “Ibn Khaldoun et la science sociale” en *Revue Algérienne des Sciences juridiques, économiques et sociales*, n° 12, 1975, pp. 463-526.

- Reproducido en Abdelkader Djeghloul, *Trois études sur Ibn Khaldoun*, Argel, ENAL, 1984, pp. 7 ss.

## 1976

**I17** Éric Muraise, “Polémologie et problématique mondiale. Rétrospective et prospective causales. (À propos du livre *Le défi de la guerre 1740-1974*)”, en *Études polémologiques*, n° 20-21, 1976, pp. 93-106.

- V. **B16**.

## 1977

**I18** Jean Baptiste Duroselle, “Vers un élargissement du concept de guerre. À propos des livres de G. Bouthoul, R. Carrère, *Le défi de la guerre*; J. Crapin, *La guerre civil mondiale*; P. Mayer, *Le monde rompu*; J. Freymond, *Guerre, révolutions, Croix Rouge*”, en *Relations Internationales*, n° 9, 1977, pp. 83-91.

- V. **B16**.

**I19** André Fontaine, “Gaston Bouthoul est mort”, en *Le monde*, 18 de diciembre 1980.

## 1978

**I20** Hervé Savon, “Désarmement démographique et structurel”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978, pp. 67-82.

## 1981

**I21** René Carrère, “Gaston Bouthoul, homme de vérité et de paix”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 21-24.

- Publicado también en *Journal de la Paix*, de la Section Française de *Pax Christi*, mayo 1981, pp. [¿?].

**I22** Julien Freund, “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et de la paix”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 25-39.

**I23** Julien Freund, “Le fond de la pensée de Gaston Bouthoul”, *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981, pp. 40-43.

- Publicado también en *Le Monde*, 6.VIII.1981, p. 2, con el título: “L’oeuvre de Gaston Bouthoul: *Si tu veux la paix, connais la guerre*”.
- Traducción española: “La obra de Gaston Bouthoul”, en Jerónimo Molina (Ed.), *Empresas políticas*, n° 13, pp. 97-98 (trad. J. M.). V. **H8**.

**I24** Paul M. G. Lévy, “Le pessimisme sociologique” en *Cahiers Vilfredo Pareto. Revue Européenne des Sciences Sociales*, vol. XIX, n° 54-55, 1981, pp. 317-323.

## 1982

**I25** Francisco Planells Boned, “¿Polemología? ¿Conflictología?”, en *Ejército. Revista de las Armas y Servicios*, vol. XLIII, n° 510, julio 1982, pp. 17-22.

## 1983

**I26** József Borgosz, “Polemology. A scholarly panacea for peace?”, en *Dialectics and Humanism*, n° 4, 1983, pp. 147-157.

## 1984

**I27** Miguel Alonso Baquer, “El estado actual de la polemología”, en *Ejército. Revista de las Armas y Servicios*, vol. XLV, n° 529, febrero 1984, p. 8.

- Fragmento del estudio preliminar del autor a la traducción española de la 2ª edición de **A11**, pp. 33-35.

## 1985

**I28** Jesús Salgado Alba, “El pacifismo científico (I)”, en *ABC*, 31 de julio 1985, p. 28.

- V. **I29**.

**I29** Jesús Salgado Alba, “El pacifismo científico (y II)”, en *ABC*, 1 de agosto 1985, p. 22.

- V. **I28**.

**I30** Manuel Monzón, “Pacifismo y antimilitarismo (y IV)”, en *ABC*, 5 de agosto 1985, p. 14.

- Último artículo de una serie de cuatro sobre las raíces pacifistas de la propaganda y las actitudes antimilitaristas. Las partes I, II y III en *ABC*, 3 y 24 de junio y 8 de julio 1985.

## 1989

**I31** Mario Alcaro, “Gaston Bouthoul e l’Institut Français de Polémologie”, en *Giano*, n° 2, mayo-agosto 1989, pp. 109-114.

## 1991

**I32** Pierre Servent, “Les conflits armés dans l’oeuvre de Gaston Bouthoul. Actualité de l’*homo furiosus*”, en *Le monde*, 23 de enero 1991, p. [¿?].

**I33** Daniel Hermant, « Voyages aux sources de la polémologie », en *Stratégique*, n° 56, 1992/4.

## 1995

**I34** Claude Le Borgne, “La guerre et le nombre”, en *Défense Nationale*, febrero 1995, vol. LI, pp. 51-61.

**2000**

**I35** Francisco Javier Franco Suanzes, “Gaston Bouthoul. La guerra como función social”, en *Cuadernos de Estrategia*, nº 111, 2000, pp. 57-91.

- Monográfico “Ideas sobre prevención de conflictos” con textos sobre teoría del conflicto, Erns Jünger, Gaston Bouthoul, Norberto Bobbio, Johan Galtung, Noam Chomsky y Henry Kissinger. Elaborado por un Grupo de trabajo coordinado por Miguel Alonso Baquer e integrado por Luis Dorrnazorero Manzano, Francisco Javier Franco Suanzes, Juan Andrés Toledano, Vicente Hueso García, José Luis Calvo Albero, José María Romero Serrano y José Enrique Fojón Lagoa.

**2002**

**I36** Frédéric Coste, “Gaston Bouthoul et la polémologie”, en *Les Champs de Mars*, nº 12, 2º semestre 2002, pp. 9-30.

- *Les Champs de Mars*, editada por el “Centre d’études en sciences sociales de la défense” (= C2SD), reunió en los núm. 10 (2º sem., 2001) y 12 las contribuciones de diversos investigadores al seminario “Jeunes-Chercheurs”, organizado por el mencionado centro de estudios, dependiente del Ministerio de Defensa, durante el año académico 2000-2001. El curso estuvo dedicado a los precursores franceses de la sociología militar. En el volumen de 2001 se recogen estudios sobre Saint-Simon y Comte, Durkheim, Augustin Hamon, Jean Jaurès y Duguit. En el de 2002 se encuentran además del texto sobre G. Bouthoul, otros sobre Pierre Naville y Pierre Clastres. F. Coste presenta en estas páginas los objetivos de la polemología de Bouthoul, destaca el valor de su aproximación multidisciplinar a su objeto de estudio y concluye señalando que la escuela de Bouthoul no ha tenido continuadores.

**2006**

**I37** Myriam Klinger, “Dix années d’Études Polémologiques. La mise en œuvre du projet scientifique de Gaston Bouthoul”, en *Revue de Sciences Sociales*, nº 35, 2006, pp. 14-21.

- Monográfico sobre el tema *Nouvelles figures de la guerre* dirigido por Pascal Hintermeyer y Patrick Schmoll.

**I38** François-Bernard Huyghe, “Vie et mort d’une discipline: la polémologie”, en *Médium*, n° 9, octobre-diciembre 2006, pp. 85-97.

## 2007

**I39** M. Klinger, “*Études polémologiques* (1917-1990): vicisitudes de la revue de l’Institut français de Polémologie”, en M. Klinger (Dir.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, Paris 2007, pp. 27-44.

- Traducción española: “La revista *Études Polémologiques* (1971-1990)”, en *Empresas Políticas*, VIII, n° 13, 2009, pp. 33-47 (trad. de Elena Macías Otón). V. **H8**.
- V. **H7**.

**I40** Vicent Porteret, “Lire le *Traité de polémologie* à l’heure du temps de crise et du primat de la sécurité”, en M. Klinger (Dir.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, Paris 2007, pp. 45-54.

- Traducción española: “El *Tratado de polemología* de Gaston Bouthoul y el análisis sociológico de las guerras”, en *Empresas políticas*, vol. VIII, n° 13, 2009, pp. 83-90 (trad. de Elena Macías Otón). V. **H8**.
- V. **H7**.

**I41** François-Bernard Huyghe, “Polémologie: forces et signes”, en M. Klinger (Dir.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, Paris 2007, pp. 101-112.

- V. **H7**.

**I42** Pascal Hintermayer, “Actualité de la polémologie”, en M. Klinger (Dir.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, Paris 2007, pp. 235-245.

- Una versión resumida en: “L’avenir de la polémologie”, en *Défense*, n° 134, julio-agosto de 2008, p. 134.
- V. **H7**.

**I43** “Gaston Bouthoul y la polemología”, en *Anuario Filosófico* (Pamplona), vol. IL/1, 2007, pp. 187-201.

- Este artículo, con ligeras variaciones, ha sido reproducido y traducido en varias ocasiones: “Gaston Bouthoul. En conmemoración de un pionero de la polemología”, en *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n° 119, julio-septiembre 2007, pp. 117-128.; “Gaston Bouthoul et la polémologie”, en *Nouvelle École*, n° 57, 2007, pp. 118-126 [traducción de



Michel Lhomme]; “El polemólogo Gaston Bouthoul”, en Horacio Cagni (Ed.), *Conflicto, tecnología y sociedad*. Lomas de Zamora, Universidad Nacional de Lomas de Zamora, 2009, pp. 55-64; “La guerra o la paz”, en *Ciudad de los Césares* (Santiago de Chile), n° 89, julio-agosto 2010, pp. 7-14.

### 2009

**I44** Jerónimo Molina, “Gaston Bouthoul, economista, demógrafo y polemólogo. Notas para una biografía”, en *Empresas Políticas*, vol. VII, n° 10/11, enero-junio/julio-diciembre de 2008, pp. 269-273.

- V. **H8**.

**I45** Piet Tommissen, “En torno a la polemología”, en *Empresas Políticas*, vol. VIII, n° 13, 2009, pp. 21-23.

- Traducción de J. M.
- V. **H8**.

**I46** Jerónimo Molina, “*Excerpta Bibliographica Gasconii Bouthoul*”, en *Empresas Políticas*, vol. VIII, n° 13, 2009, pp. 49-77.

- V. **H8**.

**I47** Hervé Savon, “La lección del libro VII de la *Eneida*. (Una carta)”, en *Empresas Políticas*, vol. VIII, n° 13, 2009, pp. 81-82.

- V. **H8**.

**I48** Pascal Hintermeyer, “Polemologie und die Konstruktion des Feindes”, en Reinhard Johler, Freddy Raphael, Claudia Schlager y Patrick Schmoll (Ed.), *Zwischen Krieg und Frieden. Die Konstruktion des Feindes. Eine deutsch-französische Tagung*. TVV-Verlag, Tübinga 2009, (369 pp.) pp. 35-44.

- Colección “Studien und Materialien des Ludwig-Uhland-Instituts der Universität Tübingen”, n° 37. Contribución del autor a los XXII Encuentros Strasbourg-Tübingen, celebrado en la universidad de Tübinga el 6 de noviembre de 2005.
- Traducción española: “La polemología y la construcción del enemigo”, en *Empresas Políticas*, vol. VIII, n° 13, 2009, pp. 91-96 (trad. de Jesús A. Guillamón Ayala). V. **H8**.

**I49** Horacio Cagni, “Presencia de Gaston Bouthoul en la Argentina”, en *Empresas Políticas*, vol. VIII, nº 13, 2009, pp. 99-105.

- V. H8.

**I50** Arcadi Oliveres, “Apuntes sobre el *Instituto Victor Seix de Polemología*”, en *Empresas Políticas*, vol. VIII, nº 13, 2009, pp. 107-108.

- V. H8.

## 2010

**I51** Georges-Elia Sarfati, “De la sociologie des guerres (Bouthoul) à la sociologie du conflit (Freund). Quelques remarques sur une dette intellectuelle méconnue”, en Gil Delannoi, Pascal Hintermeyer, Philippe Raynaud y Pierre-André Taguieff (Dir.), *Julien Freund, la dynamique des conflits*, Berg International Éditeurs, París 2010, pp. 37-45.

- Actas del coloquio celebrado en la Université des Sciences Humaines de Estrasburgo el 11 y el 12 de marzo de 2010.

## 2012

**I52** Guillaume Montagnon, “Trente ans d’oubli”, en *Études polémologiques*, nº 53, 2012, pp. 9-14.

**I53** Hall Gardner y Oleg Kobtzeff, “General Introduction: Polemology”, en H. Gardner y O. Kobtzeff, *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, Ashgate, Farnham y Burlington (VT) 2012, pp. 1-31.

- V. H9.

**I54** Oleg Kobtzeff, “Age of Progress or ‘Age of Extremes’?: The Escalation of Warfare in Modern Times and the Nature of his Mutation”, en H. Gardner y O. Kobtzeff, *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, Ashgate, Farnham y Burlington (VT) 2012, pp. 99-130.

- V. H9.

**I55** Ben Cramer, “Wars and Climate: The Effects of Climatic Change on Security”, en H. Gardner y O. Kobtzeff, *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, Ashgate, Farnham y Burlington (VT) 2012, pp. 473-490.

- V. H9.

## 2013

**I56** Jerónimo Molina, “Gaston Bouthoul e il fenómeno guerra”, en *Rivista di Politica*, 3/2013, pp. 41-50.

- Trad. francesa (de M. Lhomme): “Gaston Bouthoul, sociologue de la guerre et fondateur de la polémologie”, en *Krisis*, nº 39, 2013, pp. 166-181.
- Trad. española: “Gaston Bouthoul y el fenómeno-guerra”, en P. Sánchez Garrido y C. Martínez-Sicluna (Ed.), *Miradas liberales. Análisis político en la Europa del siglo XX*, Biblioteca Nueva, Madrid 2014, pp. 83-98. Reproducido con el mismo título y cambios menores en *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, nº 109, julio-diciembre 2014, pp. 197-224.

**I57** (s. f.) “*Se vuoi la pace, conosci la guerra. Gaston Bouthoul e l’invenzione della polemologia*”, en *Rivista di Politica*, nº 3, 2013, pp. 37-38.

**I58** Paris Alejandro Cabello Tijerina, “La polemología: una contribución a la cultura de la paz”, en *Revista Mexicana Statum Rei Romanae de Derecho Administrativo*, vol. III, nº 11, julio-diciembre 2013, pp. 261-276.

## 2014

**I59** Antony Dabila, “La guerre, objet sociologique”, en *Res Militaris. Revue Européenne d’Études Militaires*, vol. 4, nº 2, verano-otoño 2014 (18 pp.).

- [<http://resmilitaris.net/index.php?ID=1019021>].

## 2.3. Voces de diccionarios y otras noticias biográficas (J)

## 1959

**J1** Heinz Maus, “Bouthoul, Gaston”, en Wilhelm Bernsdorf y Horst Knospe (Ed.), *Internationales Soziologen Lexikon*, Ferdinand Enke, Stuttgart 1956 (622 pp.), p. 62.

- Voz actualizada (en esta ocasión en coautoría: Heinz Maus y Hans Leo Krämer) para la 2ª edición ampliada de la obra: Wilhelm Bernsdorf y Horst Knospe (Ed.), *Internationales Soziologen Lexikon. Band 2. Beiträge über lebende oder nach 1969 verstorbene Soziologen*, Enke, Stuttgart 1984, p. 99.

## 1970

**J2** Jean Duvignaud, “Gaston Bouthoul (notice)”, en *Anthologie des sociologues français contemporains*, P. U. F., París 1970, pp. 232-233.

- A continuación (pp. 233-234) recoge el antologuista unos párrafos de *Avoir la paix* (**A22**, pp. 243-244 y 247-248 y no, como se indica por error, 297-298).

## 1975

**J3** B. V., “Polémologie”, en *La Grande Encyclopedie*, Larousse, París 1975, t. XVI, pp. 8722-8723.

- Artículo basado en *Le phénomène guerre* (**A18**) de G. Bouthoul.

## 1981

**J4** Hervé Savon, “Gaston Bouthoul 1869-1980”, en *Universalía 1981. Les événements, les hommes, les problèmes en 1980*, Encyclopaedia Universalis, París 1981, pp. 537-538.

## 2000

**J5** René Carrère, “Bouthoul, Gaston, 1896-1980”, en Thierry de Montbrial y Jean Klein (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, P. U. F., París 2000, (XVI + 604 pp.) pp. 68-69.

- Colección “Grands Dictionnaires”.
- 2ª edición: P. U. F., París 2006, (XVI + 604 pp.), pp. 68-69, colección “Quadrige Dicos Poche”.

## 2010

**J6** Jerónimo Molina, “Bouthoul, Gaston”, en Nigel Young (Editor in Chief), *The International Encyclopedia of Peace*, Oxford University Press, Nueva York 2010, vol. I, pp. 200-201.

## 2.4. Tesis doctorales, tesis de máster, tesinas universitarias (K)

1981

**K1** [Mmlle] Gouedard, *La polémologie et Gaston Bouthoul*, Nanterre, 1981, pp. ¿?

- Tesis DEA elaborada en el Institute de Politique Internationales et Européenne (IEIP) de la universidad París X-Nanterre.

2010

**K2** Guillaume Montagnon, *Genèse de la polémologie*, Lyon, 2010, 94 pp.

- Tesis de fin de máster (“Securité internationale et défense”), dirigida por David Cumin y defendida en septiembre de 2010 en la facultad de derecho de la universidad Jean Moulin-Lyon III.

2012

**K3** París Alejandro Cabello Tijerina, *La mediación como Política social aplicada al fortalecimiento de la cultura de paz en México y en España*, Murcia 2012, 326 pp.

- Tesis doctoral (“doctorado en intervención social y mediación”) dirigida por Jerónimo Molina Cano y defendida en la Facultad de Trabajo Social de la universidad de Murcia el 9 de julio de 2012. Calificación: Apto.
- El autor, profesor de la universidad de Nuevo León (México), aplica categorías polemológicas a la “cultura de paz”. Dedicar un apartado a la polemología de G. Bouthoul (pp. 273-283). El Dr. Cabello prepara una edición mexicana del *Tratado de polemología* a partir de la traducción española de Ediciones Ejército (v. **A11**).
- [<https://digitum.um.es/jspui/handle/10201/28093>].

2017

**K4** Jerónimo Molina, *La polemología o la guerra; el pensamiento polemológico de Gaston Bouthoul*, Coímbra, 2017, pp. XXII + 486 pp.

- Tesis doctoral dirigida por Alexandre Franco de Sá e inscrita en el programa de “Ética y política” del área de Filosofía de la Facultad de Letras de la universidad de Coímbra.

**Bibliografia general citada**



## A

ABENJALDÚN, *Les Prolegomènes d'Ibn Khaldoun traduits en français et commentés par M. de Slane*, 3 t., Imprimerie Impériale, Paris 1863, 1865, 1868.

ID., *Le voyage d'Occident et d'Orient. Autobiographie*, traducida del árabe y presentada por CHEDDADI, A., Actes Sud, Arles 2006.

AFTALION, A., *L'oeuvre économique de Sismonde de Sismondi*, Pédone, Paris 1899.

ID., *Les crises périodiques de surproduction*, 2 t, Paris, Marcel Rivière, 1913.

AGERON, C.-R., *France coloniale ou parti colonial?*, P. U. F., Paris 1978.

ID., "L'Exposition Coloniale de 1931. Mythe républicain ou mythe impérial?", en Nora, P. (Ed.), *Les lieux de la mémoire. La République*, Gallimard, Paris 1984.

*Akten des XVIII. Internationalen Soziologenkongresses (Nürnberg, 10. bis 17. [sic] September 1958)*, Verlag Anton Hain KG, Meisenheim am Blan 1961.

ALBERT-PETIT, A., "L'Histoire", en *La Revue de Paris*, vol. LXII, n° 12, 15 de junio 1935.

ALCIATO, A., *Emblematum liber*, Heinrich Steyner, Ausburgo 1531 ([http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm18\\_A1r](http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm18_A1r)).

ALLEN, Nick J., "Mauss Marcel, 1872-1950", en BORLANI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.

ALTAMIRA, R., "Notas sobre la doctrina histórica de Abenjaldún", en SAAVEDRA, E. (Ed.), *Estudios de erudición oriental. Homenaje a D. Francisco Codera en su jubilación del profesorado*.

ANGELL, N., *Europe's Optical Illusion*, Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent and Co. Ltd., Londres 1909.

*Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. IV, 1898.

*Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. X, 1904.

*Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928.

ANNEQUIN, J.-L., "Activités de l'Institut Français de Polémologie (octubre 1977 à décembre 1978)", en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre de 1978.

*Annuaire Général des Lettres*, 1931.

[ANÓN.], *Essai sur la philosophie de la guerre. Événements de 1870-1871*, Amyot Éditeur, Paris 1872.

[ANÓN.], "Liste de membres de l'Institut par ordre alphabétique au 5 octobre 1927", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XV, 1928.



[ANÓN.,] “Le Xe Congrès de l’Institut International de Sociologie”, en *Bulletin de Coopération Intellectuelle*, n° 2, 1931.

[ANÓN.,] “Livres nouveaux”, en [*Supplément de la*] *Revue de Métaphysique et de Morale*, año XL, octubre-diciembre 1933, suplem. n° 4.

[ANÓN.,] *Les Cahiers de l’Union Européenne*, n° 6, octubre-diciembre 1933, p. 27.

[ANÓN.,] *L’Univers Israélite. Journal des principes conservateurs du judaïsme*, 7 de mayo de 1937, pp. 549-550.

[ANÓN.,] *Français d’Outre-Mer. Des Croisades à Lyauté*, Plon, París 1942.

[ANÓN.,] “Deux disparitions”, en *Journal de Genève*, 19 de diciembre 1980.

[ANÓN.,] “La Fondation Louise Weiss et ses Prix”, en LECLANT, J. ET AL., *Louisse Weiss l’europpéenne*.

ANTONIO, W. V. d’, “Sociology and the IIS: searching for identity through a century of growth, ambivalence and changing opportunities”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, 4 (nueva serie), 1994.

ANTONISCH, M., “Eurafrica, dottrina Monreio del Fascismo”, en *Limes. Rivista Italiana di Geopolitica*, n° 3, 1997.

ARAÚJO, O., *Sociología de la guerra*, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Montevideo, Montevideo 1957.

ARDANT DU PICQ, C., *Études sur le combat dans l’antiquité et les temps modernes*, Hachette, París 1880.

ARENDT, H., *La condición humana*, Paidós, Barcelona 1996.

ID., *Eichmann en Jerusalén. Un estudio sobre la banalidad del mal*, Lumen, Barcelona 2003.

ARNAUD, A.-J., *Les juristes face à la société du 19e siècle à nos jours*, P. U. F., París 1975.

ARON, R., *La sociologie allemande contemporaine*, Félix Alcan, París 1935.

ID., *Le grand schisme*, Gallimard, París 1948.

ID., *Les guerres en chaîne*, Gallimard, París 1951.

ID., *Polémiques*, Gallimard, París 1955.

ID., *La tragédie algérienne*, Plon, París 1957.

ID., *La société industrielle et la guerre*, Plon, París 1959.

ID., *Dix-huit leçons sur la société industrielle*, Gallimard, París 1970

ID., *Études politiques*, Gallimard, París 1972.

ID., *La lutte de clases. Nouvelles leçons sur la société industrielle*, Gallimard, París 1975.

ID., *Plaidoyer pour l’Europe décadente*, Robert Laffont, París 1977.

ID., *Mémoires. 50 ans de réflexion politique*, Julliard, París 1983.

ID., *Estudios sociológicos*, Espasa-Calpe, Madrid 1989.

ID., *Chroniques de guerre. La France Libre, 1940-1945*, Gallimard, París 1990.

ID., *Démocratie et totalitarisme*, Gallimard, París 1992.

ID., *Machiavel et les tyrannies modernes*, Le Livre de Poche, París 1995.

ID., *Introduction à la philosophie politique*, Le Livre de Poche, París 1997.

- ID., *Paix et guerre entre les nations*, Calmann-Lévy, París 2004.
- ID., *Les étapes de la pensée sociologique*, Gallimard, París 2016.
- ARSUAGA, J. L., *El collar del neandertal*, Nuevas Ediciones de Bolsillo, Barcelona 2000.
- ASPE-FLEURIMONT, L., “La colonisation française”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. X, nº 8-9, agosto-septiembre 1902.
- ASSAN, V., “Israël William Oualid, juriste, économiste, professeur des universités”, en *Archives Juives*, vol. 46, nº 1, 2013.
- AUDIER, S., *Le colloque Lippmann. Aux origines du ‘néo-libéralisme’*, Le Bord de l’Eau, París 2012.
- AYAD, K., *Die Gesichts- und Gesellschaftslehre Ibn Haldūns*, 2tes. Heft der Forschungen zur Gesichts- und Gesellschaftslehre, Stuttgart y Berlín, Cotta, 1930.
- AYALA, F., *Tratado de sociología*, Losada, Buenos Aires 1947, 3 t.
- AZNAR, S., *La institución de la familia vista por un demógrafo*, C. I. S./B. O. E., Madrid 2008.

## B

- BADOUÏ, R., “Guerre et sociologie du risque”, en *Cahiers Internationaux de Sociologie*, nº 114, 2003.
- BAECHLER, J., “Éléments de sociologie de la guerre”, en *Res Militaris*, vol. I, nº 1, otoño 2010.
- ID., “La guerre comme concept”, en BAECHLER, J. y HOLEINDRE, J.-V., *Guerre et politique*.
- BAECHLER, J. y HOLEINDRE, J.-V., *Guerre et politique*, Hermann, París 2014.
- BAINVILLE, J., *Histoire de deux peuples. La France e l’Empire Allemand*, Nouvelle Librairie Nationale, París 1925.
- BANINE, *J’ai choisi l’opium*, Stock, París 1959
- ID., *Jours caucasiens* (1945), Gris banal, Montpellier 1985.
- ID., *Ernst Jünger aux faces multiples*, L’Age d’Homme, Lausana 1989.
- ID., *Jours parisiens*, Gris banal, Montpellier 1990.
- BARBIN, P., *La Cinémathèque française 1936-1986. Inventaire et légendes*, Librairie Vuibert, París 2005.
- BARDIÈS, L., “Du concept de spécificité militaire”, en *L’Année Sociologique*, vol. 61, nº 2, 2011.
- BASTIAT, F., *Les harmonies économiques*, en *Oeuvres complètes*, Guillaumin, París 1864, t. 6.
- BATAILLE, G., *La part maudite*, Les Éditions du Minuit, París 2014.
- BAUDENEAU, J. y BÉGUÉ, C. (Ed.), *Dictionnaire de la Langue Française*, Encyclopaedia Britannica France, París 1996.
- BAUMER, G., *Les centres indigènes extracontumiers au Congo Belge*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1939.
- BAVEREZ, N., *La France qui tombe*, Perrin, París 2003.
- BEAUCHARD, J., *La dynamique conflictuelle. Comprendre et conduire les conflits*, Réseaux, París 1981.
- BEAUDEMOULIN, L.-A., *La guerre s’en va*, Pichon-Lamy et Dewez, París 1869.

- BÉJIN, A., “Arsène Dumont et la capillarité sociale”, en *Population*, vol. XLIV, n° 6, noviembre-diciembre 1898.
- ID., “Dumont Arsène, 1849-1902”, en BOLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- BELTRÁN FLÓREZ, L., *Historia del pensamiento económico*, Teide, Barcelona 1961.
- BENOIST, A. de, *Dernière année. Notes pour conclure le siècle*, L’Age d’Homme, Lausana 2001.
- ID., *Édouard Berth ou le socialisme heroïque. Sorel, Maurras, Lénine*, Pardès, Grez-sur-Loing 2013.
- BERGSON, H., *L’évolution créatrice*, P. U. F., París 1991.
- ID., *Les deux sources de la morale et de la religion*, Flammarion, París 2012.
- BERNARD, L. L., “Intérêt des relations internationales pour les sociologues de l’Amérique du nord”, en *Annales de l’Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932
- ID., “La sociología sistemática de Mariano H. Cornejo”, en *Revista Mexicana de Sociología*, vol. 4, n° 2, mayo-agosto 1942.
- BERNHARDI, F. VON, *L’Allemagne et la prochaine guerre*, Éditions du Trident, París 1989.
- BERNSDORF, W. y KNOSPE, H. (Ed.), *Internationales Soziologen Lexikon*, Ferdinand Enke, Stuttgart 1956.
- BERTAUT, M., *Le droit coutumier des Boulous: monographie d’une tribu du Sud-Cameroun*, F. Loviton, París, 1935.
- BERTILLON, J., “Le problème de la dépopulation: Le Programme de l’Alliance National pour l’Acroissement de la Population Française”, en *Revue Politique et Parlementaire*, año 4°, t. XII, abril-junio de 1897.
- ID., *La dépopulation de la France. Ses conséquences, ses causes, mesures à prendre pour la combattre*, París, Félix Alcan 1911.
- BERTIN, C., *Louise Weiss*, Albin Michel, París 1999.
- BIBLIOTHÈQUE NATIONALE, *Léon Pierre-Quint*, B. N., París 1981.
- BIGO, D., “La conflictualité à travers l’analyse de la banque de données de l’Institut Français de Polémologique”, en HERMANT, D. y BIGO, D. (Ed.), *Approches Polémologiques. Conflits et violence dans le monde au tournant des années quatre-ving-dix*.
- BLAINÉY, G., *Causes of War*, The Free Press, Nueva York 1973.
- BLANC, L., *Organisation du travail*, Bureau de l’Industrie Fraternelle, París 1847.
- BLANCHARD, P., Lemaire, S. y Bancel, N. (Ed.), *Culture coloniale en France: de la Révolution Française à nos jours*, C. N. R. S., París 2008.
- BLONDEL, C., *Introduction à la psychologie collective*, Armand Colin, París 1964.
- BLONDIAUX, L., “Comment rompre avec Durkheim? Jean Stœtzel et la sociologie française de l’après-guerre (1945-1958)”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXII, n° 3, 1991.
- BODART, G., *Losses of Life in Modern Wars. Austria-Hungary. France*, Clarendon Press, Oxford 1916.
- BODART, G. (Ed.), *Militär-historisches Krieges-Lexikon (1618-1905)*, C. W. Stern, Viena y Leipzig 1908.
- BOËNE, B., *Les sciences sociales, la guerre et l’armée. Objets, approches, perspectives*, P. U. P. S., París 2014.
- BOISSE DE BLACK, J., “La Bourse de Paris et les valeurs coloniales”, en *Revue d’Afrique*, n° 5, 1929.

- ID., “La balance commerciale de la France et des pays voisins”, en *Revue d’Afrique*, n° 7, 1930.
- ID., “Les causes de la crise économique actuelle”, en *Revue d’Afrique*, n° 8, 1931.
- ID., “Les richesses forestières de l’Afrique et la situation mondiale des bois”, en *Revue d’Afrique*, n° 9, 1932.
- ID., “L’ascension de l’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 10, 1932.
- BON, G. le, *Psychologie des foules*, P. U. F., París 2014.
- BONNEFONT, P., “De l’École Coloniale à l’École Nationale de la France d’Outre-Mer”, en *Enquête sur l’Histoire*, n° 8, otoño 1993.
- BORDAS, H. de, “Éditorial”, en *Études Polémologiques*, n° 24, 1981.
- BORLANDI, M., “Duprat Guillaume-Léonce, 1872-1956”, en BORLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- ID., “Institut International de Sociologie”, en BORLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- BORREL, G. P., *Le code des 305 articles de Madagascar*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1931.
- BOURDEAU, J., “La guerre et la paix d’après les prévisions des sociologues”, en *Revue Politique et Parlementaire*, vol. CIV, julio-septiembre 1920.
- BORLANDI, M., “Richard Gaston, 1860-1945”, en BORLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- BORLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*, P. U. F., París 2005.
- BÖSE, F., *Geschichte des Vereins für Socialpolitik, 1872-1932*, Duncker u. Humblot, Berlín 1939.
- BOUGLÉ, C., *Qu’est-ce que la sociologie?*, Félix Alcan, París 1907.
- ID., “Comment étudier la sociologie à Paris?”, en *Annales de l’Université de París*, n° 2, 1927.
- ID., *Bilan de la sociologie française contemporaine*, Félix Alcan, París 1935.
- BOUILLIÉ, R. *Les coutumes familiales au Kanem*, F. Loviton, París 1937.
- BOURDIEU, P., *Homo academicus*, Éditions du Minuit, París 1984.
- BOURGEOIS-PICHAT, J., “Évolution générale de la population française depuis le XVIIIe siècle”, en *Population*, vol. VI, n° 4, octobre-diciembre 1952.
- ID., “Note sur l’évolution générale de la population française depuis le XVIIIe siècle”, en *Population*, vol VII, n° 2, abril-junio 1952.
- BOUTHOU, B., v. HELFENBEIN, B.
- BRAS, G. le, RANDAU, R. y SAINTYVES, P., *Le Folklore juridique. Conférences 1932*, Faculté de Droit de Paris, Salle de Travail d’Ethnologie Juridique / F. Loviton, París 1932.
- BRECKE, P. K., *Violents Conflicts 1400 AD to the Present in different Regions of the World* (<http://www.cgeh.nl/data#conflict>).
- BRET, P. y PAJONK, G. (Ed.), *Savants et inventeurs entre la gloire et l’oubli*, C. T. H. S., París 2014.
- BRINTON, C., *Anatomía de la revolución*, F. C. E., México 1942.
- BRUNHES, J., “Émile Levasseur”, en *The Geographical Journal*, vol. 38, n° 4, octubre 1911.

BRUNSCHVIG, H., « Le parti colonial française », en *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. XLVI, n° 162, enero-marzo 1959.

BUELA, A., *Metapolítica y filosofía*, Ediciones Theoria, Buenos Aires 2008.

BULLÓN DE MENDOZA, A. y TOGORES, L. E. (Ed.), *La República y la Guerra Civil. Setenta años después*, Actas Editorial, Madrid 2008.

ID., *La otra memoria*, Actas Editorial, Madrid 2011.

BUQUET, L., *L'optimum de population*, P. U. F., París 1956.

## C

*Cahiers Lillois d'Économie et de Sociologie*, n° 39, 2003.

CAILLOIS, R., *L'homme et le sacré*, Gallimard, París 1985.

ID., *Bellone ou la pente de la guerre*, Flammarion, París 2012.

CALLÈDE, J.-P., *La sociologie française et la pratique sportive (1875-2005)*, M. S. H. A., Pessac 2007.

ID., *Sociologie des jeux, des sports et de l'éducation physique. L'apport des classiques français (1890-1930)*, Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, Pressac 2010.

ID., “La problématique du ‘contact’ et l'enjeu du corps en situation colonial selon René Maunier”, en *Hommes et migrations*, n° 1289, enero-febrero 2011

ID., “L'enseignement de la sociologie à la faculté des lettres de Bordeaux (1930-1946). Du déclin de la discipline à sa dislocation provisoire?”, en *Anamnese*, n° 7, 2012.

ID., “L'autre école bordelaise de sociologie (1880-1939): Essai d'explication des mécanismes et des facteurs de l'oubli”, en BRET, P. y PAJONK, G. (Ed.), *Savants et inventeurs entre la gloire et l'oubli*.

CAMPI, A. y LUCA, S. de (Ed.), *Il realismo politico. Figure, concetti, prospettive di ricerca*, Rubbettino, Soveria Mannelli 2014.

CAMUS, R., *Le Grand Remplacement*, Chez L'Auteur, Plieux 2015.

CANETTI, E., *Masa y poder*, Debolsillo, Barcelona 2014.

CANTILLON, R., *Ensayo sobre la naturaleza del comercio en general*, F. C. E., México 1978.

CARRÉ, O., “À propos de la sociologie politique d'Ibn Khaldoun”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. 14, n° 1, enero 1973.

CARRÈRE, R., “Présence de l'IFP en République Fédérale Allemande”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2.

ID., “La guerre, cette inconnue. Découverte et avenir de la Polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 11, 1969/1.

ID., “Une interprétation polémologique”, en *Études Polémologiques*, n° 2, octobre 1971.

ID., “L'Institut Français de Polémologie et ses activités”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril de 1974.

ID., “Position et devoirs de la polémologie”, en *Études Polémologiques*, n° 14, octobre 1974.

- ID., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (juillet 1974-août 1975)”, en *Études Polémologiques*, n° 18, octobre de 1975.
- ID., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (juillet 1975-juin 1976)”, en *Études Polémologiques*, n° 20-21, abril-julio de 1976.
- ID., “Polémologie”, en MONTBRIAL, Th. y KLEIN, J. (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*.
- CASATA, F. “Un’internazionale di destra: l’Institut International de Sociologie (1950-1970)”, en *Studi Storici. Rivista Trimestrale dell’Istituto Gramsci*, año 46, n° 2, abril-junio 2005.
- CASTELLANO, V., “Notre 100e anniversaire: un peu d’histoire, beaucoup de problèmes”, en *International Review of Sociology*, vol. 3, n° 1, 1992.
- CENTRE DE SOCIOLOGIE DE LA GUERRE, *La paix para la recherche scientifique. Études de sociologie de la guerre*, Éditions de l’Institut de Sociologie, Bruselas 1969.
- ID., *Le nationalisme, facteur belligène*, Bruselas, Éditions de l’Institut de Sociologie, 1971.
- CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE, *Trésor de la langue française. Dictionnaire de la langue du XIXe et du XXe siècle (1789-1960)*, Gallimard, París 1988, 16 t.
- CERASE, F. P. y VAROTTI, A., “L’Institut International de Sociologie 1893-1926: fatti e tendenze. (I) del 1893 al 1926”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. V, n° 2, 1969.
- CHAUNU, P., *Le temps des Réformes. Histoire religieuse et système de civilisation. La crise de la chrétienté. L’éclatement (1250-1550)*, Fayard, París 1975.
- CHAUPRADE, A. y THUAL, F., *Dictionnaire de géopolitique. États, concepts, auteurs*, Ellipses, París 1999.
- CHERKAOUI, M. (Ed.), *Histoire et théorie des sciences sociales. Mélanges en l’honneur de Giovanni Busino*, Librairie Droz, Ginebra 2003.
- CHESNAY, J.-C., “Sauvy Alfred, 1898-1990”, en BORLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- CHILLAUD, M., “International Relations in France: The usual Suspects in a French scientific Field of Study?”, en *European Political Science*, n° 8, 2009.
- CHURCHILL, W. S., *Europa Unida. Dieciocho discursos y una carta*, Ediciones Encuentro, Madrid 2016.
- OLIVEIRA SALAZAR, A. de, *Como se levanta um estado*, Atomic Books, Lisboa 2007.
- CIOLI, L., *Histoire économique depuis l’Antiquité à nos jours*, Payot, París 1938.
- CLARK, C., *Las condiciones del progreso económico*, Alianza Editorial, Madrid 1971, 2 t.
- CLARK, T. N., *Prophets and Patrons: The French University and the Emergence of the Social Sciences*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1973.
- CLASTRES, P., *Investigaciones antropológicas*, Gedisa, México 1987.
- CLAUSEWITZ, C. von, *Vom Kriege*, en CLAUSEWITZ, C. von, *Sämtliche hinterlassenen Werke über Krieg und Kriegführung*, Mundus Verlag, 1991, t. I.
- COHEN, B. W., *Rulers of Empire: the French Colonial Service in Africa*, Hoover Institution Press / Stanford University, Stanford 1971.
- COHEN-HADRIA, É., “Les milieux juifs de Tunisie avant 1914 vus para un témoin”, en *Le Mouvement social*, n° 60, julio-septiembre 1967.
- ID., *Du protectorat français a l’indépendance tunisienne, souvenirs d’un témoin socialiste*, Centre de la Méditerranée Moderne et Contemporaine, Niza 1976.

COLLANTES GUTIÉRREZ, F., “Malthus: un economista convertido en demógrafo por aclamación popular”, en *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, nº 101, enero-marzo 2003.

COLLÈGE DE FRANCE, “Le Collège de France. Quelques données sur son histoire et son caractère propre (II)”, en *Cours et travaux du Collège de France*, vol. CIX, marzo 2010.

COLOSIO, S., “Contribution à l'étude d'Ibn Khaldoun”, en *Revue du Monde Musulman*, t. XXVI, 1914.

COMITÉ D'ÉTUDES DE DÉFENSE NATIONALE, *Lucien Poirier: théoricien de la stratégie. Dans la RDN (1968-2009)* (<http://es.calameo.com/read/00055811529c6a31a6991>).

COMTE, A., *Cours de philosophie positive*, Bachelier, París 1842, t. VI.

ID., *Cours de philosophie positive*, Schleicher Frères, París 1908, t. IV.

CONFÉRENCE ÉCONOMIQUE DE LA FRANCE MÉTROPOLITAINE ET D'OUTRE-MER, *Rapports généraux et conclusions d'ensemble*, Larose Éditeurs, París 1935, 2 t.

CONGRÈS INTERNATIONAL DE LA POPULATION, *Actes du Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. I: *Théorie générale de la population* y t. VIII: *Problèmes qualitatifs de la population*, París, Hermann et Cie. Éditeurs, 1938.

CONSTANTIN, A., *Le rôle sociologique de la guerre et le sentiment national*, Félix Alcan, París 1907.

COQUERY-VIDROVITCH, C., “L'Afrique coloniale française et la crise de 1930: crise structurelle et genèse du sous-développement”, en *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. LXIII, nº 232-233, 1976, 2 t.

CORDERO TORRES, J. M<sup>a</sup>, *El africanismo en la cultura hispánica contemporánea*, Cultura Hispánica, Madrid 1949.

ID., *La descolonización. Un criterio hispánico*, I. E. P., Madrid 1967.

CORON, A., “Le Sagittaire”, en BIBLIOTHÈQUE NATIONALE, *Léon Pierre-Quint*.

COSTE, A., “Les lois de la population d'après M. Gustave CAUDERLIÉ (rectification de la loi de Malthus)”, en *Journal de la Société Statistique de Paris*, vol. 42, 1901.

ID., “Le facteur population dans l'évolution sociale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. IX, nº 8-9, agosto-septiembre 1901.

COT, J., “Les grands conflits de l'après-guerre”, en *Défense Nationale*, nº 1, enero 2003.

COUDENHOVE-KALERGI, R., *Pan-Europa*, Ediciones Encuentro, Madrid 2010.

COUTEAU-BÉGARIE, H., “La recherche stratégique en France” (<http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/FD001199.pdf>).

CRAHAY, É., “L'organicisme social au Congrès de l'Institut International de Sociologie”, en *Revue Néo-Scholastique*, vol. IV, nº 16, 1897.

CREVELD, M. van, *The Art of War. War and Military Thought*, Cassell, Londres 2000.

ID., *La femme et la guerre*, Éditions du Rocher, Mónaco 2002.

CROISSET, A., “La Faculté des lettres”, en É. DURKHEIM (Ed.), *La vie universitaire à Paris*.

CUIN, C.-H. y GRESLE, F., *Histoire de la sociologie*, La Découverte, París 2002, 2 t.

## D

- DABEZIES, P., “Sur la polémologie”, en HERMANT, D. y BIGO, D. (Ed.), *Approches Polémologiques. Conflits et violence dans le monde au tournant des années quatre-vingt-dix*.
- DABILA, A., *L'engagement militaire. Une étude de sociologie comparée*, tesis doctoral inédita, Universidad París-Sorbona 2013.
- ID., “La guerre, objet sociologique”, en *Res Militaris*, vol. 4, n° 2, verano-otoño 2014.
- DAGET, S., *La traite des noirs. Bastilles négrières et velléités abolitionnistes*, Ouest-France, Rennes 1990.
- DAHL, J., “Babypille im Leitungswasser? Bevölkerungsdruck von zwei Seiten gesehen”, en *Die Zeit*, 16 de febrero 1973.
- DANG TRINH KY, *L'engagement des personnes en droit annamite*, prefacio de René Maunier, F. Loviton, París 1933.
- DANTÈS-BELLEGARDE, L., *Au service d'Haiti. Appréciations sur un haïtien et son oeuvre*, Imprimerie Theodore, Puerto Príncipe 1962.
- DARBON, A., *L'explication mécanique et le nominalisme*, Impr. de Y. Cadoret, Burdeos 1910.
- DARD, O., “Voyage à l'intérieur d'X-Crise”, en *Vingtième Siècle. Revue d'Histoire*, n° 47, julio-septiembre 1995.
- DAUDIN, A., *Les classes zoologiques et l'idée de série animale en France à l'époque de Lamarck et de Cuvier (1790-1830)*, Félix Alcan, París 1926.
- DAVIE, M. R., *The Evolution of War. A Study of its Role in Early Societies*, Dover Publications, Mineola (NY) 2003.
- DELAFOSSÉ, M., *Broussard or Les États d'âme d'un colonial, suivis de ses propos et opinions*, L'Harmattan, París 2012.
- DELAGE, E., “Un science nouvelle: la Polémologie”, en *Revue de Synthèse*, LXI, 1946-1947.
- DELANNOI, G., HINTEMAYER, P., RAYNAUD, Ph. y TAGUIEFF, P.-A. (Ed.), *Julien Freund, la dynamique des conflits*, Berg International, París 2010.
- DELAVIGNETTE, R., *Soudan, Paris, Tombouctou*, Grasset, París 1935.
- ID., *Cristianismo y colonialismo*, Casal y Valled, Andorra 1962.
- DELTEIL, P., *Le Fokon'olona (commune malgache) et les Conventions de Fokon'olona*, Éditions Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1931.
- DENTON, F. y PHILLIPS, W., “Some Patterns in the History of Violence”, en *The Journal of Conflict Resolution*, vol. XII, n° 2, junio 1968.
- DEROO, É. y CHAMPEAUX, A., “Panorama des troupes coloniales françaises dans les deux guerres mondiales”, en *Revue Historique des Armées*, n° 271, 2013.
- DESCHAMPS, H., “Delavignette our le contact humaine”, en *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. LIV, n° 194-197, 1967.
- DÍEZ DEL CORRAL, L., *El rapto de Europa. Una interpretación histórica de nuestro tiempo*, Alianza Editorial, Madrid 1974.
- DIGEON, C., *La crise allemande de la pensée française 1870-1914*, P. U. F., París 1992.
- DIKMANS, G. ET ALII, *Mélanges économiques et sociaux offerts à Émile Witmeur*, Seuil, París 1939.



DIM DELOBSOM, A. A., *L'empire du Mogho-Naba. Coutumes des Mossi de la Haute-Volta*, prefacio de Robert Randau, Editions Domat-Montchrestien, F. Loviton et Cie, París 1932.

DIX, A., *Was geht uns Africa an?*, Georg Stilke, Berlín 1931.

*Dossiers individuels du bureau Résistance*  
(<http://www.servicehistorique.sga.defense.gouv.fr/?q=content/dossiers-administratifs-de-r%C3%A9sistants>).

DUBOIN, J., *La Grande relève des hommes par la machine*, les Éditions Nouvelles, París 1932.

ID., *L'économie distributive s'impose*, Ledis, París 1950.

DUBOIN, M.-L., "Le grand fléau", en *La Grande Relève des hommes par la science*, n° 786, febrero 1981.

DUBOIS, J., *Lexis. Dictionnaire de la langue française*, Larousse, París 1975.

DUMAS, S., *Losses of life caused by War. Part I. Up to 1913*, en DUMAS, S. y VEDEL-PETERSEN, O., *Losses of life caused by War*.

DUMAS, S. y VEDEL-PETERSEN, O., *Losses of life caused by War*, Clarendon Press, Oxford 1923.

DUNSTHEIMER, G., "Les guerres chinoises et leurs conjonctures", en *Guerres et Paix*, n° 7, 1968/1.

DUPRAT, G.-L., "Préface", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

ID., "Le Xè Congrès de l'Institut International de Sociologie", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

ID., "Mémoire introductif. Les structures sociales et la guerre", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

ID., "La contrainte sociale et la guerre", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI; 1932.

ID., "The International Institute of Sociology", en *American Sociological Review*, vol. 1, n° 3, junio 1936.

DUPRAT, J., "Le paupérisme, facteur de bellicisme d'après Proudhon", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

DUMONT, A., *Dépopulation et civilisation. Étude démographique*. París, Lecrosnier et Babé, 1890.

DUMONT, G.-F., "Introduction à la Démographie politique", en SAUVY, A., DUMONT, G.-F. y MÉRIGOT, B. (Ed.), *Démographie politique*.

DUMONT, G.-F., *Démographie politique. Les lois de la géopolitique des populations*, Ellipses, París 2007.

DUMOULIN, O., "Les sciences humaines et la préhistoire du CNRS", en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, 1985.

DUPÂQUIER, J., "Avez-vous lu Malthus?", en *Population*, vol. XXXV, n° 2, 1980.

DUPRÉEL, E., *Deux essais sur le progrès*, Maurice Lamertin Éditeur, Bruselas 1928.

DUQUE, A., *Plaza partida*, Fundación El Monte, Sevilla 1995.

DURKHEIM, É., "Représentations individuelles et représentations collectives", en *Revue de Métaphysique et de Morale*, n° 6, mayo 1898.

ID., *Les formes elementaires de la vie religieuse*, Félix Alcan, París 1912.

ID., "Organisation générale de l'Université de Paris", en DURKHEIM, É. (Ed.), *La vie universitaire à Paris*.

- ID., *Textes. 1. Éléments d'une théorie sociale*, Éditions du Minuit, París 1975.
- ID., *Las reglas del método sociológico*, Morata, Madrid 1986.
- ID., *La división del trabajo social*, Planeta-Agostini, Barcelona 1993, 2 t.
- DURKHEIM, É. (Ed.), *La vie universitaire à Paris*, Armand Colin, París 1918.
- DUROSELLE, J.-B., "La nature des conflits internationaux", en *Revue Française de Science Politique*, vol. XIV, n° 2, 1964.
- DUVIGNAUD, J., *Anthologie des sociologues français contemporains*, P. U. F., París 1970.

## E

- EBELING, F., *Geopolitik. Karl Haushofer und seiner Raumwissenschaft 1919-1945*, Akademie Verlag, Berlín 1992.
- ENDERS, A., "L'École Nationale d'Outre-Mer et la formation des administrateurs coloniaux", en *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XL, n° 2, abril-junio 1993.
- ENGELGARDT, M. A., *Progress kak evolyutsiya zhestokosti*, Bieloruskaya enziklopediya (BelEn), Minsk 2006.
- ESPINAS, A., *Des sociétés animales*, G. Ballière, París 1878.
- ESSERTIER, D., *Psychologie et sociologie. Essai de bibliographie critique*, Félix Alcan, París 1927.
- ÉTIENNE, E., *Les compagnies de colonisation*, Augustin Challamel Éditeur, París 1897.
- EUCKEN, W., *Cuestiones fundamentales de la Economía Política*, Revista de Occidente, Madrid 1947.
- EULRIET, I., "Durkheim and Approaches to the Study of War", en *Durkheimien Studies*, vol. 16, 2010.

## F

- D. F., "Instants de Paris", *Journal de Genève*, 6.V.1955.
- FACCHI, G., *Polemologia come scienza*, Loescher, Turín 1971.
- FAIRRE, M., "Histoire d'une Fondation", en *Défense Nationale*, vol. II, marzo 1993.
- FALLS, C., *A Hundred Years of War 1850-1950*, Collier Books, Nueva York 1953.
- FAURE, F., *Éléments de statistique*, París, Sirey, 1906.
- FAWTIER, R., *Les capétiens et la France*, P. U. F., París 1942.
- FEBVRE, L., "Population dirigée?", en *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, vol. VIII, n° 38, marzo 1936.
- FEDERICI, M. C., *Alle radici della sociologia in Italia: la Rivista Italiana di Sociologia*, Franco Angeli, Milán 1990.
- FEGHALI, M. T., *Le parler de Kfar'Abîda (Liban-Syrie)*, E. Leroux, París 1919.

- FENARD, G., *Les indigènes fonctionnaires à Madagascar. Étude historique de législation et de politique coloniales*, F. Loviton, París 1939.
- FERNÁNDEZ-CARVAJAL, R., *El lugar de la ciencia política*, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Murcia, Murcia 1981.
- FERNÁNDEZ CUESTA, C. y FUENTES GARCÍA, F., *Curso de estadística descriptiva. Teoría y práctica*, Ariel, Barcelona 1995.
- FERNÁNDEZ DE LA MORA, G., “La oligarquía, forma trascendental de gobierno”, en *Anales de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas*, nº 53, 1976.
- ID., *El crepúsculo de las ideologías*, Espasa-Calpe, Madrid 1986.
- FERRATER MORA, José, *Diccionario de filosofía*, Círculo de Lectores, Barcelona 1991, 4 t.
- FERRERO, G., *Il militarismo. Dieci conferenze*, Fratelli Treves, Milán 1898.
- ID., *La vecchia Europa e la nuova*, Fratelli Traves Editori, Milán 1918.
- ID., *Discours aux sourds*, Éditions du Sagittaire, París 1924.
- ID., *La fin des aventures. Guerre et paix*, Les Éditions Rieder, París 1931.
- FERRIE, J. du, *Le catholique d’Estat, ou Discours politique des alliances du Roy tres-Chrestien contre les calomnies des ennemies de son Estat*, Joseph Bouillerot, París 1625.
- FORNARI, F., *Psicoanálisis de la guerra*, Siglo XXI Editores, México 1972.
- FORNARI, F. (Ed.), *La desmitificación de la paz y de la guerra*, Dopesa, Madrid 1971.
- FOURASTIÉ, J., *Le grand espoir du XXe siècle*, Gallimard, París 1969.
- FRAGA IRIBARNE, M., *Luis de Molina y el derecho de la guerra*, C. S. I. C., Madrid 1947.
- ID., *Guerra y conflicto social*, I. E. P., Madrid 1962.
- FRANCO, F., *Textos de doctrina política*, Publicaciones Españolas, Madrid 1951.
- FREUND, J., “Bref essai sur les sciences sociales”, en *Revue de l’Enseignement Philosophique*, nº 6, 1960.
- ID., “Une armée de la paix reste une armée”, en *Guerres et Paix*, nº 6, 1967/4.
- ID., “La paix, oeuvre de la politique”, en *Guerres et Paix*, nº 9, 1968/3.
- ID., *Le nouvel âge. Éléments pour la théorie de la démocratie et de la paix*, Marcel Rivière, París 1970.
- ID., “Polémologie, science des conflits”, en *Études Polémologiques*, nº 4, abril 1972.
- ID., “La violence des suralimentés”, en *Zeitschrift für Politik*, vol. XIX, nº 2, septiembre 1972.
- ID., *Les théories des sciences humaines*, P. U. F., París 1973.
- ID., “Polémologie, science des conflits”, *Études Polémologiques*, nº 4, abril 1972.
- ID., “L’Institut de Polémologie de Strasbourg”, en *Revue des Sciences Sociales de la France de l’Est*, nº 4, 1975.
- ID., “Die industrielle Konfliktgesellschaft”, en *Der Staat*, vol. XVI, nº 2, 1977.
- ID., *El fin del Renacimiento*, Belgrano, Buenos Aires 1981.
- ID., “Ébauche d’une autobiographie intellectuelle”, en *Revue Européenne des Sciences Sociales. Cahiers Vilfredo Pareto*, t. XIX, nº 54-55, 1981.
- ID., *Sociologie du conflit*, P. U. F., París 1983.

- ID., *La décadence. Histoire sociologique et philosophique d'une catégorie de l'expérience humaine*, Sirey, París 1984.
- ID., *L'essence du politique*, Sirey, París 1986.
- ID., *Politique et impolitique*, Sirey, París 1987.
- ID., *Essais de sociologie économique et politique*, Economische hogeschool Sint-Aloysius, Bruselas 1990.
- ID., *L'aventure du politique. Entretiens avec Charles Blanchet*, Critérion, París 1991.
- ID., *D'Auguste Comte à Max Weber*, Economica, París 1992.
- ID., *L'essence de l'économique*, Presses Universitaires de Strasbourg, Estrasburgo 1993.
- FREY, J.-P., “[Jean-]Gaston Bardet. L'espace social d'une pensée urbanistique”, en *Les Études Sociales*, n° 130, julio-diciembre 1999.
- FREYER, H., *Introducción a la sociología*, Ediciones Nueva Época, Madrid 1949.
- FROELICH, J.-C., “Delavignette et le service africain”, en *Revue d'Histoire d'Outre-Mer*, LIV, n° 194-197, 1967.
- FROTIER DE LA MESSELIÈRE, P., *Du mariage en droit malgache*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1932.
- FULLER, J. F. C., *Armament and History: The Influence of Armament on History from the Dawn of classical Warfare to the End of the Second World War*, Da Capo, Nueva York 1998.

## G

- GADÉA, C. y LALLEMENT, M., “Une révolution inachevée. Durkheimisme et sociologie du temps”, en *Temporalités*, n° 1, primer semestre 2004.
- GALTUNG, J., *Investigaciones teóricas. Sociedad y cultura contemporáneas*, Tecnos, Madrid 1995.
- GAMBESCIA, C., *Metapolitica. L'altro sguardo sul potere*, Il Foglio, Piombino 2009.
- ID., *Liberalismo triste. Un recorrido de Burke a Berlin*, Ediciones Encuentro, Madrid 2015.
- ID., *Sociologi per caso. Dante, Machiavelli, Evola, Jünger, Mann, Tolstoj, Pasolini*, Il Foglio, Piombino 2016.
- GAMBESCIA, C. (Ed.), *Che cos'è il politico? Nuove ipotesi e prospettive teoriche*, Settimo Sigillo, Roma 2006.
- GARCÍA MORENTE, M., *Idea de la Hispanidad*, Homo Legens, Madrid 2008.
- GARDNER, H. y KOBTZEFF O., “General Introduction: Polemology”, en GARDNER, H. y KOBTZEFF, O. (Ed.), *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*.
- GARDNER, H. y KOBTZEFF, O. (Ed.), *The Ashgate Research Companion to War: Origins and Prevention*, Ashgate, Farnham y Burlington (VT) 2012.
- GATTI-MONTAIN, J., *Le système d'enseignement du droit en France*, P. U. F., París 1987.
- GAULLE, C. de, *Mémoires de guerre. L'Appel 1940-1942*, Le Livre de Poche, París 1961.
- ID., *La discorde chez l'ennemi*, Le Livre de Poche, París 1973.
- GAUTIER, É.-F., *Le passé de l'Afrique du nord. Les siècles obscurs*, Payot, París 1952.

- GEIGER, R. L., “René Worms, l’organicisme et l’organisation de la sociologie”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXII, n° 3, 1981.
- GÈRE, F., “Poirier, Lucien”, en MONTBRIAL, Th. y KLEIN, J. (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*.
- ID., “Lucien Poirier”, en *Le Monde*, 16 de enero 2013.
- GINI, C., *Problemi sociologici della guerra*, Nicola Zanichelli, Bologna 1921.
- GIRARD, A., “Présentation”, en LANDRY, A., *La Révolution démographique. Études et essais sur les problèmes de la population*.
- GIRARD, R., *La violence et le sacré*, Fayard, París 2010.
- ID., *Achever Clausewitz. Entretiens avec Benoît Chantre*, Flammarion, París 2011.
- GIRARDET, R., “L’apothéose de la ‘plus grande France’: l’idée coloniale devant l’opinion publique française (1930-1935)”, en *Revue Française de Science Politique*, n° 6, 1968.
- ID., *L’idée coloniale en France de 1871 à 1962*, Hachette, París 1995.
- GIRAUDY, D., *Antibes 1928-1988. Catalogue raisonné des collections d’art moderne du musée Picasso*, Éditions Musée Picasso, Antibes 1988.
- GIRONELLA, J. M<sup>a</sup>, *Un millón de muertos*, Planeta, Barcelona 2003.
- GIROUD, F., *La comédie du pouvoir*, Fayard, París 1977.
- GISCARD D’ESTAING, E., “Une critique du terme de polémologie”, en *Guerres et Paix*, n° 6, 1967/4.
- GOLDSTONE, J. A., *Revolutions. A very short Introduction*, Oxford University Press, Nueva York 2014.
- GOLDSTONE, J. A. (Ed.), *Revolutions. Theoretical, Comparative, and Historical Studies*, Harcourt Brace Jovanovich Publishers, Orlando 1986.
- GONNARD, R., *La dépopulation en France*, A.-H. Storck, París 1898.
- GONZÁLEZ CUEVAS, P. C., *La razón conservadora. Gonzalo Fernández de la Mora, una biografía político-intelectual*, Biblioteca Nueva, Madrid 2015.
- GOÑI APESTEGUÍA, C., *Teoría de la razón política. El pensamiento político de Gonzalo Fernández de la Mora*, C. E. P. C., Madrid 2013.
- GOWEN, H. H., “The Indian Machiavelli or Political Theory in India Two Thousand Years Ago”, en *Political Science Quarterly*, vol. 44, n° 2, junio 1929.
- GRILLÈRE, D., “L’occupation italienne de France de 1940 à 1943”, en *Diacronie. Studi di Storia Contemporanea*, n° 4, julio-septiembre 2010.
- GRIVAZ, R., *Aspects sociaux et économiques du sentiment religieux en pays annamite*, Domat-Montchrestien, París 1942.
- GUARDINI, R., *El mesianismo en el mito, la revelación y la política*, Rialp, Madrid 1984.
- GUÈNON, R., *La crise du monde moderne*, Gallimard, París 1994.
- ID., *Le regne de la quantité et les signes des temps*, Gallimard, París 2013.
- GUERNIER, É.-L., *L’Afrique champ de l’expansion de l’Europe*, Armand Colin, París 1933.
- Guilaine, J., “Genèse de la guerre”, en BAECHLER, J. y HOLEINDRE, J.-V., *Guerre et politique*.
- GUITTON, J., *La pensée et la guerre*, Desclée de Brouwer, París 1969.

- ID., *Historia y destino*, Rialp, Madrid 1977.
- ID., “Préface”, en Bouthoul, G., Carrère, R. y Annequin, J.-L., *Guerres et civilisations*.
- ID., *Pages brûlées. Journal de captivité 1942-1943*, Albin Michel, Paris 1984.
- GUMPOLOWICZ, L., *La lutte des races. Recherches sociologiques*, Guillaumin et Cie, Paris 1893.
- ID., *Sociologie et politique*, Giard et Brière, Paris 1898.
- ID., *Soziologische Essays*, Universitätsverlag Wagner, Innsbruck 1899.
- ID., “Un sociologue arabe au XIVe siècle”, en ID., *Aperçus sociologiques*, G. Masson & A. Storck, Paris y Lyon 1900.
- ID., *Geschichte der Staatstheorien*, Universitätsverlag Wagner, Innsbruck 1905.
- GURVITCH, G., *La vocation actuelle de la sociologie*, P. U. F., Paris 1950.
- GUSTI, D., “Avant-propos”, en *Travaux du XIVe congrès international de sociologie. (Communications. Série B. Le village. 1<sup>er</sup> volume)*, Institut de Sciences Sociales de Roumanie, Bucarest 1939.
- GUSTI, D. y SILVA, F. E. da, *Conférences 1935*, Faculté de Droit de Paris, Salle de Travail d’Ethnologie Juridique / F. Loviton, Paris 1935.

## H

- HAECKEL, E., *Generelle Morphologie der Organismen*, G. Reimier, Berlín, 1866, 2 t.
- HAGÈGE, C., “Communautés juives de Tunisie à la veille du Protectorat français”, en *Le Mouvement sociale*, n° 110, enero-marzo 1980
- HAGÈGE, C. y ZARCA, B., “Les juifs et la France en Tunisie. Les bénéficiaires d’une relation triangulaire”, en *Le Mouvement sociale*, n° 197, octubre-diciembre 2001.
- HANOTAUX, G., « L’œuvre colonial de la Troisième République », en *Revue de Paris*, XXXV, n° 15, 1 de agosto 1928.
- HARDY, G., “Histoire coloniale et psychologie ethnique”, en *Revue de l’Histoire des Colonies Françaises*, año 13°, n° 50, abril-junio 1925.
- ID., *L’âme marocaine d’après la littérature française*, É. Larose, Paris 1926.
- ID., *L’art nègre*, H. Laurens, Paris 1927.
- ID., “Aube d’Afrique”, en *Revue d’Afrique*, n° 1, mayo-junio 1928.
- ID., *Nos grands problèmes coloniaux*, Armand Colin, Paris 1929.
- ID., “Les temps nouveaux. De 1879 à nos jours”, en HARDY, G. ET AL., *Les colonies et la vie française pendant huit siècles*.
- ID., *Géographie et colonisation*, Gallimard, Paris 1933.
- ID., *Vue générale de l’histoire d’Afrique*, Armand Colin, Paris 1942.
- ID., *Une conquête morale: l’enseignement en A. O. F.*, presentación de LITTLE, J. P., L’Harmattan, Paris 2005.
- HARDY, G. ET AL., *Les colonies et la vie française pendant huit siècles*, Firmin-Didot et Cie, Paris 1931.

HAURIOU, M., *Les facultés de droit et la sociologie*, E. Thorin et fils, París 1893.

*ID.*, “Réponse à un ‘docteur en droit’ sur la sociologie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, nº 5, mayo 1894.

HAUSOFER, K., “Die weltpolitische Machtverlagerung seit 1914 und die internationalen Fronten der Panideen”, en HAUSOFER, K. y TRAMPLER, K., *Deutschlands Weg an der Zeitenwende*.

*ID.*, “Eurafrika?”, en *Zeitschrift für Geopolitik*, nº 19, 1938.

HAUSOFER, K. y TRAMPLER, K., *Deutschlands Weg an der Zeitenwende*, Eher Verlag, Múnich 1931.

HAYEK, F. A., “Kinds of Order in Society”, en TEMPLETON, K. S. Jr. (Ed.), *The Politization of Society*.

*ID.*, *Camino de servidumbre*, Alianza Editorial, Madrid 2005.

HAZOU MÉ, P., “Souvenirs d’un africain sur Monsieur Robert Delavignette”, en *Revue Française d’Histoire d’Outre-Mer*, vol. LIV, nº 194-197, 1967.

HELFENBEIN, B., “Reseña de Georges Hardy, *L’Art Nègre* (1927)”, en *Revue d’Afrique*, nº 1, mayo-junio 1928.

*ID.*, “Quelques vues sur la femme musulmane”, en *Revue de’Afrique*, nº 2, noviembre-diciembre 1928.

*ID.*, reseña de Paul Morand, *Paris-Tombouctou* (1928), en *Revue d’Afrique*, nº 3, enero-febrero 1929.

*ID.*, reseña de Emile Dermenghem, *Nouveaux contes fasis* (1928), en *Revue d’Afrique*, nº 4, mayo-junio 1929.

*ID.*, reseña de León Lehuraux, *Sur les pistes du désert* (1928), en *Revue d’Afrique*, nº 4, mayo-junio 1929.

*ID.*, “La Bibliothèque Karaouyine de Fez”, en *Revue d’Afrique*, nº 6, enero-febrero 1930.

*ID.*, reseña de L. Millot, *Recueil des délibérations del Djémaa du Mzab*, en *Revue d’Afrique*, nº 9, 1933.

*ID.*, reseña de Baron d’Erlanger, *La musique arabe*, en *Revue d’Afrique*, nº 9, 1932.

*ID.*, “L’art au Cameroun. La Mission Labouret”, en *Revue d’Afrique*, nº 13, 1935.

*ID.*, *Le grand maître des assassins*. París: Armand Colin, 1936. Nueva edición bajo otro título: *Le vieux de la montagne*. París: Gallimard 1958.

*ID.*, *Le calife Hakim, Dieu de l’an mille*. París: Éditions du Sagittaire 1950.

HEILBRON, J., “Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, nº 2, 1985.

HENRY, J.-R., “Maunier, René (1887-1951)”, en POUILLION, F. (Éd.), *Dictionnaire des orientalistes de langue française*.

HEPP, R., *Die Endlösung der Deutschen Frage. Grundlinien einer politischen Demographie der Bundesrepublik Deutschland*, Hohenrain Verlag, Tubinga 1988.

HERMANT, D. y BIGO, D. (Ed.), *Approches Polémologiques. Conflits et violence dans le monde au tournant des années quatre-ving-dix*, Institut Français de Polémologie/Fondation pour les Études de Défense Nationale, París 1991.

HERSCH, L., “Des principaux effets démographiques des guerres modernes”, en VV. AA., *Congrès International pour les Études sur la Population*.

*ID.*, “Démographie potentielle et vieillissement de la population”, en *Population*, vol. III, nº 2, 1948.

- HILFERDING, R., *El capital financiero*, Tecnos, Madrid 1985.
- HIMES, E., *Medical History of Contraception*, George Allen & Unwim Ltd., Baltimore 1936.
- HODIER, C. y Pierre, M., *L'expansion coloniale de 1931*, André Versaille Éditeur, Waterloo 2011.
- HOLLIER, D., *Le Collège de Sociologie 1937-1939*, Gallimard, París 1995.
- HOMBERG, O., "L'école des colonies IV. L'esprit colonial dans la métropole", en *Revue des Deux Mondes*, 98º año, 15 de noviembre 1928.
- HOPPE, H.-H., *Monarquías, democracia y orden natural. Una visión austriaca de la era americana*, Unión Editorial, Madrid 2013.
- HU YANG MUNG, *Étude philosophique et juridique de la conception de "Ming" et de "Fen" dans le droit chinois*, Editions Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1932.
- HUIZINGA, J., *Homo ludens*, Alianza Editorial, Madrid 2001.
- HUBERT, H., "Étude de la représentation du temps dans la religion et la magie", en *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études (Section des Sciences Religieuses)*, 1905.
- [L.] *Humanité Nouvelle*, mayo 1899.
- HUNTINGTON, S. P., *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, Simon & Schuster, Londres 1998.
- HUSAYN, T., v. HUSSEIN, T.
- HUSSEIN, T., *Étude analytique et critique de la philosophie sociale d'Ibn Khaldoun*, Pedone, París 1917.
- HUYGHE, F.-H., "Vie et mort d'une discipline: la Polémologie", en *Medium*, nº 9, 2006.

## I

- IBN KHALDÛN, v. ABENJALDÛN.
- I. F. P., "L'Institut Français de Polémologie", en *Guerres et Paix*, nº 1, 1966/1.
- ID., "Le mouvement polémologique international", en *Guerres et Paix*, nº 1, 1966/1.
- ID., "Le professeur Bert Röling et l'Institut de Polémologie de Groningue", en *Guerres et Paix*, nº 1, 1966/1.
- ID., "Le Centre de Sociologie de la Guerre à Bruxelles", en *Guerres et Paix*, nº 5, 1967/3.
- ID., "Périodicité et intensité des actions de guerres de 1200 à 1945", en *Guerres et Paix*, nº 8, 1968/2.
- ID., "Un calendrier de l'agressivité collective naissante (septembre-novembre 1967)", en *Guerres et Paix*, nº 8, 1968/2.
- ID., "L'agressivité", en *Guerres et Paix*, nº 10, 1968/4.
- ID., "Des causes possibles des conflits armés, d'après J. David Singer et les travaux de Quincy Wright", en *Guerres et Paix*, nº 13, 1969/4.
- ID., "Activités extérieures de l'Institut Français de Polémologie. Février 1971-novembre 1972", en *Études Polémologiques*, nº 7, enero de 1973.
- ID., "Activités extérieures de l'Institut Français de Polémologie, nº 12, abril 1974.



ID., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie. (Octobre 1972-septembre 1974)”, en *Études Polémologiques*, n° 14, octubre de 1974.

ID., “Champ de la polémologie française”, en *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975.

ID., “L’Institut de Polemologia Víctor Seix à Barcelone”, en *Études Polémologiques*, n° 15, enero 1975.

ID., “Chronique de la violence mondiale (mai-juin 1975)”, en *Études Polémologiques*, n° 18, octubre 1975.

ID., “Sommaire”, en *Études Polémologiques*, n° 19, febrero 1976.

ID., “Communication importante”, en *Études Polémologiques*, n° 20-21, junio 1976.

ID., “Activités de l’Institut Français de Polémologie (de janvier 1976 à octobre 1977), n° 22, octubre de 1972-enero de 1977.

ID., “Activités de l’Institut Français de Polémologie (octubre 1977 à décembre 1978)”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978.

ID., “Communication”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981.

ID., “Activités extérieures de l’Institut Français de Polémologie (janvier 1979 à avril 1981)”, en *Études Polémologiques*, n° 24, junio 1981.

ID., “Présentation du logiciel de la banque de données de l’Institut Français de Polémologie sur la violence politique mondiale”, en HERMANT, D. y BIGO, D. (Ed.), *Approches Polémologiques. Conflits et violence dans le monde au tournant des années quatre-ving-dix*.

IGLESIAS DE USSEL, J., “Estudio introductorio”, en AZNAR, S., *La institución de la familia vista por un demógrafo*.

IGLESIAS DE USSEL, J. (Ed.), *Homenaje a Enrique Gómez Arboleya 1910-1959*, Ayuntamiento de Granada/Universidad de Granada, Granada 1988.

INFANTINO, L., *El orden sin plan. Las razones del individualismo metodológico*, Unión Editorial, Madrid 2000.

ISAMBERT, F.-A., “Henri Hubert et la sociologie du temps”, en *Revue Française de Sociologie*, año XX, n° 20-21, enero-marzo 1979.

ISHIMARU, T., *Japan must fight Britain*, Hurst & Blackett, Londres 1936.

## J

JÄHNS, M., *Über Krieg, Frieden und Kultur*, Allgemeine Vereini für Deutsche Literatur, Berlín 1893.

JOLLY, J. (Dir.), *Dictionnaire des parlementaires français. Notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940*, P. U. F., París 1960.

JONGMANN, B. y DENNEN, J. M. G. van der, “The Great War Figures Hoax: An Investigation on Polemomythology”, en *Bulletin of Peace Proposals*, vol. XIX, n° 2, 1988 (<http://rint.rechten.rug.nl/rth/dennen/hoax.htm>).

JOUARY, J.-P., “Aspects de la démographie française au XIXème siècle”, en *Guerres et Paix*, n° 6, 1967/4.

- ID., “Contribution à une polémologie des guerres de Chine (1628-1831)”, en *Guerres et Paix*, n° 8, 1968/2.
- ID., “L’agressivité fait surface”, en *Guerres et Paix*, n° 10, 1968/4.
- ID., “Interpretation polémologique des guerres du Péloponèse”, *Guerres et Paix*, n° 11, 1969/1.
- ID., “Typologie et périodicité du phénomène-guerre”, en *Guerres et Paix*, n° 13, 1969/3.
- JOUSSAIN, A., *L’esthétique de Victor Hugo*, Boivin, París 1920.
- ID., *Exposé critique de la philosophie de Berkeley*, Boivin, París 1920.
- ID., *La psychologie des masses*, Flammarion, París 1937.
- ID., *La sociologie*, Flammarion, París 1945.
- ID., *Les classes sociales*, P. U. F., París 1949.
- JOUVENEL, B. de, *L’économie dirigée. Le programme de la nouvelle génération*, Librairie Valois, París 1928.
- ID., “Un plan de valorisation coloniale et de collaboration européenne”, en *Cahiers Bleus. Cahiers du Parti Républicain Syndicaliste*, n° 99, 1931.
- ID., *Après la défaite*, Plon, París 1941.
- ID., *La dernière année. Choses vues de Munich à la guerre*, La Diffusion du Livre, Bruselas y París 1947.
- JOUVENEL, H. de, “Bloc africain et fédération européenne”, en *Revue des Vivants*, n° 1, enero 1930.
- JULIA, E., “Fernand Faure”, en *Revue Politique et Parlementaire*, t. CXLI, n° 420.
- JULIÁ, S. (Ed.), *Víctimas de la Guerra Civil*, Temas de Hoy, Madrid 1999.
- JÜNGER, E., “Ein Vormittag in Antibes (1960)”, en *Sämtliche Werke*, Stuttgart, Klett-Cotta, 1982, t. VI [Reisetagebücher].
- ID., *El trabajador. Domino y figura*, Tusquets, Barcelona 1990.
- ID., *Radiaciones. Diarios de la Segunda Guerra Mundial II*, Tusquets, Barcelona 1992.
- ID., *La emboscadura*, Tusquets, Barcelona 2002.
- ID., *Pasados los setenta II. Diarios (1971-1980)*, Barcelona, Tusquets, 2006.

## K

- KANGLE, R. P., *The Kautilya Arthaśāstra. Part II*, una traducción inglesa con notas y explicaciones críticas, Motilal Banarsidass Publishers, Dehli 2003.
- KĀMANDAKI, *I primi principi della politica secondo Kāmandaki*, traducción, introducción y notas de FOMICI, C., Istituto Romano Editoriale, Roma 1925.
- KARADY, V., “Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979.
- ID., “Les universités de la Troisième République”, en VERGER, J. (Dir.), *Histoire des Universités en France*.
- KEEGAN, J., *Historia de la guerra*, Planeta, Barcelona 1995.

- KEELEY, L. H., *War before Civilization. The Myth of the Peaceful Savage*, Oxford University Press, Nueva York 1996.
- KEYNES, J. M., *The Economics Consequences of the Peace*, Harcourt, Brace and Howe, Nueva York 1920.
- KEYSERLING, H., *La révolution mondiale et la responsabilité de l'esprit*, Stock, París 1934.
- KIDD, B., *The Science of Power*, Methnen and Co., Londres 1919.
- KIRK, D., "Demographic Transition Theory", en *Population Studies*, nº 50, 1996.
- KLINGBERG, F. L., "Predicting the Termination of War: Battle Casualties and Population Losses", en *The Journal of Conflict Resolution*, vol. X, nº 2, junio 1966.
- KLINGER, M., "Études Polémologiques (1971-1990): vicissitudes de la revue de l'Institut Français de Polémologie", en KLINGER, M. (Ed.), *Héritage et actualité de la polémologie*.
- KLINGER, M. (Ed.), *Héritage et actualité de la polémologie*, Téraèdre, París 2007.
- KONDYLIS, P., *Machiavelli*, Akademie Verlag, Berlín 2007.
- KORINMAN, M., *Quand l'Allemagne pensait le monde. Grandeur et décadence d'une géopolitique*, Fayard, París 1990.
- KUMAR SARKAR, B., "Le métabolisme social. Réflexion sur le rôle des races, des clases et des diverses forces transformatrices", en *Revue de Synthèse*, XIII, nº 2, febrero 1937.

## L

- LABOULAYE, É.-R., "Introduction", en PASSY, F., *Les maux de la guerre et les bienfaits de la paix*.
- LACINA, B. y GLEDITSCH, N. P., "Monitoring in Global Combat: A new Dataset of Battle Deaths", en *European Journal of Population*, vol. XXI, nº 2-3, 2005.
- LACOSTE, Y., *Ibn Khaldoun. Naissance de l'histoire, passé du tiers-monde*, Pedone, París 1917.
- LAGANA, M., *Le parti coloniale. Élément d'histoire*, Presses de l'Université du Québec, Sillery 1990.
- LAGORGETTE, J., *Le rôle de la guerre. Étude de sociologie générale*, Giard et Brière, París 1906.
- LALANDE, A., *La dissolution opposée à l'évolution dans les sciences physiques et morales*, Félix Alcan, París 1899.
- ID., *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, P. U. F., París 2010.
- LALANDE, B., "Pax Christi et les problèmes temporels de la paix du monde", en *Guerres et Paix*, nº 5, 1967/3.
- LAMMONT, A., "L'enseignement en Afrique", en *Revue d'Afrique*, nº 1, mayo-abril 1928.
- LANDRY, A., *La Révolution démographique. Études et essais sur les problèmes de la population*, Institut National d'Études Démographiques, París 1982.
- LAO-TZEU, *La voie et sa vertu. Tato-té-king*, Éditions du Seuil, París 1979.
- LAPPRAND, M., *V come Vian*, Les Presses de l'Université Laval, Québec 2006.
- Larousse Mensuel Illustré*, nº 401, enero 1948.
- LARNAUDE, F., "La Faculté de droit", en DURKHEIM, É. (Ed.), *La vie universitaire à Paris*.

- LASBAX, É., “Le rythme de la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.
- LASSAULX, E. von, *Neuer Versuch einer alten, auf die Wahrheit der Tatsachen gegründeten Philosophie der Geschichte*, Karolinger, Viena y Leipzig 2003.
- LAUNOIS, P., *L'État malgache et ses transformations avant le régime français*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1932.
- LAVISSE, E., *Histoire générale du IV<sup>ème</sup> siècle à nos jours*, Armand Colin, París 1892-1901, 12 t.
- LE VAN DINH, *Le culte des morts en droit annamite. Essai historique et critique sur le Huong-Hoa*, F. Loviton et Cie, París 1933.
- LÊ VAN HÒ, *La mère de famille annamite*, F. Loviton, París 1932.
- LECLANT, J. ET AL., *Louisse Weiss l'européenne*, Fondation Jean Monnet pour l'Europe, Lausana 1994.
- LEIMDORFER, F., “Objets de la sociologie coloniale. L'exemple algérien”, en *Tiers-Monde*, XXIII, n° 90, 1982.
- LENIN, V. I., *El socialismo y la guerra*, en LENIN, *Obras completas*, Editorial Progreso, Moscú 1973, vol. V.
- ID., *El imperialismo, fase superior del capitalismo*, en LENIN, *Obras completas*, Editorial Progreso, Moscú 1973, vol. V.
- LEPAGE, F.-G., *Le contrat de vente en droit annamite*, F. Loviton, París 1937.
- LEPASWKY, A. ET AL., *The Search of World Order*, Appelton Century Crofts, Nueva York 1971.
- LEROY-BEAULIEU, P., *Les guerres contemporaines (1853-1866). Recherches statistiques sur les pertes d'hommes et de capitaux*, Guillaumin, París 1869.
- LETOURNEAU, C., *La guerre, ses causes et ses effets dans les diverses races humaines*, L. Bataille et Cie., París 1895.
- LEVASSEUR, É., *La population en France. Histoire de la population française avant 1789 et démographie de la France comparé à celle des autres nations au XIX<sup>ème</sup> siècle*, Arthur Rousseau, París 1889, 1891, 1892, 3 t.
- ID., “Préface”, en SCHÖNE, L., *Histoire de la population française*.
- LEVENE, R., *Las Indias no eran colonias*, Corregidor, Buenos Aires 1991.
- LÉVY, P. G. M., “La paix par la vérité”, en CENTRE DE SOCIOLOGIE DE LA GUERRE, *La paix para la recherche scientifique. Études de sociologie de la guerre*.
- ID., “Hereux ceux qui ont connu Julien Freund!”, en *Revue de Sciences Sociales de la France de l'Est*, 1994.
- LÉVY-BRUHL, H., ESCARRA, J., JULIEN G. y MAUNIER, R., *Conférences 1931*, Faculté de droit de Paris, Salle de Travail d'Ethnologie Juridique / Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1931.
- LIDDELL HART, B. H., *The Decisive Wars on History. A Study in Strategy*, G. Bell & Sons, Londres 1929.
- ID., *Thoughts on War*, Spellmount, Staplehurst 1999.
- LINDEN, W. H. van der, *The International Peace Movement 1815-1874*, Tilleul Publications, Amsterdam 1987.

- LINGAT, R., *L'esclavage privé dans le vieux droit siamois*, con una traducción de las antiguas leyes siamesas sobre la esclavitud, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1931.
- LINGAT, R. et PAULME, D., *Conférences 1936*, Faculté de Droit de Paris, Salle de Travail d'Ethnologie Juridique / F. Loviton, París 1937.
- LISSETTE, G., "Robert Delavignette, pionnier de la francophonie", en *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, vol. LIV, n° 194-197, 1967.
- LOIRA, A., *Aspetti social ed economici della guerra mondiale*, Milán, Francesco Vallardi 1921.
- LORENZ, K., *Sobre la agresión. El pretendido mal*, Siglo XXI, Madrid 1982.
- ID., *La decadencia de lo humano*, Plaza y Janés, Barcelona 1985.
- LOT, F., *L'art militaire et les armées au Moyen Âge*, Payot, París 1946, 2 t.
- LUDWIG, E., *Juiller 1914*, Payot, París 1929.
- LUGAN, B., "Un empire ruineux", en *Enquête sur l'Histoire*, n° 8, otoño 1993.
- ID., *Osons dire la vérité à l'Afrique*, Éditions du Rocher, Mónaco 2015.
- ID., *Histoire de l'Afrique du Nord. Des origines à nos jours*, Éditions du Rocher, Mónaco 2016.
- LUTTWAK, E. N., "Give War a Chance", en *Foreign Affairs*, vol. 78, n° 4, julio-agosto 1999.
- LYAUTEY, H., *Du rôle colonial de l'armée*, Armand Colin, París 1900.

## M

- MACARRÓN LARUMBE, A., *El suicidio demográfico de España*, Homo Legens, Madrid 2011.
- MAESTRO, Á. (Ed.), *Razonalismo. Homenaje a Fernández de la Mora*, Fundación Balmes, Madrid 1995.
- MAEZTU, R. de, *Defensa de la Hispanidad*, Rialp, Madrid 2007.
- MAHÉ, A., "Un disciple méconnue de Marcel Mauss: René Maunier", en *Revue Européenne des Sciences Sociales*, XXXIV, n° 105, 1996.
- MAINGUY, I., "Probst-Biraben (1875-1957), franc-maçon haut en couleurs, martiniste, théosophe et soufi", en *Renaissance Traditionnelle. Revue d'Études Maçonniques et Symboliques*, t. 38, n° 151-152, julio-octubre 2007.
- MAISONNEUVE, É. de la, "Entretien avec le général Éric de la Maisonneuve", en *Les Cahiers de la Défense Nationale*, julio 2009.
- MAISTRE, J. de, *Consideraciones sobre Francia*, Rialp, Madrid 1955.
- ID., *Las veladas de San Petersburgo*, Espasa-Calpe, Madrid 1966.
- MALTHUS, T. R., *Essai sur le principe de population*, Guillaumin et Cie, París 1889.
- ID., *Ensayo sobre el principio de la población*, F. C. E., México 1977.
- ID., *Primer ensayo sobre la población*, Alianza Editorial, Madrid 1982.
- MANDELBAUM, M., "Is major war obsolete?", en *Survival: Global Politics and Strategy*, vol. 40, n° 4, 1988-1999.
- MAQUIAVELO, N., *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*, Newton, Roma 1998.

- MARCEL, J.-C., “Le déploiement de la recherche au Centre d’Études Sociologiques (1945-1960)”, en *La Revue pour l’Histoire du CNRS*, n° 13, 2005 (<http://histoire-cnrs.revues.org/1656>).
- MARCU, V., *Maquiavelo, la escuela del poder*, Espasa-Calpe, Madrid 1967.
- MARITAIN, J., *À travers le desastre*, Éditions de la Maison Française, Nueva York 1941.
- MAROI, L., *I fattori demografici del conflitto europeo*, Athenaeum, Roma 1919.
- MARSEILLE, J., *Empire colonial et capitalisme français. Histoire d’un divorce*, Albin Michel, París 2005.
- MARTIN DU GARD, M., *Pour l’empire*, Flammarion, París 1937.
- MARTÍN RUBIO, Á. D., “Las pérdidas humanas humanas en la Guerra Civil: el necesario final de un largo debate historiográfico”, en BULLÓN DE MENDOZA, A. y TOGORES, L. E. (Ed.), *La República y la Guerra Civil. Setenta años después*.
- MARTINDALE, D., *La teoría sociológica*, Aguilar, Madrid 1979.
- MASCHKE, G., “La guerra, instrumento o expresión de la política”, en *Empresas Políticas*, n° 1, 2º semestre 2002.
- ID., “*Amigo y enemigo: Kautilya y Álamos de Barrientos, anticipadores del criterio schmittiano*”, en *Empresas Políticas*, n° 4, 1er semestre 2004.
- ID., “Ein Problem, das nicht zu lösen ist”, en KONDYLLIS, P., *Machiavelli*.
- ID., *Verräter schlafen nicht*, edición de MAASS, S., Regin Verlag, Kiel 2011.
- ID., “Die Revolution des Völkerrechts 1919 und dessen heutige Selbstzerstörung”, en *Tumult. Vierteljahresschrift für Konsensstörung*, n° 1, 2015.
- MASSÉ, P., *Le plan ou l’anti-basard*, Gallimard, París 1965.
- MAUNIER, R., *La localisation des industries urbaines*, Giard et Brière, París 1909.
- ID., *Droit et économie politique*, Giard et Brière, París 1910.
- ID., “Les idées économiques d’un philosophe arabe au XIVe siècle: Ibn Khaldoun”, en *Revue d’Histoire Économique et Sociale*, n° 6, 1913.
- ID., “Les idées sociologiques d’un philosophe araba au XIVe siècle”, en *Revue Internationale de Sociologie*, t. XXIII, n° 3-4, marzo-abril 1915.
- ID., *Loi française et coutume indigène en Algérie*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1932.
- ID., *Sociologie coloniale*, 3 t., París, Domat-Montchrestien, 1932, 1936, 1942.
- ID., *Introduction à la sociologie*, Félix Alcan, París 1938.
- ID., *Des comptoirs aux empires. Histoire universelle des colonies*, Sirey, París 1942.
- MAUNIER, R. y GIFFARD, A., *Sociologie et droit romain. Conférences 1929-1930*, Faculté de Droit de Paris, Salle de Travail d’Ethnologie Juridique / Domat-Montchrestien, París 1930.
- MAUNIER, R. y GRIAULE, M., *Conférences 1934*, Faculté de droit de Paris, Salle de Travail d’Ethnologie Juridique, F. Loviton, 1935.
- MAUSS, M., “Les sciences sociales à Paris vues par Marcel Mauss”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, 1985.
- ID., *Essai sur le don. Forme et raison de l’échange dans les sociétés archaïques*, P. U. F., París 2012.
- MAY, D. (Ed.), *L’École des Hautes Études Sociales (1900-1910)*, Félix Alcan, París 1911.

MAZON, B., “La Fondation Rockefeller et les sciences sociales en France (1925-1940)”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, abril-junio 1985.

ID., *Aux origines de l'École des HESS. Le rôle du mécénat américain (1920-1960)*, Éditions du Cerf, París 1988.

MCKNIGHT, G., *Bitter Legacy. Picasso's disputed millions*, Bantam Press, Londres y Nueva York 1987.

MELLARS, P., “The Fate of Neanderthals”, en *Nature*, vol. 395, 8 de octubre 1998.

ID., “Neanderthals and the modern Colonization of Europe”, en *Nature*, vol. 432, 25 de noviembre 2004.

MERCADAL, O. y AGUSTÍ, B., “Comportaments agressius a la prehistòria recent. La desmitificació del bon salvatge?”, en *CYPSELA. Revista de Prehistòria y Protobistòria*, n° 16, 2006.

MERTON, R. K., “Recent French Sociology”, en *Social Forces*, vol. 12, mayo 1934.

MÉZIÈRES, L., *De la Polémomanie ou Folie de la guerre dans l'Europe actuelle*, Librairie Franklin & Henri Bellaire Éditeur, París 1872.

MICHELS, R., *Le boycottage international*, Payot, París 1936.

ID., *La sociologie del partito politico nella democrazia moderna*, Il Mulino, Bolonia 1966.

ID., *Studi sulla democrazia e sull'autorità*, Il Foglio, Piombino 2015.

MIGLIO, G., *Le regolarità della politica. Scritti scelti, raccolti e pubblicati dagli allievi*, Giuffrè Editore, Milán 1988, 2 t.

MIRAZÓN LAHR, M. *ET ALII*, “Inter-group Violence among Early Holocen Hunter-gatherers of West Turkana, Kenya”, en *Nature*, n° 529, 21 de enero 2016.

MISES, L. von, *Socialism. An Economic and Sociological Analysis*, Liberty Fund, Indianapolis 1981.

ID., *Omnipotent Government. The Rise of the Total State and Total War*, Libertarian Press, Spring Mills (PA) 1985.

MOA, P., *La sociedad homosexual y otros ensayos*, Criterio Libros, Madrid 2001.

ID., *Los crímenes de la guerra civil y otras polémicas*, La Esfera de los Libros, Madrid 2005.

MOIX, M., “El *Speenhamland System* o el subsidio de los salarios en períodos de crisis. Examen crítico de una curiosa experiencia histórica”, en *Revista de Política social*, n° 108, diciembre 1975.

ID., *Bienestar social*, Trivium, Madrid 1986.

MOLINA, J., *Julien Freund, lo político y la política*, Sequitur, Madrid 2000.

ID., *La política social en la historia*, Isabor, Murcia 2004.

ID., “Julien Freund, del realismo político al maquiavelianismo”, en *Anales de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Católica de La Plata*, 2004.

ID., “Franco y de Gaulle”, en *Razón Española*, n° 132, julio-agosto 2005.

ID., *Epítome de la política social 1917-2007*, Isabor, Murcia 2007.

ID., “Georg Simmel, anticipador de la polemología”, en SIMMEL, G., *El conflicto. Sociología del antagonismo*.

ID., *Contra el “mito Carl Schmitt”*, Editum, Murcia 2014.

ID., “Julien Freund, Theoretiker der Feindschaft”, en *Tumult. Vierteljahrsschrift für Konsensstörung*, verno 2016.

- MOLINARI, G. de, *Les soirées de la rue Saint-Lazare. Entretiens sur les lois économiques et la Défense de la propriété*, Guillaumin et Cie, Paris 1849.
- ID., *Grandeur et décadence de la guerre*, Guillaumin et Cie, Paris 1898.
- ID., "Introduction", en MALTHUS, T. R., *Essai sur le principe de population*.
- MONNEROT, J., *Les faits sociaux ne sont pas des choses*, Gallimard, Paris 1946.
- MONTAGNON, G., "L'aventure de l'Institut Français de Polémologie (1945-1993)" (<https://polemologie.wordpress.com/l%E2%80%99aventure-de-l%E2%80%99institut-francais-de-polemologie-1945-1993-2/>).
- ID., "Trente ans d'oubli", en *Études Polémologiques*, n° 53, 2012.
- MONTAGNON, P., *La France coloniale. La gloire de l'Empire: du temps des Croisades à la Seconde guerre mondiale*, Pygmalion, Paris 1988.
- MONTAIGNE, M. DE, *Los ensayos. Según la edición de 1595 de Marie de Gournay*, Libros del Acantilado, Madrid 2008.
- MONTBRIAL, Th. y KLEIN, J. (Ed.), *Dictionnaire de Stratégie*, P. U. F., Paris 2007.
- MOREU, P., *Les indigènes d'A. O. F.: leur condition politique et économique*, F. Loviton, Paris 1938.
- MOURRE, M. (Ed.), *Dictionnaire des idées contemporaines*, Éditions Universitaires, Paris 1966.
- MOSBAH-NATANSON, S., "Internationalisme et tradition national: le cas de la constitution de la sociologie française autor de 1900", en *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n° 18, 2008/1.
- MOSCA, G., *Histoire des doctrines politiques*, Payot, Paris 1966.
- MOURRE, M. (Ed.), *Dictionnaire des idées contemporaines*, Éditions Universitaires, Paris 1966.
- MUCCHIELLI, L., "Sociologie et psychologie en France, l'appel à un territoire commun: vers une psychologie collective (1890-1940)", en *Revue de Synthèse*, n° 3-4, 1994.
- ID., *La découverte du social. Naissance de la sociologie en France (1870-1914)*, Éditions de la Découverte, Paris 1998.
- MUELLER, J., *The Remnants of War*, Cornell University Press, Ithaca (NY) 2004.

## N

- NAMIAS, A., *Principes de sociologie et de politique*, Marcel Giard, Paris 1928.
- ID., "L'âme des peuples et la guerre", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932.
- NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES, *Rapid Population Growth. Consequences and Policy Implication*, John Hopkins University Press, Baltimore 1971, t. 1.
- NAVA, S., "René Maunier, sociologue de la colonisation", en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 47, n° 3-4, marzo-abril 1939.
- NEF, J. U., *La guerre et le progrès humaine*, Alsatia, Paris 1985.
- NEGRO PAVÓN, D., *La ley de hierro de la oligarquía*, Encuentro, Madrid 2015.
- NGUYEN HUY LAI, *Les régimes matrimoniaux en droit annamite*, F. Loviton et Cie, Paris 1934.
- NILAMBE, "L'enseignement en A. E. F.", en *Revue d'Afrique*, n° 2, novembre-diciembre 1928.



NIVELET, F., *Étude sur trois causes principales de la dépopulation en France: malthusianisme, choléra, phtisie pulmonaire*, [edición del autor,] Commercy 1888.

NOTESTEIN, F., "Population: the Long View", en SCHUTZ, T. W. (Ed.), *Food for the World*.

NOVICOW, J., *La guerre et ses prétendus bienfaits*, Armand Colin, París 1894.

ID., *Les luttes entre sociétés humaines et leur phases sucesives*, Félix Alcan, París 1896.

## O

ODINOT, P., "Les mariages d'Afrique", en *Revue d'Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929.

ODYSSE-BAROT, F., *Lettres sur la philosophie de l'histoire*, Germer, Bailliére, París 1864.

OGBURN, W. F., *Social Change with respect to Culture and Original Nature*, B. W. Huebsch, Nueva York 1923.

OLIVEIRA SALAZAR, A. de, *Como se levanta um estado*, Atomic Books, Lisboa 2007.

OLIVERES, A., "Apunte sobre el *Institut Víctor Seix de Polemología*", en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009.

OPPENHEIMER, F., *The State*, Fox & Wilkes, San Francisco 1997.

ORGAZ, R. A., "Note sur la sociologie de la guerre", en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

ORO TAPIA, L. R., *El concepto de realismo político*, RIL Editores y CAIP, Santiago de Chile 2013.

ORSINI, P. d'A., *Eurafrica. L'Europa per l'Africa, l'Africa per l'Europa*, P. Cremonese, Roma 1934.

ORTEGA Y GASSET, J., *Obras completas*, Taurus, Madrid 2004-2012, 10 t.

OSTROGORSKI, M., *La démocratie et les partis politiques*, Fayard, París 1993.

OUALID, I. W., *Le libéralisme économique en Angleterre*, s. n., París 1906.

ID., *Le nantissement immobilier en droit indigène algérien*, s. n., París 1907.

[L] *Ouest-Éclair. Journal Républicain du Matin*, ediciones del 10 de agosto y 20 de octubre 1937, 24 de mayo y 16 de octubre 1938 y 16 de febrero 1939.

## P

PANICACCI, J.-L., "Les juifs et la question juive dans les Alpes-Maritimes de 1939 à 1945", en *Recherches Régionales*, vol. XXIV, n° 86, octubre-diciembre 1986.

ID., *L'Occupation italienne*, Presses Universitaires de Rennes, Rennes 2010.

PARADA MORENO, B., *Polemología básica*, CESIM, Santiago de Chile 2001.

PARETO, V., *Traité de sociologie générale. Édition française par Pierre Boven revue par l'auteur. Réimpression de l'édition 1917-1919*, Otto Zeller, Osnabrück 1965, 2 t.

ID., *Scritti sociologici*, Utet, Turín 1996.

- PASSY, F., *La paix et la guerre*, Guillaumin et Cie, París 1867.
- ID., *Les maux de la guerre et les bienfaits de la paix*, Pichon-Lamy et Dewez, París 1869.
- PATOU-MATHIS, M., *Neanderthal. Une autre humanité*, Perrin, París 2006.
- ID., *Préhistoire de la violence et de la guerre*, Odile Jacob, París 2013.
- PAULME, D., *Organisation sociale des Dogon (Soudan français)*, F. Loviton, París 1940.
- PAYA Y PASTOR, A., LAFAYE, C. y THURA, M. (Ed.), “Introduction”, en *Les Champs de Mars*, n° 27, 2015.
- PENDOLA, M., *Gli italiani in Tunisia (storia di una comunità XIX-XX secolo)*, Editoriale Umbra, Foligno 2007.
- PERCE, E., *The Battle Roll: An Encyclopaedia containing Descriptions of the most famous and memorable Land Battles and Sieges in all Ages*, Mason Brothers, Nueva York 1858.
- PÉRIER, P., “Actes du XIVE congrès international de sociologie (Rome, août-septembre 1950)”, en *Les Études Sociales*, n° 22, septiembre 1953.
- PERISTIANY, J. G., *La vie et le droit coutumier des Kipsigis du Kenya*, F. Loviton, París 1939.
- PERNOT, F. y TOUREILLE, V. (Ed.), *Lendemain de la guerre... De l'Antiquité au monde contemporaine: les hommes, l'espace et le récit, l'économie et le politique*, P. I. E. Peter Lang, Bruselas 2010.
- PERPIÑÁ RODRÍGUEZ, A., *Introducción a la teoría sociológica. I. Metasociología*, C. S. I. C., Madrid 1984.
- ID., *La época de lo social y otros escritos sobre Política y Seguridad social*, Isabor, Murcia 2016.
- PERREAU, C., *Droit romain: Étude de la règle “A persona heredis incipere non potest obligatio”. Droit français: Des dispositions à titre gratuit dans leurs rapports avec la filiation naturelle*, R. Aubry, Dijon 1889.
- ID., *Cours d'Économie Politique*. 2 t., F. Pichon et Durand-Auzias, París 1914-1916.
- PERSON, Y., “La population d l'Afrique noire durant les XVIIIe et XIVE siècles”, en *Culture et Société*, n° 3, 1980.
- PETERSEN, W., *Malthus, le premier anti-malthusien*, Dunod, París 1980.
- PETIT, R., *La monarchie annamite*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1931.
- PEYREFITTE, A., *Le mal français*, Plon, París 1976.
- ID., *C'était de Gaulle*, Le Livre de Poche, París 1999, 3 t.
- PHILONENKO, A., *Essai sur la philosophie de la guerre*, Vrin, París 2003.
- PICKERING, W. S. F., “Gaston Richard: collaborateur et adversaire”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979.
- PICON, G. (Ed.), *Panorama des idées contemporaines*, Gallimard, París 1957.
- PIEPER, J., *El ocio y la vida intelectual*, Rialp, Madrid 1979.
- PIOBETTA, J. B., *Les institutions universitaires*, P. U. F., París 1951.
- PHILONENKO, A., “Tolstoï et Clausewitz”, en *Études Polémologiques*, n° 3, enero 1972.
- PLATT, J., “Association Internationale de Sociologie”, en BORLANDI, M., BOUDON, R., CHERKAOU, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- POIRIER, L., “Problématique polémologique et volonté de création (I)”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril 1974.

ID., “Problématique polémologique et volonté de création (II)”, en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974

ID., *Des stratégies nucléaires*, Hachette, París 1977.

ID., *Essais de stratégie théorique*, Fondation pour les Études de la Défense Nationale, París 1982.

ID., *La crise des fondaments*, Economica, París 1991.

ID., “Témoignage. [Propos recueillis par Guillaume Montagnon, le 25 octobre 2010]”, en *Études Polémologiques*, n° 53, 2012.

PONS BOHIGES, F., *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arábigo-españoles. Obra premiada por la Biblioteca Nacional en el concurso público de 1893 e impresa a expensas del Estado*, Establecimiento Tipográfico San Francisco de Sales, Madrid 1898.

PORTINARO, P. P., *El realismo político*, Editori Laterza, Roma-Bari 1999.

POULAT, É., *Notre laïcité publique*, Berg International, París 2003.

POULLION, F. (Éd.), *Dictionnaire des orientalistes de langue française*, Karthala, París 2008.

PRESAT, R., “L'INED à ses debuts: l'esprit Sauvy”, en *Population*, vol. 50, n° 6, noviembre-diciembre 1995.

PREVE, C., “Brevi note sul dominio del corpo. Il politico e la sfera biopolitica”, en GAMBESCIA, C., *Che cos'è il politico? Nuove ipotesi e prospettive teoriche*.

PRÉVERT, J., *La pluie et le beau temps*, Gallimard, París 1975.

PRIO Battle Deaths Dataset 3.0 (<https://www.prio.org/Data/Armed-Conflict/Battle-Deaths/The-Battle-Deaths-Dataset-version-30/>).

PROCHASSON, C., “Sur l'environnement intellectuel de Georges Sorel: l'École des Hautes Études Sociales (1899-1911)”, en *Cahiers Georges Sorel*, n° 3, 1985.

PROUDHON, J., *Idées révolutionnaires*, Garnier Frères, París 1849.

PRUVOST, J., “Les échos de la Seconde Guerre mondiale dans la lexicographie française”, en PERNOT, F. y TOUREILLE, V. (Ed.), *Lendemain de la guerre... De l'Antiquité au monde contemporain: les hommes, l'espace et le récit, l'économie et le politique*.

PUJOL, C., “Introduction”, en *Archives Juives*, XXXVII, n° 2, 2004.

PUNTONI, G., *La comunità ebraica di Livorno e la città. Gioco di specchi attraverso quattro secoli di storia*, Edizioni Salomone Belforte & C., Livorno 2006.

## R

RAPOPORT, A., “Models of Conflict: Cataclysmic and Strategic”, en REUCK, A. y KNIGHT, J. (Eds.), *Conflict in Society*.

ID., “Two Views of Conflict, the Cataclysmic and the Strategic Models”, en IPRA, *Proceedings of the International Peace Research Association Inaugural Conference*, Van Gorcum, Assen 1966.

RASPAIL, J., *El campamento de los santos*, Ediciones Ojeda, Barcelona 2003.

RATZENHOFER, G., *Wessen und Zweck der Politik. Als T(heil) der Sociologie und Grundlage der Staatswissenschaften*, Brockhaus, Leipzig 1893, 3 t.

- RECASÉNS SICHES, L., *Tratado general de sociología*, Porrúa, México 1956.
- RÉGNIER, Y., *Les petits fils de Touameur, les Chaamba sous le régime français, leur transformation*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1939.
- RENOIR, J., *Ma vie et mes films*, Flammarion, París 1974.
- RENOUARD, C., “Des anciens règlements et privilèges de fabrication en France”, en *Revue des Économistes*, n° 6, 1843.
- REUCK, A. y KNIGHT, J. (Eds.), *Conflict in Society*, J. & A. Churchill, Londres 1966.
- REVEL, F., *Ni Marx ni Jésus. De la seconde révolution américaine à la seconde révolution mondiale*, Robert Laffont, París 1970.
- Revue Française de Sociologie*, vol. XVII, n° 2, 1976.
- Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1977.
- Revue Française de Sociologie*, vol. XXII, n° 3, 1981.
- Revue Française de Sociologie*, vol. XXVI, n° 2, 1986.
- Revue Internationale de Sociologie*, vol. 30, n° 3-4, marzo-abril 1922.
- RICHARD, G[aston], “Introduction. Le Congrès de Paris”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XV, 1928.
- ID., “L'invention”, en *Revue Internationale de Sociologie*, t. 39, n° 5-6, mayo-junio 1931.
- ID., “Rapport”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, t. XVI, 1932.
- RICHARD, G[illes], “Claude-Joseph Gignoux: une biographie exemplaire? Réflexions sur les relations entre stratégies patronales et stratégies partisans à droite, de 1936 à la Libération”, en *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, 109-3, 2002.
- RICHARDSON, L. F., *Statistics of Deadly Quarrels*, edición de WRIGHT, Q. y LIENAU, C. C., Boxwood Press & Quadrangle Books, Pittsburgh y Chicago 1960.
- ID., “Mathematical Psychology of War”, en SUTHERLAND, I. (Ed.), *Levis Fry Richardson Collected Papers*, vol. II: *Quantitative Psychology and Studies of Conflict*.
- RICHET, D., “Pourquoi Malthus?”, en *Histoire, Économie et Société*, vol. I, n° 3, 1982.
- RINET, M., “Punto de vista de un historiador y teólogo católico”, en SAUVY, A. (Ed.), *Historia del control de nacimientos*.
- ROBERT, A. y COUGNY, G. (Dir.), *Dictionnaire des parlementaires français*, t. II, Bouloton, París 1890.
- ROBERT, P[aul], *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*, Société du Nouveau Littré, París 1978, 7 t.
- ROBERT, P[h.], LASCOUMES, P. y KALUSZINSKY, M., “Une leçon de méthode: la mémoire de Manouvrier de 1892”, en *Déviance et société*, vol. 10, n° 3, 1986.
- ROCHER, G., *Introducción a la sociología general*, Herder, Barcelona 1985.
- ROL, C., “Guillaume-Léonce Duprat (1872-1956), l'Institut International de Sociologie et l'Allemagne dans l'entre-deux-guerres”, en *Lendemains. Études comparées sur la France*, vol. 36, n° 141, 2011.
- RÖLING, B., *Einführung in die Wissenschaft von Krieg und Frieden*, Neukirchener Verlag, Neukirchen-Vluyn 1970.
- RÖPKE, W., *Explication de l'Allemagne*, Les Éditions du Cheval Ailé, Ginebra 1945.
- ID., *La crisis social de nuestro tiempo*, Revista de Occidente, Madrid 1956.

ID., *La teoría económica*, Unión Editorial, Madrid 1989.

ROUSSEAU, P., “Un projet de chronologie coloniale”, en *Revue d'Histoire des Colonies*, t. XX, n° 88, 1932.

ROSENTHAL, P.-A., “La nouveauté d'un genre Ancien: Louis Henry et la fondation de la démographie historique”, en *Population*, vol. 58, 2003/1.

ROSENTHAL, E., *Ibn Khaldûns Gedanken über den Staat. Ein Beitrag zur Geschichte der mittelalterlichen Staatslehre*, supl. 25 de *Historischen Zeitschrift*, Verlag von R. Oldenbourg, Múnich y Berlín 1932.

ROTHBARD, M. N., “Population control”, en ROTHBARD, M. N., *Making Economic Sense*, Ludwig von Mises Institute, Auburn (AL) 1995.

ID., *For a New Liberty. The Libertarian Manifesto*, Fox & Wilkes, San Francisco 1996.

ID., *Egalitarianism as a Revolt against Nature*, Ludwig von Mises Institute, Auburn (AL) 2000.

ROXBOROUGH, I., “Clausewitz and the Sociology of War”, en *The British Journal of Sociology*, vol. 45, n° 4, diciembre 1994.

RUEFF, J., *L'ordre sociale*, Librairie de Médicis, París 1949.

ID., *Les dieux et les rois*, Hachette, París 1967.

RUGARLI, S., “Le rôle de la guerre”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

RYDER, N. B., “The Cohort as a Concept in the Study of Social Change”, en WEEKS, J. R. y FUGATE, D. L. (Ed.), *The Youth Bulge. Challenge or Opportunity?*

## S

SAAVEDRA, E. (Ed.), *Estudios de erudición oriental. Homenaje a D. Francisco Codera en su jubilación del profesorado*, Mariano Escar Tipógrafo, Zaragoza 1904.

SAAVEDRA FAJARDO, D., *Empresas políticas*, Cátedra, Madrid 1999.

SAINT-ÉXUPÉRY, A. de, *Écrits de guerre 1939-1944*, Gallimard, París 2000.

SAINT-SIMON, H. de, *L'Organisateur*, en SAINT-SIMON, H. de, *Oeuvres de Saint-Simon*, E. Dentu Éditeur, París 1869, t. IV.

ID., *La sociedad industrial*, Ministerio de Trabajo, Madrid 1975.

SAKKA, A., *La souveraineté dans le droit public musulman sunnite*, Jouve & Cie, París 1917.

SALAS LARRAZÁBAL, R., *Pérdidas de la guerra*, Planeta, Barcelona 1977.

SALOMON, G., “À propos des sociologies de la guerre”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. XLVI, n° 4, 1939.

SÁNCHEZ GARRIDO, P. y MARTÍNEZ-SICLUNA, C. (Ed.), *Miradas liberales. Análisis político en la Europa del siglo XX*, Biblioteca Nueva, Madrid 2014.

SAPALAY, A., “Un sociologue languonnais: le professeur Guillaume Duprat (1872-1956)”, en *Les Cahiers du Bazadais*, vol. 39, n° 125, 1999.

SARRAUT, A., *La mise en valeur des colonies françaises*, Payot, París 1923.

ID., *Grandeur et servitude coloniale*, L'Harmattan, París 2012.

- SAUVY, A., *Richesse et population*, Payot, París 1943.
- ID., “Cent millions de morts”, en *Population*, vol. I, n° 3, julio-septiembre 1946.
- ID., “8000 traités de paix”, en *Population*, vol. III, n° 3, julio-septiembre 1948.
- ID., *L'Europe et sa population*, Les Éditions Internationales, París 1953.
- ID., “Traité de sociologie”, en *Population*, vol. X, n° 4, octubre-diciembre 1955.
- ID., “La surpopulation dans le monde”, en *Population*, vol. XIII, n° 3, 1958.
- ID., *El problema de la población en el mundo. De Malthus a Mao Tse-Tung*, Aguilar, Madrid 1961.
- ID., *El hombre, la guerra y el control de natalidad. Ensayo sobre el malthusianismo y las teorías marxistas*, Vicens-Vives, Barcelona 1965.
- ID., “Intento de una visión de conjunto”, en SAUVY, A. (Ed.), *Historia del control de nacimientos*.
- ID., *La máquina y el paro. Empleo y progreso técnico*, Espasa-Calpe, Madrid 1986.
- ID., *L'Europe submergée. Le Nord et le Sud dans 30 ans*, Dunod, París 1987.
- ID., *La población*, Oikos-Tau, Barcelona 1991.
- SAUVY, A. (Ed.), *Historia del control de nacimientos*, Península, Barcelona 1972.
- SAUVY, A., DUMONT, G.-F. y MÉRIGOT, B. (Ed.), *Démographie politique*, Economica & Éditions de l'A. P. R. D., París 1982.
- SAVON, H., “La révolte d'Absalon”, en *Guerres et Paix*, n° 10, 1968/4.
- ID., “Les événements de mai 1968 et leurs interprètes”, en *Guerre et Paix*, n° 14-15, 1969/4-1970/1.
- ID., *Du cannibalisme au génocide*, Hachette, París 1972.
- ID., “Paix et utopie”, en *Études Polémologiques*, n° 3, enero 1972.
- ID., “Polémologie et *Peace Research* dans le monde. Bilan analytique et critique des recherches sur la guerre et la paix à la fin 1971”, en *Études Polémologiques*, n° 4, abril 1972.
- ID., “Autour de la polémologie en Suisse”, en *Études Polémologiques*, n° 7, enero 1973.
- ID., “Violence et civilisation”, en *Études Polémologiques*, n° 9, julio 1973.
- ID., “L'Institut Suisse pour l'Étude des Conflits et le Maintien de la Paix”, en *Études Polémologiques*, n° 11, enero 1974.
- ID., “Érasme contre la guerre”, en *Études Polémologiques*, n° 12, abril 1974.
- ID., “Philosophie et politique chez Heidegger”, en *Études Polémologiques*, n° 13, julio 1974.
- ID., “Les recherches en République Fédérale d'Allemagne”, en *Études Polémologiques*, n°15, enero 1975.
- ID., “Christianisme et militarisme”, en *Études Polémologiques*, n° 16, abril 1975.
- ID., “Une recherche sur les conflits armés de 1740 à 1974”, en *Études Polémologiques*, n° 19, febrero 1976.
- ID., “Désarmement démographique et structurel”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978.
- ID., “Agression et agressivité dans la pensée de Nietzsche”, en *Études Polémologiques*, n° 23, diciembre 1978.

- ID., “La lección del libro VII de la *Eneida*. (Una carta)”, en *Empresas Políticas*, n° 13, julio-diciembre 2009.
- SAVOYE, A., “La consécration de la sociologie empirique: le Congrès de l’Institut International de Sociologie, Bucarest, 1939”, en *Les Études Sociales*, n° 121, 1993.
- SCHÄFFLE, A., *Bau und Leben des sozialen Körpers, encyclopädischer Entwurf einer realen Anatomie, Physiologie und Psychologie des menschlichen Gesellschaft*, H. Laupp, Tübinga 1875-1878, 4 t.
- SCHMIDT, C., “Guerre et économie”, en *Études Polémologiques*, n° 14, 1974.
- SCHMIDT, N., *Ibn Khaldun, Historian, Sociologist and Philosopher*, Columbia University Press, Nueva York 1930.
- ID., “The Manuscripts of Ibn Kahldun”, en *Journal of the American Oriental Society*, vol. 46, 1926.
- SCHMITT, C., *El Nomos de la tierra en el derecho de gentes del Jus Publicum Europaeum*, C. E. C., Madrid 1979.
- ID., *El concepto de lo político*, Alianza Editorial, Madrid 1991.
- ID., *Positionen und Begriffe im Kampf mit Weimar-Genf-Versailles*, Duncker u. Humblot, Berlín 1994.
- ID., *Staat, Großraum, Nomos. Arbeiten aus den Jahren 1916-1969*, edición, prólogo y notas de MASCHKE, G., Duncker u. Humblot, Berlín 1995.
- ID., *Frieden oder Pazifismus? Arbeiten zum Völkerrecht und internationalen Politik 1924-1978*, edición, prólogo y notas de MASCHKE, G., Duncker u. Humblot, Berlín 2005.
- ID., *El crimen de guerra de agresión en el derecho internacional y el principio nullum poena sine lege*, Hammurabi, Buenos Aires 2006.
- ID., *Il concetto discriminatorio di guerra*, Laterza, Roma-Bari 2008.
- SCHÖNE, L., *Histoire de la population française*, Arthur Rousseau, París 1893.
- SCHÖTTLER, P., “Marc Bloch et le XIVe Congrès international de sociologie, Bucarest, août 1939”, en *Genèses*, n° 20, 1995.
- SCHUERKENS, U., “Le Congrès de l’IIS de 1894 à 1930 et l’internationalisation de la sociologie”, en *International Review of Sociology*, vol. 6 (nueva serie), n° 1, 1996.
- SCHUMPETER, J. A., *Historia del análisis económico*, Ariel, Barcelona 1995.
- SCHUTZ, T. W. (Ed.), *Food for the World*, University of Chicago Press, Chicago 1945.
- [La] *Semaine Coloniale Française du 10 ou 17 juin 1931. Rapport du Comité National*, Imprimerie E.-A. Lapierre, París 1928.
- SENGOR, L. S., “Un gouverneur humaniste”, en *Revue Française d’Histoire d’Outre-Mer*, vol. LIV, n° 194-197, 1967.
- SIMMEL, G., *Sociología. Estudios sobre las formas de socialización*, Alianza Universidad, Madrid 1986, 2 t.
- ID., *El conflicto. Sociología del antagonismo*, Sequitur, Madrid 2010.
- SINGER, J. D., “Modern International War: From Conjecture to Explanation”, en LEPASWKY, A. ET AL., *The Search of World Order*.
- ID., “Accounting for International War: The State of the Discipline”, en *Journal of Peace Research*, vol. XVIII, n° 1, 1981.
- SINGER, J. D. y SMALL, M., *The Wages of War 1816-1965. A Statistical Handbook*, John Wiley & Son, Nueva York 1972.

- ID., *Resort to Arms: International and Civil Wars 1816-1980*, Sage Publications, Beverly Hills (CA) 1982.
- SOCIÉTÉ DE SOCIOLOGIE DE PARIS, “Séance du 8 janvier 1902. La population comme moteur de l'évolution sociale. Discussion para MM. Lucien Arréat, G. Tarde, A. Firmin, Ch. Limousin, H. Monin”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. X, n° 2, marzo 1902.
- SOCIÉTÉ D'HISTOIRE DES COLONIES FRANÇAISES, “Le premier Congrès International d'Histoire Coloniale (21-25 septembre 1931)”, en *Revue d'Histoire des Colonies Françaises*, t. XIX, n° 83, septiembre-octubre 1931.
- SOCIÉTÉ INDIGÈNE, *Congrès International e Intercolonial de la Société Indigène*, Imp. Coueslant, Cahors 1931, t. 2.
- SOROKIN, P. A., *Sociology of Revolution*, J. B. Lippincott, Filadelfia 1925.
- ID., “Le concept d'équilibre est-il nécessaire aux sciences sociales?”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 44, n° 9-10, septiembre-octubre 1936.
- ID., *Les théories sociologiques contemporaines*, Payot, París 1938.
- ID., *Filosofías sociales de nuestra época de crisis. El hombre frente a la crisis*, Aguilar, Madrid 1954.
- ID., Sorokin, *Society, Culture, and Personality. Their Structure and Dynamics*, Cooper Square, Nueva York 1962.
- ID., *Social and Cultural Dynamics*, vol. I: *Fluctuation of Forms of Art*; vol. II: *Fluctuation of Systems of Truth, Ethics, and Law*; vol. III: *Fluctuation of Social Relationships, War, and Revolution*; vol. IV: *Basic Problems, Principles, and Methods*, The Bedminster Press, Nueva York 1962.
- ID., *Dinámica social y cultural*, I. E. P., Madrid 1962, 2 t.
- ID., *Achaques y manías de la sociología moderna y ciencias afines*, Aguilar, Madrid 1964.
- ID., *Hunger as Factor in Human Affairs*, University Press of Florida, Gainesville 1975.
- ID., *Man and Society in Calamity: The Effects of War, Revolution, Famine, Pestilence upon Human Mind, Behavior, Social Organization, and Culture*, Praeger, Nueva York 1968.
- ID., *La crisi del nostro tempo*, edición y traducción de GAMBESCIA, C., Arianna Editrice, Casalecchio 2000.
- SOURDILLAT, J., *Les chefferies au Congo belge: contribution à l'étude de la législation et de la sociologie coloniales*, F. Loviton, París 1940.
- SOUSTELLE, J., *Lettre ouverte aux victimes de la décolonisation*, Albin Michel, París 1973.
- ID., *La vida cotidiana de los aztecas en vísperas de la conquista*, Fondo de Cultura Económica, México 2014.
- SPANN, O., *Zur Soziologie und Philosophie des Krieges*, J. Guttentag, Berlín 1913.
- SPENCER, H., *Social Statics*, D. Appelton and Company, Nueva York 1883.
- ID., *Principes de sociologie*, G. Ballière, París 1878-1887, 4 t.
- ID., *The Principles of Sociology*, D. Appelton and Company, Nueva York 1889, 3 t.
- SRAÏEB, N., “Le collège Sadiki de Tunis et les nouvelles élites”, en *Revue du Monde Musulman et de la Méditerranée*, n° 72, 1994.
- STEGER, H. A., “Informe sobre el 23 congreso del Institut International de Sociologie (IIS) en Caracas, Venezuela del 20 al 25 de noviembre de 1972”, en *Revista Mexicana de Sociología*, vol. XXXV, n° 4, octubre-diciembre 1973.



- STEIN, L. VON, *Movimientos sociales y monarquía*, C. E. C., Madrid 1981.
- STEINER, P. “La tradition française de critique sociologique de l'économie politique”, en *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n° 18, 2008/1.
- ID., “Simiand François, 1873-1935”, en BORLANI, M., BOUDON, R., CHERKAOUI, M. y VALADE, B. (Dir.), *Dictionnaire de la pensée sociologique*.
- STEINMETZ, S. R., *La guerre, moyen de sélection collective*, en CONSTANTIN, A., *Le rôle sociologique de la guerre et le sentiment national*.
- ID., *Philosophie des Kriegen*, J. A. Barth, Leipzig 1907.
- ID., *Soziologie des Kriegen*, J. A. Barth, Leipzig 1929.
- STOETZEL, J., “L'esprit de la sociologie contemporaine”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXII, n° 3, 1991.
- SUTHERLAND, I. (Ed.), *Lewis Fry Richardson Collected Papers*, vol. II: *Quantitative Psychology and Studies of Conflict*, Cambridge University Press, Cambridge 1993.

## T

- TAIEB, J., “Évolution et comportement démographiques des juifs de Tunisie sous le protectorat français (1881-1956)”, en *Population*, XXXVII, n° 4/5, julio-octubre 1982.
- TALEB, B., « L'éclosion de l'esprit critique dans les milieux intellectuelles de l'islam », en *Revue d'Afrique*, n° 4, mayo-junio 1929.
- TARDE, G., *Les lois sociales. Esquisse d'une sociologie*, Félix Alcan, París 1898.
- ID., “La psychologie inter-mentale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, año 9, n° 1, enero 1901.
- ID., “L'invention, moteur de l'évolution sociale”, en *Revue Internationale de Sociologie*, n° 7, julio 1902.
- ID., *L'opinion et la foule*, Félix Alcan, París 1910.
- TEILLARD, É., *L'expansion européenne en Afrique*, [sin pie de imprenta] 1897.
- TEMPLETON, K. S. Jr. (Ed.), *The Politization of Society*, Liberty Press, Indianapolis 1979.
- TERTRAIS, B., *La guerre*, P. U. F., París 2014.
- THOMSON, W., reseña del libro *Ibn Khalûns Gendaken über den Staat*, de Erwin Rosenthal, en *Speculum*, vol. 8, n° 1, enero 1932.
- TISSOT, V., *Voyage au pays des milliards*, Dentu, París 1875.
- TOMMISSEN, P. (Ed.), “Julien Freund: Choix de quelques lettres de la correspondance de Carl Schmitt (III)”, en *Schmittiana. Beiträge zu Leben und Werk Carl Schmitts*, vol. VIII, Duncker u. Humblot, Berlín 2003.
- ID., “Julien Freund vu sous l'angle de quatre déceptions. Suivi d'un texte inédite de Freund”, en CHERKAOUI, M. (Ed.), *Histoire et théorie des sciences sociales. Mélanges en l'honneur de Giovanni Busino*.
- ID., “En torno a la polemología”, en *Empresas Políticas*, n°13, julio-diciembre 2009.
- TÖNDURY, H., “La guerre et la paix au point de vue de l'économie commerciale”, en *Annales de l'Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.

TOYNBEE, A., *Guerre et civilisation*, Gallimard, París 1973.

ID., *Estudio de la historia. Compendio*, Alianza Editorial, Madrid 1975, t. 1.

TRAMOND, J., “France: exposé générale”, en Martinau, P. Roussier y Tramond, J. (Ed.), *Bibliographie d'histoire coloniale (1900-1930)*, Société d'Histoire des Colonies Françaises, París 1932.

TRAPIELLO, A., *Miseria y compañía*, Pre-Textos, Valencia 2013.

TRENEY, X., “L'École coloniale”, en *Revue Politique et Parlementaire*, XVII, nº 51, septiembre 1898,

TRUCHY, H., “Fernand Faure”, en *Bulletin de l'Institut International de Statistique*, t. XXIV, nº 1, 1930.

TUDELA, J., “La población en el mundo”, en *Revista de Occidente*, nº 143, mayo 1935.

## U

URLANIS, B., *Las guerras y la población. Investigación histórico-estadística*, Editorial Progreso, Moscú 1965.

## V

VALDERRAMA ABENZA, J. C., *Julien Freund. La imperiosa obligación de lo real*, SEPTEMU, Murcia 2006.

ID., “Julien Freund, analista político: contextos y perspectivas de interpretación”, en SÁNCHEZ GARRIDO, P. y MARTÍNEZ-SICLUNA, C. (Ed.), *Miradas liberales. Análisis político en la Europa del siglo XX*.

ID., “Un clásico ignorado de la Sociología en España: Antonio Perpiñá Rodríguez (1910-1984)”, en PERPIÑÁ RODRÍGUEZ, A., *La época de lo social y otros escritos sobre Política y Seguridad social*.

VALÉRY, P., *Regards sur le monde actuel*, Stock, París 1931.

VALLERY, P., *La pénétration militaire au Maroc. Contribution à l'étude sociologique du contact des peuples*, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1934.

VALOIS, G., “L'Afrique chantier de l'Europe”, en *Cahiers Bleus. Cahiers du Parti Républicain Syndicaliste*, nº 111, 1931.

VANNEUVILLE, R., “Le droit administratif comme savoir de gouvernement? René Worms et le Conseil d'État devant l'Académie des Sciences Morales et Politiques au début du 20e siècle”, en *Revue Française de Science Politique*, vol. LIII, nº 2, 2003.

VASCONCELOS, J. de, *La raza cósmica*, Espasa-Calpe, Madrid 2004.

VEBLEN, T., *The Theory of Leisure Class. An Economic Study of Institutions*, The MacMillan Company, Nueva York 1915.

ID., *Teoría de la clase ociosa*, F. C. E., México 1992.

VEDEL-PETERSEN, O., *Losses of Life caused by War. Part II. The World War*, en DUMAS, S. y VEDEL-PETERSEN, O., *Losses of life caused by War*.

- VERGER, J. (Dir.), *Histoire des Universités en France*, Privat, Tolosa de Francia 1986.
- VERSCHUER, O. von, “Zur Frage der Häufigkeit von Erbkrankheiten”, en CONGRÈS INTERNATIONAL DE LA POPULATION, *Congrès International de la Population (Paris 1937)*, t. VIII: *Problèmes qualitatifs de la population*.
- VETTOVAGLIA, J.-P., “L’Afrique est-elle ‘bien’ ou ‘mal’ partir?”, en *Revue des Deux Mondes*, enero 2015.
- VIAN, B., *Manuel de Saint-Germain-des-Prés*, Le Livre de Poche, París 2002.
- VINCENT, P., “Guerre et population”, en *Population*, vol. II, n° 1, enero-marzo 1947.
- VIRGILII, F., *Il problema della popolazione*, Francesco Vallardi, Milán 1924.
- VISCARDI, J., *Le chien de Montargis. Étude de folklore juridique*, prefacio de René Maunier, Domat-Montchrestien / F. Loviton et Cie, París 1932.
- VÖGELIN, E., *Les religions politiques*, Les Éditions du Cerf, París 1994.
- VOGT, W., *The Road to Survival*, William Sloane, Nueva York 1948.
- VOLLENHOVEN, C. van, *La découverte du droit indonésien*, Domat-Montchrestien, París 1933.
- VV. AA., *Congrès International pour les Études sur la Population*, Istituto Poligrafico dello Stato, Roma 1932.

## W

- WAARDENBURG, J., “Louis Massignon (1883-1962) as a Student of Islam”, en *Die Welt des Islams*, vol. 45, n° 3, 2005.
- WANG TSE-SIN, *Le divorce en Chine*, F. Loviton, París 1932.
- WEEKS, J. R. y FUGATE, D. L. (Ed.), *The Youth Bulge. Challenge or Opportunity?*, IDEbate Press, Nueva York 2012.
- WEINER, M., “Political Demography: An Inquiring into the Political Consequences of Population Change”, en NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES, *Rapid Population Growth. Consequences and Policy Implication*.
- WEISS, L., “Aden. Une situation belligère en Asie”, en *Guerres et Paix*, n° 1, 1966.
- ID., *Tempête sur l’Occident (1945-1975)*, Albin Michel, París 1976.
- WEISZ, G., “L’idéologie républicaine et les sciences sociales. Les durkheimiens et la chaire d’histoire d’économie sociale à la Sorbonne”, en *Revue Française de Sociologie*, vol. XX, n° 1, 1979.
- WHEELER, R. H., *War, 599 BC-AD 1957*, Foundation of the Study of Cycles, Pittsburgh 1951.
- WIESE, L. VON, “La civilisation et la guerre”, *Annales de l’Institut International de Sociologie*, vol. XVI, 1932.
- WILLEQUET, J., *De polémologie aan de Universiteit van Brussel*, Ministerie van buitenlandse zaken, buitenlandse handel en ontwikkelingssamenwerking, Bruselas 1975.
- WOODS, F. A. y BALTZLY, A., *Is war diminishing? A Study of Prevalence of War in Europe from 1450 to the present Day*, The Riverside Press Cambridge, Boston y Nueva York 1915.
- WORMS, R., “La sociologie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. I, n° 1, enero-febrero 1893.

ID., “Sur la définition de la sociologie”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. I, n° 2, marzo-abril 1983.

ID., “Essai de classification des sciences sociales”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. I, n° 5, septiembre-octubre 1893.

ID., “La sociologie et les facultés de droit”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. II, n° 1, enero-febrero 1894.

ID., “Observations critiques”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. II, n° 5, mayo-junio 1894.

ID., “La sociologie et le droit”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. III, n° 1, enero-febrero 1895.

ID., “Une faculté de sciences sociales”, en *Revue Internationale de Sociologie*, vol. III, n° 11, noviembre-diciembre 1895.

ID., *La sociologie. Sa nature, ses contenus, ses attaches*, M. Giard, París 1926.

WRIGHT, Q., *A Study of War. Abridged Edition: An Analysis of the Causes, Nature, and Control of War*, The University of Chicago Press, Chicago y Londres 1964.

## Y

YOUNG, N. (Ed.), *The International Encyclopaedia of Peace*, Oxford University Press, Nueva York 2010.

## Z

ZAMPAGLIONE, G., “Scienza politica e polemología”, en *La Comunità Internazionale*, n° 2-3, 1972.

ZEMMOUR, É., *Mélancolie française*, Le Livre de Poche, París 2011.

ID., *Le suicide français*, Albin Michel, París 2014.

ZOLA, É., “Dépopulation”, en *Le Figaro*, 23 de mayo 1896.

ID., *Fécondité*, Eugène Fasquelle, París 1899.

.  
.

Se concluyó la redacción de *La polemología*  
*o la guerra: el pensamiento polemológico*  
de Gaston Boutboul el treinta de  
septiembre de dos mil  
dieciséis, festividad de  
San Jerónimo, y se  
mandó impri-  
mir y encua-  
dernar en  
Carta-  
gena,  
en  
la  
m  
i  
s  
m  
a  
↓  
f  
e  
c  
h  
a

.

V  
E  
L  
O  
X  
,  
P  
A  
T  
I  
E  
N  
S  
  
L  
A  
B  
O  
R  
V  
M